# MANUEL QUINTANO DE VASCONCELOS

## A PACIÊNCIA CONSTANTE

### Discursos poéticos em estilo pastoril

Introdução, edição e notas de
ANTÓNIO CIRURGIÃO

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

# A PACIÊNCIA CONSTANTE

## Discursos poéticos em estilo pastoril

# MANUEL QUINTANO DE VASCONCELOS

## A PACIÊNCIA CONSTANTE

### Discursos poéticos em estilo pastoril

Introdução, edição e notas de
ANTÓNIO CIRURGIÃO

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

# ÍNDICE GERAL

I. NOTA PRELIMINAR ..... 9
II. INTRODUÇÃO ..... 13

1. Nota Biobibliográfica ..... 15
2. Do Título ..... 24
3. O Cenário ..... 30
4. Ficção e Realidade ..... 36
5. *Os Nomes das Personagens* ..... 41
6. O Narrador ..... 46
7. Natureza das Personagens ..... 51
8. A Mulher ..... 54
9. Debates Filosóficos, Éticos e Ascéticos ..... 62
10. Justiça Poética ..... 70
11. Prosa e Poesia ..... 77

A — *Prosa e Poesia* ..... 77
B — *Poesias Dispostas pela Ordem em que Aparecem na Novela* 81
C — *Classificação dos Poemas* ..... 85
D — *Esquemas Métricos dos Sonetos, Canções Petrarquistas, Odes e Liras* ..... 87
E — *A Poesia e a Música* ..... 90

*APÊNDICE*

F — *Primeiros Versos Dispostos por Ordem Alfabética* ..... 97

12. Nomes das Personagens de *A Paciência Constante*, Apresentados por Ordem Alfabética ..... 101
13. Da Ortografia ..... 103

A — *Da Ortografia da Segunda Edição* ..... 103
B — *O Problema das Variantes* ..... 105
C — *O Problema das Letras Maiúsculas* ..... 105

*A PACIÊNCIA CONSTANTE* ..... 107

A DOM LOPO DE AZEVEDO ..... 117
AO LECTOR ..... 119
LIBRO PRIMEIRO ..... 121
LIBRO SEGUNDO ..... 175
LIBRO TERCEIRO ..... 235
LIBRO QUARTO ..... 281
LIBRO QUINTO ..... 347

*Ao Anthony George Cirurgião*
*e à memória de João Palma-Ferreira*

I

# NOTA PRELIMINAR

Será difícil encontrar um poeta mais completamente esquecido de que Manuel Quintano de Vasconcelos, e que menos mereça este esquecimento.

José Maria da Costa e Silva,
*Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses.*

*Foi em Fevereiro de 1983. Num breve encontro com o Professor João Palma-Ferreira, ao tempo Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, foi-me proposto que preparasse a segunda edição de* A paciência constante *de Manuel Quintano de Vasconcelos, servindo-me do exemplar existente nessa biblioteca. Tratava-se — dizia-me o Prof. Palma-Ferreira — de uma novela praticamente desconhecida e digna de melhor sorte.*

*Confiado no «bom senso e bom gosto» do conhecido escritor e crítico, aceitei imediatamente a proposta, ficando apenas à espera de uma cópia do original.*

*Por ocasião de uma nova viagem de estudos a Portugal, em Agosto do mesmo ano, foi-me posta nas mãos uma xerocópia do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, por ordem do Sr. Pedro da Silveira, que então exercia interinamente o cargo de Director da Biblioteca.*

*Tendo o Sr. Pedro da Silveira e eu posto a questão sobre o melhor critério a seguir na preparação do texto da novela, concluímos, sem dificuldade de maior, que, tratando-se de uma obra quase totalmente desconhecida, e, portanto, necessitada sobretudo daquele mínimo de divulgação devida a uma novela pastoril de fins do século* XVI *ou princípios do século* XVII, *era de pôr de lado,* a priori, *uma edição fac-similada ou diplomática, e optar por uma edição com ortografia modernizada, mas que em nada ferisse a prosódia e o sentido originais. Como se dirá adiante, em mais pormenor, aos Professores Paul Teyssier e Pina Martins, autoridades universalmente reconhecidas neste campo,*

*cabe o mérito de me terem sugerido o método a seguir para alcançar esse objectivo.*

*Ao pedir-me que preparasse a 2.ª edição de* A paciência constante, *era intenção do Professor Palma-Ferreira fazer editá-la pela Biblioteca Nacional, na sequência de uma política editorial por ele adoptada, logo que assumiu a direcção dessa Casa. Mas, tendo o seu sucessor abandonado essa política, segundo informação de um dos funcionários, impunha-se encontrar outra casa editorial. Por sugestão do Sr. Pedro da Silveira, optou-se pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, então administrada pelo Dr. Vasco Graça Moura.*

*Exposta assim brevemente a génese desta segunda edição de* A paciência constante, *só nos resta manifestar o mais sincero reconhecimento ao Professor Palma-Ferreira pela confiança depositada em nós e ao Administrador da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Dr. Vasco Graça Moura, por aceitar publicar esta obra, assim como à University of Connecticut Research Foundation e à Fundação Calouste Gulbenkian, pelo apoio material que se dignaram dar-nos, para a elaboração do projecto.*

*Terá valido a pena ressuscitar de entre os mortos Manuel Quintano de Vasconcelos, «o menos conhecido de todos os pastoralistas portugueses do século XVII», nas palavras de João Palma-Ferreira, no prefácio a* Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII? *O leitor o dirá. VALE.*

Storrs, 12 de Fevereiro de 1984

ANTÓNIO CIRURGIÃO

# II

# INTRODUÇÃO

1.

# NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Começamos por esclarecer que os dados biobibliográficos que passamos a referir foram colhidos em Jacinto Cordeiro, Barbosa Machado, Costa e Silva, Inocêncio e Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Aturadas pesquisas feitas noutros arquivos, noutras bibliotecas e noutros autores em nada resultaram.

Eis as palavras de Barbosa Machado:

> Manuel Quintano de Vasconcelos, Fidalgo da Casa Real, filho de João Quintano de Vasconcelos, Fidalgo da Casa Real, e de D. Guiomar de Lemos, descendente da ilustre Casa de Trofa, nasceu em a Vila de Estremoz, da Província Transtagana. Foi muito perito na História Secular, e preceitos da Poesia, que cultivou desde os primeiros anos. O morgado da Silveirinha, que possuía, doou a 18 de Janeiro de 1635 a seu sobrinho João Vilalobos de Vasconcelos. Foi casado com D. Jerónima de Almada, de quem não teve sucessão. Faleceu na pátria a 3 de Junho de 1655. Compôs *A paciência constante, discursos poéticos em poesia pastoril.* Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1622. 8. Dedicado a D. Lopo de Azevedo, Almirante do Reino. Consta de prosa e verso.
>
> *História Setentrional. M. S.*
> *Poesias Portuguesas. M. S.*

Jacinto Cordeiro o celebra no *Elogio dos Poetas Lusitanos,* estância 62:

Queriendo Manoel Quintano el premio intenta
Con pluma libre, con florida mano,
No correrá del golfo la tormenta
Si es el laurel con todos cortesano [1].

Tanto Costa e Silva [2] como Inocêncio [3] nada acrescentaram, em termos de substância, já quanto à vida já quanto à obra, ao que foi dito por Barbosa Machado.

Costa e Silva, baseado provavelmente na data em que *A paciência constante* foi publicada (1622) e na referência ao acto de renúncia ao Morgado da Silveirinha (1635), por parte de Quintano de Vasconcelos, especula sobre a possível data de nascimento do autor e sobre o lugar em que terá passado os anos que lhe restaram de vida, após a renúncia ao Morgado, assim como sobre o número de obras que terá escrito: «Nasceu na Vila de Estremoz, ao que parece, pouco antes de 1600»; «Havendo-se retirado para o seu solar de Estremoz, sua pátria, na província do Alentejo, ali terminou sua existência no dia 3 de Junho de 1655»; «Escreveu muitas obras em prosa e verso; as de que temos notícia são as seguintes» (e Costa e Silva refere *verbatim* as três que se encontram na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado).

Inocêncio, por seu lado, limita-se a conjecturar sobre a possível data de nascimento, nos mesmos termos em que o faz Costa e Silva, certamente escudado no *Ensaio,* uma vez que cita duas vezes Costa e Silva, no seu verbete sobre Quintano de Vasconcelos.

Feitas estas observações, temos de reconhecer que a especulação de Costa e Silva quanto à possível data de nascimento do autor de *A paciência constante* tem muito pouco de plausível,

---

[1] Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana,* segunda edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1930.

[2] José Maria da Costa e Silva, *Ensaio Biográfico-Crítico sobre os Melhores Poetas Portugueses,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1854, t. VIII, pp. 5-6.

[3] Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.

uma vez que na dedicatória ao Almirante Dom Lopo de Azevedo declara o autor o seguinte: «Compuz há muito tempo este livro pastoril, e duvidando imprimi-lo, temeroso da calúmnia com que ociosos pagam qualquer honesto trabalho, agora me dispus, seguro que, se há nele que repreender, há mais que louvar na eleição de o dirigir a v. m.» E nas palavras «AO LECTOR», Quintano de Vasconcelos diz o seguinte: «Quais [os 'estímulos juvenis'] são, por flores os ofereço de aquela primeira idade, e se vossa curiosidade achar nelas fragância, em fé de agradecido vos prometo o fructo nesta, que vai ao Otono declinando.»

Começando por chamar a atenção para a precisão com que então se escrevia, e ainda para mais quando o autor estava a prestar esclarecimentos ao seu Mecenas e aos seus confrades, estas palavras deverão ter sido escritas entre 1620, ano da licença para a publicação da novela, concedida pelos dois censores, e 1622, ano da publicação da obra. Ora, se entre 1620 e 1622, o autor declara estar à beira do outono da vida, natural é que esteja próximo dos cinquenta anos. E, sendo assim, Quintano de Vasconcelos teria nascido entre 1570 e 1580, dado que, numa divisão quaternária das fases da vida humana, em sintonia com o processo solar e anual das estações, o Outono começaria aproximadamente aos cinquenta anos [4].

Já tinha sido escrita esta nota biobibliográfica quando deparámos com uma série de documentos referentes a Manuel Quintano de Vasconcelos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) [5].

---

[4] Juan-Eduardo Cirlot, *Diccionario de Símbolos,* Barcelona, Editorial Labor, S. A., 1982, p. 179.

[5] Eis, por ordem cronológica, alguns dos documentos existentes no ANTT, directa ou indirectamente referentes a Manuel Quintano de Vasconcelos:

*a*) *Chancelarias de Filipe II, Doações,* Liv. 4, fl. 62r (1600);
*b*) *Chancelarias de Filipe II, Doações,* Liv. 15, fls. 169r-169 v (1605);
*c*) *Chancelarias de Filipe II, Legitimações e Perdões,* Liv. 3, fl. 208 v (1606);
*d*) *Chancelarias de Filipe III, Doações,* Liv. 4, fls. 175-176 (1614);
*e*) *Chancelarias de Filipe III, Doações,* Liv. 4, fl. 68r (1717);
*f*) *Chancelarias de Filipe III, Legitimações e Perdões,* Liv. 3, fl. 127 v (1633).

A primeira observação que esses documentos nos sugerem é que os dados biográficos essenciais apresentados por Barbosa Machado, e depois reproduzidos pelos seus sucessores, nas histórias da literatura portuguesa, se encontram na Real Mesa Censória Genealógica, maço 4.º, n.º 331 (Estremoz — distrito de Évora), do ANTT:

> João Quintano de Vasconcelos, fidalgo, casado com D. Guiomar de Lemos, teve um filho, Manuel Quintano de Vasconcelos, fidalgo da Casa Real; nasceu em Estremoz, constituído Morgado da Silveirinha (m. 1655). Casou com D. Jerónima de [...] sem geração. O Morgado da Silveirinha o doou a seu sobrinho João de Vilalobos de Vasconcelos a 18 de Janeiro de 1635.

Um documento, datado de 14 de Fevereiro de 1600, refere, entre outras coisas, que, ao contrário do que diz o documento acabado de transcrever, os pais de Manuel Quintano de Vasconcelos tiveram pelo menos um outro filho, chamado João Sanches.

Segundo este documento, João Quintano de Vasconcelos, pai do autor de *A paciência constante,* era sobrinho de Filipa de Salinas, esposa de João Jácome. O marido de Filipa de Salinas faleceu em 1567 e João Quintano de Vasconcelos herdou da tia uma Carta de Padrão no valor de 150 000 réis. E, por ocasião do seu casamento, em 1576, com D. Guiomar de Lemos, filha de João Sanches Cabral, recebeu da mesma tia, por dote, 62 540 réis «da tença de juro em cada ano para casa». Essa quantia era-lhe dada, em quatro partes iguais, no almoxarifado de Estremoz. Por morte de João Quintano de Vasconcelos, em 1600, o filho João Sanches recebeu de herança 48 950 réis de juro, retirados dos 62 540 réis que tinha de padrão [6].

Um outro documento reza assim: «Termo de como Manuel Quintano de Vasconcelos, filho de João Quintano (falecido), apresentou um padrão assinado por D. Sebastião pelo qual recebia João Quintano 62 540 réis de juro. A Manuel Quintano é passado desta quantia um padrão de 13 550 réis. Lisboa, 14 de Fevereiro de 1600». (Este documento está riscado.)

---

[6] *Chancelarias de Filipe II, Doações,* Liv. 4, fl. 62r.

Numa nota à margem esquerda deste mesmo documento declara-se que Manuel Quintano vendeu este padrão à abadessa e religiosas do Mosteiro da Esperança de Lisboa, razão pela qual o registo está riscado e se diz que será feita nova carta de padrão.

Datado de Lisboa, a 27 de Maio de 1617, o documento é assinado por Miguel Maldonado [7].

Destes dois documentos poderão extrair-se as seguintes conclusões: primeiro, que Manuel Quintano de Vasconcelos tinha um irmão; segundo, que esse irmão, ainda vivo em 1600, era mais velho que ele; terceiro, que o pai de Manuel Quintano de Vasconcelos faleceu em 1600; quarto, que, a menos que os filhos tenham nascido fora do casamento, não poderão ter nascido antes de 1576, ano do casamento do pai; quinto, que, nessa hipótese, sendo Manuel o filho mais novo, de entre os dois mencionados, não poderá ter nascido antes de 1577 ou 1578.

O documento mais relevante para determinar a idade aproximada de Manuel Quintano de Vasconcelos vamos transcrevê-lo na íntegra:

> Dom Filipe, etc., faço saber que Manuel Quintano e Jordão Castanho, moradores na vila de Estremoz, me enviaram dizer per sua petição que Francisca Gonçalves, mulher viúva, moradora na mesma vila, denunciara deles, suplicantes, e doutras pessoas, haveria 5 ou 6 anos, dizendo que eles, suplicantes, saltaram com ela de propósito em sua casa de dia e a espancaram e lhe fizeram muitas nódoas e pisaduras e foram pronunciados a prisão e andando-se livrando lhes perdoara como se via do perdão que ofereceram pedindo-me lhes perdoasse a dita culpa que no caso tinham, e eu visto seu requerimento e um parecer com passe hei por bem e me praz se assim é como os suplicantes dizem e mais não há d'El-Rei perdoar a culpa das pancadas de que fazem menção pelo modo que declaram, visto que a levam e perdão da parte, e pagarão 1500 réis cada um para as despesas da casa do Desembargo do Paço por-

---

[7] *Chancelarias de Filipe III, Doações,* Liv. 4, fl. 68r.

quanto seja pagarão. Está na forma. El-Rei Nosso Senhor o mandou passar pelos doutores Damião de Aguiar e Pero Nunes da Costa da dita, etc. do selo.

Domingos do Couto a fez em Lisboa a 26 de Outubro de 1606.

Lucas a fez escrever [8].

Repare-se que a data desta carta de perdão é de 26 de Outubro de 1606, e os suplicantes, Manuel Quintano de Vasconcelos e Jordão Castanho, declaram que o crime terá ocorrido há 5 ou 6 anos, portanto entre 1600 e 1601. Supondo que a idade mínima para ser responsável por crime, perante os tribunais, era de 16 anos, podemos concluir que Manuel Quintano de Vasconcelos tinha pelo menos essa idade. Por outro lado, presumindo que era filho legítimo de João Quintano de Vasconcelos e de D. Guiomar de Lemos, em 1600 ele poderia ter o máximo de 22 anos, uma vez que, como já se referiu, os pais se tinham casado em 1576 e tinham um filho mais velho, João Sanches.

Insistimos nestes dados para mostrar que Manuel Quintano de Vasconcelos tem toda a razão para declarar, entre 1620 e 1622, presumíveis datas das palavras «AO LECTOR», que se encontra no «Otono» da vida, ou seja, entre os 40 e os 50 anos.

Se agora nos perguntarmos em que data aproximada *A paciência constante* terá sido escrita, talvez possamos dizer que deverá ter sido entre 1590 e 1600, quer dizer, quando o autor andava pelos vinte anos. Só sendo assim, poderia ele declarar tratar-se de «estímulos juvenis». «A repartimento das idades poderemos apropriar estas partes do entender, e as idades são por muitas maneiras repartidas, mas uma que põem os letrados, que bem me parece, chama infância até VII anos, puerícia até XIV,

---

[8] *Chancelarias de Filipe II, Legitimações e Perdões,* Liv. 3, fl. 208 v.

até XXI adolescência, mancebia até cinquenta, velhice até LXXX [9].»

A determinação da data aproximada da composição da novela é importante para a caracterização do estilo. Como explicou Jorge de Sena, a cronologia, e, com ela a periodologia, tem uma grande relevância na caracterização do estilo de uma obra literária [10]. Salvas as excepções, as obras literárias são fruto da sua época.

Creio que foi sobretudo por terem feito coincidir a data da publicação de *A paciência constante* com a data da composição que Costa e Silva e Inocêncio [11] insistiram, sem fundamento *in re,* no carácter barroco da novela, pecado em que forçosamente teria de incorrer Palma-Ferreira, ao elaborar a breve nota biobibliográfica sobre Quintano de Vasconcelos para a sua antologia de ficcionistas portugueses dos séculos XVII e XVIII ... [12].

Mas, voltando a Costa e Silva e a Inocêncio, convém esclarecer que Inocêncio, também na caracterização do estilo da novela, tal como o tinha feito na elaboração da biografia do autor, se limita a transcrever quase *ad litteram* Costa e Silva, sem o citar, em conformidade com a prática comum do tempo. Por seu lado, Costa e Silva, certamente em virtude de ter confundido a data da publicação com a da composição, como foi dito, começou por encontrar as poesias «aqui e ali salpicadas de afec-

---

[9] D. Duarte, *Leal Conselheiro,* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, pp. 32-33.

Ainda sobre a idade aproximada de Manuel Quintano de Vasconcelos, por ocasião da elaboração da sua novela, gostaria de chamar a atenção para um quadro de Rosso Dossi, pintor italiano de Ferrara, activo entre 1512 e 1542. O quadro, existente no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque, intitula-se *As três idades do homem.* À frente, do lado direito, dois adolescentes espreitam detrás de um arbusto; à esquerda, no meio das árvores verdes e frondosas, dois namorados encaram a vida com alegria e confiança; do lado direito, atrás, dois velhos conversam junto de árvores de folhas amareladas. Folhas do Outono.

[10] Jorge de Sena, *Dialécticas Aplicadas da Literatura,* Lisboa, Edições 70, 1977, pp. 185-202.

[11] Costa e Silva, op. cit., e Inocêncio, op. cit.

[12] *Novelistas e Contistas Portugueses dos Séculos XVII e XVIII,* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, pp. 65-66.

tação e iscadas de gongorismo [13]». Porém, ao ler a novela com mais atenção, deverá ter verificado que a caracterização de gongorismo tinha sido apressada, vindo praticamente a contradizer-se, como poderá deduzir-se destas palavras suas: «a sua prosa é clara, corrente, harmoniosa e pitoresca nas descrições; a sua versificação é fluida e harmoniosa, e a sua expressão, se nem sempre forte, é muitas vezes graciosa. As suas rimas, que nunca são violentas nem esquisitas, são quase sempre bem colocadas» [14].

Inocêncio, que, em virtude da natureza da obra a que o verbete se destinava, dispunha de menos espaço que Costa e Silva, apenas transcreveu a observação referente ao gongorismo, movimento literário cordialmente detestado por quase todos os críticos literários do século XIX e por um romântico convicto —e poeta de certo mérito—, como era Costa e Silva.

Não: a poesia de Quintano de Vasconcelos não está eivada de conceptismo nem de cultismo, as duas características principais do estilo barroco. E a prosa também não. A antítese, o hipérbaton, a metáfora violenta, a superabundância de símiles, de anáforas —elementos retóricos fundamentais da escola barroca—, são relativamente raros na poesia (e na prosa também) de *A paciência constante,* como raros são também os malabarismos conceptistas. De uma maneira geral, trata-se de poesia em que é palpável aquela fluência de que fala Costa e Silva e uma certa superficialidade. Em certo aspecto, quase poderia dizer-se que, no seu conjunto, é uma poesia bem ritmada, fluente, mas relativamente modesta, sem altos voos, nem no significante nem no significado, o mesmo podendo-se dizer da prosa, *mutatis mutandis.*

E, pelo que se refere aos tipos de poemas, é também óbvia uma grande fidelidade aos cânones da arte poética do século XVI e a mediania: o poeta limita-se a incluir na sua novela pastoril as formas poéticas mais comuns do seu tempo, na sua modalidade mais simples e mais chã. Os tipos e as formas de carácter mais ou menos experimentalista, tais como as silvas, as sextinas duplas, a rima encadeada, os versos brancos, os sonetos retró-

---

[13] Costa e Silva, op. cit., pp. 7-8.

[14] Costa e Silva, op. cit., p. 9.

grados, os labirintos, os poemas em versos exdrúxulos, as monorrimas, etc., estão ausentes da sua poesia, ao contrário do que acontece, por exemplo, na poesia do maior virtuoso do seu tempo: Fernão Álvares do Oriente [15], e na de uma boa parte dos poetas verdadeiramente barrocos, como o são, em geral, os representados na *Fénix Renascida.*

E quanto aos elementos retóricos e ao vocabulário, em vão se procuram em *A paciência constante* aquela exuberância e exotismo e aparato mitológico que caracterizam a obra de alguns dos autênticos escritores barrocos, falsamente supostos seus contemporâneos.

Em conclusão: *A paciência constante* caracteriza-se pela modéstia dos conceitos e dos sentimentos, pela mediania dos recursos linguísticos, estilísticos e retóricos, e pela debilidade da estrutura. Razão tinha o autor para a classificar de «estímulos juvenis» e de «parto do seu áspero princípio» [16]. Mas, tendo em conta a escassez de obras de ficção na época a que pertence, *A paciência constante* é «obra em nada desmerecedora de figurar no historial literário do século XVII e, em certos aspectos, de notável interesse documental e narrativo» [17], como procurará mostrar-se nas páginas que se seguem e —o que é muito mais importante— como poderá depreender-se de uma leitura atenta da novela que ora oferecemos ao leitor em segunda edição, graças à «paciência constante» de mais de um protagonista.

---

[15] Sobre esta matéria, veja-se, por exemplo, Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva, *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa,* Coimbra, 1973, sobretudo pp. 325-500; e António Cirurgião, *Fernão Álvares do Oriente — O Homem e a Obra,* Paris, Fundação Calouste Gulbenkian — Centro Cultural Português, 1976, pp. 89-177.

[16] Seria este um dos vários casos em que o *topos* da modéstia vai quase de mãos dadas com a realidade. Dizemos «quase», porque há páginas de prosa fluente e bela e há poemas dignos de figurarem em antologias.

[17] João Palma-Ferreira, op. cit., p. 66.

## 2.

# DO TÍTULO

> Não há lugar — disse Gelinda — tão distante que ao amor se esconda, que, passeando sobre pensamentos, num instante dá volta ao mundo, nem cousa tão difícil que o tempo a não manifeste e facilite; e se as mudanças e revoluções da fortuna têm seu quício sobre paciência, vêm a parar e vêm a ter repouso e permanecem firmes e seguras (*A paciência constante*, fl. 97).

À primeira vista, o título do livro parece apontar mais para uma obra de carácter ascético que para uma novela pastoril, fenómeno que já foi notado por Costa e Silva [18]. E é precisamente por isso, e pelo mais que adiante se verá, que talvez se torne curioso verificar se se trata de um título adequado ou não, na medida em que o título, por princípio, deverá sugerir o tema fundamental da obra.

Como se trata de uma questão de certa relevância, vamos tentar discuti-la. E, seguindo o método preconizado pela Escolástica, começaremos por afirmar que o título é apropriado, o que passamos a demonstrar. Mas, em vez de utilizar o silogismo dedutivo, que é o silogismo por excelência da Escolástica, para provar a tese, vamos utilizar o silogismo indutivo.

Tendo Marfido acabado de pronunciar um discurso em louvor da mulher, as pastoras presentes, em sinal de reconhecimento,

---

[18] José Maria da Costa e Silva, *Ensaio Biográfico-Crítico dos Melhores Poetas Portugueses*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, t. VIII, p. 6.

rogaram-lhe que cantasse alguma coisa, à maneira de remate à tese defendida [19]. Ele, obedecendo ao princípio da virtude da cortesia, que, tal como nas cortes dos reis e dos magnates, reinava soberana nas repúblicas arcádicas, entoou uma ode à má sina que o perseguia e aos males de que padecia [20]. Em determinado momento canta assim:

Que aquela sanfonina,
De meus versos alegre consonância,
Chora minha mofina,
Mostra minha constância,
E é só de meus agravos circunstância

(fl. 152).

Desnecessário é dizer que a virtude da constância é uma das marcas indeléveis do carácter do protagonista, cujo nome, Marfido, visto etimologicamente e —o que é mais importante— visto no comportamento do seu portador, parece querer significar «fiel ao amor» [21].

Talvez a melhor maneira de pôr em evidência o tema da constância, inerente ao título da novela, tão bem acentuado por Marfido nos versos acabados de transcrever, e por Gelinda na epígrafe a este capítulo, seja chamar a atenção para a prática dessa virtude, por parte de três pastores —Marfido, o protagonista, Liriandro e Lisandro—, reconhecendo embora que, *mutatis mutandis,* o mesmo poderia ser dito de outras personagens, entre as quais sobressaem Florismonte e Lucélia, chegando esta última a declarar «que não se amava Florismonte para deixar de ser eternamente» (fl. 262).

---

[19] Acrescente-se que uma das características da novela é complementar as exposições doutrinárias em prosa com uma poesia. Isso acontece logo nas primeiras páginas do Livro Primeiro, por ocasião da diatribe de Liriandro contra o amor e do encómio que Marfido faz dele, à guisa de réplica.

[20] Dirigindo-se a Florismonte, Doricea fala assim: «virtuoso e cortês mancebo» (fl. 127).

[21] Dada a teoria da imitação do tempo, ao considerar o nome do protagonista da novela de Quintano de Vasconcelos, é-se levado a pensar no nome do protagonista que dá o título ao drama pastoril de Gian Battista Guarino: *Il Pastor Fido,* obra iniciada em 1580, completada em 1583 e editada em Veneza em 1590.

Deslumbrado pela beleza extraordinária de Ismena e sensibilizado pelo amor que ela nutre por ele, Marfido, ao mesmo tempo que lamenta não estar em disponibilidade para usufruir dessa beleza e corresponder a esse amor, confessa a constância no amor que o liga a Gelinda:

> A obrigação em que vos estou não poderei pagar de nenhum modo, pois me fizestes capaz em vosso entendimento do que excede qualquer merecer humano; e confesso que, sendo o mal que me resulta do amor em que me criei tão estimado de mi, que o não trocara pelos mores bens da terra, agora folgara ver-me livre para gozar a glória que considero no amor de tão galharda pastora; o privar-me dela vos peço que me disculpe e que vos obrigue a mágoa e não o aborrecimento.
>
> Muitas palavras passaram que puderam vencer Marfido, que a verdade delas conhecia, se aquele pensamento tão antíguo em sua alma o permitira (fls. 220-220v).

Comecemos por acentuar que esta é apenas uma das várias ocasiões em que a constância do amor de Marfido por Gelinda é posta à prova. Um pouco à maneira daquele Lereno da trilogia pastoril de Rodrigues Lobo, o Marfido de *A paciência constante* vê-se obrigado a dizer não a diversas solicitações de amor, pois diversas são as pastoras que se apaixonam por ele.

Mas, dito isto, convém esclarecer que há uma diferença muito nítida entre os dois protagonistas referidos: ao passo que Lereno não está apaixonado por nunhuma pastora, Marfido está loucamente apaixonado por uma: Gelinda. E, para ser fiel e constante ao amor que acalenta por ela, renuncia a todas as pastoras que por ele se apaixonam e vive com «paciência constante» as provas a que ela o submete, em conformidade com o código do amor cortês. Mas a situação de Marfido torna-se tanto mais patética e dolorosa quanto é verdade ter ele praticamente a certeza de que o seu amor por Gelinda é irrealizável, razão de ser da «paciência» do título. Naturalmente que isso é mais claro na mente do leitor que na do protagonista, pelo que nos é lícito falar em iro-

nia dramática. Tudo isto está admiravelmente resumido no seguinte mote a que Marfido faz uma glosa: «Se espero, sei que me engano, / Mas não sei desesperar» (fl. 209v).

Terminada a glosa, Marfido é felicitado por Florismonte, por não ter «de todo a esperança perdida» (fl. 210). E como poderia ter «de todo a esperança perdida» o pastor que logo nas primeiras páginas da novela confessa que amar sem esperança é a sua sina? «Té o estado em que estou / Bem o dizem meus sucessos, / Que amar sem esperança / Em mi com firmeza vejo» (fl. 15).

Continuando com Marfido, diremos, para concluir, que ser constante no amor jurado é o seu lema, ainda que, num momento de reflexão a frio sobre a sua situação, reaja assim:

> Difícil cousa é —respondeu o pastor— desesperar do que se ama, mas na verdade não é o amor tão cego que não veja as contradições do que pretende; e, por procurar o impossível (que muitas cousas o são que se desejam) é desatino ou desventura, ou ũa e outra cousa; e retirar-se do intento, durante a afeição, como a mi me acontece, é cousa tão miserável, que tenho por melhor desesperar de tudo que esperar desenganado, que as esperanças humanas em quanto enganam dão vida e matam desenganando (fl. 210).

Tendo sido apresentado, logo nas primeiras páginas da novela, como protótipo do pastor «desamorado» (dele faz o narrador veículo de uma tremenda catilinária contra o amor, como já se viu em nota), Liriandro em breve vem a apaixonar-se loucamente por Floridora. Porém ela, que também nos é apresentada como «desamorada», e, portanto, como protótipo dessa espécie de mulher, recusa-se a corresponder ao amor de Liriandro, por se ter vindo a apaixonar por Liceno no momento em que este, que antes a amava, já não está em condições de continuar a amá-la, por nesse meio tempo ter entregado o coração a Amaranta, que sempre amara Liceno. Mas, perante a impossibilidade de poder contar com o amor de Liceno, a partir do instante em que este se casa com Amaranta, Floridora vem finalmente a corresponder ao amor de Liriandro, recompensando desta forma a constância e paciência dele (fl. 236v).

É para celebrar essas virtudes de Liriandro que, logo após o seu enlace matrimonial com o único amor de sua vida, Floridora, o pescador Morgante canta uma canção sobre a figura mitológica que melhor personifica a constância no amor: Leandro. Apaixonado por Hero, é-lhe fiel no amor, não só durante a vida, mas também depois da morte (fls. 237-239) [22].

Em termos romanescos, talvez nenhuma outra personagem tenha sido submetida a provas tão duras como Lisandro, não faltando sequer, na sua longa jornada em demanda do amor, a presença de uma cobra enorme e «encantada» (réplica do dragão emblemático dos romances de cavalaria), a guardar a torre em que a amada, Claridea, se encontra prisioneira. Morta a cobra, numa façanha digna de Hércules, modelo do herói que supera todas as provas a que é sujeito, por mais difíceis que sejam, e vencidos outros duros obstáculos para libertar Claridea, Lisandro tem direito a entoar o seguinte hino em louvor da constância, no momento em que vem a encontrar Claridea, depois de julgar tê-la perdido para sempre: «O ânimo constante e generoso é dom sobrenatural e a jóia mais preciosa que o coração humano alojar pode; e assim quem próvido e animoso espera alcança quasi sempre o que procura» (fl. 294).

Como poderá ver-se de alguns dos exemplos aduzidos, tal como acontece com outras virtudes, também à da constância está reservado o devido prémio.

Desencontrados no amor, pelos rigores da fortuna e por toda a espécie de mal-entendidos, andaram Leurino e Belsinda, Alsindo e Napécia. Mas, uma vez desfeitos esses mal-entendidos, vieram, à maneira dos heróis dos contos de fadas, a encontrar a felicidade no casamento: «E em poucos dias chegaram à sua aldea, e foram recebidos com alegria dos pais de Napécia e de todos geralmente. E, casando Alsindo com Napécia e Leurino com Belsinda, gozaram o prémio de sua constância e castos desejos, que para aquele tempo reservaram» (fl. 195v) [23].

---

[22] Como se poderá depreender deste exemplo, a mitologia, usada aliás com bastante parcimónia, na novela, desempenha não só papel estilístico, mas também simbólico e alegórico.

[23] «Gozar» é conhecer biblicamente, como se pode ver, por exemplo, nas fls. 227v, 264-264v, 265, 282, 286.

Mitigado embora, o erotismo aflora com frequência nas páginas das novelas pastoris, mas, normalmente, por meio de eufemismos.

Além destes casamentos, virão a realizar-se também o de Selardo com Policea, o de Rosarte com Lisdora e o de Laurismeno com Angeliza (fl. 268). Embora em menor escala, também estas personagens estiveram sujeitas às vicissitudes da Fortuna, do Tempo e da Mudança, o que quer dizer que também elas foram sujeitas às provações da praxe, antes de lhes ser dado gozar «o prémio de sua constância e castos desejos».

Para concluir estas breves considerações sobre a razão de ser do título, diremos simplesmente que é nossa convicção que os casos apresentados provam suficientemente a nossa tese: de que o título corresponde perfeitamente ao tema fundamental da fábula ou acção da novela, na medida em que o lema de várias das personagens é uma «paciência constante».

## 3.

# O CENÁRIO

Escrita durante a assim chamada monarquia dual ou, como outros historiadores preferem, a ocupação filipina, e tendo por autor um fidalgo brasonado, que, como tantos outros seus pares, terá percorrido a Península Ibérica em todas as direcções —e provavelmente também partes do Império Ultramarino—, não é de estranhar que o cenário de *A paciência constante* cubra uma grande variedade de horizontes, se tivermos em conta que, sendo por natureza autobiográfica, como é próprio do género, a novela teria que reflectir as várias andanças do autor e as das pessoas reais que certamente se ocultam por trás dos criptónimos.

Entretanto, como é da praxe, também nesta novela pastoril, lado a lado com o cenário real, se encontra o cenário idealizado, isto é o *locus amoenus,* que é, topologicamente, o cenário propriamente dito de todas as novelas pastoris, como o é das églogas, primeira expressão do género bucólico, de que todas as outras espécies, desde o drama pastoril à novela pastoril, derivam directamente.

Na literatura bucólica, ao *locus amoenus* anda geralmente associado um rio. Assim, por exemplo, temos o Míncio de Virgílio, o Sorga de Petrarca, o Tejo de Garcilaso e de Camões, o Lima de Diogo Bernardes, o Ezla de Montemor, o Lena de Rodrigues Lobo, o Nabão de Fernão Alvares do Oriente, o Mondego de Elói de Sá Soto Maior. E este rio, de tão venerandas tradições míticas, históricas e literárias, passa a ser, de uma maneira geral, nas novelas pastoris, uma metáfora ou símbolo para a terra natal do autor, o qual, escondido sob as roupagens de um nome arcádico, é o protagonista da novela.

O rio principal de *A paciência constante* e, portanto, o palco em que se apresenta a maior parte da acção, é o riozinho que banha a terra natal do autor, Estremoz, isto é, o Tera, «ribeira do Alto Alentejo, que nasce na serra de Ossa, ao S de Estremoz, corre para ONO, recebe na margem direita a ribeira de Canal, toma a direcção O, até passar a NE de Pavia, seguindo então a direcção NO até encontrar a ribeira de Seda. Tem cerca de 60 km de curso. Forma com a ribeira de Seda a ribeira da Raia» [24].

Leia-se com atenção a abertura da novela e ver-se-ão todos os elementos constitutivos do *locus amoenus* convencional, desde as águas límpidas e cantantes a uma natureza paradisíaca, *habitat* natural e ideal de Vénus e das Graças ... e das pastoras, em nada inferior ao *locus amoenus* das arcádias míticas:

> Por entre serras coroadas de descompostos penedos, secas e ásperas piçarras, e às vezes por escondidos campos e sombrios vales, passa o Tera, rio de humildes águas, digno porém, por suas belas pastoras, de fama eterna. Por donde, discorrendo com sossegado curso, chega a um vale assi deleitoso que a terra, de flores alegre e matizada, mostra que a natureza assi a vestisse, para que dela quem quer se namorasse. Cubriam com suas ramas de agradável sombra o vistoso sítio algũas árvores de tão estranha beleza, que podera julgar-se encerrarem seus troncos sagradas e ocultas qualidades. Fertelizavam o prado as águas de ũa fonte que, rompendo ũa pedra, pedaços de cristal da água fazia, e assi a mesmíssima entre verdes salgueiros exalava, que a cobiçara Vénus e as Graças a estimaram, a líquida Acidália desprezando. Neste lugar deleitoso se ajuntavam os moradores das circunstantes aldeas, e em discreta conversação, alegre harmonia de campesinos instrumentos e amorosos cantares, faziam breves (como o são as de gosto) as horas da ardente sesta (fls. 1-1v) [25].

---

[24] *Enciclopédia Luso-Brasileira.*

[25] Sobre a «discreta conversação» que distingue as pastoras desta e doutras novelas pastoris do tempo, veja-se, por exemplo, Pilar F.-Cañadas Greenwood, «Las mujeres en la semántica de *La Galatea* [de Cervantes]», apud *Cervantes y la pastoral.* Edited by José Labrador Herrais and Juan Fernández Jiménez, Cleveland, Penn State University-Behrend College-Cleveland State University, 1986, pp. 51-61.

Outros rios aparecem na novela, mas nenhum é mencionado tantas vezes e é tão altamente celebrado como o Tera, «pátria de Marfido», criptónimo do autor, como já se disse, assim como é também «pátria» ou terra natal de outras personagens importantes da novela.

Entre esses outros rios, também eles em geral metáfora para a terra natal de personagens ou pontos de referência do eterno peregrinar dos pastores, contam-se o Caia, o Caiola, o Guadiana, o Tejo, o Xarrama.

Além do cenário principal, constituído pelo rio Tera, isto é, Estremoz, temos o cenário secundário, constituído, respectivamente, por um número considerável de vilas, cidades, províncias, países e continentes: Albufeira, Badajoz, Campo Maior, Elvas, Évora, Lagos, Lisboa, Mora, Ourém, Santarém, San Lucar, Santiago de Compostela, Sevilha, Sintra, Tânger, Tomar, Valência; Alentejo, Algarve, Andaluzia, Beira, Castela, Galiza; Espanha, Índia, Portugal; África.

Em consonância com uma veneranda convenção da novela pastoril, celebram-se em *A paciência constante* as glórias da terra natal, ou «pátria» do autor, Estremoz, da mesma maneira que, por exemplo, em *L'Arcadia* de Sannazaro se celebra Nápoles, e em *Los Siete Libros de la Diana* de Montemor se celebra Montemor-o-Velho, «pátrias» respectivas dos dois autores. E tal como acontece nessas duas novelas, também nesta se regista este fenómeno pelo final da novela.

Dada a importância deste aspecto da obra, parece-nos bem transcrever uma pequena passagem em prosa e outra em verso (num romance, por sinal) em que o narrador, muito apropriadamente, descreve pela boca de Marfido a sua terra natal. Acontece isso por ocasião da sua passagem por Estremoz, em companhia de outros pastores, após um longo e penoso desterro:

> E andando por um caninho que entre aquela espessura graciosa se mostrava, e chegando adonde estavam três ou quatro altíssimos pinheiros, deram de improviso com os olhos em ũa grandiosa povoação coroada de torres, entre as quais ũa altíssima com proporção curiosa se mostrava, tão adornada de janelas e portais

de brancas pedras, que, ferindo o sol nelas, pareciam de cristal (fl. 246).

Aquele torreado monte
Adonde a vista se alegra,
Cujo nome conhecido
Em seus estremos começa [26],

Pátria minha é, Florismonte,
De quem contando excelências
Primeiro se admira o mundo
Que haja modo de dizê-las.

Procede de duas fontes
Ũa líquida ribeira
Que adornando seus limites
Faz contínua Primavera.
[...]
Pode-se considerar
Ũa notável grandeza,
Que seu saudável destrito
Tem fontes mais de trecentas.

Todas líquidas e frias,
E a agradecida terra
Dá matéria para vasos
De quem só são dignas elas.

Estes toda a Espanha estima,
Roma os conhece e os preza,
E às apartadas Índias
Interesse humano os leva

(fls. 246v-247).

---

[26] Veja-se, segundo o autor, a razão de ser do nome Extremoz: «extremos» ou termos. Estávamos no tempo em que, desde os poetas aos historiadores, era costume recorrer à etimologia para explicar os topónimos cujas verdadeiras origens se ignoravam.

A convenção da idealização e a necessidade do *locus amoenus* é tal, que o autor vai ao ponto de dar a Estremoz uma «contínua Primavera», ao mesmo tempo que faz uma descrição realista dela, ao referir-se às torres, ao edifício de muitas portas, às casas de mármore, ao extraordinário número de fontes, à celebridade e universalidade da sua louça.

O realismo do cenário poderia mostrar-se também por meio de uma breve referência aos espécimes da fauna e da flora mencionados na novela.

Embora a fauna seja tratada com parcimónia, normalmente para se indicar as espécies de animais que os pastores pastoreavam ou caçavam, outro tanto não poderá dizer-se da flora. Esta é várias vezes objecto de descrições pormenorizadas, sobretudo para estabelecer ou consonância ou contraste entre o estado de espírito das personagens e o estado da natureza, para dar a nota da cor local e para enaltecer os encantos da natureza e a fertilidade da terra. Veja-se, à guisa de amostra, parte de uma longa passagem em que, durante «ũa tarde do alegre mês de Junho», Marfido, com o pensamento posto em Gelinda, se encontrava sózinho no campo, como de costume:

> [Marfido] se achou entre dous altos velados que a natureza devia de propósito formar, porque as mais cheirosas e floridas matas que produze eram ligame de seu curioso feitio. Estavam cercados compassadamente de não cultivados árvores, como sempre verdes loureiros, amendoeiros de seu doce e já maduro fructo carregados, pimenteiros silvestres que com encarnadas flores o Verão anunciam, sombrios freixos, álamos cambiantes tão fermosos e abundantes do licor electro, que os mesmos pareciam em que as irmãs do doudo Faetão se converteram, e vistosos ulmeiros que em suas bexigas só aquela água boa para o rosto prometiam (fls. 155-155v) [27].

E por mais uma página faz-se a descrição da beleza do azevinho e do pilriteiro, e do perfume inebriante dos cergaços e da

---

[27] Poderia ver-se também o fl. 296.

madressilva. E no meio dessa natureza paradisíaca as aves cantavam «com tanta graça e concerto, como se o próprio Céu as ensinara», e as águas, «com o amoroso tom que iam formando, o sentimento destas cousas realçavam» (fl. 155v).

Eis, nos seus traços gerais, o palco em que acontecem as mil e uma histórias de amor e se desenvolve a acção distribuída pelos densos trezentos e um fólios da novela.

# 4.

# FICÇÃO E REALIDADE

> Y de aquí comiença el primero libro y en los demás hallarán muy diversas hystorias, de casos que verdaderamente an sucedido, aunque van disfraçados debaxo de nombres y estilo pastoril.
>
> JORGE DE MONTEMAYOR,
> *Los siete libros de la Diana.*
> Edición, prólogo y notas de Francisco López Estrada, Madrid, Espasa-Calpe, 1967. «Argumento deste libro.»

As breves observações feitas sobre a natureza do cenário transportam-nos automaticamente para a discussão de um aspecto muito curioso da novela pastoril em geral, e de *A paciência constante* em particular: a relação entre a convenção literária e a realidade, o mito e a história, a arte e a vida [28].

Com um longa tradição atrás de si, com várias novelas pastoris para imitar (para já não falarmos das outras espécies literárias do género pastoril) desde *L'Arcadia* (1504) de Sannazaro, *Los Siete Libros de la Diana* (1558 ou 1559) de Jorge de Montemor, *Diana Enamorada* (1564) de Gil Polo, El Pastor de Fílida (1582) de Luis Gálvez de Montalvo, *La Galatea* (1585) de Cervantes, *Arcadia* (1598) de Lope de Vega, à *Lusitânia transfor-*

---

[28] Como amostra da simbiose entre ficção e realidade na novela pastoril, veja-se T. Anthony Perry, «Ideal Love an Human Reality: Montemaor's Pastoral Philosophy», apud *Erotic Spirituality — The Integrative Tradition from Leone Ebreo to John Donne,* Alabama: The University of Alabama Press, 1980, pp. 78-88.

mada (1607) de Fernão Alvares do Oriente, à trilogia pastoril de Francisco Rodrigues Lobo [*Primavera* (1601), *Pastor peregrino* (1608) e *O desenganado* (1614)], às *Ribeiras do Mondego* (1623) de Elói de Sá Soto Maior, não faltavam a Manuel Quintano de Vasconcelos modelos [29]. De uma forma ou de outra, qual mais qual menos, em todas essas novelas pastoris a ficção e a realidade vão de mãos dadas.

Dito isto, apressamo-nos a acentuar que a novela pastoril percorre um longo trajecto desde *L'Arcadia* de Sannazaro e de *Los Siete Libros de la Diana* de Montemor até às novelas de fins do século XVI e princípios do século XVII. Ao carácter predominantemente convencional, literário, harmonioso e hierárquico das duas primeiras novelas, contrapõe-s o carácter mais híbrido e realista das últimas. Para já não falarmos nos elementos poéticos e retóricos, dois fenómenos de natureza conteudística bastam para pôr em relevo esse nítido contraste entre as primeiras novelas e as últimas: a insistência nas cenas de violência e numa maior abandância de cenários e de factos históricos devidamente explicitados, por parte das últimas [30].

Pelo que se refere às convenções do género, *A paciência constante* tem em comum com essas novelas, entre outras, as seguintes características: a mistura da prosa e do verso; a divisão em partes, com a denominação de livros (das novelas referidas, umas estão divididas em prosas, outras em partes, outras em jornadas, outras em livros e prosas); a celebração da terra natal do autor, simbolizada por um rio, como já foi referido; a existência de um palácio ou templo alegórico; cartas de amor; discussões de carácter doutrinal e académico; certames poéticos; celebração

---

[29] Convém esclarecer que não dispomos de documentos suficientes que nos permitam mostrar claramente as datas em que foram escritas as novelas de Francisco Rodrigues Lobo e a de Elói de Sá Soto Maior, o que quer dizer que não excluímos a hipótese de *A paciência constante* ter sido escrita antes de algumas dessas novelas.

Para uma discussão mais pormenorizada deste assunto, veja-se António Cirurgião, *Fernão Alvares do Oriente — O homem e a obra*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1976, pp. 78-80.

[30] Convém esclarecer que, quanto ao último aspecto, a diferença é mais de grau que de género. Tanto *L'Arcadia* de Sanazzaro como a *Diana* de Montemor contêm factos históricos, para já não se falar dos seus aspectos autobiográficos.

de festas; realização de jogos; pastores disfarçados de pastoras e vice-versa; histórias intercaladas; intervenção do sobrenatural e maravilhoso, etc.

Vejamos agora alguns aspectos da novela que, de uma maneira mais ou menos explícita, se enquadram na realidade histórica de Portugal.

Directamente relacionado com a nobreza (se não o era ainda, ao tempo da composição da novela, Manuel Quintano de Vasconcelos viria a ser Morgado da Silveirinha), o autor não só faz de elementos da alta nobreza personagens da novela, mas faz também várias referências ao próprio rei.

Assim, começando por exemplificar a presença do rei, nota-se que ele, numa das suas intervenções, condena à morte, por degolação, o nobre Arcélio, por ter raptado a mulher que ele, rei, tinha aprovado para futura esposa de outro homem. Numa outra ocasião, diz-se que está a residir em Sintra, e numa terceira passagem vemo-lo a passar o Inverno em Évora. Que, nestes casos, a realidade vai de mãos dadas com a ficção é óbvio: nesse tempo, ao rei assistia o direito de sentenciar à morte os seus súbditos e de aprovar ou desaprovar casamentos da classe nobre, e tanto Sintra como Évora tinham palácios que a família real habitava com certa frequência, como é fácil de comprovar por meio da consulta de documentos pertinentes.

Quanto à existência na novela de personagens pertencentes à classe nobre, temos, entre outras, o conde de Arismaldo, o conde de Ourém, o conde de Altamira, as respectivas condessas e os respectivos filhos. Entre os filhos de nobres, contam-se várias personagens, sendo as principais Florismonte e seu irmão Leurismeno, filhos de Arcélio e Oricea, «dama da rainha», com casa senhorial em Santarém; Lucélia, filha do conde Arismaldo e da condessa Florenda; Lisdora e Angeliza, filhas do conde de Altamira. E, como nobres que são, algumas dessas personagens desempenham na novela funções próprias dessa classe social. Assim, Florismontte e Leurismeno vão combater para Tânger, no norte de África. Coroados de triunfos (Florismonte, por exemplo, num só recontro matou vinte mouros), são armados cavaleiros pelo rei em Lisboa e, seguidamente, vão receber o hábito de cavaleiros a Tomar, sede da Ordem de Cristo. O nobre Claridardo, pai de Lisandro, por pretender casar com Doristea, contra a vontade dos pais desta, vê-se obrigado a ir viver para a

Índia, onde aliás vem a enriquecer (esclareça-se, entre parêntesis que, como desse casamento resultou um filho, o narrador, na sua preocupação constante de zelar pela prática dos bons costumes, segundo o código ético e religioso do tempo, virá a informar o leitor, muito mais tarde, que, na realidade, houvera casamento clandestino entre Claridardo e Doristea, reflectindo assim a obra uma prática comum da época, como pode ver-se, por exemplo, nas comédias de Lope de Vega).

E, entre outras várias referências à história de Portugal, vemos Armindo, cavaleiro cristão da Idade Média, a combater contra os mouros; vemos uma das personagens da novela a lutar contra a Espanha, por ocasião de uma tentativa de invasão de Portugal; vemos um dos pastores a celebrar num soneto os amores de Pedro e Inês de Castro, cujo primeiro verso reza assim: «A bela Nise que de Pedro amada» (fl. 157) [31]; vemos Marfido a elogiar a sábia Sigeia, e duas outras mulheres portuguesas —Ormia, Lucrécia Portuguesa, e Antónia Portuguesa (149)— que lamentamos não poder identificar por falta de documentação pertinente. A primeira, Ormia (certamente anagrama), é comparada à Lucrécia Romana, por preferir a morte à perda da castidade (fl. 147v), e a segunda é celebrada pelas suas virtudes guerreiras: «desfavorecida por ũa irmã em cuja casa estava, se saiu dela em idade de doze anos, e, vestida de varão, serviu algum tempo de soldado em África, e depois de cavaleiro, e tornando ao hábito natural, por suas proezas e valerosos feitos, lhe fez El-Rei muitas mercês; e porque sempre guardou sua pureza, casou mui nobremente» (fl. 149).

Tratando-se de um autor que terá cursado as universidades portuguesas, a julgar pela formação humanística, sobejamente documentada no texto, do pastor sob cujas roupagens se esconde, com o criptónimo de Marfido (fl. 9v), não é de estranhar que não falte sequer na novela uma alusão clara à excelência das universidades portuguesas do tempo: a de Coimbra e a de Évora,

---

[31] Mais um exemplo para mostrar que os amores de Pedro e de Inês se haviam transformado num *topos* da poesia portuguesa, *topos* que todas as novelas pastoris portuguesas celebram.

Quanto a ver em Nise o anagrama de Inês [de Castro], bastará apenas referir as duas peças de teatro de Fray Jerónimo Bermúdez: *Nise lastimosa* e *Nise laureada,* publicadas em 1577, em Madrid.

postas em pé de igualdade com as mais célebres da antiguidade clássica e com as melhores da época: as de Roma, Bolonha e Milão, na Itália; a de Paris, na França; e as de Valência, Alcalá e Salamanca, na Espanha [32].

A presença da realidade geográfica e histórica portuguesa na novela até chega a manifestar-se por meio do símile ou da metáfora, como já acontecera, por exemplo, na *Imagem da Vida Cristã* de Fr. Heitor Pinto e nos *Diálogos* de Fr. Amador Arraes. Sirva de exemplo esta breve passagem da diatribe do «desamorado» Liriandro contra os malefícios do Amor: «E se os exemplos que há dos desconcertos obrados por este amor se houveram de numerar, fora mais fácil contar as argentinas gotas que ũa nau partindo de Lisboa vai deixando do Tejo ao mar Indiano» (fl. 24).

Além destas referências explícitas a pessoas e factos, relacionados com a geografia, a toponímia, a história e as instituições de Portugal, é muito natural que, tal como acontece com outras novelas pastoris —e com o género bucólico em geral—, sob a capa de pastor se escondam muitas pessoas reais, contemporâneas do autor, e que, por trás de algumas aventuras bélicas e amorosas da novela, se ocultem factos verdadeiros. É muito provável que uma consulta cuidadosa aos arquivos históricos viesse a resultar em interessantes achados tanto no campo das armas como no das letras, dois dos temas mais visíveis deste tipo de literatura, nos séculos XVI e XVII. Para que isso não pudesse acontecer, forçoso seria que *A paciência constante* fosse uma excepção à regra na novelística pastoril da época, tanto em Portugal como no estrangeiro, hipótese que rejeitamos *in limine*, em virtude das convenções topológicas do género e do carácter explícito dos elementos referenciados neste capítulo e no capítulo dedicado à apresentação do cenário.

Em conclusão: em *A paciência constante* entrecruzam-se a ficção e a realidade. E para além da realidade patente temos a realidade latente, sabido que é que sob a aparência de nomes arcádicos se escondem pessoas reais e que sob a aparência de factos fictícios se escondem acontecimentos históricos.

---

[32] Naturalmente que, tendo sido a novela escrita durante a monarquia dual, o narrador coloca na Espanha as duas universidades portuguesas, lado a lado com as outras três: «em Espanha, Valência, Alcalá, Évora, Coimbra e Salamanca» (fl. 103).

# 5.

# OS NOMES DAS PERSONAGENS

> Esaú disse-lhe:
> — É por se chamar Jacob que já me venceu duas vezes? Apoderou-se do meu direito de primogenitura, e agora apodera-se da minha bênção!
>
> *Gn 27, 36.*

Dentro daquele espírito de essencialização das coisas, de tão venerandas tradições bíblicas e platónicas, em que o epíteto, por exemplo, é, de uma maneira geral, como que uma parte integrante da natureza do ser, desde a neve fria ao prado verde, desde a noite escura ao dia claro, nada é de estranhar que, de acordo com essa mesma tradição, que passa directamente para a literatura bucólica (a literatura do disfarce, da duplicidade e do segundo sentido, por excelência), o nome das personagens das novelas pastoris tenda, por princípio, a traduzir as características diferenciais (em termos de filosofia aristotélico-tomista, em que se fala de género, de espécie e de diferença) de cada uma das personagens [33]. Aliás, não devemos esquecer-nos que, sendo o nome um sinal, como a semiótica nos ensina, e datando a composição de *A paciência constante* de uma época em que o signo e a alegoria e a empresa e a divisa e o emblema estavam em voga, natural é que Quintano de Vasconcelos tenha recorrido ao nome

---

[33] Para uma melhor compreensão da natureza do epíteto, na época em que se situa a novela que estamos a estudar, veja-se, por exemplo, *Corte na aldeia*, de Rodrigues Lobo, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1959, pp. 54-56.

das personagens para melhor veicular os conceitos e os princípios que se propunha transmitir ao leitor.

Esclareça-se também que, perante a *A paciência constante,* não é preciso fazer demasiado esforço, nem recorrer às subtilezas da crítica hermenêutica, para se chegar à mesma conclusão, uma vez que, nalguns casos, o próprio narrador se incumbe de nos dizer a razão de ser do nome de determinada personagem. Aplica-se isso, por exemplo, a Florismonte: «Poseram-me por nome Florismonte pela flor que em meus peitos resplandecia, e por memória do modo maravilhoso em que me acharam no monte, amamentado por uma loba até à idade de dois anos e tal» (fl. 112).

É a réplica, na história sagrada, do que acontecera com o nome de Moisés. Como nos ensina a Bíblia, o libertador do povo de Israel do Egipto chamava-se assim por ter sido tirado das águas do rio Nilo (*Ex* 2, 18). É a réplica, em *A paciência constante,* do que acontecera, por exemplo, com o nome do Imperador Clarimundo do romance de cavalaria de João de Barros e com o nome de tantas outras personagens de romances de cavalaria e de novelas pastoris.

Feitas estas breves considerações de ordem geral, vamos ver alguns casos da aplicação desta teoria do nome em *A paciência constante.*

Para além de claros exemplos de anagramas, como o de Armia para Maria e o de Natónia para Antónia, e o de Nise para Inês, no soneto em memória dos celebrados amores de Pedro e Inês de Castro, creio poder declarar-se que, por via de regra, o autor, fiel à praxe e às convenções do género bucólico, recorre essencialmente à etimologia para dar às suas personagens os nomes que melhor se coadunam com a sua personalidade e com a função que são chamadas a desempenhar na novela, fenómeno devidamente apontado por Aguiar e Silva: «O nome é um elemento importante na caracterização da personagem [...]. O nome da personagem funciona frequentemente como um indício, como se uma relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico, etc.), da personagem fosse motivada intrinsecamente [34]».

---

[34] Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *A estrutura do romance,* Coimbra, Livraria Almedina, 1974, pp. 34-35.

De uma maneira geral, o autor serve-se da etimologia latina, de preferência à grega, como se depreende claramente de uma leitura rápida dos nomes das personagens, apresentados em apêndice [35]. A ressalva deve-se ao facto da existência de alguns nomes híbridos a que se fará referência oportunamente.

Vejamos agora mais alguns casos em que o próprio narrador ou a próprias personagens se encarregam de elucidar o leitor sobre o significado e a razão de ser de certos nomes.

Liriandro (homem dos lírios e, por extensão metafórica, homem dos campos: hibridismo derivado do latim «lilium-i» e do grego «aner-andros») chama-se assim porque, «desamorado» e inimigo do amor, a princípio, só se sente bem no meio dos campos, entregue à caça, longe da companhia dos homens: «Bem vejo, discretos pastores, que porque poucas vezes me acho em vossa companhia, tereis por novidade minha vinda, e sei que tendes por deshumanidade trocar este sítio, que tanto amais, pela solidão do bosque só de feras acompanhado, mas sei que sigo o que me convém» (fl. 7v); Floridora (amante das flores e, também, por extensão metafórica, amante dos campos), «desamorada» e inimiga do amor, tal como Liriandro, refugia-se, também ela, no seio da natureza, caçando e passeando pelos bosques:

Floridora, que as flores deste prado
Em teu nome ditosas,
O teu sobre as estrelas levantado
Tem, puras e fermosas,
Porque assi tão piedosas
Essas lágrimas vertes,
Se alma de quem te vê nelas convertes

(fls. 61-62).

Outro nome de personagem justificado pelo narrador é o de Amaranta, derivado de amor. Loucamente apaixonada por Li-

---

[35] Gostaria de esclarecer que, em minha opinião, de uma maneira geral os nomes das personagens da novela de Quintano de Vasconcelos são melodiosos e bem sonantes, ao contrário, por exemplo, dos das primeiras novelas portuguesas do século XVI, tais como a *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, e *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro.

ceno, mas não correspondida nesse amor, por Liceno amar Floridora, explica-nos da seguinte forma o significado do seu nome, quando já unida a Liceno pelos laços do mais puro e sincero dos amores —os do casamento—, em coro com ele e em diálogo com Deifilo e Urânia:

Seu alto valor
Ao céu se levanta:
Tem nome Amaranta
Donde o toma amor

(fl. 51v).

Deifilo, casado com Urânia, é o pastor amigo de Deus (repare-se no hibridismo: «deus», do latim, mais «filos», amigo, do grego), como Urânia o é do Céu: Deifilo vive em comunhão com Deus, como Urânia vive em comunhão com o Céu (diga-se entre parêntesis que este casal, o primeiro de que se fala na novela, é o protótipo do casal perfeito, apresentado, logo no introito da novela, em contraste gritante com quase todos os outros, os quais atravessam as páginas de *A paciência constante* em perpétuo desencontro com o amor). É como se o autor quisesse com isso mostrar: primeiro, o carácter moralizador da novela; segundo, o abismo que separa os pastores que vivem o amor ideal dos que o não vivem; terceiro, a meta para que deveriam tender todos os que na vida se querem realizar no amor matrimonial, que é aquele a que aspiram os pastores que ainda o não encontraram, o que é um nítido contraste com o amor cortês, que era adulterino, por natureza, a menos que esse chamado amor cortês seja interpretado alegoricamente, como propõe Denis de Rougemont em *L'Amour et l'Occident*.

Para melhor definir ainda a essência das suas personagens, o autor, não satisfeito com a carga de sentido etimológico emprestado ao nome, recorre também ao adjectivo. Adjectivo epíteto, veículo, portanto, não só de categorias qualitativas, mas também substantivas, quase contrariando um pouco a doutrina aristotélica, segundo a qual «as categorias lógicas de substância, qualidade e quantidade estão claramente representadas e corres-

pondem simetricamente às categorias gramaticais do substantivo, adjectivo e advérbio [36]».

Fiel a este princípio da gramática e da retórica do tempo, o autor apresenta-nos, invariavelmente, e —digamos até— monotonamente, todos os pastores como discretos, no sentido que o termo tinha no tempo, de humanistamente sábios, bem falantes, e corteses, e todas as pastoras como discretas, honestas e formosas. Isto acontece, sobretudo, no início do discurso directo, quase sempre que se postula um vocativo: «Amor, discretos pastores e honestas pastoras» (fl. 19); «Hás-de saber, virtuoso e cortês mancebo» (l. 127); «Discreta e fermosa Doricea» (fl. 128v) [37].

Para concluir, digamos simplesmente que a gramática, a lógica, a retórica e a convenção literária do género estão na base da estrutura de *A paciência constante,* e que o nome da personagem, traduz, em geral, a sua essência e a sua diferença.

---

[36] Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Gramáticos portugueses do século XVI,* Lisboa, M. E. C., 1987, p. 11.

[37] Sobre este assunto, veja-se, por exemplo, Pilar F. — Cañadas Greenwood, «Las mujeres en la semántica de *La Galatea* [de Cervantes]», apud *Cervantes and the Pastoral,* Cleveland, Pen State University —Behrend College— Cleveland State University, 1986, pp. 51-61.

6.

# O NARRADOR

Como todas as novelas pastoris de que temos conhecimento, também *A paciência constante* é narrada em terceira pessoa. Porém, um pouco à maneira da assim chamada novela bizantina, o narrador principal dá constantemente a palavra às personagens, pelo que se poderia dizer que, em princípio, são várias as vozes e as «personae» e os enunciadores do discurso desta novela pastoril. Talvez até pudesse falar-se em autobiografia ficcional, na medida em que, em geral, são as personagens a narrar a sua própria vida. Acontece isso, por exemplo, com Marfido (que consideramos o protagonista da novela), Florismonte, Daristo, Lisandro, Lerena, Lucélia.

Casos há em que as autobiografias se cruzam. Casos há em que um dos ouvintes interrompe o narrador para lhe dizer que já sabe parte da história que está a contar, pelo que deverá saltar essa parte [assim procede Marfido, quando Daristo lhe está a contar a história de Floridora (fl. 124v)]. E casos há também em que o narrador, omnisciente, chama a atenção para algo que já foi referido anteriormente ou adverte o leitor de que adiante se verá isto ou aquilo. O que quer dizer que, embora, como em todas as outras novelas, predomine a analepse, existem também vários casos de prolepse (vejam-se, por exemplo, os fls. 127, 129 e 137).

Estarão as biografias —e as autobiografias— meramente justapostas, à maneira de mosaicos, ou entrelaçadas e unidas por um elo indissolúvel? Talvez uma coisa e outra, ao mesmo tempo. Justapostas, na medida em que algumas dessas biografias —e

autobiografias — poderiam constituir pequenas novelas independentes, com princípio, meio e fim [38]. Entrelaçadas, na medida em que, de um modo geral, se passa de umas para outras, através de um ponto de referência que atravessa a novela de ponta a ponta: a quase omnipresença do protagonista Marfido. Quando não é narrador da sua própria autobiografia (a mais complexa e rica de todas elas ... e inconclusa, como é da praxe), é participante da de outras personagens ou narratário. Em virtude do seu constante peregrinar pelo vasto, variado e meio labiríntico palco de acção, Marfido vem a encontrar-se com quase todas as outras personagens. Cortês e atencioso, como o são todos os outros pastores, em obediência às convenções do género, constantemente se vê transformado em confidente das personagens que ele vai encontrando pelo caminho, ou que elas vão encontrando pelo caminho.

Pelo que se refere ao tempo em que a acção se processa, talvez possamos afirmar que presente e passado se entrecruzam constantemente. Também aqui reveste carácter relevante o protagonista. Enquanto, de uma maneira geral, as outras personagens nos falam só do passado, ele fala-nos também do presente. Para que o que já foi nos seja transmitido, necessário se torna que se faça presente nele. É como se Marfido fosse o espelho em que viessem reflectir-se as acções pretéritas das outras personagens, assim como algumas das suas.

Prova indisputável de que a acção principal está feita e não em devir são as palavras com que o narrador-autor fecha a novela: «Aqui também suspenda seu rústico acento a frauta minha, té que com novo alento prossiga seus sucessos, dando fim aos de Lisandro e Claridea» (fl. 301) [39].

Dentro deste capítulo do tempo em que se processa a acção da novela, convém ainda esclarecer um ponto muito impor-

---

[38] Exemplo extremo deste fenómeno de justaposição de novelas dentro de novelas encontra-se na «segunda» edição de *Los siete libros de la Diana,* Valladolid, 1561, com a adição da história de «los amores de Abindarráez».

[39] Mais um caso em que o narrador-autor, fiel a um *topos* da novela pastoril, conclui a sua novela prometendo voltar um dia para continuar as histórias deixadas em suspenso e em aberto. Se não estamos bem perante «l'œuvre ouverte» de que fala Roland Barthes, podemos dizer que estamos perante «l'opera aperta» de que fala Umberto Eco.

tante: ao passo que a biografia das personagens (a que já se fez referência) é passada, a descrição do cenário, dos encontros, das festas, dos torneios, dos certames poéticos, dos debates filosóficos, das considerações morais, etc., é presente.

Se agora nos perguntarmos se o narrador é ou não omnisciente e se é ou não objectivo, teremos que responder afirmativamente à primeira pergunta e negativamente à segunda. Como se poderá ver mais claramente nos capítulos sobre a «Justiça poética», e sobre «Debates Filosóficos, Éticos e Ascéticos», todos os narradores, dos principais aos secundários, têm, por regra, um ponto de vista visivelmente marcado, o que aliás foi indirectamente visto pelos dois censores da obra: «[...] não achei cousa algũa contra nossa sancta Fé e bons costumes; antes sempre concertado estilo e honesto modo de falar, e à vezes repreensão de vícios e louvor de virtudes» (Fr. Francisco Guerreiro). Destas palavras faz-se também eco o segundo censor, Fr. António de Siqueira.

Como exemplo da «repreensão de vícios e louvor de virtudes», vertida no molde do discurso exortativo, bastará referir aquela passagem em que Lisbea, tia freira de Lisandro, lhe roga a este e à sua prometida esposa, Claridea, que, ao contrário do que fizeram os pais de Lisandro, não ofendam a Deus com «amores ilícitos» (fl. 287):

> — Lisandro, filho regalado e mimoso de meu cuidado, peço-vos considereis as adversidades e sucessos de que o amor desordenado há sido causa, de que eu agora não trato pela brevidade do tempo, e por que são eles tantos, que não há a quem notórios não sejam. Mas só quero trazer-vos à memória os de vossos pais, e entendei que a perseverância de seus ilícitos amores, inda que fundados na honestidade de seus intentos, foi causa do miserável fim que tiveram, pelo que a ambos vos peço e amoesto, com o zelo devido às obrigações que vos tenho, que não ofendais a Deus no que ele ordenou para o servirdes (fl. 287).

Quanto à omniscência do narrador, também ela está patente através de toda a novela. O que uma personagem não sabe sabe-o outra. O segredo é impossível na novela pastoril. A personagem

nunca está sozinha. Quando julga não ser observada ou ouvida por ninguém, lá está sempre um olho indiscreto a vigiar tudo o que acontece ou um ouvido atento a escutar tudo o que diz.

Sozinho vai o pastor pelos campos, normalmente para carpir as suas mágoas e as suas desilusões amorosas, quando não para cumprir um desterro que a amada lhe impusera. Senta-se à beira de uma fonte ou de uma árvore, entra dentro de uma gruta ou de uma caverna, e, tirado o rabel do surrão, põe-se a cantar as suas tristezas. Apenas para as águas, para as árvores, para as aves? — Sim, segundo ele; não, segundo o leitor. Escondido, observando tudo, ouvindo tudo, aprendendo de cor os versos que entoa, lá está um pastor ou um grupo de pastores.

Entre os vários exemplos que poderiam ser aduzidos, escolha-se um ao acaso.

Quando Leurino acaba de cantar chorando, numa sextina, as suas desilusões amorosas, o narrador fala assim: «Aqui deu fim a seu canto o pastor, mas não aos sospiros e lágrimas com que o havia acompanhado. O que, visto dos pastores que atentos o escutavam, sairam donde escondidos estavam» (fl. 34v).

Fechados num quarto, docemente ocupados em colóquios amorosos, estão Lisandro e Claridea. Inobservados? Não: Hermónia, irmã colaça de Claridea, tudo consegue ver e ouvir, para depois os denunciar a Aridante, tio de Claridea e seu noivo à força. É como se noite e dia, a toda a hora e em toda a parte, no nem sempre idílico mundo pastoril, houvesse um enorme olho que tudo vê e uma enorme orelha que tudo escuta.

O carácter omnisciente do narrador reflecte-se também no tom afirmativo — e assertivo — com que a acção é narrada. O modo dubitativo está quase ausente da novela pastoril.

Esclareça-se, porém, que «tom afirmativo» não é sinónimo de tom objectivo. Como se verá no capítulo sobre a mulher e nas palavras que se seguem, a transparência é, por vezes, mais aparente que real, em virtude da presença do ciúme e do recurso à dissimulação, ao disfarce e à intriga.

Pelo que se refere aos eventos dispersos pelas vastas páginas de *A paciência constante,* poder-se-ia afirmar que o leitor se encontra mais no mundo do «nuúmeno» que no do fenómeno. As coisas são, não parecem. Naturalmente que, feita esta afirmação, uma dúvida assalta imediatamente o nosso espírito. Sendo assim, por que é que muito do que acontece, sobretudo os desencon-

tros amorosos, que são quase tantos quantos os pastores que amam, é resultado de mal-entendidos, de equívocos, de falsas percepções, fenómenos tão próprios, aliás, do espírito barroco? É que se trata de duas coisas distintas: uma é a realidade de que o leitor toma conhecimento; outra é a realidade de que as personagens tomam conhecimento. A primeira é transparente e a segunda é opaca. A opacidade resulta da influência do Tempo, da Fortuna, do Amor e da Mudança e de vários outros factores, entre os quais se encontram a dissimulação, o fingimento, a paixão, o ciúme, por partes dos interlocutores do diálogo pastoril, sobretudo na província do namoro e do amor, que é a mais vasta.

Tudo isto está emblematicamente sintetizado naquela passagem em que Marfido e Ismena são conduzidos ao templo do Amor pela mão de Soliza (uma réplica muito modesta da Celestina da obra de título homónimo de Fernando de Rojas, e da Felícia da *Diana* de Montemor). Antes de celebrarem os esponsais, ajoelhados diante do altar do Amor, são Marfido e Ismena exortados por cinco figuras alegóricas: a Fama, a Vontade, a Razão, a Opinião e a Honra.

Como poderá um pobre mortal conciliar as palavras de entidades tão díspares, que representam, na realidade, as forças exteriores e interiores com que o homem tem que se debater a todo o momento? Daí a névoa de dúvida e de incerteza que paira sobre a mente e a onda de sofrimento e de angústia que se espraia pelos corações das personagens que povoam as repúblicas arcádicas e o universo pastoril de *A paciência constante.* O que nos leva a concluir que existe uma serpente *(est anguis in herbis)* no mundo paradisíaco da Arcádia.

7.

# NATUREZA DAS PERSONAGENS

> O romance pastoril [..] é uma forma narrativa marcadamente culta: os pastores, movendo-se numa natureza idealizada ou fabulosa, estão apenas nominalmente ligados à vida pastoril, revelando-se antes como personagens de requintada sensibilidade e cultura [...]
>
> VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA,
> *A estrutura do romance,* Coimbra, 1974.

Como novela pastoril que é, desnecessário é dizer que, por princípio, em *A paciência constante* as personagens são pastores, desempenham os misteres de pastores, comportam-se como pastores, divertem-se como pastores, amam como pastores, isto é, os pastores, consagram o seu amor a donzelas e as pastoras consagram o seu a mancebos, e, ao fazê-lo, obedecem em geral às canónicas leis da cortesia, da honra, da modéstia e da honestidade.

Entretanto, desnecessário é dizer também que quase todos esses pastores o são apenas de nome, de acordo com as convenções do género bucólico, como claramente se depreende das palavras de Aguiar e Silva, transcritas na epígrafe. Por outro lado, várias das personagens de *A paciência constante* são nobres, como já se viu, vivem em casas senhoriais, participam em campanhas bélicas no norte de África, tais como Florismonte e seu irmão Leurismeno, são armados cavaleiros, em recompensa do heroísmo demonstrado nessas campanhas. Outras personagens, antes de abraçarem a vida de pastores, frequentaram as universidades, como é o caso, por exemplo, do protagonista da novela: Mar-

fido. E outras personagens nem sequer chegam a adoptar a vida de pastores. Dá-se isso com o conde Arismaldo, com Arcélio, alcaide do Castelo de Montragil, com Aurélio, «Almirante do Mar», com o conde de Altamira, com Florenda, filha do conde de Ourém.

Finalmente, outras personagens são freiras, de que Lisbea é exemplo.

Observe-se ainda que a presença de personagens alheias ao mundo pastoril é mais uma prova do carácter heterogénio da novela pastoril e da sua natureza híbrida. Ao contrário do que acontece com *L'Arcadia* de Sannazaro, matrix da novela pastoril dos séculos XVI e XVII, *A paciência constante,* assim como a maioria das novelas pastoris que sucederam a *L'Arcadia,* é um misto de novela pastoril, de novela de cavalaria e de novela bizantina, onde não faltam raptos, cenas de violência, tempestades marítimas, casos de falsa identidade, casamentos feitos à força, homens disfarçados de mulheres e mulheres disfarçadas de homens.

Pelo que se refere às personagens relacionadas com a vida pastoril, deveremos distinguir entre as masculinas e as femininas. As primeiras divide-as o narrador em três categorias: maiorais, pastores e zagais; e as segundas divide-as em duas: pastoras e zagalas. O maioral é o dono do rebanho e é normalmente apresentado como rico; o pastor é o encarregado de pastorear o rebanho e de zelar pelo seu bem-estar; o zagal é o ajudante ou substituto do pastor.

Em obediência àquele espírito de hierarquização das pessoas, das coisas e das instituições que preside a toda a novela pastoril, princípio predominante no tempo, em consonância com o código social, o narrador usa com frequência o adjectivo «venerável» para qualificar o maioral.

Sempre que o pastor, em virtude do seu empenho na demanda do amor, sente necessidade de abandonar o rebanho, para ir viver para outras terras ou para se refugiar nos campos, a fim de sozinho melhor poder chorar as suas coitas de amor, vale-se da existência do zagal, sempre disponível para auxiliá-lo e para tomar conta do rebanho. Sirva de exemplo o que sucede a Marfido, quando tem necessidade de, longe dos povoados, dos homens e do rebanho, conversar com o seu «cuidado», e quando se vê condenado aos dois desterros que lhe impõe a amada Gelinda.

Pelo que se refere à zagala, deverá ainda acrescentar-se que outra das suas funções é servir de confidente e intermediária ou «terceira» nos amores da sua pastora.

Se, por último, nos perguntarmos, servindo-nos da nomenclatura de E. M. Forster, se a personagem da novela de Quintano de Vasconcelos é desenhada *(flat)* ou redonda *(round)*, teremos de responder que a personagem desta e das outras novelas pastoris, é, por natureza, desenhada. As análises psicológicas são ainda feitas à base da psicologia racional ou aristotélico-tomista. Os monólogos interiores, a descida aos arcanos da consciência, o *questionamento* existencial, estão ausentes desta novela, assim como o estão das suas congéneres. *La Princesse de Cléves,* (1678), de Madame de La Fayette, pioneira do romance psicológico, ainda estava a muitos anos de distância. O que nos leva a concluir que, mais que diante de personagens, estamos diante de tipos. Os móveis de acção e os objectivos que as diversas personagens se propõem atingir são essencialmente os mesmos para cada uma delas. Daí sentirmo-nos autorizados a afirmar que, em certos aspectos, a única coisa que nos permite distinguir, umas das outras, as personagens típicas da novela é o género e o nome. Traduzido em termos de estrutura novelística, isto significa que a personagem da novela pastoril prima pela sua natureza reduplicativa.

8.

# A MULHER

O primeiro atributo da mulher é a beleza. E como a beleza é amável por si mesma, em conformidade com a doutrina platónica e neoplatónica do amor que reinava no tempo, através dos *Diálogos de Amor* de Leão Hebreu e dos *Assolani* de Bembo, por exemplo, para só nos referirmos a duas obras conhecidas de todos os escritores, segue-se que a mulher é amável: «Desejar o que se ama —disse o pastor— é cousa natural, que assi como o corpo segue a alma, se vai alma trás de amor, e estes efeitos podem proceder só da vista da fermosura que se ama» (fl. 49v); «porque la belleza, dondequiera que está, trae consigo el hacer desear» [40]. Por outro lado, como todas as mulheres da novela pastoril são, por regra, belas, todas elas são potencialmente objecto de desejo amoroso por parte do homem.

Em *A paciência costante,* como em geral em todas as novelas pastoris, não há um único caso de mulher feia. Todas têm o rosto belo, quando não «divino» (fls. 37 e 40v), e a voz angélica e suave, e, por conseguinte, todas apelam, de uma forma irresistível, aos dois sentidos nobres do homem: ao da vista, causa eficiente do acto de enamoramento, e ao do ouvido.

A certeza de que a mulher é bela por natureza leva o narrador a dar relativamente pouca ênfase à descrição pormenorizada dessa beleza. Com a excepção de alguns casos que passamos a

---

[40] Miguel de Cervantes, *La Galatea,* vol. I, Prólogo y Notas de Juan Bautista Avalle-Arce, Madrid, Espasa-Calpe, 1968, p. 200.

referir, o narrador limita-se a dizer que a pastora é «fermosa», ciente de que, com esse único adjectivo omnicompreensivo, diz tudo o que importa saber sobre o retrato físico da mulher.

Vejamos algumas dessas excepções.

Durante o breve período de tempo em que houve entendimento no amor entre Marfido e Gelinda, um dia o «pastor Marfido» foi visto por um grupo de pastores, junto de uma fonte, apropriada e premonitoriamente chamada «Fonte dos Infelices Amantes», a celebrar os divinos encantos da sua amada Gelinda: «rapto no pensamento dos adorados favores que possuía, ao som do seu rabel assi cantou»:

Junto da margem húmida e ervosa
Do cristalino Tera um dia estava
Ũa Ninfa que as deusas afeava,
E era o menos que tinha ser fermosa.

Por que ardesse de amor a ágoa ditosa
Dos pés a neve aos moles beijos dava,
E em tanto aura lasciva se enlaçava
Anreada entre os cabelos e pomposa.

Rindo-se de despojos adornada
Recolhe a praia nos remansos belos
Do sol dos olhos seus vário tesouro.

Florece a erva de seus pés pizada.
E co a cândida mão e áureos cabelos
Dá às flores folha e faz as folhas de ouro

(fl. 64v).

Por meio deste retrato, de uma grande plasticidade a emular o Nascimento de Vénus de Boticelli, o narrador apresenta-nos uma Gelinda mais formosa que as deusas, fazendo dela como que uma divindade totémica. Os quatro elementos recebem dessa Ninfa a sua força vital. De toda ela se desprendem os espíritos de um amor vivificante. Ao contacto da neve dos seus pés, a «ágoa ditosa» arde em amor; os seus cabelos atraem a «aura lasciva»; o brilho dos seus olhos embeleza a praia; ao contacto dos seus pés «florece a erva»; a sua «cândida mão» converte as flores em folhas; e os seus «áureos cabelos» transformam as folhas em ouro.

É como se o narrador, apostado em recriar o mundo edénico, na sua pristina pureza, nos quisesse fazer entrever a Idade de

Ouro, objecto último da demanda da maioria dos pastores de *A paciência constante.*

Numa égloga dialogada, ou em canto amebeu, Ursino e Leobelo cantam, alternadamente, os encantos físicos das amadas, respectivamente Fílis e Ulina. Ursino enaltece os «piquenos pés», a melodia da voz, que faz lembrar a do rouxinol, a brancura do rosto, o vermelho dos lábios, comparando o primeiro ao lírio e os segundos à rosa; Leobelo, por sua vez, elogia os «cabelos de ouro fino», o «céu de seu rosto» e «o divino / Sol dos olhos» da sua amada Ulina (fls. 89-91) [41].

O retrato físico e moral mais completo de uma pastora é feito por Florismonte em louvor da sua amada Lucélia, nos moldes do *topos* do *Ubi sunt,* admiravelmente introduzido pelo «donde» anafórico, presente em sete dos catorze versos. Trata-se de um soneto, que passamos a transcrever na íntegra, à semelhança do que se fez com aquele em que Marfido enaltece a formosura incomparável de Gelinda:

Adonde o rosto docemente esquivo
Está que o coração trás si levava?
Donde as estrelas de que amor tirava
Lume a meus olhos, porque em noite vivo?

Donde o sembrante grave, honesto, altivo,
E a fala que as memórias elevava?
Donde as graças que o céu depositava,
De meus sentidos único motivo?

Donde a sombra gentil da vista bela,
Repouso d'alma em tudo o mais cansada?
Donde a cifra de vários atributos?

Donde as virtudes recolhidas nela?
Ai terra, quanta glória te é roubada
E a meus olhos jamais de pranto enxutos!

(fl. 173) [42].

---

[41] Note-se a insistência nos aspectos que apontam para o ouro na amada de Leobelo. É como se Leobelo («leão belo») tivesse ua amada feita à sua semelhança.

Por sua vez, as imagens usadas por Ursino (de urso) para descrever a sua amada são pedidas emprestadas ao mundo animal e ao mundo vegetal. Isto para dizer que o sentido da simetria e da proporção era uma preocupação constante dos autores daquele tempo.

[42] Como o leitor poderá ver oportunamente, Lucélia, na realidade, não está morta. O que quer dizer que estamos perante um dos vários casos de ironia dramática, uma das características da novela pastoril.

Se repararmos bem, o poeta, pela boca de Florismonte, neste lamento ou epicédio em honra de Lucélia morta, insiste mais nos aspectos gerais que nos particulares. Por outro lado, aos encantos do corpo estão associados os valores ontológicos e éticos. É que a beleza física postula a beleza espiritual. Um corpo belo é santuário de virtudes, em consonância com a doutrina platónica. A cada atributo físico de Lucélia corresponde um atributo espiritual. E cada um desses atributos, por sua vez, produz no amado efeitos virtuosos.

Este fenómeno está também perfeitamente documentado no poema — uma canção petrarquista — em que Marfido, tomando por pretexto a beleza de Ismena, fala da beleza universal da mulher e dos seus efeitos omnipotentes em todos os que a contemplam. É um dos melhores exemplos, em toda a novela, para mostrar que a beleza física na mulher reflecte a beleza espiritual, e para acentuar o princípio de que o homem se eleva a Deus através da contemplação da beleza universal, compendiada ou cifrada, para nos servirmos de um termo tantas vezes usado pelo autor, na mulher, na sua qualidade de «mundo piqueno» ou microcosmo:

Feminil fermosura,
Sujeito, alto e profundo,
Que a quem te fez levanta o pensamento,
Ornato e compostura
Do mundo, e de outro mundo
Piqueno luz, amor, contentamento:
Acorde musical, raro instrumento,
Que de palavras tem cordas divinas,
E causam dilatadas
Em graças e virtudes apertadas
Nas almas consonâncias peregrinas,
Cadea da vontade;
Senhora do alvedrio e liberdade

(fl. 159v).

Porém, como se depreende dos dois últimos versos, a contemplação da beleza da mulher poderá causar no homem efeitos perniciosos, se não for vista à luz da doutrina cristã, à imitação,

por exemplo, da lição de Dante na *Vita nouva* ou de Petrarca no *Canzoniere*. Arrebatado nos encantos irresistíveis da mulher, o homem pode perder a vontade, o «alvedrio e liberdade.» É como se o narrador quisesse chamar a nossa atenção, por meio de uma espécie de jogo de espelhos, para o dualismo paulino presente nas coisas e nas pessoas, o que é uma das características do mundo barroco.

Para exemplificar esses efeitos perniciosos que a «feminil fermosura» poderá causar no homem, recorre Marfido, num longo e bem documentado discurso, às lições da mitologia e da história: pela beleza de uma mulher renunciou Hércules aos seus feitos épicos, vestindo-se de mulher e fazendo-se fiandeira; pela beleza de uma mulher, veio Júpiter várias vezes à terra, disfarçado de homem ou de animal; pela beleza de uma mulher, desceu Orfeu aos infernos; pela beleza de uma mulher ficou António privado «Do império do mundo a que aspirava» (fls. 159v-161).

Dotada das armas omnipotentes da formosura, pode a mulher tratar o homem com a mais requintada crueldade e sujeitá-lo a toda a casta de provações, ciente de que ele nunca deixará de viver diante dela prostado em adoração. Num soneto em que Liceno lamenta que Floridora não corresonda ao seu amor, expressa-se desta maneira:

Declara-me, feroz tigre humanada
(Assi teu gado em frescos prados paste),
Em que montanha oculta te criaste
E a fera de que ali foste adoptada.

Ou se em árvore rústica encerrada
De venenoso humor te alimentaste,
E o ser proterva e dura reservaste
Entre esterpes e troncos conservada.

Ou se a beleza natural vencida
De pedra te formou a natureza
Com nova e exemplar rara escultura.

Oh, ninfa não, mas fera embravecida,
Oh, fera não, mas tronco de aspereza,
Oh, tronco não, mas pedra fria e dura

(fl. 18-18v).

Dentro da cadeia dos seres, a mulher, neste soneto de recorte barroco, em moldes de distributivo-recolectivo, é hierarquicamente apresentada, em escala descendente, como animal, como vegetal e como mineral. E, por sua vez, dentro de cada um desses três reinos tradicionais, a mulher é comparada com a espécie hierarquicamente mais baixa: animal selvagem, planta brava e mineral duro. Não nos esqueçamos que, desde tempos imemoriais, tudo quanto existia no universo, desde Deus incriado ao mais humilde dos minerais, ocupava um lugar muito bem determinado e definido, numa hierarquia científica, ontológica e eticamente definida [43].

Ao contrário do que acontece com o homem, em que, por regra, predomina a inteireza de carácter e uma personalidade vertical, em geral, a mulher de *A paciência constante,* salvas as excepções da praxe, caracteriza-se pela crueldade, pelo espírito de vingança, pela dissimulação, pela astúcia e pela inconstância.

Primeiro, e apenas a título de exemplo (falta de espaço não nos permite tratar o tema em pormenor), vamos apresentar alguns casos em que são visíveis estes defeitos na mulher. Seguidamente, procuraremos encontrar uma explicação para esse tratamento da mulher, por parte do autor.

Daristo, para de qualquer maneira ajudar a mitigar as penas que amarguravam a vida de sua prima Floridora, acompanhava-a às vezes pelos campos, onde ambos iam à caça. Ao tomar conhecimento disso, a noiva de Daristo, Alcida, dando asas à imaginação e guarida ao ciúme, imediatamente supõe o pior: que tal comportamento levaria ao casamento entre Floridora e Daristo. E porque isso pensava, decide vingar-se, casando-se com o homem mais feio da literatura pastoril de que nos foi dado tomar conhecimento: «Na nossa aldea reside um pastor chamado Orbante, e por sua disformidade o Disforme, de tão bruto parecer nas feições do rosto, que deficultosamente igualaras, se o vires, a admiração com os defeitos da natureza, e julgarás que foi com ele cruel e não descuidada» (fl. 143v). E por mais meia página descreve o narrador em pormenor a «disformidade» monstruosa de Orbante.

---

[43] Sobre este assunto, veja-se E. M. W. Tillyard, *The Elizabethan World Picture. A Study of the Idea of Order in the Age of Shakespeare, Donne and Milton,* Nova Iorque, Random House, s. d.

Esse inaudito acto de vingança leva Daristo a chamar a Alcida —e com boa razão, no entender do narrador— «mulher inconstante, mal considerada e paradeiro de desconfianças e suspeitas» (fl. 143), tendo chegado ao ponto de realizar «o mais raro modo de vingança que podera imaginar-se» (fl. 143v).

Rosarte está apaixonado por uma donzela nobre chamada Lisdora. Mas Lisdora, por sua vez, ama Florismonte, que ama Lucélia [44]. Florismonte propõe a Lisdora, por intermédio de uma amiga comum, um encontro de noite. Tendo Lisdora anuído a essa proposta, Florismonte, determinado a ajudar Rosarte nos seus amores com Lisdora, providencia para que Rosarte o substitua no encontro. Ao dar-se conta do engano de que fora vítima, Lisdora dissimula e prepara a vingança. Depois de ter dito ao irmão, Selardo, que a sua irmã Angeliza falava com um estranho de noite, propôs mais um encontro com Rosarte, tendo ao mesmo tempo avisado o irmão do lugar e da hora. Selardo, alertado sobre o caso, pede a ajuda de um amigo chamado Laurismeno — por sinal irmão de Florismonte, embora ainda não saiba que o é, o mesmo sucedendo com Florismonte. No momento em que Rosarte, Florismonte e Célio, pajem de Florismonte, se vão a aproximar da janela onde Rosarte devia encontrar-se com Lisdora, vêem-se atacados de surpresa por Selardo e Laurismeno. E tudo isto aconteceu porque Lisdora era mestra na dissimulação e feroz na vingança, o que não é para estranhar, uma vez que é a «dissimulação tão natural nas mulheres» e que «as mulheres na vingança de seus agravos não podem comportar a dilação» (fl. 190), como acaba por concluir Florismonte, narrador deste episódio.

Pelo que diz respeito à astúcia das mulheres, o caso mais típico da novela é o de Soliza, preceptora e guarda de Ismena. Ao ver que Marfido tem todos os predicados para vir a ser o esposo ideal de Ismena, Soliza recorre aos mais variados estratagemas para levar Marfido a amar Ismena. A falta de cooperação de Marfido, em virtude do seu amor por Gelinda e da cons-

---

[44] Como pode ver-se, nesta novela pastoril, como, em geral, nas outras, estão bem presentes a letra e o espírito da «Quadrilha» de Carlos Drumond de Andrade.

Existe uma passagem que poderia parafrasear-se assim: Liriandro amava Florida que amava Liceno que amava Amaranta que amava Liriandro.

tante fidelidade a esse amor, de forma alguma a faz desanimar. Quando um estratagema falha, lança imediatamente mão de outro. O mais eficiente é aquele em que a honra de Ismena é posta em causa. Aconteceu isso num dia em que Ismena e Soliza se encontravam no campo, a guardar ovelhas. Quando vê que Marfido se encaminha para o lugar em que estavam, sem saber que aí se encontra alguém, Soliza afasta-se muito sorrateiramente e deixa Ismena sozinha, a dormir. Perante tanta beleza, Marfido ficou fascinado. Oscilando entre o amor não correspondido de Gelinda e os encantos irresistíveis de Ismena, Marfido decidiu acordar a pastora. E aqui se dá fenómeno idêntico, só que ao revés, ao que se tinha dado por ocasião do início do enamoramento entre Marfido e Gelinda. Para despertar Ismena, Marfido toca-lhe na mão. Ismena, por sua vez, sonhava «que, estando no campo com o rebanho de suas ovelhas, vinha um lobo, o qual, querendo levar na boca um cordeiro, ela, disto magoada, punha diante para defendê-lo o seu cajado, e que o lobo entre os agudos dentes lhe levava a branca mão, e como neste instante Marfido lhe travasse dela, dizendo: —Ah pastora! — ela se levantou toda sobressaltada» (fls. 206-206v). Ao ver-se em tal situação, Ismena, olhou à sua volta e não viu Soliza. Chamou por ela, mas esta fez-se surda. Pediu então a Marfido que fosse procurá-la. Marfido a sair e Daristo, Florismonte, Floridora e Cilícia a chegarem. Perante tal espectáculo, todos «entenderam que [Marfido e Ismena] eram amantes» (fl. 208), o que profundamente magoou Ismena, por ver que a sua honestidade e a sua honra tinham sido postas em perigo.

E aqui temos nós uma breve amostra dos dotes físicos e morais da mulher, dos efeitos da sua beleza no homem que a contempla, dos processos a que recorre para captar as atenções do homem e conquistar o seu amor, dos meios utilizados para defender a sua honra e a sua castidade.

# 9.

# DEBATES FILOSÓFICOS, ÉTICOS E ASCÉTICOS

> Não estranheis, logo, ouvir rústicos filósofos e avisados aldeãos, que o que representa na comédia a figura de rei não o pode parecer em tudo, nem o cortesão representar em tudo a natureza do lavrador. E assi como na arte de pintar representam as cores diferentes o natural de ũa figura e a forma dela, a sustância e a atenção para que foi figurada, que é a parte principal da obra, assi o que nesta minha não parecer que representa o modo dos pastores com a viveza e termo que convém atribuir ao intento, que é mostrar, debaixo de seu burel e com suas palavras, a condição dos vícios e o sossego das virtudes.
>
> FRANCISCO RODRIGUES LOBO,
> *Églogas,* «Discurso sobre a vida e estilo dos pastores»,
> Lisboa, Imprensa Nacional, 1964, p. XII.

Dentro de uma prática literária comum no Renascimento e que se manifesta, por exemplo, tanto em obras de natureza essencialmente moralista e didáctica, tais como *Il Libro del Cortegiano,* de Castiglione, e a *Corte na Aldeia,* de Rodrigues Lobo, como em obras de natureza essencialmente fictícia, tais como *Los Siete Libros de la Diana,* de Montemor, *Pantagruel,* de Rabelais e *Dom Quixote,* de Cervantes, e em obras poéticas, sobretudo as epístolas de cunho horaciano, também *A paciência constante* de Quintano de Vasconcelos abunda em excursos —e discursos— e debates de carácter filosófico, ético e ascético.

Para ressalvar a verosimilhança e para afastar da mente do leitor quaisquer dúvidas sobre a competência de determinada per-

sonagem para discorrer academicamente sobre temas dessa natureza, tem o autor o cuidado de substituir a máscara do pastor ou do pescador pela do intelectual ou pela do fidalgo, sempre que as circunstâncias o postulam. Assim acontece, por exemplo, quando Liriandro, depois de insistentemente pressionado por todos, se propõe fazer um ataque cerrado, em termos altamente eloquentes, contra o amor e os seus malefícios, em debate público com Marfido, o qual, por sua vez, virá a fazer a apologia do amor.

Como Liriandro, «o desamorado», na sua qualidade de pastor e caçador por nascimento e por profissão, não tinha frequentado as universidades e as academias, ao contrário do que sucedera com o seu contendor (fl. 4), é natural que se sinta incompetente para perorar sobre assunto tão elevado e complexo (fls. 8-9). Mas forçado ao certame por insistência de todos, sobretudo da pastora e caçadora Floridora, como ele «desamorada» e inimiga do amor, recorre Liriandro ao «sábio Alionte», que tinha feito estudos universitários, para que lhe escreva o discurso apropriado:

> Ele [Liriandro], a quem sua montesinha criação não concedeu poder disputar em caso semelhante, com a eloquência que ao entendimento e partes de Marfido se devia, como o tivesse claro e natural, temeu sua vergonha e envergonhou-se de ficar vencido. E assi lembrado do sábio Alionte que, despois de cursar as escolas muito tempo, o qual era seu parente, e considerando que em suas letras podia achar a erudição de que ele carecia, propôs se adiasse o debate, para que Alionte tivesse tempo de lhe escrever o discurso (fl. 9v).

Desta forma procura o narrador salvaguardar a verosimilhança e justificar-se perante o leitor da profundidade e da eloquência com que duas das suas personagens debatem em público uma questão tão grave e transcendente como é a da natureza do amor e a das suas causas e a dos seus efeitos [45].

---

[45] Como o amor, nos seus mais diversos aspectos, está praticamente na base de quase tudo quanto acontece no decorrer das longas e densas páginas da novela, o autor teve o cuidado de o apresentar em termos filosóficos logo no início da obra. É como se quisesse dizer ao leitor que o drama que vai ser vivido pelas personagens se encontra resumido nesses dois discursos, que, aliás, virão a ser quase reduplicados em mais de uma ocasião.

Além da longa e tremenda catilinária contra o amor, pronunciada por Liriandro, ou homem dos lírios (fls. 19-25), e da calorosa apologia do amor, feita por Marfido (fls. 53v-58), em resposta a Liriandro, encontram-se ainda na novela outros discursos solenes, sobre matérias importantes, recheados de erudição e elaborados de acordo com as leis da retórica do tempo. Vejamos alguns deles.

Em conversa amena, vão um dia andando pelos campos Marfido e Daristo, quando, de repente, se aproxima deles uma zagala para lhes pedir que tomem a seu cargo a defesa de umas pastoras, injustamente ofendidas na sua honra por um grupo de pastores. Numa atitude cavalheiresca —e cavaleiresca—, na tradição das novelas de cavalaria, apenas com a diferença de que a luta com armas é substituída pela luta com palavras, Marfido, ainda que relutantemente (e com muito boa razão), toma sobre si a incumbência dessa defesa. É que, ironicamente, acontece isso precisamente no dia em que ele, que se considera vítima inocente de uma «fera humana», Gelinda, acaba de impedir que um jovem pastor, Daristo, se enforque (fl. 140v), por ter sido traído perfidamente por uma mulher de quem estava noivo —Alcida—, a qual, num acto gratuito de vingança, decide preteri-lo e casar com um pastor mais rico do que ele, mas, como já se viu, de tal maneira disforme, que tem mais de monstro que de homem (fl. 143v). Porém, como *noblesse oblige,* Marfido não pode deixar de aceder ao pedido de ajuda, por parte de donzelas em necessidade.

Recorrendo à autoridade da Sagrada Escritura, da história e da mitologia, à maneira dos ascetas e dos pregadores do tempo, faz a mais rasgada apologia da mulher, começando por Eva e acabando por aquela «Portuguesa Sigeia, tão docta em muitas línguas e artes, que escreveu ũa carta ao Papa Paulo III nas línguas Latina, Grega, Hebraica, Caldea e Arábiga e ele lhe respondeu e concedeu muitas graças» (fls. 146-150).

Assentando a estrutura básica de toda a literatura de carácter bucólico na defesa da vida harmoniosa, simples e saudável do campo, em oposição à vida agitada, confusa e corrupta da corte e da cidade (tudo dentro da letra e do espírito do *topos* do *Beatus Ille* de Horácio), natural é que uma das orações mais sublimes da novela seja a que Silvano, homem dos bosques (repare-se na propriedade do nome), pronuncia por ocasião de

uma ceia, oferecida por um grupo de pastores (fls. 161v-164), e caracterizada obviamente por uma frugalidade franciscana. À guisa de corolário, condena-se a gula, condena-se o excesso do vinho, tão fértil — como, segundo o rústico orador, o provam a Sagrada Escritura, a história e a mitologia — em toda a espécie de crimes e desmandos, desde a negligência no governo da república até ao pecado da murmuração [46].

Interessante é notar também que, à maneira do *Banquete*, de Platão, terminado o discurso do anfitrião, Silvano, todos os comensais participam na discussão.

Mas os discursos de carácter filosófico, ético e ascético, disseminados pelas densas páginas da novela, não ficam por aqui.

Certo dia, ao cair da tarde, Florismonte e seus companheiros deparam com um pescador que, à beira de um rio, narra alegoricamente a história dos seus amores infelizes, cantando ao som de uma viola uma canção sobre Hero e Leandro (fls. 237-239), figuras topológicas da infelicidade no amor. Em nome do princípio da hospitalidade, que reina soberano entre os pastores e os pescadores, o jovem pescador, Morgante, convida-os a passar a noite na «pobre estância de sua choça» (fl. 239). «E ferindo fogo com o fusil e pederneira, de que provido estava, acendeu despois o que foi bastante para cozer alguns peixes, com que os agasalhou alegremente. E, terminada a cea, lhe disse: — Pastores, eu estimara fazer-vos muitos regalos, se desta probreza minha não ficastes satisfeitos, que, quanto a mi, eu vivo tão contente com ela, que não apeteço nem procuro mor bem que conservá-la» (fl. 239).

E assim, com esta espécie de preâmbulo indirecto, dá Morgante início a um bem documentado discurso sobre os benefícios da pobreza e os malefícios da riqueza, mãe, segundo ele, de praticamente todos os pecados capitais, entre os quais são especificamente mencionados a «avareza, soberba, gula e luxúria» (fl. 241).

---

[46] Gostaria de chamar a atenção para uma prática comum na época, no campo da argumentação, como se pode ver, provavelmente melhor que em nenhuma outra obra de grande valor literário, na *Imagem da Vida Cristã*, de Fr. Heitor Pinto. Assim como há uma hierarquia rígida na cadeia do ser, assim há também uma hierarquia rígida na cadeia das provas apresentadas na defesa de uma tese.

Certo dia Marfido, no seu eterno peregrinar pelos campos, vai ter à beira de uma espelunca, escondida no meio de uma natureza emblematicamente selvagem, bela e majestosa. Quando menos esperava,

> viu entrar da espessura no maravilhoso prado um mancebo de gentil disposição. Cubria o corpo com as peles de dous veados cosidos de modo que lhe serviam de túnica, apertado com ũa correa pela cinta, da qual lhe pendia um grande e largo cutelo; trazia na cabeça ũa monteira feita de outra pele, por baixo da qual se descubriam os seus cabelos feitos em anéis, que os de fino ouro invejavam. Trazia na mão direita um dardo de agudo ferro, e outro sobre o ombro, do qual lhe pendiam dous coelhos, e os quartos e pele de um gamo que matara, e deste modo vinha com tão bizarro continente, que Adónis, Acteon e o divino Apolo, quando habitavam as selvas, o invejaram (fls. 102-102v).

Repare-se na harmonia perfeita entre o *habitat* e o seu habitante. No seio de um «maravilhoso prado» vive um selvagem tão bom e tão nobre e tão belo, que o narrador, depois de no-lo apresentar em termos superlativos, só lhe encontra paralelo em três das entidades emblematicamente mais belas do mundo mitológico: Adónis, Acteon e «o divino» Apolo. Pois é dos lábios desse homem da caverna que o narrador faz brotar um eloquentíssimo discurso em louvor da vida solitária (fls. 102-104).

À vista de uma natureza tão encantadora e tão majestosa e de um homem fisicamente tão perfeito, tão seguro de si mesmo e tão satisfeito com o seu estilo de vida, não será difícil a Marfido concordar com tão rasgado panegírico em honra da vida solitária, que tanto nos faz lembrar a famosa ode de Fray Luis de León à «Vida retirada».

Muito habilidosamente, o narrador já começara a preparar o leitor para acolher também com benegnidade esses eloquentíssimos e irrefutáveis argumentos em prol da vida solitária, com a apresentação do cenário que vai ser palco dessa dissertação.

Vejamos apenas, a título de exemplo, uma pequena amostra desse cenário:

> Era a espessa multidão destes penhascos sem arte ou proporção com tanta conveniência encadeada, que uns sobre os outros procedendo divididos, aqui e ali, fechados, vinham ajuntando-se no remate deste ameno vale, e, misturados e unidos, fazia deles o artífice soberano ũa abóbeda que toda a arquitectura aventajava, e não lhe faltavam pinturas, porque vestida estava de musgo que em diferentes cores se partia. Subiam do escabroso alicerce deste raro edifício (à porfia amando aquelas pedras que também se amavam) hera branca, hera negra, e a de miúdas folhas, e a vide selvage cheia de flores moradas, dilatando seus ramos, e em tão duro assento descansando (fl. 99v).

As alusões ao «modus amandi» de alguns espécimes do mundo mineral e do mundo vegetal, na tradição ovidiana, são como que um discurso indirecto para reforçar o ambiente ideal para a vida solitária. Das imagens arquitectónicas e pictóricas e decorativas da mansão do solitário, fabricada pelas sábias mãos da natureza, passa o narrador para as imagens que descrevem o conúbio perfeito entre os elementos dos reinos mineral e vegetal que rodeiam o «bom selvagem» [47].

E para que também aqui se observassem as leis da verosimilhança, o orador convidado a tecer os encantos da vida solitária chama-se Florismonte, nome cujo significado etimológico e simbólico, no contexto da novela, não podia ser mais apropriado, como já se viu noutra parte.

Existe na novela um longo poema narrativo em que o venerável Alceo conta a história da «Fonte dos Infelices Amantes» (fls. 65-74 e 76v-85) [48].

---

[47] Note-se a referência à questão topológica sobe o confronto das obras da natureza com as da arte. Quase todas as novelas pastoris tratam esse motivo.

[48] Ao encarregar o «venerável» Alceo de contar essa história de amores e encantamentos à mistura, o autor está também aqui a obedecer a uma convenção do género pastoril, e também cavaleiresco: a de escolher para narradores de acontecimentos desta natureza, ninfas, magas, «sábios», videntes.

Como na origem dos acontecimentos que levam à morte trágica das quatro personagens da história está a prática da magia negra, por uma dessas personagens, Arténio, julga o narrador dever aproveitar a oportunidade para resumir a história das artes mágicas e para condenar peremptoriamente a sua prática (fls. 85v-87) [49].

Ao que fica dito acrescentaremos apenas que nas obras dos grandes ascetas do tempo (entre nós Frei Heitor Pinto e Amador Arraes, por exemplo) não se encontram discursos mais convincentes em condenação ou vitupério deste ou daquele vício e em defesa ou louvor desta ou daquela virtude. Como era da praxe, segundo as leis da retórica do tempo, apresentado o estado da questão, definidos os termos, expostas e refutadas as opiniões dos adversários, passa o orador (temos que assim chamá-lo, uma vez que como orador se porta) a provar o seu ponto de vista, recorrendo, como também lhe ensinava a arte da retórica, às autoridades, normalmente hierarquizadas, como já se disse anteriormente, em nota, indo, portanto, desde a Bíblia aos escritores pagãos, passando pela mitologia, alegoricamente interpretada, naturalmente, em conformidade também com o espírito do tempo. (Diga-se, entre parêntesis, que, numa época em que a vigilância da Inquisição era tão intensa que levava os autores a escrever novelas pastoris *a lo divino* ou a «traduzir» a *lo divino* poemas de poetas renascentistas, como acontece, por exemplo, com Garcilaso ou Montemor, Quintano de Vasconcelos chega ao ponto de querer ser mais papista que o papa. Daí, por exemplo, as escassas alusões mitológicas terem essencialmente por função embelezar o estilo e servir de símbolo ou de emblema. Fora disso, a mitologia é sumariamente condenada) [50].

---

[49] Numa época em que a Igreja vigiava de muito perto, sobretudo por meio da Inquisição, a prática religiosa dos indivíduos e das instituições, não parece descabido encontrarem-se referências desta natureza numa obra de ficção. É que, assim como, de acordo com D. Francisco Manuel de Melo, havia a boa Kabala e a má Kabala, assim havia também a boa magia e a má magia, ou seja, respectivamente, a magia branca e a magia negra.

[50] Quanto ao significado último das fábulas mitológicas, na boca dos filósofos e escritores pagãos, segundo o autor de *A paciência constante,* há na novela uma passagem extremamente importante, em nosso entender, na medida em que pode ajudar-nos a aceitar que, ao contrário do que alguns pensam e dizem,

Para concluir estas breves considerações sobre os discursos filosóficos, éticos e ascéticos de *A paciência constante,* acrescentaremos apenas que aspecto importante a ter também em conta é que o autor se serve unicamente das personagens masculinas para pronunciarem todos os discursos em questão. O que quer dizer que estamos perante mais um *topos* da literatura do género bucólico. À mulher dos séculos XVI e XVII era defeso o foro e a cátedra e a parenética. Como a Felícia da *Diana* de Montemor e da *Diana Enamorada* de Gil Polo é maga, na tradição religiosa e literária das pitonisas e das sibilas, a sua actuação deverá ser vista como topológica e não como uma excepção à regra.

---

as alusões mitológicas em obras literárias do tempo, como, por exemplo, em *Os Lusíadas,* de Camões, são algo mais que meras decorações estilísticas. Essa passagem faz parte do discurso em que Liriandro ataca o Amor:

> Deram-lhe [ao Amor] o nome de Deus, porque seus efeitos excedem todo o curso ordinário, e são dignos de espanto, e maravilha, e, sendo eles todos encaminhados a total dano dos homens, desconvenientemente lhe era esta preeminência. Mas os antigos poetas, considerando a rudeza dos homens de seus tempos, e quão apartados viviam da polícia humana e racional, inventaram as fábulas e debaixo do velame delas, assi como debaixo de vidro transparente, encubriram as verdades que ensinar-lhe pretendiam, e assi, deleitando-os, pouco e pouco os reduziam a melhor vida (fl. 20).

As últimas linhas são uma clara alusão à dupla função horaciana da arte: ensinar e deleitar.

Sobre o significado dos mitos por essa época, veja-se, entre outros, Edgar Wind, *Pagan Mysteries in the Renaissance,* Nova Iorque, W. W. Norton & Company, 1968.

## 10.

# JUSTIÇA POÉTICA

Por princípio, a acção romanesca consiste na passagem de uma ou mais situações de equilíbrio para uma ou mais situações de desequilíbrio, ou vice-versa.

No caso particular da novela pastoril, a situação de equilíbrio mais comum à personagem é a da inocência ou a do desconhecimento do amor. Enquanto não é visitado pelo vírus do amor, o pastor é feliz. Perder a inocência, conhecer o amor equivale a comer o fruto proibido e, portanto, à expulsão do paraíso, à privação das delícias do mundo edénico.

Como exemplo da matemorfose que se opera nas personagens que se iniciam no amor poderíamos transcrever um soneto cantado por Foridora, «por mostrar a Liriandro que era amiga só de enemigos de amor»:

Preciosa inestimável liberdade,
Cara e divina prenda do alvedrio,
Luz, ornamento, graça e atavio
D'alma, imortal tesouro da vontade;

Caminho claro, fiel seguridade
Do entendimento, paz, honesto brio,
E segurança do ânimo, desvio
Do medo vil, da atroz temeridade;

Perde-te o triste que de amor perdido
Seus efeitos imita, cego tendo
Por bem seu mal, voando no cuidado,

Com asas de sospiros, nu vivendo
De alegria. Ó repouso do sentido,
Tu só na vida és felice estado

(fl. 18v).

Correspondido e realizado no casamento, o amor leva a uma situação de equilíbrio, como a uma situação de equilíbrio leva também a superação do amor, através do desengano ou da entrada da pastora para um templo de Diana, metáfora para convento, sendo os dois últimos fenómenos quase inexistentes em *A paciência constante,* ao contrário do que sucede noutras novelas pastoris, uma vez que a demanda das demandas, tanto por parte do homem como por parte da mulher, é o amor.

E é do conceito de demanda que podemos passar para o de justiça poética, a qual consiste, essencialmente, na obra literária, no prémio da virtude e no castigo do vício [51].

Quando, na realização dessa demanda, se transgridem as normas do código por que se rege a sociedade pastoril, impõe-se a aplicação de uma pena ao transgressor. Tendo a todo o momento diante dos olhos as normas desse código (não nos esqueçamos — repete-se mais uma vez — que estávamos no tempo do *Cortegiano,* de Castiglione, e da *Corte da Aldeia,* de Rodrigues Lobo, numa época em que tudo estava metafísica, ética e esteticamente codificado e hierarquizado), o narrador nem por um instante se esquece de premiar ou de condenar as personagens pelas virtudes praticadas ou pelas transgressões levadas a cabo, tendo, porém, sempre presente na mente todas as espécies de circunstâncias atenuantes ou agravantes, sendo geralmente as circunstâncias atenuantes o resultado directo ou indirecto de três forças muito poderosas: o amor, o fado ou fortuna e o tempo, cujo corolário fundamental é a mudança [52].

---

[51] William Flint Thrall and Addison, *A Handbook to Literature.* Revised and Enlarged by C. Hugh Holman, Nova Iorque, The Odyssey Press, 1960, pp. 362-363.

[52] Entre os vários exemplos que se poderiam aduzir sobre a influência destas forças todo-poderosas, vamos referir apenas uma breve passagem do reencontro de Leureno e de Napécia:

> — Ai fortuna mudável, amor tirano e cruel, em tantas mudanças, em tantas sem-razões! Eu só, para meu mal, firme e seguro?
> — Mudável não, Leurino — disse então Napécia. Nem tem poder o tempo e a fortuna para que meu amor tenha mudança, se bem o tiveram para me fazer tão desditosa (fl. 169v).

Como lhe impunha a doutrina da Igreja, o autor não deixa de acentuar que essas forças esbarram contra o livre arbítrio. Embora enfraquecido por elas, é sempre a ele que cabe a última palavra em qualquer decisão tomada ou a tomar.

Se dos princípios gerais descermos aos casos concretos e particulares, facilmente notamos que o autor é extremamente generoso na aplicação das sanções. Exemplifiquemos com dois casos.

Soliza, aia de Ismena, depois de ter percorrido quase todos os meandros celestinescos, para levar Marfido a amar Ismena, tendo chegado ao ponto de pôr em perigo a honestidade e a honra da sua senhora (fl. 206v), dois dos tesouros mais caros às donzelas de *A paciência constante,* vem a obter a absolvição total, por parte de Ismena, unicamente porque soube chorar no momento oportuno as lágrimas da praxe (fl. 214v). É a aplicação do princípio de que para o arrependido existe sempre a possibilidade do perdão.

Vejamos agora o segundo exemplo. Durante muito tempo, Hermónia, irmã colaça de Claridea, tivera quase a exclusividade da confidência e amizade dela. A partir do momento em que Claridea lhe retira essa exclusividade, a favor de Lisandro, disfarçado de mulher, sob o nome de Leoneza, Hermónia, devorada pelo ciúme, denuncia a intimidade entre Lisandro e Claridea (fls. 287-287v). Como resultado dessa denúncia, Aridante, tio e noivo de Claridea, contra a vontade desta, encarcerou a sobrinha numa torre inacessível, o que causou a infelicidade dela e a do seu amado Lisandro. Pois bem: tal como sucedera com Soliza, também a Hermónia bastaram umas lágrimas bem choradas para obter o perdão de Claridea (fl. 294v).

O caso mais eloquente de justiça poética encontra-se na história dos «Infelices Amantes». A história termina com a morte de todas as personagens e com a sua metamorfose: Arténio é convertido em pedra, Briseida em fonte, Alexandre em ulmeiro, e Leonido em freixo.

Depois de Alceu ter acabado de contar a história, num longo poema narrativo, passam os ouvintes a fazer considerações sobre os malefícios da prática da magia, a que Arténio tinha recorrido:

> — Assi é sem dúvida —disse Marfido—, porque entre os sucessos que por desastrados devem sentir-se, os sucedidos por amor merecem o primeiro lugar do sentimento, porque são seus efeitos tão casados com nossa alma, que não entendo nem há entender-se o que se es-

conde nesta paixão, que mais facilmente quando acha mais resistência atropela nosso entendimento e rende nossa vontade.

Liceno disse então:

— Eu, Marfido, o mesmo sinto dos infelices amantes, mas de Arténio te digo que qualquer castigo não poderá igualar-se com a culpa da sua maldade, pois presumiu temerária e neciamente contrastar e impedir o que lhe parecia que tinha o céu ordenado, erro que não pode caber no entendimento, senão transtornado da diabólica malícia, como devem ser todos os que em tal ciência [a magia negra] ou ignorância se ocupam (fls. 85-86).

Onde a justiça poética é mais patente, e, portanto, onde o narrador é mais explícito na condenação ou absolvição dos prevaricadores, com a serenidade olímpica do mais salomónico dos juizes, é naquelas passagens em que filosofa sobre o amor e sobre algumas das virtudes cardeais e dos pecados capitais, aspecto indirectamente estudado no capítulo intitulado «Debates filosóficos, éticos e ascéticos».

Pelo que se refere às personagens, talvez o caso mais flagrante de justiça poética seja o que diz respeito ao protagonista da novela: Marfido. Praticamente, da primeira à última página, passeia Marfido a sua tristeza, as suas penas de amor, a sua incurável melancolia [53]. Se o sol da felicidade parece raiar por uns momentos no horizonte da sua vida, como acontece por ocasião dos esponsais com Ismena, no Templo do Amor, é para pôr em evidência o rigor com que o amor, o fado e o tempo o tratam. Infeliz vemos Marfido no princípio da novela; infeliz o vemos no fim.

---

[53] A título de exemplo da tristeza que enche os dias e as noites de Marfido, vamos citar uma passagem daquele episódio em que ele, à imitação dos cavaleiros andantes, defende heroicamente, por meio de um eloquente discurso, umas pastoras injustamente ofendidas na sua honra:

> Outros estavam na companhia que se prezavam de músicos, mas desejando todos ouvir a Marfido, particularmente as pastoras que afeiçoadas lhe estavam pela cortesia que com elas usara defendendo seu partido, lhe rogaram que cantasse, o que ele fez sem esperar muitos

Sob este aspecto, vale a pena chamar a atenção para a estrutura circular da novela, em base ao comportamento de Marfido.

A primeira vez que deparamos com ele, vemo-lo engolfar-se pela noite dentro, após uma breve aparição entre os pastores:

> Assi cantava Marfido, tão entregue a seu cuidado que, sem saber por donde, se achou no mais espesso de aquele arvoredo. Alumiava Cíntia as selvas e Marfido, que bem sabia a terra, e mais a solidão o agradava, veio a dar nũa fonte, que no íntimo de ũa pedra mostrava ter nacimento, e um ulmeiro de ũa parte e da outra um freixo cubriam de maneira que podera imaginar-se que as Napeas nela se banhavam. Ali passou a maior parte da noite conversando com o seu cuidado (fls. 10v-11).

E a última vez que o vemos — que é nas últimas páginas da novela — é a embrenhar-se também sozinho na solidão da noite, depois de ter entoado uma ode triste ao apartamento definitivo da sua impossível amada Gelinda:

> Tinha-se escondido o claro sol debaixo do Orizonte, e de vários arrebóis coroado parecia o vespertino Crepúsculo: a clara estrela de Vénus (crónica aparecendo) com puras luzes dilatava o dia, e a contraposta noite,

---

rogos, porém com mostras de tristeza e de que cantava por obedecê-los, dizendo estes versos:

> Vinde, meu mal esquivo,
> Manifestai-vos neste triste canto,
> Que, se convosco vivo,
> Morro sentindo tanto,
> Que lágrimas não há para meu pranto
>
> (fl. 151v).

A tristeza que permeia toda a lira poderia resumir-se neste verso: «Chorar a vida donde canto a morte» (fl. 152v).

> saindo de sua gruta, começava a mostrar-se aos fundos vales, quando o pastor Marfido, vendo que Gelinda de todo se apartava, converteu em sospiros a voz, cujo acento lastimoso a ela chegando, lhe fez virar o rosto àquela parte. Mas, de todo escondida, deixou o seu pastor em noite escura (fl. 301 e último).

Como se vê, a situação de desequilíbrio em que Marfido se encontra no prólogo é também aquela em que se encontra no epílogo. E por quê? Por ser infiel àquele amor de que ele faz a mais convincente das apologias, em termos académicos, mas que ele ofende, constantemente, em termos práticos?

Enamorado de Natónia, dela se despede, jurando amor eterno (a história dessa comovente despedida é narrada por uma ninfa, no segundo mais longo poema da novela) [54]. Longe de Natónia, dir-se-ia que nem dela se lembra, pela maneira como se comporta. Um dia é encontrado a dormir pela caçadora Gelinda, junto à «Fonte dos Infelices Amantes», cuja função principal poderá ser a de servir —repete-se— de premonição dos «infelices amantes» Marfido e Gelinda.

Em obediência ao princípio do amor à primeira vista, Marfido apaixona-se loucamente pela bela caçadora. Embora com a discrição da praxe, para salvaguarda da honra e da modéstia, exigida pelo género pastoril, Gelinda corresponde imediatamene a esse amor e a ele se mantém fiel, até ao momento em que consegue interceptar, das mãos de Lucenda, uma carta de Natónia para Marfido. De conhecimento dessa carta, Gelinda escreve a Marfido para o acusar de infidelidade e para lhe impor o desterro inerente ao suposto crime, dentro da praxe e tradição do amor cortês e da servidão de amor.

A chorar as penas amargas desse desterro, imposto pela dama, atravessa Marfido rios e montes, até ao momento em que toma conhecimento da morte da abandonada Natónia, pela boca de

---

[54] Embora não seja nosso propósito neste estudo chamar a atenção para questões de imitação, em termos específicos, não podemos deixar passar por alto o facto de ser também uma ninfa —a «Sirena»— que em *Los Siete Libros de la Diana* de Montemor canta a história dos amores de Sireno e de Diana, os principais protagonistas da novela, dando ênfase especial aos seus adeuses.

três ninfas, e cede aos encantos de Ismena, vindo a ajoelhar-se com ela junto ao altar do Amor, na celebração solene de esponsais. Entretanto, dela se aparta para que Ismena possa fazer os arranjos necessários para o casamento, junto de seu pai Filauro, e para que ele, Marfido, possa também fazer os preparativos necessários na sua terra, E é quando para aí se dirige que vê Gelinda, simbolicamente junto da «Fonte dos Infelices Amantes» (lugar do primeiro encontro).

Quando tudo nos leva a crer que, purificado do pecado cometido, Marfido seria absolvido e o seu casamento com Gelinda viria a realizar-se, eis que Gelinda se afasta dele, deixando-o novamente entregue à sua paixão e à sua mágoa, sepultado na «noche oscura del alma», destinada aos pastores infiéis ou «hereges» do amor.

Para continuar a purificar-se da falta cometida? Para enfrentar e sofrer mais provas? A novela termina sem que nada se nos diga da sorte que o espera no futuro. Como já se disse, e acontece com outras novelas pastoris, exemplos vivos daquela *opera aperta* de que fala Umberto Eco, também nesta nos anuncia o autor-narrador, no final, que espera poder vir a falar dos «sucessos» de Marfido e a continuar a história dos amores de Lisandro e Claridea: «Aqui também suspenda seu rústico acento a frauta minha, té que com novo alento prossiga seus sucessos, dando fim aos de Lisandro e Claridea» (fl. 301). Contaria também ele dar uma solução feliz aos amores de Marfido e Gelinda nessa prometida continuação (segunda parte), coroando desse modo a série de demandas, por parte das personagens secundárias, com a do protagonista? Pura especulação. A única coisa que sabemos é que a novela termina com Marfido (cujo nome significa fiel ao amor), mergulhado na «noite escura» em que Gelinda o deixara (fl. 301), a espiar o pecado da infidelidade ao amor, tornando-se assim objecto insofismável e paradigmático de justiça poética.

# 11.

# PROSA E POESIA

## A. *PROSA E POESIA*

De acordo com a praxe seguida por todas as novelas pastoris, também *A paciência constante,* como género híbrido que é, está escrita em prosa e poesia, ou em «prosa e verso», como soíam dizer os autores daquele tempo.

A prosa é, em princípio, utilizada para narrar os factos e descrever as circunstâncias que os rodeiam, e a poesia, para traduzir o mundo interior das personagens, para mostrar os seus estados de alma, e, em casos especiais, para narrar uma história dentro da história. Da poesia se servem as personagens para entoarem hinos ao Criador e à natureza, para celebrarem a formosura da mulher, para enaltecerem o bem e a virtude, para vituperarem o mal e o vício, para cantarem as alegrias que lhes vão na alma, para chorarem as mágoas e as desilusões amorosas que lhes vão no peito.

Exemplo paradigmático da função da prosa e da poesia poderia encontrar-se no debate escolástico sobre o amor, na medida em que tanto a catilinária de Liriandro contra o amor (fls. 19-27), como a apologia do amor feita por Marfido (fls. 53v-58) rematam com uma poesia (no caso, com uma canção petrarquista, simetricamente idêntica nos esquemas estrófico, rítmico e rímico), que serve como que de epílogo emotivo aos respectivos discursos. À voz da razão, expressa em prosa, segue-se a do sentimento, veiculada pela poesia.

Mas como, em geral, para tudo há excepções, deverá notar-se que, dentro da tradição épica, que se prolonga no cancioneiro

e dele passa para a novela pastoril, existem em *A paciência constante* dois longos poemas narrativos. No primeiro, de 802 versos, conta o venerando maioral Alceo a história dos «Infelices Amantes»; no segundo, de 330 versos, canta uma ninfa, Ericinea, acompanhada por outras duas ninfas, Lauricea e Calidea, ao som da cítara da primeira e da flauta da segunda, a despedida de Marfido e de Natónia.

A novela, divida em cinco livros, contém 91 poesias, com um total de 4871 versos, um pouco mais de metade dos versos de *Os Lusíadas*.

Como adiante se verá mais em pormenor, são quarenta e duas as personagens que cantam ou dizem as poesias contidas na novela. A Marfido, protagonista da novela, cabem 21 poesias, ou seja, quase um quarto do total.

Bastaria reparar na elevada percentagem de poemas postos nos lábios de Marfido para justificar o seu papel de protagonista. Diga-se de passagem que fenómeno idêntico se dá com as outras novelas pastoris, tanto portuguesas como estrangeiras. É que, topologicamente, o protagonista é o *alter ego* do autor, o qual, por princípio, poetiza e romanceia mimeticamente a sua biografia e a dos seus amigos, e, por vezes, também a dos seus inimigos, fenómeno a que *A paciência constante* não poderia ser alheia, havendo, como havia, a preocupação com a fidelidade às convenções do género, e tendo, como tinha, o termo imitação um significado muito distinto daquele que os românticos lhe viriam a dar [55].

Como se sabe, de mãos dadas com a poesia das novelas pastoris, vai sempre a música. Irmãs inseparáveis, desde as piscatórias de Teócrito e as éclogas de Virgílio e desde *L'Arcadia* de Sannazaro a *Los siete libros de la Diana*, de Montemor aos autos pastoris de Encina e de Gil Vicente e à trilogia pastoril de Francisco Rodrigues Lobo, elas continuarão a marcar presença em toda a literatura bucólica do século XVII.

---

[55] Sobre o aspecto mimético da literatura bucólica e a simbiose entre amantes fictícios e amantes reais, veja-se Dominick Finello, «Sheperds at Play: Literary Conventions and Disguises in the Pastoral Narratives of *The Quijote*», apud *Cervantes and the Pastoral*. Edited by José J. Labrador Herraiz and Juan Fernández Jiménez, Cleveland, Penn State Universiry —Behrend College— Cleveland State University, 1986, pp. 115-128.

Em certo sentido, poder-se-ia dizer que o pastor é pelo menos tão sensível à música como à mensagem que é transmitida através da letra do canto. Bastará reparar na reacção dos ouvintes à voz do cantor para ver desvanecidas quaisquer dúvidas que pudesse haver a tal respeito. Vejamos apenas alguns exemplos, entre dezenas que poderiam ser aduzidos.

Tendo Liriandro terminado de cantar uma canção petrarquista, o narrador, que no-lo apresenta como dotado de «voz suave», faz a seguinte observação: «Guardavam inda silêncio os pastores, porque a voz de Liriandro, que era por estremo boa, foi de suas razões suave aplauso» (fl. 27). Ismena tem «voz angélica» (fl. 17). E o comentário feito pelo narrador à maneira como Florismonte cantou um soneto é este: «Suspensos estavam os pastores na suavidade com que o estrangeiro cantava (fl. 33v) [56].

E se «suaves» e «delicadas» e «angélicas» são as vozes dos que cantam, suaves são também os sons dos instrumentos musicais que acompanham essas vozes. Tão suaves essas vozes e esses sons, que produzem sobre a natureza o efeito que a lira e a voz de Orfeu produziam.

Vejamos um exemplo: «E querendo partir-se cada qual a sua estância, ouviram ũa sanfonina, tocada tão suavemente, que ficaram suspensos [...] Isto dizia Liceno guiando juntamente os companheiros adonde o músico som já de ũa voz suave acompanhado, podera também guiar as pedras» (fl. 33-33v). Assim tocou e assim cantou Leurino. E assim tocou e cantou também um dia Ismena, sentada «sobre as ervas que estrelavam a pura fonte». «Tomou a harpa, e, afinando-a, tangeu com tanta suavidade e perfeição, que as aves, águas e vento, que até lí, concertando-se, lhe haviam dado com sua harmonia alegre salva, se suspenderam atentas e elevadas *[sic]*, e a Ninfa mais que humana, soltando a voz angélica, este soneto cantou» (fls. 156v-157) [57].

---

[56] Repare-se, a título de curiosidade, no famoso verso da *Eneida*, em ocasião análoga: «Conticuere omnes, intentique ora tenebant» (Canto II, v. 1).

[57] Sobre a associação entre a poesia e a música, poderá ver-se João de Freitas Branco, *A música na obra de Camões*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979. E sobre a música numa novela pastoril, poderá ver-se António Cirurgião, *A música na Diana de Montemor*, *Nova Renascença*, vol. VIII, Inverno de 1988, pp. 47-58.

Perante uma novela pastoril, nunca devemos esquecer-nos de que ela é herdeira ... quase legítima (seria curioso estudar o grau de legitimidade — ou de bastardia — a partir de um leque de novelas pastoris) da poesia bucólica, como já foi dito indiretamente. Daí que a prosa, em conformidade com o espírito do género, seja também chamada a desempenhar, até certo ponto, papel idêntico ao que as rubricas ou didascálias desempenham nas peças teatrais: apresentação das personagens, descrição do cenário, situação da acção no tempo e no espaço. E embora, com a evolução da novela pastoril, a prosa venha a desempenhar um papel mais vasto e complexo que o que desempenhava na novela pastoril prototípica — *L'Arcadia,* de Sannazaro —, a função que para ela se delineou de princípio continua a ser o ideal que Manuel Quintano de Vasconcelos se propôs alcançar, ao escrever a sua novela, como poderá deduzir-se das palavras «AO LECTOR»: «Estímulos juvenis (docemente tiranos da vontade) guiaram o encantamento na humilde composição deste livrinho que agora cultivado (se bem parto de seu áspero princípio), benévolo Lector, vos ofereço. Em seus discursos poéticos, com poético estilo, imito as acções que representam, porque o fim da poesia é deleitar com exemplos [58].» Por outras palavras, o que se disse sobre a harmonia entre a poesia e a música poderá ser igualmente dito em relação à prosa e à poesia. Preocupado em produzir «discursos poéticos, com poético estilo», o autor de *A paciência constante* fará o possível por minimizar ao máximo as fronteiras que separam a prosa da poesia, ao procurar deleitar-nos e instruir-nos, através da mimésis das vidas dos «pastores» [59].

---

[58] Note-se o princípio horaciano da poesia: «Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci» (Horácio, *Arte Poética,* v. 343).

[59] Veja-se, como exemplo de prosa poética, esta breve passagem sobre a morte da primeira amada de Marfido: Natónia:

> Quando este pastor se ausentou destas ribeiras, dispidiu-se de Natónia, deixando-a sobre as promessas da tornada, fluctuando um mar de lágrimas, mas despois, esquecido o sufrimento, piloto na tormenta de saudades, rotas as fracas velas da esperança com o furioso vento dos sospiros, deu navio d'alma à costa do desengano, entre os rochedos da desconfiança, o que foi causa de sua morte e tristeza contínua destes campos (fl. 249).

Quem assim fala, numa belíssima sequência de metáforas marítimas, é a ninfa Ericinea, aquela que vai cantar, acompanhada à cítara pela ninfa Lauricea, e à harpa pela ninfa Calidea, os adeuses de Marfido e de Natónia.

Dada a relevância da matéria, vamos proceder com mais esclarecimentos e observações sobre a poética, a poesia e a música em *A paciência constante.*

Começaremos por transcrever o primeiro verso (VP) de todas as poesias, pela ordem com que aparecem na novela, indicando o número de ordem (N.º), o Livro (L), o fólio (Fl) referente à primeira edição, fólio que, na presente edição, é indicado à margem da página respectiva, e, por último, a classificação do poema em questão (CL). No caso das cantigas com mote e voltas ou glosa, transcreve-se o primeiro verso de cada um desses dois elementos e identifica-se por meio do respectivo nome.

## *B. POESIAS DISPOSTAS PELA ORDEM EM QUE APARECEM NA NOVELA*

| N.º | L | Fl | Cl | PV |
|---|---|---|---|---|
| *1.* | I | 2 | O | Amor tenro mínimo |
| *2.* | I | 2v | O | Os inocentes anos |
| *3.* | I | 3 | O | Ó míseras pastoras |
| *4.* | I | 4v | C | Milagre da natureza |
| *5.* | I | 5v | D | Pastora em cuja crueza |
| *6.* | I | 6v | S | Ó soberba, cruel, ó de beleza |
| *7.* | I | 7 | Oi | Alma e pompa da noite, Cíntia bela |
| *8.* | I | 10v | S | Murmuradora e líquida corrente |
| *9.* | I | 14 | E | A paixão de amor |
| *10.* | I | 15 | R | Reinava a fermosa Vénus |
| *11.* | I | 17 | S | Amor que aberto vês o pensamento |
| *12.* | I | 18 | S | Declara-se, feroz, tigre humanada |
| *13.* | I | 18v | S | Preciosa, inestimável liberdade |
| *14.* | I | 25v | Ca | Algoz da liberdade |
| *15.* | I | 28 | O | Divina Floridora |
| *16.* | I | 31v | D | Se vindes, minha esperança |
| *17.* | I | 32v | Oi | Enganado viveu meu pensamento |
| *18.* | I | 33v | Se | Seguem tão devagar as tristes horas |
| *19.* | I | 36v | S | De puro ouro os cabelos a pastora |
| *20.* | I | 39v | O | Ó fonte cristalina |

| N.º | L | Fl | Cl | PV |
|---|---|---|---|---|
| *1.* | II | 47v | C | Temerário pensamento |
| *2.* | II | 50v | C | Mandai-me ũa flor (Mote) |
| | | | | As flores levais (Voltas) |
| *3.* | II | 51v | C | Dizei-me, pastor (Mote) ÉGLOGA [60] |
| | | | | Não te via eu (Voltas) |
| *4.* | II | 56 | Ca | Alma da natureza |
| *5.* | II | 61v | O | Floridora que as flores deste prado — ÉGLOGA |
| *6.* | II | 64v | S | Junto da margem húmida e ervosa |
| *7.* | II | 65 | Oi-C | Na falda verde deste alegre monte [61] |
| *8.* | II | 75 | Te | A ti, pastor ingrato, cujo nome — EPÍSTOLA [62] |
| *9.* | II | 76v | Oi | Em quanto estas palavras pronunciava |
| *10.* | II | 87 | L | Suspende a ligeireza |
| *11.* | II | 89 | Oi-O | Fílis colhendo as flores deste prado — ÉGLOGA |
| *12.* | II | 93 | Te | Escura noite que do negro manto — ELEGIA |

---

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *1.* | III | 98 | O | Se me tens a ventura |
| *2.* | III | 101 | Ca | Escondido lugar que a natureza |
| *3.* | III | 116 | R | Ai prisões do pensamento |
| *4.* | III | 120v | S | Porque vos apartastes de mi chorando |
| *5.* | III | 125v | E | Minha desventura |
| *6.* | III | 130 | S | Aquele falso gosto que me inspira |
| *7.* | III | 130v | S | Fermosos olhos cuja luz divina |
| *8.* | III | 133 | C | Deixai-me tristes lembranças (Mote) |
| | | | | Para ver se me deixais (Voltas) |

---

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *1.* | IV | 138v | Se | Cantei um dia em ledo e doce estilo |
| *2.* | IV | 139v | O | Spíritos lagrimosos |
| *3.* | IV | 150 | O | Triunfai, pastoras belas |

---

[60] Convencionou-se chamar égloga a todos os poemas dialogados. Porém, para maior precisão na classificação de todos os poemas da novela, indica-se sempre o tipo de poema ou de poemas que formam a égloga.

[61] Este poema, de 418 versos, é constituído por oitavas em versos decassilábicos e oitavas em versos heptassilábicos, e por uma cantiga.

Deverá esclarecer-se que constitui um todo com o poema número 9 deste II Livro, em oitava rima, com um total de 384 versos, distribuídos por 48 oitavas. Isto quer dizer que o poema tem um total de 802 versos.

[62] Como os poemas em *terza rima* ou tercetos, nesta novela, são epístolas ou elegias, faz-se este esclarecimento no texto.

| N.º | L | Fl | Cl | PV |
|---|---|---|---|---|
| *4.* | IV | 151 | S | Amor bem com razão se vos concede |
| *5.* | IV | 151v | L | Vinde, meu mal esquivo |
| *6.* | IV | 152 | C | Não pode esta triste ausência |
| *7.* | IV | 157 | S | A bela Nise que de Pedro amada |
| *8.* | IV | 159v | Ca | Feminil fermosura |
| *9.* | IV | 166 | Ca | Despois que minha sorte |
| *10.* | IV | 173 | S | Adonde o rosto docemente esquivo |
| *11.* | IV | 174 | E | Leve pensamento |
| *12.* | IV | 183v | S | Mão fermosa que os Céus e natureza |
| *13.* | IV | 184 | S | Tirano amor, ordenas conjurado |
| *14.* | IV | 184v | S | Ai terríbel ausência, ó feo e triste |
| *15.* | IV | 185 | S | Imagem feito de meu pensamento |
| *16.* | IV | 188 | Ca | Fria noite, serena e sossegada |

---

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| *1.* | V | 197v | D | Novo cuidado que amor |
| *2.* | V | 199 | D | Pastora em cuja beleza — CARTA |
| *3.* | V | 200v | D | Quando esta chego a escrever — CARTA |
| *4.* | V | 202v | C | Lembranças, que me quereis (Mote)<br>Cesse já vossa porfia (Voltas) |
| *5.* | V | 204 | Oi | Considera, Marfido, o manso gado — ÉGLOGA |
| *6.* | V | 208v | C | De ver-vos, pastora, é tanta (Mote)<br>Pôs em vossa gentileza (Glossa) |
| *7.* | V | 209v | C | Se espero, sei que me engano (Mote)<br>Aquele contentamento (Glossa) |
| *8.* | V | 210v | C | Tenho a minha alma no Céu (Mote)<br>Em mi próprio acho e conheço (Glossa) |
| *9.* | V | 211v | E | Amo satisfeita (Mote)<br>Amar e querer (Voltas) [63] |
| *10.* | V | 212v | C | Amo agora aborrecida (Mote)<br>Não me queixo do castigo (Voltas) |
| *11.* | V | 213 | C | Grande erro é ser presunçosa (Mote)<br>Disseram tanto os sucessos (Voltas) |
| *12.* | V | 215 | Ca | Da dourada janela |
| *13.* | V | 217 | S | Baixou os claros olhos centilando |

---

[63] A este poema chamamos-lhe endechas por ser constituído por versos de 5 sílabas ou em redondilha menor, e chamamos-lhe cantiga, por ter mote e voltas.

| N.º | L | Fl | Cl | PV |
|---|---|---|---|---|
| *14.* | V | 222v | C | Minina que nas mininas (Mote)<br>Ornavam de várias flores (Voltas) |
| *15.* | V | 223 | C | Vendo amor que o Céu fizesse *(Glossa ao mote do poema n.º 114)* |
| *16.* | V | 225 | C | Pastora, sei que porque (Mote)<br>Sempre de vosso rigor (Glossa) |
| *17.* | V | 225v | C | O uso singelo antíguo *(Glossa ao mote do poema n.º 16)* |
| *18.* | V | 232v | C | Quer-se Amor justificar [64] |
| *19.* | V | 233 | D | Que não posso livre ser |
| *20.* | V | 233v | D | É custume da Vontade |
| *21.* | V | 234v | D | A Razão sempre obrigada |
| *22.* | V | 235 | D | Esta, minha irmã e amiga |
| *23.* | V | 237 | Ca | Soltava a noite escura |
| *24.* | V | 242 | S | Objecto donde mais bela a Beleza |
| *25.* | V | 245v | C | Pastor desconfiado (Mote)<br>Não vos espanteis (Voltas) |
| *26.* | V | 246v | R | Aquele torreado monte |
| *27.* | V | 249v | D | Nos campos que o deleitoso |
| *28.* | V | 259 | S | Causará o claro sol a noite escura |
| *29.* | V | 268v | C | Cantando é bem que vos conte (Mote)<br>Estavens posta em prisão (Voltas) |
| *30.* | V | 271v | Oi | Qual cisne quero agora lamentar-me |
| *31.* | V | 272 | D | Não canto por aliviar |
| *32.* | V | 283 | S | Amor meu coração que em fogo ardendo |
| *33.* | V | 292v | R | Todas as vezes que canto |
| *34.* | V | 298 | E | Amante em presença |
| *35.* | V | 300 | O | Que chorosa harmonia |

*OBSERVAÇÕES:*

Significado das siglas: C = cantiga; Ca = canção petrarquista; D = décimas; E = endechas; L = lira; O = ode; Oi = poema em oitava rima; R = romance; S = soneto, Se = sextina; Te = terceto ou poema em *terza rima*.

[64] Este é um dos casos em que a cantiga não tem voltas.

## *C. CLASSIFICAÇÃO DOS POEMAS*

**LIVRO I: 20 Poesias**

| | |
|---|---|
| Canções petrarquistas | 1 |
| Cantigas | 1 |
| Décimas | 2 |
| Endechas | 1 |
| Odes | 5 |
| Oitavas | 2 |
| Romances | 1 |
| Sextinas | 1 |
| Sonetos | 6 |

**LIVRO II: 12 Poesias + 3**

| | |
|---|---|
| Canções petrarquistas | 1 |
| Cantigas | 3 + 1 |
| Liras | 1 |
| Odes | 1 + 1 |
| Oitavas | 3 + 1 |
| Sonetos | 1 |
| Tercetos | 2 |

**LIVRO III: 8 Poesias**

| | |
|---|---|
| Canções petrarquistas | 1 |
| Cantigas | 1 |
| Endechas | 1 |
| Odes | 1 |
| Romances | 1 |
| Sonetos | 3 |

**LIVRO IV: 16 Poesias**

| | |
|---|---|
| Canções petrarquistas | 3 |
| Cantigas | 1 |
| Endechas | 1 |
| Liras | 1 |
| Odes | 2 |
| Sextinas | 1 |
| Sonetos | 7 |

**LIVRO V: 35 Poesias**

| | |
|---|---|
| Canções petrarquistas | 2 |
| Cantigas | 13 |
| Décimas | 9 |
| Endechas | 2 |
| Odes | 1 |
| Oitavas | 2 |
| Romances | 2 |
| Sonetos | 4 |

**TOTAL DE POESIAS NOS V LIVROS: 91+3**

| | |
|---|---|
| Canções petrarquistas | 8 |
| Cantigas | 19 |
| Décimas | 11 |
| Endechas | 5 |
| Liras | 2 |
| Odes | 10 |
| Oitavas | 7 |
| Romances | 4 |
| Sextinas | 2 |
| Sonetos | 21 |
| Tercetos | 2 |

**NÚMERO DE VERSOS POR CADA LIVRO:**

| | |
|---|---|
| Livro I | 692 |
| Livro II | 1 701 |
| Livro III | 256 |
| Livro IV | 629 |
| Livro V | 1 593 |

**TOTAL DE VERSOS NOS V LIVROS: 4871**

*OBSERVAÇÕES:*

1. Média de versos por livro: 974,2 (4871:5).

2. O número de versos por livro vai de 256 no terceiro livro a 1701 no segundo, o que significa que há uma diferença de 1445 versos entre o livro que contém mais e o livro que contém menos.

A grande diferença entre o elevado número de versos nos Livros II e V e o baixo número de versos nos outros três livros

explica-se sobretudo pelo facto da existência de dois longos poemas narrativos em cada um desses livros: um de 802 versos no Livro II e outro de 330 no V.

Por outro lado, o Livro V é muito mais longo que os outros: segundo a edição de 1622, o I tem 46 fólios; o II, 49; o III, 42; o IV, 59; e o V, 106, o que significa que o V tem mais do dobro de fólios de três dos outros livros, e quase o dobro do restante, o que significa também que existe uma simetria quase perfeita entre o número de poesias e o número de fólios.

3. A média de poesias por livro é de 18,2 (91:5).

## *D. ESQUEMAS MÉTRICOS DOS SONETOS, CANÇÕES PETRARQUISTAS, ODES E LIRAS* [65]

### I. SONETOS: 21

Todos os sonetos têm o mesmo esquema métrico: ABBA ABBA CDE CDE.

### II. CANÇÕES PETRARQUISTAS: 8

| | | |
|---|---|---|
| 1. aBCbACCDEeDfD-FGG ABB ..... | 16 versos × 5 est. + 3 = | 83 versos |
| 2. abCabCcdeeEfDGG aBabB ..... | 15 versos × 5 est. + 5 = | 80 versos |
| 3. ABBAACcDD ..... | 9 versos × 4 est. = | 36 versos |
| 4. abBabCCdeEDfF abABcC ..... | 13 versos × 6 est. = | 84 versos |
| 5. abCabCcdeeFfDgC abBaCC ..... | 15 versos × 5 est. + 6 = | 81 versos |
| 6. ABCBACcDEFDEfg-(g)F ABCABcd(d)C... | 15 versos × 6 est. + 8 = | 98 versos |
| 7. abCabCcdeeDfF abaB | 13 versos × 5 est. + 4 = | 69 versos |
| 8. abcabCcdeeDff ..... | 13 versos × 8 est. = | 104 versos |

---

[65] Nada se diz das sextinas — uma simples e uma dupla —, dos poemas em *terza rima* e dos poemas em oitava rima, por se conformarem em tudo à norma universal do tempo.

Aliás, convém acentuar mais uma vez que Manuel Quintano de Vasconcelos foi extremamente conservador no que se refere à retórica e à poética. Nada inovou e nada ousou. Manteve-se cem por cento fiel à tradição e à prática mais comum.

*OBSERVAÇÕES:*

1. ESQUEMA ESTRÓFICO:

O esquema estrófico contém 4 variantes.

*a*) Estrofes de 9 versos ..... 1
*b*) Estrofes de 13 versos ..... 3
*c*) Estrofes de 15 versos ..... 3
*e*) Estrofes de 16 versos ..... 1

2. ESQUEMA RÍMICO:

8 canções, 8 variantes.

3. ESQUEMA RÍTMICO:

8 canções, 8 variantes.

4. NÚMERO DE VERSOS POR CANÇÃO:

8 canções, 8 variantes;
Mínimo de 36 versos a máximo de 104 versos;
Média de versos por canção: 54,3 (435:8).

5. COMMIATO:

Das 8 canções só 2 não têm commiato. A de 9 versos por estrofe, na fronteira entre a ode e a canção, segundo os teóricos de Poética, é menos de estranhar, dado que a ode não tem commiato.

*NB* — Por convenção, a letra maiúscula indica versos de dez sílabas métricas e a letra minúscula indica versos de seis sílabas.

**III. ODES — 11**

## ESQUEMAS MÉTRICOS

1. aBaBbcc ..... 7 versos × 4 estrofes = 28
2. abCabCDD ..... 8 versos × 3 estrofes = 24
3. abBaCC ..... 6 versos × 6 estrofes = 36
4. aBaBBcC ..... 7 versos × 6 estrofes = 42

5. abCabCdD ..... 8 versos × 7 estrofes = 56
6. AbAbbcC ..... 7 versos × 10 estrofes = 70
7. aabB ..... 4 versos × 9 estrofes = 36
8. aBaBcC ..... 6 versos × 6 estrofes = 36
9. abBacC ..... 6 versos × 5 estrofes = 30
10. abBaAcC ..... 7 versos × 8 estrofes = 56
11. ABccABDD ..... 8 versos × 5 estrofes = 40

---

*OBSERVAÇÕES:*

1. ESQUEMA ESTRÓFICO:

*a*) estrofes de 4 versos ..... 1
*b*) estrofes de 6 versos ..... 3
*c*) estrofes de 7 versos ..... 4
*d*) estrofes de 8 versos ..... 3

O esquema estrófico contém 4 variantes entre 11 odes, indo de um mínimo de 4 versos por estrofe a um máximo de 8.

2. ESQUEMA RÍMICO:

Os esquemas rímicos são tantos quantas as odes: 11, portanto.

3. ESQUEMA RÍTMICO:

Os esquemas rítmicos são tantos quantas as odes: 11, portanto.

*NB* — Por convenção, a letra maiúscula indica um verso de dez sílabas métricas e a letra minúscula indica um verso de seis sílabas.

4. NÚMERO DE VERSOS POR ODE:

*a*) 24 versos ..... 1
*b*) 28 versos ..... 1
*c*) 30 versos ..... 1
*d*) 36 versos ..... 3

*e*) 40 versos ..... 1
*f*) 42 versos..... 1
*g*) 56 versos ..... 2
*h*) 70 versos ..... 1

*NB* — Há 8 variantes em número de versos entre as 11 odes. Média de versos por ode: 37,6 (414:11).

**IV. LIRAS: 2**

1. ESQUEMA ESTRÓFICO, RÍTMICO E RÍMICO:

a. aBabB..... 5 versos × 12 = 60

b. aBabB ..... 5 versos × 8 = 40

*OBSERVAÇÕES:*

1. Ambas as liras têm o mesmo esquema estrófico: 5 versos por estrofe.
2. Ambas as liras têm o mesmo esquema rítmico: primeiro, terceiro e quarto versos de seis sílabas e segundo e quinto, de dez.
3. Ambas as liras têm o mesmo esquema rímico: o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo rima com o quarto e com o quinto.

## *E. A POESIA E A MÚSICA*

| PERSON | NUDPER | TIPO POESIA | INSTRMUS | CANTO | LIV FL | NUMV |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Urânia.... | 1 | Ode ..... | (I. M.)..... | Canta | I 2 | 28 |
| Amaranta | 1 | Ode ..... | (I. M.)..... | Canta | I 2V | 24 |
| Floridora | 1 | Ode ..... | Rabel..... | Canta | I 3 | 36 |
| Deifilo.... | 1 | Cantiga .... | (I. M.)..... | Canta | I 4V | 44 |
| Leobelo... | 1 | Décimas ... | | Canta | I 5V | 40 |
| Liceno.... | 1 | Soneto..... | | Canta | I 6V | 14 |
| Liriandro | 1 | Oitavas .... | Rabel..... | Canta | I 7 | 24 |
| Marfido... | 1 | Soneto..... | Rabel..... | Canta | I 10V | 14 |
| Lucenda... | 1 | Endechas... | Canta..... | | I 14 | 48 |

| PERSON | NUDPER | TIPO POESIA | INSTRMUS | CANTO | LIV FL | NUMV |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Marfido... | 1 | Romance... | Rabel..... | Canta | I 15 | 76 |
| Leobelo... | 1 | Soneto..... | Canta..... | | I 17 | 14 |
| Liceno.... | 1 | Soneto..... | Rabel..... | | I 18 | 14 |
| Floridora | 1 | Soneto..... | Canta..... | | I 18V | 14 |
| Liriandro | 1 | Canção .... | Rabel..... | | I 25V | 83 |
| Liceno.... | 1 | Ode ..... | (I. M.)..... | Canta | I 28 | 42 |
| Amaranta | 1 | Décimas... | (I. M.)..... | Canta | I 31V | 50 |
| Liceno.... | 1 | Oitavas .... | | Canta | I 32V | 24 |
| Leurino... | 1 | Sextina .... | | Canta | I 33V | 39 |
| Leurino... | 1 | Soneto..... | Rabel..... | Canta | I 36V | 14 |
| Leurino... | 1 | Ode ..... | | Canta | I 47V | 56 |
| Gelinda... | 1 | Cantiga .... | | Canta | II 47V | 50 |
| Marfido... | 1 | Cantiga .... | | | II 50V | 36 |
| Deifilo.... | 4 | Cantiga .... | | | II 51V | 44 |
| Urânia.... | 4 | Cantiga .... | | | II 51V | 44 |
| Liceno.... | 4 | Cantiga .... | | | II 51V | 44 |
| Amaranta | 4 | Cantiga .... | | | II 51V | 44 |
| Marfido... | 1 | Canção .... | Rabel..... | Canta | II 56 | 80 |
| Liriandro | 2 | Égloga—Ode | | Canta | II 61V | 70 |
| Floridora... | 2 | Égloga—Ode | | Canta | II 61V | 70 |
| Marfido... | 1 | Soneto..... | Rabel..... | Canta | II 64V | 14 |
| Alceo..... | 1 | Oitavas-Cantiga. | | | II 65 | 418 |
| Lucenda... | 1 | Epístola-Tercetos. | | | II 75 | 76 |
| Alceo..... | 1 | Oitavas..... | | | II 76V | 384 |
| Liriandro | 1 | Lira ..... | | | II 87 | 60 |
| Urfino.... | 2 | Égloga-Oit./Ode (I. M.) | | Canta | II 89 | 72 |
| Leobelo... | 2 | Égloga-Oit./Ode (I. M.) | | Canta | II 89 | 72 |
| Marfido... | 1 | Elegia-Ter. | | | II 93 | 91 |
| Marfido... | 1 | Ode ..... | | Canta | III 98 | 36 |
| Marfido... | 1 | Canção .... | Viola ..... | Canta | III 101 | 36 |
| Lucélia.... | 1 | Romance... | | Canta | III 116 | 53 |
| Florismonte | 1 | Soneto..... | | | III 120V | 14 |
| Doricea... | 1 | Endechas... | | Canta | III 125V | 56 |
| Doricea... | 1 | Soneto..... | | | III 130 | 14 |
| Arindélio... | 1 | Soneto..... | | Canta | III 130V | 14 |
| Doricea... | 1 | Cantiga .... | | Canta | III 133 | 23 |
| Marfido... | 1 | Sextina..... | Rabel..... | Canta | IV 138V | 39 |
| Daristo.... | 1 | Ode ..... | | Canta | IV 139V | 36 |
| Aliardo... | 1 | Ode ..... | (I. M.)..... | Canta | IV 150V | 30 |

| PERSON | NUDPER | TIPO POESIA | INSTRMUS | CANTO | LIV FL | NUMV |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Daristo.... | 1 | Soneto ..... | | Canta | IV 151 | 14 |
| Marfido ... | 1 | Lira ..... | | Canta | IV 151V | 40 |
| Marfido ... | 1 | Cantiga .... | | Canta | IV 153 | 63 |
| Ismena.... | 1 | Soneto ..... | Harpa..... | Canta | IV 157 | 14 |
| Marfido ... | 1 | Canção .... | | Canta | IV 159V | 84 |
| Leurino ... | 1 | Canção .... | | Canta | IV 166 | 81 |
| Florismonte | 1 | Soneto ..... | | Canta | IV 173 | 14 |
| Cilícia .... | 1 | Endechas ... | | Canta | IV 174 | 60 |
| Sileo..... | 1 | Soneto ..... | | Canta | IV 183V | 14 |
| Rosarte ... | 1 | Soneto ..... | Viola ..... | Canta | IV 184 | 14 |
| Selardo ... | 1 | Soneto ..... | | | IV 184V | 14 |
| Marfido ... | 1 | Soneto ..... | (I. M.)..... | | IV 185 | 14 |
| Rosarte ... | 1 | Canção .... | Harpa..... | Canta | IV 188 | 98 |
| Daristo ... | 1 | Décimas.... | Sanfonina ... | Canta | V 197V | 50 |
| Marfido ... | 1 | Décimas.... | | | V 199 | 70 |
| Ismena.... | 1 | Carta-Cantiga | | Canta | V 200V | 68 |
| Floridora... | 1 | Cantiga .... | | Canta | V 202V | 24 |
| Daristo.... | 1 | Égloga-Oitavas. | Sanfonina ... | Canta | V 204 | 72 |
| Marfido ... | 1 | Égloga-Oitavas. | Sanfonina ... | Canta | V 204 | 72 |
| Daristo.... | 1 | Cantiga .... | Sanfonina ... | Canta | V 208V | 33 |
| Marfido ... | 1 | Cantiga .... | Rabel ..... | Canta | V 209V | 22 |
| Florismonte | 1 | Cantiga .... | (I. M.)..... | Canta | V 210V | 33 |
| Cilícia .... | 1 | Endechas ... | | Canta | V 211V | 18 |
| Floridora .. | 1 | Cantiga .... | | Canta | V 212V | 14 |
| Ismena.... | 1 | Cantiga .... | | Canta | V 213 | 14 |
| Daristo.... | 1 | Canção .... | | Canta | V 215 | 69 |
| Dorante ... | 1 | Soneto ..... | Psalteiro e Rabel. | Canta | V 217 | 14 |
| Aliso ..... | 1 | Cantiga .... | (I. M.)..... | Canta | V 222V | 33 |
| Dorante ... | 1 | Cantiga .... | | Canta | V 223 | 30 |
| Leardo.... | 1 | Cantiga .... | | | V 225 | 33 |
| Coribeo ... | 1 | Cantiga .... | | | V 225V | 30 |
| Fama ..... | 1 | Décimas.... | | | V 232V | 30 |
| Vontade ... | 1 | Décimas.... | | | V 233 | 30 |
| Razão .... | 1 | Décimas.... | | | V 233V | 30 |
| Opinião ... | 1 | Décimas.... | | | V 234V | 30 |
| Honra .... | 1 | Décimas.... | | | V 235 | 30 |
| Morgante | 1 | Canção .... | Viola ..... | Canta | V 237 | 104 |
| Florismonte | 1 | Soneto ..... | | | V 242 | 14 |
| Andria .... | 2 | Égloga-Cantiga. | Viola ..... | Canta | V 245V | 28 |

| PERSON | NUDPER | TIPO POESIA | INSTRMUS | CANTO | LIV FL | NUMV |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Armia .... | 2 | Égloga-Cantiga. | Viola ..... | Canta | V 245V | 28 |
| Marfido ... | 1 | Romance ... | Rabel ..... | Canta | V 246V | 60 |
| Ericinea ... | 1 | Cantiga .... | Cítara e Frauta | Canta | V 249V | 330 |
| Marfido... | 1 | Soneto..... | Rabel ..... | Canta | V 259 | 14 |
| Marfido... | 1 | Cantiga .... | Rabel ..... | Canta | V 268V | 14 |
| Lisandro | 1 | Oitavas .... | | Canta | V 217V | 28 |
| Lisandro | 1 | Décimas ... | Frauta ..... | Canta | V 273 | 50 |
| Lisandro | 1 | Soneto..... | | | V 283 | 14 |
| Claridea... | 1 | Romance... | Harpa ..... | | V 292V | 44 |
| Marfido... | 1 | Endechas... | | Canta | V 298 | 64 |
| Marfido... | 1 | Ode ... ... | | | V 300 | 56 |

*EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS*

PERSON — Personagem.
NUMPER — Número de personagens que participam na execução do poema dito ou cantado.
TIPO POESIA — Classificação da poesia.
INSTRMUS — Instrumento musical utilizado no acompanhamento.
CANTO — Indica que o poema é cantado.
LIV — Número do livro em que se encontra o poema.
FL — Número do fólio da edição de 1622.
NUMV — Número de versos do poema respectivo.

*OBSERVAÇÕES:*

1. Como se sabe, nos séculos XVI e XVII as églogas podiam ser formadas por um só tipo de poemas, por dois ou por uma combinação de vários tipos. É tendo isso em conta que se decidiu especificar o tipo ou tipos de poemas que constituem as églogas de *A paciência constante.*
2. Nos séculos XVI e XVII, em poesia, temos a epístola clássica, composta em *terza rima,* e a epístola ou carta em metro peninsular. Por em *A paciência constante* se encontrarem os dois tipos, especifica-se isso na classificação dos poemas.

3. Por questão de metodologia, decidiu-se classificar apenas como églogas os poemas dialogados, embora sabendo que existem também as églogas monologais e que, tratando-se de uma novela pastoril, terá que haver, forçosamente, muitas mais églogas em *A paciência constante.* Para maior clareza, indicam-se pelo nome as diversas personagens que entram em cada égloga.
4. Pelo que se refere à música, convém fazer as seguintes observações:

   a. Os poemas da novela ou são ditos ou são cantados. Os cantados, ou o são «a capela» ou o são com acompanhamento musical.

   b. No inventário a que se procedeu, indica-se o instrumento musical, sempre que este é referido expressamente no texto. Quando se diz que o poema foi acompanhado por instrumento musical, sem especificar esse instrumento, diz-se isso mesmo.

   c. No esquema proposto, escreve-se «canta» sempre que no texto se diz expressamente, já por meio do verbo cantar, já por meio do substantivo canto, que a personagem ou personagens cantam o respectivo poema. Esclarece-se que normalmente o narrador usa o verbo cantar. É de supor que, na realidade, as personagens cantassem mais poemas do que se indica expressamente no texto. Isso deverá presumir-se, sobretudo, para queles casos em que se faz referência ao acompanhamento por meio de um instrumento musical. Nesta ordem de ideias, convém esclarecer que há vários casos em que se declara que o poema dito no texto foi cantado noutro tempo e noutras circunstâncias.

Vejamos um exemplo, para melhor entendimento da questão. Florismonte diz a Marfido: «E em quanto ela se foi apartando dele, cantei um soneto que inda tenho na memória. Marfido lhe disse que receberia gosto de o ouvir, pois, sendo seu, estava claro ser bom. Florismonte, por não no descontentar, e porque aquelas mágoas eram seu contentamento, lho disse desta maneira» (fl. 120v).
E o que se diz quanto ao canto poderia dizer-se, *mutatis mutandis,* quanto ao acompanhamento por meio de um instrumento musical (veja-se, v. g., o fl. 183, onde se declara que o soneto dito nesse momento já fora um dia acompanhado à viola).

5. Digamos agora algo sobre os instrumentos musicais utilizados na novela para acompanhar alguns dos poemas. São sete os instrumentos expressamente referidos: as castanhetas, a cítara, a frauta, a harpa, o psalteiro, o rabel, a sanfonina, o tamborim e a viola. O número total de vezes em que se diz expressamente que os poemas são acompanhados por estes instrumentos musicais é de 30.

Eis, por ordem descrescente, o número de vezes em que cada um é usado e a espécie de poema que é convidado a acompanhar:

a. *Rabel* — 16 vezes, sendo 15 sozinho e 1 juntamente com o psalteiro. Acompanha a ode, o poema em oitava rima, e a sextina, 1 vez; a cantiga e o romance, 2 vezes; a canção petrarquista, 3 vezes e o soneto, 6 vezes. Como se vê claramente, o rabel é o instrumento musical por excelência. É-se levado a crer que, naqueles casos em que se declara que o canto foi acompanhado pelo «pastoril instrumento» (fl. 50v) e «rústicos instrumentos» (fl. 173), se trata do rabel. Cabe esclarecer que em novelas pastoris anteriores a *A paciência constante* existe maior equilíbrio entre o uso da sanfona e do rabel. Veja-se, por exemplo, sobre este assunto, António Cirurgião, «A música na *Diana* de Montemor», em *Nova Renascença* (Porto), Janeiro/Março de 1988, n.º 29, pp. 47-57.

b. *Viola* — 6 vezes, sendo 5 sozinha e 1 juntamente com a frauta. Acompanha a cantiga 3 vezes; a canção petrarquista, 2, e o soneto 1.

c. *Sanfonina* — 4 vezes. Acompanha o poema em oitava rima 2 vezes, a cantiga, 1, e o poema em décimas, 1.

d. *Frauta* — 2 vezes. Acompanha a cantiga, juntamente com a viola, 1 vez, e acompanha o poema em décimas, também 1 vez.

e. *Harpa* — 3 vezes. Acompanha a canção petrarquista 1 vez, o soneto 1 vez e o romance também 1 vez. A harpa, como instrumento nobre que é, é posto nas mãos de uma donzela nobre, Claridea, em sala de palácio-prisão, para se acompanhar a si mesma no canto de um romance em que chora as suas penas de amor, e também nas mãos de dois pastores nobres: Ismena, para acompanhar um soneto e Rosarte, para acompanhar uma canção petrarquista.

f. *Cítara* — 1 vez. Acompanha um poema em décimas, juntamente com a frauta. A cítara, tal como a harpa, é instrumento dos deuses, dos semi-deuses e dos nobres. Neste caso, é tocada por uma ninfa, a pedido de outra ninfa. Ericinea, para cantar condignamente a despedida entre Marfido e Natónia, o seu primeiro grande amor, e também a morte trágica de Natónia, pede à ninfa Calidea que a acompanhe à frauta e à ninfa Lauricea que a acompanhe à cítara [66].

g. *Psalteiro* — 1 vez. Acompanha um soneto, juntamente com o rabel.

6. O número de vezes em que se diz que o poema é cantado é 69. Todas as espécies de poemas são cantadas, com excepção dos poemas em *terza rima* — i. e., uma epístola e uma elegia — e duas cartas em redondilha maior.
7. Quanto às personagens que são convidadas a cantar e ou a dizer poemas, são num total de 42, sendo 1 delas uma ninfa —Ericinea— e 5 figuras alegóricas: a Fama, a Honra, a Opinião, a Razão e a Vontade. De entre as outras 36 personagens, 16 apenas cantam ou dizem um poema e as outras 22 cantam ou dizem 2 ou mais. Dizem ou cantam 2: Alceo, Andria, Cilícia, Deifilo, Dorante, Leobelo, Lucenda, Rosarte, Urânia; 3: Amaranta, Doricea, Ismena, Lisandro; 4: Leurino, Liriandro, Florismonte; 5: Floridora e Liceno; 6: Daristo; 21: Marfido.

Para concluir estes breves comentários sobre a relação entre a prosa e a poesia, os inventários dos poemas da novela, a sua classificação, as suas características, a relação entre a poesia e a música, o inventário dos instrumentos musicais que aparecem na novela e outras observações consideradas pertinentes, diremos simplesmente que só lamentamos que a falta de espaço nos não tenha permitido fazer um breve estudo comparativo com fenómenos idênticos de outras novelas pastoris do tempo, nacionais e estrangeiras.

---

[66] Este episódio, o lamento pela morte de Natónia, faz lembrar o lamento pela morte trágica da «divina» Elisa da famosa égloga III do «doce Garcilaso». Tais como as ninfas da égloga de Garcilaso, também estas três estão nuas, sentadas na erva, a «lavrar» as trágicas histórias de amor de Filomena e de Acteon.

# APÊNDICE

## *F. PRIMEIROS VERSOS DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA*


Pág.

A ti pastor ingrato cujo nome ..... 208
A Razão sempre obrigada ..... 392
A paixão de amor ..... 137
A bela Nise que de Pedro amada ..... 302
Adonde o rosto docemente esquivo ..... 321
Ai prisões do pensamento ..... 257
Ai terríbel ausência, ó feo e triste ..... 334
Algoz da liberdade ..... 150
Alma da natureza ..... 186
Alma e pompa da noite, Cíntia bela ..... 129
Amante em presença ..... 464
Amar e querer (Amo satisfeita) ..... 366
Amo satisfeita/Amar e querer ..... 366
Amo agora aborrecida/Não me queixo do castigo ..... 367
Amor que aberto vês o pensamento ..... 141
Amor, meu coração que em fogo ardendo ..... 447
Amor, tenro minino ..... 122
Amor, bem com razão se vos concede ..... 296
Aquele torreado monte ..... 406
Aquele falso gosto que me inspira ..... 272
Aquele contentamento (Se espero, sei que me engano) 363
As flores levais (Mandai-me ũa flor) ..... 179
Baixou os claros olhos centilando ..... 372

Pág.

Cantando é bem que vos conte/Estavens posta em prisão 431
Cantei um tempo em ledo e doce estilo ..... 282
Causará o claro sol a noite escura ..... 420
Cesse já vossa porfia (Lembranças que me quereis).... 355
Com tanta suavidade estás cantando ..... 141
Considera, Marfido, o manso gado ..... 357
Da dourada janela ..... 370
De puro ouro os cabelos a pastora ..... 163
De ver-vos, pastora, é tanta/Pôs em vossa gentileza 361
Declara-me, feroz tigre humanada..... 142
Deixai-me, tristes lembranças/Para ver se me deixais .. 276
Despois que minha sorte ..... 313
Diferem tanto os sucessos (Grande erro é ser presumpçosa) 368
Divina Floridora ..... 153
Dizei-nos, pastor/Não te via eu..... 180
É costume da Vontade..... 391
Em mi próprio acho e conheço (Tenho a minha alma no Céu) ..... 364
Em quanto estas palavras pronunciava ..... 211
Enganado viveu meu pensamento ..... 158
Escondido lugar que a natureza ..... 241
Escura noite que do negro manto..... 230
Esta, minha irmã e amiga..... 393
Estavens posta em prisão (Cantando é bem que vos conte) 431
Feminil fermosura ..... 305
Fermosos olhos cuja luz divina ..... 273
Fílis colhendo as flores deste prado ..... 225
Floridora, que as flores deste prado ..... 192
Fria noite serena e sossegada ..... 338
Grande erro é ser presumpçosa/Diferem tanto os sucessos 368
Imagem feito de meu pensamento..... 335
Junto da margem húmida e ervosa ..... 196
Lembranças, que me quereis/Cesse já vossa porfia ... 355
Leve pensamento ..... 322
Mão fermosa que os Céus e natureza ..... 332
Mandai-me ũa flor/As flores levais ..... 179
Milagre da natureza ..... 125
Minha desventura ..... 268
Minina que nas mininas/Ornavam de várias flores..... 378

Pág.

Murmuradora e líquida corrente ..... 133
Na falda verde deste alegre monte ..... 197
Não te via eu (Dizei-nos, pastor) ..... 180
Não pode esta triste ausência ..... 298
Não canto por aliviar ..... 437
Não vos espanteis (Pastor desconfiado) ..... 405
Não me queixo do castigo (Amo agora aborrecida) .... 367
Nos campos que o deleitoso ..... 410
Novo cuidado que amor ..... 348
O uso singelo antíguo ..... 382
Ó míseras pastoras ..... 124
Ó fonte cristalina ..... 166
Ó soberba, cruel, ó de beleza ..... 128
Objeto donde mais bela a beleza ..... 401
Ornavam de várias flores (Minina que nas mininas) ... 378
Os inocentes anos ..... 123
Para ver se me deixais (Deixai-me, tristes lembranças) 276
Pastor desconfiado/Não vos espanteis ..... 405
Pastora, sei que porquê/Sempre de vosso rigor ..... 381
Pastora em cuja crueza ..... 127
Pastora em cuja beleza ..... 350
Porque vos apartais de mi chorando ..... 262
Pôs em vossa gentileza (De ver-vos, pastora, é tanta) 361
Preciosa, inestimável liberdade ..... 142
Qual cisne quero agora lamentar-me ..... 434
Quando esta chego a escrever ..... 352
Que chorosa harmonia ..... 466
Que não posso livre ser ..... 391
Quer-se Amor justificar ..... 390
Reinava a fermosa Vénus ..... 138
Se vindes, minha esperança ..... 157
Se me tens a ventura ..... 237
Se espero, sei que me engano/Aquele contentamento... 363
Seguem tão devagar as tristes horas ..... 159
Sempre de vosso rigor (Pastora, sei que porquê) ..... 381
Soltava a noite escura ..... 395
Spíritos lagrimosos ..... 283
Suspende a ligeireza ..... 223
Temerário pensamento ..... 176

Tenho a minha alma no Céu/Em mi próprio acho e conheço ..... Pág. 364
Tirano amor, ordenas, conjurado ..... 333
Todas as vezes que canto ..... 457
Triunfai, pastoras belas ..... 295
Vendo amor que o Céu fizesse ..... 379
Vinde, meu mal esquivo ..... 296

*OBSERVAÇÕES:*

1. A cantiga com mote e volta ou glosa está registada duas vezes: no primeiro caso, transcreve-se o mote e, a seguir, as voltas ou a glosa, separadas do mote por uma barra; no segundo caso, transcrevem-se as voltas ou a glosa e, a seguir, o mote, entre parêntesis.

12.

## NOMES DAS PERSONAGENS DE *A PACIÊNCIA CONSTANTE*, APRESENTADOS POR ORDEM ALFABÉTICA

Alceo
Alcida
Alcinea
Alexandro
Alfido
Aliardo
Aliso
Alsindo
Altea
Amaranta
Andria
Angeliza
Antino
Arcélio
Arguia
Aridano
Aridante
Arindélio
Arismaldo
Arlete
Armia
Armindo
Aronte
Arsinda
Arténio
Aurélio
Auzedos
Belsinda
Brialda
Briseida
Britanos
Calidea
Célio = Lucélia
Cilícia
Clarìdardo
Clarìdea
Coribeo
Crisalda
Daristo
Deifilo
Diogénio
Dorante
Doricea
Ericinea
Filauro
Fileno
Filis
Fineo
Florenda
Floridora
Francilo
Frisalte
Gasiarda
Gelinda
Hermódia
Hermónio
Ismena
Laurena
Lauricea
Laurismeno
Leardo
Leobelo
Leôncio
Leonido
Leoniza
Leurino
Liceno
Ligurceo
Lindoniza
Liriandro
Liriano
Lisandro
Lisbeo
Lisdora
Listea
Lucélia = Célio
Lucenda
Lucénia
Lucindo

Lusindo
Marcelo
Marfido
Montea
Morgante
Napécia
Natónia
Olinda
Orbante
Oricea
Pausilo = dama galiziana
Policea
Polisteo
Polistor
Protelao
Rodiário
Rosardo
Rozaura
Selardo
Seleo
Silvano
Soliza
Teonte
Ulina
Urânia
Ursino

# 13.

# DA ORTOGRAFIA

## *A. DA ORTOGRAFIA DA SEGUNDA EDIÇÃO*

Ao ser-nos proposta a organização da segunda edição de *A paciência constante,* editada, pela primeira vez, em 1622, em Lisboa, a questão do critério ortográfico a adoptar-se pôs-se imediatamente, com toda a agudeza, como deverá supor-se.

Não se tratando de uma obra de primeira grandeza e em virtude de ser hoje praticamente desconhecida, como já foi dito, impunha-se pôr de lado, logo de entrada, a organização de uma edição fac-similada, uma vez que as edições dessa natureza tendem a despertar a atenção apenas de um número muito restrito de especialistas, devido à dificuldade de leitura oferecida por uma obra impressa em princípios do século XVII. Por outro lado, para não pôr nas mãos do leitor uma obra que, na realidade, nunca teria existido como tal, como tem acontecido com outras obras da literatura portuguesa, como, por exemplo (para me ater unicamente ao século XVII, a que *A paciência constante* pertence), com a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e com a anónima *Arte de Furtar,* jamais poderia aceitar-se a tradução desta novela pastoril para português contemporâneo. E, sendo assim, o único critério a adoptar era proceder à modernização da grafia, obedecendo escrupulosamente a dois princípios fundamentais: a preservação da grafia com valor fonético e prosódico (ao usarmos este adjectivo temos em mente a natureza da novela pastoril — parte prosa e parte poesia), e a modificação da grafia sem qualquer desses dois valores.

Vamos explicitar e exemplificar, para maior clareza.

*1.* Modernizou-se a acentuação, mas teve-se o maior cuidado em respeitar as licenças poéticas;

*2.* Modernizou-se a pontuação, o que implicou, entre outras coisas, a abolição de uma superabundância de parêntesis considerados hoje desnecessários para a compreensão apropriada do texto;

*3.* Introduziu-se o hífen entre a forma verbal e o pronome pessoal oblíquo, encliticamente empregado;

*4.* Introduziu-se a forma dialogal, por meio do recurso ao parágrafo, aos dois pontos, sempre que necessário, e ao hífen;

*5.* Aboliu-se o **c** duplo. Exemplo: occasião passou a ser ocasião;

*6.* Aboliu-se o **ch** com valor de **k**. Exemplo: charo passou para caro;

*7.* Aboliu-se o **ff** duplo. Exemplo: offerecer passou para oferecer;

*8.* Aboliu-se o **h** sem valor fonético, Exemplo: hé passou para é;

*9.* Aboliu-se o **ll** duplo. Exemplo: bello passou para belo;

*10.* Aboliu-se o **ph**. Exemplo: nimpha passou para ninfa;

*11.* Substitui-se o **y** pelo **i**. Exemplo: ley passou para lei;

*12.* Substitui-se o **i** pelo **j**. Exemplo: iunto passou para junto;

*13.* Substitui-se o **o** pelo **u**. Exemplo: ceo passou para céu;

*14.* Substitui-se o **u** pelo **v**. Exemplo: auaro passou para avaro;

*15.* Substitui-se o ˜ pelo **m** ou **n**. Exemplo: cãpo e cãto passaram, respectivamente, para campo e para canto;

*16.* Substitui-se o **ão** da terceira pessoa do plural do presente, pretérito e imperfeito do indicativo pelo **am**. Exemplo: cantão, cantavão e cantarão passaram para cantam, cantavam e cantaram;

*17.* Substituiu-se o apóstrofo pela contracção. Exemplo: dagoa passou para d'agoa;

Quanto às erratas, indicadas no princípio do texto, como era da praxe, foram naturalmente corrigidas, o mesmo tendo sido feito com as muitíssimas gralhas tipográficas de que a primeira edição está semeada.

## *B. O PROBLEMA DAS VARIANTES*

Como acontece com outras obras impressas no século XVII (só deste nos interessa falar, por a obra ter sido publicada em 1622), muitas são as palavras que aparecem no texto com grafias distintas. Sirvam de exemplo ágoa e água, artífice e artífece, cheo e cheio, despois e depois, mi e mim, monstro e mônstruo, nacer e nascer, sancto e santo.

Que fazer nestes casos e noutros semelhantes? Antes de mais, evitar a todo o custo ferir o ritmo ou a rima do verso. E em segundo lugar, manter as variantes, sobretudo para recreio dos filólogos e historiadores da língua.

## *C. O PROBLEMA DAS LETRAS MAIÚSCULAS*

Além de manter ou restaurar a letra maiúscula nos antropónimos, topónimos, prosónimos, enónimos e nomes mitológicos e astronómicos, procedeu-se da mesma forma quanto aos adjectivos de natureza mitológica, gentílica e toponímica. Aboliu-se porém a maiúscula das palavras pastor e pastora, rei e rainha, conde e condessa, maioral e zagal, cidade e aldeia, etc.

# A PACIÊNCIA CONSTANTE

DISCURSOS POÉTICOS

em estilo pastoril

Por Manoel Quintano de Vasconcellos

(etc)

Cum Privilégio Real

# A PACIENCIA CONSTANTE.

## DISCVRSOS POETICOS em estilo Pastoril.

*Por Manoel Quintano de Vasconcellos.*

Dirigido a Dom Lopo de Azeuedo, Almirante destes Reynos de Portugal, Claueiro do Mestrado de São Bento de Auis, Comendador, & Alcayde mór da Villa de Iurumenha, &c.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

*Com todas as licenças necessarias.*

Em Lisboa, por Pedro Craesbeeck impressor del Rey. Anno 1622.

Cum Priuilegio Real.

## LICENCAS.

NO liuro intitulado Paciencia Constante, cujo Author he Manoel Quintano de Vasconcellos, não achei cousa algũa contra nossa sancta Fê, & bõs costumes antes sempre concertado estilo, & honesto modo de fallar, & a vezes reprehenção de vicios, & louuor de virtudes: pello que o julgo digno de impressão. Em São Francisco de Emxabregas, & de Feuereiro 6. de 620. *Fr. Francisco Guerreiro.*

REui este liuro intitulado Paciencia Constãte, & nelle não acho cousa algũa contra nossa sancta Fê, & bõs costumes, & assi me remeto em tudo ao parecer do muito R.P. Mestre Frei Francisco Guerreiro; porque sendo liuro pastoril de Pastores, & amores, de tal maneira cõ o verso, & proza, segue a limpeza, & pureza nelles, que fique reprehendendo, & vituperando o que o não for com muito bom estilo. Podese imprimir. Em São Domingos de Lisboa 21. de Feuereiro 1620.

*Fr. Antonio de Siqueira.*

VIstas as informaçoẽs podese imprimir este liuro intitul do A Paciencia Constante, & despois de impresso tornará para se conferir cõ o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correra. Lisboa aos 28. de Feuereiro de 1620. *Bartolameu da Fonsequa.*

*Antonio Diaz Cardoso.* *Fr. Manoel Coelho.*
*Ioaõ Aluares Brandão.* *Gaspar Pereira.*
*Francisco de Gouuea.*

POdese imprimir este liuro. Aos 28. de Feuereiro de 620. & impresso torne Dia vt supra.

*Damiaõ Viegas.*

POdese imprimir este liuro vistas as licenças que offerece do sancto Officio, & do Ordinario, & antes de correr tornarà a meza para se taixar. Em Lisboa a 29. de Feuereiro de 620.

*Antonio Cabral.* *Ignacio Ferreira.*

Taixase este liuro em setè vintẽs em papel. Em Lisboa a 12. de Mayo de 622.

*Ignacio Ferreira.* *D. de Mello.* *Caldeira.*

Està conforme o original.

*O Bispo Inquisidor. geral.*

A DOM

# LOPO DE AZEVEDO,

Almirante deſtes Reynos de Portugal, Claueiro do Meſtrado de São Bento de Auis, Comendador, & Alcayde mor da Villa de Iurumenha, &c.

*COmpus ha muito tempo eſte libro Paſtoril, & duuidando imprimillo, temeroſo da calumnia com que ocioſos pagaõ qualquer honeſto trabalho, agora me diſpus, ſeguro que ſe ha nelle que reprehender, ha mais que louuar na eleição de o diri-*

*gir*

*gir a v.m. Siruase v.m. de porlhe os olhos, porque assi ficarà agradauel aos de todos, & eu com animo de outra impreza mais digna da proteição de v.m. cuja pessoa, & estado guarde Deos, & augmente felices annos, &c.*

Manoel Quintano
de Vasconcellos.

AO

# AO LECTOR.

ESTimulos iuuenis ( docemente tirannos da vontade ) guiaraõ o entendimento na humilde composiçaõ deste liurinho, que agora cultiuado (se bẽ parto de seu aspero principio) beneuolo Lector vos offereço. Em seus discursos poeticos, cõ poetico estilo, imito as acçoẽs que representaõ, porque o fim da poesia he deleitar cõ exemplos. Quaes saõ por flores os offereço de aq̃lla primeira idade, & se vossa curiosidade achar nellas fragancia, em fé de agradecido vos prometo o fructo nesta, que ja vai ao Otono declinando; & se tanto nãõ merece minha sorte, encubri suas faltas, porque tudo se deue ao bom desejo. Vale.

# A DOM LOPO DE AZEVEDO

Almirante destes Reinos de Portugal, Cavaleiro
do Mestrado de São Bento de Avis, Comendador,
e Alcaide-Mor da Vila de Jurumenha, etc.

*Compus há muito tempo este libro pastoril, e, duvidando imprimi-lo, temeroso da calúmnia com que ociosos pagam qualquer honesto trabalho, agora me dispus, seguro que, se há nele que repreender, há mais que louvar na eleição de o dirigir a V. M. Sirva-se V. M. de pôr nele os olhos, porque assi ficará agradável aos de todos, e eu com ânimo de outra impresa mais digna da proteição de V. M., cuja pessoa e estado guarde Deus, e augmente felices anos, etc.*

Manoel Quintano
de Vasconcellos.

# AO LECTOR

*Estímulos juvenis (docemente tiranos da vontade) guiaram o entendimento na humilde composição deste livrinho que agora cultivado (se bem parto de seu áspero princípio), benévolo lector, vos ofereço. Em seus discursos poéticos, com poético estilo, imito as acções que representam, porque o fim da poesia é deleitar com exemplos. Quais são, por flores os ofereço de aquela primeira idade, e se vossa curiosidade achar nelas fragância, em fé de agradecido vos prometo o fructo nesta que já vai ao Otono declinando; e se tanto não merece minha sorte, encubri suas faltas, porque tudo se deve ao bom desejo. Vale.*

# LIBRO PRIMEIRO

1 Por entre serras coroadas de descompostos penedos, secas e ásperas piçarras, e à vezes por estendidos campos e sombrios vales, passa o Tera, rio de humildes águas, digno, porém, por suas belas pastoras, de fama eterna. Por onde, discorrendo com sossegado curso, chega a um vale, assi deleitoso, que a terra, de flores alegre e matizada, mostra que a natureza assi a vestisse para que dela quem quer se namorasse. Cubriam com suas ramas de gradual sombra o vistoso sítio algũas árvores de tão estranha beleza, que podera julgar-se encerrarem seus troncos sa-
lv gradas e ocultas qualidades. Fertelizavam o prado as águas de ũa fonte que, rompendo ũa pedra, pedaços de cristal da água fazia, e assi ameníssima entre verdes salgueiros exalava, que a cobiçara Vénus, e as Graças a estimaram, a líquida Acidália desprezando. Neste lugar deleitoso se ajuntavam os moradores das circunstantes aldeas, e em discreta conversação, alegre harmonia de campesinos instrumentos, e amorosos cantares, faziam breves (como o são as de gosto) as horas da ardente sesta. Um dia, quando já a declinação do sol consentia que o ar entre os ramos lascivo se enlaçasse, ouviram os pastores (que então no ervoso prado recostados se ocupavam em contos amorosos) as concertadas vozes de três fermosas pastoras, a que o vale com suaves acentos respondia, que cantando entre outras, todas, trazendo em suas mãos pedrados vasos, vinham chegando à fonte, detendo-se em despojar o campo das boninas de que esmaltá-los queriam. E vendo os pastores, com honesto sobressalto se calaram. Mas, por que este efeito natural não fosse tido por desconfiança, sen-

tadas ao longo do ribeiro tão puro e cristalino, que mostrava que fugia da fonte por seguir-se, quiseram de novo mostrar a excelência de seu canto. E porque ele primeiro com o cuidado se acomoda que ao som do instrumento, e os seus eram diferentes, tendo a causa presente, quis cada ũa por si manifestar-se. Urânia que,
2 amando a Deifilo, era por todo estremo dele amada, começou desta maneira:

URÂNIA

Amor, tenro minino,
Em teus brandos efeitos e pureza,
E ornato divino
Das várias perfeições da natureza,
A mais fera rudeza
A teu valor se rende,
E o mais claro juizo não te entende.

Quem te culpa não sente
O virtuoso ardor que n'alma acendes,
Com que suavemente
De lascivos desejos a defendes;
Tu, cego Amor, compreendes,
Nu de humanos conceitos,
Imortais e honestíssimos objeitos.

A frondosa roseira
Tem as flores belíssimas fechadas
Em travação grosseira;
Assi minhas potências encerradas,
Detidas e ocupadas,
Tinha a ignorância cega
Dos moles anos donde amor não chega.

2v Mas em manhã de Maio
Mostram (aljôfar rindo) a cor mais pura,
Sendo enveja e desmaio
De toda a mais florida fermosura,
Assi honesta e pura
É de amor a igualdade
Odorífera flor da mocidade.

Ao som do mesmo instrumento a namorada, mas descontente Amaranta, que, amando a Liceno, era dele aborrecida, com acordada voz e rosto triste, deu princípio a estes versos:

AMARANTA

Os inocentes anos
Passei da mininice,
Ledo com minha sorte o pensamento,
Donde os certos enganos
E de siso a doudice
Não sentia meu doce sentimento,
Té que encontrando amor co a mocidade
Roubou de seu descuido a liberdade.

Cousa tão agradável
Entendi que tivesse
Pura satisfação para o desejo,
Crédito miserável;
3 Por que sem ti vivesse,
Me pões a vida adonde a morte vejo,
Que vem a ser de amor um velho afeito,
Pena do coração, da honra defeito.

Quando, amor, considero
Minha infelice sorte,
Fugir pretendo em vão da triste vida,
O impossível espero,
Que será a mesma morte,
Sendo esperança tua mal cumprida,
Que sendo amor da vida ódio e veneno,
Vives na causa donde morro e peno.

Não pôde a magoada Amaranta, impedida da dor, prosseguir as amorosas queixas, nem a livre Floridora, amada de Liceno, dilatar mostrar-lhe em sua cantiga o engano que a seu

parecer seguiam, e assi desta maneira acompanhou o rabel com voz suave:

FLORIDORA

Ó míseras pastoras,
Que o tempo só felice
Da descuidada e pura mininice
A lágrimas traidoras
3v Destes a vida, alívio se chamando,
Grão mal sofrendo e breve bem buscando.

Cegas ninfas, que a um cego
Permitis que a vontade
Siga, pisando as leis da liberdade,
Vossos intentos nego,
Vossa ignorância vendo, hei conhecido
Que amor por não se ver anda despido.

Esses primeiros anos
A quem a natureza
Ofrece mimos, graças e beleza,
Passaram tão ligeiros
Por vos mostrar que em vós foram fugindo
Aos tormentos de amor que estais sentindo.

Ó bela idade quando,
Recém-nacido, o mundo
Tinha por berço o bosque almo e jocundo,
E o gado apacentando
Em frescos prados santa paz gozava,
Mantendo-se do leite que ordenhava.

Livre de ódio e cobiça,
De nada se temia,
Em doce liberdade procedia,
O engano que enfeitiça
4 Alma, que amor chamais, era amizade
Que o estragado apetite fez maldade.

Fugi de um mal comigo,
Fugi de ũa bonança
Donde não passa a dor, nem a esperança
Chega, e se a tal perigo
Quereis, vendo o remédio, conhecê-lo,
Fugi de amor, que nisso está vencê-lo.

Entre os pastores que ocupavam o sítio deleitoso estava o maioral Alceo, de todos respeitado por sua venerável velhice, e Lucindo, o mais rico maioral de aqueles campos, mas mais conhecido e estimado em outros mui apartados pelo estremo de graça e beleza da honestíssima Gelinda, sua irmã. E Marfido pastor que, nascido nas ribeiras do rio Tera, passou os primeiros anos de sua mocidade em algũas cidades populosas, donde, animado de sua natural inclinação, aproveitou em artes e curiosidades, que entre pastores o faziam respeitado. E os três pastores, Deifilo, de Urânia amado e amante, Leobelo, desprezado de sua amada Amaranta, e Liceno que, querido de Amaranta, amava a Floridora: todos (passada a elevação em que a suavidade das vozes teve os sentidos) consideravam a diferença de seus pensa-
4v mentos, e a bela matéria que tinham de conversar té o fim da tarde. Mas os três pastores, em cujas almas amor estampara os doces versos, conformes na tenção de responder-lhe, não deram lugar à sua. O amado e agradecido Deifilo, tendo os olhos na pastora que dele os não tirava, ao som de um pastoril instrumento, assi cantou:

DEFILO

Milagre da natureza,
Senhor do humano cuidado,
Cego para ser olhado,
Raro pintor da beleza.

Amor, mônstruo peregrino,
De mil contrários sojeitos,
Conhecido em seus efeitos
Por desumano e divino.

A mais fera e ruda gente
Tem coração para amar,
No alto céu, na terra e mar
Teu poder se estima e sente.

Suspendes o entendimento
Com belas contemplações,
Voando em altas ocasiões
Co mais abatido intento.

5 Tudo o que de ti procede
É fermoso e excelente,
Mas um minino inocente
Seu próprio dano concede.

E assi és inficionado
Do apetite furibundo,
Bem como no vaso imundo
O licor mais estremado.

O estado venturoso
Dos que, honestamente amando,
Em si se estão transformando
Por modo maravilhoso.

Que alma tem certa excelência
De mais sublime morada
Por amor na cousa amada
Que onde vive por essência.

Se sempre em teus olhos vejo,
Fermosíssima pastora,
Esse amor que me namora,
Norte e luz de meu desejo;

Nunca se augmente o meu gado,
Ou nenhum tenha, e o trigo
Se veja tão mal comigo
Que sempre mo esconda o prado.

5v Tudo me falte: té o dia
Noite a meu trabalho seja,
Porque tudo me sobeja,
Não me faltando alegria.

Dando o contente Deifilo fim a seu amoroso canto, começou o desprezado Leobelo desta sorte:

## LEOBELO

Pastora, em cuja crueza
Pródiga minha ventura
Foi, como na fermosura
Liberal a natureza,
Morrendo de ũa tristeza
Que vive em meu sentimento,
O mais áspero tormento
Não vês em mi por não ver-me,
Porque nem aborrecer-me
Te passa por pensamento.

Ó zagala endurecida
Mais que ũa pedra a meus danos,
Esses olhos soberanos
Já sinais de minha vida
Sejam no de que é perdida;
Mas ai que essa luz, adonde
6 Vi amor, a morte me esconde,
Que a quem aborrecido ama,
Nem (se a morte pede e chama)
Que morra se lhe responde.

Que alma em o mundo assiste
Que pene quanto padeço?
Pois também nada mereço,
Nem te lembro para triste,
Nisto meu dano consiste.
Ai condição ruda e cega,
Que a quem te foge te entrega,
Nécio amor, pena avisada,
Que padece desprezada,
E a quem te adora te entrega.

Ó feminil desvario,
Ministro de ira e furor,
Que privas amor de amor,
De luz o próprio alvedrio;
Se amor tem o poderio
Que quer dar-lhe o coração,
Porque o tornas sem razão
Amando para enfadar,
Tendo ódio para matar
Quem vive em tua afeição?

6v Esperavam atentos os pastores que Liceno começasse, porque as queixas amorosas de seus versos e a suavidade de sua voz se estimavam no Tera; ele, que os olhos tinha na desamorada que amava, que com livre pensamento praticava com as outras pastoras, dando alguns mudos sospiros, que sem eles não soem deixar os olhos o que amam, cantou este soneto:

LICENO

Ó soberba, cruel, ó de beleza
E de altos dões do céu possuidora,
Causa injusta de um bem que nunca fora
Porque haver sido o bem, isso é tristeza.

Seguindo de molher a natureza
No amor mudável, no ódio firme agora,
Fazes tão triste vida, Floridora,
Breve para chorar tanta dureza.

É natural em ti ser desdenhosa,
E assi que me desamas considero
Só porque para amar de ti te esqueces.

Ó sorte esquiva, ó força lastimosa,
Que em pago do infinito que te quero
Não me posso gabar que me aborreces.

7 Aos últimos acentos da regalada voz se ouviu (imitando sua doce consonância) o rabel do desamorado Liriandro, pastor nacido no íntimo das montanhas do Tera, tão inclinado à caça e enemigo de amor, que, por não tratar dele, fugia a conversação dos pastores, buscando com cuidado os animais e as feras pelos bosques. Dentre ũa mata espessa de aroeiras esteve atento aos versos dos pastores e pastoras, e, vendo a livre tenção de Floridora, contente e satisfeito que pastora tão fermosa desprezasse os afagos de amor que ele tanto aborrecia, magoado que não houvesse quem seu honesto intento celebrasse, e obrigado da semelhança das naturezas que naturalmente agrada e afeiçoa, saiu à vista dos que já estavam advertidos do som do pastoril instrumento, e, vindo-se para eles com passos vagarosos, parando-se à vezes, cantava desta sorte:

Alma e pompa da noite, Cíntia bela,
Protectora da mais quieta vida,
Nos campos honestíssima donzela,
No céu, da própria luz do sol vestida,
Tu que entre tantas a mais pura estrela
Sendo, estimas dos bosques Amanida,
Porque guardam contigo castidade,
Almas de mais pureza e claridade.

7v Deixa o monte Ida ou Selva Dodonea,
Do bosque de aciprestes a espessura,
Verás, pastora, a mais cruel Napea,
Qual rodeada de espinhos rosa pura;
Esta só digna dessa luz Febea,
Honesta e fermosíssima criatura,
Aqui donde amor sojeita e prende,
Entre seus laços teu louvor defende.

Mas tu, ninfa excelente e peregrina,
No intento a que alma docemente ofreces,
Ao exercício torna a que te inclina
A casta Diana, cujo amor mereces;
E se no bosque espesso a cristalina
Fonte onde descansavas nunca esqueces,
Não te temas de amor; livre comigo
Vem, que só desamor pretendo e sigo.

Receberam alegremente os pastores ao desamorado Liriandro, convidando-o entre si com o assento do prado, que ele aceitou dizendo:

— Bem vejo, discretos pastores, que, porque poucas vezes me acho em vossa companhia, tereis por novidade minha vinda, e sei que tendes por desumanidade trocar este sítio, que tanto amais, pela solidão do bosque, só de feras acompanhado; mas
8 eu sei que sigo o que mais me convém, porque, tendo vós por fundamento de vossas conversações esse tirano do alvedrio, a que dais nome de amor, e sendo tão certo que as primeiras armas de seus efeitos são os olhos, e as palavras lascivas as segundas, não posso eleger remédio mais certo que apartar-me do lugar donde só dele se trata, e seguem os olhos as veredas do que chamais fermosura, sendo engano do desejo e prisão do entendimento. Agora que chegou a meus ouvidos a voz de aquela pastora e entendi os honestos conceitos de sua alma, venho a vós, satisfeito que tenho quem me escute quando vos canseis de ouvir-me.

A isto respondeu o maioral Alceo, dizendo:

— Não pode cousa algũa, sendo tua, pastor Liriandro, fazer que essa presença não seja agradável a esta companhia; o privares-nos dela nos é enojoso, e a razão por que tua opinião fica sendo imprópria de qualquer entendimento. Perseguir as feras, armar laços às aves, usar dos modos que a indústria enventou para o exercício da caça, e ser inclinado a ela há-de ser para honesto passatempo, de maneira que o que nela se gastar não se roube ao estado e ofício do que a segue, e inda assi há-de ser em companhia dos amigos, e para comunicar com eles seus desvariados sucessos; o mais é rude obstinação e estranha inumanidade. Pois
8v se queres disculpar este erro com dizer que foges donde se trata de amor, e como enemigo seu te é enojosa a vista das fermosas e honestas pastoras, sendo objeto que os olhos com o coração magnânimo acreditam, cais em outro maior, que o amor é alma da vida humana, e por isso o pintam com asas, porque não há liberdade que lhe fuja, mas, se estás livre dele, contenta-te com seguir tua opinião, não querendo disputar contra a de tantos, que com razão foi sempre julgado por ignorância.

— Maioral Alceo —respondeu Liriandro—, não sou tão amarrado a meu parecer, que queira contra o de muitos trazê-lo em praça, nem tão sojeito ao alheo, que me transforme nele,

apartando-me do meu. E assi sigo a caça pelos bosques, e amo a solidão donde o entendimento está livre de tantos inconvenientes.

Com atenção e gosto ouviram os pastores ao desamorado Liriandro, e as pastoras entre si graciosamente culpavam sua dureza. Só a esquiva Floridora se alegrava de ver um pastor moço e gentilhomem tão enemigo do amor. Não era isto oculto aos pastores, e houve alguns que estimaram mostrar em sua presença a Liriandro o erro em que vivia. Mas o lastimado e constante Liceno, mais que todos. Mas, por não encontrar o de que Floridora mostrava receber gosto, estava mudo. O pastor Marfido,
9 que seu amigo era, sentindo seu desejo e o impedimento que para ele tinha, e também porque era tão namorado, que não sofria que tal obstinação permanecesse contra o amor, sem a repreensão que merecia, lhe disse:

— Desamorado pastor, bem vejo que não pode esperar-se de meu rudo ingenho que, louvando os efeitos do amor, reduza tua pertinácia a bom discurso, mas ao menos, para que se saiba o em que fundas a razão de tuas sem-razões, e com tuas próprias armas fiques vencido, me ofereço a mostrar-te suas excelências, e o engano em que vives.

A estas palavras de Marfido, houve grande alvoroço nas pastoras, e os maiorais e pastores esperavam com alegria a gostosa contenda que se ordenava. Liriandro em tanto estava suspenso, e nada respondia ao que Marfido havia dito, pelo que, persuadido de todos e com mais eficácia de Floridora, que lhe disse importar ao crédito da opinião que seguiam não ficar Marfido com o louvor de sua presumpção, disse assi:

— Melhor me estivera eu, discretos pastores, na espessura dos bosques donde habito e meu natural me inclina, que neste lugar donde (sendo-me tão penoso ouvir vossas canções e práticas amorosas) me obrigais a tratar delas, e que entre na palizada com um enemigo que só com o nome me mata, mas em fim vença
9v a obrigação que tenho de agradar-vos. Marfido poderá travar comigo contenda, em que com mais sua honra vos deleitará, que nesta não posso aproveitar-me de cousa que arma contra ele não seja, e assi é certo ficar triste e magoado do trance em que se meteu.

— Armado ou desarmado —respondeu Marfido—, já estou metido em ela e estimo te sobejem armas, porque sem elas não procurara vencer-te.

Estas palavras festejaram com alegre riso as pastoras, e despois, sossegadas, esperaram que Liriandro começasse. Ele, a quem sua montesinha criação não concedeu poder disputar em caso semelhante, com a eloquência que ao entendimento e partes de Marfido se devia, como o tivesse claro e natural, temeu sua vergonha e envergonhou-se de ficar vencido. E assi lembrado do sábio Alionte, que, despois de cursar as escolas muito tempo, se retirou a um pomar que naqueles campos tinha, o qual era seu parente, e considerando que em suas letras podia achar a erudição de que ele carecia, rompeu com a voz o silêncio em que estava, assi dizendo:

— Já que Marfido quer que em vossa presença tratemos deste dano universal de todo o mundo, impossível será que no breve ligame que o sol nos concede, fugindo deste horizonte, envolvamos o que não eu, que rudo sou, mas muitos e próprios orado-
10 res não poderão bastantemente falar em mui largo tempo, inda que o pouco que eu direi espero pareça muito a Marfido, e que a vós sirva de aviso, para conhecer o nocivo veneno que encobre este nome suave que vos cega, e assi com vosso aprazimento o deixaremos para a festa d'amanhã, e então conhecerá Marfido seu engano, ou vós sua pertinácia.

Todos aprovaram o que Liriandro disse. E, apartados de aquele lugar, guiaram seu gado para as malhadas, o qual, com saudosos balidos, mostrava despedir-se do sol que no ocaso se escondia. Marfido, deixando o seu aos zagais, foi medindo com vagarosos passos o já solitário vale, ao longo da ribeira que da fonte manava, e imaginando na contenda que com o desamorado Liriandro se lhe oferecia, em presença dos pastores de sua pátria, que de suas cousas tinham só a notícia que a fama, por infinitas bocas, costuma revelar, e assi de ordinário se desconhecem, sendo vistas, veio a dar em um profundo pensamento. Mas, como os olhos viam naqueles lugares adonde se criara alguns vestígios donde a memória comunicava à alma saudades, obrigada de lembranças, deu lágrimas a eles, e sospiros à voz que, concertados com o murmurar das águas e com o sussurro com que o vento se enlaçava entre os ramos donde a queixosa Filomena contrapontear queria tudo o mais, como
10v seja chorar, cantar memórias, tirou do surrão o seu rabel, que,

acomodando à música que a natureza então no vale obrava, e a voz a ele, assi cantou:

Murmuradora e líquida corrente,
Felice bosque em plantas e verdura,
Campo que sempre a vária fermosura
Em ti da primavera está presente,

Ai quem nunca de vós se vira ausente!
Mas quando ũa alegria foi segura?
Aqui onde começou minha ventura,
Só dor e mágoa já se me consente.

Deixei-vos sem saber o que perdia,
E conheço-vos ora em tal estado
Porque não perde gostos a memória.

Se para não nos ter como soía,
Suspender pode o tempo meu cuidado,
Melhor morrera asido a tanta glória.

Assi cantava Marfido, tão entregue a seu cuidado, que, sem saber por donde, se achou no mais espesso de aquele arvoredo. Alumiava Cíntia as selvas, e Marfido, que bem sabia a terra, e mais a solidão o agradava, veio a dar nũa fonte que no íntimo de ũa pedra mostrava ter nacimento, e um ulmeiro de ũa parte, e da outra um freixo cubriam de maneira que podera imagi-
11 nar-se que as Napeas nela se banhavam. Ali passou a maior parte da noite conversando com o cuidado, e, vindo a madrugada, caiu num profundo sonho, no qual parecia chegar a ele ũa Ninfa de admirável fermosura, que lha mostrou o sonho, qual acordando dele a pôde ver, e que, turbada a natural alegria de seu rosto, com estranha violência lhe metia a mão entre os peitos (tinham seus olhos já feita a entrada, e assi não era muito que mão tão delicada lhos abrisse) dizendo:

— Pois ordena o fado e tua vontade livre, pastor ingrato, consente que outrem dono se chame do que a minha fé se devia, já que outra hera há-de abraçar tronco que, com ser tão duro, tem as raizes nesta alma; quero ao menos que me fique este que tantas vezes me ofereceste, porque se ele (como dizias) é o selo de meus merecimentos, não é bem que de outrem seja, inda que a ti te possua.

Parecia-lhe ao pastor que no fim destas palavras lhe arrancava o coração, e com ele se partia, recebendo tanta pena como se verdadeiramente passara. A este tempo o acordou um gamo, que fugia de ũa Ninfa, em cuja fermosura cifrou a natureza a perfeição de tudo o que se estima: pendia-lhe dos ombros ũa al-
11v java de frechas, e frechado com ũa, trazia nas mãos um arco, e ao tempo que Marfido se levantava, despediu dele a seta, cujo efeito impediu num só tempo ao gamo carreira e vida. Ele, que na peregrina caçadora tinha os olhos, ou fosse que inda do sonho ocupados os tivesse, e fantásticas formas ainda à imaginação oferecesse, ou realmente o poderoso Amor, escondido nos olhos da Ninfa, tal milagre obrasse, julgou que outra seta deles saída nos peitos se lhe imprimia. E assi enchendo a selva de gemidos e de lágrimas a fonte, caiu ao longo dela amortecido. Admirada a bela caçadora do não cuidado caso, chegou (obrigada de ũa natural piedade) donde o triste pastor estava, e, pondo nele os olhos, pareceu-lhe que já o tinha visto. Esta imaginação, ou porventura a própria alma do desmaiado Marfido, que neles como em morada sua residia, a sentir seu tormento a constrangeu, e assi, chegando à fonte, encheu as mãos de água, e, convertida em perlas, lha deitou no rosto; e fez o mesmo efeito no coração de Marfido que a da esponja na fornalha, avivando mais o fogo em que ardia, e o sentimento desta grave pena o livrou do acidente. Levantou-se, e, vendo-se ante aquela por quem num instante morto e vivo se julgou, e que era a mesma que sonhando vira, emudecia na novidade do caso. Mas ela, a quem sua no-
12 breza obrigou àquele acto piadoso, vendo-o fora de perigo, apartou-se. E estando ele, inda que em seu acordo mais sem ele, lhe disse:

— Dize-me, pastor, de mi antes não visto nestas montanhas, quem és e a ocasião de teu passado acidente.

Marfido, tirando a voz da força de obedecê-la, respondeu:

— Naci nas reibeiras deste humilde Tera, e apacento o meu gado nas do Caia. Cousas tocantes à conservação dele me trouxeram agora, bem fora de cuidar que donde fui dado ao mundo me estivesse esperando a dura morte. Esta me deu o amor escondido em teus olhos, quando, acordando ao ruído do fugitivo gamo, arrojou a seta que, levando alma a eles, deu com o corpo em terra, como viste. O espanto em que me vês a causa dele o disculpa. E quem poderá ver-te nesta parte que não tema de Ac-

teon o adverso caso, que, inda que vendo o que ele viu, ditoso fosse? O pouco que mereço me anuncia que ao fim hei-de ficar de pior forma, que o carecer da esperança do que se ama é o maior mal que cabe na vida humana.

Ela lhe disse:

— O atrevimento não se concede aos princípios do amor, e a quem sou devo o castigo do que aqui tomaste, mas, pelo não visto excesso que minha vista vi causar em ti, te quero consentir essa vontade que dizes tens de servir-me, que bem sei de ser eu a quem se tem será de modo que não perderei nada na glória
12v que em tê-la tenhas. E porque a companhia que trago neste exercício não pode já tardar muito, e me pesaria que aqui me achasse, fica-te em boa hora, que não faltará ocasião em que me vejas.

Ditas estas palavras com maravilhosa honestidade, graça e confiança, seguiu ũa estreita vereda, que de aquele lugar té o espesso do monte se estendia, e, metida por ele, a pouco espaço se encondeu aos olhos do pastor, a quem as ramas bastas mais enojosas foram que ao pastor Endimião as densas nuves. Mas não tardou muito que por a mesma parte do mato por donde Gelinda (que aquela Ninfa era) ali chegou, apareceu ũa zagala de pouca idade, morena, mas porém agraciada e fermosa, e pendendo-lhe dos ombros a satífera aljava, bem mostrou ser Ninfa da Diana de aqueles bosques. Chegou a Marfido que, discursando no sucesso, imagem feito da saudade estava, e vendo morto o gamo, bem entendeu que mão tal golpe fizera. E assi, despois de saudar o pastor, lhe perguntou se sabia por donde a bela caçadora que aquela seta empregara havia ido.

— Emprega tantas, graciosa montanhesa — respondeu o pastor —, essa Napea fugitiva, que, a não considerar que as que no interior traspassam o coração mal podem ver-se, entendera que pela que nele tenho mo dizias. Aqui chegou, seguindo aquele
13 animal que, como tal morte tão fermosíssima fugia, com quem ela usou de mais piedade que comigo; porque, despidindo a um tempo duas setas, a ele ũa do arco, dos olhos outra a mim, ele descansa morto, e eu vivendo morro em tanta pena, que me fora melhor perder mil vidas.

— Lástima te tenho, pastor — disse a serrana — e a novidade do caso me lastima, que os males que não se esperam são de maior sentimento. Não sinto ao teu outro remédio mais conveniente que não lhe esperar nenhum, pois é tal que o não tem,

e os desta sorte o mor dano que trazem é a esperança. E se alguns dias tratares a nossa aldea, verás que só os curados deste desengano vivem.

— Ordenem os Céus —respondeu Marfido—, Serrana discreta, que corte a morte a flor de meus verdes anos, antes que o sol se aparte de nossos olhos, se deste amor os efeitos em tempo algum enfraquecerem, não porque digno me julgue de algum favor de aquela peregrina fermosura, mas porque amor me ensina que o viver ela em mi consiste em morrer por ela.

— Enxuga dessas lágrimas os olhos, que as derramadas bastam para que tua afeição me signifiques, e para lhe procurar qualquer alívio, e dá-me licença que hei-de seguir os passos de quem sirvo, e também para ordenar que a caça deste dia seja em casa.

— Mas se queres —lhe disse Marfido— que espere o que de teu favor me asseguras, sê contente que comece de agora a ser-
13v vir a quem adoro, levando ao menos té fora da espessura o morto gamo.

— Por que não duvides —respondeu ela— que procurarei o que te disse, sou contente, com tanto que me tires de ũa dúvida, declarando-me quem és.

Ele lhe disse que em tudo a obedeceria, e tirou do surrão ũa corda com que os pés e as mãos atou do gamo, e posto no cajado, com ele às costas, seguiu a montanhesa. E começou a dizer:

— Saberás, Serrana graciosa, que eu (inda que agora estranho em ela me julgues) naci na aldea que estes campos senhorea. Meu próprio nome é Marfido.

Prosseguir queria o pastor, mas a atenta zagala, abraçando-o com mostras de alegria, lhe disse:

— Possível é, Marfido, que tanta impressão fizeram em ti os efeitos do tempo, que a quem mais te conhece queres fazer história de quem és? Ou por ventura (como é ordinário nos pastores) entendes que das pastoras de tua pátria será esquecido teu nome? Eu sou Lucenda a quem os pueris jogos de tua mininice não esquecem, nem o que em presença de Gelinda já com mostras de amor então dizias; a qual, se não me engano, há-de estimar estares nesta terra, e por ventura se lembre de aquele tempo, que as cousas que dão contentamento se imprimem na memória melhor quando outras não sucedem de mor gosto.

14 — Na minha ao menos —lhe tornou o pastor— estão tão bem fundadas como escritas do amor na própria alma, que, sendo

imortal, não move seus efeitos o costume do tempo, nem a mudança da fortuna, mas a doce primeira causa deles.

Assi iam falando, quando Lucenda viu a Ligurceo, um dos cabreiros do maioral Lucindo, irmão da bela Gelinda, ao qual bradou que àquele lugar viesse. Em tanto disse a Marfido procurasse ver Gelinda, porque a quem vê-lo queria não lhe parecia mal; e levando em suas promessas todas as esperanças do pastor, a quem deixava saudades, se foi com Ligurceo, que, com o gamo às costas, a seguiu. E porque Marfido à vista dela levava o caminho das suas cabanas, tendo bem na memória o que com ele passara, com graciosa voz foi cantando estas endechas:

A paixão de amor
Que nalma se sente,
Com gostos e dor,
Dura eternamente.

Que se cada cousa
Tem centro e lugar,
Nalma amor repousa
Que sabe de amar.

Consiste o viver
Na vida do amado,
Se amor chega a ser
Alma do cuidado.

Brame o mar furioso
Salteado dos ventos;
O céu espantoso
Cause movimentos.

Sacuda-se a terra
De vapores chea,
14v Temor, dano e guerra
Em tudo se lea.

Que não há disfavor,
Nem adversidade
Que não augmente amor,
Se ele é de verdade.

Com asas voando
Vai o pensamento,
A que amor vai dando
Ser e movimento.

Vai desempidido
Sobre os altos muros,
E rompe atrevido
Os penhascos duros.

Nunca quedo está,
Num instante se ceva.
Donde não irá
A quem amor leva?

Pastor venturoso,
Vivei confiado;
Não vades queixoso
Donde sois lembrado.

Quem bem ama tenha
De amar em certeza
Que a este fogo é lenha
Nossa natureza.

Nem há coração
De Hircânica fera
Que a doce paixão
Não torne de cera.

Julgou Marfido que seria rudeza deixar a cantiga de Lucenda sem reposta, por não cair nela, seguindo com outros tais os tardos passos com que ela procedia pela alegre riva do ribeiro, pelo ouvir; vendo que a cantar se dispunha, tirou do lanudo surrão o seu rabel, e cantou ao som dele este romance:

15 Reinava a fermosa Vénus
Na hora de meu nacimento,
Contrastada de Saturno
Para seus doces efeitos.

Té o estado em que estou
Bem o dizem meus sucessos,
Que amar sem ter esperança
Em mi com firmeza vejo.

E antes que da tenra idade
Rompesse o inocente velo,
Senti do insaciável filho
Ferido meu peito tenro.

Minino se me mostrou,
E porque amigo quis tê-lo,
Me disse: — Eu só co as mininas
Converso de uns olhos negros.

Seguindo-o por donde foi,
Chegamos a um bosque ameno,
Donde entre cheirosas flores
(Que alegres lhe eram assento)

Estava ũa Ninfa bela,
Da natura raro excesso,
Que ou era milagre seu,
Ou do céu divino efeito.

15v Ali à vista dos meus,
Entrando em seus olhos belos,
Fez das fermosas pestanas
Setas que no peito tenho.

Eu (noutro amor convertido)
Com ciúmes a amor anexos
Quis privá-lo de tal glória
Que era só sua não vendo.

Tanto assi me entimei
Naquele tão vão desejo,
Que alegre foi alma a eles
Ao corpo impossível sendo.

Então já morto entendi
Do tirano amor o intento,
Que os menos considerados
São mais incuráveis erros.

Mas no excelente lume
De aqueles claros luzeiros
Me renovei como fénix
Em outro melhor sujeito;

Que dibuxando-a em si
O amoroso pensamento,
Ter disto viva a memória
É a vida que agora tenho.

16 Assi que já morto vivo
Na beleza que contemplo,
O que não podem roubar-me
Ausência, fortuna e tempo.

A seu poder e mudanças
Seguro me considero,
Porque à vezes lhe resistem
Fé, vontade, entendimento.

Por esta Ninfa que adoro
A quem dedico, ofereço
Rogos, lágrimas, sospiros,
Como de minha alma templo.

Indigno de a ter por ela
A vida perder receo,
Que inda que é tão má, por sua
Me há-de pesar se a perco.

Mas se é verdade que as cousas
Vistas nos anos primeiros
Se imprimem mais na memória,
Porque há então cuidados menos,

Aquele morrer em mi,
E nela viver entendo,
Lhe há-de lembrar, e por serem
Só seus do amor os troféus.

16v Se assi é todos os males
Que o podem não ser conheço,
Que o bem de quem bem ama
É sentir-se seu tormento.

Soava a voz de Marfido com brandos acentos, dilatando-se no côncavo vale. A zagala Lucenda o escutava, e a ventura, que não queria favorecê-lo, ordenou que a fermosa Gelinda, cansada do trabalho da caça, esperando Lucenda, estava sentada à sombra de ũa azinheira, e o ouvisse, notando (como quem na memória o tinha) o vivo de suas palavras, que com a clara experiência do que aquela manhã viu do firme amor de Marfido, não pôde resistir seu livre coração que um amoroso sentimento o salteasse, que nunca ninguém se viu amado que o natural gosto de o ser desse mesmo amor não procedesse. Chegando Lucenda ao fresco lugar adonde estava, juntas se foram às cabanas do maioral Lucindo, donde certificada a fermosa Gelinda quem o pastor era, dizendo-lhe Lucenda o que com ele passara, assi se entregou ao cuidado amoroso que entendeu que quem de verdade o tem se satisfaz de aquela correspondência. Assi, não tratando de outra cousa, passaram aquele dia. E sabendo de Lucindo a prática de amor que a tarde do passado dia para a de aquele se aprazara entre Marfido e o
17 desamorado Liriandro, quis Gelinda achar-se presente, que a vista do pastor de quem tanto estimava ser querida e a novidade do sucesso a obrigavam. Contente disto Lucindo, com alguns dos pastores, e ela com Arguia e Lucenda, foram caminhando para a Fonte dos Salgueiros, que assi tinha nome aquele lugar, que teatro era dos rústicos jogos e amorosas contendas dos pastores do Tera. Vinham por outra parte muitos pastores com o maioral Alceo, e entre eles Marfido e Liceno e as pastoras Olinda, Urânia, Arsinda e Lindoniza, com outras que, honestas e fermosas, davam lustre àqueles campos. Descubria-se do lugar donde então chegavam o claro rio e as casas de Lu-

cindo, dignas de ser possuídas da belíssima Gelinda. Ali disse Alceo aos pastores que alguns deles cantassem até chegar à Fonte dos Salgueiros, e Lucindo rogou a Marfido que ouvissem seu canto os pastores de sua pátria. Ele, que viu que a tal rogo não era justo esperar muitos, tendo os olhos naquele sítio donde Gelinda se assentou quando a Lucenda esperava, e o pensamento nela, assi cantou:

Amor, que aberto vês o pensamento
E os doces passos que lhe vás mostrando,
Como se lá também vou sospirando
17v Fico, e de mi não parte meu tormento?

Se digno vês de algum contentamento
O coração que estás só penetrando,
Presta-me as asas com que vá voando,
Que eu de morrer calando me contento.

Aquele claro lume, d'alma faro,
Vejo, e na bela vista me detenho,
Mas como fugirei se a mi me sigo?

Ali meus pensamentos lhe declaro;
Mas se da causa satisfeito venho,
Vens penando-me, amor, também comigo.

De todos com atenção foi escutado Marfido, mas Gelinda notou a confusão e receos do pastor, o que estimou, certa que as cousas que muito se desejam nunca se têm por seguras. Leobelo então, cosiderando a saudosa harmonia que um roxinol fazia dentre os ramos de um freixo, adonde estava, e o rigor com que Amaranta tratava seu cuidado, disse este soneto:

Com tanta suavidade estás cantando,
Mudada em passarinho, Filomena,
Que eterna fazes tua injusta pena,
Sentidos e memória lastimando.

Os suaves acentos que formando
18 Estás na estância por ti mais amena
Acendem alma donde amor ordena
Que te vão meus sospiros imitando.

Mas ai que não são queixas! Doce canto
Forma amor em teu peito a que o lascivo
Consorte namorado te responde.

Eu cos roucos gemidos de meu pranto
Donde não morro, porque já não vivo,
Chamo quem, tendo-a em mi, de mi se esconde.

Já a este tempo chegavam os pastores junto à fonte e por outro caminho o desamorado Liriandro, com outros muitos e algũas pastoras, e entre elas a livre Floridora, o que, visto por Liceno, temperando o seu rabel, dirigiu a sua crueldade este soneto:

Declara-me, feroz tigre humanada,
(Assi teu gado em frescos prados paste)
Em que montanha oculta te criaste
E a fera de que ali foste adoptada.

Ou se em árvore rústica encerrada
De venenoso humor te alimentaste,
E o ser proterva e dura reservaste
Entre esterpes e troncos conservada.

18v Ou se a beleza natural vencida
De pedra te formou a natureza
Com nova e exemplar rara escultura.

Oh, Ninfa não, mas fera embravecida,
Oh, fera não, mas tronco de aspereza,
Oh, tronco não, mas pedra fria e dura.

Floridora, por mostrar a Liriandro que era amiga só de enemigos de amor, chegando os maiorais Alceo e Lucindo aos de sua companhia, os recebeu, cantando este sòneto:

Preciosa, inestimável liberdade,
Clara e divina prenda do alvedrio,
Luz, ornamento, graça e atavio
D'alma, imortal tesouro da vontade;

Caminho claro, fiel seguridade
Do entendimento, paz, honesto brio,
E segurança do ânimo, desvio
Do medo vil, da atroz temeridade;

Perde-te o triste que de amor perdido
Seus efeitos imita, cego, tendo
Por bem seu mal, voando no cuidado;

Com asas de sospiros, nu vivendo
De alegria; ó repouso do sentido,
Tu só na vida és felice estado.

19 Chegou a pastora ao fim de seu canto ao mesmo tempo que todos chegavam ao deleitoso sítio donde, sentados donde a cada um melhor lhe pareceu, ouviria a Liriandro. Ele, tendo na memória um discurso que a seu rogo escreveu Alionte sobre aquela matéria, sentado sobre o tronco de um freixo que de verdes limos parecia acolchoado, e já quanto levantado sobre a pintada terra se mostrava, vendo que todos com atenção e silêncio esperavam que falasse, olhando-os a todos com sossegado gesto, recolhendo ao entendimento o que intentava dizer, com voz sonora a suas razões deu princípio:

— Amor, discretos pastores e honestas pastoras, fingem os poetas ser filho de Vénus e, discordando entre si, dão-lhe diversos pais: Marte, Mercúrio, Vulcano e outros; e convenientemente, porque assi como as cousas verdadeiras se acreditam na conformidade com que de muitos são escriptas, assi as que o não são se manifestam na diferença dos pensamentos que as imaginaram. Mas ele, verdadeiramente, é filho do desordenado apetite e da vil ociosidade. E sendo quasi primeiro parto de malícia e vício, é procreado em nossa fantasia, donde, vestido de ligeiras esperanças, sustentado de ociosos pensamentos, crece em tempo mui
19v breve em tal maneira, que não cabe em si mesmo. Este, bem que ao princípio seja caro e amável a quem o alimentou, como minimo que deleita com suas ignorâncias, crece de dia em dia tão sobre naturalmente, que não parece nem deve ser o que antes era. Chama-se amor, pode ser que dirivado de amaro, porque só quem ama pode ter nome de amaro; só é coitado, tristíssimo, e sem ventura, porque, assi como todos os rios têm princípio de

algũa fonte, assi o têm todos os males de amor, pelo qual não devem os homens que amam lamentar-se de suas dores e penas, porque os tesoureiros de amor pagam a seus vassalos da moeda que ele possue. Este é seu costume, nem pode ser de outro modo o de que com razão podem queixar-se: é de chegar ao estado míseros de amar. Tão particular enemigo é de cada um de nós esta peste universal do mundo, que só por nós amarmos sentimos e padecemos as naturais misérias de nossa fragilidade; que se naturalmente não amássemos a saúde do corpo, impossível fora sentir alguém suas dores. Sente a pobreza o que ama os bens da fortuna, que quem com seu estado se contenta vive seguro dos assaltos dela, como aquele filósofo que não quis ser consolado do muito que perdeu, dizendo que a riqueza que amava era a que em si possuía, e não podia perder-se. Os mesmos efeitos vemos nos animais que, amando eficazmente seus filhinhos, se
20 algum vê morto, ou lhe é roubado, dá mostras de demasiado sentimento; mas despois que são grandes, e de sua alimentação perde o cuidado, se os vê despedaçados não tem pena, porque já os não ama. Ó amor, amor! já não fonte de donde algũas águas têm princípio, mas mar de todas elas, causa e origem de tudo o que na vida é lastimoso. Deram-lhe nome de deus, porque seus efeitos excedem todo o curso ordinário e são dignos de espanto e maravilha, e, sendo eles todos encaminhados a total dano dos homens, desconveniente lhe era esta preeminência. Mas os antigos poetas, considerando a rudeza dos homens de seus tempos, e quão apartados viviam da polícia humana e racional, inventaram as fábulas, e, debaixo do velame delas, assi como debaixo de vidro transparente, encubriram as verdades que ensinar-lhe pretendiam; e assi, deleitando-os, pouco e pouco os reduziam a melhor vida. Neste tempo que o mundo mancebo tinha mal amestrados seus povos, foi feito deus o amor com outros muitos, não por outro respeito mais que por mostrar àquela gente grosseira a potência que esta paixão tem sobre nossos sentidos. E se consideramos o poder que o amor tem em nossas vidas, verá-se claramente serem infinitos seus milagres, e todos em nosso dano, e justa causa de se lhe dar a deidade que possue: porque, quem vive no fogo como salamandra? Quem não se afoga num mar
20v de contínuas lágrimas? Quem, perdido todo o vital calor, se congela como caramelo? Quem se desfaz à vista de seu desejo, como neve ao sol? Quem, pretendendo manifestar o que sente, se torna

mudo e imóbil como pedra? Quem se sustenta levado de seu pensamento pelo ar inficionado de infinitos sospiros, se não ama? Nenhum, certo, que só amor todas as maravilhas que a natureza obra em diferentes sojeitos pode cifrar no sojeito de quem lhe é sojeito. Mas não é isto de tanto espanto, como ver que vive um amante em quem ama, em si próprio morrendo, mas de maneira que sendo possível a todos os que têm vida poderem-se privar dela, como é impossível o estendê-la, não pode o infelice amante deixar de viver quando mais procura a morte, porque são tantos os tormentos de quem ama, que, quando pelo rigor deles chega à morte, único remédio deles, o gosto de se ver com liberdade, inda que morrendo, lhe torna a dar a vida, e com ela o verdadeiro pesar do que padece. Fez-lhe desejar a morte e o bem que por ela espera o torna à vida. Quem (senão por amor) podera ver unidos dous sojeitos em si tão apartados? Dizem que,
21 encontrando-se o amor com a morte, ao despedir-se inadvertidamente trocaram as aljavas e arcos, e que desde então a morte torna aos velhos amantes por matá-los, e o amor pelo contrário mata aos moços. Mas a mi me parece que das frechas de amor não há estado seguro em nossa idade, e que o certo é que amor fere com as frechas da morte, e a morte com as de amor, porque o mesmo é amar que não ter vida. A morte já tem seu poder constituído, que é dar fim a ũa vida com ũa morte, mas amor para cada vida tem inumeráveis mortes. Deram-lhe para demonstração de sua deidade e para significativos de seus efeitos insígnias maravilhosas: pintam-no nu, minimo, cego, com ũa tocha acesa em ũa mão, um arco em outra, e pendente dos ombros ũa aljava chea de frechas. Nu, para mostrar que o amante não tem de seu cousa algũa, pois ele próprio é de outrem, e porque fica no mesmo instante que a amor se entrega despido totalmente da razão, do livre alvedrio e de todo bom discurso. Isto declara ver aquele grande Hércules vencido do amor despojar-se das armas e vestidos, que eram assombro e castigo dos tiranos do mundo, vestido nos de Iole a quem amava. Nino, vestido nos de donzela por dar gosto a sua mãe, lhe consentia que, vestida de varão, representando ele próprio com insígnias reais, gover-
21v nasse seus reinos. Aquiles entre as donzelas de Deidâmia, também donzela feito por amá-la. Entregar-se Leandro nu ao mar está representando o amante que vai após um desejo, despojado de razão e de conselho. Também pode considerar-se andar des-

pido o amor por dar a entender a contínua pobreza de um amante, faltando-lhe a possessão do que ama, inda que o mais da vida lhe sobeje. Esta pobreza e cobiça insaciável dos amantes fez que Páris roubasse Elena, Jasão a Medea, Júpiter a Europa, Teseo Ariadna e Fedra; fez que Marco António, por seguir a Cleopatra, perdesse o império da maior parte do mundo, tendo por mais fácil privar-se de tão grande senhorio, e em fim da própria vida, que de quem lhe possuía o gosto dela. E que el-Rei Rodrigo, por seguir os antolhos de um desejo e possuir de Florinda a fermosura, se privasse do respeitado reino das Espanhas. E em fim para remate de sua nudeza e miséria, digamos que não há lei contra a de amor, inda que seja a da necessidade, por mais que se encareça; porque amor manda as três Graças, e, sendo elas filhas da necessidade, claro está que as filhas e a mãe lhe estão sojeitas; e o certo é que não há necessidade a que não exceda a que nos vem por amor, pelo que imaginaram alguns que não podiam os mortos ser detidos no outro mundo, não tornando nunca a este, por força ou necessidade, senão que o amor que
22 cobravam ao deus Plutão os detinha eternamente esquecidos de tudo o desta vida. Pintam-no minimo, não porque o seja, que naceu com os primeiros homens, mas porque minimos torna os míseros amadores no entendimento, na fraqueza do ânimo, e à vezes torna tais aos mais velhos sem se ajudar das ervas de Medea, que ũa nova afeição é mais poderosa que elas: e também porque os mininos facilmente se esquecem do bem que recebem e de mui grandes agravos por um piqueno afago, e assi não há benefícios mais mal agradecidos que os que por amor se recebem, porque os amantes não procuram mor preço a suas cousas que o recebê-las quem amam. São mininos que em presença de quem amam satisfazem com lágrimas e rogos os desprezos e agravos que recebem, à imitação deles, a quem o choro é refúgio, armas e instrumento com que remedeam suas misérias. Em fim, são mininos pela facilidade e presteza com que em suas tristezas se alegram, em suas iras se aplacam, e dão de um contrário em outro. Pintam-no com os olhos vendados, por mostrar que os amantes são cegos, e como tais não se sabem guardar dos inconvenientes que se lhe oferecem, e não têm luz para diferenciar o mal do bem, que de ordinário têm a um pelo outro, e assi sempre
22v vivem em mal; não conhecem o caminho que seguem; caindo vão a cada passo em mil misérias, mas qual irá um cego trás um mi-

nino que voa? São cegos em não ver que o que amam é ũa aparência de beleza que por momentos se aniquila e desfalece, e de que não resulta mais que um breve deleite, e deste um arrependimento comprado com mil trabalhos e perigos. São cegos porque quando entendem encobrir seus desígnios então os manifestam como ave que, escondida a cabeça e não se vendo, descobre todo o corpo a quem a mata. A vista corporal é o princípio do amor sensitivo, e por esta razão cada um se houvera de guardar de ver curiosamente o que provoca o desejo, ainda que seja de cousas insensíveis; que por esta razão houve quem proibisse estátuas desonestas, assi que em vermos desordenadamente consiste o sermos cegos. São nossos olhos janelas por donde alma se assoma, e descobre seus conceitos; se não houvera olhos, dificilmente se namorara alma; pelo que houve quem disse ser milagre namorar-se alguém do que não viu. São laços os olhos donde, entrando a afeição, não sabe achar caminho de sair-se. São um laberinto dos olhos os próprios olhos, e se este amor de que tratamos fora pessoa humana, e não ũa aparência imaginada por seus vários efeitos, afirmara que se tapou os olhos por não entrar nele, entendendo que não bastaram suas asas a livrá-lo, como
23 a Dédalo, do que fez em Creta. Pintam-no com ũa tocha acesa em ũa mão, pelos incêndios que causa esta paixão furibunda. É o fogo agradável pelo resplandor, e luz que de si deita, mas por sua quentura intensa é dolorosíssimo; assi a primeira aparência de amor é aprazível e causa deleite, mas despois o uso e experiência de seus efeitos atormentam incomparavelmente. O que por ventura se fosse conhecido dos amantes, antes de cair no laço dos olhos, pode ser não houvera no mundo tantos danos; mas eles, de seu mal cobiçosos, e cegos na luz deste incêndio, como borboletas se abrasam no que para se alegrarem pretenderam, e de ordinário eles próprios o acendem, de que resulta que despois, qual Perilo no seu touro, no fogo que atiçaram se consumem. É como fogo infernal este em que se abrasam os míseros amantes, porque, abrasando alma, não consume o corpo, qual o raio que, não deixando sinal de sua fúria no exterior em que não acha resistência, penetra e desfaz o escondido donde acha a sua violência oposição. Este é o que destruiu o reino e tirou a vida ao mal logrado Turno e a Tarquínio o reino da soberana Roma; este abrasou Espanha; este abrasou o invencível Hércules, triunfando nele de suas maravilhas. Por este andaram os

23v Tebanos Efocences anos em contínua guerra destruindo as cidades de suas províncias. Pintam-no com arco e frechas, porque do modo que um bom caçador fere os animais e as aves, assi o amor, os amantes infelices, e tanto com mais crueldade quanto é certíssimo que todos seus tiros acertam no coração, não ficando porém o corpo livre, que nas fealdades e misérias que este furor causa, muitas vezes nele se podera aprender a aborrecê-lo; e mais que como o uso em todas as paixões seja um estímulo delas, assi amor, quando vê a quem o segue, mais afligido e cansado traz o breve deleite que promete, então com maior pressa despede frechas do arco, e um erro, um desconcerto, um perigo, é íman de outros muitos; é fogo que crece com a matéria, e de ũa faisca resulta um grande incêndio. Finalmente o pintam com asas porque os amantes, sustentados nas penas de seus desejos, voam pelo ar de suas vãs esperanças e, parecendo-lhe chegar ao céu, caem no abismo de diversas desventuras; e por mostrar que do poder de amor ninguém vive seguro, que voando alcança as aves, tirando frechas sobre os animais e as feras, andando nu penetra os centros do mar, e acendendo seu fogo nas frias águas provoca a amar aos moradores delas. Assi é ũa peste comum das criaturas, e todas elas sentem os danos de seu violento império,
24 e para mostrar isto o pintaram também com um ramo em ũa mão, e um peixe em outra. E se os exemplos que há dos desconcertos obrados por este amor se houveram de numerar, fora mais fácil contar as argentadas gotas que ũa nau partindo de Lisboa vai deixando do Tejo ao mar Indiano. Mas por demonstração deste impossível, como pintor que em breve lenço retrata um grande gigante, direi os que agora achar em minha memória. Notai aquele caso espantoso de aquele grande rei dos Assírios que, por entregar o senhorio de sua liberdade a esta nécia paixão, perdeu o de toda Asia, e juntamente sua honra e vida, que, amando mais do que devera a segunda Simíramis, levado do desejo de agradá-la (que, chegando a entregar a alma, não pode satisfazer-se dando tudo), lhe concedeu por cinco dias, por lho ela rogar, o império soberano em seus estados, mandando aos seus a obedecessem em tudo o que ordenasse. E em cumprimento disto ele próprio lhe pôs sobre a cabeça sua coroa, e primeiro que os mais lhe beijou a mão. Mas a falsa Simíramis, como alcançou do mísero monarca o que com enganosas lágrimas e simulados rogos pretendera, logo o mandou prender, e sem ele alegar cousa al-

gũa em defensa do corpo, cuja perdição estava certa, entregando
24v a ũa molher a jurisdição d'alma, lhe mandou cortar a cabeça, cumprindo-se nele que a paga de um gosto desordenado é a mesma morte. Considerai o que aconteceu àquele mancebo Ateniense que, namorado da imagem da boa ventura, que para ele foi desventura, fez tantos estremos de doudice por seu amor, que lhe mandaram os senadores não entrasse no lugar adonde estava, o que sentiu tanto, que se matou. Passiano Crispo, cônsul Romano, se namorou de ũa amoreira, com quem tratava como se fora a mais discreta e fermosa molher do mundo. O potentíssimo Xerses (cujo exército agotava os rios e sua armada servia de ponte ao mar que divide Ásia de Europa) se namorou de um plátano que viu na província de Lídia, ao qual (como se fora a rainha) visitava e oferecia os melhores vestidos e jóias que possuía, fazendo-o adornar com elas. Não matara Cila seu próprio pai se não amara a Minos, nem força humana bastara a tão abominável façanha, se não a de amor, que, sendo cego, escurece no entendimento todas as leis de razão, de primor e humanidade. A emperatriz Zoe matou a seu marido, por viver livremente com o adúltero com quem despois se casou. Ó amor, tirano de todo bem humano, filho te fingem de Vulcano, deus do fogo, porque
25 o melhor do homem, e com que podera resistir-te, abrasas e consumes. És um cancro que suspendes o peito donde entras e, oprimindo com tirânica força o coração, teme seu próprio remédio, todas as cousas para seu bem dispostas aborrece, tudo o que procura lhe é danoso, despede sospiros trás as vãs esperanças que lhe fogem, enganado com o desengano do que sofre, e que padece. E assi leva o triste amante, qual Sísifo, a pedra de seu tormento ao monte de seu desejo, caindo de ordinário no escuro abismo do arrependimento, e, qual cego animal trazendo os alcadruzes de sua afeição na roda do confuso pensamento, não sabe conhecer o princípio de seus males e o fim lhe é impossível. Maravilhosos exemplos e razões podera acomular ao que vos tenho dito em prova de meu intento, mas tudo o que nesta matéria se disser é um ponto breve a respeito de sua imensidade, porque será mais fácil agotar o mar profundo, dando a suas águas outro lugar sobre a terra, que declarar bastantemente o estado infelice dos que amam, e tomar pé neste pego profundo de misérias, e assi rematarei este discurso com ũa canção que a este propósito compus esta madrugada.

No fim de tais palavras, temperou o seu rabel, e, estando atentos todos, cantou desta maneira:

## CANÇÃO

25v Algoz da liberdade,
Enemigo comum da vida humana,
Minino à vista, mônstruo imaginado,
Cocodrilo que engana,
Armado de furor contra a piedade,
Com asas para o mal, destro e armado,
Cego no bem, perdido e descuidado,
Da honestidade injúria conhecida,
Encuberta serpente em prado ameno,
A ti doce veneno
De aparente prazer, e a pena unida,
Cujos brandos efeitos
Produzem de ordinário o fim da vida,
A ti, à vista dos que tens sojeitos,
Publico por traidor e falso amigo;
Ditoso quem viver na lei que sigo.

Acendes o desejo,
E suspendes co nome o pensamento,
Amor, ódio e furor do cego amante,
Que por seguir o intento
De quem ama, a si próprio fugir vejo,
Morre, vive, arde, e treme cada instante,
26 De seu temor a seta penetrante
Sentindo n'alma, para o mais não sua;
O caso que provoca a dor e espanto,
Diabólico encanto,
Que não se goze a glória e se possua,
Aqui ver-me parece
Atado Prometeu na pedra nua,
Que por um bem que apenas aparece
Se ate o amante à molher sagaz e impia,
Mais estéril e inútil penedia.

Diz que é mal necessário
Amor quem seus estremos só condena.
Mor mal se isto assi for que a mesma morte;
Mas eu lhe chamo pena
De ocioso e senhor desnecessário,
E da ociosidade vil consorte:
A quantos se trocou a feliz sorte
Perdendo o nome de heróis valerosos
Por esta ocupação d'alma ociosa!
Quantos a preciosa
Jóia da liberdade, cobiçosos
De um deleite, perderam,
De si próprios ficando vergonhosos,
Mostrando que os triunfos que tiveram
26v Acaso, e não por força, se alcançaram,
Pois a paixão tão baixa se inclinaram!

Recontar as ruinas
Causadas por amor em todo o mundo
É cousa inútil, pois é tão sabida,
O secreto profundo,
As causas escondidas peregrinas
Com que tiranizando a humana vida
Estima quem o serve o ser perdida
Isto não sei, nem quero o desengano
Com fugir de senti-lo me contento,
Vendo em meu pensamento
Aquele caso horrendo e desumano
De Faustina doente,
Que para remediar seu mal insano
Foi de quem ama o sangue conveniente,
Digo que quando amor mostra piedade
É violento ministro da crueldade.

Escute, pois, meu canto,
Inda que rouco, certo e concertado,
Veja a clara razão que aprovo e sigo,
Não quem for namorado,
Cujos sentidos dele distam tanto,
Que a si próprio não pode ter consigo,

27 Mas alma livre si deste enemigo
Comum, graciosíssima e ditosa,
Que, armada de virtude honesta e pura,
Atropela segura
Esta turba terrestre monstruosa,
Vénus em vosso intento
Só digna de ser tida por fermosa
Quer dizer privação do entendimento,
Fugir tão falso amor é ser sesudo,
E a quem não sabe sê-lo falta tudo.

Canção, suspende a voz, porque a verdade
Que defendes o mundo a reconhece,
Que a luz mais entre as trevas resplandece.

Guardavam inda silêncio os pastores, porque a voz de Liriandro, que era por estremo boa, foi de suas razões suave aplauso, quando, antes que algum falasse, se levantou o desamorado, dizendo:

— Discretos pastores, em pago da cortesia que comigo usastes, escutando té o fim o largo discurso de minhas razões mal concertadas, quero que gozeis das bem ordenadas que Marfido dirá, louvando este amor, a quem quadra tal nome só pelo muito que o amais, sem que minha presença vos perturbe, e a ele ofenda, como acontece ao ferido que tem presente quem lhe fez o dano.

Dizendo assi, se levantou com tanta pressa, que não foi
27v possível responder-lhe nem detê-lo. A esquiva Floridora o seguiu, despedindo-se com graciosa cortesia dos pastores e pastoras, prometendo-lhe acabaria com Liriandro viesse ouvir a Marfido. Ficaram os pastores tratando de Liriandro; louvavam seu bom ingenho, repreendiam sua dura condição, indigna dele, e consideravam que a paixão que num claro juizo faz assento e o trastorna tem dificultosíssimo remédio. Marfido, inda que pesaroso da resolução de Liriandro, porque pretendia mostrar-lhe claramente o erro que defendia, vendo que era gosto dos que presentes estavam e da fermosa Gelinda, ficou de dizer a outro dia naquele próprio lugar as excelências de amor, de que todos se alegraram. E porque já com o fresco da tarde começava o gado a desmandar-se, retouçando e dando de si alegre vista pelos prados, por não entrarem nas sementeiras, foi cada um acodir ao seu rebanho. Só o triste Liceno, com os olhos naquela parte por

donde foi Floridora com Liriandro, que esperando-a estivera, satisfeito de sua companhia, estava tão imóbil, que apenas parecia estátua de si mesmo; mas porque eles se iam apartando, ficando ele na ausência de aquela que por sol reconhecia, sentiu a crueldade com que tratam desenganos a quem ama aborrecido, mas isto não foi parte para deixar de segui-los, que a dificuldade é
28 estímulo do desejo. Bem o viam os desamorados companheiros e, zombando dele, e de seu amor, se alegravam de sua liberdade. Liceno, que o entendeu, tomando por intérprete sua voz suave, para declarar suas queixas, e a obstinada condição da pastora, ao som do seu instrumento foi à vista deles cantando estes versos:

Divina Foridora,
Humana fera, donde vás fugindo?
Donde deixas, pastora,
O corpo d'alma que te vai seguindo?
Porque do mal que causas te vás rindo?
Quem segues? A quem deixas,
Convertido em furor, tristeza e queixas?

Porque, querida ingrata,
Te mostras, desprezando a fermosura
Em que o céu se retrata,
Glória do mundo, assombro da ventura,
O com que a amar obrigas te faz dura
Tratando-te amorosa
Quem te ama por cruel, não por fermosa?

Não sei como te diga:
Sem que te ofenda no que me parece
Que acompanhas amiga
28v Quem os bens que possues aborrece,
Nem donde teu louvor menos merece
Se aborrecendo amada,
Ou conversando quem de amor se enfada.

Não me ames por amar-te,
Pois é desmerecer amar contigo;
Mostra-me contentar-te
De mi pelo que sou meu enemigo,
Com todos os tormentos me persigo
Ver-me se te aborreço;
Pelo mal que me faço te mereço.

As feras afugentas
Co dardo, usando de rigor e manha;
A esse fero contentas,
Fera na condição fugaz e estranha,
Ele (de amor fugindo) te acompanha,
Eu fico desprezado
Das memórias de ver-te acompanhado.

Ele alegre possua
O bem de tua doce companhia:
Não quero a dita sua,
Se do alto bem de amar-te me desvia,
Goze de ver-te em quanto dura o dia,
Que eu só da vida espero
O bem que em contemplar-te considero.

29 Caminhavam Liriandro e Floridora com muita pressa, por acudir aos laços que armados tinham às simples aves, e armar outros de novo às lebres corredoras, em que (vindo ao pasto de noite) se enlaçassem, e assi se apartaram tanto de Liceno, que viu ser impossível ouvirem a voz suave que, desfeita em queixas, dava ao vento. Parou-se, não apartando os olhos da pastora, té que ao decer de um piqueno outeiro, se lhe esconderam de todo, e foi de tanta força sua pena, que deu com ele em terra amortecido. Amaranta, que vivia na vista de Liceno, assi como ele na de Floridora, deixando o zagal com as ovelhas, foi àquela parte; e a pouco espaço a voz do lastimado pastor a foi guiando até que pôde vê-lo e, alcançando a dor de Liceno, como aquela que por ela passava outra semelhante, deixando de sentir seu próprio dano e seus agravos, derramava copiosas lágrimas, e dera a própria vida por que Floridora a não dera tão má a quem amava. E quando Liceno se deteve dando fim a seu canto, também Amaranta, temerosa da ofensa que com sua vista lhe fazia, se apartou encuberta com o tronco de ũa árvore, mas, como a pouco espaço não visse o pastor, começou a andar com o mesmo recato de não ser vista, e não vendo a Liceno, sobressaltada, que
29v os corações amorosos mais vezes que os livres são presságios de seu dano, apressou os passos té que viu o pastor; e, como o mal que do sentido o privara era maior no sentimento de Amaranta,

correndo com a possível ligeireza, se culpava de ser mui vagarosa, como acontece a quem, dormindo, entende que não se move, querendo fugir do perigo que o sono lhe representa; té que, chegando donde Liceno estava, perdida a cor do rosto, cerrados os olhos, que só davam lugar à água que por eles se vertia, denegridos os beiços e espumosos, e os dentes que por entre eles se pareciam tão apretados como se assi pegados os fizera a natureza. Quando Amaranta viu tal o pastor, que ela de honesto amor amava mais que a si mesma, dando muitos sospiros com infinitas lágrimas envoltos, se assentou junto dele, e pondo-lhe a cabeça em seu regaço, com voz fraca e lastimosa se queixava d'amor e da fortuna, dizendo algũas razões tão dolorosas, que as pedras circunstantes abrandavam; no meio delas seu brando coração, que não podia esperar o fim da tragédia que lhe mostravam os olhos, se enfraqueceu de modo que, inclinada a cabeça sobre a de Liceno, não sabia o estado de si mesma; até que ele, dando um grande gemido, foi levantar a sua, e, achando diante a de Amaranta, foi forçado sentirem ambas aquele acele-
30 rado movimento; assi, cobrando o sentido, levantados, se olhavam, sem que um ao outro podesse falar palavra: ele admirado de aquele sucesso e da obrigação que tinha a quem sempre aborrecera; ela com alegria de o ver livre do acidente, e com temor de que se ofendesse de que o houvesse visto, assi estiveram um largo espaço. Mas Amaranta, que nunca esperou ser ouvida de Liceno, por não perder a ocasião, assi lhe disse:

— O cruel amor, Liceno, e a fortuna, nos tratam de ũa maneira, amando a quem nos desama, ainda que a mi sem ser culpada, porque, não cometendo o grave erro de ser ingrata, amo a quem me aborrece, sigo o que nunca alcanço, procuro o impossível, desejo o que me consume, e vivo pelo que morro. Se isto são causas de me queixar de ti, tu o considera; mas eu te certefico, assi sempre o meu rebanho ache pasto mimoso e não pisado, que mais que os próprios males me lastimam as sem-razões com que Floridora te trata, e que muitas vezes, com tantas lágrimas como derramo agora, pretendi persuadi-la que te amasse; não queria ela ouvir-me, mas ũa vez me disse: porque, se eu te amava, procurava que fosses amado de outra; ao que eu respondi que o muito que te queria me inclinava mais a teu gosto que a meu desejo. Ao que me tornou zombando:

— Amas tanto, Amaranta, esse pastor, que em ti cifrou
30v amor tudo o que pode ser amado, e assi o não é de mi.

E logo, cubrindo o rosto de severidade, prosseguiu:

— Pelo que, se estimas minha conversação, e não queres perdê-la, não te ouça mais palavras semelhantes, trata de teus amores com quem se exercita neles, que a mi me é enojoso tudo o que de amor procede.

Esta é Floridora e tu o entendes, mas porque amor me anima mais a teu contentamento que ao que só pode dar-mo, te aconselho que finjas apartar-te de seu amor, e correspondas em algũa maneira a meus desejos, porque te certefico que não há cousa que mais sintamos as molheres que ver-nos aborrecidas de quem já fomos amadas; deixa-a em bora seguir a Liriandro, esconde tua pena entre a indústria e a dissimulação, e, acompanhado delas, descubre-me o amor que me não tens, dedica-me teus versos, ouça-se meu nome em teu concertado canto, que eu te asseguro que as forças que nisto faças as verdades de tua alma te rendam possuires de verdade os favores da esquiva Floridora.

Em quanto estas palavras dizia, não apartava Liceno dela os olhos, considerava sua muita fermosura e o amor verdadeiro que lhe tinha, e como para o coração nobre não há obrigação tão poderosa como a de ser amado, sentiu o de Liceno uns amorosos efeitos, que não teve por amor, e estimou por cortesia. E assi
31 lhe respondeu:

— Discreta pastora, se minha sorte ordena ser livre meu entendimento (que, ainda que consentindo-o eu, posso dizer que com violência trazem como arrastrando as crueldades de Floridora) e seu doce princípio é o bem de que gozo, estimá-lo-ei tudo o que me for possível, porque já vejo em tua honestidade e fermosura que não pode ser menos que amor mui verdadeiro o que me mostras, e assi desta hora em diante proponho de acompanhar-te e aliviar-te na guarda do teu rebanho, isto não por indústria, nem porque a cruel Floridora estime em minha cautela o amor que desprezou em mostras tão verdadeiras, mas porque é razão te sirva quem tanto amas.

Outras palavras passaram neste amoroso colóquio, que foram parte para que a pastora, té li afeita a sofrer desenganos e padecer crueldades, grangeasse temores da duvidosa esperança que alcançava. E juntos se foram àquela parte donde estavam as malhadas de suas ovelhas. A pastora cujo coração não sossegava, estando entre o fim do mal e o princípio do bem, um não dei-

xando, e outro não possuindo, rogou a Liceno que tangesse em seu instrumento e, ao som dele, foi cantando desta sorte:

31v Se vindes, minha esperança,
Por vos mostrar atrevida,
Resuscitar ũa vida
Que na da morte descansa,
Não lhe prometais bonança
Que não haja de alcançar,
Que não há mal como esperar
Um desejo dilatado,
E em suas asas levado
Cair em desesperar.

Com meu mal vivo contente
Pelo uso de padecê-lo,
Que quem se faz a sofrê-lo
Em falsos bens não consente,
Se tenho a causa presente
A vista de desenganos
Me namoro de meus danos;
Sei que amo sem ser amada,
Vivo de desenganada,
E assi me temo de enganos.

Nunca outro bem procurei
Que viver sem esperá-lo,
Que em chegando a desejá-lo
De todos desesperei;
Desamada comecei
32 A amar, e em meu pensamento
Disse a amor que o fundamento
Do verdadeiro querer
Mais estava em padecer
Que em querer contentamento.

Assi que, esperança minha,
Já naturalmente peno,
E para qualquer veneno
Escuso a vossa mezinha,
E temo que mais asinha
Viestes a me matar,

Se pretendeis aplicar
Em doença conhecida,
E que me tem consumida
O remédio de esperar.

Amor soe acontecer
Vir, zombando, a ser perfeito,
Mas para isto ter efeito,
Não no houvera eu de querer;
Em fim me hei-de resolver
No em que menos consentia,
É muita vossa porfia,
Mas inda que ela isto alcança,
Tomo-vos não por confiança,
Por usar de cortesia.

32v Liceno, a quem as crueldades de Floridora tinham penetrado o íntimo do sufrimento, e a constância de Amaranta advertido do mal que procedia, em quanto ela cantou, revolveu em sua memória os sucessos passados e presentes, e amor, que é acelerado em seus efeitos, obrou naquele espaço de maneira que veio em conhecimento de quão contra razão fora mártir de ũa contumácia ingrata, sendo-o por ele ũa pastora a que tanto amor devia, assi lho disse, e sobre isto passaram algũas palavras em que o coração de Liceno se foi entregando ao novo pensamento, no fim das quais, ao som do mesmo instrumento, cantou desta maneira:

Enganado viveu meu pensamento,
Ou forçado de minha desventura,
Pretendendo abrandar com meu tormento
A tenção mais feroz, rogada e dura,
Quis em vão conquistar um peito isento
Com lágrimas, serviços e brandura;
Magoado agora estou meus erros vendo,
E a memória de mágoas não defendo.

Já vendo o porto estou donde procuro
As velas amainar do vão desejo,
E a esperança em lugar firme e seguro
Agradável, lançar âncora vejo;

33 A obrigação me guia, o doce e puro
Amor me leva donde achar festejo
A colheita amorosa e sossegada
Alma num mar de pranto sepultada.

Livre de um mal de mi já conhecido,
Gozando o doce bem que não mereço
Tão bem ganhado quanto mal perdido,
Donde em ver-me com meu siso endoudeço,
Um coração de vós enriquecido,
Belo templo de amor vos ofereço,
Não com cautela, nem para outro efeito
Que o ser de contentar-vos satisfeito.

No fim destes versos viu Liceno o maioral Lucindo e a Marfido que, deixando a Gelinda perto de suas cabanas, foram ver encerrar o gado nos currais, por ser a tarde fermosa, e, vindo-se recolhendo, ouviram o canto de Amaranta, e logo o de Liceno, e ficaram admirados de aquela tão súbita mudança, mas porém alegres, porque a amizade do pastor os obrigava a sentir o rigor com que Floridora o tratava, e assi lho manifestaram com mostras de verdadeira amizade; e todos se foram com a pastora té as cabanas de Alceo, junto das quais habitava Amaranta com
33v seus pais. E querendo partir-se cada qual a sua estância, ouviram ũa sanfonina, tocada tão suavemente, que ficaram suspensos. Liceno lhe disse que o que tangia era um pastor estrangeiro, que havia dous meses estava assoldadado com Alceo, com quem ele falava algũas vezes, inda que não as que Liceno quisera, porque era tão entregue a profundos pensamentos, que não lhe era possível, segundo ele dizia, conversar nem achar-se donde podesse ver algũa aparência de alegria, porque, despois que perdeu a em que vivia, não era vivo, nem podia parecê-lo em outra cousa mais que em ser triste. Isto dizia Liceno guiando juntamente os companheiros donde o músico som, já de ũa voz suave acompanhado, podera também guiar as pedras e, chegando junto dele, com silêncio por não serem sentidos, o ouviram cantar desta maneira:

Seguem tão devagar as tristes horas
De meu viver, o curso desta vida,
Que atrás ficam dos importunos anos,
E eu que em meio de um bem de tantos males
Vi meter num instante o leve tempo
Não vejo o de passar delas à morte.

Que a quem não tem ventura a própria morte
Falta, tendo presente aquelas horas
Que, imaginando no passado tempo,
Em lágrimas sepulta a triste vida,
34 Que a um mal que há-de ser fim de tantos males
Se chega por ventura, e não por anos.

Assi de meu prazer os doces anos
Voaram, que não pode a dura morte
Detê-los, e o vagar de tantos males
Se enfada de esperar todas as horas,
Miserável, caduca, incerta vida,
Que até para morrer te falta tempo?

Já (se o Céu consentira) fora tempo
Que o contínuo morrer de tantos anos
Deixara em mi infelice de ser vida,
Ou se acaso é viver, que fora morte.
Mas do bem o certo é, que as breves horas
Se convertem em séculos de males.

Quando contemplo a causa de meus males
Temo que hei-de agotar o mar do tempo
(De quem os dias são gotas) e as horas,
Se me à medida deles der os anos,
E assi, não porque os sofro, busco a morte,
Mas porque, se os sentir, não basta a vida.

Quem te pode aliviar, pesada vida,
Do peso imenso de tão grandes males,
Se o não pode sofrer a dura morte,
Nem diminui-lo o grão poder do tempo?
34v Vive chorando, pois, os tristes anos,
E chora não morrer todas as horas.

Dilata-se por horas minha vida,
Igualaram-se os anos com meus males,
Pois me sobeja o tempo, e falta a morte.

Aqui deu fim a seu canto o pastor, mas não aos sospiros e lágrimas com que o havia acompanhado, o que, visto dos pastores que atentos o escutavam, sairam donde escondidos estavam.

O estrangeiro pastor se levantou, e, conhecendo a Liceno seu amigo, se veio a eles, procurando encobrir as mostras que no rosto tinha de sua dor verdadeira, com outras de postiça alegria (de que em tais ocasiões procurava vesti-lo) e disse-lhe:

— Que vinda é esta, pastores, que o ser a tal hora me faz duvidar da causa, mas, se por ventura é a cousa em que eu possa servir-vos, terei a minha por boa em que seja a pior que ninguém teve.

— Nestas palavras —disse Liceno— se vê teu ânimo generoso, pois desestimas teu gosto pelo alheo, e porque em nós não é novo este conhecimento, que tuas obras (donde ele se assegura) o acreditam, o maioral Lucindo e o pastor Marfido, guiados de tua voz e agora de mi, vêm a pedir-te não te seja enojoso recontar-nos a causa de tua vinda a estes campos, e da tristeza
35 com que os provocas a sentimento, oferecendo-nos ao que de nós dispor queiras, e, se a teus danos não pusermos remédio, terás ao menos quem te ajude a chorá-los e senti-los.

Suspenso e melancólico ficou Leurino, que este era o nome do pastor, mas não lhe consentindo a amizade de Liceno e o respeito que se devia a Lucindo e a Marfido que cumprisse com seu próprio desejo, assi lhe disse:

— Inda que me obrigues ao que antes que dizê-lo passara pela morte, estimo muito que assi seja, por que vejas que por teu gosto faço o que na vida mor pena podera dar-me, e porque é história de meus males, será conveniente, pois as horas o requerem, que primeiro vamos às cabanas de meu amo Alceo, donde honrareis a minha choça, e sereis de mi servidos com tudo o que nela houver, e depois o farei no que agora me rogais.

Pareceu justo a todos contentá-lo, e assi foram às cabanas que não longe estavam, donde cearam do que Leurino lhe ofereceu, e despois de repousarem algum espaço, foram a um lugar apartado, porque Liceno não queria que seus companheiros tivessem notícia de quem era, e assi, entrando pelo mato, pararam donde se fazia um raso grande, desocupado da espessura, e nele se assentaram perto de ũa fonte que no espesso do bosque
35v brotava dentre pedras pintadas de musgo e ervas. E, tomando-o em meio por melhor ouvirem o que dizia, ele, despois de por algum espaço se entregar à memória, começando primeiro com sospiros, assi disse:

— Nas ribeiras do Xarrama, donde fertiliza os campos de aquela cidade antígua, habitação de Sertório e de Romanos es-

panto, naceu o triste Leurino, por ventura da família dos mais nobres maiorais da sua aldea. E para mostrar que só para o ser nacia, quis o Céu em nacendo perseguir-me, morrendo minha mãe moça e fermosa, e meu pai, que estimava a vida só para o gosto de vê-la, na pena de sua ausência assi a foi consumindo, que antes que eu tivesse cinco anos, pôs fim aos seus a dura Parca. Tomou posse de minha fazenda e da pessoa o maioral Aurélio, de pouco casado com ũa irmã de meu pai, e em sua casa passei os primeiros anos no maior contentamento que a vida tem, pois, em tempo que a idade não consentia cuidados, a passava em companhia da fermosa Napécia, sua filha. Neste tempo, em que inda o amor minino entre nós zombando ordenava o mais puro querer que se viu nunca, passávamos os dias na caça dos inocentes pássaros, que de nossos laços, liga ou rédea não sabiam jamais fugir o engano. Outras vezes tomávamos os peixes com o anzolo,
36 e outros aparelhos que a indústria em seu dano descubriu. Nunca um sem o outro se achava, nem de nossas palavras os ouvidos, ou de nossa vista os olhos se fartavam. Mas, entrando já a idade juvenil, foi-se trocando o doce gosto destes passatempos (ao menos em mi) de penosos desejos e temores, que, vendo o amor que já a natureza me chegava adonde seus efeitos penetrasse, tirando ao entendimento as várias nuves da puerícia cega, descubriu a todos os sentidos e potências o fogo que desde meu nacimento ocultado tinha n'alma, que inda que sempre o mesmo fosse, o uso não quis preverter da natureza. E nisto se vê sua crueldade, pois, guardando-me a vida para o tormento em que vivo, mo foi dando a respeito de minha capacidade, porque, se uso não fora, não podera durar ũa hora nele. Em fim, sendo de dezasseis anos, conheci o grave poder de amor, o sobressalto e temor de suas esperanças, a impossibilidade de seus desejos, a tardança e instabilidade de seus gostos, mas não compreendi cousa adonde destes danos me amparasse, a tudo me ofereci, tendo presente a peregrina causa. Mas achando em sua honestidade um monte oposto a meu amoroso pensamento, entreguei ao novo cuidado o senti-
36v mento. Já a solidão que antes me aborrecia me agradava; já de Napécia via com outros olhos a beleza, e vivendo de ver-me, quando ela os belos seus a mi virava, os meus punha no chão com a cor acesa. E se Napécia, a quem estas novidades admiravam, me perguntava a causa, com sospiros respondia. Em fim, discretos pastores, em meu rosto se conheceram os interiores des-

gostos, que mal podem sentir-se e ocultar-se, pois, quando a língua os cale, se vêem nele com mostras mui mais certas. Napécia com amorosas palavras me rogava mil vezes que a causa de minha tristeza lhe dissesse; eu com um triste silêncio respondia. Ũa vez, entre outras, que a sesta, em quanto as ovelhas repousavam, passávamos à sombra de um espesso arvoredo no esmaltado tapete que o Verão dibuxava, me persuadiu com razões tão eficazes, que, não sabendo escusar-me, e faltando-me ânimo para lhe dizer meu mal, tendo-a presente, instigado não sei de quê, que então moveu meus sentidos, que eu não os tinha, ao som do meu rabel assi cantando lhe disse:

De puro ouro os cabelos a pastora
Tem que amo, os olhos negros, donde ardendo
Triunfa amor, humilde parecendo,
D'alma minha que neles vejo agora,

37 Brancas perlas por dentro, corais fora
Na grossa e linda boca se estão vendo
Quando se ri, duas covas oferecendo
Em que mora o desejo que namora.

A cor morena em seu divino gesto
De branco e roxo quis o céu formá-la,
Dando graças de graça em doce ensejo.

Tem corpo gentil, o andar modesto,
Mas se mal rude eu sei retratá-la
Nos olhos a verás com que te vejo.

Suspensa por algum espaço ficou a bela pastora, que, inda que em minhas palavras notou a cifra de suas perfeições, nunca imaginou que por seu amor fosse triste, pois ela pelo meu vivia alegre. E, vendo-me que com o sentimento do que havia dito estava no conflicto de quem sentença de vida ou morte espera, inda que o que me queria a obrigava a doer-se de mi e admitir meus honestos desejos, da natural vergonha constrangida, turbou de seu divino rosto a natural alegria, e desdenhosa me disse:

— Nunca, Leurino, passei pelo pensamento que não eras meu irmão; assi me sojeitei ao singelo amor de nosso parentesco e criação; agora vejo com quanto cuidado há-de evitar-se a conversa-

37v ção do homem com a molher, e que há entre eles o mesmo efeito que nas estopas e fogo: e assi eu me absterei de tua companhia; antes quero arriscar meu gosto que minha opinião.

Com estas palavras, quis apartar-se de mi, mas eu, que de a ouvir, estava privado de forças e sentidos, como tenro minino que, negando-lhe a mãe o doce assento dos braços, se fica lagrimoso e magoado, mas se ela se aparta, esforçando-se, após ela caminha, ligeiro me levantei e, pondo-me diante, lhe disse com mais choro que palavras:

— Detém, bela Napécia, os passos; não intentes apartar-te do mesmo lugar adonde ficas, e pois confessas os puros efeitos de nossa conversação, não estranhes com tanto rigor dizer-te que te amo. Considera que, se ao conhecimento de tuas perfeições negara a sojeição desta vontade, me tiveram os homens por rebelde às leis da natureza. Desejar-te e querer-te é o anexo a nossa conversação, e se a pena de meus cuidados não pode que o sentimento aspire mais que a teu gosto e a tua honra, em que ficas ofendida? Não te descubro meu pensamento para que haja mudança no modo de nosso proceder e honestos passatempos, que o mesmo amor que te tenho me ensina a respeitar-te, assi como em ti honestidade e fermosura iguais contemplo, mas, se estas hão-de ter dono, lembro-te que seja quem em amar-te as iguala, que de outro modo far-lhe-ás agravo, e a mi morrer tristemente.

38 Não prossegui, que estas palavras apenas dispensou com sua dor o coração, nem a agradecida Napécia, lastimada de ouvir-me, o consentiu: antes com algũas amorosas me disse que se minha tenção era a que a seu merecimento se devia, estimava ser de mi querida, e me certeficava que eu o seria dela eternamente. Assi vivi alguns dias breves (como o são os de alegria) na maior que eu podera imaginar; tal foi como era necessário para despois vir a ser o mais triste do mundo, que cada um o é pela medida por que foi alegre. Té que a fortuna, de meu bem envejosa, deu princípio a meus males, na forma que vos direi, se a dor desta lembrança o consentir. Aurélio, pai de Napécia, ou por se eximir do governo de meu património, ou porque, sendo mui rico, pretendia casar sua filha, em quem havia outros dotes do Céu mais excelentes, de modo que ficasse mais honrado, que as riquezas do genro mais agradam ao sogro cobiçoso que a própria pessoa de que resulta à vezes viverem as filhas sem contentamento. Entregou-me de tudo o que de meu pai ficara,

mandando-me passar com meus gados a ũa herdade minha, apartada da aldea meia légoa. Senti eu em todo o estremo este apar-
38v tamento, mas, confiado no amor de Napécia e na vontade que sempre conheci em minha tia de nos ver ambos casados, mostrei desta mudança só a pena que procedia de minha criação naquela casa. Mas, como da aldea fosse tão pouca distância, e amor não consentia viver de Napécia ausente, vinha de ordinário a ela. Era prudente Aurélio, e sabia quão conveniente é não dilatar aos filhos o estado que lhe convém, e assi, havendo de ser o de sua filha casar, não deixou à disposição do tempo cousas a que ele, passando tão ligeiro, sempre ofende. Morava quatro légoas da nossa aldea, em outra cujos termos quasi possuía, Alsindo, nobre e riquíssimo maioral, mancebo de tantas partes, que parecia quererem mostrar nele a natureza e a fortuna quem maior poder tivesse. Tratou-se por parentes de ũa e outra parte o casamento de Alsindo e de Napécia, e viu Aurélio que, quanto a seu estado, não podia imaginar outro acerto que mais certo viesse ao valor de sua amada filha que aquele, pelas riquezas e boas partes de Alsindo. Ele, inda que no parentesco de Aurélio achasse o que naquelas partes podia desejar, estimando sobre tudo a fermosura que todos celebravam de Napécia, deu seu consentimento para que tivesse efeito. E, sendo mancebo inclinado a cousas de
39 amor (que os tais temos por timbre de outros bens que o mundo estima), determinou ver Napécia, antes que o prazo do casamento chegasse. Tinha ele ũa irmã que tanto por suas partes como por sê-lo estimava: a esta, que se chamava Crissalda, deu conta do que intentava. Ela lhe louvou o propósito (que a todas agradam novidades) e duvidando sempre não sofrem viver em dúvidas. E tratando o modo que teriam, se resolveram em que ambos desconhecidos fossem, só de um criado acompanhados. Neste tempo, sabendo eu de Aurélio este casamento, e determinando ausentar-me do Xarrama, donde de outrem gozada não visse quem eu por tão antíguo amor só merecia, ũa sesta ardente que meu gado à sombra de ũas altas azinheiras ruminava, vindo a tê-la em um sombrio lugar cercado de arvoredo, entre o qual estava um estanque procedido das águas de ũa fonte que conservando em verdura aquele bosque caminhava com curso cristalino; era este sítio quando para mor mal o quis fortuna continuado de nós quando o sol ardente nos apartava da caça; ali estava eu trazendo à memória os gostos breves que tanto sem receo de perdê-los já

gozara, e obrigado do sentimento destas lembranças (a quem o tom das águas parecia imitar) cantei os versos que direi, que, por
39v ouvi-los Alsindo, Crissalda e Napécia, com afeitos diferentes, inda que de amor causados, nunca podem esquecer-me, que, em presentes males, sempre passados bens vêm à memória, e o modo de perdê-los não acaba de dizer-se e de sentir-se. Eles são estes:

Ó fonte cristalina,
Ó lugar deleitoso,
Capazes de mais glória que água e flores,
Que a beleza divina
Em estilo amoroso
Celebráveis, e o bem de meus amores,
Já em vós se parece
Que é triste quem alegre ser merece.

Com vossa sombra amena
Com licor frio e puro,
Que eterna faz a cândida corrente,
Quando Napécia ordena
Lugar ao sol seguro,
A convidáveis leda e docemente,
Já que este bem perdeis,
Lugar de dor e lágrimas sereis.

Procurou a ventura
Dar-ma tão bem medida,
Que, antes de o ser, cuidou que ao fim chegava,
Se não foi desventura
40 Bem mostra a frágil vida
Que mais sendo felice se arriscava,
Pois do gosto esperado
Só mágoas permanecem no cuidado.

Quem recear podera
Depois de ver saudosa
Quem a noite de ausência em luz tornava?
Tal que a Aurora podera
Assi a sombra espantosa
Tirar porque mais bela me alegrava
Dor em tanta alegria,
Ou a quem poder não tê-la lembraria?

Da ordinária mudança
Não soube recear-me,
Nem que só bens conversa, falsa amiga,
A mendaz esperança
Também pode enganar-me,
(Que ninguém enganado crê que a siga)
E do que se ama muito
O que é só verde agraz é doce fructo.

Bem vejo, sítio ameno,
Que como já prazer
Só tristeza te estou comunicando,
Se a causa por que peno
40v Quiçá para me ver
Com línguas de água, e vento vás buscando,
Que ali novas te peço
As que em choro e sospiros te ofereço.

Porque para mostrar-se
O justo sentimento
Me vai faltando a miserável vida,
Devendo eternizar-se
Sendo eterno o tormento,
Seja imortal matéria constituída,
De mais que o fado ordena
Que donde o gosto passa dure a pena.

Este dia ordenou a ventura que a fermosa Napécia me escutasse. Indústria sua foi, porque, querendo de todo privar-me dela, começou nestas mostras de alegrar-me. Não pôde a lastimada pastora ver nos olhos, em que só ver-se estimava, tantas lágrimas; chegou-se a mi, procurando enxugar-mas com um branco e fino pano, mas se os seus também as derramavam, tendo eu alma neles, era o mesmo que se as eu chorara. Disse-lhe, então:

— Pastora, em cuja companhia, antes de ter outro discurso, soube amar, para que em tanta desventura queres ver-me? Esse rosto divino em quem o Céu tudo o que é alegre e fermoso tem
41 cifrado, não é justo que venha a entristecê-lo cousa algũa; por teu contentamento te buscava, quando o Céu consentia que de ver-me contente o recebesses; então que infinitos efeitos de ale-

gria fazia tua presença nestes olhos, era bem que te vissem; mas agora que tudo alhea dita tem mudado, converteu-se em choro o bem de ver-te, e venho a ser mais triste se te vejo.

— Não te aflijas —disse ela—, meu querido pastor, com tantas mostras de desesperado, que não tem a vida dificuldade algũa que vontades conformes não quebrantem. Se de nosso amor te lembras, como podes cuidar que há-de ter fim? Se disseres que é natural nas molheres a mudança, também aos homens esse rito alcança, e é mais fácil que creas que, sendo amado desde que naci, se convertesse amor em outra natureza mais forçosa. O maioral que meu avaro pai quer que também por de minha vontade reconheça não será tão ignorante que não tema o que acontecer pode a quem forçada a quer para seu gosto; eu darei ordem para que ele o saiba, e assi desistirá de tal intento.

Despois destas, passámos outras muitas palavras, que Alsindo e Crissalda, escondidos, escutavam, que, vindo por ver Napécia, quiseram ter a calma entre aquele arvoredo, e, levantando-se por verem quem cantava, viram juntamente tudo o que entre nós passou.

41v Aqui chegava Leurino com sua história, de que pendiam os sentidos dos pastores, quando um súpito ruído e ũas vozes alegres suspenderam Leurino e alteraram a todos, levantando-se por ver o que seria. Era já tão perto do dia que a bela Aurora queria fugir ao Sol, e assi viram a pastora Floridora tão fermosa, que a envejara Diana quando pelos bosques segue as feras. Vinha em seguimento de três galgos que, animados de sua voz alegre, e quasi vencidos de sua ligeireza, vinham dando alcance a ũa lebre. De outra parte corria alvoroçado o desamorado Liriandro, porém receoso que a lebre se escondesse na espessura que vinha demandando. Mas Floridora, do mesmo temerosa, com maravilhosa destreza, arrojou o cajado diante da fugitiva lebre, de maneira que, tropeçando nele, deu lugar a que ũa galga (estimada da pastora) a tomasse entre os dentes, e com ela se veio a Floridora, que, já com Liriandro, contente por estremo, aquele bom sucesso exagerava. Tão divertidos estavam naquele gosto, que não viam os pastores que os olhavam. Té que Lucindo disse contra Floridora:

— Agora entendo, pastora, que, se de tua vista não podem libertar-se os pastores (não sendo teu rigor impedimento), também os animais, a pesar de sua ligeireza, perecem a mãos de tua indústria e inclinação incansável.

Ao que acrecentou Liceno, antes que Floridora podesse responder:

— Pois se sentiras, rico maioral, com experiência o secreto
42 dessas maravilhas, vendo-te livre de seus efeitos, como, graças aos Céus, o estou agora, entenderas o gosto que possuo, e alcança quem, escapando das borrascas do mar, ouve tratar seus perigos em seguro porto.

— Eu, Liceno amigo —respondeu Lucindo— não trato de amor mais que por curiosidade; não sou dos que o aborrecem, mas também não procuro entrar pela experiência em seus secretos.

Então disse Floridora:

— Isso, Lucindo, é o mais acertado, e mais seguro, que estes segredos (de quem não quero nomear, porque sou sua enemiga) vemos que a alma os alcança no estudo do sufrimento, e quanto ao que primeiro disseste sentira muito (se não tivera amor por ũa zombaria impertinente) que algum pastor achara em minha vista causa de viver penado, mas, como dele proceda, ele é a causa, assi como o de outros desconcertos, e de os eu conhecer com liberdade resulta o aborrecê-los.

— Quem não entende o preço e valor das cousas —disse Marfido— as despreza, inda que sejam em si inestimáveis, e acontece estimar outras que é doudice agradarem o humano entendimento, como mostrarei esta sesta no lugar donde, livre pastora, prometeste levar este teu companheiro tão apartado de amor, quão perto de seu fogo, tendo presente teus olhos donde é certo que reside.

O desamorado disse então:

— Se esse impossível imaginado de ociosos pensamentos assi fora, seguro estava eu de me queimar nesse fogo, pois, se nos
42v olhos desta ou qualquer outra pastora reside o amor, como tu dizes, eu sei que nos meus vive o próprio desamor acompanhado do bom conhecimento dessas aparências falsas e enganosas.

Dizendo estas palavras, fez sinal com a cabeça a Floridora, e, sem esperar resposta, se apartou dos pastores. Ela o seguiu logo, dizendo a Marfido que sem falta se acharia com Liriandro a ouvi-lo àquela sesta, inda que alcançar isto lhe custara muita despesa de palavras, mostrando-lhe que convinha ao crédito de sua opinião.

Em quanto ela isto dizia, estava Liceno contando a Leurino a disputa de Liriandro e de Marfido, seu grande desamor, e como

o piadoso amor o libertara das ingratidões de Floridora, conhecendo o que devia a sua amada Amaranta. E nisto divertido, não olhou a pastora um grande espaço, nem ao despedir-se se acordou de a ver, que, se um grande amor pagado com ingratidões pode acabar-se, sempre deixa em seu lugar ũa mágoa e lembrança que vem a parar em ódio. Bem advertiu Floridora o descuido de Liceno, de que se admirou, e recebeu certo modo de desgosto, mas, chegando a Liriandro, e prosseguindo a caça começada, se esqueceu do que passara. Lucindo e os pastores se assentaram nos mesmos lugares que antes tinham ocupados, e desejosos de ver o fim dos sucessos de Leurino, e convidando-o com agradá-
43 vel silêncio, ele prosseguiu desta maneira:

— Despois do amoroso colóquio que vos disse, se apartou Napécia de mi, prometendo-me a firmeza de seu amor, a pesar dos contrastes da fortuna. Alsindo, que bem claro de nossa prática alcançou ser a que tanto amor me tinha quem ele para esposa pretendia, ficou no estremo triste, porque, vendo em sua fermosura que a encarecida fama atrás ficava, amando-a fundamente, sentiu o rigor dos ciúmes e a impossibilidade de poder honradamente possui-la. E porque este mal só não viesse (costume ordinário neles) e para que nas cousas contrárias a meu descanso tivesse quem o advertisse, Crissalda, que mil vontades alheas dignamente conquistara, se agradou de mi tão de verdade, que julgareis ser ũa das molheres que em amar aguardou. E assi sendo impossível a Alsindo deixar de amar a Napécia, e juntamente deste amor procedia não querer contra sua vontade possui-la, praticando o caso com Crissalda, e aconselhado dela, se dispôs a ũa execução maravilhosa. E foi que, chegando o dia em que Aurélio havia de levar a Napécia à sua aldea, para celebrarem suas bodas (indo acompanhado dos mais honrados pastores do Xarrama e não de mi, que em ũa cama ficava tão chegado ao fim da vida, que só as horas que distavam de aquela até a de Alsindo ver Napécia, tinha por distância da morte que dese-
43v java). Levando pois o avaro pai sua filha, ao parecer de todos descontente, e chegando já quanto meia légoa de casa de Alsindo, ele o esperava em um pomar que ali possuía, adonde se apearam e gozaram de ũa abundante merenda que preparada lhe tinha. Ordenou o astuto pastor, em quanto ela durasse, muitos cantares e danças, a fim de sair com o que intentava livremente. Napécia, que nestes gostos com lágrimas fortuitas solenizava mi-

nha morte e seu eterno tormento, e não podia encubrir sua pena donde tantos se alegravam, deu lugar a que Crissalda, que bem a entendia, e avisada estava de seu irmão, a tomasse pela mão, levando-a passeando pelo espesso pomar. Ele, deixando Aurélio e a todos com o regozijo da festa, de tudo descuidados, se foi a elas e, chegando ao fim do pomar, acharam um criado que ali o esperava com um ligeiro cavalo pela rédea. Cavalgou nele e, arremessando-a a ũa e outra parte, rogou a Napécia com amorosas palavras se pusesse nas ancas, e que, em quanto a merenda durava, lhe queria mostrar o seu gado que detrás de aquele olival tinha a malhada. Persuadiu-a Crissalda, e tomando-a Alsindo de riba do cavalo pelos braços, ajudando-o Crissalda, a puseram sobre as ancas, e logo picando o cavalo, com ela se
44 apartou de aquele lugar, de modo que até este instante não se sabe nova deles. Crissalda tornou dissimulada à alegre companhia, mostrando deixar o irmão com sua esposa, por não ouvir (sendo donzela) seus amorosos requebros. Mas, acabando-se a festa e o triste dia, Aurélio mandou saber deles e, não sendo achados, foi grande a confusão sua e de todos. Dividiram-se despois de verem todo o pomar e correram um grande olival que fora dele estava, chamando-os com grandes vozes por seus nomes, e assi passaram a noite sem tomar resolução no que haviam de fazer. E, aparecendo o dia, chegou aquele criado de Alsindo e deu ũa carta sua a Aurélio, que, lida dele em presença dos mais, dizia assi:

> «A aflição e tristeza com que te considero me dá tanta pena, que, se meu cuidado o dispensara comigo, em nenhũa maneira chegara ao fim desta impresa. Em certa ocasião vi um secreto do qual resulta o pouco gosto com que Napécia veio neste casamento, e porque com o amor que lhe tenho não posso acabar deixá-la, nem com minha honra possui-la, a pesar de seu desejo, me resolvi a apartar-me com ela destas partes, por ver se com minha presença e serviços a posso reduzir à minha e tua vontade. Em quanto isto durar, que não será largo tempo, está seguro que será
> 44v de mi tratada com o respeito que o fora Crissalda, minha irmã, e, passando ele, a tornarei a tua companhia para que em sua liberdade escolha a seu alvedrio o que mais for de seu gosto.»

Admirado ficou Aurélio, e os mais, deste sucesso, mas, contudo, se dispôs a ter paciência, confiado na grande bondade e nobreza de Alsindo. Eu estava em estado que, não havendo remédio que de meu mal fosse alívio, chegava ao fim da vida. E os pastores e pastoras do Xarrama, tão lastimados de meu dano, como da causa queixosos, me viam de contino, procurando com vários modos divertir meu pensamento da imaginação de minha desventura, mas era tudo em vão, e todos, julgando-me por morto, me choravam. Crissalda, que sem mi não queria viver, e por esta medida se doía de meus males, se dispôs a dizer-me a inocência de Napécia. E assi ũa noite, ao princípio dela desconhecida, pediu licença para me falar em segredo, afirmando que sua visita me seria de proveito. Deram-lhe entrada, deixaram-na só comigo, donde, vendo-me tão disforme e chegado ao último, primeiro que palavra me falasse, fez de seus olhos rios. Eu, que a não conhecia, vendo sua fermosura, com a lembrança da que n'alma tinha a acompanhei chorando, e logo lhe disse: — para que (se era digna de restituir mil vidas) queria ver-me morrer?

— Quando eu, pastor Leurino —me respondeu—, fora tão
45 infelice que vira tua morte, fora ao menos ditosa em acompanhar-te nela; mas, trazida do amor verdadeiro que me tem contigo desde aquela hora que (não sendo de ti vista) pude ver-te, venho a procurar tua vida e teu remédio. E por que vivas, alcançando o que desejas, quero eu morrer e perder-te.

Após estas palavras com que tinha suspensos meus sentidos, me contou por extenso o intento de seu irmão e a causa dele, e me persuadiu me alegrasse, porque, se estava seguro da firmeza de Napécia, mui cedo a veria no Xarrama, com honra e liberdade para gratificar minhas tristezas. Não cabia em meu pensamento um caso tão peregrino e tão apartado dele, mas ela mo afirmou com tão forçosas palavras, que pôde certeficar-mo, e juntamente com algũas amorosas mostrar-me que me adorava. E, deixando-me confuso e admirado, se tornou sem ser de alguém conhecida. Convaleci: o desejo de ver a Napécia, confiado na fé de nosso antíguo amor, me esforçou de tal maneira, que em poucos dias me parti, dando só a Aurélio parte de minha ida, pedindo-lhe tratasse de meu gado e grangeria, como cousa sua. Quisera ele deter-me, dizendo, magoado, que pois a sorte ordenara que sem filha que tanto amava fosse vivo, vendo-a apar-

tada de si por via tão desusada, e digna de sentir-se, que eu, a
45v quem ele no mesmo lugar sempre tivera, o não deixasse em estado tão mísero e penoso. Mas serviu isto só de lastimar-me e refrescar de novo a chaga de minha grão tristeza e saudade. Despedi-me dele, atravessei as terras que há do Xarrama té aquele lugar donde o rio Guadiana com estrépito espantoso dá suas doces águas às do salgado Oceano. Dali, despois de ver a incerteza do que buscava, corri a maior parte de Andaluzia, té vir a parar em Badajoz, donde estando algum tempo, me pareceu acertado vir aos vossos campos, que, como sabeis, distam pouco de minha pátria, e aqui procurei, sem ser conhecido, saber algũa notícia de Alsindo e de Napécia, para o que roguei a Leardo, pastor de Alceo, que lá chegasse, o que ele fez, e soube o que temia: que é não se saber deles cousa algũa, e que Crissalda, em me eu partindo, desapareceu de sua aldea, o que a todos acabou de admirar e entristecer.

Este é, pastores, o largo discurso de minha triste história, e porque vejo em vossos rostos que dais o ânimo ao sentimento de minhas desventuras, cousa própria dos que nobres são, não quero mais com minha presença magoar-vos, pois sei que não podeis remediar-me nem eu deixar de provocar-vos a tristeza.

Dizendo assi, se levantou e quis partir-se, mas os pastores o detiveram e, ajudando-se à vezes com amorosas palavras, o
46 consolaram e persuadiram a que não vivesse em tanta solidão, desesperando em seus trabalhos, que, inda que o remédio lhe parecia impossível, nada o era na vida, e os sucessos dela eram tão desvariados e fora dos humanos pensamentos, que nenhuns por terríbeis se haviam de temer, nem procurar por alegres, antes com ânimo seguro deixar tudo à disposição divina, entendendo que dela não pode resultar cousa (inda que o fim não alcancemos) que não seja nosso bem. Leurino, que tinha ânimo brando e bom entendimento, lhe prometeu, inda que fizesse força a seu desejo, cumpriria o que mostravam no que lhe pediam, e que aquela sesta ouviria a Marfido contra Liriandro, cousa de que todos foram mui alegres. E, assi despedidos, cada um se foi a seu rebanho,

porque já era hora de os tirar dos currais,
e pacerem a erva fresca, antes
que a calma viesse.

# LIBRO SEGUNDO

46v Produzia o alegre Maio nos campos do pedregoso Tera ũa variedade de esmaltados tapetes, donde as boninas e flores campeam com tanta graça, que não acertara a imitá-las o célebre Pausânias. O sossegado rio, faltando-lhe as crecentes do proceloso Inverno, descobria de areas ũas piquenas ilhetas tão areadas de alvos seixinhos e conchas matizadas, que não acaso, mas de indústria, mostrava imitar o verde prado que de margem lhe servia: suas águas detendo o curso que por entre pedras torciam causavam, a quem as ouvia, um amoroso sentimento. A árvores mostravam os secos braços ornados de rama e flores, donde as
47 aves, com suas queixas, alegravam. Sacudiam os bois o jugo do trabalho pacendo a seu alvedrio a tenra erva. Alegravam-se as ovelhas com a vista dos cordeiros que lhe roubaram pelo proveito que deram em sua ausência. Quem duvida que outra mor alegria se visse nos lavradores, de ver o fructo de seu trabalho tão vizinho como se conhecia nas já louras espigas? E nas zagalas, pastoras e serranas, que, sem o frio do Inverno, quando ao sol, quando à sombra (que o arvoredo oferecia) se juntavam? Só o pastor Marfido, entregue a seu cuidado, em contentamento tão geral, se entristecia, que, como os efeitos dele fossem de tristeza e pena, inda que só esta glória possuisse, e fossse bem de sua alma, não podia mostrar-se de diferente maneira, que a gravidade de Gelinda permitia qualquer favor tão recateado de próprias desconfianças, que o mais atrevido coração rodeara de temores; assi que à glória de seus favores andava anexa a mágoa de perdê-los. Nesta confusão resuscitava o pastor na memória as cousas que em sua mininice passara com Gelinda, e achavam-

-se elas em seu coração tão naturais, que, a pesar do esquecimento em que o tempo costuma sepultá-las, estavam como em seu centro. Ali via Marfido que começava o fundamento de suas esperanças no princípio de sua vida; isto lhe dava ânimo de donde
47v se podessem levantar voando, mas vendo de outra parte tão levantado de fermosura e desiguais riquezas o proceder altivo de Gelinda, o temor congelava as asas da esperança, de maneira que serviam só de penas. E, apartando-se de Lucindo e de Liceno, tão atropelado se achou entre esta tropa de imaginações, que não só de seu gado, mas de sua própria vontade não sabia. Deste profundo sono da memória o acordou ũa voz tão suave e delicada, que de novo podera adormecer os mais sentidos, se, levantando os olhos donde docemente eram encaminhados dos ouvidos, não vira a fermosa Gelinda, sentada no verde prado entre Lucenda e Arguia, que concertadamente tangiam nos seus rabéis, a cujo som cantava a Ninfa com tanto estremo, que excedia qualquer encarecimento. Lucenda, que os olhos tinha donde o pastor já estava quedo, o disse dissimuladamente a Gelinda, a qual, inda que alterada, determinou não se dar por entendida, e prosseguir a começada cantiga, que era esta:

Temerário pensamento,
Muda intento,
Contra mi não te levantes,
48 Que são anos os instantes
Que vens a dar-me tormento.
Contentar
Não queiras com porfiar,
Que a porfia
Tem mais de descortesia
Que de saber agradar.

Como não passa por ti
Que nasci
Com ventage tão notória,
Que o que me trazes por glória
Vem só a ser pena em mi?
Em que parte
Posso sem mi vir a achar-te,
Que ofendida
Não fuja da própria vida
Por não tornar a encontrar-te?

Mas ai que digo, se vejo
O desejo
Favorecer teu partido,
E dele favorecido
Contra minha alma pelejo.
Considero
Que me respondes, que espero
48v Que me canso
Fugindo de meu descanso
Por não querer o quero.

Já digo que tens razão:
A opinião
Mudo no inteno que sigo;
Quero-te ter por amigo,
E dar-te minha afeição
De maneira
Que há d'estar pura e inteira
Em teu centro,
Que consiste em tê-la dentro
A glória mais verdadeira.

Pois nos termos concertado,
Confirmado
Fique em nós este partido,
Que sejas o meu querido
Para não ser declarado.
Voando
Me leva de quando em quando,
Mas com tento,
Não saiba amor nosso intento,
Que me perderás amando.

49 Deu fim a estremada pastora a seu canto, e, pondo em Lucenda os olhos, se levantou, dizendo à outra zagala:

— Arguia, vem comigo, que está tão ufano o prado com o vestido que o Verão lhe guarneceu de flores, que me parece que nos convida com elas.

Seguiu Arguia e ficou-se Lucenda que bem entendeu que era gosto de Gelinda que falasse com Marfido. Gelinda foi andando

té um lugar pouco apartado de aquele, donde havia algũas árvores e, colhendo boninas, respondendo ao que Arguia lhe dizia, dissimuladamente consentia ser vista de Marfido, o qual, vendo só a Lucenda, se foi adonde estava e disse-lhe:

— Fazes-me tão devedor da ventura, fermosa zagala, que não sei se a terei de servir-te porque, quando o sol, que dá luz a estes campos e a de meus olhos se aparta deles, vejo em ti um crepúsculo da tarde, que, arreado dos reflexos e favores de sua companhia, entretém e dilata a noite de saudade em que sua ausência me deixa.

— Muito estimo, Marfido —disse Lucenda— que por criada de Gelinda me levanteis tão perto do céu, sendo verdade que apenas sou sombra desse sol que encareceis, mas, com tudo, quisera ver em vós conhecimento da vontade com que procuro o augmento de vossas esperanças.

— A essa correspondo eu —disse Marfido— não tendo ou-
49v tra mais que a de servir-te, mas não me culpes se a desconheço em esperanças minhas, pois as não conheço em mi.

— Os amantes de agora —disse Lucenda— parece-me que mais fundam o amor em desejar procurando que em merecer esperando, e assi conheceis e sentis o que é em vós de mais efeito.

— Desejar —disse o pastor— o que se ama é cousa natural, que assi como o corpo segue a alma, se vai alma trás de amor, e estes efeitos podem proceder só da vista da fermosura que se ama, mas as esperanças resultam das mostras de ser amado, e como eu goze destas e colha já o fructo de ũa ingratidão tão conhecida, como hei-de conhecer no sentimento o que nunca me entrou nele? Amar eu a Gelinda, seu valor e minha sorte me obrigam de maneira, que não sinto em mi sinais de vivo, senão em quanto sei que amo; não possuo meus sentidos mais que para a considerar senhora deles; mas como nacerá a esperança em meu coração, se o impede sua condição e a não produze seu gosto?

— Vós não sabeis, discreto pastor —respondeu Lucenda—, que a honrada presumpção é dote de muita estima nas molheres, e que se com a honestidade e outras virtudes que em Gelinda resplandecem triunfaram do mundo, fora cousa de que podera resultar louvor aos homens? Pois como presumis tanto na entrada da primavera de vossos amores (cujo princípio se pode
50 contar por horas) ver já crecida e ornada de verdura a pranta da esperança?

— Essas horas — disse o pastor — conto eu desde que tive discurso, e o amor anteposto à natureza o apressou em mi para amar a Gelinda, e passar em cada ũa delas mil anos em sua ausência. E não sou tão arrogante que procure amando e padecendo algũa satisfação, que a não mereço, e Gelinda é tão mais que humana que a não deve: só com um piqueno sinal de consentir que a ame me contento.

— Bem me parecem vossas palavras — disse Lucenda — e bem parecem os amantes humildes com as molheres generosas, e por que o entendais, e quanto desejo ver-vos com alegria, escrevei ũa carta, trazei-ma esta tarde a este próprio lugar, que eu me quero arriscar a pô-la nas mãos de Gelinda, e por que ela se não enfade de tanta dilação, ficai-vos em boa hora.

— Nas tuas, graciosa Lucenda, está a minha vida: eu farei o que me dizes, e o que me mandares, em quanto a possuir.

Com isto se apartaram, e Lucenda se foi para Gelinda que ocupada parecia no colher das boninas, inda que seu pensamento estava no que podia passar entre Lucenda e Marfido, mas, como a viu, foi-se apartando de aquele sítio. E Marfido, que não podia segui-la, sendo assi que a alma se apartava dele, quis ao me-
50v nos fazê-lo em algũa maneira com a voz. Para isto tirou de seu surrão o pastoril instrumento, e, ao som dele, foi dizendo à vista dela estes versos:

Mandai-me ũa flor,
Pois roubais as flores,
Sameando amores
De que nace amor.

VOLTA

As flores levais
Despojando o prado
Com pouco cuidado
Das que sameais.

Com graça e primor
Lhe deixais por elas
Boninas mais belas
De que nace amor.

Fazeis, flor, cos olhos
Tudo o que estão vendo
Noutras convertendo
Com os pés os abrolhos.

Produzindo amor
O prado florido
Chegou meu sentido,
Mas recolheu dor.

Em vós tão fermosa
Está a gravidade
Que fazeis piedade
O ser rigorosa.

Tal graça e valor
Ali se estão vendo
Que (em vós não o havendo)
São causa de amor.

Vão-se essas boninas
Que levais gabando
(Estas desprezando)
Que já são divinas.

Seja como for,
Respondem saudosas,
Vós fostes ditosas,
Mas não sois de amor.

51 Assi cantava Marfido em quanto Gelinda acabava de sobir um piqueno outeiro, e, não na vendo, deixou o canto, tornou às saudades, donde achou as novas esperanças em que Lucenda o posera. Recolheu-se com elas ao pensamento que considerava o que Gelinda cantara ao seu. E, satisfeito de ver que o honesto amor em que ardia combatia a memória da senhora de todos seus cuidados com lembranças e imaginações desse mesmo amor, começou a gozar os princípios de aquela tenra esperança. Engolfado o sentido nestas cousas, chegou ao seu gado, que já os zagais levavam a pacer a verde erva, inda borrifada do aljófar da manhã. E, sobrevindo a calma, deixou o gado no rodeo, e partiu para a Fonte dos Salgueiros, e, antes de chegar a ela, viu que os mais dos pastores e os maiorais Alceo e Lucindo, com a fermosa Gelinda e outras pastoras, ocupavam em torno dela o verde prado, e que seu amigo Liceno com Amaranta, Deifilo com Urânia concertados cantavam e que com eles vinha o lastimado Leurino e a pouca distância deles o Desamorado e Floridora. Deteve-se Marfido por ouvir o que cantavam, que era o que se segue:

DEIFILO E URÂNIA

51v Dizei-nos, pastor,
De vossa mudança.

LICENO E AMARANTA

É que amor se alcança
Com ter muito amor.

DEIFILO E URÂNIA

Não te via eu
Por aqueste prado
Tão de outro cuidado,
Que em nada eras teu?

LICENO E AMARANTA

Trás um desamor
Andava perdido;
Cobrei o sentido,
Sentido de amor.

DEIFILO E URÂNIA

De tua firmeza,
pastor, entendi,
Haver feito em ti
Nova natureza.

LICENO E AMARANTA

Não creas, pastor,
Que eu pude mudar-me,
Mas quis melhorar-me
Amor noutro amor.

DEIFILO E URÂNIA

Pois sabemos quem
Já tens esquecida,
A tua querida
Saibamos também.

LICENO E AMARANTA

Seu alto valor
Ao céu se levanta;
Tem nome Amaranta
Donde o toma amor.

DEIFILO E URÂNIA

Saber-me-ás dizer 52
Teu contentamento:
Se é mor que o tormento
Que soías ter.

LICENO E AMARANTA

Quem tem mais valor
Vence o enemigo,
E o grande perigo
Faz o bem maior.

DEIFILO E URÂNIA

Pois que namorado
E alegre te vejo,
Estima o desejo
E goza o cuidado.

LICENO E AMARANTA

Já a passada dor
Deixou meu sentido;
Desque sou querido
Sei que é ter amor.

A todos causou alegria o suave canto dos pastores. Só em Floridora causou pena, e de maneira se apoderou dela a mágoa de ver a Liceno (que por seu amor fizera tantos estremos) entregue e rendido a Amaranta, que veio pouco e pouco em conhecimento do que por sua ingratidão perdera, e como os males e per-

das de que nossa vontade teve a culpa, paga o arrependimento à custa d'alma do tesouro do sofrimento, tanto teve que pagar, que em fim lhe foi forçado empenhar o alvedrio ao amor por algũas esperanças com que lhe pareceu entreter ao desengano, acredor de dívidas semelhantes. Em tanto se acomodaram os pastores ao redor da fonte, cujas águas, guarnecendo o prado de prata, junto com a sombra das árvores, faziam a estância tão
52v fresca que não havia mais que desejar. Marfido, em quem já todos tinham os olhos, não apartando os seus de quem o coração lhe possuía, se foi sentar no próprio lugar que o desamorado Liriandro o dia dantes ocupara, e dele com ânimo sossegado e rosto alegre falou desta maneira:

— Cousa é averiguada, discretos pastores, que não se trate ou dispute de matéria algũa, senão entre quem a entenda; e assi a excelência da faculdade amatória se não houvera de tratar com o desamorado Liriandro, pois ninguém entende de amor, senão os que amam. Mas eu o faço, porque vos tenho presentes, em quem considero haver corações tão nobres, que podem aposentar o brando amor. E assi, falando convosco, digo que amor (deixando os poéticos fingimentos de cujos sentidos não convém tratar agora) não é filho de Vénus, nem de algum dos pais que lhe atribuem, mas é filho da vontade e do pensamento; cria-se n'alma, ceva-se no coração e, crecendo com a abundância de desejos e esperanças, não se levanta contra quem o alimentou e deu princípio, antes honesto e puro, qual filho obediente, deleita com lícitos efeitos os sentidos. Quanto a seu nome, parece zombaria a semelhança de amaro que Liriandro lhe atribue, e deve esque-
53 cer-se de que Platão lhe chama furor divino, e os Stoicos lhe chamam mundo da amizade, e em fim é a mais alta calidade que pode caber no coração humano; nem no divino pode caber cousa melhor que seu amor. E bem arrojadamente disse Liriandro que era fonte de todos os males e causa deles, pois, sendo como é amor ũa força amorosa, que irreparavelmente leva o homem adonde quer, porque o corpo vai após a alma, e alma trás o amor, quem poderá tão depressa meter de posse ao mesmo homem do amor do bem, e do ódio do mal, como o amor? Chamaram também ao amor desejo de gozar a fermosura, e à fermosura flor da virtude; a fermosura d'alma ajuda a do corpo, e ela é o paradeiro do amor: para amar é necessário conhecê-la, e isto pode fazer-se em três maneiras: com os olhos, com o ou-

vir, e com o entendimento; a fermosura que pertence aos olhos consiste em ũa gentil proporção e variedade de diversas cores nos membros bem dispostos, adornados de ũa suave respondência e de ũa travação graciosa e certa. A dos ouvidos consiste em vozes que, sendo em si distintas, soem concertadamente. A fermosura de que goza o entendimento é um conhecimento das virtudes e perfeições que possue a cousa amada. Qualquer destes amores é lícito e honesto, que, como o amor se incline ao amor da fermosura, e ele seja ũa graça limpa adornada de modéstia
53v e temperança, segue-se que amor somente deseja gozar o lícito e honesto: o mais (que é o que Liriandro sem ofensa de amor podera reprovar) pertence aos sentidos de gostar, cheirar e tocar, que, como incapazes de razão e discurso spiritual, se abalançam furiosos à vil concupiscência, contrastando e vencendo o discurso e juízo humano, com sua insânia e doudice. De donde veio que Aristóteles teve que o vício do desonesto amor é enemigo da prudência e bons engenhos, tanto que torna os homens em bestas e por esta razão de ser enfermidade cruel do entendimento se deu ao nome de Vénus a significação que disse Liriandro, mas sendo também o verdadeiro e limpo amor chamado filósofo, que é amador da sabedoria, claro está que o amor não deseja gozar da fermosura mais que o que nela há fermoso e digno de contemplar-se com modesta temperança; e porque o bem da fermosura está no entendimento de quem ama, pintaram o amor cego por mostrar que mais se serve dele que dos olhos para ver e gozar da vista amada. Pintam-no com setas, não porque com elas cause amor nos amantes guerras, mortes e casos semelhantes. E que cousa pode haver mais contrária de amor que enemizade? Antes é porque não há amante tão mísero a quem para
54 defender e servir a quem ama faltem armas e forças que todo o coração amando é generoso. Pintam-no com ũa tocha acesa na mão, não por que abrase o mundo, mas por mostrar que o verdadeiro amor é ũa luz pura que, resplandecendo n'alma, dá de si bela vista e claridade, e antes se pode consumir o corpo que algũa inclinação rebelde o escureça. Não é este o fogo nem aquelas as frechas que causa foram dos incêndios e guerras dos reinos e cidades que Liriandro trouxe a vossa memória. Não foi amor causa de que Páris passasse à Grécia e roubasse a Elena. Este disconcerto naceu do desejo da vingança que nos Troianos ardia do roubo que em sua cidade se fizera, levando dela os Gre-

gos a Ansiona, irmã del-Rei Príamo, e de outras paixões particulares, e antes dignas do nome de ódio e furor, de que procederam os mais danos que apontou, que deixo por não cansar-vos. Pintam-no nu e minino, por sua inocência e procedimentos suaves, pela singileza e facilidade verdadeira com que se tratam os que amam; porque em seus ânimos não se aposenta a cobiça, pois não há amante que não seja liberal. Dão-lhe asas porque sua ligeireza é inacessível no tocante ao serviço de quem se ama, e por mostrar que, discurrindo pelos elementos, chega aos céus, e em todas as criaturas influe seus efeitos, porque toda a máquina deste mundo visível e os elementos, aves e animais, os peixes, árvores, prantas, e as mais criaturas insensíveis se augmen-
54v tam e permanecem em sua conservação, amando-se com o amor ordenado da providência eterna, sem o qual pereceriam. Conforme ao que tenho dito, com mais razão é amor origem de todos os bens que de todos os males, como disse Liriandro. Porque de ser tal o amor, se seguiria ser o ódio causa de todos os bens, o que não é honesto passe pelo pensamento; pois está tão patente que o ódio é ũa paixão que aflige a alma, desinquieta a consciência, entristece o coração, e é guerra contínua dos sentidos, pelo que sendo assi como na verdade é, se segue ser o amor paz, alegria e descanso das potências spirituais. Disse Liriandro que só por amor se sentem e padecem os males desta vida, e não vê seu engano cego nele, porque desta maneira, sendo como é o nacer a causa inseparável de morrermos, se poderam queixar de haver nacido aqueles que acabam violenta e miseravelmente, a atribuir as tais mortes a seu nacimento, sendo estas para castigo de suas obras ordenadas do Céu, ou permitidas por secretos ocultos que os homens não podem alcançar. E desta sorte se pode responder ao que disse das riquezas, porque a quem as perdeu, a fortuna que lhas tirou, e não o amor (se lho tinha) lhe tem culpa. E ao da fera a quem foram roubados os filhos, que o amor era causa do gosto com que os criara, e roubarem-lhos o foi de
55 sentir pena. Conforme é na opinião o nosso Liriandro com Timeo Ateniense, o qual, tendo em ódio a conversação humana, fugia dos homens, e totalmente não tratava com ninguém, mas assi como este foi único de aqueles té estes tempos, o será Liriandro té o fim do mundo, pois não só vai contra amor, mas contra as leis da natureza: a qual necessariamente obriga a que se amem o pai, a molher, os filhos, os irmãos e os amigos, que,

de outra maneira, não houvera homens, o mundo se acabara, cuja máquina sustenta o amor, amando-se as criaturas. Responder às circunstâncias e palavras que Liriandro acumulou contra o amor será processo infinito, mas, por que não pareça que quero suplir e afeitar com abundância de palavras a substância do que defendo, cifrarei tudo o que podera dizer, e tenho dito, com o que disse Máximo Tírio, que o amor é razão, virtude, e arte. Razão, porque amor é a mesma verdade, e a cousa donde mais os enganos desconvêm, a verdade é a raia donde o entendimento para e se quieta, e isto o mesmo é que ser razão. Virtude, porque o amor perfeito guarda compridamente todas as circunstâncias da honestidade e honra de quem ama. Arte, porque perfeitamente conhece a verdadeira fermosura, e sabe amá-la com a pontualidade riquisita, e assi fica claro que o amor que Liriandro
55v reprova consiste no deleite dos sentidos irracionais, que se não governam por razão, virtude e arte, e assi não merece nome de amor, porque na verdade o não pode haver de cousas torpes, e o digno de ser amado é em tudo claríssimo e fermoso. Esta é a razão por que na cidade de Tebas poseram duas imagens à deusa Vénus significativas destes dous amores que digo serem lícitos: ũa denotava o amor da fermosura corpórea, e a outra o das virtudes d'alma, o qual é mais excelente, e em tudo perfeito, inda que o corpo de quem por elas se amar não seja belo. Este é o amor que sempre permanece, porque os homens se amam namorados de sua bondade que não está sojeita às mudanças que o tempo faz nas corpóreas fermosuras. Mas se um amar as gentilezas do corpo e as excelências d'alma, sem dúvida este amor terá todos os quilates de perfeito. Mas também nossas almas devidamente se namoram da fermosura dos corpos como de seus semelhantes, e sentem com raro estremo o ver-se apartar deles; e encareceram e estimaram tanto alguns antíguos a fermosura do corpo, que afirmam de certo poeta haver cegado por dizer mal da fermosura de Elena. Lembra-me que disse Liriandro que quem amava era alheo e nu de toda razão, e eu digo que não desacre-
56 dita ao amor honesto exceder os termos da razão, assi como os excede o desonesto, porque aquele ímpitu e veemência é tão natural em um como no outro, mas com esta diferença, que um faz a virtude maior e outro acrescenta o vício: donde podemos considerar quantos pelo amor da virtuosa fama aventuraram as vidas, quantos as perderam por seus amigos. Mas, deixando este

modo de amor, digo que, se o amor que os amantes têm a suas damas, inda que aceso em abrasada afeição, nace de um verdadeiro conhecimento de suas virtudes e fermosura, é digno de toda estima, e indígno de se culpar, pois o amor desta maneira ama a fermosura que conhece e considera, e não o deleite ou galardão que espera e que deseja. E por que os versos de Liriandro não fiquem sem resposta, pois a dar-lha me dispus, ouvi os que compus para este efeito.

Dizendo assi, temperou o rabel, e, ao som dele, cantou desta maneira:

Alma da natureza,
Dom no qual se dão todos,
E que só de si mesmo é merecido,
Grão pintor da beleza
Que com diversos modos
A estampas n'alma e pintas no sentido,
56v Bem não bem conhecido.
Excelente tesouro,
Que no interior nacendo,
Estás enriquecendo
Os sentidos de graças exteriores,
Grão mestre de primores
De mor preço e valor que todo o ouro,
Pois excedendo a vil necessidade,
És digno mercador da liberdade.

Amor, em cujo nome
Está resplandecendo
De tuas excelências a luz pura,
Que como alma se assome
Aos olhos, está vendo
Transformada em si mesma a fermosura,
Tu só fazes segura
A vida miserável
Da lei vária, importuna,
Do tempo e da fortuna,
Porque nunca se acaba em que se mude
Ela, a amada virtude
(Por condição de amar inseparável)
N'alma imortal, adonde permanece
Despois que o frágil corpo desfalece.

57 Por ti a sancta amizade
Se estabelece no mundo,
E ele em ti (mundo dela) se conserva,
Dilata-se a igualdade
Do contrato fecundo
Que por ti a natureza lhe reserva;
A nefanda e proterva
Malícia que presume
(De si própria ofendida)
Ver a paz destruída
É de teu grão valor desbaratada,
Se à cousa desejada
Sem ti, como tu faltes, se consume
Que sem amor não pode desejar-se,
Nem sem desejo amor pode gozar-se.

Quem te culpa não sente
Os suaves efeitos
De tua inclinação pura e sincera,
Nem que divinamente
Altíssimos conceitos
No coração humano influe e gera;
Quem agora tivera
Igual ao sentimento
Os termos de falar,
57v E podera explicar
De teu valor invicto algũa parte!
Mas pode declarar-te
Apenas assi mesmo o pensamento
Se vê que tens por fim precisamente
O que é e estimas só por excelente.

Quão bem pode chamar-se
Para sempre ditoso
Aquele que na vista o recebendo
Julga que deve amar-se
Um objecto fermoso
N'alma seu semelhante conhecendo,
E ali qual lince vendo
A doce presumpção,
A grave honestidade,

Entrega a liberdade,
E fica satisfeito seu cuidado,
E logo sendo amado
Sabe que é fazer dous de um coração
Vivendo (oh glória nunca merecida
Outra alma tendo em si!) dobrada vida.

Não pode o mar imenso,
Canção, desfeito em gotas de contino
Numerar por extenso
58 Deste furor divino
As perfeições e graças que imagino.

Com muita atenção foi ouvido Marfido, e os mais aprovaram sua opinião, porque as cousas de amor agradam naturalmente. Até Liriandro (que armado da dureza de sua condição resistiu sempre qualquer brando afeito) em quanto Marfido falou teve tanto em que ocupar o pensamento, ou por oculto secreto da fraqueza humana, que a vezes por enveja nos faz seguir o que por razão fugimos, ou porque o fogo de amor se ascende mais donde acha mais resistência, que no fim da prática e canto de Marfido, se achou enlaçado na própria rede de que tantos avisos dava ao mundo, como ao diante se verá. Floridora não apartava os olhos de Liceno e Amaranta (que um ao outro tinham por doce objecto dos seus) e vendo o pouco caso que o pastor dela fazia, se admirava e muitas vezes tornava em si como de um sonho profundo, e cheio de fantasias temerosas. E vendo em fim que era verdade que o pastor que, dela aborrecido, a adorava, agora, tendo-a presente, se ocupava na vista de outra de quem sempre se enfadara, dando tão certas mostras de querê-la, estava tão fora de si, que teve amor lugar de entrar em seu cui-
58v dado, e converter aquela mágoa em querer tão estremado, que excedeu a passada aspereza e presumpção. Assi se veio a tarde e os pastores deixaram o sítio ameno, indo a recolher seus rebanhos que já andavam pelo verde prado. Marfido, deixando o seu aos zagais, se foi por diferente caminho àquela parte donde o dia passado vira a fermosa Gelinda. Ali achou Lucenda que esperando-o estava, com a qual despendeu algũas palavras procurando mostrar-lhe as desconfianças e temores de seu coração,

a que Lucenda satisfez animando-o com a verdade de suas promessas, e dando-lhe a carta se despediu dela com pressuposto de se verem no próprio lugar. E, chegando as horas que ali viam com o repouso o trabalho de dia, recolheu-se Gelinda a seu aposento, e Lucenda, a quem o desejo esforçava a suplir com a indústria o que a severidade da pastora lhe impedia, fingiu acaso desabrochar o gibão; como entre ele tevesse a carta de Marfido, caiu-lhe, e querendo recolhê-la, mostrando ter pena do sucedido, Gelinda a tomou dizendo com gracioso riso:

— Bem mostra nisto, amiga Lucenda, o próprio amor o que te tenho, pois não consentiu me escondesses nos peitos (lugar
59 donde ele reside) teus segredos, ensinando-te que, para ser perfeito, não se há-de encobrir neles cousa algũa a quem se ama, assi que hás-de consentir com muito gosto lea esta carta e saiba quem a escreve, se não queres me queixe, tendo esta resistência por agravo.

Lucenda, que despois de algũa perfia, lha deixou nas mãos, lhe respondeu:

— Tenho visto em ti, estremada pastora, tão poucas mostras de amor, devendo-as ao muito que se te tem, que não deves estranhar te encubra amorosos secretos, pois, sendo livre, não podes ser alívio do mal cuja dor não sentes: mas se nisto te sirvo bem podes ler a carta, com tanto que me respondas a ela, porque te certefico que merece tanto o pastor que a escreve, e ama tão de verdade, que sem que muito te ofendas, podes escrever como se a própria foras a que tocara fazê-lo.

— Digo —respondeu Gelinda, algum tanto advertida— que a troco de ler amores de pastor que tanto louvas farei tudo o que quiseres, e, abrindo a carta, viu que assi dizia:

> «Se igualas, belíssima pastora, o que mereço a tua opinião, claro está que cairá meu intento do alto de tua presumpção ao profundo de minha desgraça, mas, se consideras que as graças e fermosura de que a natureza te enriqueceu são um objeto, um limite, e paradeiro d'alma a quem os olhos te mostram, tua descrição (entendendo o que te quero), poderá escusar-me de culpa neste atrevimento, porque o remédio esteve no dissimular de tua gra-
> 59v vidade, e o perigo no fogo de meu desejo; bem sei que se, como quem és, recebes esta, será impossível ter vida,

mas se o amor como primeira causa destes movimentos me favorece, não trocarei por ela ũa esperança: em meio destes receos sepultado fico sem ela, e sem mi, porque a disposição de minhas cousas está em tuas mãos, minha vontade em teu gosto e na tua dar-me o maior que cabe em meu pensamento, ou a morte, que por ser por tua causa não mereço haver nacido.»

Despois de ler a carta, disse Gelinda:

— Palavras são estas que, a não escrevê-las homem que quer a satisfação de seu desejo, poderam estimar-se; mas se elas prometem nacer de puro amor, a experiência (cuja lição é verdadeira) mostra o fim a que se escrevem; e assi sou de parecer que não respondas logo, que o tempo descubrirá nas obras deste pastor o que mais deu as fazer. Que aos homens é mais fácil fingir amor por alcançar o de quem bem lhe parece que ao mesmo amor causá-lo usando do rigor de suas frechas.

— Logo —disse Lucenda— amor pode haver sem que o cause o deus de amor.

E Gelinda disse:

— Não creas que todos os sinais que há dele são verdadeiros e causados desse deus a que tantos poderes se atribuem, que pela maior parte ele nace da ociosidade e do mau uso deste século. Deste que tem inútis princípios descobre o desengano os perigo-
60 sos enganos, que, como só consista no desejo, cumprido ou desenganado se consume. O amor verdadeiro, fundado na própria alma, que só ao gosto de quem se ama aspira, é o que causa o amor a quem poderes divinos se concedem, e para diferenciar um do outro é necessário na pastora (a que seus estremos se dirivam) ũa prudência tão rara, que, tendo atado o sofrimento, julgue pelas obras as promessas, não por sua presumpção e pensamentos.

— O que dizes —disse Lucenda— é o mesmo que em ti conheço; e não saindo dos preceitos de tua discrição e virtuosos intentos, hás-de responder a esta carta, que eu sei mui certo que ama este pastor com tanto estremo, que não pode haver nenhum nos favores que lhe façam.

No fim destas e outras tais palavras, ofereceu Lucenda papel e tinta a Gelinda, que, com mostras do desassocego de seu ânimo, isto escreveu:

> «Aprendi na escola da honestidade que professo que o amor da fermosura é nos mancebos ũa opinião com que pretendem acreditar os movimentos e desconcertos de aquela idade, e que se à vezes não é o amor fingido, é de ordinário ruina e destruição das virtuosas pastoras. Suposto isto, te escrevo por fiar de quem sou, que esta te sirva mais de aviso que de jactância. Bem sei que és nobre pastor, e que, posto fiar de teus procedimentos, que o ter-te nesta conta, realça teus pensamentos, mas se em
> 60v castigo de escrever-te o ordenar minha sorte de outro modo, serei contente com que, apartando-te deste cuidado, fiques com a glória de havê-lo declarado, porque a mi (em tudo o mais satisfeita) mo dá mui grande este receo, que, tratando de minha fama, nos passos em que a poseres, pões a vida.»

Prosseguir quisera a bela Gelinda, mas, advertindo o muito que amor naquelas letras tinha cortado por sua honestidade, arrojou o papel e disse:

— Toma, Lucenda, a tua resposta, que nem zombando deve a molher que pretende ser honesta ocupar-se em amores nem tratá-los, que sua brandura, da natural delas favorecida, assi as enlea, que ao menos lhe faz perder o crédito, e como este na estimação dos homens as sustente, perdido, não há nelas que desejar nem se deseja mais que o que se estima.

Com isto se foi a repousar, mas a novidade do caso fez com novos cuidados que velasse o pensamento. Cerrou Lucenda a carta, contentíssima do bom sucesso de sua indústria, e mais vendo claramente não ignorá-la Gelinda. Liriandro, que com a já namorada Floridora se apartou aquela tarde dos pastores, vendo nela ũa estranha mudança desde a madrugada de aquele dia, despois de se apartarem de Liceno (que com Lucindo e Marfido ouvia a história de Leurino) e estando atento ao contínuo
61 olhar envolto em mágoas e afeição com que de Liceno os olhos não apartara, em quanto os circunstantes os não tiraram de Mar-

fido, veio a entender que aquela que ele amava por ser desamorada, estava rendida a seu enemigo amor. Considerando isto, magoado do sucesso, sentia muito que com aquela mudança perdia a companhia de Floridora, e que o bem dela seria de Liceno; a enveja do que aquele pastor ganhava e a dor do que ele perdia, e sobretudo as lágrimas e sospiros com que Floridora em sua companhia manifestava a pena de seu atribulado coração; do espanto do sucesso deu na mágoa dele; de aqui chegou à enveja do que Liceno alcançava, logo à dor do que perdia; do sentimento de Floridora chegou à casa da piedade, e nela disfarçado o salteou o amor com tanta manha, que primeiro o conheceu por senhor, que assi por preso e deste modo (não conhecendo o entendimento ainda a causa) acordou ao ruído dos sospiros que à imitação de Floridora despedia, achou os olhos vertendo fontes de lágrimas, o alvedrio sojeito e a liberdade perdida. Floridora, inda que por estremo atribulada, suspendeu suas queixas não com menos admiração de ver aqueles afeitos no desamorado Liriandro, mas, como a imaginação triste
61v mal pode ocupar-se em curiosidades, não lhe perguntava a causa ocupada em seu cuidado: antes, para todo se aplicar a ele, não sabia a hora que se haviam de apartar. Ele, que não ignorava a origem de aquelas lágrimas, não tinha que perguntar-lhe, para consolá-la, e já naquele breve espaço de amante tinha aprendido que as penas de amor se endurecem reprendidas, e consoladas se augmentam. Dizer-lhe que a amava, amando outro pastor, era dar-lhe causa de aborrecê-lo; pedir remédio era desvario a quem do seu não curava; em fim, ele chegou a estado que entendeu que estava no último de sua vida, e porque morrendo não deixava de ser culpa que à vista de quem lha possuía encubrisse as verdades de sua alma, tirando do surrão o seu rabel, com tristes consonâncias, começou a tanger suavemente, e, convidando a pastora, como outras vezes costumava, inda que então com rosto alegre, e agora cheio de pranto, respondendo-lhe ela, assi cantando dizia:

LIRIANDRO

Floridora, que as flores deste prado
Em teu nome ditosas,
62 O teu sobre as estrelas levantado
Tem puras e fermosas,
Porque assi tão piadosas
Essas lágrimas vertes
Se alma de quem te vê nelas convertes?

FLORIDORA

Não tem, Liriandro, um triste mor tormento
Que, estando padecendo,
Querer saber um livre pensamento
A causa, conhecendo
De si que está morrendo,
E que é qual falso espelho
Quem não sentindo amor quer dar conselho.

LIRIANDRO

Nunca livre de amor para contigo
Esteve o coração,
Sem que sojeito a amor teus passos sigo,
Que minha opinião,
62v Fundada na razão,
De te ser semelhante
Teve para mudar-se o mesmo instante.

FLORIDORA

Agora claramente entenderemos
A potência amorosa
E as doudices passadas pagaremos,
Mas a causa forçosa
Dessa voz lastimosa
Me declara, se é certo
Que foi teu brasonar frágil e incerto.

LIRIANDRO

Foi-me em meu desamor o amor gerando
De tua liberdade;
Foi-me não no entendendo namorando
Teu rigor e crueldade,
Tua honestidade
Me transformou de modo
Que em mi de teus efeitos vive o todo.

FLORIDORA

Liriandro, se amor pode trocar-te
63 Tomando por sojeito
A quem fez impossível agradar-te,
Quis por um e outro peito
No passo mais estreito
Aborrecendo amando
Eu por Liceno, tu por mi chamando.

LIRIANDRO

Tu só meus sentidos luz e esfera
Foste desta mudança
Precisa causa, que amor não podera,
Faltando a esperança,
Que é todo o bem que alcança,
Sê de quem te ama amante,
Que amor de si produze o semelhante.

FLORIDORA

Se amor fora eleição do entendimento,
Bem poderas culpar-me
Em tão desordenado movimento,
Mas posso consolar-me,
E a mi mesma queixar-me
De amor, que, não no tendo,
Gozava o bem que, amando, estou perdendo.

LIRIANDRO

63v Pois já sabes que é amar aborrecida,
Não sofras tanta pena
N'alma donde de amor recebes vida;
A lei que amor ordena
A querer nos condena,
Não quem nos aborrece,
Mas a quem por amar amor merece.

Chamavam-te o pastor desamorado,
E a todos desamando
Perseguias; agora namorado
Me estás martirizando;
Fica-te lamentando,
Que é cousa mui penosa
Ouvir queixas de amor, de outrem queixosa.

Deixou, sem as devidas consonâncias, a triste Floridora os últimos acentos de seus versos, porque cansada de responder às importunidades de Liriandro (que tais são as palavras amorosas ante quem tem sojeita a vontade em outra parte), se apar-
64 tou dele com tanta pressa, que, em pouco espaço, deixou de ouvir os sospiros com que o lastimado pastor pretendia detê-la. Nisto a fea noite, saindo dos fundos vales, estendia o manto escuro sobre a região aérea; recolheu-se o pastor a suas cabanas, e a pastora à aldea. Mas, não tinha o sol mostrado o claro rosto aos altos montes, quando Marfido esperava naquela montanheta (donde os ditosos campos do maioral Lucindo descubria) a zagala Lucenda, que, como trazia novas de gosto, não tardou muito que a visse caminhar adonde estava. Chegou a ele a serrana, deu-lhe a carta com tanto sobressalto do pastor, que só o alegre sembrante de Lucenda o segurara. Despois de ver que a pastora que tanto amava consentia seus amorosos intentos, não há declarar os afeitos com que o coração por todos seus sentidos se mostrava. Passaram alguns dias em que o pastor gozava ver alegre a Gelinda, e se o lugar o permitia se elevava ao trono de suas honestíssimas palavras. Era então o tempo em que o sol no signo do Leão abrasa os campos e os pastores levavam o gado a beber às águas que brotam da Fonte dos Infelices Amantes, donde Marfido viu a vez primeira a Gelinda, por ser o sítio dela ameníssimo, cercado longamente de árvores que, com a sombra e folhas de seus ramos, as mansas ovelhas e trepadoras cabras convidavam. Guiava a este lugar
64v seu gado o pastor Marfido, quando alguns pastores, conversando amigavelmente, rodeavam a margem da pura fonte, e deles es-

cutado, rapto no pensamento dos adorados favores que possuía, ao som do seu rabel assi cantou:

SONETO

Junto da margem húmida e ervosa
Do cristalino Tera um dia estava
Ũa Ninfa que as deusas afeava,
E era o menos que tinha ser fermosa.

Por que ardesse de amor a água ditosa
Dos pés a neve aos moles beijos dava,
E em tanto aura lasciva se enlaçava
Aureada entre os cabelos e pomposa.

Rindo-se de despojos adornada
Recolhe a praia nos remansos belos
Do sol dos olhos seus vário tesouro.

Florece a erva de seus pés pisada,
E co a cândida mão e áureos cabelos
Dá às flores folha e faz as folhas de ouro.

65 Assi cantando, chegou Marfido aos pastores que entre si alegres o receberam; e a propósito de outras cousas vieram a tratar qual seria a causa de aquela fonte ser chamada dos Infelices Amantes. Difirindo nisto algum espaço o maioral Alceo, despois de se cansar de os escutar, como acontece a quem, sabendo a cousa, ouve sobre o contrário dela disputar, disse:

— Vejo-vos tão ocupados em contenda, a que não podeis dar mais solução que a que vossos engenhos, encaminhados de sua viveza e faltos de experiência, vos ensinam que, por safisfazer-vos, como também porque não sinto agora cousa em que com mais gosto se despendam as horas desta sesta, hei-de contar-vos a origem do nome desta fonte, história certo digna de saber-se, que o avô de quem o nome tenho e possessões contou neste lugar, escutado com suma atenção dos moradores destes campos.

— Com a mesma e gosto particular de te ouvir — disse Liceno — nos tornaremos mudos, para que o quieto murmúrio destas águas (que parece esperá-lo) sirva de tono a tuas graves palavras.

No fim destas, o venerável velho assi falou:

Na falda verde deste alegre monte
Que co a sombra do vale nos convida,
Dos olhos fermosíssimo horizonte,
65v Teve Arténio o princípio e fim da vida;
Na pedra o converteu que está defronte
A ciência dele menos conhecida.
Vã soberba do humano entendimento
Querer reger dos céus o movimento.

Vinte anos tinha quando, arrebatado
Do amor das letras que em seu peito ardia
(Causa que estime menos campo e gado
Que o precioso tempo que perdia),
A seu irmão Albindo encomendado,
Deixa tudo e da pátria se partia;
Esteve quarenta anos aprendendo,
Riquezas certas n'alma recolhendo.

Era casado Albindo, e docemente
Os bens do ausente irmão em paz lograva
Quando chegou mais rico e mais contente
Arténio, que entre os mortos se contava.
Grande espanto causou tão de repente
O sucesso que menos se esperava,
Mas converteu-se em gosto quando a Albindo
O irmão palavras tais foi repitindo:

Possue tudo quanto posso dar-te,
Querido irmão, lhe disse Arténio — em bora,
Que eu tenho só o desejo de agradar-te
66 Nessas riquezas de que estou já fora;
Com meu estudo consumado na arte
Me venho a descansar na pátria agora;
A teus flhos e a ti ver ricos quero,
Satisfeito com o bem que considero.

Isto propõe Arténio; Albindo aceita,
Ao caro irmão de novo agradecido,
O qual a seus estudos se sojeita
Em solitária estância recolhido.
Em tanto o fado seu descanso espreita,
De humanos bens contrário endurecido,
Um gosto lhe ofreceu de grande estima
Com que o cega despois fere e lastima.

Naceo em tanto a Albindo tão fermosa
Ũa filha, que teve a natureza
Despois nela modelo, arteficiosa
Na doce compostura da beleza;
Tinha Arténio por cousa milagrosa
Ver de todas as graças a riqueza
Na piquinina infância que crecendo
Tudo o que ela não era ia excedendo.

Mas como o gosto seja nesta vida
Um princípio do mal que se apresura
Trás ele, sendo lei establecida,
66v E inviolável, roubá-la a morte dura
Albindo a cara esposa tão querida
Dele, que para amar viver procura,
Perdeu, perda forçosa, mas tamanha,
Que morto de saudades a acompanha.

Triste Arténio ficou, mas cuidadoso
De Briseida, que este era o nome caro
Da sobrinha que amava, e desejoso
De ver que lhe promete o fado avaro,
Usou de seu saber supersticioso,
E em suas regras achou patente e claro
Que será por estremo namorada,
E a vida perderá por mal casada.

Imaginando andava de contino
Na áspera solução de seu conjuro,
Pretendendo evitar o cruel destino
Que a Ninfa ameaçava acerbo e duro;
Quanto mais nela um garbo almo e divino
Gentil resplandecia honesto e puro,
Evitar quer Arténio o triste fado
Contra tal fermosura conjugado.

Despois de mil discursos, determina
Formar de seus conjuros novo encanto,
Que envelhecido e cego na oficina
De ũa consciência dura chega a tanto;
67 Cinge de ar a parte cristalina
Que ocupa o sítio seu, de escuro manto
De névoa, que, a pesar da força humana,
Os passos impedindo a vista engana.

Fora de aquela densa escuridade
Pôs um padrão de letras que continha
Que a ninguém confiando da amizade
Sua, ou do próprio esforço lhe convinha,
Na névoa entrar, adonde com crueldade
O castigo de tal desordem tinha,
Porque às mulheres só se consentia
A entrada que dos homens defendia.

E para que Briseida alegremente
Goze da bela estância em todo ensejo,
E nos olhos seus gosto represente
Sem que a continuação lhe faça pejo
Em tudo o de que pode ser contente
Imitação fez d'arte a seu desejo,
Com providência tão considerada,
Que até do desejar o modo agrada.

Um vergel fabricou tão deleitoso,
Que excedia os famosos de Alciano,
Adonde de Amaltea o copioso
Corno se derramava sempre ufano,
67v As puríssimas fontes com queixoso
E gentil movimento mais que humano
De cândido cristal o vão bordando
As da antígua Trinácria desprezando.

A verde Primavera, o sazonado
Verão, o sítio ameno enriquecido
Tem, que num mesmo tempo está colmado
O arvoredo de fructas e florido;
Deleita-se nos olhos o cuidado,
Suspendem vários cheiros o sentido,
E das aves a música divina
Outro modo de ouvir mais alto ensina.

Junto ao vergel divino um bosque estava,
Que excede de Diana a Dodonea
Selva, donde ũa gruta repousava
De cristalino humor banhada e chea:
De aqui por entre flores dilatava,
Té onde um lago assistia, a branda vea,
Assi cândido, belo, ameno e puro,
Que era ante ele o de Salmacis escuro.

Aqui o simples coelho, a fugaz lebre
Em paz se alegram sem temer engano,
Livres que a ligeireza se celebre
Do galgo, e do podengo por seu dano:
68 Pois o corso seguro de que quebre
De seu correr o curso o desumano
Caçador, vai tão manso e descuidado,
Que só de seu descuido tem cuidado.

Neste vergel e bosque divertida
Co as pastoras com quem tinha amizade
Passava a Ninfa docemente a vida
Nos anos da inocente mocidade:
Mas, sendo delas mesma advertida,
Se veio a conhecer sem liberdade,
E assi tudo lhe foi logo enojoso,
Porque, inda que era gosto, era forçoso.

Dos jogos pastoris era informada,
E quanto aventajar-se pretendiam
À vista da pastora que era amada
Os que amando a si mesmos se excediam:
As queixas amorosas da igualada
Vontade que os amantes dividiam,
Não possuindo menos quem a entrega
Que quem pela aceitar a própria nega.

Estas e outras tais cousas que escutava
Briseida por não tê-las cobiçosa,
Em seu desejo então depositava
De ver o que deseja desejosa;
68v Já de seus passatempos se enfadava,
Pródiga do que tem, quanto envejosa
De aquele leve gosto imaginado
Que despois que se alcança é mais pesado.

Tanto se fez senhor do pensamento
O bem que imaginava não o tendo,
Que mostra tal império ser violento
Em seu divino rosto aparecendo,
Vai descubrindo Arténio este tormento
(Que vive só de alegre está-la vendo),
E se bem não no diz a Ninfa honesta,
Seu profundo saber lho manifesta.

Esta contradição da rara impresa
Tão aprovada dele o desbarata,
Pois, tendo oculta aos homens a beleza
Da sobrinha, ũa dor lha rouba e mata;
Discursando outra vez o caso pesa,
Mas mais se engana e menos se precata,
Que os erros de quem cuida que os alcança
São amigos traidores da confiança.

Um lindo bracelete de ouro fino
Fabricou com conjuros espantosos,
E pondo-lho no braço cristalino,
Com acentos lhe disse lastimosos:
69 — Quis entender, Breseida, teu destino
Por te avisar dos casos perigosos,
E vim a conhecer (ai dura sorte!)
Que terás por amores triste morte.

Encerrei-te na bela estância minha,
Porque em seres olhada está o perigo;
Gozavas tudo quanto nela tinha;
Porque todos meus bens estão contigo,
Determino casar-te muito asinha,
Que já o tempo fatal nosso enemigo
Com pressurosas asas vem chegando,
E antes de seres vista irá passando.

Queres (e este querer temo se ordena
Já por constelação da estrela dura)
Sair aos campos, desta parte amena
Donde estavas isenta da ventura:
Eu a quem por teu gosto amor condena
Que não veja ofendida a fermosura
Que alcanças, te ofereço ao fado esquivo,
E em ti da própria vida a mi me privo.

Rogo-te por aquele amor paterno
De que tantos sinais mostrado tenho
Que esse simples desejo que no interno
Penetrando te estou de teu desenho
69v Não sigas, que nos leva ao lago Averno,
E que estimes os casos que prevenho,
Que a tudo o que os sentidos nos enleva
Nosso livre querer é quem nos leva.

Nessa piquena jóia que no braço
Tens, pus minha esperança, e teu desejo:
Livre com ela podes de embaraço
A névoa atravessar em todo ensejo;
Com ela sem ser vista em qualquer passo
Acharás de que ter gosto sobejo;
E se falar quiseres às pastoras
Do braço a tirarás àquelas horas.

Mas aviso-te, filha, que onde vires
Homens, que os olhos neles não dilates,
Nem do braço o fatal círculo tires,
E que a ti de ti mesma te precates:
No instante que das Ninfas te partires,
E no próprio lugar adonde as trates,
A jóia põe no braço e tem firmeza,
Que mal pode encobrir-se a gentileza.

Assi Arténio lhe disse. Ela, contente,
No que deseja ver tinha o sentido.
A névoa passa e vê distintamente
O que já tem por fama conhecido:
70 A tudo quanto passa está presente,
Conhece o bem de amar e ser querido
Com tão brando e singelo sentimento,
Que já governa amor seu pensamento.

Alguns dias alegre foi passando,
A seu desenho os campos descobrindo
Co as pastoras do Tera conversando,
Dos homens com cautela se encobrindo:
Vendo a ocasião fortuna que esperando
Está, sobre Briseida sacudindo
As asas, não na perde, que o perdê-la
Estava no alvedrio da donzela.

Juntaram-se as zagalas e pastores
No vale um dia sancto entre a verdura,
Que estando matizada de mil flores
Guarnecia de prata a fonte pura:
Ali com doces vozes seus amores
Celebraram e a amada fermosura,
E ao som do tamborim, frauta e salteiro
Bailaram concertados de terreiro.

Sem ser vista Briseida estava vendo
Co encantado braçal o que passava,
E acaso (ai triste caso!) revolvendo
Os olhos, donde amor isto esperava,
70v Viu Leonido que a todos excedendo
Nos jogos, tão galhardo se mostrava,
Que em seu raro primor e gentileza
Se envejava a si própria a natureza.

Estava amor nos olhos escondido
Da Ninfa; e alma co ele descuidada
Assomando-se aos olhos, viu Leonido
Que descuidos a fazem namorada:
Vai e torna, que são, tendo entendido
Caminho que vai dar na cousa amada,
Os olhos, e em Leonido descansando
Também neles o está considerando.

Foi acabar-se o dia o fim da festa.
Os pastores se foram dividindo,
E o sol, coroando as cimas da floresta
De ouro, se vai dos campos despedindo:
Ficou Leonido só e amor se apressa
A vergonhosa Ninfa persuadindo
Que o bracelete tire, à doce impresa,
Que começa nas portas da beleza.

Subia ũa ladeira o descuidado
Infelice pastor Leonido em tanto,
Quando trás um sospiro delicado
O suspende um divino e doce canto;
71 Tão docemente soa dilatado
Nos acentos da voz, que causa espanto;
Deteve-se, e Briseida namorada
Se mostra, assi cantando, descuidada:

Fugir do perigo
Parece escusado,
Se está no cuidado
Que trago comigo.

VOLTA

Deixar o desejo
Do que devo amar,
É olhos cerrar
Se o fermoso vejo.

Pois se no que sigo
Vou trás o cuidado
É mate forçado
Passar o perigo.

Cantava assi Briseida penteando
O tesouro de amor nos seus cabelos,
Tão louros e copiosos se mostrando,
Que a cor e o preço perde o ouro em vê-los;
Então do céu do rosto os apartando,
As luzes descubriu dos olhos belos
Por ser vista (piedoso com Leonido
O círculo do braço dividido).

Nunca tão belo o sol claro e fermoso
71v Entre douradas nuves rutilante
De sua luz ao mundo desejoso
Se mostrou salutífero e prestante,
Como entre os áureos risos o precioso
Rosto da linda moça, em tal instante,
A Leonido, que, vendo-a de improviso,
De seu próprio querer ficou diviso.

Ela por lhe mostrar que descuidada
A achara do sucesso de ser vista,
Finge amorosamente que se enfada,
E com novos desejos o conquista:
Ele vendo que amando desagrada
Do último da vida pouco dista,
Mas amor que animoso desconfia,
Assi falando nele, lhe dizia:

— A ti cos olhos pintora
Destes campos, e esta selva,
E humana entre eles nacida
Divina por ser tão bela;
A ti em cujas perfeições
Se retratou natureza,
Pondo das cousas que cria
Em ti o bem de todas elas.

72 Em teus cabelos o ouro
Nacido entre as limpas veas
Do mais puro e claro azougue,
E entre as de enxofre vermelhas;
A cândida e linda prata
Na proporcionada testa,
O évano terso e lustroso
Nas bem compassadas celhas;

E nesses divinos olhos
A flor com que Maio alegra,
É em sua luz os reflexos
Das mais excelentes pedras.
Em tuas fermosas faces
Desfez rosas e açucenas,
E pôs na piquena boca
Da concha o nácar e perlas.

A belíssima garganta
De cristal quis fosse feita,
E de neve não tocada
As duras e agudas tetas.
Ninfa humana que retratam
Ouro, prata, évano, pedras,
Flor, açucenas e nácar,
Rosas, cristal, neve e perlas,

72v A ti rendido o mesmo amor ordena
Peça remédio, dando-me ele a pena.

Vejo és um raro impossível,
Se ao livel de tal beleza
Partes de merecimento
Há-de ter quem te mereça:
Mas se de ser generosa
Serviços ao humilde aceitas,
Os que amor por mi te ofrece
Piedosa considera.

O instável pensamento
Em ti só quer se detenha,
E alma para que eu viva
Que nesses olhos a tenhas.

Que na memória te adore
(Que já de mais não se lembra)
E que a todos meus cuidados
Único cuidado sejas.

Levado de meus sospiros
O coração te presenta,
E esta vida que sem ti
A morte mais me contenta.
A querida liberdade
Donde a vontade se augmenta,
73 E o gosto de possuí-las
Já mui menor que perdê-las.

A pena a que atado vive
Quem livre suas leis professa,
A esperança, porque é justo
Padecer por ti sem ela:
Pensamento, alma, memória,
Liberdade, gosto e pena,
Vida, esperança, vontade,
Coração e o que deseja.
Por mi te ofreço amor e cego ordena
Que esté sua glória em ti, em mi sua pena.

Em quanto isto dizia, está vertendo
Leonido pelos olhos doce pranto,
E Briseida rendida conhecendo
Que procede de amor o sofre tanto:
Pelas mãos o levanta alegre vendo
Que tão querida amava, inda do espanto
Suspendido, e com voz clara amorosa
Atrevida lhe diz, mas vergonhosa:

— Segundo pastor de Admeto,
Cuja rara gentileza
Diz quem menos a compreende
73v Não há quem te iguale nela:
Cuja voz, se andando, cantas,
Faz que te sigam as pedras,
E quando parado a moves
As águas e vento enfreas.

A ti galhardo Leonido,
Honra de meu pátrio Tera,
Por ti mais humano e rico,
Que pelos campos que rega;
A pesar da mágica arte
Que a vontade em vão violenta,
Levada de seu desejo
Se humilha e rende Briseida.

Quanto ame não sei mostrar-te,
Mas amor se representa
Nos olhos, donde te tenho,
Por que em mi seu poder vejas.
A fé te dou (que em lugar
D'alma que tens me sustenta)
Que igualmente estimo e sinto
Ver que amor e mágoa tenhas.

Tira ao sol de teu rosto
Essa nuve de tristeza;
Façamos ũa vontade
74 De duas, por que mais creça:
Água, voz e mágica arte,
O Tera, o vento, amor, pedras,
Nuve, mágoa, alma, olhos, fé,
Sol, vontades e Briseida,
Rendidos tens, e meu destino ordena
Que sejas minha glória e minha pena.

Prosseguindo assi sua doce história o velho Alceo, tendo raptos em suas palavras os circunstantes, chegou à fonte o maioral Lucindo, Protelão e Teonte que acompanhavam a fermosa Gelinda, que por lograr a conversação da discreta Lucénia, pastora que muito amava, a qual (sendo natural do Tera) era casada com um pastor do rio Caia. Queria a saudosa Gelinda nos breves dias de sua detença não despender ũa hora ausente dela. Conhecia Lucénia familiarmente a Marfido, e assi se falaram mostrando o gosto de ver-se. Sentou-se Lucindo com os companheiros entre os mais pastores, e Alceo, que também tinha a agradável história suspendida, não tirando os que a ela atentos estiveram dele

os olhos, sendo dos mais rogado, que despois de saber o que pas-
74v sava no mesmo desejo estavam, repitindo brevemente o que ti-
nha dito, por agradá-los a todos prosseguiu. Mas é forçado di-
zer o que em tanto passava entre as gentis pastoras, que, pouco
apartadas, ao longo do líquido ribeiro que da fonte procedia,
se sentaram. Ali, tendo em meio a desejada Lucénia, lhe ouvi-
ram o que tinha passado, e contaram o que em sua ausência
a todas acontecera. O que passado, perguntou Lucénia em que
se ocupava o pastor Marfido, tanto tempo de tornar ao Caia
descuidado, acrecentando que causa havia de assi não fazê-lo.
Lucénia, que bem entendeu o sobressalto que deram a Gelinda
estas palavras, quis saber dela o mais, mas não lhe foi possí-
vel, por ser cousa que entre tantos não era bem declarar-se. Ge-
linda, que se abrasava na fúria dos ciúmes, se levantou, e as
outras pastoras, ao longo do ribeiro cantando, colhiam flores
e não se apartando de Lucénia, com tenção de saber o que te-
mia, quis descubrir-lho a fortuna de modo que o gosto de aque-
les amantes, inda tão tenro e verde, se acabasse. E foi assi que
tirando Lucénia um lenço para recolher nele as boninas que ao
prado roubara, alegre de produzi-las para tão fermosas mãos,
pouco lembrada de ũa carta que nele para Marfido trazía, lhe
caiu, e a ciosa pastora que os passos lhe seguia a recolheu,
75 e, apartando-se com Lucenda no cerrado do bosque, inda que
pouco distante da companhia, subtilmente a abriu, e lendo-a am-
bas viram que asi dizia:

A ti pastor ingrato cujo nome
Para unir com este não consente
Alma donde o tenho que lho tome;

A ti que minha sorte tem ausente,
E teu descuido, tempo tão cumprido
Amor a minha fé, e a ti presente;

Natónia escreve, e um triste gemido
Cada qual destas letras conta e sela,
Qual o cisne da vida despedido.

E da cópia dos olhos a procela
Que este papel desfaz, banha e rocia
O humor para escrever-te lhe congela.

Se àquele falso amor que se encubria
Na certeza de teu merecimento
Que só verdades puras prometia,

Minha grão desventura e teu intento
Asas assi ligeiras não prestaram
Que abatera as de um casto pensamento.

Cruel, estes enganos me ficaram
Por norte firme da vã confiança,
75v E em lugar de matar-me me alegraram.

Mas ai que a tempo usaste de mudança
Que o mor mal padecendo, firme quero
Que siga a vida os passos da esperança.

Teu falso pensamento considero
Que roubando-me o que inda livre tinha
De poder alcançá-lo desespero.

Partiste em fim levando n'alma minha
Não só a que te dei, mas a de ver-te,
Que em tua amada vista me sostinha.

Querendo-me não soube merecer-te
Para que amando ausente me tornasse
Qualquer gozado bem mágoa o perder-te.

Tal prémio quis amor de amar tirasse
A quem (pois para infeliz fui nacida)
Por exemplo de ingratos se notasse.

Para que em tais enganos escondida
Não danasse a promessa quis piadoso
Fosse minha desdita conhecida.

Mas possível será que o amoroso
Trato de nossa doce companhia
Que sabes fez de ti tanto envejoso?

Aquela só de mi tida alegria
(Que assi com mil afeitos o explicavas)
76 Quando em tudo de mi ta concedia;

Aquele encarecer se te apartavas
Do corpo que partia a grave pena
Sem alma que nos olhos me deixavas?

Nesta ausência que agora o fado ordena
Não teres isto mesmo na memória
Que a lembranças eternas me condena?

E que contrariedade tão notória
De rigor e mudança, fé e brandura
Urdissem por meu mal tão triste história?

Que esta tão celebrada fermosura
Conheças por error e tenha efeito
Em mi que ser fermosa é desventura?

Ai que bem pode ser, se deste jeito
Ao bem de amor sucedem tais receos,
Ũa morte após eles breve aceito.

Vem tu livrar-me já destes enleos,
Meu querido pastor, olha que a vida
Não costuma passar tantos rodeos.

Despois de aquela mísera partida
Partiu de mi, e vivo na esperança
Que me tem já de todo consumida.

A tanto mal não posso achar mudança,
Que quanto mais se busca, e se pretende
76v O remédio dos tristes, não se alcança.

Mas alma lastimada que comprende
Em dor tão desigual, que não te vendo
A morte a carne mísera se rende.

Rompe as verdades últimas dizendo
Nesta voz lamentável: tu, Marfido,
Mataste ingrato a quem chora morrendo
O breve tempo de te haver querido.

Tão lastimosas eram as palavras da carta, que os olhos de Gelinda não poderam negar a mágoa que ao coração causara o lê-las, mas enjugando as lágrimas, e com a possível brevidade,

e subtileza tornando a cerrar a carta, se veio donde já as pastoras compunham ramilhetes das bobinas. E chegando-se a Lucénia (que sentada tinha de muitas o regaço cheo) lhe deitou nele as que colhido havia, indo a carta entre elas escondida. E inda que despois a pastora envolta nelas a viu, não compreendeu o sucesso, advertindo tê-la no lenço que tirou para o mesmo efeito. O tempo que elas alegremente neste exercício despenderam gastou Alceo em sua história chegando ao fim dela nesta forma:

Em quanto estas palavras pronunciava,
Os corações nos olhos aparecem,
77 Um em o outro amor os transformava
Seus conceitos em si já reconhecem:
Leonido esta confiança confirmava
Vendo que os braços seus não desmerecem
Passar das mãos ao corpo da galharda
Briseida, que quem ama pouco aguarda.

A fé se dão d'esposos, e a partida
Envolta se apresura em dor e mágoa,
Cuja vinda tem neles convertida
Em sospiros a voz e o ver em água,
Temores e saudades atrevida
No fogo do desejo afina e frágua
Donde as almas amantes mais se uniram,
Se os corpos lastimados se partiram.

Junto da névoa já toda elevada
No novo pensamento a Ninfa chega,
Quando por outra via desusada
Sobre um cavalo a que o repouso nega
Alexandro aparece; ai mal lograda
Alegria da vida, quem se entrega
Desordenadamente a teu desejo
Se tens para trocar-te o mesmo ensejo?

Neste tempo com título de conde
Senhor da nosa aldea Alexandro era,
77v De outras vilas, e em tudo correspondido
Ao paternal valor com que nascera:
Viu a galharda moça, adonde esconde
O Céu mais graças do que ver podera,
Se Argos lhe dera os olhos e alcançara
De Estrabón e Liceo a vista rara.

Vinha a linha Briseida (por ventura
Que falava a Leonido imaginando)
Co círculo na mão, co a fermosura
Do rosto belo tudo namorando.
Mas vendo que era vista mal segura,
Se esconde, a densa névoa penetrando;
O triste conde desespera e grita,
E mil vezes morrendo resuscita.

A névoa quer passar, mais temeroso
Do desejo, em que ardendo se consume,
Que do edito mágico espantoso
Que no padrão bem lido se resume:
Arténio, que esperando está saudoso
A Ninfa, que esperar em vão presume,
O conde dele vê bem conhecido
Entregue amor, e alheo de sentido.

Chega-se perto dele, e com sossego
O trance perigoso a que se ofrece
78 Lhe diz, e que é Briseida o doce emprego
Em cujas esperanças reverdece:
O conde que furioso, insano e cego
A causa por que morre reconhece,
Ao sábio se declara, assi se anima,
E o próprio amor com lágrimas lastima.

Aceita Arténio o rico casamento
Do generoso conde namorado,
Fazendo esta honra dele fundamento
Do gosto da sobrinha descuidado:
Consigo (reprimindo o encantamento)
O leva, porque, entregue a seu cuidado,
Esquecido de tudo, só procura
Ver da honesta Briseida a fermosura.

Esconde-se Briseida vendo o tio
Com Alexandro vir, que não consente
Seu novo namorado honesto brio
Ser vista, estando o seu Leonido ausente;
O velho se sonri de tal desvio;
O conde alvoroçado está contente,
Porque se honesto amor seus fins diriva
Na presumpção virtuosa mais se aviva.

Adonde está Briseida Arténio chega;
A pretensão do conde lhe declara;
78v Quem é lhe diz; e como não sossega
Trás alma que em seus olhos lhe levara,
E como o Céu piadoso ali lhe entrega
Mais do que seu desejo procurara,
Mas ela dá confusa a tal proposta
Emudecer calando por reposta.

Arténio descuidado não comprende
A causa desta súbita tristeza;
E assi com razões graves a reprende
Procurando abrandar tanta esquiveza;
Mas como o tempo nisto em vão despende,
A seus livros acode com presteza
Donde alcança (ficando sem sentido)
A afeição de Briseida e de Leonido.

Tão furioso ficou quando alcançando
O caso, que ele entende que lhe toca
Na honra, em que se estava imaginando
Que contra quem mais ama se provoca;
As fúrias infernais amedrentando
Com tristes vozes, seu favor invoca,
E co elas o negócio consultado
Persuadido ficou, mas enganado.

Ao conde que esperando desespera
Torna, e tudo lhe diz ardendo em ira;
79 Ele que mais então morrer quisera,
Em vez de responder geme e sospira;
O velho estes estremos nele espera
Do remédio ministros a que aspira,
Que a quem ama o que tem por impossível
Se o remédio lhe dão, tudo é posssível.

— Senhor, eu vosso gosto só procuro
— Lhe diz —, do de Briseida aborrecido,
A qual sei que de amor honesto e puro
O moço maioral ama Leonido.
Remédio humano ou mágico conjuro
Contra o livre querer é conhecido
Engano, mas um só para vós tenho,
Se não vos descontenta meu desenho.

Ũa água hei-de fazer de tal virtude,
Que, bebida e lavando-vos com ela,
De modo no pastor vos torne e mude
Que Leonido sereis para a donzela,
Seis meses, sem que nisto mais se estude;
O suave fructo dos efeitos dela
Gozareis, e a tão doce desengano
Não será necessário novo engano.

Bem considera o namorado conde
A ofensa de seu próprio pensamento,
79v E o mal que a seu crédito responde
(Castigos de vergonha e de tormento);
Mas tu, minino amor, gigante adonde
Acha contradição teu sentimento,
Assi a teu querer o tens entregue,
Que teme que o remédio se lhe negue.

Concertados os dous desta maneira,
O conde se apartou, e o velho fica,
E fazendo a promessa verdadeira,
Ervas, pedras, conjuros multiplica;
Briseida em tanto que à afeição primeira
O coração magoado sacrifica,
Para passar a névoa furta um dia,
Inda que Arténio já lho defendia.

Viu o amado Leonido que saudoso
Também sua doce vista procurava,
E nos olhos a vista do fermoso
Objecto, amor as almas dibuxava:
Neles o magoado e amoroso
Sentimento se lia e contemplava,
Por modo tão subtil e delicado,
Que não tinha que ver mais o cuidado.

Palavras amorosas despendia
Despois disto o pastor, querido amante,
80 Entre esta dos desejos melodia
Ocultando sospiros cada instante:
Os sentidos parava, e suspendia
Das concertadas almas o discante,
Mas o compás fortuna está fazendo
Que o tono muda e para entristecendo.

Disse-lhe em fim do conde o novo intento,
E de Arténio o grandíssimo desgosto,
Porque apartado disto o pensamento
No escutante Leonido o tinha posto:
Mas não soube dizer-lhe o fundamento
Que tinham na esperança de seu gosto;
A fé estima o pastor de quem tanto ama:
Felice nela, em si triste se chama.

O encantado círculo amorosa
Lhe deu, e seus efeitos lhe declara,
Dizendo-lhe que a névoa temerosa
Com ele lhe será distinta e clara:
O tempo com carreira pressurosa
Em seus contentamentos não repara,
Furioso a passa, a seus limites chega,
E à pena de saudades os entrega.

O cobiçoso Arténio que deseja
Ver já do casamento o doce efeito,
80v Para que o conde se persuada e veja
Que a ele em seu coração só tinha eleito,
Tendo a água preparada que festeja
O conde avisa a seu querer sojeito;
Ele veio e ficou nela banhado
No infelice Leonido transformado.

A experiência fez vendo no espelho
Seu rosto o do pastor que bem conhece,
E não estando ali o astuto velho
Tais palavras a si mesmo oferece:
— Ó tu, que, sendo mudo, dás conselho,
E a cuja luz o engano vão perece,
Artífice divino que retratas
Só com seres olhado quanto tratas,

Eu que, vendo-me em ti, me desconheço
Por culpa tua não, mas pela minha,
Em ti meus graves erros reconheço,
E a forma natural que pouco há tinha,
O castigo que temo, e que mereço
Me declaras, e o mal que me convinha
Um bem por meio de tão duro engano;
Mas quem, quando o procura, teme o dano?

Secretário fiel és de vaidades,
O segredo não rompas só comigo,
81 Que se amas e declaras as verdades,
As de meu coração te conto e digo;
E como em prémio destas amizades,
Querido e puro espelho meu, me obrigo
Que a divina Briseida em ti se veja
Que não há cousa na vida que tal seja.

De outra maneira Arténio praticava
Co a fermosa sobrinha descontente;
Contentá-la em enganos maquinava,
Cousa que um puro amor menos consente;
Disse-lhe, com razões, que procurava
Com mil excessos só vê-la contente,
E que por não na ver nalgum desgosto
Ao conde ira oferece e nega gosto.

— Nesta morada tenho — lhe dizia—
O felice pastor que amas, Leonido;
Se em ver-te me concedes alegria
Gozarás a de ver o teu querido:
Só por engrandecer-te pretendia
Alexandro que te ama aborrecido,
E não por outra causa, que só quero
O bem que em dar-te gosto considero.

A enganada Ninfa duvidosa
No bem que desejava mais se engana;
81v As mãos ao velho beija vergonhosa,
E com honestidade mais que humana;
Ele com face alegre, e amorosa
Tomando-a pelas suas desengana
Alexandro, mostrando-lha tão bela,
Que o que culpava em si disculpa nela.

Ali a fé d'esposos confirmaram
Com ceremónias no tal tempo usadas;
As desejadas vodas celebraram
Com vontades iguais, mas encontradas;
Alguns dias seus gostos dilataram
Não saindo de casa, moderadas
As glórias de Alexandro: que envejava
Porque, sendo tão suas, as furtava.

Mas saindo a gozar da fermosura
Do sítio em mil deleites repartido,
A um aposento chegam que na altura
Faz um rochedo em partes dividido,
Com tão arteficiosa compostura,
Que as flores de que estava guarnecido
Como estrelas no Céu, nele parecem,
E os átomos do sol não desmerecem.

O húmido lugar tem reduzidas
A tal brandura as pedras circunstantes,
82 Que dentre o musgo de que estão vestidas
Pendem várias boninas por instantes,
E de ũa aura divina suspendidas
Vêm a cair tão puras e fragantes
Que tendo o sítio ameno matizado
Fazem também de si precioso estrado.

Estava em meio do lugar divino
De alabastro ũa taça transparente,
E nela de artefício peregrino
Ũa fermosa Ninfa descontente:
Por seus membros estila um cristalino
Humor, ũa água cândida, excelente
Que tendo a taça cheia, vagarosa
Vai deixando o lugar branda e queixosa.

Dizem que Arténio a fonte fabricara
Em modo que a doce água que vertendo
Está a Ninfa dos membros doce e clara
Mostrando estar-se nela desfazendo,
Aos vindouros dissesse que alcançara
Que os seus ali ũa Ninfa convertendo
(Por dura sorte) em fonte esta memória
Seria de seu nome fama e glória.

Ai humano saber, doudo, atrevido
Faetão, que o carro puro e luminoso
82v Do sol queres reger, e assi perdido
És de ignorância exemplo vergonhoso!
Imaginava Arténio que, entendido,
Vaticinava o caso lastimoso,
Arrogante no mesmo que ignorava,
E sua própria morte declarava.

Aqui os dous esposos tendo a festa
Acertavam por erro acontentar-se,
Tendo este bem que o engano manifesta
A morte oculta no desenganar-se.
Suspendidos os tinha a doce festa
Que pode algum curioso imaginar-se,
Quando Leonido passa o denso muro
No seu dourado círculo seguro.

Não quer ver o pastor, nem considera
Do gentil edifício a bela traça;
No ameno e sacro bosque nada espera,
E o fresco jardim depressa passa;
Em tudo seu desejo o desespera
Porque tudo sem ele perde a graça;
Briseida busca, o corpo alma seguindo,
Que amor a leva dele a dividindo.

Ao lugar deleitoso, escuro e triste
Para o triste pastor, cansado chega,
83 E o coração, adonde a pena assiste
Presságio de seu dano, não sossega:
Ali sente um temor que não resiste
Porque a causa não vê, e à dor se entrega
De aquele sentimento que não sente,
E sem saber de que vai descontente.

Quis entrar, obrigado da frescura
Do belho sítio, mas com menos pressa
Recolheu Ninfa a mão de neve pura
Que por entre boninas atravessa,
Quando escondida vendo entre a verdura
A serpe, se retira, e desapressa,
Que Leonìdo tornou vendo entre as flores
O falso possuidor de seus amores.

A porta da espelunca deleitosa
Com gentil proporção sombra faziam
Árvores que a Leonido com frondosa
Espessura de flores encubriam:
De donde sem ser visto a lastimosa
Causa de seu morrer seus olhos viam;
Rompeu-se a venda amor e viu seu dano
Adestrá-lo em lugar do nécio engano.

Mas como o penetrante sentimento
Ao coração dos olhos se passasse,
83v Viu que o ladrão de seu contentamento
Também o próprio rosto lhe furtasse;
E por ver se seria encantamento
Que contra a Ninfa Arténio fabricasse,
Co círculo na mão fora do braço
Distinguiu facilmente este embaraço.

Porque tendo-se nela resistia
Os efeitos do mais nocivo encanto;
Em si males e gostos conhecia
Na moça, que enganada amava tanto,
Quem a ele em si mesmo convertia,
E convertido o tem em dor e espanto,
Quer matar, mas primeiro considera
Ser justo que Briseida o conhecera.

Ante eles aparece de improviso
Colérico Leonido e demudado,
E antes que Briseida estê de aviso,
Na mão lhe pôs o círculo dourado:
Já conhece Alexandro e perde o siso,
E Leonido que vive em seu cuidado,
Triste o conde no engano não repara,
Leonido assi falando se declara:

— Este é o teu Leonido verdadeiro,
E aquele o falso conde que te engana
84 De quem gozada és, tendo eu primeiro
A fé que em minha sorte se profana;
E porque o sentimento derradeiro
É o que tenho da desgraça humana,
Co a minha a vida deste falso acabe
Que nesta traição tal bem não cabe.

Assi dizendo, fero e animoso,
Cum cutelo de monte o conde inviste
Que, indignado no estremo, e corajoso
Procurando acabá-lo lhe resiste;
Brisideia, vendo o caso lastimoso,
Vê que o remédio dele só consiste
Na morte, que com pranto e rogos chama,
Vendo-a contra outra vida que mais ama.

Vai seu fim lamentável descubrindo
O sangue que procede das feridas
Dos dous amantes, que se estão ferindo
Com glória de se ver perder as vidas:
A Ninfa, tristes queixas repitindo,
Tantas lágrimas d'alma tem vertidas,
Que desmaiada à dor mortal se entrega,
Mas Arténio a sustenta que então chega.

Aviso de seu dano teve o velho,
E sem ele, evitá-lo inda presume,
84v Mas do sangue o lugar vermelho
Em que dos dous a vida se resume,
E que a sobrinha por seu mau conselho
A sua em tristes lágrimas consume,
Bem que em seus erros cego e obstinado,
A morte espera já desesperado.

O malditoso conde, o sem ventura
Leonido as caras vidas vão perdendo,
Briseida a malograda fermosura,
E Arténio a presumpção tais cousas vendo,
Quando na imortal suprema altura
Os deuses deste caso conhecendo,
Arténio nesta pedra converteram
Em que aos sábios do mundo exemplo deram.

A Ninfa quasi em lágrimas desfeita
Foi nesta clara fonte convertida,
E no ulmeiro que dela se aproveita,
O conde de quem foi sempre querida:
Leonido da água amada o curso aceita,
E com sombra saudável nos convida,
O gentil corpo à forma reduzido
Do verde freixo, adonde inda é querido.

85 Aqui deu fim o prudente Alceo a sua história, escutado de todos com muita atenção e gosto, e o maioral Lucindo lhe disse:

— Por certo, Alceo amigo, que daqui em diante terei a esta fonte mais respeito pelo que te hemos ouvido, que pelo benefí-

cio que a mi particularmente fazem suas águas, estando nestas terras que são minhas: porque o lastimoso fim de Briseida, de Leonido e namorado Alexandro me obrigarão sempre a ũa lembrança amorosa, e o mesmo sentimento me parece haverá nos pastores que te ouviram.

— Assi é sem dúvida —disse Marfido—, porque entre os sucessos que por desastrados devem sentir-se, os sucedidos por amor merecem o primeiro lugar do sentimento, porque são seus efeitos tão casados com nossa alma, que não entendo, nem há entender-se o que se esconde nesta paixão, que mais facilmente quando acha mais resistência atropela nosso entendimento, e rende nossa vontade.

Liceno disse então:

— Eu, Marfido, o mesmo sinto dos infelices amantes, mas de Arténio te digo que qualquer castigo não poderá igualar-se co a culpa de sua maldade, pois presumiu temerária e neciamente constrastar e impedir o que lhe parecia que tinha o Céu ordenado, erro que não pode caber no entendimento, senão transtornado da diabólica malícia, como o devem ser todos os que em
85v tal ciência ou ignorância se ocupam.

— Bem claro mostrou a verdade do que dizes —disse Marfido— o que um filósofo gentio sentiu desta matéria, dizendo que o conhecimento das cousas futuras e que estão na potência divina não é lícito nem possível aos homens alcançá-las, nem agradável a Deus que o que Ele oculta procurem eles saber: pois que abominação mais estranha pode caber em qualquer livre discurso que desvelar-se pelo impossível como ofensa da omnipotência divina, e que pode resultar deste disconcerto, senão cair de sua soberba no profundo donde habitam seus primeiros inventores, pelo que, nus de toda inteligência, são os que por algum modo se persuadem a entender algũa cousa sem o verdadeiro conhecimento de Deus, no qual é colocado o princípio e lume de todo nosso saber, e só a Ele (que fez todas as cousas) pertence o conhecimento das futuras? E assi justo é que nosso coração abata as asas do temerário e nécio pensamento, para que, qual Ícaro, não caia em um mar de misérias e tormentos.

Então disse Alceo:

— Pois se notássemos bem os danos que por esta arte têm sucedido no mundo, e como as nações que nele se prezaram de políticas perseguiram, viremos em conhecimento do muito que se deve aborrecer.

Lucindo disse a Marfido que folgaria de lhe ouvir quem fo-
86 ram os inventores da arte de que tratavam, ao que ele satisfez dizendo:

— Todos os antíguos autores conformam em que o primeiro que inventou a arte mágica que o nosso Arténio professou foi Zoroastes, rei dos Gracianos, o qual, segundo a opinião de alguns, foi Cam, filho de Noé. Entre os primeiros que despois dele a usaram foi celebrado Orfeu, que dela se aproveitou para o uso da medicina; e morta Eurídice, sua esposa, inventou tirá-la do inferno com espantosos conjuros e força de encantamentos. Dizem que Hóstenes foi o primeiro que despois de Zoroastes dela escreveu, e pôs aos homens de aqueles tempos em ardente desejo de aprendê-la. Grandes danos gerais e particulares houve por causa desta arte, entre os quais é notável e digno de ser chorado a perdição do Emperador Eráclio, que, neciamente ocupado em superstições e agouros falsos, se descuidou do governo do Império Cristão, de maneira que deu lugar a que a secta do bestial Mafamede tivesse princípio, dilatando-se pelo melhor do mundo, sem contradição nenhũa; e é cousa infalível que, assi como o vaso mais precioso e excelente se inficiona, tendo em si algum licor, ou composição peçochenta, e em quanto o tem está imundo, assi
86v todos os homens que em tais artes se exercitam são maus e perversos, e, não deixando o uso dela, estão incapazes de todo o bem, e só tratam por meios abomináveis e dignos de todo aborrecimento e zombarias de suas vaidades, sem reparar nos males que delas resultam, e em fim remontados sobre as celestiais esferas, cevados no deleite de suas curiosidades caem cegos, no fim da vida, em choro eterno, como ave que voando descuidada ao cevo não vê o laço em que miseramente perece.

— Com muita razão —disse Alceo— os príncipes prudentes e as repúblicas bem ordenadas reprovaram esta arte e proibiram o uso dela, perseguindo os que a professavam, como o fez Tibério, Emperador dos Romanos; e os cônsules Fausto, Sila e Sílvio os desterraram para sempre de toda a Itália; e sendo verdade que todas as cousas da mágica são diabólicas superstições (porque tem correspondência com o demónio, autor de mentiras), contudo há ũa certa parte de filosofia, pela qual, aplicando agentes a pacientes, naturalmente se fazem cousas tão maravilhosas, que parecem frisarem com a mágica e feitiçarias: e ninguém se admire que estes mistérios (segundo ouvi na cidade donde sabeis

me criei) consistem só em saber secretos naturais que não alcançam todos. Usavam isto os príncipes orientais de Caldea e os de-
Pérsia. Apolónio Tianeo fazia cousas milagrosas à vista dos ho-
87 mens, por só entender e alcançar estes secretos e saber muitos mistérios matemáticos em que consistiam aquelas habilidades, as quais fizera também qualquer que as alcançara.

Assi conversavam os pastores, quando os suspendeu ũa voz lastimosa, que ao tono de alguns sospiros soava com acentos concertados. E olhando pera aquela parte viram a fermosa Floridora que com muita pressa vinha para donde estavam, e algum tanto atrás, o pastor, já não desamorado, mas amantíssimo Liriandro, que, levando-lhe alma, a seguia também com o corpo, e com a voz, dizendo desta maneira:

Suspende a ligeireza
Dos pés, com que atropelas a piedade
Que pasma a natureza
Que em tanta honestidade,
E em fermosura tal haja crueldade;

Ligeiras asas nelas
Levas que meus sospiros vão levando
Co ar ardente deles
As penas renovando
D'alma que entre infinitas vás deixando.

Poderas fugitiva
Parar ao triste e lastimoso assento;
87v Mas ai ingrata esquiva,
Que para mor tormento
Do coração te segue o pensamento.

Se por minha passada
Condição te parece desvario
Ser de mi tanto amada,
Sabe que teu desvio
Foi o primeiro laço do alvedrio.

Teu grande desamor
Me namorou de si como enemigo
De tudo o que era amor;
Amei, cego, o perigo;
Não soube fugir dele, em vão te sigo.

Mas a mi não me creas,
Que as feras to dirão, e esta espessura
Adonde te recreas,
Se em tanta fermosura
Não se estima de amor a fé mais pura.

Quando não conhecia
O doce bem que por amor se alcança
Veres-me merecia,
E posto em tal bonança
Do que possuí me negas a esperança?

Essas estrelas claras
88 Que, centilando amor, causa forçosa
São de amar, sendo avaras
Da luz mais amorosa
Força de meu desejo lastimosa,

Permite, cruel pastora,
Pois sinal foram já de minha vida,
Me sejam faro agora
Na mísera partida,
Porque o gosto é dos tristes homicida.

Pois não queres te veja
Despois que te amo, que é fazer-te ofensa,
Minha morte deseja,
Concede-me licença
Que em quanto vivo no correr te vença.

Ai triste que não posso
Comigo mesmo aquilo que mais quero,
Neste exercício nosso
Que cansas considero,
E assi de poder ver-te desespero!

Já não te sigo; espera;
Não canses, Ninfa cruel, não corras tanto;
Ai que isto só quisera!
E aqui, desfeito em pranto,
Fico sendo a mi mesmo dor e espanto.

88v Admirados de tal sucesso os circunstantes pastores escutaram as namoradas queixas de Liriandro, parecendo-lhe cousa sonhada que o pastor (que perdendo este nome) era pelo de desamorado conhecido e admirado em todos os ricos campos de Alentejo, agora rendido ao gentil parecer de ũa pastora, que por aborrecê-lo lhe fugia, mostrava tantos efeitos de sua pena, que aos que mais havia cansado com as licenciosas arrogâncias de sua liberdade provocava a compaixão. Floridora chegou primeiro ao ameno lugar, donde foi de Gelinda e das outras pastoras recebida com graciosas palavras, encarecendo o poder de sua fermosura, pois imprimira amor num peito tão endureciedo, ao que ela com emudecer respondia, considerando que o propósito que ela teve em si por inexpugnável aos combates de amor estava arruinado por quem a não estimava e dela se aborrecia. A Amaranta magoava a tristeza da pastora, que, inda que nela consistia o gosto que possuía pelo que já passara, não podia isentar seu tenro coração de aquela mágoa. Liriandro se apartava pela espessura da floresta, corrido de ser visto dos pastores em estado que era honesto e forçado consolarem-no do sentimento que ele pouco havia ousara em presença de tantos repreender; mas todos com vontade conforme o chamaram e constrangeram
89 a que em sua companhia passase o restante da tarde, que tendo fim, e não se ouvindo já o rouco canto das importunas cigarras, sucedendo em seu lugar dentre as sendas da terra o dos importunos grilos, deixaram o fresco lugar, guiando em companhia das fermosas pastoras para a aldea: mas porque o caminho não passasse sem algum modo de alegria, quis Alceo (a quem todos obedeciam) que Urfino, guardador de vacas, e Leobelo de ovelhas, cantassem, respondendo-se ao som da lira de Liceno. Eram mancebos ambos e ambos namorados, Urfino de Fílis e Leobelo de Ulina, que, chegando às praias do desengano, deixando perdidas no mar de seu cuidado as esperanças, deixou de amar Amaranta, amando (enganado de novo) a pastora que agora celebrava; porque amor primeiro engana, e despois obriga a amar. Liceno com muita melodia começou a tocar o instrumento, e eles ao som dele cantaram desta maneira:

URFINO

Fílis colhendo as flores deste prado
Descalços tinha entre elas os piquenos
Pés, e na neve cândida abrasado
89v A mi co a luz de seus olhos serenos,

Crecendo em seu descuido meu cuidado;
Tudo querendo, e desejando o menos,
Por tocá-las tomara por partido
Ser nũa de tais flores convertido.

LEOBELO

Penteando seus cabelos de ouro fino
Ulina, o vento entre eles namorava,
E no céu de seu rosto um matutino
Crepúsculo, enlaçando-se formava.
Depois soltos nos ombros, o divino
Sol dos olhos saiu, que me abrasava;
Eu deixara de ser então Leobelo
Por Crepúsculo, Sol e Céu tão belo.

URFINO

Qual a melodiosa Filomena,
Seu ninho amado vendo descuberto,
Os raminhos arroja e desordena,
Formando queixas deste desconcerto,
Fílis de seu regaço donde ordena
Arteficiosa com gentil concerto
90 Guirnaldas, tudo engeita, e desgostosa
Se mostra esquiva, porém mais fermosa.

LEOBELO

Qual entre húmidas nuves o fermoso
Sol reflexando, Íris nos descobre,
E sobrevindo tempo pluvioso
Sua luz e fermosura nos encobre,
Ulina que não menos ao sombroso
Vale luzeiro era puro e nobre,
Fugindo o vale, os olhos por perdê-la
Tornam tristeza e água o bem de vê-la.

URFINO

Divina Fílis, mais que lírio branca,
Mais vermelha que rosa não tocada,
E feroz e ligeira
Qual cerva na carreira,
Que estás se a natureza te foi franca
Co mesmo excesso de rigor armada,
Vira aos meus adonde andas, por te veres,
Os olhos, com que as almas de amor feres.

LEOBELO

90v Ulina bela, cujo lindo gesto
Da papoula e jasmins a cor excede,
Mui mais veloz e esquiva
Que gama fugitiva,
Vê-me porque em teus olhos manifesto
Amor, quando te vejo, me concede
(Pois não podes deixar de ser querida)
Que ames quem para amar-te quer a vida.

URFINO

Que ames quem para amar-te quer a vida
É justo, e grão rigor dar-ma penosa,
Que inda que se te deva
Não é bem de ti se escreva
Que sendo tua seja mal perdida,
Discreta a amar obrigas, e fermosa,
Não diz com tais estremos a crueza,
Que amor é perfeição da natureza.

LEOBELO

Que amor é perfeição da natureza
Na variedade dela se conhece;
91 Seus contrários efeitos
Amor os tem sojeitos;
Por ser a lei a amar, lei da nobreza
A máquina mundana não perece,
Ulina só não ama, sendo amada
Desta lei por meu dano reservada.

URFINO

Leobelo, a negra sombra desta altura
Por receber a noite vem caindo,
E o gado, com balidos, na espessura
Se vai do verde campo despidindo.

LEOBELO

Cesse pois da adorada fermosura
O canto, que nas almas repetindo
Por estilo suave e diferente
Estará o doce amor eternamente.

Em quanto assi cantavam os dous pastores, recebeu Marfido a furto de Gelinda a carta de Natónia, que Lucénia lhe deu, de quem soube o muito que sua ausência sentia, e satisfazendo-a com verdadeiras mostras de sentimento se despediu dela e dos
91v mais que em companhia de Lucindo se apartaram, e deixando seu gado na malhada se foi com Leurino e outros pastores às cabanas. Na sua leu a carta da belíssima Natónia, custando-lhe o sentimento de suas palavras as lembranças do muito que a sua afeição devia, que não podem não ser mágoas. E pouco despois disto chegou Ligurceo com ũa carta de Gelinda, que Lucenda, dizendo-lhe ser sua, lhe deu, rogando-lhe que sem esperar o dia lha trouxesse. Não entendeu Lucenda o veneno que havia na escritura que a cerrada carta lhe escondia, nem do muito que Gelinda favorecia o inocente pastor podera imaginar-se tal mudança: e ela, com o gosto da vingança (que tanto estimam molheres) não mudou de seu rosto a costumada alegria. Marfido abriu a carta, e viu que assi dizia:

«Um só bem têm os erros cometidos, que é o arrependimento deles, mas como os desta vida tenham mil contrariedades, assi a mi neste que agora possuo não me faltam: sentindo n'alma o mal que guardei, o respeito que a mi própria devia, permitindo atrevimentos a pastor tão ingrato e fementido. Em meio destas mágoas me considero ofendida pela reputação em que está meu crédito com os moradores do Tera, e vingada, porque perdeste a que

92 comigo tinhas. Que é possível, Marfido, que, sendo tuas cousas tão estimadas de todos, tu só as desacredites? Como não consideras que se é impossível encubrir-se amor, assi também não pode fingir-se? Que a alma (sendo imortal, e próprio lugar de amor) não é justo tenha em si muito tempo cousa que tão pouco dura, como enganos. Estes bem pode ser que comigo os não usasses, mas um dos ilustres efeitos da verdade é querer ser desconhecida em quem professa mentiras, como que se envergonha de que quem as usa a fale. Pelo que conhecendo eu teus intentos te aconselho tornes às ribeiras do Caia, e satisfaças com tua obrigação, que não há cousa mais honrosa que cumpri-las. Não intentes trás um erro outro maior, porque se é ordinário não se cometer um só, também é infalível vir o castigo de todos: e em fim ordena-o de maneira que a meus ouvidos não chegue mais o teu nome, porque te certefico que, se na lei que vivo fora lícito, eu me tirara a vida, por que com ela em mi, falso, acabaras. Mas pois como não foi em mi haver nacido, assi o não é deixar de viver, põe tua partida em efeito, no instante que esta leres, e vai seguro que se mais não me vires fico de haver-te visto satisfeita.»

92v Considerava Ligurceo, em quanto Marfido se deteve, em ler a carta, sua súpita tristeza, e despois de havê-la lido suas lágrimas e penosa suspensão; cuja dor assi o atribulado espírito lhe oprimiu, que, mostrando em tudo estar sem ele, caiu em terra, de que o guardador das váquas de Lucindo ficou tão admirado quanto (tendo-o por morto) de ali poder ser visto temeroso, e assi tristíssimo se partiu, desejando a manhã para dizer a Lucenda a morte de Marfido, que ele tinha por mui certa. Bem duas horas estaria o mísero pastor fora de si, quando com aquele duro modo de repouso cobrando o mortal corpo algum alento, tornou em si, e trazendo à memória a causa de tanto dano, com apressados sospiros (palavras para o Céu de atribulados) se queixava de amor e da fortuna, que, por tão breve gosto, para tantos tormentos o restante da vida lhe ordenavam. E vendo ser forçado obedecer o rigoroso mandamento de Gelinda, lançando sobre os ombros o surrão arrimado ao cajado, e considerando

a injusta paga que a seu amor se dava, não sofrendo apartar-se do lugar donde sua pastora apacentava, subiu-se nũa altura cujas raizes o claro Tera banhava, de donde aqueles campos aos olhos por amplíssimo espaço se mostravam; e sentado sobre um penedo
93 de donde a branca Lua entre as águas se via que prateava, descubrindo com seus raios as casas do maioral Lucindo, lembrando-se que ali Gelinda repousava, os honestos favores que já lhe concedera, e que agora de vê-la o desterrava tendo a cega fortuna por causa da crueldade que a perfeições tão raras se atrevia, despois de abrandar as circunstantes pedras com as lágrimas que vertia, formando a voz espantosa entre roucos saluços, a que do vale Eco com acentos mui tristes respondia, concertando-a com a música de sua mortal dor, assi dizia:

Escura noite que do negro manto
Vens sonhos aos mortais destribuindo
Acompanhada do silêncio santo,

Tu que cegos errores encubrindo
Propícia àmor, a roubos, e vingança
Estás também cuidados reprimindo;

Agora que co a luz que Diana alcança
Os campos se descobrem que enriquece
Seu humor, de vivas perlas semelhança;

E o nocturno velo que escurece
Os elementos e teu rosto encobre,
Matizado de estrelas resplandece;

93v De mi, pastor, um tempo alegre, pobre
Já e triste, a voz escuta em noie eterna,
Sem a luz de aqueles olhos pura e nobre.

Acompanhe esta voz, que a dor interna
Lança fora, aves tristes, vosso canto;
Firam de Eco os acentos a caverna.

E tu, doce inimiga, que entretanto
Que àlma do mortal corpo se despede,
Porque o não seja a causa de meu pranto,

Descuidada que a morte me procede
De teu rigor, repousa ignorando
Que a ingratidão todo o castigo excede.

Se o espantoso clamor que dilatando
Se vai na altura do rochedo informe,
Os animais que escutam lastimando,

E se um tão bem sufrido quanto inorme
Agravo, que já a vida lhe concedo,
Merece a teu rigor que se reforme,

Sentado me imagina num penedo,
Que rociado da geada fria,
Mostra chorar comigo mudo e quedo.

Se o mal que vem depois de ũa alegria,
É desigual, pastora, considera
Na que teu trato honesto concedia.

94 A rigurosa morte que me espera
Se como queres me desterra o fado,
Sem culpa contra ti, do claro Tera.

Em que, Gelinda bela, meu cuidado
Pode ofender-te, se ele e alma triste,
São de tuas acções vivo traslado?

Se a rara perfeição que em ti assiste,
Notas, da natureza triunfando,
Como um monstro de crueza em ti não viste?

Eis que me aparto já, se antes notando
Algum lugar, o que passei contigo
Não me consumo aqui cosiderando.

Eis que as últimas queixas já prosigo,
Que me ouvirás, ingrata e desdenhosa,
Que após tão alto bem eternas digo.

Eis-me rendido aqui donde a furiosa
Dor n'alma triste teu querer imprime
Sentença injusta, fera e lastimosa.

Ai digna de que cruel o céu te estime,
Pois género de pena imaginaste,
Que o gosto de sofrê-la me reprime!

Donde possas ser vista não há contraste
De fortuna, que bem tão alto impida
Deste com desterrar-me me privaste.

94v Se tão pouco tempo há perdera a vida,
Alma sem fim piedosa te gozara,
Como te há-de sofrer endurecida.

Ó do Tera corrente limpa e clara,
De teu murmuro o sentimento brando
Me nega injustamente a sorte avara.

Já por ouvir-me não irás parando,
Quando o vento enfreado concertava
Meu canto, teus queixumes imitando.

Verde e florido prado, onde buscava
Fresca sombra a meu gado, resplandece
Já nos olhos, sem mim, donde te olhava.

E em quanto a luz que aspiram te enriquece
De suas vãs promessas a esperança,
Seca em sua memória, reverdece.

Quiçá seja de efeito esta lembrança,
Que sinta deste amor a injusta paga,
Que ausente não pretendo outra bonança.

Ó animais que amor inflama e chaga,
E este ardor a piadosa natureza
Nas feras mas amantes vos apaga,

Livres gozai dos campos a largueza;
Não hei-de perseguir-vos, e, a Gelinda
Esperando, obrigar-vos a terneza.

95 Todos vivei sem mi, porque se ainda
Vivo, só para males tenho vida,
Mas não para durar té a doce vinda.

É para não vos ver esta partida,
E em dor que tanto sinto amor ordena
Que até da própria vida me despida,
Que mal o pode ser em tanta pena.

Com tantas lágrimas e sospiros acompanhava o sem-ventura Marfido suas tristes lamentações, que os elementos como de cousa inusada mostravam sentimento. Turbaram-se as águas com o venenoso humor de seus inchados olhos, quebrando-se com ruído rouco e espantoso nas circunstantes pedras, que com a triste mistura se abrandavam. Dilatava o vento o deixo delas, já dos profundos vales aos abismos, já das altas montanhas às estrelas. Mas matizando Aurora os campos com a luz do dia, temeroso de ofender quem tanto amava, mais que do desterro que emprendia, se partiu, deixando com passos apressados os limites de sua pátria.

# LIBRO TERCEIRO

95v Coroava o sol os montes de resplandores dourados, afugentando as sombras da noite, quando a fermosa Gelinda que toda a havia passado em profundos pensamentos, já arrependida do que fizera, já alegrando-se de sua vingança, e sempre sentindo que em pastor que se atrevera a manifestar-lhe amores coubesse mudança, porque dos de tal condição não é glória ser amada,
96 e esperando que Lucenda viesse, como costumava, quando se ela levantava, ela se lhe ofereceu tão demudada e triste, que em Gelinda causou muito sobresalto. E o caso era que Ligurceo, não tirando da memória o mísero estado em que seus olhos viram a Marfido, se saiu de sua cabana antes que o dia se mostrasse, e foi às de Marfido, donde soube de um de seus zagais que o vira sair só da cabana dando dolorosos sospiros. Subiu-se Ligurceo (ouvindo isto) a ũa altura de donde aqueles campos divisava, mas não viu em todos eles a Marfido. Então se tornou às cabanas de seu amo Lucindo, donde contou a Lucenda o estado em que deixou a Marfido, acabando de ler a carta que para ele lhe dera, e como se ausentara, e não se sabia adonde. Admirada ficou Lucenda, e sospeitando o que podia ser, porque bem alcançou quanto sentira Gelinda ver a carta de Natónia, se foi para ela, e com mostras de muita pena lhe disse:

— Senhora, que veneno posestes nas letras que escrevestes a Marfido, que despois de o privar de seu sentido, obrou de maneira que pode privá-lo da vida, que eu sei que só na glória de ver-vos consistia?

Estava Gelinda tão entregue ao cuidado do que resultaria do que ao pastor escreveu, que as palavras de Lucenda a suspenderam de modo que, sem falar algũa, lhe disse ela tudo o que de
96v Ligurceo sabia. Seu sentimento foi de modo que, a pesar de sua gravidade, contou a Lucenda, com muitas lágrimas, o que passava. Ela, vendo aqueles estremos, procurou consolá-la, dizendo que não era possível que Marfido não conhecesse em sua inocência o arrependimento que a um castigo tão grande havia de suceder, e que assi tornaria a vir mui cedo, e que então (como de ordinário acontece) aqueles agravos amorosos serviriam de salsa a seu amor, e com mais segurança se conservaria entre eles. Ao que respondeu Gelinda:

— Não creas, Lucenda, que a vista de Marfido (em que te confesso está minha pena) baste a que ele me visse alegre, porque estou tão firme em minha opinião, que se sem minha licença parecesse mais no Tera, mostrando-me que procurava mais seu gosto, ou o de ver-me, ou o de qualquer outra cousa que cá deixe, que contentar-me e servir-me no que lhe mandei, esta dor bastaria acabar-me a vida, ou o amor que lhe tenho. Nem te pareça que excedi apaixonada a satisfação que se devia à culpa de Marfido, porque, além de ser cousa justa e necessária que traições não sejam dissimuladas, nem enganos contra nobres pastoras permitidos, também em meu próprio caso fiz o que mais me convinha, porque, conhecendo Marfido minha resolução, a tomara em cumprir com sua obrigação, se é certo que a Natónia tem algũa,
97 e não lha tendo, se me ama com verdadeiro querer, está segura que quando os desfavores têm causa, e particularmente procedendo de ciúmes, que de ordinário augmentam.

— Si, mas se Marfido —disse Lucenda—, obedecendo teu mandado, se ausentar de maneira que seja impossível ser sabedor de tua vontade, quando a tenhas de que torne a ver-te, parece-te que tens negociado bem o que importa à vida de ambos?

— Não há lugar —disse Gelinda— tão distante que ao amor se esconda, que passeando sobre pensamentos num instante dá volta ao mundo, nem cousa tão difícil que o tempo a não manifeste e facilite, e se as mudanças e revoluções da fortuna têm seu quício sobre paciência vêm a parar e vêm a ter repouso e permanecem firmes e seguras.

Nestas e outras tais razões, entre vários cuidados e esperanças, passou Gelinda algum tempo, no qual sucederam a Marfido

sucessos bem diferentes do que então podera imaginar-se, mas quem tendo discurso presume saber os da vida, senão no fim deles? A partida de Marfido admirou e entristeceu os pastores do Tera, porque de todos era amado e não podiam dar na causa. Ele em tanto, sujeito à dor de suas memórias, caminhava, e, procurando nao ser visto, caminhou dous dias e na tarde do segundo se achou em ũa espessura tão fragosa e povoada de azinheiras, sovereiras e carvalhos, que lhe pareceu impossível sair dela, e vendo que era força passar aquela noite em lugar tão apartado, temeroso dos animais ferozes de que mostrava ser habitação, se subiu sobre ũa árvore, porque algũas havia de tão bastos e valentes ramos, que sem receio de cair lhe concediam repouso; de aquela altura vigiava se descubria algum lume, ou sentia os ladridos dos rafeiros, guarda fiel das ovelhas, mas foi em vão seu cuidado, no que alcançou o remoto lugar adonde estava. Apareceu no ar a linda Aurora, correu das janelas celestes o velo negro da noite: saiu trás ela o sol, alegraram-se aquelas espessuras e Marfido, descubrindo-as, se animou a sair delas, caminhando com muito trabalho, té que chegou donde um monte tinha princípio, tão povoado de descompostas penedias, que mais lhe convinha o nome de rochedo. Por entre elas com pressuroso curso decia ũa corrente de águas que a natureza do interior delas despedia; e procurando em alguns lugares desempedir os que sua densidade ocupava, saltava em miúdas gotas de cristal desfeita, formando grande ruído, porém tão saudoso naquela solidão, que parecia animarem-se a suplir a fraqueza de seus golpes, abrandando-as com seu doce e contínuo movimento, assi precipitadas, e como desejando sair de aquela aspereza se reduziam em um copioso ribeiro, que sussurrante, chegando ao raso campo, rompia por entre sua espessura um gracioso caminho que guarnecia de floridas ervas. Marfido ao longo dele se foi andando tão entregue à memória da crueldade que com ele usara a fermosa Gelinda, quando se imaginava ditoso, que seu rouco sussuro imitava com sospiros e suas doces águas augmentava com lágrimas, de tal maneira que, como se já não houvesse nele lugar de donde sairem, se dispôs a cantar; mas, se o canto é verdadeiro choro dos tristes, digamos que assi chorava:

97v

98

Se me tens a ventura
Em tanta fermosura,
Amor que vem comigo
Longe dele e de mi me tem contigo.

Se perco o bem de ver-te,
O estremo de querer-te
Faz que os olhos chorando
Peçam à alma o bem que está gozando.

Se me tiraste a vida
Com tão cruel partida,
Morto por ti contente
Vivo na fé de obedecer-te ausente.

98v Se alegre à clara fonte
Fores, vindo do monte,
Ve-la-ás, meu mal sentindo,
De ti desfeita em lágrimas fugindo.

Se vás ao bosque adonde
Eco muda responde,
Verás roto o segredo
Em mil bocas formadas de rochedo.

Se ouvires as aves,
Não com vozes suaves,
Tristes porque me deixas,
Dirão teu desamor com roucas queixas.

Se saires ao prado,
Verás o manso gado
Deixar o pasto ervoso
Magoado de ti, de mi saudoso.

E se com minha morte
Te alegrar dura sorte,
Escreverá em meu peito
Teu nome amor de fogo eterno feito.

Tu, ingrata e matadora,
Te alegras, cruel pastora;
Eu por ti desterrado
Choro tua culpa e vivo em meu cuidado.

99 Chegou Marfido no fim destes versos ao lugar donde o ribeiro (apartando-se do monte donde tinha seu princípio) se escondia por entre aquela espessura. E ali viu que o estreito cami-

nho que seguia se continuava pela falda do mesmo monte; e considerando que havia de ser usado de algũa pessoa humana, pois, a pesar das matas entricadas, se fazia conhecer, se resolveu a segui-lo, porque não há tristeza tão depravada que totalmente se aparte da conversação dos homens, e quando algum chegar a tal estado, mais que triste se poderá chamar morto, e andando por ele entre algũas amendoeiras e silvestres pimenteiros, que, escondidos os troncos entre matas de aroeira e madressilva, mostravam por cima delas os verdes ramos floridos, quanto mais se avizinhava ao ameno lugar, que entre tanta espessura ali tinha ocultado a natureza, pisava a erva mimosa e via tudo cheo de mentrastos, erva cidreira, macela, trevo, boninas diferentes e cheirosas ervas; té que veio a parar em um vale que, inda que tinha seu centro sobre grão parte da altura de aqueles montes, sendo bela coroa de seu robusto corpo, o ficava sendo de outra maior altura de penhas da própria natureza espedaçadas; cercavam-no elas em roda, como que sua vista defendiam das conjuntas la-
99v deiras, cujo informe vulto e intratável rudeza a tanta fermosura não quisera anexar a natureza. Era a espessa multidão destes penhascos sem arte, ou proporção com tanta conveniência encadeada, que uns sobre outros procedendo divididos, aqui e ali, fechados vinham ajuntar-se no remate deste ameno vale, e misturados e unidos fazia deles o artífice soberano ũa abóbeda que toda a arquitectura aventajava, e não lhe faltavam pinturas porque vestida estava de musgo que em diferentes cores se partia. Subiam do escabroso alicerce deste raro edifício (à porfia amando aquelas pedras que também se amavam) hera branca, hera negra, e a de miúdas folhas e a vide salvage cheia de flores moradas, dilatando seus ramos e em tão duro assento descansando. Ocupavam os lugares que estas e outras matas não cubriam a serpa zigis, a silvestre endívia, o ouregão, e inculta segurelha, matizando como por vivos desta guarnição o que restava e com flores e aromático cheiro deleitando. Estava a porta do antro peregrino entre duas altas faias e mais chegadas a ela certas giestas donde palhiças flores campeavam, e alguns frágis jasmins que às pedras arrimados lascivamente pela parte de dentro procediam; por baixo deles guarneciam as imortais paredes matas de murta
100 verde de brancas flores e de fructo negro, de salva que com o cheiro das crivadas folhas sobre velosos talos recreavam, e de poligonato semelhantes nas folhas aos loureiros, mas adornadas de

tantas flores brancas que as excedem. A ũa parte desta sala (que todo ingenho humano aventajava) se recolhia um antro cujo estreito destrito se divisava com a reflexão de sua claridade, tão aforrado de denso e veloso musgo e alcatifado de grama sagrada a Marte, cuberta toda de florinhas brancas, que bem podiam por ele desprezar-se os aposentos donde a lascívia humana fabrica mais excessos de regalos. Por secretas partes vinham (as entranhas do monte dividindo) as águas que causava o ar em suas concavidades suspendido, e, descendo por entre pedras que às do raro aposento se arrimavam, vieram a socavar ũa que no centro estava, sobre a qual outra, de aquela mesma procedendo, se via em forma de pirâmide três côvados levantada, e por subir o que descido tinham (oh peregrina força da próvida natureza!) estavam as entranhas deste penetrando, caindo do cume dela sobre outra pedra (que seu antíguo movimento já em forma de pia socavara) em gotas tão espessas, e ũas trás das outras procedentes, que mais que água parecia cristal em infinitas partes dividido.
100v Vestia-se esta pedra piramidal de raminhos de alfacinha do rio, por entre os quais alguns de verde avenca em sua humidade tinham vida, de donde porfiando com a água, que continuamente de gotinhas de cândido aljôfar a cubriam, as deitava de si no mesmo instante cubrindo (por descubrir a verde cor) de perlas o pedragoso parque, donde em diáfano humor se convertiam; de ali faziam seu caminho rodeando o vale deleitoso, detendo-se à vezes entre seixinhos alvos por conversar com as ervas, que antes parecia escutar seu queixoso movimento. Os cantantes passarinhos apenas as boninas molestando, delas aos tenros ramos do arvoredo nunca de medir o caminho se cansavam, formando nas delicadas vozes consonâncias de vária suavidade, não faltando a lugar tão quieto Filomena fazendo doce canto seus agravos. Admirado ficou Marfido da rara fermosura de aquele lugar, donde entre tanta aspereza mostrava o artéfice divino a grandeza de suas obras. Esta consideração, e o deleite de que seus sentidos gozavam, o deteve largo espaço, o qual passado, entrou na espelunca, que, além dos referidos e naturais adornos, estava tapiçada de diferentes peles de animais, e das mesmas sobre um leito de cortiça feita ũa cama. Por estes e outros sinais lhe pareceu que era
101 aquele sítio morada de algum ditoso que, desprezando o mundo, de sua quietação se contentava. E olhando estas cousas com suma afeição, viu pendurado de ũa estáqua um lio de pele de veado

da feição de instrumento, e despendurando-o o abriu e tirou de dentro ũa viola curiosamente preparada; com ela nas mãos saiu da fresca lapa, e, achando junto à peregrina fonte um vaso de branca curtiça, satisfez sobre duas bolotas a sede que trazia. E pondo no pensamento o que viam os olhos, o ocupou de maneira que, se os mesmos com o espanto da bela variedade que gozavam, sempre com novas cousas o não estiveram despertando, não sei quando em si tornara; mas tendo termo aquela doce elevação, e ũas certas saudades que aquele lugar criava no entendimento da vida solitária, temperou a viola e ao som dela cantou desta maneira:

Escondido lugar que a natureza
Fez de si própria exemplo milagroso,
Duro, intratável si, mas deleitoso,
Informe, mas assumpto da beleza;
Felice aquele que por ti despreza
As riquezas que o mundo representa,
E humilde se contenta
101v De tua solidão. Louvada vida
De muitos, mas de poucos escolhida.

Não entra no confuso labirinto
Da corte, donde habita e se desama
O fero mônstruo que ambição se chama,
Cujos danos fugindo não consinto,
De aqui com claros olhos vê distinto
O engano de cautelas adornado,
E o temor e cuidado
Com que está fabricando o pensamento
Esperanças no ar do fingimento.

O grão mar da vaidade considera,
Seus perigos no porto reconhece,
E a lei tão sublimada do interesse,
Livre e contente assi que nada espera;
Ah se propício o Céu me concedera
Lugar ameno em ti, que o claro gesto
Que puro e manifesto
Vive n'alma, comigo juntamente
De tua habitação fora contente!

E aqui de tua falda as frescas rosas
Colhendo, em seus cabelos permitisse
As compusesse, donde alegre as visse
De si próprias vencidas e envejosas!
102 Mas, lembranças inúteis amorosas,
Adonde me levais o vão desejo,
Se em tudo quanto vejo
A doce causa de me ver ausente
Só o da dura morte me consente?

Prosseguir queria o pastor o que a memória no lugar solitário lhe oferecia, quando sentiu grande ruído por entre o mato, e levantando-se com o cajado na mão, deixando o instrumento, viu um grande e fermoso libreu que, cruxindo os dentes, levantado o pelo do lombo com ladridos espantosos se vinha a ele, mas no ímpeto desta fúria parou a ũa voz que o pastor ouviu, que dizia: —fora, Temeroso, fora!— e no mesmo instante viu entrar da espessura no maravilhoso prado um mancebo de gentil disposição. Cubria o corpo com as peles de dous veados cozidas de modo que lhe serviam de túnica, apertado com ũa correa pela cinta, da qual lhe pendia um grande e largo cutelo; trazia na cabeça ũa monteira feita de outra pele, por baixo da qual se descubriam os seus cabelos feitos em anéis, que os de fino ouro aventajavam. Trazia na mão direita um dardo de agudo ferro, e outro sobre o ombro esquerdo, do qual lhe pendiam dous coelhos, e os quartos e pele de um gamo que matara, e deste modo vinha
102v com tão bizarro continente, que Adónis, Acteón e o divino Apolo, quando habitavam nas selvas, o envejaram. Saudou ao pastor com alegre gesto, o qual sobremaneira de sua gentileza se admirava. E deixando os dardos, e o mais que trazia, sobre a verde erva, o tomou pela mão, e sentando-se juntos lhe disse:

— Que ventura, gentil pastor, te trouxe a este lugar que a natureza quis esconder entre tanta espessura de matos e montes intratáveis, para que, sem particular mistério desta (que de si faz tantos queixosos) não fosse visto de pessoa humana?

— A ventura que me traz, galhardo mancebo —respondeu Marfido—, se é a minha, bem sei que é a pior que ninguém teve, mas pelo gosto de vos ver, e pelo muito que vossa nobre presença está prometendo, inda que assi disfarçada, entendo que al-

gũa deidade oculta, em meio das misérias com que caminhava, me fez perder o caminho, e perdido consentiu que achasse o bem de ver-vos, e o de considerar o de que gozais nesta vida solitária tão aparelhada para ter descanso, e apartada das inquietações do mundo.

— Com razão —disse o mancebo— podes chamar bem, e mui grande, à vida solitária, porque nela consiste o descanso e sossego d'alma, de que o mundo é totalmente enemigo; e tenho disto tanta experiência, que para o dano que padeço, sendo o maior
103 que podera ocupar humano sufrimento, não achei outro remédio, nem ainda imaginado, senão esta solidão; porque nela só com meu cuidado, e ele comigo só, nada espero, nada desejo, e se muito sinto, tendo o ânimo quieto me contento de meu mal, e me tenho por felice. Nesta solidão, com alma assentada, e recolhidos pensamentos, aprendo mais do conhecimento da humana miséria e desprezo das mundanas promessas, do engano das humanas confianças e da fraqueza e breve curso da vida, e seus bens incertos e nunca possuídos, do que ensinar-me poderam, em Grécia Atenas, Tebas e Rodas; em Itália, Roma, Bolónia e Milão; em França, Paris; em Espanha, Valência, Alcalá, Évora, Coimbra e Salamanca. Este meu apartamento é o espiritual descanso, donde, recolhido em mi mesmo, despois de chorar as cousas passadas (que a memória convertida em lembranças me oferece) venho alegrar-me, considerando que, se perdi o bem adonde meu desejo consistia, aqui alcancei não esperar nem desejar cousa algũa. Nesta quietação gera o entendimento a prudência acompanhada de tantas virtudes e gostos espirituais, que agora em sua companhia me parece que sou homem, e conheço que na dos muitos que no mundo conversei o não era. Aqui me possuo a mi mesmo, isto procuro, disto me contento, e vejo que é mor ri-
103v queza que alcançar grandes honras e riquezas, sendo possuído delas. Aqui apacento alma no suave manjar da contemplação, a cujos gostos não igualam o néctar e ambrosia dos deuses, que os antigos fingiram. Neste apartado lugar acho em meu próprio cuidado meu repouso, e em companhia dos homens ele era adversário cruel de meu descanso. E em fim experimento e considero quanto acerta quem deixa as grandezas do mundo que tanto inquietam, e se contenta desta quietação donde o ânimo quieto se deleita. Bem sentiu isto Anaxilo, quando, oferecendo-lhe o principado de Atenas, disse (recolhendo-se ao campo) que mais

queria ser servo dos bons que alcaide dos maus. Cecílio Metelo e Catão Censorino, romanos excelentes na paz e na guerra, desprezando as grandezas do Romano Império, tendo alcançado a violência do confuso tropel de honras humanas, se retiraram à vida solitária, lugar de sua confusão nunca habitado. O mesmo fez o Ateniense Péricles, que, despois de governar sua pátria muitos anos, prudente na paz e valeroso na guerra, se foi à sua quinta descansar de seus trabalhos, que por tais tinha a estimação e grandezas do Império que possuira, o que claro mostrou nas letras que à porta escreveu, nas quais se despedia de tudo o que a for-
104 tuna podia dar-lhe, e prometer-lhe a esperança. O mesmo fez Empédocles. Pois que direi dos príncipes Romanos, que, sendo senhores do mundo, os mais deles se apartavam dos negócios e pompas cortesãs a lugares solitários, donde a vista das árvores que enxertavam e das ervas cheirosas que dispunham lhe recreava o espírito e reforçava o ânimo para tornar de novo à carga do governo? Em fim, por te não ser molesto, deixo muitos exemplos que se me oferecem, cifrando o mais que dizer podera no que disse Aristenes da vida solitária de que tratamos, quando dizia que se alegrava e tinha por felice, quando, achando-se só, considerava que dos muitos anos que gastara no estudo da filosofia colhera como precioso fructo poder comunicar consigo só, e apartado do tumulto e variedade do povo dar-se ao recolhimento e solidão.

Fez pausa em sua prática o mancebo, e Marfido, que com atenção o escutara, lhe disse:

— Eu te confesso, discreto mancebo, que todos os louvores que à vida solitária podem dar-se não podem declarar o que a experiência mostra aos exercitados nela, e que é e foi sempre como um asilo, e sagrado, ao qual muitos homens famosos se recolheram homiziados com o mundo, donde reinam enveja e ingratidão. Mas se estes (que despois de se sinalarem com obras heróicas, honrando sua pátria, e sendo exemplo aos outros) são
104v dignos de louvor buscando a vida solitária, tu não deves ser digno dele, se peregrina causa não te obriga, pois nessa florida idade a procuras, negando ao mundo o fructo que de ti pode esperar-se. Mas porque a tenção condena ou disculpa as cousas, e não pode nenhũa reprovar-se sem saber a causa dela, peço-te me faças mercê de me dizeres quem és, e o que te obriga a quereres dar a vida a estas asperezas hórridas, acabando nelas sem pro-

curar a fama que os mancebos magnânimos estimam. E não tenhas por atrevimento o que procuro, inda que o parece; antes imagina que sem providência oculta não poderas ser achado de mi neste lugar, e que donde menos se espera se acha à vezes um alívio de grandes males. Dize-me os teus, que, quando não te seja de proveito, terás ao menos quem te ajude a chorá-los e senti-los. E não te pareça que tens presente algum pastor que, buscando (como acontece) a rês perdida, chegou a este lugar, mas um perseguido da fortuna e de um peito feminil, cujas mudanças me desterram do lugar donde vivo presente com o amor que me acompanha, e ausente de aquela que, sendo causa dos males que padeço, é tão dignamente amada por seu merecimento, que não alcança mor bem meu pensamento que o de morrer por ela.

— Tuas palavras — disse o solitário mancebo — me obrigam
105 a que fie de ti o que já algũa vez passei pela imaginação, que é que (despois de fenecer aqui) será justo se saiba que não fui ingrato com aquela a quem devo tanto amor; e que se o que me teve a chegou a tantos estremos que em fim perdeu a vida por mi, as saudades de sua fermosura, as lembranças tristes do inaudito processo de nossas cousas, me obrigou a mi a passar a minha em tanta pena e tristeza, que qualquer instante dela é mais penoso que a morte; mas porque o discurso é largo, que o é de minhas desgraças, e este sítio e o tempo nos concedem bastante lugar, e tu virás cansado, comamos primeiro do agreste mantimento que aqui tenho.

O pastor lhe respondeu que fizesse o que lhe parecesse, e assi, ferindo o lume, assou um dos coelhos que matara, e despois de satisfazerem a necessidade corporal, sentando-se ao longo do sussurante ribeiro com que a fonte bordava de prata o sítio ameno, o mancebo (estando Marfido atento) disse desta maneira:

— Nos tempos passados, quando a maior parte desta província de Alentejo era possuída de Mouros, houve neste reino um Cavaleiro chamado Armindo, o qual, com santo zelo do augmento da fé de Cristo, guerreou os Mouros que nestas partes possuíam os castelos e povoações, que delas há, com tanto esforço
105v e indústria, que, alcançando victórias milagrosas, uns mortos e outros fugindo deixaram a terra livre ao vencedor. Fez-lhe el-Rei mercê de algũas vilas com título de Conde, justamente liberal e agradecido a seus serviços. Casou este cavaleiro com ũa nobre senhora, da qual teve um filho e ũa filha, que, sendo amada de

Liriandro, cavaleiro que nas passadas conquistas e perigos o acompanhou com valor raro, lha deu por molher, dotando-lhe com consentimento de seu filho o castelo de Montragil. Destes filhos de Armindo houve sempre nobre sucessão de cavaleiros valerosos e generosas damas, e estas duas casas se conservaram té'gora (como não podes ignorar), sendo sempre os senhores delas grandes cristãos e leais servidores de seus reis, e a do Conde, por sua riqueza e estado, é principal e ilustre neste reino, e nos estranhos respeitada e conhecida. E sempre entre eles (inda que pela antiguidade do tempo e mudanças das gerações, está quasi extinguido o parentesco) houve grande amor e amizade e ũa lembrança imortal do tronco generoso donde procedem. Agora possui os estados do Conde Armindo o Conde Arismaldo, e o Castelo de Montragil Arcélio, de quem eu indignadamente sou filho: porque lastimosa cousa é que as perseguições com que amor e fortuna me atropelam venham a ser sentidas e choradas de um
106 pai tão virtuoso. Fiz este discurso por que viesses em conhecimento de quem sou, e quem é a causa por quem, esperando a morte, não vivo neste desterro, e vindo ao caso, hás-de saber que meu pai Arcélio é um dos belicosos cavaleiros deste reino, e em sua mocidade não perdeu ocasião nem houve guerra em que não sinalasse sua pessoa, buscando os mores perigos, de que resultou a fama que hoje o faz conhecido e respeitado. Mas como os perigos da guerra não impediram nunca os amorosos assaltos (que por isso se amam Marte e Vénus), Arcélio amava a fermosíssima Oricea, dama da Rainha, com a qual passou escritos de casamento. E, mandando-o el-Rei com algũa gente a reprimir a fúria com que os galegos se entravam pelos confins deste reino, Rosardo, fidalgo mui particular e conhecido, pediu a el-Rei por molher a honesta Oricea, e ele lha prometeu. Ela, que antes se entregara à morte que a outro esposo, avisou a Arcélio com a possível brevidade. O qual, com a mesma, ardendo em ciúmes, deixou a guerra e chegou à corte a tempo que Rosardo tinha ordenado com Aurélio, pai de Oricea, recebê-la de aquele a dous
106v dias. Chegou Arcélio escondido por que sua vinda não declarasse algũa cousa do que tinha o remédio no segredo. E, falando a mesma noite com um page de Aurélio (irmão de ũa donzela colaça de Oricea, de quem ela tinha fiado o contrato de seus amores) lhe deu ũa carta para Oricea, em que lhe declarava que vinha saber o estado de sua vontade, porque, se era a que a Deus

e a seu amor devia, não consentiria, inda que perdesse a vida, o que de seu casamento estava ordenado, que lha declarasse, e se animasse, que não faria força a seu desejo, vivendo quem tanto a amava. Recebeu Oricea a carta, e no fim de muitos receos e dúvidas, se resolveu (fiando o segredo do page que te disse) a se sair de casa a mesma noite, cujo fim esperava Rosardo para gozar de seu desejo. Tem Aurélio, pai de Oricea, sua nobre casa em Sanctarém, de donde Arcélio se foi ao seu castelo, donde solenizaram suas vodas, com mais gostos que festas e grandezas, e gozando o fructo de seu amor, esperavam também o de seus atrevimentos, quando Aurélio e Rosardo, que esposo se contava já de Oricea, souberam o impensado sucesso; com a pena que podes imaginar, se aprestaram, acompanhados de todos seus parentes e amigos, para buscar Arcélio. Mas, antes de o porem em efeito, teve el-Rei notícia do caso, que então estava em Sin-
107 tra, e lhe mandou que não saissem de Sanctarém, porque a vingança de aquele crime tocava à justiça que ele administrava. E logo partindo-se a Sanctarém, mandou ao Meirinho-Mor, acompanhado de muita gente de guerra, o qual, chegado à vista de Montragil, fez saber a Arcélio que, por mandado del-Rei, vinha buscar a ele e a Oricea, e que, não se entregando, o declarasse por traidor, e à força de armas o levasse vivo ou morto. Teve Arcélio conselho com os que com ele estavam sobre o que devia fazer, e assentaram se entregasse, porque mais lícito é a um nobre cavaleiro perder a vida que desobedecer a seu Rei. Isto e ũa carta que antes lhe foi dada do Conde Arismaldo que o mesmo lhe rogava o obrigou a que deixasse os respeitos de seu amor, de seu gosto e própria vida, pelos de sua honra e crédito. E assi com a querida esposa (que seu perigo solenizava com lágrimas) se foi com o Meirinho-Mor, o qual, seguindo a ordem que trazia, o levou ao castelo de Lisboa, e em ũa torre dele os deixou a bom recado. Estava el-Rei tão indignado do atrevimento de Arcélio, que, não bastando os rogos de seus parentes e amigos, a autoridade do Conde Arismaldo, e a calidade de seus serviços, o mandou degolar. O que visto por Aurélio, sendo em seu coração afeito mais poderoso o natural amor que o acidental desejo
107v da vingança do agravo que recebera, tendo porém tão propício a Rosardo que lhe pediu que assi o fizesse, se foi a el-Rei e lhe pediu com lágrimas se servisse de moderar aquela sentença, ao menos para que tivessem vida aqueles de quem podiam resultar

outras que acertassem melhor em seu serviço. El-Rei, que os de Arcélio tinha na memória, e no secreto sentia a perda de sua pessoa valerosa, lhe fez mercê da vida, privando-o porém do senhorio da vila e outras cousas que lhe tinha dado, condenando-o a perpétuo desterro da corte. Assi foram soltos da prisão os dous amantes, a quem era tão suave a de seu amor, que, como lhe deixaram as vidas para lograr o bem que dele em suas almas resultava, não faziam caso dos que a fortuna por serem seus lhe tirava. E assi se partiram para ũa defesa mui grande que tinha Arcélio, perto de Montragil, não entrando na vila, de que pouco antes haviam sido senhores, que os senhorios do mundo não têm cousa mais certa que o não ter seguridade. Ali sem a autoridade passada, e que a seu estado se devia, passavam a vida alegres de a possuirem para o gosto de se verem. Ali o exercício de Arcélio era o da caça, porque, além de lhe ser afeiçoado, o lugar e a ocasião o obrigavam. E porque Oricea andava prenhe e ele procurava contentá-la e diverti-la, muitas vezes a levava consigo
108 e ũa delas sucedeu que, deixando-a junto de ũa fonte que com a beleza de seu sítio deleitava, acompanhada de duas donas e de Arsinda, sua colaça, lhe sobrevieram as dores do parto, tanto de improviso, e tão veementes, que em breve espaço pariu um filho, o qual é este que agora suas misérias te declara, que, como vinha ao mundo para ser exemplo delas, parece que meu destino apressava a natureza, para que, não sendo parte os incómodos de aquele deserto, nacesse facilmente em meio de tantas dificuldades. Tomou-me Arsinda nas mãos e, lavando-me nas claras águas da fonte, mostrou-me a minha mãe, que em meus peitos descubriu um sinal roxo fermosíssimo, feito ao modo de flor, que não será fora de propósito mostrar-to, pois os d'alma te descubro.

Disse Marfido que em tudo o que ordenasse lhe daria gosto e lhe fazia mercê; e ele, desabrochando a lanuda roupeta que vestia, descubriu os peitos e neles o sinal que dizia, que imitava a mais pura e fresca rosa, de que o pastor ficou admirado, e, tornando-os a cubrir, assi continuou sua história:

— Passado isto, em quanto as duas donas curavam de minha mãe, Arsinda tirou a toalha da cabeça e, nela envolto, me cubriu com ũa mantilha de ombros, ligando-me o melhor que
108v pôde e permitia a solidão do lugar; mas apenas o tinha feito, quando da montanha saiu ũa grande e temerosa loba, com a dis-

forme boca ensangoentada, de que os agudos dentes descubria, dando uivos tão espantosos, que em qualquer coração posera medo. As donas que tal a viram, dando grandes gritos, se meteram por entre o arvoredo com a pressa que o temor lhe administrava, não lhe dando ele lugar a que vissem o perigo em que deixavam a sua senhora. Arsinda me deixou cair dos braços na verde relva, e querendo morrer entre os de quem muito amava se foi abraçar com Oricea, a quem o espanto e a necessidade não deixavam mover de donde estava; mas a loba, que vinha buscando a fonte, farta de algum manso animal que devorara, não atentou nelas, e, despois de beber, ouvindo-me chorar, me tomou, assi envolto na mantilha que te disse, entre seus dentes, e com muita presteza se tornou a esconder entre a espessura. Minha mãe, que a vista do perigo não foi parte para que a perdesse de mi, quando isto viu, deu muitos sospiros, aos quais despertou Arsinda que em seus braços estava desmaiada, e, quando ambas entenderam o triste e não esperado sucesso, vendo-se sós, e o remédio impossível, não perderam as vidas porque foi impresa
109 do sufrimento sustentá-las em tanta pena. E, estando sós, em tal conflito, pariu minha mãe outro filho, com o qual, dando Oricea mil louvores a Deus, cuja providência é eterna causa e movimento de todas as cousas, se consolou da perda do que já considerava mísero pasto da fera em cujos dentes o vira, e assi, inda que lastimada, agradecida e conforme com a vontade de quem com remédio tão conveniente a consolava, se dispôs a ocultar a Arcélio a minha perda, dizendo ser meu irmão somente o filho que ali parira. Isto comunicou com Arsinda a quem pareceu bem. E, entrando alguns passos pelo arvoredo, chamando em altas vozes as donas por seus nomes, elas, que não estavam mui longe, a ouviram, e, animadas, vendo a Oricea livre, chegaram envergonhadas de a deixarem em tal perigo. Ela as recebeu com a menos tristeza que pôde, fazendo-lhes crer que o segundo filho era o que elas ali haviam deixado. E tais ficaram do grande espanto e temor que haviam passado, que não tinham lembrança de me deixarem envolto no que já te disse.

E, estando assi rogando a Deus as livrasse de outra desventura, chegou Arcélio contente e alvoroçado com a boa caça que havia feito, e o ficou por estremo vendo o nacimento do filho, descuidado da perda do outro que Oriceia lhe encubriu, té que o tempo que tudo revela lho descubriu, como eu virei a dizer-te.

E, pondo-se sobre um cavalo com Oricea nos braços, porque com
109v a fraqueza e trabalho do parto não estava para ir nas andilhas
em que ali viera, chegaram a casa donde foi curada e regalada,
como a necessidade requeria. Assi passou Arcélio alguns anos
contente com o filho, em cuja fermosura fundava mui largas es-
peranças, e Oricea aliviando com ele a mágoa e saudades do que
a seu parecer perdido tinha. O Conde Arismaldo, despois dos
negócios de Arcélio, residiu sempre na corte e casou com Flo-
renda, filha do Conde de Ourém, o qual era tio de Rosardo, o
que foi parte para que os sucessos de Arcélio ficassem mui sa-
neados com todos seus parentes, e com esperanças que el-Rei o
tornaria a sua graça. Estava o Conde (como te digo) na corte,
e inda que o gosto de seu casamento fosse mui grande pela no-
breza e fermosura de Florenda, contudo sentiam pena, porque,
passando de dous anos que eram casados, não tinham filhos; o
que foi parte para que, vindo el-Rei ter o inverno a Évora, ele
se partiu à vila de Mora, que era sua; e, querendo de caminho
ver a Arcélio, porque também Florenda desejava ver Oricea, de
quem no paço fora grande amiga, mandando a maior parte da
gente que os acompanhava por caminho direito, ele se apartou
com a Condessa e alguns poucos dos seus. E, caminhando por
110 entre estas montanhas para as casas da defesa, morada então de
Arcélio, chegaram àquela fonte deleitosa entre tanta espessura,
em cuja fresca margem fui dado ao mundo, como pouco há te
disse. Vinha Florenda num quartão estremado, sentada em um
silhão, porque o fragoso caminho não consentia outra cousa.
E, vendo o gracioso sítio, rogou ao Conde que parassem um
pouco, e entretanto fizessem saber a Arcélio sua vinda. Fê-lo assi
Arismaldo, desejando contentá-la, e, tomando em seus braços a
Condessa, se sentaram ao longo da fonte, estando em sua com-
panhia somente Marcelo, seu maiordomo, e alguns de a pé. Es-
perando pois assi contentes do lugar deleitoso o recado de Arcé-
lio, viram sair da montanha um fermoso veado, que para a fonte
caminhava, mas, como os viu, com a ligeireza possível, se tor-
nou a meter pela espessura. O Conde, que era por estremo incli-
nado à caça, se pôs num instante a cavalo, e trás dele Marcelo,
e foi seguindo o veado. Florenda, que mor perigo lhe pareceu
ficar sem ele em tal lugar, pois todos se dispunham a segui-lo,
pediu o quartão, e com desusada ligeireza e ânimo se pôs nele
e seguiu o Conde, o qual, vendo o que passava, muito ale-

gre a esperou, e todos juntos seguiram o rasto do veado. E, andando pelo espesso do mato um grande espaço, já que, desconfiados de dar nele, procuravam sair-se da espessura, chegaram
110v a um lugar tão ocupado de pedras e aspereza natural, que, sendo impossível passar de ali a cavalo, tendo Arismaldo um desusado desejo de ver se ali o veado que seguiam escondido estaria, se apeou, e, andando poucos passos, parou-se, e logo, tornando atrás, disse à Condessa:

—Apeai-vos, senhora: vereis ũa maravilha, à qual só quem a vir pode dar crédito.

E, com estas palavras, tomando-a nos braços, a pôs em terra, e, arrimada nele e em Marcelo, foram andando, e a pouco espaço viram em ũa concavidade que causavam as pedras, levantando-se, deitada ũa loba, de demasiada grandeza, a qual profundamente dormia, e ao longo dela dous lobos de tenra idade, e um minino de idade de dous anos, ou pouco mais, mamando em ũa teta da loba. Como os piquenos lobos viram aos que admirados tinha sua vista, levantaram-se e, erizando o pelo e reganhando os dentes, se foram recuando para dentro da espelunca. A este movimento deixou o minino a mama, e, virando o rosto, vendo aqueles a quem sua vista tinha atónitos, naturalmente alegrando-se, firmando o corpo sobre as tenras mãos, se levantou, e, com passos inda mal concertados, se veio para eles. Arismaldo, que certo de velar julgava por milagre o que passava,
111 o tomou nos braços, e o pôs nos da Condessa, a quem o espanto da fermosura do minino tirou o de vê-lo na forma referida, e ambas estas cousas a afeiçoaram de maneira que, tendo-o neles, disse a Arismaldo:

— Senhor, não há dúvida que as mais mínimas cousas desta vida seguem a disposição da divina vontade, pelo que nossa vinda a este lugar é particular mistério seu, donde (como em recompensa dos filhos que não temos) achamos esta bela criatura, que por algum grande caso e soberana providência não desamparou, ordenando que entre animais tão vorazes achasse piedade, e se lhe concedesse o necessário à vida que para grandes cousas deve reservar; assi que, se nisto como em tudo o mais, o amor leva por um mesmo caminho nossos pensamentos, eu creio que, como a mi, vos será a vós agradável levarmos este minino, porque não fazê-lo seria achar em nós a inumanidade que nestas feras faltou, e tê-lo em lugar de filho natural.

Arismaldo lhe disse:

— Não duvideis, senhora, que pode haver cousa em que meu cuidado discrepe de vosso gosto, porque, se o amor que no coração reside é o móbil de seus efeitos, mal pode haver algum que o não sigas; quanto mais que o que vós dizeis é tão conforme à razão, que lha acharam os que carecem dela.

Com tais palavras, se conformaram estes nobres senhores a me levarem em sua companhia, tirando-me da de aqueles bru-
111v tos, porém (mercê do céu piadoso) comigo cortesãos e amorosos. E, chamando Marcelo, viram que se dispunha a ofender os lobos e a matar a loba, que dormia, o que fizera, se o Conde, enfadado, o não impedira, dizendo:

— Marcelo, estais fora de vós? Não vedes que é ofensa que se fazia à natureza, tirar a vida a esse animal que conservou a desta criatura?

Deteve-se Marcelo e disse:

— Senhor, vossa senhoria o diz melhor do que o eu fazia, porque o agradecimento se há-de guardar com os mesmos animais, pois é cousa tão santa que não carecem dele muitos deles.

Com isto se foram donde deixaram os cavalos, e neles se apartaram de aquele lugar, procurando sair da espessura, determinando não declarar por então a nenhũa pessoa a forma em que me acharam, e publicar que era seu filho; e disto advertiram a Marcelo, encomendando-lhe o segredo. Mas não lhe foi possível tornar à fonte donde partiram, em seguimento do veado; e, encontrando com os homens de a pé, que buscando-os andavam, no fim do dia se acharam num caminho largo que por entre aquelas montanhas se seguia, e, sendo conhecido de alguns que era o que o traziam para Mora, Arismaldo conheceu que não lhe era possível ver então Arcélio, o que podendo em qualquer ocasião
112 dar-lhe desgosto, nesta o estimou, por que me não visse. Assi chegaram estes nobres senhores a sua casa, na qual me criaram com tanto amor e mimos, querendo que seus criados me respeitassem tanto, que o que ao princípio pareceu zombaria se veio a confirmar por verdade averiguada. Poseram-me por nome Florismonte, pela flor que em meus peitos resplandecia, e por memórias do modo maravilhoso em que me acharam no monte. Mas não seriam passados três meses despois que me acharam, quando a Condessa Florenda se sentiu prenhada, o que causou tanto alvoroço nela e no Conde, que não há significá-lo, o qual chegou

a seu ponto quando Deus lhe fez mercê de ũa filha tão estremada e de peregrina fermosura, que mais pareceu milagre seu que obra da natureza. Mas eles como cristianíssimos se houveram neste gosto com a prudência que nos passados desejos e desconsolações haviam tido. Foi crecendo a divina Lucélia, que este nome lhe poseram, crecia nela sua singular beleza, o espanto de quem a via, o contentamento em seus pais e em mi o amor (para que só parece fui reservado entre tantos impossíveis), disfarçado e encuberto no nome e estimação de irmãos em que nos tínhamos e de todos éramos tratados. O qual era tão grande, que qualquer breve espaço que não nos víamos nos dava tanta pena, que se não sucedera a alegria inestimável de nos vermos entendo que
112v não vivêramos. Não tinha ela brinco ou qualquer outra cousa de seu gosto, que para mi não reservasse, nem em meu coração havia pensamento que aspirasse a mais que àquilo de que ela podesse ser alegre. Um só querer media nossas vontades, e os desejos de ambos se cifravam nũa delas e ambas eram ũa só. Assi fomos passando a doce vida, té que ela teve dez anos, nos quais sabia ler e escrever perfeitissimamente, e tudo o mais que ũa nobre donzela aprender deve, e eu latim, e outras línguas necessárias à polícia de um homem generoso; tinha já então bastante conhecimento da música e graça e arte no dançar, nas quais cousas Lucélia excedia o pensamento. Ocupava-me também no exercício das armas e cavalos, e quando cheguei a ter dezasseis anos, a dito dos mestres (que o Conde, liberal e curioso, procurava excelentes) o podera eu ser deles em muitas cousas, que naturalmente diziam eles nacerem comigo. Tinham Arismaldo e Florenda tanta glória destas cousas, como o mostravam no gosto com que cada dia nos mandavam exercitar nelas, e as de minha senhora Lucélia eram de sua nunca vista fermosura e estremadas virtudes um ornato tão belo, que excedia a natureza, pasmava o entendimento, e enriquecia o mundo; mas de mi te certifico que
113 naquela idade não havia cavalo tão soberbo e poderoso que com a força das pernas não sojeitasse, e a seu pesar não tivesse quieto e temeroso, nem touro tão furioso que com a força de meus braços não rendesse e derribasse, fazendo outras provas de força e ligeireza que admiravam; e assi a fermosura de Lucélia e suas graças, minha disposição e forças eram celebradas neste reino. Não te hei dito como meu irmão e eu nos víamos diversas vezes, ordenando caçadas e pescarias, e nos tínhamos tanto amor que

mais não podera ser, se o secreto de nosso parentesco nos fora manifesto. Era ele mancebo de tanto valor e nobres partes, que Arismaldo lhe estava por estremo afeiçoado e tinha pensamento de o casar com Lucélia, como despois se viu. Já te disse com quanta valentia se exercitou meu pai Arcélio na guerra, pois esta, que inda nele estava em seu ponto, o obrigou a que não sendo impedimento o amor do filho que só tinha, querendo que primeiro herdasse o valor de seus passados que a fazenda por ele grangeada, determinou mandá-lo a África, donde sempre os valentes Portugueses foram freo e espanto dos Mauritanos. O que entendido do Conde Arismaldo, se dispôs a mandar-me em sua companhia, porque já que o fingido nome de seu filho não havia de anexar a sucessão de seus estados, pertendeu (pelo que me
113v queria) que por meus serviços merecesse com el-Rei fazer-me mercês com que vivesse. Veio isto mui conforme a meus desejos, porque não havia cousa que mais tivesse presente que a ilustre fama que pelas armas se adquire, mas reprimia-se este contentamento na pena que imaginava na ausência de Lucélia, e no muito que ela mostrava sentir a minha. Chegou o dia que com temores e desejos esperava; despedi-me da Condessa que, cheios de lágrimas os olhos, me abraçou e deitou sua bênção. E quando cheguei a Lucélia, por mais que me esforcei e quis fingir alegria, por assi mitiguar sua tristeza, não pude acabar com o sentimento, e assi, abraçando-nos, nem com os olhos nos podemos despedir, que convertidos em fontes os tinha a dor da triste despedida. Arismaldo veio comigo até a porta da rua, donde antes de me pôr a cavalo lhe quis beijar a mão, como aquele a quem por verdadeiro pai reconhecia. Mas ele não ma dando me abraçou, e com sembrante amoroso me disse:

— Faço-vos saber, Florismonte, que se té esta hora vos honrastes com o nome de meu filho, daqui em diante vos convém fazer obras tão honradas, que sem vergonha possais trocar este nome pelo de filho delas; porque vos certefico (e este desengano baste para vosso bom discurso) que, como derdes ao mundo mos-
114 tras delas, sereis conhecido por seu verdadeiro filho, e por adoptivo meu. Não alcancei então o sentido destas palavras, inda que estranhei o modo, e assi dando-lho diferente lhe respondi:

— Senhor, fiai de meus pensamentos, que quando o nome de minhas obras não corresponder ao que de vosso filho tenho, que não seja a culpa minha, será da morte, porque eu não quero da vida mais que a boa fama.

Assi me parti de aquela casa tão descontente e saudoso, que se não fora o animoso desejo em que já me imaginava envolto com os Mouros, não sei como vivera em tanta dor. Cheguei a um lugar aquele dia donde me esperava Laurismeno, e juntos prosseguimos nossa viage té chegarmos a Tângere. Ali estive quasi três anos, donde o céu me favoreceu de maneira que, com haver em Tângere e nos outros lugares que em África sustentam os nossos Reis invencíveis Cavaleiros, Laurismeno e eu tínhamos o primeiro lugar no crédito e reputação da valentia. Contar-te agora particularmente meus sucessos, crê-me que fora sucesso mui largo, além de cometer erro quem trata de seus louvores, porque donde podem ser sabidos de outrem é arrogância referi-los, e impertinência contá-los alguém donde não é conhecido; mas certefico-te que, além do que fiz nas escaramuças e cavalgadas que sucederam, venci e matei vinte Mouros generosos em particular
114v desafio. Neste tempo alguns cossários Turcos e Mouros, juntos com outros das partes setemptrionais, navegando o mar d'Espanha, faziam dano nos lugares marítimos, pelo que el-Rei de Portugal fez aprestar ũa armada, mandando por general dela Arcélio, meu nobre pai, que já estava em sua graça e restituído no senhorio de Montragil, e no mais que antes da coroa possuía, o que sendo notório viemos Laurismeno e eu a acompanhá-lo. Fui eu por capitão de um navio, e tive tão boa sorte, que, encontrando Arcélio a enemiga armada, e investindo uns aos outros, andando a victória em cada qual das partes duvidosa, fiz aferrar o meu navio com a capitana dos contrários, que era um galeão grandíssimo, e em que havia muitos soldados práticos e escolhidos, e sendo eu o primeiro que, apesar dos que mo defendiam, saltei dentro, fiz de maneira que, com o favor dos meus (inda que desiguais na cantidade) de morrer ou vencer determinados; morta a mor parte deles, e preso o general, rendi o navio, o que, visto pelos mais, desanimados poseram a esperança na fugida, deixando-nos a victória; mas apenas escapariam dez navios, ficando em nosso poder e no profundo do mar mais de vinte e oito; e assi contentes com tão honrada presa chegámos
115 a Lisboa, donde el-Rei deu a meu pai mil públicos louvores, paga mais que todas as outras estimada dos ânimos generosos, e deu-lhe o título de Almirante do Mar e general das armadas dele. A Laurismeno deu o hábito e a sucessão do que seu pai possuía. A mi (sabendo do Conde que não era seu filho, e o modo com

que a seu poder viera, como despois soube) fez-me fidalgo, e deu-me ũa comenda que rende três mil cruzados; e assi rico e honrado e del-Rei favorecido, era estimado de toda a corte e mui amado do povo, que em semelhantes casos é o que tem afeição e a manifesta, livre da enveja que nas mesmas ocasiões faz que muitos honrados cerrem os ouvidos ao que a verdade pelas bocas da fama está mostrando. Em Lisboa fui armado Cavaleiro e logo me parti com Laurismeno a receber o hábito a Tomar. E em tanto o Conde Arismaldo, que na memória tinha a nobre sucessão de seus maiores, e via claramente os merecimentos de Arcélio e do nobre mancebo Laurismeno, assentou consigo que não convinha ao valor do seu antíguo tronco ter sua ilustre casa outro sucessor nem Lucélia outro esposo senão Laurismeno; disto deu contas a el-Rei, e, louvado por ele seu propósito, se partiu para Mora com Arcélio, e dando parte de tudo à Condessa e a
115v Oricea, com gosto universal se aparelharam as vodas. Partimos (disto avisados) de Tomar com menos pressa que contentamento, porque sendo o de Laurismeno incomparável, eu o tinha grandíssimo de ver a Lucélia, tão bem empregada que de mi com fraternal amor era adorada. Chegámos a Montragil, donde ficou Laurismeno, e eu me parti para Mora. Fui recebido nos braços de Arismaldo e da Condessa, que como a filho me amavam; mas não nos de Lucélia, o que despois me admirou e entristeceu; a qual estava tão acompanhada de gravidade, que me causou temor sua fermosura; deteve-se a singeleza do amor que me levava e de todo emudeci quando ouvi que me dizia:

— Sejais bem vindo, senhor Florismonte, que a alegria que cá se recebia com a fama de vossos feitos podera melhorar-se só com vossa vista.

— Nem eu, senhora irmã, acabei nunca cousa que tanta glória me desse como a que tenho presente.

Assi estive com eles té a hora de comer; levou-me o Conde consigo; a Condessa ficou com Lucélia, e assi se fez os mais dias que ali estive, vendo tão poucas vezes a Lucélia e tantas mudanças no que ver soía, que não acertava em ter por sonho o presente ou o passado. E, andando nesta confusão de tudo descontente, porque em nada achava gosto, carecendo da vista
116 de Lucélia, ũa manhã que o Conde ocupado estava em cousas tocantes ao governo de seu estado, saí só do meu aposento a um jardim mui curioso que o Conde ali tem, por divertir-me do pro-

fundo cuidado em que vivia, e passeando por entre ũa rua de enanas larangeiras, que entre si niveladamente tinham muita variedade de ervas floridas e cheirosas, em que os sentidos se ocupavam docemente, indo neles de mi próprio descuidado, acordei deste sonho, porém mais altamente suspendido, ouvindo a voz de Lucélia, que com divino acento presumia deter as águas da fonte, com cujo murmurar a concertava, e ser ouvida das árvores insensíveis que o lugar ameníssimo ocupavam; eu, todo sobressaltado, mas contente pela achar em parte donde podia perguntar-lhe a causa por que de mi se apartava, propus primeiro escutá-la, por não lhe tirar o gosto de aquela ocupação que sempre foi alívio de qualquer tristeza, e assi vendo-a (escondido entre o arvoredo), lhe ouvi cantar este romance:

Ai prisões do pensamento,
Dúvidas de meu cuidado,
Que apartando-me da gente
Viveis de me estar matando!

Aqui donde só me tendes,
116v Mais acompanhada me acho;
Fora bom fugir de mi,
Pois de vós é escusado.

Mas em minha confusão
Tal remédio não alcanço,
Que vou em vós, sendo tantas,
Tropeçando a cada passo.

Se vos quero resistir
Co a espada do desengano,
De ũa cabeça que corto,
Infinitas vão brotando.

Somente sois produzida
De aquele monstruoso drago,
Que por ser desconhecido,
Conhecemos por engano.

Samea-vos na memória
O entendimento outro Cadmo,
Donde, mudando a figura,
Tomais armas em seu dano.

Tendes vosso fundamento
Em tão peregrino caso,
Que, temerosa de mi,
Nem convosco me declaro.

Que entre vossa confusão
117 Se me está representando
Um novo amor que desama,
Outro amor de que me aparto.

Não me posso achar sem vós,
Nem convosco sei dar passo,
Porque me pedis conselho,
E me tendes duvidando.

Querido irmão Florismonte,
Por vossa ausência me abraso.
Se o sois, porque não me vedes?
E se não, porque me caso?

Oferece-me a fortuna
Um rico e grandioso estado;
Mas se assi me tira o gosto,
Não pode dar mor trabalho.

Dúvidas minhas que agora
Neste tão mísero estado,
Com meus males me deixais,
De morrer não duvidando,

Se com me não responder,
Me dizeis que muito falo,
Bem se pode ouvir um pouco
Quem sabe padecer tanto.

117v O canto de Lucélia me deixou mais duvidoso do que ela se mostrava, e assi andando para o lugar donde estava, fui sentido dela, e com algũa alteração de minha impensada vinda se levantou, e a pesar da profunda tristeza, que como nuve ao sol a luz do cristalino rosto lhe ocupava, me recebeu com mostras de alegria, mas não com aquela com que naquele lugar (noutro tempo mais ditoso) passávamos os dias não havendo cuidado em nos-

sos corações que não fosse contentamento. E despois que um bom espaço sem poder formar palavras nos olhamos, porque na vista do outro via cada um de nós o cuidado que o receo em que vivíamos trasladava, eu lhe disse, procurando mostrar-me mui alegre:

— Querida irmã e senhora, que oculta deidade, que felice movimento guiou meus passos a este lugar donde ver-te podesse, que, sendo de mi a mais desejada cousa, não alcancei, despois de minha vinda, o que me traz tristíssimo e pensativo?

Ao que me ela disse:

— Antes que vos responda, quisera saber de vós a certeza que tendes de sermos irmãos, porque vos confesso que a dúvida que disso tenho me atormenta e é a causa principal de não me verdes.

Dizendo ela estas palavras, me vieram à memória as que te disse que me dissera o Conde quando me parti para África, e
118 esta lembrança me suspendeu um grande espaço sem lhe poder responder, o que passado lhe disse:

— A certeza que eu tenho é nacer nesta casa, criar-me convosco nela, ser tido do Conde e da Condessa, meus senhores, por filho, e como tal respeitado de seus criados e de todos os fidalgos e pessoas com que hei tratado, e sobretudo o grande amor que vos tenho, que, a não sermos irmãos, não podera ser tanto e ser eu vivo. Mas a dúvida que agora em vós vejo disto me trouxe à memória ũas palavras que o Conde me disse, quando dele me despedi indo para África, que augmentam a confusão em que as vossas me poseram, pelo que vos peço muito me não encubrais o que sabeis neste caso.

Ela me disse então:

— Haveis de saber, Florismonte, que sem saber o porquê (inda que já o sospeito) não mostrei nunca gosto deste casamento de Laurismeno, o que vendo a Condessa minha mãe, me perguntou um dia por que não me alegrava com o que a ela e ao Conde parecia bem, para meu contentamento e honra de sua casa. Ao que eu respondi com ficar no estremo triste e vergonhosa. O que sentindo ela muito, acrecentou ao que me tinha dito estas palavras:

— Lucélia, minha bem, vejo que vossa fermosura e o estado de vosso pai (cuja sucessão é vossa) vos fazem digna de um dos filhos del-Rei; mas porque, como sabeis, esta casa e o que pos-
118v sue Arcélio teve antiguamente um só dono de quem ele e vosso

pai procedem, não quer o Conde que vosso esposo seja de outro tronco diferente, por não desanejar o que possue de seu ilustre princípio; demais disto, bem sabeis vós a gentileza e nobres condições de Laurismeno, pois sua valentia é tanta que se estima donde a do nosso Florismonte admira o mundo.

Eu lhe respondi:

— Senhora, não vades mais por diante com palavras, que entendo são ditas por divertir-me e levar-me ao que vos parece que se faz contra meu gosto, sendo vivo meu irmão Florismonte, que Deus guarde mil anos; não vedes que é impertinente a razão que dais da sucessão dos estados do Conde, meu senhor, pois é sua e não minha, e ele merecedor de mores cousas?

Ela me tornou a dizer:

— Lucélia, a irmandade vossa e de Florismonte não vos tira o ser herdeira desta casa; a criação que nela teve e o amor que lhe temos o faz vosso irmão e não ser nosso filho.

— Pois como é possível —lhe disse eu— que o pai de um mancebo tão valeroso não o estime e o deixe viver na opinião fingida de o ser vosso?

E ela a mim:

— Por ora não queirais saber esse segredo, que, como for tempo, vos será manifesto, mas tratai-o daqui em diante como sabedora dele, escusando as facilidades passadas que o engano
119 em que vivíeis permitia, mas de modo que não entenda ele a causa, porque o Conde lha dirá quando convenha.

Estas palavras que a fermosa Lucélia me dizia me tinham tão suspenso e magoado, que não me foi possível responder-lhe; o que visto por ela, despois de me estar olhando com o divino rosto sossegado, me tornou a dizer:

— Esta é a causa, Florismonte, de não vos ver com a continuação e singeleza a que o imaginado parentesco me obrigava, o que agora já não pode ser; vós não sois meu irmão, nem eu sou minha, desengano em mi tão poderoso, que estimara que não podera a vida entregar-me ao sufrimento.

O acento desta última palavra se rematou num sospiro tão delicado e sentido, que isto e apartar-se ela de mi me deixaram tão sem ele, que caí em terra rebolcando-me com mortais vásquas por cima da verde erva, mas quando tornei à vida (que então me fora melhor perdê-la, se a glória que ali gozei não fora digna de maiores penas, se de mais é capaz algum coração hu-

mano) me achei com a cabeça no regaço de Lucélia, e o meu rosto banhado com lágrimas de seus olhos; milagre me pareceu não me matar ũa alegria tão apartada do pensamento e desigual do desejo. Quando eu (tornando em mi) me achei desta maneira, não sei dizer, nem é possível, o gosto extraordinário que senti,
119v e se agora por tal o tenho, não foi muito que então me faltassem palavras para agradecê-lo a Lucélia; mas ela que em meus olhos via os efeitos d'alma, que também, como eles, era sua, satisfeita de aquelas mostras de meu amor, porém envergonhada das que em si manifestara, apartando-me de si, se levantou procurando enxugar as lágrimas que em seu divino rosto as da Aurora escureciam, e tão fermosa, que julguei que fora o sumo bem da vida ter muitas que perder para cobrá-las por tão peregrino modo. Ela, que por ventura cuidava em meu duvidar que inda o passado acidente me afligia, me disse:

— Pesa-me, Florismonte, que tanto vos custasse o desengano do nosso imaginado parentesco, mas se verdadeiro é o amor que me declaram os efeitos que em vós vejo, não me tenhais por tão mal agradecida que o deixe sem galardão.

— Esse, senhora —lhe disse eu— não vos é possível, porque o amor não se satisfaz senão consigo mesmo, e devendo-o vós a quem há-de possuir-vos, não é justo que lhe falteis por me pagar a mi, o que de nenhum modo me deveis, porque o bem que possuo por querer-vos nem com tanto querer-vos satisfaço.

— Se a fortuna —disse ela— me chegar a ser possuída de outrem, bem sei que a razão me desobriga das obrigações de amor, mas eu espero que não me será ela tão contrária, que antes de chegar a este trance não chegue o da morte, porque eu
120 da vida não quero mais que querer-vos; comecei a tê-la amando-vos, e inda que de outro modo diferente, contudo assi se uniram amor e natureza, que poderei não ter vida, mas não deixar de amar-vos.

Considera tu, pastor discreto, qual estaria eu ouvindo a Lucélia tão amorosas razões. Em fim, com outras mal pronunciadas lhe respondi que a mercê que me fazia era inestimável, mas que o amor que lhe tinha me obrigava a olhar mais por sua honra que por minha própria vida, e que Laurismeno era um fidalgo de tantos merecimentos, que o Conde com prudência o tinha escolhido para seu esposo, mas eu a quem o Céu desamparara tanto, que não me fizera digno de conhecer por pai pessoa hu-

mana, não podia esperar o alto benefício de possuí-la, que assás de glória me era, e essa não merecia, viver amando-a em quanto me foi lícito fazê-lo, e despois de morrer por não chegar a ofendê-la, e em comprimento disto me ausentaria logo donde ninguém me visse eternamente. Mas isto não consentiu minha senhora; antes, renovando as lágrimas com eficaces palavras me mandou que o não fizesse, prometendo-me de não casar jamais senão comigo, que eu só por minha pessoa merecia mais que qualquer homem humano. Então me pus de giolhos, e, tomando-lhe as cristalinas
120v mãos, lhas beijei muitas vezes, e humilde lhe agradeci a mercê que me fazia, certeficando-a de novo que, quando não tivesse efeito por seu grande estado e minha pouca ventura, que cumpriria a palavra que lhe dera de ir acabar a vida donde ninguém me achasse com ela. E assi nos despedimos por não sermos achados naquele lugar. E em quanto ela se foi apartando dele cantei um soneto, que inda tenho na memória.

Marfido lhe disse que receberia gosto de o ouvir, pois, sendo seu, estava claro ser bom. Florismonte, por não no descontentar, e porque aquelas mágoas eram seu contentamento, lho disse desta maneira:

Porque vos apartais de mi chorando,
Ides nessa água esta alma desfazendo,
E em fogo amoroso convertendo
O coração mais puro sospirando.

Aqui o passado bem considerando
Em tantos males me deixais vivendo,
Que por instantes estarei morrendo
O que amor for a vida dilatando.

Um só piqueno alívio meu cuidado
Tem, que poder será descontentar-vos
De quem não é possível merecer-vos.

A vosso gosto estou sacrificado;
Querei a quem naceu para gozar-vos,
Que eu, Lucélia, naci para querer-vos.

121 Vinham já as donzelas de Lucélia em sua busca, o que foi parte para não se deter inda comigo, porque o que cantei acendeu amorosos efeitos em seu peito, e assi se foi com elas dando

lugar a que eu por outra parte fizesse o mesmo, sem ser visto. Aguns dias despois deste, chegou aquele em que Arcélio, Oricea e seu filho Laurismeno eram esperados do Conde, o qual, estando com a Condessa e Lucélia, esperava recado de sua vinda. Eu, que a ignorância de saber quem era me tinha sem sentido, e o amor que nenhum mal deixa sem esperança me animava, e dizia que naquele desengano consistia o remédio do dano que o tempo apressurava, trazendo a ocasião de minha morte, entrei adonde estavam, e, posto ante eles de giolhos, lhe disse:

— A obrigação em que sei que vos estou há poucos dias me anima a pedir-vos ũa mercê, porque os benefícios obrigam tanto aos generosos que os fazem como aos agradecidos que os recebem, e assi estou certo que não ma negareis.

Arismaldo me tomou pelas mãos por levantar-me, mas eu o não fiz; e me respondeu que lhe pedisse o que quisesse, confiado que nenhũa cousa minha deixava de ser mui fácil a seu desejo. Eu lhe disse então:

— Ilustríssimos senhores, tenho alcançado que não sou vosso filho, e ainda que a perda desta honra seja mui grande, a quem
121v pela grangear tem tantas vezes arriscado a vida, vos certefico que de novo vos deverei a conservação dela, se me não encubrirdes quem é meu pai, que, por humilde que seja, eu sei que é virtude e nobreza prezar-me dele, de mais que mor louvor merece quem com seus feitos se abona que quem falto deles reconta os de seus passados para honrar-se.

Arismaldo, espantado de minha demanda, me fez assentar junto a si afirmando-me que de outra maneira não me responderia. E então me disse:

— Filho Florismonte, pesa-me que peçais cousa em que me é impossível cumprir vosso desejo, tendo-o eu de todas fazer por vós. Eu não sei quem seja vosso pai; achei-vos (seguindo um veado no mais fragoso das montanhas de Montragil) mamando em os peitos de ũa loba que dormindo estava, e daquele lugar vos trouxe a esta casa, minino ao parecer de três anos; criei-vos nela com amor de verdadeiro filho; este vos terei em quanto a vida me durar; não vos aflijais por esta novidade, tão digna de admiração de vosso nacimento; antes tende confiança, que pelo estremo dele, e a providência com que Deus vos guardou, sois filho de nobres pais, e que haveis de ser ilustre e famosíssimo
122 no mundo, e já vossos feitos em tão tenra idade o têm mostrado.

A mi e à Condessa, em quanto outros não conhecerdes, tereis sempre por pais e verdadeiros amigos.

Com estas palavras me abraçou, derramando algũas lágrimas, o que a Condessa e Lucélia copiosamente faziam. Eu lhe respondi com elas, admirado de minha ventura, e pondo os olhos em Lucélia, dando um sospiro profundo, me saí do aposento. Não tardou muito que o Conde teve recado da vinda de Arcélio, Oricea e Laurismeno. Pôs-se logo a cavalo, acompanhado dos de sua casa e alguns fidalgos parentes e amigos que para aquele acto tinha prevenidos, e meia légoa da vila os foi encontrar, donde se receberam com muito gosto e amor. Laurismeno o mostrou com aparências verdadeiras de me ver, a que eu satisfiz com outras, valendo-me, para fingi-las, do esforço que a necessidade recolhia ao coração, que ele o não tinha. Assi chegámos às nobres casas do Conde, donde Oricea quis ser apeada em meus braços, e levando-a pela mão à sala donde a esperavam Florenda e Lucélia, e como entre elas havia muita amizade, além do novo parentesco que a confirmava e excedia, detiveram-se em amorosos abraços e comprimentos, o que deu lugar para que o tivesse de dizer (a quem de mi os olhos não partia, com sembrante ao parecer magoado e pouco alegre) estas palavras:

— Senhora Lucélia, gozai-vos felices anos com aquele que o
122v Céu destinou para merecer o bem de vossa companhia, e lembrai-vos (se não receberdes pena) de quem ausente dela vai acabar a vida, porque sem vós não lhe fica outro bem senão perdê-la.

E trás estas razões tão mal pronunciadas quanto bem sentidas, me saí da sala, o que pude fazer sem dar que notar, nem ainda que ver, pela muita gente de que estava acupada, e o alvoroço e festa que em todos havia; e do modo que me achei a pé e sem companhia (porque as tribulações de meu triste coração de mi próprio, se eu o merecera, me apartaram, mas ũa grande dor mata mui devagar a quem naceu sem ventura) me saí da vila, e com muita pressa não parei té chegar a ũa espessura mui cerrada de arvoredos; ali, com meus gemidos tristes e espantosos, afugentei as aves que entre os frondosos ramos repousavam, e acordei os silvestres animais a quem o lamentável tono suspendia. Assi estive dous dias convertendo em sospiros o coração, e alma em lágrimas, no fim dos quais fui achado dos muitos que me buscavam, e levado à Condessa em estado que não sei dizer o modo, e mediante ũa tropa de remédios tornei em meu

acordo, e me vi rodeado do Conde Arismaldo e da Condessa, de meus pais, de Laurismeno e outros muitos, que com palavras
123 amorosas me animaram, estranhando em mi aqueles efeitos de desesperação que as mais vezes procedem de fraqueza. Oricea, que a Arcélio tinha ouvido o como o Conde me achara, e trazia no pensamento ser o filho que perdera, chegou-se a mi, e curiosamente me olhou os peitos adonde me aplicavam alguns remédios, entendendo que meu mal do coração procedia, e neles viu o sinal com que nacera, que ela tinha tão presente na memória, que em o vendo, como desatinada, e fora de seu bom entendimento, se abraçou comigo, dizendo em altas vozes:

— Este é o meu filho, cuja perda lastimosa não consentiu té'gora que podesse ter gosto em que a triste lembrança mo não representasse com mor mágoa.

E com isto derramava tantas lágrimas sobre meu rosto, que os circunstantes estavam admirados e eu suspenso. Mas, passado aquele ímpeto e furor (que nũa alegria não esperada parece que desocupavam o coração para lhe darem lugar) disse, pondo os olhos em seu esposo Arcélio:

— Este é sem falta, senhor, o vosso achado e o meu perdido e tão chorado filho.

E tendo a todos mudos e suspensos, contou o que de meu nacimento me tens ouvido, que aos circunstantes foi de grande admiração, mas de mor contentamento, porque o amor que me tinham se augmentava conhecendo-me.

Eu, inda que vi o raro benefício que o Céu me fazia,
123v dando-me pais tão nobres e virtuosos, e que era ocasião aquela em que devia alegrar-me, considerando que ali faltava Lucélia, que era minha alegria, e Laurismeno, que, sendo seu esposo, era cousa chegada a razão estarem-se gozando, não podia alegrar--me nem deixar de mostrar a grave dor de aquela imaginação. E, estando as cousas nestes termos, entraram alguns criados do Conde e de Arcélio, que disseram que não acharam Lucélia, nem novas algũas dela, e que Laurismeno viera com eles té entrar na vila, donde, sabendo que Lucélia não era achada, se partira com muita tristeza, rogando-lhe dissessem ao Conde e a Arcélio que lhe perdoassem, que não ousava vê-los sem Lucélia. Ouvindo eu cousa tão estranha, e fora de meu pensamento, cobrei ânimo e juízo e distintamente pude saber o que passava, sendo informado do caso; o qual é que, como eu fui achado menos aquela noite

que saí da sala, houve algũa alteração em aqueles senhores, e mandaram se fizesse diligência por me acharem; mas Lucélia, que só era sabedora de meus intentos, vendo que o cuidado que todos tinham de minha ausência suspendia suas vodas com Laurismeno, esperou indeterminada aquela noite, e o outro dia, no qual termo não sendo eu achado, se assentou que o casamento se efeituasse, o que visto por ela, fingindo recolher-se a seu aposento
124 para se ataviar, como o acto requeria, se vestiu em um vestido de alguns que ali estavam, com que, eu sendo mais moço, continuava o exercício da caça, e foi-se ao jardim, e dele ao campo e se escondeu e ausentou com tal resguardo, que nunca foi achada, por mais cuidado que aqueles senhores, seus amigos e criados poseram em buscá-la. Considera agora o que eu sentiria neste passo, vendo que Lucélia, tão moça e tão fermosa e de mi tão amada, era perdida, e, levando em si tudo aquilo que pode render o mundo, se oferecia às insolências com que da malícia humana são perseguidos sujeitos semelhantes. Este meu cuidado, sem poder encubri-lo, foi manifesto de modo àqueles que, vendo meu sentimento e a ausência de Lucélia, estavam tão entrados nele, que, fazendo-me o Conde Arismaldo algũas perguntas ao propósito, nem eu soube negar-lhas nem ele e os mais deixar de entender que se amavam Lucélia e Florismonte; pelo que, conformando-se com o que com evidência mostrava ser disposição divina, me disseram que me animasse, porque sem falta seria Lucélia minha esposa, e de novo se augmentava a diligência de ser achada, prometendo grandes cousas a quem a descubrisse. Mas, sendo todas de nenhum efeito, e menos a mi sem ela querer possuir a vida, me parti ũa madrugada deixando escrita ũa carta a meu pai Arcélio e ao Conde, pedindo-lhe não intentas-
124v sem estorvar minha partida, pois era cousa justa não me verem sem Lucélia. Assi me saí de aquela casa donde faltava o bem de meu desejo. E seguindo a quem mo levava andei muitas terras, passei por muitos trances e trabalhos, dos quais direi alguns, e o lastimoso fim deles, que o podera ser de muitas vidas, mas como o perder ũa seja o termo e descanso de mui grandes males, não quer minha sorte que o alcance, e assi estarei morrendo aquele tempo que durar a vida. Mas agora deixemos o que fica por dizer, para passar da noite algũa parte, que bem sabes que para os tristes que nela repousam no leito da memória são as noites mui largas e penosas; daremos em tanto algum alívio ao

corpo que sustento, porque agasalha ũa alma que é hóspede amoroso de meus males. E se a caça te dá gosto, vamos buscar um veado em quanto dura o dia, cuja velocidade alguns o tem livrado de meus tiros.

Marfido lhe respondeu que o acompanharia, porque também era afeiçoado ao exercício da caça. Assi se meteram pelo mato, levando Florismonte o seu Malhado, e despois de andarem por aquela espessura um bom espaço, chegaram a um campo que desocupado dela acompanhavam algũas azinheiras, e ali ao pé de
125 ũa mandou Florismonte a Marfido que esperasse com bom ânimo, que ele se partia a descubrir o veado. O pastor o fez assi, e com o alvoroço que tinha de ver o veado não sentia a falta do tempo, e a de ver Florismonte, té que a vinda da noite o fez desconfiar de tudo, e não atinar com a estância donde Florismonte habitava. Então lhe começou a bradar metendo-se pelo mato pouco e pouco, escutando a cada passo se lhe respondia; mas aqui nos convém deixá-lo por dizer o que a Florismonte aconteceu. O qual, não achando o veado donde imaginava que o tinha seguro, o buscou por todo aquele destrito, té que, vendo presente a noite, desgostoso do mau sucesso, se foi para donde lhe pareceu que Marfido o esperava, mas era a noite tão escura, que totalmente desconheceu o lugar donde se achava. E assim, parecendo-lhe caminhar à sua morada, cansado do fragoso caminho que seguia, veio achar-se entre um arvoredo, por entre o qual corria ũa ribeira tão sossegadamente, que por seu curso apenas se divisara, se os raios da lua, a esta hora bordando-a de prata, a não mostraram. Queria Florismonte ao longo dela repousar o que da noite restava, quando ouviu ũa voz delicada, que entre muitos sospiros parecia envolver algũas palavras sentidas e dilatadas; pelo que Florismonte, todo sobressaltado com
125v o tono da voz, que logo conheceu ser de molher, se levantou e com quietação, por não romper o silêncio em que se imaginava quem com a muda noite conversava, se foi andando para a parte donde a triste voz o encaminhava, té que destintamente podera dar razão do que dizia, mas a este tempo deixou de falar, chorando de maneira que o ímpetu dos saluços interrompia as palavras; e como em um coração vencido da tristeza se achem vários efeitos num instante, a afligida moça, despois que lastimou aquelas criaturas insensíveis, que mostravam escutá-la, soltou a voz tão concertada com sua natural suavidade, que nela

acharam que imitar os músicos mais famosos, cantando estas endechas, que Florismonte escutava admirado e suspendido:

Minha desventura
E minha tristeza
Naceram comigo;
Melhor não nacera.

Num dia que o sol
Ao céu fez enveja
De luz matizando
Campos e florestas;

Quando enriquecidos
Os tinha Amaltea
Liberal sameando
Fructos e beleza;

Chorando nasci,
Não por natureza,
Mas por força oculta
Da futura pena.

E inda em tal sujeito
Não mostrando o que era
126 Quis manifestar-se
Na desgraça alhea.

Morreu minha mãe;
De dor não morrera,
Mas porque tal filha
Ficasse sem ela.

Então logo o Céu
Vestiu nuves negras,
Que causando espanto
Anunciam tormenta.

Vestiu-se de sombras
O ar sobre a terra,
Bramavam as ágoas
Cos ventos em guerra.

Receava o mundo
Em tanta violência
Deceram sobre ele
As próprias estrelas.

Saiu de sua gruta
A noite a grão pressa
Cuidando que o dia
Lhe usurpava as trevas.

Nenhum dos presentes
Há que ali me veja,
Porque minha vista
O choro acrecenta.

Criou-me ũa tia,
Não por gosto e festa,
Nem por piedade;
Obrigação era.

Não há ocasião
Adonde me tenha,
Que lágrimas tristes
Sobre mi não verta.

Assi que criada
Em tanta miséria,
Vim despois a ser
A desgraça mesma.

Admirado Florismonte da boa voz da pastora, e mais afeiçoado à tristeza que com ela declarava, foi andando para o lu-

gar donde estava. Ela se levantou com muito sobressalto e temor, o que, entendido de Florismonte, lhe disse:

126v — Não temas, discreta e lastimada pastora, que donde este arvoredo, estas águas, os ventos e animais tens tão promptos, como amigo o silêncio da noite que te escuta, não pode haver quem te ofenda; antes terás em mi quem procure o remédio do que tanto sentes, inda que aventure a vida.

A pastora que, em quanto isto dizia, o esteve olhando tão espantada da estranheza de seu hábito, como de sua gentil disposição, lhe respondeu:

— Estou tão afeita a padecer desgraças e sentir tristezas, que nenhũa me pode suceder que augmente o que padeço ou aniquile o que sofro. E assi de não esperar nenhum bem, resulta que não temo nenhum mal.

— Bem sei —disse Florismonte— que quem tem perdido o gosto, assi como não deseja nada teme, mas não entendi nunca que houvesse na vida quem chegasse a este estremo senão eu, donde a fortuna fez depósito dos desconcertos de sua impiedade e tirania.

— Nossas cousas —respondeu a pastora— sempre as julgamos mais pelo que delas sentimos que pelo que em si são, e assi sempre desconhecemos e em menos reputamos as alheas; e se eu tanto podera com meu sentimento, e tu com teu gosto que eu dissera, e tu escutaras a causa de meu tormento, ficaras conhecendo que a razão com que me queixo não admite comparação.

127 — Eu te confesso —disse Florismonte— que as misérias da vida humana são tão profundas, que não há vadeá-las, e não é a menor entender cada qual que o mais padece; pelo que te rogo, honesta e gentil pastora, que pois a tal hora e em lugar tão apartado pude achar-te, me faças digno de saber teus sucessos, certa em que não haverá cousa que por teu gosto não faça, e que concedes este a quem só de cousas mui tristes se contenta.

A pastora lhe disse:

— Sentemo-nos, que essa última razão me obriga a tudo o que me pedes, quanto mais que a não tivera eu, se a vontade tão desinteressada quisera vender caro o que me pede.

Com estas palavras se sentaram sobre a verde erva, e estando Florismonte mui atento, a pastora falou desta maneira:

— Hás-de saber, virtuoso e cortês mancebo, que eu me chamo Doricea; naci nas ribeiras do Rio Caia, junto de donde rega os

campos fertilíssimos, destrito de ũa povoação a quem (como se deles recebera o nome) chamamos Campo Maior; é meu pai um rico maioral chamado Leardo; foi casado com minha mãe inda menos de um ano, porque antes de ser comprido naci dela, e ela tão mal lograda, como rica e fermosa, antes do tempo pagou à morte a obrigação que lhe tinha, e à vida dando em mi outra
127v ao mundo. Ũa irmã de minha mãe me tirou logo de casa de meu pai, e me criou do leite de ũa filha que já tinha dous anos, chamada Laurena. Meu pai Leardo (como mancebo esquecido do amor que tevera a minha mãe) casou-se com outra pastora, de quem teve filhos, em cuja afeição mostrava descuidar-se de mi, e assi me fui criando em casa de minha tia, na companhia de Laurena; fez-se o amor tão familiar de nossa conversação, que fora dela tudo nos era molesto; juntas repastávamos nossas ovelhas, e em quanto estavam pela calma no rodeo, nos entretínhamos cantando, colhendo flores, e conversando em cousas que a vontade só a nosso prazer encaminhava. Muitos pastores desejavam servir-nos porque na verdade Laurena é mui fermosa, e por estremo avisada, mas nós de tudo zombávamos, divertidas nos gostos de nossa companhia. Mas injuriado amor do desprezo que em nossa presumpção se lhe fazia, e enfadada a fortuna de nossa confiança, ordenaram contra nós conjurados a ruina de nossos passatempos. Fazia-se no mês de Abril nas ribeiras do mesmo Caia (três légoas acima do nosso lugar donde ele corre à vista de outra povoação não menos nobre) ũa celebrada festa, intitulada dos Prazeres, donde se juntam das vizinhas aldeas e de outras apartadas grande multidão de gente. Minha tia (a quem seu marido concedia qualquer honesta vontade) nos levou a to-
128 das com tanto alvoroço nosso, quanto é natural termo-lo de ver novidades e de ser vistas. Chegámos àquele santo lugar, donde se descubriam por amplíssimo espaço aqueles campos. Não me quero deter contando a solenidade da festa, porque te certefico que tão ocupados tinha os olhos e o pensamento no que via, que para tudo o mais era insensível. E a causa foi que, entre muitos pastores que ali se achavam estava Arindélio (pastor de aquelas ribeiras), tão adornado de gentileza e louváveis costumes, que entre todos se sinalava com ventage tão conhecida, que a própria enveja a confessava. Pus eu os olhos nele, e inda que descuidados não foi esta vista acaso, porque nos efeitos dela concorreram as causas eficazes de meus danos. Ele, que já os seus

em mi tinha, donde amor me mostrava um não sei quê nacido neles, que sem por quê me matava, dando-me vida não sei de que maneira, vendo que com atenção olhava o seu dançar e ouvia o seu suave canto, ficou no estremo contente, porque desde aquela hora depositou em minha vista todo seu contentamento. Era Arindélio parente do marido de minha tia, e por esta razão, acompanhado de muitos que o eram seus, ricos de rebanhos e possessões naquelas partes, nos festejou dous dias que ali estive-
128v mos. E inda que a disposição do tempo não desse lugar a que fora de aquelas alegrias públicas houvesse cousa secreta, com tudo amor que, carecendo de olhos, costuma mostrar-se neles, se declarava nos nossos, de maneira que em ũa breve ocasião que se ofereceu, se atreveu a língoa a publicar algũa cousa de aquele doce modo em que a alma se descubria. Estávamos com Arindélio Laurena e eu, poucas horas antes de nossa partida, e como te disse (porque ela estava presente) procuravam os olhos mostrar na magoada vista os sobressaltos de nossos corações, que por eles e por alguns sospiros queriam sair dos peitos, quando Laurena, a quem o amor (que também tinha a Arindélio) manifestava nossos pensamentos, de indústria se apartou de nós. E Arindélio, vendo o que desejava, com palavras apenas pronunciadas me disse:

— Discreta e fermosa Doricea, pois o és tanto, fácil cousa será (se minha ventura o não impede) que conheças o muito que te amo, porque estas duas cousas que em ti com tanto estremo se conhecem, e tanto obrigam a fazer-te amada, testemunham por mi o que temeroso não acerto a declarar-te. Admite, pois, pastora, meus cuidados, segura que para de todo me fazerem teu, não falta mais que teu gosto, no qual pôs a ventura minha vida.

Eu, que no discurso da minha não tive cousa que maior mo
129 desse, que ver o sentimento com que estas palavras se diziam (inda que o mostrá-lo reprimia a vergonha que comigo escutava a novidade do caso), lhe disse:

— Arindélio, hei visto tanta fermosura nas pastoras desta terra, e em ti tão poucas mostras de amar algũa delas, que estou corrida de te ouvir essas palavras, porque certa de que em mi não podes ver a gentileza que há nelas, venho a imaginar que teus intentos se fundam na liviandade que em mi consideras, e nelas não enxergaste, o que, se assi é, te certefico que vives enganado, pelo que, se galanteas, considera que te entendo, e se não, não descubras verdades donde não são cridas.

Estas palavras foram ditas com algũa aspereza e sentidas dele de maneira que, receosa eu (que se amor em seus princípios não acha desocupado o caminho da esperança se retira, e procura outro modo de entreter-se), queria dizer-lhe outras mais acomodadas a seu desejo e a meu receo; mas nisto chegou Laurena, certa de sua sospeita, mas não desesperada de sua pertensão, como adiante entenderás. Tinha ela tanto de indústria e malícia natural, como de amor, desde que viu Arindélio; e assi, inda que viu que ele e eu vivíamos de querer-nos, não desesperou de seu remédio, antes em nossa afeição fundou a satisfação da sua. Pelo
129v que logo ali se animou a conseguir seu intento, que as molheres não consideramos muito e facilmente nos determinamos. Deu-se por entendida de nossa afeição e mostrou ser dela mui contente; repreendeu minha aspereza; disse-me que era minha vergonha impertinência, pois nos merecimentos de aquele pastor grangeava tudo o de que podia contentar-me. E como eu muda estivesse (inda que alegre de suas palavras, bem descuidada do engano que disfarçavam, porque, de mais de ser tão peregrino, tinha Laurena por amante um pastor da nossa aldea) falou também a Arindélio animando-o em suas desconfianças, e que nos fosse a ver muitas vezes, o que ele prometeu com verdadeiras mostras, a ela de agradecido, e a mi de namorado. Em tanto chegou a hora de nossa partida. Saímos da aldea acompanhados de Arindélio, de seus parentes e de algũas pastoras que já nos conheciam por amigas, mas, como é certo que os que de verdade amam, na partida não podem falar nem deixar de chorar, meus olhos os espaços que deixavam de ver os de Arindélio me cubriam de lágrimas o rosto, que eu fingia serem de saudades das pastoras de quem nos apartávamos; mas Arindélio (que magoado de vê-las estimava entender ser ele a causa), por ter ocasião de me poder
130 mostrar o que sentia, rogou a Fileno que algũa cousa cantasse em quanto chegavam ao limite de seu termo, té donde haviam de acompanhar-nos. Ele, que o fazia com graça natural, cantou um soneto cujo sentido ali não se alcançou, porque este pastor era precatado em seus amores, o secreto deles a ninguém o revelava, e porque o soneto me contentou quero dizê-lo:

Aquele falso gosto que me inspira
Amor tão cego em mi para meu dano,
Chego e à vista do rosto soberano,
O desejo admirado se retira.

A vontade de si própria se admira,
Tem tanto bem os olhos por engano,
Muda está a língua, e vendo o desengano,
O coração rompendo-se sospira.

Não posso sossegar o pensamento,
Em mil contradições arrebatado,
(miséria procurada e conhecida);

Ai impossível de meu doudo intento,
Suspende as asas que é vaidade o fado,
Mas tais os gostos são de aquesta vida!

Arindélio, acabando de cantar Fileno, em tono triste e grave, cantou este soneto:

130v Fermosos olhos cuja luz divina
De lágrimas piedosas eclipsada,
Parece o sol que nuve congelada
Desfaz, oposta, em água cristalina.

Se cobrem mãos, e velo a peregrina
Fermosura de perlas matizada,
Por que enxutos vejais representada
A tragédia nos meus que Amor me ensina.

Não deis causa com ver luzeiros puros;
Outro objecto se forme no sentido
Que este em que Amor co a vida está matando,

Que se vivo, de mi sede seguros,
Que vos sigo em sospiros convertido,
E que ficais nos meus sempre chorando.

Assi chegámos ao lugar donde Arindélio, obrigado das importunações do marido de minha tia, que todos seus excessos atribuía aos comprimentos de sua amizade, se despediu de nós com palavras e lágrimas nos olhos, que quem se aparta do que muito ama, entrega a alma às lembranças que lhe leva, e a vida às saudades que lhe deixa, e em tais estremos o sentimento mudo se

declara, e eu te certefico que não ficava atrás nestes afectos que do amor de Arindélio te declaro, porque o amava com aquela
131 singeleza que soe acompanhar o amor primeiro. Mas, a pesar das tristezas e soidades que ausente dele sentia, e da feminil fraqueza que de ordinário tem por alívio descubrir o que padece, nunca me declarei com Laurena, nem em sua presença fiou o coração seus pensamentos das palavras, nem ainda dos sospiros, não porque desconfiasse de sua amizade, mas porque me temia da infidelidade de Arindélio, que as promessas dos homens nestas matérias de amor é a cousa a que menos crédito se deve e que, porque lho damos, nos faz no mundo exemplo de liviandades, como também conhecidas por prudentes as que de suas lisonjas nos livramos, assi que o crédito das molheres consiste em não o darem aos homens. Mas no fim de alguns dias que a Arindélio, a Laurena e a mim pareceram mui compridos, veio ele ao nosso lugar, e a pouca distância dele encontrou a Laurena com o rebanho de quem eu pouco antes me apartara, por trazer a ele alguns retouçadores borreguinhos que se haviam desmandado. Saudou-a o pastor; teve seus comprimentos, e despois com algum desassossego nas palavras lhe perguntou por mi estranhando não me achar ali com ela. Laurena então quis provar a ventura, dando um combate à firmeza de Arindélio com os tiros de minha presumpção. E disse-lhe:

131v — Amigo Arindélio, pesa-me do mau emprego que fizeste, tendo em retorno de cousa tão preciosa, como é a liberdade, o desprezo e esquivanças que eu sei que é o com que minha prima Doricea paga a bondade que em teus desejos conheço.

O pastor, com a alteração que podes imaginar, lhe respondeu:

— Quem não espera bens e vive regulado com o que conhece em seu merecimento não teme trabalhos nem revezes da fortuna; eu sei que Doricea, por sua honestidade e fermosura, merece e deve ser amada; certo nesta verdade, me satisfaço de minha fé e firmeza, que, como são devidas ao que nela contemplo, não a culpo pelo que me nega, nem sei desejar mais que só querê-la.

— Bem exercitas o ofício de namorado —lhe tornou Laurena—, que tem por um de seus preceitos viver mais em quem ama que em si mesmo, mas também entendo, e por isso me admiro de teu bom juizo, que quem ama quem não lhe corresponde ama seu próprio mal, suas lágrimas e sua própria morte. Pelo que considero que a maior miséria de um coração humano é a

constância de amor a quem o aborrece. Portanto, Arindélio, ama a quem te ame; sabe o incomparável gosto que é amar ũa alma em parte donde as cousas de seu gosto a seu próprio desejo se
132 antecipam, e se inda não experimentaste um bem tão grande, eu me ofereço (se nisto por meu gosto te guiares) de te dar um sojeito tão digno de se amar como Doricea, e que te ame inda com mais estremo do que quiseras ser amado dela.

— Basta, Laurena —disse o pastor—; não faças mais cumprido esse discurso, que gastas o tempo na cousa mais escusada que podera achar-se nele: eu amo a Doricea de maneira que, inda que quisera não amá-la, não podera, e se podera não quisera, porque em fé do muito que merece ser querida é tão senhora de meus sentidos e potências, que se algum deles contra ela se rebelasse, todos os mais o reduziram a seu principal intento; porque te certefico que não há em mí cousa que não estê à disposição de sua vontade, ou do que eu imagino que se conforma com ela, e assi desprezado, como tu me certeficas, não endoudeço ou deixo de viver, porque tão ajustado está a seu alvedrio meu desejo, que um mesmo ânimo tenho para o bem e para o mal, que, vindo de sua mão, não lhe acha diferença o sentimento.

Pouco despois destas e outras palavras, cheguei com os cordeiros que fui buscar, e vendo a Arindélio recebi aquele sobressalto de alegria que é ordinário em quem sem esperá-lo vê o que muito deseja, mas, encubrindo-a (que a dissimulação e fingimento nos é cousa natural), cheguei a eles, dei os parabéns de sua vinda
132v ao pastor, e respondi a suas palavras com o mesmo recato que até li fizera, o que nele acrecentava a pena e o desejo. Assi passou algum tempo, o qual gastou Arindélio em seguir o caminho da sua à nossa aldea, sendo aquela continuação (junto com o que de seu amor, e bons intentos conhecia) parte para que já aceitasse seus serviços e me fosse declarando por afeiçoada a eles. Mas em tanto meu pai, que desejava ver-me casada, e assi fora de cuidados, tratou meu casamento com Lisbeo, pastor honrado e rico e o mesmo que pouco há te disse fora amador de Laurena, que agravado de sua súbita mudança o procurou. Quando o eu soube, foi tão grande a minha dor, que a mostrei mais do que a meu bom nome e reputação convinha, e de tal maneira acordou esta contradição a afeição de Arindélio, que em meus sentidos como adormecida estava, que o coração não me cabia nos peitos e, assi desfeito em lágrimas e sospiros, procurava sair

deles. Laurena me perguntou a causa que, inda que a não ignorava, eu lha encubria, e ela, cruel comigo, e só consigo piedosa, consolando-me com falsas palavras, determinou (abrasada no cego amor que de todos encubria) efeituar seu desejo à custa do meu,
133 da vida de Lisbeo, do gosto de Arindélio, da honra de seus pais e seus parentes. Arindélio, que residia mais em nossos campos que nos em que seu gado apacentava, veio nesta ocasião a eles, e achou-nos tendo a festa a Laurena e a mi com outras pastoras junto a ũa fonte cercada de arvoredo. E chegou a tempo que eu, obrigada das lembranças de algũas cousas com ele passadas, que o receio do mal que esperava me encarecia por gostos muito grandes, cantava esta cantiga:

Deixai-me, tristes lembranças,
Que consiste meu tormento
Em vosso contentamento.

VOLTA

Para ver se me deixais,
Lembranças, vos chamo tristes,
Porque se gostos tratais,
E por alegre me vistes,
Por triste não me vejais.

E se em vossa companhia
Minhas tristezas aumento,
Cansa-me vossa porfia,
Porque trata de alegria,
Inda que seja tormento.

Está com meu mal unido
Tanto todo meu desejo
133v Para o gosto tão perdido,
Que cego quando em vós vejo
Um bem tão mal esquecido.

O falso e breve prazer
É princípio e fundamento
De infinito padecer.
Vós vindes a entristecer,
Não tragais contentamento.

Ouviu Arindélio o que cantei, e viu algũas lágrimas que o acompanhavam, que tiveram poder de o deixar admirado. Laurena se foi a ele, aproveitando-se do privilégio que o parentesco lhe concedia, inda que à vezes acontece tê-lo para grandes males, e em breves palavras lhe contou o que sabia de meu casamento, e que eu estava mui perto de morrer de pesar, porque o amor que lhe tinha me oferecia à morte e me apartava da vontade de meu pai. Ficou com estas novas Arindélio tristíssimo e cheio de confusão. E eu cheguei a eles, porque as mais pastoras se foram ao gado, por ser já hora de o levar ao pasto, e tanto não pôde acabar a vergonha, e presumpção costumada, que a seu pesar o amor e a mágoa do que perdia não trouxesse mais depressa aos olhos as lágrimas que a cortesia as palavras à lín-
134 gua. Arindélio me respondeu com as mesmas; assi que nossa pena publicou o amor que eu encubria. Algũas palavras houve então entre nós mui significativas do que sentíamos, e do bem que nos queríamos (que deixo à tua consideração), entre as quais Laurena, que não queria arriscar a pretensão a que sua deslealdade a animava, disse a Arindélio que, se eu quisesse fiar o remédio de aquelas dificuldades de seu conselho, que ela se oferecia a evitar o desenho de meu pai e o desejo de Lisbeo; eu lhe disse que tudo o que ela fizesse naquele caso teria por remédio de ũa vida que naquela esperança consistia. Ela, afirmando a promessa que fizera, nos fez despedir, porque, estando eu já na opinião desposada, não era honesta aquela conversação, prometendo a Arindélio ver-se com ele e dar-lhe aviso do que havia de fazer. Em fim, esta desumana e cruelíssima pastora, fazendo-me a mi crer que Arindélio tinha por cousa fácil acabar com Lisbeo deixasse a pretensão de meu casamento e contentar-se com o primeiro de Laurena, que por que eu gozasse o meu pastor queria ela torná-lo a sua graça, me entreteve alguns dias, nos quais teve lugar de tratar com Arindélio, vendo-o disposto a qualquer perigo por impedir meu casamento, que esperasse o descuidado Lisbeo, quando viesse a receber-me, em um caminho, pelo qual de força havia de passar, e nele o deixasse morto, e logo viesse a casa de meu pai, porque eu queria sair-me dela com ele, e segui-lo
134v donde quisesse levar-me, pois não havia outro meio de poder conseguir nossos desejos. Arindélio, que (considerando o que sentiria vendo-me casada) desestimava todos os perigos, disse que assi o faria, e rogou a Laurena me animasse para que estivesse

firme naquele propósito e prevenida, a noite que o duro caso havia de acontecer, para que, quando chegasse, não houvesse tardança na partida, pois de ela podia resultar o dano de ambos. Em fim, Laurena, com sua malícia e nunca imaginado atrevimento, e o enganado Arindélio, com seu desejo, o negociaram de maneira que ele falando a Aronte, um robusto pastor seu grande amigo, homem que facilmente se dispunha a qualquer feito violento, a noite de um triste dia que sinalado estava entre meu pai e Lisbeo, para se celebrarem nossas vodas, vindo o triste pastor de alguns amigos seus acompanhado, vestidos de festa e descuidados de qualquer perigo, saiu a eles o enganado Arindélio com Aronte, e conhecendo a Lisbeo de improviso o acometeram e, ferido mortalmente, caiu de ũa égua em que vinha, de tal modo que eles o julgaram por sem vida, e com a mesma pressa se meteram pela espessura, não sendo detidos dos que o acompanhavam, que, como todos vinham a cavalo, não poderam romper pelo mato, em modo que aos dous companheiros não fosse fácil
135 apartar-se deles, e de aquele destrito, com tanto cuidado que pouco despois da execução desta crueldade chegaram às casas de minha tia, donde a fementida Laurena o esperava com tanta vigilância, que num instante, abrindo a porta de um quintal que nelas há, saiu vestida num vestido meu, que despois de dormida me tomou. Arindélio, que a seu parecer tinha presente a sem-ventura Doricea, por cuja companhia desestimava os perigos e males a que tão claramente se oferecia, não se detendo em cousa algũa, pelo que receava a brevidade com que a nova do sucesso de Lisbeo chegaria, se foi com ela por desusada via tão venturosamente, que nunca mais se soube dele nem de Laurena cousa algũa. Lisbeo foi trazido dos que o acompanhavam à aldea, e em casa de meu pai curado com muita diligência. Mas a que ele pôs em serem achados os que tal feito fizeram não há significar-se; porque, acompanhado de todos os da aldea, andou tudo o que restava da noite, atravessando caminhos, bosques e campos, mas em vão; antes deu mais lugar para que a falsa Laurena saisse com seu intento; porque, como meu pai e os que o seguiam fossem com o pensamento naquela parte donde sabiam se embrenharam os que feriram Lisbeo, e Arindélio com o fingido tesouro que roubara caminhava por outro mui diferente, foi causa de não
135v serem achados, e de meu pai tornar ao outro dia cansado e desgostoso. Mas quando a falta de Laurena se manifestou, foi

cousa que deu que falar aos moradores do Caia e que chorar a minha tia e a seu marido, que outro filho não tinham: a Fama voa e por mil bocas se publica; pouco despois disto se soube a ausência de Arindélio, pelo que foi provável que ele fora a causa do desconcerto da pastora, que a continuação com que aqueles dias se trataram foi notada de todos. O que eu senti estes sucessos deixo a tua consideração, e a dor de me ver enganada de aquela que pelo parentesco e criação amava como verdadeira irmã, e esquecida e mal pagada de um pastor tão querido de mi, que por seu amor elegia antes a morte que a vida que meu pai me procurava, e com estas memórias serem de força imensa em meu cuidado, não podia acabar comigo a vingança de meus agravos, sentindo mais que eles mesmos ver que em tendo Lisbeo saúde me casariam com ele. Nesta confusão andava engolfado o meu débil entendimento, quando ũa tarde, deixando as ovelhas na malhada, e recolhendo-me para a aldea, me saiu Aronte ao caminho, o qual, como eu o conhecesse por amigo de Arindélio, toda me traspassei de mágoa e de tristeza; ele, despois de me saudar, me disse:

— Doricea, venho a declarar-te ũa verdade, que, além de o
136 ser, está nela o crédito do mor amigo que tenho; e pode ser que também esté teu gosto, se no estado em que te vejo to pode dar cousa algũa. E, após estas palavras, me disse o que me tens ouvido do engano de Laurena, certeficando-me que pelo que sabia do muito que me amava Arindélio receava que a vida que Laurena intentou perdesse Lisbeo tivesse ela perdida a mãos do mesmo pastor: e que assi isto, como entender que Lisbeo ficava morto, seria parte de mais não tornar ao Caia.

Admirada do que Aronte me disse, me apartei dele com muitas lágrimas, mas considerando o caso me vim a persuadir que Arindélio estava livre da culpa que contra ele imaginava; trás isto desejava vingar-me de Laurena, e logo temia ver-me possuída de Lisbeo; e impossibilitada de ver o fim destes sucessos, pelo que, dando de mão a um tropel de honrosas contradições, me saí de casa de meu pai haverá pouco mais de um mês, mas como ando por donde a ventura me leva, claro está que, sendo a minha má, não poderei achar o que desejo.

Espantado ficou Florismonte da história de Doricea e magoado de suas desgraças, e porque ela com muitas lágrimas rematava o discurso delas, lhe disse;

— Fermosa pastora Doricea, nos bens da ventura nenhũa
136v cousa há mais certa que a mudança; se consideras isto, terás alívio

em teus males, e não te envergonharás dos desconcertos a que te chegou o sentimento deles, se também consideras que o amor há sido a primeira causa, o qual é mestre único de atrevimentos e confianças, desvaria como minino, caduca como velho, e erra como cego; vence todas as cousas e a livre vontade, de maneira que, rendendo-a com ũa aparência de gosto, com mil males e agravos se não pode livrar dele. Consola-te com o infinito número dos sujeitos a este universal tirano, que é o remédio dos tristes; tem paciência em tuas misérias, que os efeitos do amor, inda que lastimam, nunca matam, porque só a alma imortal é digna deles; ela só ama e é digna de ser amada, donde vem que as obras dos amantes parecem impossíveis aos que não o sendo regulam os sucessos pela fraqueza do corpo. Pelo que não te aflijas, discreta pastora, que outros exemplos mais levantados disculpam, e quasi se estão rindo do que choras; e tem confiança que um amor tão bem fundado como o do teu Arindélio não poderá ter defeito pelo desvariado e cego atrevimento de Laurena, antes por esta causa será mais firme e ela mais aborrecida.

A este tempo já o sol do cume dos altos montes derramava sobre os vales sua luz desfeita em pedaços de ouro. Enxugou Do-
137 ricea as lágrimas e Florismonte, reconhecendo o lugar adonde estavam, foi com ela té sairem da espessura a um fermoso campo donde divisaram alguns rebanhos, que, já saindo dos currais, se espalhavam por ele com balidos saudosos. Aqui lhe disse Florismonte lhe era forçado tornar a entrar no mato, por ver se achava um amigo de quem a tarde passada se perdera, e despedidos com honestos afectos de amizade, ela se foi pelo campo, donde a deixaremos; e ele entrou no mato buscando a Marfido, o qual com grandes brados chamava dos lugares mais altos. Assi chegou à sua cova donde esteve dous dias, descontente de não achar o pastor, e apacentando na memória as cousas por que havia passado,

se resolveu em deixar aquele sítio e trabalhar
por saber claramente o fim das de Lucélia,
e quietar o ânimo fora das
dúvidas em que vivia,
como ao diante
se dirá.

# LIBRO QUARTO

137v O pastor Marfido, que deixámos na maior espessura dos matos, donde habitava Florismonte, como a estrela d'alva com raios começou a resplandecer, afugentando a noite com as novas da breve vinda do sol, tornou de novo a bradar por Florismonte, mas como ele, àquela hora, estava ouvindo Doricea, muito apartado de aquele lugar, era seu trabalho inútil, e, errando por entre aquela espessura a maior parte do dia, se achou
138 fora dela, e inda que sentia por estremo ver-se apartado de Florismonte por sua generosidade e amorosa tristeza, parecendo-lhe impossível acertar com a estância de sua habitação, foi por um campo adiante té que a horas do meio dia chegou à vista de um rio que naquela parte parecia ter mais de ũa légoa de largura: tão fermoso, tão puro e sossegado, que, deleitando a vista, suspendia os sentidos com seu doce movimento. Aqui parou Marfido, considerando a fertilidade dos campos que de ũa e outra parte do rio se estendiam. E conhecendo que aquele era o famoso Tejo que, deixando Castela, donde tem humilde nacimento, entrava em Lusitânia tão cristalino e de águas tão abundante, que a ínclita Lisboa se preza de o fazer remate de seus nobres edifícios, de que ele soberbo parece desprezar o mar Oceano. A vista de aquelas águas tão copiosas lhe trouxe à memória as humildes do seu pátrio Tera, que não tem o mundo grandeza que ocupe o pensamento donde amor tem formado outro cuidado. Aqui o mostrou Marfido, que, sendo-lhe a grandeza que via de si mesma esquecimento e viva lembrança da humildade donde sua afeição presente o tinha, tirou do surrão

o seu rabel, e ao som dele, falando com aquelas águas, os olhos cheios delas, assi disse:

138v Cantei um tempo em ledo e doce estilo,
Mas converteu-se o meu rabel em pranto,
Turvou-se o sol de meu sereno dia,
E são meus olhos minha triste noite,
Procuro a morte por fugir da vida,
Mas não posso morrer em tal estado.

Que aquela ingrata que meu verde estado
Colmou de danos, ordinário estilo
Nas flores da esperança desta vida,
Converte o bem de vê-la neste pranto,
Águas, campos e céus em triste noite,
E em memórias eternas um só dia.

Alegre desejado breve dia,
Raia e limite a meu contente estado,
Sombra e princípio de tão larga noite,
Fim de meu bem; mal conhecido estilo,
Que se esconde tão largo e certo pranto,
No riso falso desta incerta vida.

Ai só de meus tormentos triste vida,
De minhas alegrias um só dia,
Cuja memória convertido em pranto,
Faz que do Efemeron inveje o estado,
Que nace e morre um dia, raro estilo,
E eu morto vivo tão cumprida noite!

139 Gelinda ausente, em tenebrosa noite,
Sem alma que me tens possuindo a vida,
Dará a meus olhos lagrimoso estilo
Amor, que nos teus belos pôs meu dia,
E magoadas lembranças neste estado,
Farão que creça o Tejo com meu pranto.

Se convertido em lagrimoso pranto,
Não tenho em tal lugar a última noite,
É por ser morto em tão mísero estado,
Se nele vivo, ausente quem tem vida?
Mas se vivi apenas um só dia,
Porque quero morrer? Ai duro estilo!

O coração estilo feito em pranto,
Não sucedendo o dia a minha noite,
Nem melhorando a vida o triste estado.

Assi cantava Marfido, andando pouco e pouco ao longo do Tejo cristalino, quando pouco despois de dar fim a seu canto, ouviu ũa voz (inda que concertada, tão triste e temerosa) que lhe causou espanto e desejo de ver o que seria. Pelo que, andando apressadamente para aquela parte, viu (entre alguns verdes freixos e frondosos ulmeiros que, ao longo do rio situados, se ale-
139v gravam de ver-se em suas águas) um pastor mancebo, e de gentil aparência, que tendo os olhos das lágrimas que chorava e o rosto disforme, porque seu sentimento triunfava da natureza, se queixava desta sorte:

Spíritos lagrimosos,
Sumergidos no escuro lago Averno,
Ouvi os feitos furiosos
De Alcida mais cruel que o mesmo inferno,
Pois vossa pena dura
Busco por fim de minha desventura.

Vosso tormento esquivo
Tenho por menor mal que o que padeço,
Que morto adonde vivo,
A vida em qualquer morte reconheço;
De modo Amor me trata,
Que vos busco fugindo de ũa ingrata.

Nas praias de Cocito,
A sombra escura do hórrido arvoredo,
Neste áspero conflito,
Vos considero alegre, e não com medo,
Porque o maior tormento
Não chega à perda de um contentamento.

Entre vós ver espero
De Anaxarete o desprezado amante;
Seu choro estimo e quero,
140 Não que Orfeu canções de amor me cante,
Infinita tristeza,
Procura o duro fim de minha impresa.

E tu, cruel pastora,
Contra ti própria de rigor armada,
Porque melhor te fora
Morrer que ter a vida a um nécio atada,
Sabe que a tanta pena
Amor por tua culpa me condena.

Aqui triste olocausto
De teu furor ao mundo me ofereço,
Adonde exemplo infausto
Já de alheas desgraças me conheço,
E em tão mísero estado
Meu mal me alegra, e choro teu cuidado.

Deu fim o mísero pastor à música tristíssima, que com sua grave dor concertava, ficando em um profundo silêncio que imitavam suas lágrimas; mas não tardou muito que, levantando-se, tirou de ũa correa, com que a cintura apertava, ũa funda de cânhamo, e logo a mesma correa, e juntando-as com um apertado nó, se chegou a um de aqueles freixos, e, pondo os pés na primeira pernada que do robusto tronco procedia, atou a correa em
140v outro ramo mais alto, e, tomando nas mãos o que da funda pendia, se pôs em ordem de a enlaçar no pescoço, o que, visto por Marfido, entendeu (e assi era) que, desesperado, determinava enforcar-se, pelo que, dando-lhe grandes vozes, saiu do lugar donde estava, as quais e sua breve chegada foram parte que o inconsiderado pastor se detivesse, e seu horrendo propósito cessasse. Marfido então, estando já junto dele, lhe rogou com corteses palavras se decesse, e que ao pé de aquela árvore quisesse dar-lhe audiência, e que se o não conhecia para lhe conceder aquela graça, ele com isto mesmo o obrigava, porque aos estrangeiros se devia ser ouvidos, quando também não fossem bem tratados. O pastor com quem a natureza não foi escassa (causa para que a ventura como é ordinário o perseguisse) largou das mãos a funda, e dando um leve salto se pôs junto de Marfido, o qual, abraçando-o primeiro com mostras de agradecer o que por ele fazia, o fez sentar consigo na verde erva. E com sosssego grave e amoroso, lhe disse desta maneira:

— Desesperado pastor, bem entendo do muito que te favoreceu a natureza, que quando chegas a sê-lo, tem carregado tanto

amor e a fortuna a mão em te perseguirem, que foges de ti mesmo para fugir de suas sem-razões. Esta violência, ajudada de tua dor,
141 parece que te disculpam, mas, se consideras o caminho que escolhes e do que te apartas, sairás arrependido das trevas de tua confusão, ao estendido e bem assombrado campo da razão, amiga da generosidade e quietação do ânimo. Se os agravos de quem amas (como colijo dos versos que disseste) te chegam a aborrecer a vida, não me espanto, que ela é a alfaia menos estimada de quem sabe sentir seus enganos e misérias; mas quem duvida que fica melhor quem, triunfando delas com varonil constância, possue essa mesma vida, guiando-a com entendimento claro, té um glorioso fim, porque nele está o galardão de tudo o passado, e assi como é tido por fraco aquele que foge ao enemigo por não sentir seus golpes, também mostra baixeza de ânimo quem assombrado dos contrastes da fortuna toma a morte por refúgio deles. Pelo que, lastimado pastor, deves mudar de intento e fazer mais caso do ânimo de que sem dúvida o Céu te enriqueceu que das desgraças que choras; porque não há no mundo algũas nem tormento tão áspero de que ele capaz não seja, de modo que o corpo pode ser despedaçado, e os bens da fortuna consumidos, mas sempre estará constante o ânimo esforçado e generoso, de que podera dar-te mil comparações e exemplos, mas já
141v vejo em teu sembrante que vês melhor o que digo do que eu saberei mostrá-lo.

— Venturoso pastor —lhe disse o desesperado—, que os Céus guiaram a esta parte como instrumento de sua piedade, eu te agradeço o que por mi tens feito, e em quanto durar esta triste vida, te reconhecerei por reformador dela, e em princípio de paga do muito que te devo te quero dizer a causa do excesso que cometia, que bem sei que o estarás desejando.

— Assi é por certo —disse Marfido—, que o desejo de saber novidades é natural em nós, e a afeição que já tenho a tuas cousas mo acrecenta.

— Ora pois, está-me atento —disse o pastor—, e, sentando-se à sombra do verde freixo, lhe contou seus sucessos desta sorte:

— Em um lugar que ũa légoa de aqui está, situado ao longo deste famoso rio, naceu Daristo, que é o pastor sem ventura que seus males sem conto quer contar-te. Minha disposição é a que vês: meu canto, meu bailar e minhas partes se estimam entre os discretos pastores, e já eu me vi ufano de agradar com elas a

quem agora me chegou ao estado em que me viste. Não te digo
isto por me gabar, que o louvor em boca própria é vitupério,
mas por que julgues no fim do que quero dizer-te o desatino da
cruelíssima Alcida, que, por satisfazer a ũa desconfiança mal fun-
dada, esquecida do que a meu amor devia, se casou com o mais
142 feo e torpe pastor que naceu, não digo nestes campos, mas
na maior aspereza da deserta Líbia. Esta pastora Alcida é por
estremo fermosa e adornada de tantas gentilezas e virtudes, que
a meu ver nela cifrou a natureza o que por muitas outras repar-
tiu. Comecei a amá-la em idade que tinha ela tão pouca, que,
se causava amor, não sabia senti-lo; mas no discurso de seis anos
(que tantos há que a sirvo) veio ela a conhecer o que lhe queria,
e, obrigada do honesto fim de meus desejos, me aceitou por seu
e manifestou a todos os que na impresa se ocupavam que a mi
por seu pastor reconhecia. Procurei eu sempre contentá-la nas
cousas de seu gosto, mostrando-me solícito (propriedades de quem
pretende) e assi, eu que fui sempre inclinado à caça, lhe trazia
vivos os coelhinhos e lebrachos, e os passarinhos, de que ela re-
cebia contentamento, que era a maior satisfação de meus dese-
jos. Outras vezes (não se encubrindo a minha indústria) lhe ofe-
recia os filhos dos lobos, dos texugos, e ginetas, mas em tão tenra
idade, que, inda que ao princípio se alterava, despois se alegrava
e entretinha, té que ũa vez lhe trouxe um pequinino corso, tão
humilde e tratável, que em poucos dias se fez doméstico em todo
estremo, e com Alcida particularmente, que nunca de junto dela
se apartava, de maneira que inda agora o tem, e dele acompa-
nhada de contino se alegra e entretém com suas amigas, sendo
142v os brincos do doméstico animal prazer e passatempo a todas elas.
Neste estado felice estava eu esperando mui cedo ser esposo de
Alcida, o que já tinham por cousa certa os moradores da aldea,
quando a fortuna instável, que o é nas alegrias com maior es-
tremo, desfez as minhas como inútil sombra; e a ocasião foi tal
que podera esperar-se o seria de novos contentamentos, cousa mui
certa na miséria humana, esconder-se o pesar entre vãs aparên-
cias de prazer; para o que hás-de saber que ũa irmã de meu pai
casou com um rico maioral, que nos campos do Tera apacenta
seu gado, e dele teve ũa filha única em sê-lo deles, e não menos
em ser fermosa e modelo de casos peregrinos. Chama-se esta pas-
tora Floridora, a qual com a presumpção de sua fermosura, e
assi com os mimos de seus pais, veio a estimar-se tanto, que,

não lhe parecendo nenhum pastor digno de seu amor, se apartou totalmente do trato das pastoras e se deu ao exercíco da caça, publicando a Vénus e Cupido por tiranos e indignos da deidade que o mundo lhe reconhece e que só a casta Diana devia ser venerada. E com este pensamento desestimava os honestos serviços de muitos nobres pastores, e particularmente os de Liceno.

— Não prossigas na história de Floridora —lhe disse aqui Marfido— que eu sei de seus sucessos por ventura mais do que
143 dizer-me podes; trata, se faz ao caso, da tua, do que lhe aconteceu despois de se partir do Tera, que no que fica atrás estou bem visto.

— Pois assi é —disse Daristo— hás-de saber que Floridora, indignada consigo mesma pela mudança de Liceno, e não menos molestada das amorosas queixas de Liriandro, com licença de seu pai se veio à nossa aldea, donde meu pai pelo parentesco que te disse a tem em sua casa com muito contentamento; ela, que de nenhũa cousa estava mais apartada que de tê-lo, comunicou comigo suas tristezas, e eu, por diverti-la, tornei ao exercício da caça, a que Floridora é muito afeiçoada, e juntos íamos muitas vezes aos bosques que estão no fim destes campos, morada (inda que não segura) de diversos animais; neste gosto divertido e lastimado das paixões amorosas de minha prima Floridora, me apartei em algũa maneira da presença de Alcida, o que ela, como molher inconstante, mal considerada e paradeiro de desconfianças e sospeitas, sentiu em tão diferente modo, que confirmou em seu pensamento que toda esta amizade procedia de amar a Floridora, e ser sua vinda só a efeito de casar comigo. E foram de tanta eficácia estas imaginações em sua presumpção e ânimo vingativo, que, não sendo parte as muitas satisfações e disculpas que diversas vezes com infinitas lágrimas lhe dei, e as palavras que
143v Floridora, sabedora do caso, lhe disse e a mesma verdade que triunfa de impossibilidades e sospeitas, tomou o mais raro modo de vingança que podera imaginar-se, porque, pretendendo só meu dano, não ponderou o que a si própria se fazia. Para conhecimento do que hás-de saber, galhardo pastor, que na nossa aldea reside um pastor chamado Orbante, e por sua disformidade, o disforme, de tão bruto parecer nas feições do rosto e proporção do corpo, que dificultosamente igualarás, se o vires, a admiração com os defeitos da natureza, e julgarás que foi com ele cruel e não descuidada. Tem a cabeça (a respeito do corpo que é pi-

queno) demasiadamente grande, os cabelos negros, crespos, e tão juntos com os olhos, que se pode afirmar que não tem testa e que se dividem com um estreito círculo de carne; os mesmos olhos lançados para fora e da cor tão sangoentos, que parece que com algũa pancada ou violência foram arrancados do lugar donde houveram de estar; o nariz rombo; a boca grandíssima, cujos dentes, com ser ela tal, nunca pode encubrir; os braços curtos; a barriga gonfa; as pernas zambras; os pés disformes; e sobre tudo tartamudo e nécio. Mas todos estes inconvenientes de poder-se agradar o humano entendimento, e os defeitos que tanto abomi-
144 nava a natureza, se domesticaram com a desenfreada e mal composta vontade de ũa molher desejosa de vingar-se; e assi quis casar-se com ele, o que seu pai aceitou por ser Orbante mui rico; efeituou-se este negócio com tanto segredo e diligência, que nunca veio a minha notícia senão antontem à noite, que, vindo com Floridora da caça, encontrámos alguns pastores e pastoras, dos quais soubemos que todos iam a casa do pai de Alcida para se acharem ao seu juramento com Orbante, e que hoje se haviam de celebrar as vodas. O que eu sentiria podes conjecturar do estado em que me viste, e do terríbel passo de que me livrou tua vinda. Determinei matar a Orbante em meio de todos seus amigos e parentes: dispus-me ao efeito, armando-me o melhor que me foi possível, mas não pude fazê-lo com tanta dissimulação, que Floridora, sabedora de meu sentimento, o não alcançasse. Disse-o a meu pai; veio-se a mi com minha maẽ e todos os mais de casa, e em fim não me largaram té que a ingrata pastora por me pagar com matar-me o verdadeiro amor que me devia entregou a um mônstruo a maior fermosura destes campos. Eu, que nestes três dias não pude comer bocado, e as consolações e desenganos que se me diziam era augmentar matéria ao veneno da desesperação em que o coração se abrasava, saí de casa determinando privar-me da vida, que é o maior enemigo que
144v tenho, e chegado a este lugar o posera por obra, se tu, felice pastor, não foras antídoto de meu mal e asilo da eterna condenação que me esperava.

Marfido, vendo que Daristo, vertendo muitas lágrimas, deixava de falar, lhe disse:

— Nobre pastor Daristo, são tais tuas desgraças, que em qualquer ânimo livre terão grande lugar de sentimento, quanto mais em quem está tão sinalado dos revezes da fortuna, que em seus

próprios males tem de todos os mais experiência; e certefico-te que me chegaram eles a estado que, morrendo a cada passo, venho a entender que sou vivo só no desejo da morte, porque da vida não possuo outra cousa, e com estar tão mal com ela agora a estimo, pois cheguei a estorvar que a perdesses tão culpável e afrontosamente. Pelo que te deves aliviar, tendo por certo que no mais mísero estado há algũa ocasião de gosto, e que ainda que aos tristes pareça mui larga a vida, ela é a mais breve cousa que possuem.

A este modo replicando Daristo, lhe disse muitas cousas com que totalmente ficou quieto e fora do propósito que teve. E, despois, persuadido dele, lhe disse quem era, e que por alguns respeitos lhe importava encubrir-se de sua prima Floridora. Ao que Daristo respondeu:

— Bem vejo que por pastora de tão mau gosto será imperti-
145 nência ter desgostos, mas com tudo te confesso que inda agora não tenho ânimo de vê-la sem mostrar a seus olhos e aos que mais me virem minha pena. E assi pois queres encubrir-te de Floridora, me parece acertado que passemos da outra banda do rio, donde tenho alguns parentes e muitos amigos com quem nos acomodaremos o tempo que quisermos.

Marfido (que este era seu intento) estimou muito ir em sua companhia, e, saindo de entre aquele arvoredo, não tardou muito que viram alguns barcos dos que ordinariamente navegam aquele rio; em um deles passaram os dous pastores da outra banda, e tomando o caminho de ũa aldea de Daristo bem sabida, a cabo de algum espaço que por ele caminhavam, chegaram a um fermoso arvoredo, cujo prado sombrio era guarnecido de círculos de cristal em que se convertiam as águas de ũa fonte que tinha princípio na outra parte dele, e, conversando com seus mudos troncos, ofereciam pérolas aos olhos e música aos ouvidos. Ao longo dela, sentados à sombra das árvores, estavam muitos pastores e pastoras, os quais, vendo que os dous, deixando o caminho da fonte, seguiam o da aldea, mandaram a eles ũa zagala, a qual lhe disse:

— Galhardos pastores, as pastoras que vedes vos mandam por mi dizer que, se a causa de vosso caminho sofre algũa dilação,
145v lhe fareis muito prazer querendo passar a sesta em sua companhia, e que ali sabereis o que mais querem de vós, porque fiam de vosso bom parecer que não faltará em vós o favor que às molheres se deve.

Marfido lhe respondeu:

— Fermosa zagala, este pastor e eu caminhamos bem fora de ocupar-nos em cousa que tivesse aparência de alegria, mas pois essas pastoras a recebem de que vamos adonde estão, indo em vossa companhia, erro notável fora não servi-las.

Com isto se foram com a zagala té a fonte donde dos pastores foram alegremente recebidos; e despois de sentados à sombra do arvoredo, ũa pastora de mais idade que as outras lhe disse:

— Nobres pastores, haveis de saber que um dos pastores deste ajuntamento tomou por impreza de seu bom entendimento esta sesta dizer mal de todas as molheres; e porque não vemos entre os circunstantes algum que com facilidade se deliberasse a defender nosso partido, e que em tal conjunção vos guiara a sorte a esta parte, nos conformamos em que um de vós dissesse algũa cousa em nosso louvor.

Marfido olhou para seu companheiro, e conheceu em seu sembrante a pouca satisfação que recebeu da proposta de Montea, que assi se chamava aquela pastora, e não lhe pôs culpa, que o agravo que Alcida lhe fizera continha em si liviandade, crueza
146 e ingratidão, efeitos que algũas vezes se acham nas molheres, e porque as tais não são dignas de disculpa, pelo que pondo os olhos em todos, disse assi:

— Sincera companhia, honrado e pastoral ajuntamento, meu companheiro deixa hoje a sua aldea lastimado de ũa extraordinária sem-razão que usou com ele ũa pastora que amava, e eu estou ausente da minha, desterrado dela por ũa inconsideração de quem adoro, e não sinto agora a quem com menos seguridade podera dar-se o cargo de louvar molheres, se é certo que o louvor ou vitupério da cousa sucede ao que dela se sente. Mas porque quanto eu atribuo meus males a minha dura sorte, e não a ũa pastora que conheço por estremada em tudo o que pode ser digno de louvar-se, direi algũa cousa em louvor das molheres, pois disso mostrais ter gosto, inda que bem entendo que não saberei louvá-las e que tereis mais que culpar em meu atrevimento e ignorância.

Aqui fez pausa Marfido e vendo estar a todos em silêncio prosseguiu desta maneira:

— A origem e princípio das cousas lhe dá louvor e as acredita, e assi ninguém por si mereceu tanto que não estimasse juntamente abonar seus feitos com o ilustre nacimento. E se con-

forme a isto queremos considerar o princípio da molher achare-
146v mos ser mais digno de estima que o do homem, porque, sendo
ele feito pelo soberano artífice de lodo somente, a molher foi por
ele fabricada da costa do mesmo homem. E a culpa que a ela
se atribue da inobediência do divino preceito, ao homem deve
atribuir-se, porque a ele se deu para que o guardasse, e assi a
seu pecado sucedeu o castigo, e dele, como cabeça do mundo,
se dirivou a todo ele, o que não fora se só a molher pecara; mas,
deixando este ponto para quem melhor o entende, e porque o
tocado satisfaz a meu intento; se consideramos as causas que os
homens têm de se queixar das molheres, e para as fazerem auto-
ras de muitos males e infortúnios seus, acharemos seus intentos
vãos, e suas queixas desvarios. Dizem muitos inconsideradamente
que por elas sucederam no mundo muitos danos gerais e parti-
culares, trazendo por exemplo aquela guerra tão celebrada e des-
truição de Troia, a guerra e cerco da opulenta Tebas, e outros
semelhantes, sendo a verdade (e o que com mais razão deve sentir-
-se) que a lascívia, o atrevimento de Páris e a cubiça dos Troia-
nos que o seguiram foram os estímulos de seu desconcerto; a in-
continência de Páris foi causa do roubo de Elena, e a insaciável
fome do interesse fez que os Troianos despojassem o templo da
147 deusa Vénus das riquezas de Grécia, e a dor destes agravos pro-
vocou os Gregos à vingança; como também a descortesia e termo
bárbaro e arrogante que os Tebanos tiveram na força das mo-
lheres de Mecenas, obrigou aos Mecénios a que procurassem
destruí-los e foi o certo princípio que deu fim a tantas vidas.
A verdade é que as molheres são exemplares na piedade, e não
por sua vontade, mas pelo desconcerto e furor dos homens suce-
dem males no mundo, e há e houve sempre nele tantas molheres
dignas de fama e memória, que com muita razão pode afirmar-
-se que as que são vituperadas foram contaminadas e persuadi-
das da malícia dos homens, que soem disculpar sua fraqueza, sua
maldade e enganos e o que deles resulta com a ocasião das mo-
lheres; acontecendo de ordinário que o que eles nelas culpam é
o mesmo com que as obrigam, pois eles, para provocá-las a seus
intentos, ajuntam a importunações contínuas dádivas, promessas,
músicas, lágrimas e rogos incessáveis; e que muito se um homem
tal emprende que ũa molher se abrande? E que cousa mais in-
digna de qualquer entendimento que atribuir-se às molheres a
mesma culpa dos homens? Elas sem falta floreceram em todo

género de virtudes, de que há infinitos exemplos, e apontarei alguns: na constância, lealdade e amor de seus maridos foram muitas admiráveis, e primeiro se me oferece aquela rara Ormia, Lucrécia Portuguesa, tanto mais digna de louvores que ela, quanto menos celebrada que, sendo captiva de um Capitão Romano, e dele violada, o matou ũa noite, e fugindo chegou a seu marido, a quem recontando seu sucesso e a força que recebera, não contente com a vingança que no enemigo tomara, se matou a si própria, não lhe sofrendo a lealdade com que amava que possuísse seu maltratado corpo o marido, que nele vivia como em lugar de sua alma. Que direi de Dido, que por não dar segundo ao amor de seu morto Siqueo, nem violar as primeiras vodas, sendo importunada dos reis de África, e obrigada dos seus, não duvidou matar-se e dar-se em holocausto dos sacrifícios de seu marido, não sendo poderoso para escurecer a verdade e pureza de sua lealdade o celebrado estilo do Mantuano Poeta? Laudamia morreu vendo em seus braços morto o corpo do marido em quem vivia. Júlia, molher do grande Pompeu, perdeu a vida só por ver a vestidura com que à caça saíra ensangoentada. Pórcia, sabendo a morte de seu marido Bruto, e não tendo outro aparelho de matar-se, não duvidou engulir brasas, e morrendo com elas desfogar o coração que no amor do defunto se abrasava. Artemisa fez a seu marido tão excelente sepulcro, que foi ũa das maravilhas do mundo, e acabou bebendo suas cinzas, deixando ao mesmo mundo outra mor maravilha neste feito. Não fez menos Argia, filha del-Rei Adastro, em que sendo morto seu marido Polinices na guerra de Tebas, e mandando el-Rei Creon que a nenhum dos Argivos que na batalha morreram fosse dada sepultura, Argia saiu de Argos e chegou a Tebas donde, sem temor do malvado Creon, buscou entre os mortos o corpo de Polinices e lhe deu sepultura, chorando infinitas lágrimas. Não é menos digna de ser louvada Penélope, na sua tea, donde amor e indústria tecendo e destecendo porfiavam, admirados de sua constância. Inumeráveis são as donzelas que com heróico peito deram as vidas por conservar sua pureza. Sendo entrada dos Mouros Ecija, cidade da Andaluzia, sete donzelas se rasgaram os rostos de maneira que, sendo vistas deles, as mataram; deram fealdade ao rosto por conservar a fermosura d'alma. E outras tantas filhas de Fidom, por guardar sua honra de certos tiranos, abrasadas (não só por ser irmãs, mas como afeiçoadas de ver cada

147v

148

ũa na outra seu generoso intento) se lançaram em um poço e se afogaram. Duas filhas de Busulfo, Capitão dos Lombardos, sendo o pai vencido dos Hunos, fizeram os belos rostos tão disformes,
148v que invioladas poderam escapar do furor dos enemigos, o que as fez tão fermosas, que ũa casou com um rei de Alemanha, e a outra com o Príncipe dos Bejários. Sendo Cápua saqueada dos Franceses, certos soldados levaram ũa donzela, e ao passar de um rio, fingindo apretar um sapato, eles se apartaram, dando lugar a que a virtuosa moça por fugir do fogo infernal que neles via se afogasse em suas águas. Quasi isto fez outra na mesma ocasião, que, querendo-a forçar um Alemão, ela com valor estranho lhe disse que primeiro lhe queria mostrar um grão tesouro, e levando-o a ũa rocha mui alta, se arrojou dela em um profundo rio. Sendo forçadas duas filhas de Sedaso, se mataram. E por não o serem, sete donzelas Milésias fizeram o mesmo. Hipo, sendo roubada de cossários, vendo tratavam de efeituar um torpe desejo à custa de sua castidade, se chegou dissimuladamente ao borde do navio e se arrojou no mar, adonde perdeu a vida, que menos estimava que a pureza. Nas armas foram sempre celebradas, e deixando as Amazonas que por si sós fizeram império e monarquia, conquistando muitas províncias, considerai o valor de Pantasilea, de Camila, o de Tomires, vencedora do potente e valentíssimo Ciro; Hisicratea que, armada, seguiu
149 na guerra ao grande Mitridates, seu marido; Simíramis, fundadora dos muros de Babilónia, que, trazendo-lhe novas da rebelião de certos povos, estava ela entrançando os seus cabelos, e acudiu com tanta brevidade e constância de ânimo, que primeiro aplacou o tumulto e castigou os culpados que os recolhesse. E entre estas tão famosas, decente é que me lembre da singular Antónia Portuguesa, que desfavorecida de ũa irmã em cuja casa estava, se saiu dela em idade de doze anos, e vestida de varão serviu algum tempo de soldado em África, e despois de cavaleiro, e, tornando ao hábito natural, por suas proezas e valerosos feitos lhe fez el-Rei muitas mercês; e porque sempre guardou sua pureza, casou mui nobremente; que o valor e generosidade de ânimo é a todos patente e a virtude só a quem a sigue ilustra e faz famoso. Nas letras e sabedoria as Sibilas e as Musas tão celebradas de muitos autores: Aspásia que disputava com os maiores sábios de Grécia, e Temisto que foi tão estimada como todos eles. Safo, poeta famosa, que competiu com o celebrado Píndaro,

inventora dos versos sáficos. Cornélia, mãe dos Gracos, e aquela excelente molher que deu letras aos Egípcios; e a Portuguesa Sigea tão docta em muitas línguas e artes, que escreveu ũa carta ao Papa Paulo III nas línguas latina, grega, hebraica, caldea e
149v arábica, e ele lhe respondeu e concedeu muitas graças. E em fé da faculdade que têm para as letras, não proibem as leis o governar as molheres, e o ser procuradoras, afirmando que são de grande conselho e prudência. Platão em seus diálogos diz que se a molher se descuidar do governo da cidade, haverá dobrado mal do que houvera pelo descuido do varão; e em outro lugar diz que lícito é às molheres se exercitem nas armas, saibam governar exércitos e ordená-los para se se oferecer necessidade. Se as molheres se exercitaram em obras e trabalhos quotidianos, foram tanto para eles como os homens, do qual são claro exemplo as Amazonas, e outras ilustrres molheres que há havido, e no nosso Portugal e nas montanhas d'Espanha as molheres ajudam aos homens nos exercícios do campo, de modo que as não excedem eles. Todas as grandezas do mundo de que era senhor o homem não satisfizeram seu ânimo senão a molher, e não contente, com tudo possuindo-o, só a vista da molher o satisfez; e disse que por aquela deixaria, não só o que possuía, que era tudo o que havia, como cousas a seu ver de menos preço, mas o pai e a mãe que ainda no mundo não havia. E para remate deste discurso breve a respeito do que se deve às molheres, considerai
150 que dizem as sagradas letras que a molher boa por ela se chamará o seu varão bem-aventurado, por ela lhe serão multiplicados os anos da vida, e será dada como em jóia de grão preço ao homem, em prémio de grandes feitos.

Deu fim Marfido a seu razoamento, deixando as pastoras contentes, e a seu parecer vencedoras de quem procurou com mais largo discurso aniquilá-las, e a todos satisfeitos de seu entendimento. Mas em quanto isto passava, o amor agradecido à firmeza e sentimento do pastor Daristo, e magoado das sem-razões de Alcida, lhe encaminhou os olhos (a seu parecer acaso) à doce vista de Cilícia, que, sentada entre as mais pastoras, mostravam não no fazerem de nada. E, considerando em sua fermosura ũa honestidade que mais que humanamente ilustrava, de que já Daristo estava satisfeito porque bem a conhecia, totalmente se inclinou a amá-la, e contentíssimo do sucesso, se achou livre da melancolia e tristeza profunda em que vivia. O que podera cau-

sar no pastor grandes excessos de contentamento, se os receos que a gravidade de Cilícia oferecia não detiveram estes acidentes de alegria. Passavam em tanto as horas da sesta, e as ovelhas iam deixando as sombras do arvoredo por se fartar da erva que a declinação do sol lhe concedia, e os pastores, vendo que era tempo de guiá-las, com tudo por que a conversação de aquele
150v dia não fosse só de disputa, pareceu bem a todos que antes se cantasse, ao menos para que se visse que ficavam em paz os pastores e pastoras; e assi, ao som do pastoril instrumento, começou Aliardo desta sorte:

Triunfai, pastoras belas,
Gozai do vencimento
De qualquer envejoso pensamento,
E subam té as estrelas
De vós tantos louvores,
Que as excedam no céu, no campo as flores.

Está-nos convidando
Alegre o fresco prado,
De cheirosas boninas matizado,
Que as vades enlaçando
Entre os ruivos cabelos,
Por tornar a vencer quem possa vê-los.

As namoradas aves,
No canto diferentes,
Em louvar-vos conformes e contentes,
Nas cantigas suaves
Vosso nome cifrando,
Se vão pelo ar diáfano espalhando.

Té esta fonte pura,
Cristalino aposento,
151 De ninfas escondidas em seu centro,
Na pintada verdura
Pérolas esparzinho,
De quem quis ofender-vos se vai rindo.

Celebrai a victória,
Pois tudo (ó raro efeito)
Virtualmente a vós tendes sujeito,
E viva na memória
Ser a molher virtuosa
Do universo a cousa mais fermosa.

Daristo, que os olhos não apartava da pastora donde mais que em si vivia, tendo o novo cuidado, em que transformado estava, por porto felice das tormentas de que escapava, assi cantou:

Amor, bem com razão se vos concede,
Que voando alcanceis o pensamento,
Pois vir do mal a ter contentamento,
Da mor velocidade o curso excede.

Mas se de ser minino vos procede,
Não ter do que vos fazem sentimento,
Eia, esquecido estais de meu tormento,
Olhai que o inovar conselho pede.

151v Se a pura vista donde arder vos vejo,
Dos claros olhos que nos olhos tenho,
Oferece e promete confiança,

Mil vezes enganado do desejo
Sois, Amor, e magoado alcançar venho,
Que é princípio do engano ũa esperança.

Outros estavam na companhia que se prezavam de músicos, mas desejando todos ouvir a Marfido, particularmente as pastoras que afeiçoadas lhe estavam, pela cortesia que com elas usara defendendo seu partido, lhe rogaram que cantasse, o que ele fez sem esperar muitos rogos, porém com mostras de tristeza, e de que cantava por obedecê-los, dizendo estes versos:

Vinde, meu mal esquivo,
Manifestai-vos neste triste canto,
Que se convosco vivo,
Morro sentindo tanto,
Que lágrimas não há para meu pranto.

Despois que a dura sorte
Me apartou donde Amor me tem consigo,
Ando buscando a morte;
Morto em mi próprio a sigo,
E ela por me matar vive comigo.

152 Em parecer contente
O mor efeito de meu mal consiste,
Porque num descontente
Um só desejo assiste,
Que é chegar a morrer de viver triste.

O mal de que me queixo
Teve princípio num contentamento,
No qual a vida deixo,
E sem ele me ausento,
Tendo só para a vida meu tormento.

Mas pois que me é forçado
Obedecer cantando em terra alhea,
A letra em meu cuidado
Da cantiga se lea,
E em minha voz a dor de mágoas chea.

Que aquela sanfonina,
De meus versos alegre consonância,
Chora minha mofina,
Mostra minha constância,
E é só de meus agravos circunstância.

A causa oferecida
De meus males a deixo — ai dura sorte!
Ai mísera partida! —
Passo horrível e forte,
152v Chorar a vida donde canto a morte.

E se do Tera ausente
Cantar ao doce som de outro instrumento,
Será por accidente,
E para mor tormento,
Que o gosto após si leva o pensamento.

Levantaram-se os pastores a recolher as ovelhas que desmandadas andavam pacendo a tenra erva, contentes da música de Marfido e magoados de seu sentimento. Ele se foi com Daristo ao casal do maioral Silvano, seu parente, de quem foram com gosto recebidos; pelo caminho soube Marfido a mudança de Da-

risto, de que se alegrou, mas admirado da facilidade com que em amor achou o remédio dos graves danos a que o que tinha sojeito. Aqui esteve Marfido alguns dias; e ainda que a fermosura de aqueles campos, a nobreza e boa conversação dos pastores e gentis pastoras, e a de seu amigo Daristo poderam ser remédio de graves males, eram os seus de calidade que se acrecentavam à vista de qualquer gosto. Anda a memória de um triste ocupada nos bens que outro tempo teve, e sendo o mor mal que nos presentes males soe haver, só destas mágoas vive, e morre na presença de alegrias, porque sendo a memória eterna, e estas
153 tão incertas, mais quer a mágoa certa do que se perdeu que o falso desejo do que alcançar-se podera. E assi fugia toda humana companhia; té a de Daristo, porque já era alegre, o enfadava. E metido pela espessura do arvoredo, deixando de ser o que era, a contemplação o fazia imagem de saudade. Ali com roucas vozes o nome de Gelinda em vão chamava, e muitas vezes, do contínuo tom delas elevado o espírito na querida chamada se mudava, desamparando o corpo, mas este breve gosto (passando aquele êxtasis) em muito mor tormento redundava. Nos troncos do arvoredo pintava em tristes motes o rigor de sua ausência. Creciam as altas faias e castos pimenteiros, regados de seus olhos por levá-los ao Céu. Ũa entre outras vezes considerando o suave rumor do rio, e averdurados campos e arvoredos, e naquela agreste e muda fermosura a sobrenatural de sua querida ausente, assi cantou:

Não pode esta triste ausência
Consumir alma chorando,
Porque seu fogo apurando,
Forja Amor vida e paciência,
Nem este a tantos alivio;
A mi Amor me concedeu
153v Que entendeu
Ser de seu poder desvio
Morrer quem de amar viveu.

Ũa fúria é desigual
De Amor e minha ventura,
Que fazendo má mistura,
Se conformam para o mal.

Sou vivo para morrer,
E morro para ter vida,
Que perdida,
Por tal bem torno a viver
Se me mata a dor crecida.

É cifra da natureza
A ingrata, que adoro ausente,
Um só modelo excelente,
De toda humana beleza.
É em si toda estremada,
Triunfa do fado e ventura,
Se procura
Roubar-me a glória passada
Meu dano e morte a segura.

De todo remédio humano,
Vivo já desesperado,
Que converte meu cuidado
154 Em si o próprio desengano.
Do campo a fresca verdura,
Bordada de várias flores,
Os clamores
Das aves que com brandura
Manifestam seus amores.

A suavidade do vento,
Que entre os ramos com que luta,
Imita as águas atento,
Donde detido as escuta,
A amenidade da fonte,
Do grão rio a fermosura,
Que a altura
Do pintado e verde monte,
Faz espelho d'água pura.

Ouvir balar as ovelhas,
Ver o arminho dos cordeiros,
As boninas dos outeiros,
E sussurrar as ovelhas,
Como em si converte e cria
O manjar corrupto humor,
Este favor
Do céu, em todos alegria,
Torna pena meu furor.

154v Divina, inumana ausente,
Sol dos campos a que aspiro,
Levado em qualquer sospiro
Detido na dor presente,
Que erro contra ti emprendi,
Gelinda, em não merecer-te?
Para ver-te,
Que farei mais de querer-te,
Triste desde que naci?

Se ausência que me consume
Chama em tua fúria acendida,
Se acende e ceva na vida,
Como na matéria o lume:
Porque me dilatas tanto
Este fim de meu tormento?
Diz-te o isento
Coração, de amor espanto,
Que o não tem meu pensamento?

Ah que até para meu dano
Te esqueces de que naci,
Mas não te lembrar de mi,
É o mor, ai duro engano!
Em fim vivo, e em ti morto,
Sem mi, sem ti, deste modo
155 Me acomodo
A navegar contra o porto,
E a ser nada onde estou todo.

Assi passava o triste pastor os dias e noites tão entregue a seu cuidado, que por este nome, perdendo o de Marfido, era de todos conhecido, e sem dúvida ele acabara a vida, que inda que para males se possua, se (sendo tais são cumpridos) a consumem. Mas quis amor que a pastor tão namorado não lhe faltasse a vida tão asinha, reservando-o para exemplo de sufrimento e desgraças. Porque se não crece o mar com a corrente dos inumeráveis rios, que nele têm seu repouso, assi das lágrimas que seus sequaces derramam se não satisfaz amor; nem tem da fortuna a ordinária mudança tanta desordem de casos, que amor não triunfe

dela, pois os por ele acontecidos a fizeram respeitada. Foi pois assi que ũa tarde do alegre mês de Junho, quando o sol já ia as douradas rédeas recolhendo, indo o pastor Marfido entregue ao pensamento de Gelinda, se achou entre dous altos velados, que a natureza devia de propósito formar, porque as mais cheirosas e floridas matas que produze eram ligame de seu curioso feitio. Estavam cercados compassadamente de não cultivados
155v árvores, como sempre verdes loureiros, amendoeiros de seu doce e já maduro fructo carregados, pimenteiros silvestres que com encarnadas flores o Verão anunciam, sombrios freixos, álamos cambiantes tão fermosos e abundantes de licor electro, que os mesmos pareciam em que as irmãs do doudo Faetão se converteram, e vistosos ulmeiros que em suas bexigas só aquela água boa para o rosto prometiam. Por entre estes e outros árvores semelhantes se enlaçavam (tão estreitamente, que o lugar escondiam a quem passava) as matas de azevinho, carregadas de seu roxo fructo, as de pirliteiro que entre brancas flores seus agudos espinhos escondiam, os cergaços que para suas flores furtaram a cor às da romeira, a entricada madressilva, tão ricas todas de suave cheiro, que com ele se misturava o vento, a pesar de sua densidade, dando com seu suave movimento novas de sua fragância aos caminhantes. A melodia das aves tinha tanto concerto e tanta graça, como se o próprio Céu as ensinara. As águas que por dentro do fresco pomar corriam (inda que os olhos de seu curso os cristalinos círculos não viam), com o amoroso tom que iam formando, o sentimento destas cousas realçavam. Marfido, acordando de seu profundo cuidado, caminhava elevado na natural
156 harmonia, té que saindo ao fim dos dous velados, viu ũas casas mais curiosas e bem assentadas que sumptuosas e ricas; fazia-se entre elas um círculo de alta parede, cuja porta cerrada as guardava também de quem passava. Estava então aberta, e Marfido, por lograr de mais perto a fermosura do sítio, e saber quem dele era senhor, entrou, a tempo que ũa dona, vestida ao modo pastoril, vinha descendo a escada destas casas. A esta disse o pastor, despois da necessária cortesia, e ser dela perguntado o que buscava:

— Sou um pastor que há tão pouco que resido nesta terra, como podes entender de ignorar donde estou, sendo assi que a amenidade deste assento e quem o possue devem ser conhecidos em toda ela, o que me obrigou a procurar sabê-lo.

Soliza lhe respondeu (que assi se chamava a dona):

— És tu por ventura o pastor Marfido, a quem todas as pastoras destes campos devem o agradecimento de defendê-las de objeições contrárias a sua reputação?

— Eu sou —tornou o pastor— e já mais que tudo estimarei servir-te, que bem entendo que é verdadeira a fama no que desta morada nos publica, que só ela deve ser a que imagino.

— A fama de cousas não vistas —disse Soliza— as mais vezes erra, que raramente a presumpção humana não se engana, e assi sempre se estima mais o que menos se possue.

156v — Essas razões —disse o pastor— nacem da confiança de que o contrário se tem por infalível, que não há efeito do tempo nem contradição humana que em fim não acreditem a verdade.

Soliza lhe disse despois de um breve cuidar:

— Ora por que daqui em diante possas resolver essa dúvida (inda que me arrisco a um grão castigo) quero que teus olhos vejam o que só os da Fama revelam com grande maravilha a estes campos.

E, dizendo-lhe que a seguisse, abriu ũa porta por donde ao pomar se entrava, e passando algũas sendas curiosas fabricadas de várias flores, chegaram a ũa fonte que brotava do secreto de um penedo copiosas e cristalinas águas, todo cuberto de musgo e rodeado de brancas açucenas, que vendo-se na fonte a história lembravam de Narciso. Aqui escondido entre ũa mata de jasmins deixou Soliza o pastor, encomendando-lhe o silêncio, e com muita pressa se tornou. Não tardou grande espaço quando Marfido sentiu o suave tom de vozes feminis, e estando atento viu ũa moça, ao parecer de quinze anos, em meio de Soliza, que ũa harpa trazia, e de ũa linda minina. Sentou-se sobre as ervas que estrelavam a margem da pura fonte, e despois de guarnecer de suas flores os cabelos, tomou a harpa e afinando-a tangeu com tanta
157 suavidade e perfeição, que as aves, águas e vento, que até li concertando-se lhe haviam dado com sua harmonia alegre salva, se suspenderam atentas e elevadas, e a Ninfa mais que humana, soltando a voz angélica, este soneto cantou:

A bela Nise que de Pedro amada,
Príncipe poderoso, a dura sorte
Fugir não pôde de ũa injusta morte,
Nela para viver executada.

Fortuna leve ao bem, no mal pesada
Mostra (efeitos da inveja iníqua, e forte)
Ele amor imortal, porque consorte
O fez vivo da amante sepultada.

Felice e raro amante que gozaste
Amor de quem a vida em menos teve,
Sendo-o de toda humana fermosura!

E tu, Nise ditosa, que alcançaste
(Perdendo a vida em fim caduca e breve)
A coroa de fama, que mais dura.

Acabado o doce canto, levantou-se a linda Semidea a regar alguns vasos de verdes manjericões que em torno da fonte estavam, bem descuidada de ser vista; mas Soliza, que o não estava
157v do perigo a que se oferecera, se foi dissimulada adonde Marfido estava escondido, té a seu próprio pensamento, porque a fermosura de aquela pastora, sua honestidade e graças eram de tanto efeito, que o pastor estava fora de si contemplando-as. Disse-lhe Soliza:

— Agora, pastor Marfido, podes julgar se diz a fama o menos do que esta morada encerra; esta é a divina Ismena; tu foste o primeiro homem que de seis anos a esta parte pôde vê-la, porque seu pai, pela perfeição de sua voz e fermosura, quer oferecê-la ao templo de Diana. E se agora o Céu te guiou a esta parte, para que dono sejas de jóia tão sem preço, eu o não duvido, pois tão impensadamente te mostrei o impossível de sua vista.

— Eu te confesso, discreta Soliza — disse o pastor — que estou admirado e que não tinha por tão grande o poder da natureza que podesse igualar com seus estremos o que já vi em outra parte, donde a fortuna tão cruel como envejosa me apartou.

Bem entendeu Soliza que o sentido de aquelas palavras era ter Marfido o seu noutra pastora, o que a teve a risco de perdê-lo, porque a tenção de o pôr naquele lugar era que amasse Ismena, e que com ela casasse; e por penetrar seu pensamento, dissimulando o que alcançado tinha, lhe disse que não era o mais de Ismena o que aos olhos se mostrava, porque seu raro enten-
158 dimento, a graça das palavras e a honestidade de seus procedimentos igualavam a fermosura e que o que o Céu repartira nas

outras molheres desigualmente nela estava igualado, nem havia perfeição que nela (tendo tantas) fosse envejosa de algũa. E assi, se levava gosto, daria ordem que, estando ali escondido, a ouvisse falar. Ao que Marfido respondeu que não era justo que visse de mais perto pastora de tanto merecimento quem tinha em outro corpo alma que a sua fermosura se devia. Queria responder Soliza magoada; porém, não desconfiada com aquele desengano, quando Ismena, estranhando sua tardança, se foi a aquele lugar, e sentindo-os falar, ficou toda alterada e chea de confusão, e não tendo ânimo para ver quem era (porque sentiu ser homem quem com Soliza falava), chamou por ela, e lhe disse dando um sospiro:

— Ai, Soliza, que é isto? Destes vós, por ventura, lugar a tal desconcerto? Que fará meu pai? Quem disculpará vosso descuido e minha inocência?

Marfido, que ouviu as palavras de Ismena, saiu donde escondido estava, e vendo o não visto modo de pronunciá-las, a magoada e medrosa do sucesso, ficou tão fora de si, que, querendo responder-lhe e disculpar a Soliza, o não pôde fazer, e quando o espanto dava lugar às palavras, Ismena, vergonhosa, o não deu, apartando-se de aquele. Soliza travou então de ũa mão a Mar-
158v fido, e procurou levá-lo com presteza; e andando alguns passos virou Marfido o rosto por tornar a ver Ismena a tempo que ela fazia o mesmo, por ver se era já partido, e a um tempo se encontraram os olhos, e por eles as almas, donde amor, armado de suas frechas, pelejava, na ũa com firmeza, e na outra com vergonha. Estava o pastor imóbil e confuso, mas Ismena, cujo ânimo casto e generoso desprezava qualquer efeito contrário de sua honrada presumpção, fazendo sinal com a branca mão a Soliza que se fosse, tornou a voltar para a fonte donde entreteve a Olinda (que assi se chamava a tenra irmã), por que não visse a Marfido. Ele chegou com Soliza à porta por donde entrara, e despedido dela com muitos oferecimentos, devidos ao perigo a que por ele se arriscara, se foi para as casarias do maioral Silvano. Soliza, cerrando a porta, se tornou para Ismena, e achou-a tão agastada, que não ousou dizer-lhe como Marfido ali viera. Perguntou-lhe Ismena quem era aquele pastor tão atrevido. Disse-lhe Soliza:

— Fermosíssima Ismena, não o culpeis tanto, que, como essa alteração e enfado se vos passar, sabereis a pouca culpa que tem, e a muita que comete contra sua cortesia quem o não estimar

como merece. Ele se chama Marfido; é o pastor que vos disse que, a rogo das pastoras da aldea, louvou as molheres; é natural
159 da terra de Floridora, prima de Daristo, e ela me afirmou ser da família dos mais ricos maiorais de aquelas partes, e nelas rico e honrado; de sua pessoa e boa feição vos certefico que a tem de exceder o que dele se publica, e que é digno da afeição da mais galharda pastora e que será venturosa aquela a quem ele a tenha.

Esta foi a segunda bateria que o amor deu ao livre e descuidado coração de Ismena, e com ela deu princípio a sua ruina, e foi penetrando o interior de sua isenção, que as palavras e indústria de ũa molher astuta e maliciosa são cruéis e quasi invencíveis enemigos da honestidade. Marfido, em tanto, sendo já quasi noite, se subiu a ũa altura oposta ao ameno vale do pai da divina Ismena, de donde divisou alguns pastores de Silvano, que para as malhadas iam guiando as ovelhas. Então seguiu o pastor o caminho delas, tão ocupada a fantasia do que por ele passara, da gentileza e suave voz de Ismena, que por grande espaço não se lembrou de outra cousa, té que o veloz pensamento, penetrando a memória, ocupada e divertida, lhe trouxe ao mesmo lugar a mui fermosa Gelinda, e vendo como amor tão antíguo, que nacera com ele, na luz de aqueles olhos donde outro, como se-
159v gunda fénix, se formava, começou a queixar-se com altos sospiros, e eles o despertaram daquela elevação do pensamento; e sendo já de noite ouviu de perto as vozes dos pastores, que as ovelhas deixavam recolhidas nos currais, e à guarda dos mastins encomendadas. Então, guiando àquela parte, a propósito da grande confusão em que se achava, foi estes versos cantando:

Feminil fermosura,
Sujeito, alto e profundo,
Que a quem te fez levanta o pensamento,
Ornato e compostura
Do mundo e de outro mundo
Piqueno, luz, amor, contentamento:
Acorde musical, raro instrumento,
Que de palavras tem cordas divinas,
E causam dilatadas
Em graças, e virtudes apertadas
Nas almas consonâncias peregrinas,
Cadea da vontade,
Senhora do alvedrio e liberdade.

Tu que sempre triunfaste
Da feroz valentia,
Que mais glórias e triunfos alcançava,
Hércules sujeitaste
Co fuso que regia
160 Em lugar da acha que vencendo usava,
Do império do mundo a que aspirava
Privaste a António que o teu só procura,
Àquele em forças raro
Atando, fazes claro
Ser contigo a maior menos segura,
E o grão sábio vencendo
Mostras não há saber e estar-te vendo.

Invicta e poderosa,
A terra te obedece,
E os que habitam no céu deces a ela,
Que a cousa mais fermosa
É (se honesta aparece)
A tenra fermosíssima donzela;
Júpiter muda a forma sancta e bela
(Convertido primeiro em teu cuidado);
Orfeu o fogo eterno
Não teme, porque inferno
Lhe parece não ver o gesto amado,
A senhora a ti própria
Por contigo obrigar entra na cópia.

Fazes fermoso e nobre
O feminil sujeito
Donde se preza só ser necessário;
160v Tu douras este cobre,
E animas este peito,
E és precioso tesouro deste Erário;
Pois se és da natureza relicário,
E possues do mundo o coração
Que pretendes de quem
Por ti já nada tem?
Ques de quebrar a se ser ocasião,
Que para se mudar
Só em mudanças tuas tem lugar.

Fermosura divina
Do humano entendimento,
Labirinto patente, e cocodrilo
Naquela peregrina
De meu destino intento,
Firma (e morra eu por ela) o doce estilo;
E antes os olhos que do humor que estilo
Fontes perenes faz a alma desfeita
Cegos, não vejam mais,
Que ver em mi sinais
De que outra vista amor neles receita,
Meu gosto só procura
No mal que de perdê-los me assegura.

E tu, divina Ismena,
161 Donde o Céu tem cifrado
Os tesouros de amor, da natureza,
Fuge de minha pena,
Não ponhas teu cuidado
Adonde pôs o Céu dor e tristeza;
Não se empregue tão mal tanta beleza;
O mal de não ter dita é contagioso,
E a mor desventura
De quem não tem ventura
É chegar a ocasião de ser ditoso;
Goza teu bem contigo,
Que o mal que lhe sucede anda comigo.

Triste canção fermosa
De meu vão pensamento
Dibuxo, que vos sendo lastimosa
Dele, como ele d'alma, vás ao vento,
Leva a cuja é a beleza,
Torna à alma donde a arrancas a tristeza.

No fim desta canção, chegou Marfido às cabanas do maioral Silvano, donde a ele se vieram os rafeiros que mostravam estarem-no escutando, e o receberam com o natural estrondo de sua festa. Daristo e os outros pastores tinham preparado a cea, que, sendo facilmente guisada, a festejou o trabalho do passado dia mais

161v que o apetite as regaladas mesas. O que considerando Silvano, disse aos guardadores de seus gados, alegrando-se da boa vontade com que comiam:

— Pastores, faça-vos bom proveito; folguei de vos ver comer de tão boa vontade, e vejo claramente que não tem a ociosidade humana manjar mais desenfastiado, e que aos outros sirva de apetite, que o trabalho seu enemigo. E veio-me à memória o que a este propósito está escripto em um livro que comprei na cidade há muitos anos.

Marfido, que mui curioso era, lhe rogou que lho mostrasse. Ele disse:

— Para isso largo tempo haverá, mas se quereis ouvir parte do muito que contém, eu o hei lido tantas vezes que facilmente vô-lo irei mostrando.

Todos ficaram alegres de seu oferecimento, e ele tornou a dizer:

— Ora pois agora se oferece ocasião, quero aqui em vossa companhia repreender a dissolução que vai na cidade, donde vou algũas vezes, e queixar-me do escândalo que causa nos ânimos honestos e prudentes, e direi alguns dos exemplos do meu livro e muitas de suas palavras. Vejo na cidade a superfluidade dos banquetes que se usam, o gasto excessivo que neles se despende, as palavras demasiadas, as conversações ilícitas, e os muitos desconcertos que ali se cometem; o que me levanta o espírito para
162 louvar e estimar a sobriedade com que vivemos nestes campos, satisfeitos com o mantimento necessário que nosso trabalho nos ministra, e por ventura com ele mais contentes, e com mais saúde, que aqueles que a maior parte da vida e das riquezas gastam em este abuso tão torpe, que os próprios animais o aborrecem, satisfazendo-se com os manjares que a natureza lhe deu, sem a compostura que a curiosidade humana inventa; e não carecendo os animais, guiados do instinto natural, do que lhe convém para viverem sãos, a malícia dos homens é tão grande e tão insaciável sua gula, que há livros impressos de inumeráveis e diversos modos de guisados. Devem de entender estes tragões que por comerem manjares custosos e beberem vinhos excelentes lhe perdoarão os bichos mais que a nós outros, que comendo o pão, e os fructos da terra, e bebendo as águas frias nos contentamos; e enganam-se sem falta, porque a eles se irão com mais vontade como a manjar mais gordo e delicado; e se imaginam

que assi vivirão mais, também se enganam, que todos os sábios afirmam e a experiência o mostra que a diversidade e abundância das comidas gasta a vida e diminue a saúde, e assi se pode
162v considerar que os mui amigos de manjares o hão-de ser dos bichos brevemente, porque os convidados estão famintos, a cea não pode tardar muito, o dia é breve, e quem aparelha as mesas é a morte. Mas este pensamento não o há neles, nem se lembram de aqueles varões de imortal memória, que, podendo por seu valor ser riquíssimos, tinham por riqueza o desprezá-la, e se contentavam de manjares ordinários, achando nos trabalhos seu descanso. Assi o fizeram Cúrio, Fabrício e Serrano, Romanos excelentes, que engrandeceram sua pátria conquistando muitos reinos e províncias. De Augusto César se lê que, de mais de comer pouco, seu mantimento era tão comum, que o pão que comia era quasi todo de farelos, e queijo de búfaros, e outras cousas semelhantes, e só três vezes bebeu vinho em toda sua vida, e estando com seu exército na guerra. Vespasiano e Tibério, emperadores, muitos dias passavam sem comer cousa algũa. Mitridates, rei de Ponto, sendo já velho, por comer menos, não se assentava à mesa; Sócrates, Pitágoras, Cresipo, Platão, Galeno e Catão foram mui temperados no comer e assi viveram muitos anos. Se algum destes, e muitos outros exemplos de varões sanctíssimos que deixo, tocara a memória dos glotões, e pelo contrário o nome nefando que deixaram muitos príncipes por se da-
163 rem a este vício bestial, e os danos que a si e a seus reinos fizeram, não duvido que se se vissem entre aqueles manjares vencidos do regalo e vil deleite, que de vergonha se lhe atravessaria o bocado mais suave na garganta. Septímio Severo, emperador, por ser desordenado no comer e beber padecia tantas enfermidades e desventuras, que por acabar com elas e com a triste vida, comeu tanta carne e manjares crus, que subitamente morreu; Joveniano, Valentiniano, e Alexandre Magno, por ser demasiados no comer e beber, perderam as vidas desastradamente. Que vos direi de Hélio Gabalo, e Lúcio Vero, que por comedores perderam o império? E se a morte deve ser estimada (e assi o fizeram muitos varões sinalados), se natural, e honestamente vem, assi também não há cousa mais fea e digna de temer-se que a mesma, se por ocasiões torpes sucede. O primeiro que no mundo deu banquete e o inventou foi o demónio, e de aquele banquete resultou

ficar Eva enganada, Adão perder a inocência e o género humano
a vida. Absalão, para vingar a afronta de sua irmã Tamar, deu
um banquete a seus irmãos, no qual ficou o príncipe Amão sem
vida, Tamar infamada, David lastimado, Absalão desterrado e
163v todo o reino revolto. El-Rei Baltesar, filho do grande Nabuco-
donosor, estando cercado de Cambises, rei da Pérsia, deu um
sumptuoso banquete aos príncipes e capitães de seu exército, e
sucedeu que no melhor dele el-Rei foi morto, suas mancebas pre-
sas, seus tesouros roubados, o reino assolado e destruído o exér-
cito. O filho mais velho do patriarca Job convidou a sete irmãos
e três irmãs que tinha, e inda que seu bom pai cada manhã os
benzia, antes que os manjares se acabassem, perderam todos as
vidas. O valentíssimo Olofernes, assombro de Israel, por comer
e beber demasiado deu causa que a valerosa Judite o degolasse.
E ao capitão Sisara tirou a vida a discreta Jael, convidando-o
com leite. Além dos casos desastrados que por convites sucede-
ram (como podeis colegir dos exemplos que vos disse), há ou-
tros inconvenientes que os homens houveram de abominar. E o
que primeiro se me oferece me provoca a riso, dos nécios que
gastam o que bem pode ser que lhe faça muita falta, convidando
muitos amigos, que sendo do número de aqueles de quem dizia
um sábio —guarte de amigos de taça de vinho— são enemigos
muito certos, porque os amigos nas adversidades se conhecem,
como estoutros nas bonanças. O que resulta deste gasto e vai-
164 dade, é que, despois de encherem os ventres, vão zombando do
triste que os convidou: um diz que tal iguaria não tinha bom sa-
bor, aquela trouxeram fria, o assado vinha cru e mal cortado,
os servidores eram desatinados, os vasos sujos, a bebida quente,
e tais há na congregação que, despois de vituperarem o convite,
gabam de mentecato a quem o deu. O erro destes (inda que só
em baixos e ingratos corações tem a colheita) é bem empregado
em quem tem gosto de dar-lho tanto à sua custa. Mas há outros
(e é outro inconveniente) que, despois de ter os ventres bem es-
tofados, e imbutidos dos manjares, se deleitam em tratar de vi-
das alheas, cousa ordinária em homens palreiros, despois de ha-
verem comido. Estes tais são artilheiros do inferno, porque as
palavras do murmurador são tiros infernais, de mais efeito que
os que nas batalhas se usam, os quais tiram somente as vidas,
e estes tiram a fama, que é de mor preço e dura que mil vidas.

São os murmuradores comparados às rãs, e mais insufríveis que elas, porque as vozes das rãs ofendem os ouvidos e as más palavras, a honra. Não cessa a rã de dar vozes dia e noite, não dorme nem deixa dormir aos outros, e a má língoa tem esta condição, ou maldição, que nunca deixa de murmurar. Diz Séneca, escre-
164v vendo a um grandíssimo amigo seu: — Vem a noite, limite dos trabalhos do dia, desenvolve seu manto, e com seu silêncio convida com o repouso os pássaros, já cansados de seus doces cantos, os animais de seu pasto e da verdura dos campos; os homens se recolhem a seus aposentos, pondo termo às ocupações do dia; só o homem de má língoa não pára, nem descansa. E deve considerar-se que a natureza, tão providente em tudo, dando ao homem duas mãos, dous pés, dous olhos, duas orelhas, não lhe deu mais de ũa língua, e esta cercada e como em contínua prisão de queixadas, gengivas, beiços e dentes, para mostrar que podemos ver, ouvir, e obrar muito, mas falar mui pouco. Com infinita verdade disse a mesma verdade que a morte e a vida estavam nas mãos da língoa, porque assi como das cousas que podem desejar-se não há cousa mais desejada que a vida, e das horríbeis e espantosas não há nenhũa que tanto o seja como a morte; a vida tão amada e a morte tão temida, consiste no que falamos. E assi tenho eu por infalível que quem se ocupa em dizer mal não pode viver sem receos, porque os pensamentos donde semelhantes palavras se forjam é impossível não oprimirem o coração adonde assistem. Em fim, vos certefico que primeiro veremos nestes campos os lobos carniceiros e famintos pacerem a erva
165 em companhia dos mansos cordeiros, que junto no sujeito humano má língua e boa consciência.

Muito folgou Marfido e os mais pastores de ouvir a Silvano, e Polisteo lhe disse:

— Por certo, nosso amo, que prezo mais ter-vos ouvido que toda a soldada que me dais. Todavia, grande cousa é a boa criação, e inda que nos não servira de mais que de saber estimar a quietação que possuímos, fora de mais proveito que as melhores vinte ovelhas do rebanho.

O maioral disse: — mui bem.

Disse então outro pastor chamado Dorante:

— Inda que em todo este ano não me atreverei a pronunciar algũas das palavras que lhe ouvi, mas com tudo eu não quero

os saberes da cidade, e me contento com o que sei da lavoura e da criação dos gados, o que aprendi ensinado da experiência, encostado às moutas dos outeiros, assentado à sombra do arvoredo dos campos; lá o hajam com seus estudos os que se desvelam, não por usar com virtude das ciências, e para aproveitar aos outros, mas para tratar só de seu proveito.

Daristo, aprovando o que este pastor dizia, disse:

— Bo fé que Dorante está na conta, porque a ambição e tirania dos que governam é tanta, que nem nós cá nos bosques lhe escapamos, e eu não posso atinar que ciência é a que aprenderam toda a sua mocidade, pois o fructo dela é o que colhem da substância dos bens alheos.

Marfido disse então:

165v — Basta, pastores; não vos lembram as últimas palavras do discurso do nosso maioral? Olhai que isso parece mais murmuração que conversar. Nossas almas são como ũa táboa rasa donde se pintam e imprimem as ciências, e mais cousas que se aprendem, e estas se alcançam como cousa adquirida com o estudo de muitos anos; o abuso delas e a maldade e cubiça de quem as administra se aprendem na escola de nossa natureza, nace conosco, e assi com a mesma facilidade usamos dela. A sabeduria é cousa divina, e o de que o mundo tem mais necessidade, e o de que nele houvera de haver mais mestres. Ela é lume que dá resplandor ao ânimo, e com que os homens feitos de terra se informam, apuram, e perfeiçoam. Ao que alude a fábula de Prometeu, que, não podendo achar fogo na terra com que gastara a escória da composição dos homens, subiu a buscá-lo ao Céu ajudado de Minerva, deusa da sabeduria, e chegando lá acendeu ũa tocha no sol, e com o fogo dela deu a última perfeição a sua obra. De aqui podemos tirar a limpo que aqueles a que faltam as ciências, ou ao menos a afeição delas (que também em nós é natural) carece da perfeição e vida que o fogo de Prometeu deu aos homens, e são num certo modo inútis, e escusados neste mundo. O mal disto está em que os letrados e sábios do mundo
166 se contentam com a sabeduria da terra e assi vivem às escuras por mais sábios que se imaginem.

Assi conversando estiveram os pastores, té que, vencidos do sono, se foram a suas estâncias, donde passaram o que restava da noite em seguro repouso. E quando a clara Aurora começava

a romper o escuro velo, se levantaram ao custumado exercício. E, indo Marfido e Daristo aos currais das ovelhas que guardavam, ouviram entre um arvoredo ũa voz tão suave e concertada com o rabel que tão bem tangia quem tão bem cantava, que, sem detença algũa (inda que com cuidado de não ser sentidos), se chegaram tão perto que poderam entender o que dizia, que era esta canção:

Despois que minha sorte
No doce e puro lume
Dos claros olhos donde amor ardia
Reservando-me a morte
Adonde por custume
Alma abrasada em tanta luz vivia,
De um bem que pretendia
Apagou a esperança,
Por mil partes errando
Adonde lamentando,
Qual neve ao sol, vou consumindo a vida,
Que a seu princípio unida
A morte que em mi tenho não na alcança,
Enche em tudo o que vejo
De lágrimas os olhos o desejo.

166v Só mísero comigo
(Em cuja companhia
Um bem buscando muitos males tenho)
Duro caminho sigo
Mas na difícil via
De um triste imaginar mais me detenho;
Porque adonde, se venho
Sujeito a tanta pena,
Tem o mundo lugar
Digno de descansar
A alma que seu descanso tem perdido?
Elevado o sentido
De indústria algũa vez amor ordena,
Mas para mor tormento
Que tenha por Napécia o pensamento.

Com duvidosos passos
(Mas sem o coração
Que um triste imaginar rouba a meu peito)
Meço os largos espaços
Da contrária ocasião
Por quem de choro um rio eterno deito:
Penosa imagem feito
De meu próprio cuidado,
Nem para conhecer-me
167 Podem meus olhos ver-me,
Quem sou, e quem já fui não determino
Por mais que imagino,
Porque a mudança de um felice estado
Excede o tempo ingrato
Fazendo-me de lástima retrato.

Adonde quer que chego
Neste curso que sigo,
De meu tesouro a perda considero
Por quem fiz d'alma emprego,
E suspirando digo:
— Se está no fim do mal o bem que quero,
O impossível espero,
Porque encerra a memória
A alma que perde o gosto
Na casa do desgosto
Cujas chaves possue a morte dura;
Ó rara fermosura,
De meu honesto intento luz e glória,
Em ti meu bem buscando
Me aparto de mi próprio sospirando.

Não morro em tanta pena
Porque em mi não há viver:
Vivo o desejo, e morta a esperança,
167v E a ventura ordena
Um modo de morrer
Que vive em quem amando não na alcança;
Vã sombra e semelhança
Me considero agora
De quem fui noutro estado;
O doce objecto amado,

No meio d'alma impresso, se me esconde;
Triste Leurino, adonde
De sua luz teus olhos a pastora
Verão, se amor ausente
Nem para chorar mágoas os consente?

Canção, nesta espessura
Que com silêncio grato
Te escutou, ficarás, sendo retrato
De minha desventura;
Eu tornar quero a meu caminho estranho,
Que não recebe alívio um mal tamanho.

Pela voz e pelo sentido dos namorados versos podera Marfido conhecer ser quem se lamentava o pastor Leurino, seu amigo, que ele havia deixado no Tera; mas já neste tempo estava tão luzido e fermoso o matutino crepúsculo, que nenhũa cousa po-
168 dia esconder-se aos olhos: e assi, do lugar donde com Daristo estava, viu e conheceu Leurino. E querendo sair da espessura, porque o alvoroço de o ver não sofria dilação, se deteve por ver que ũa pastora de estremada fermosura, saindo da outra parte do arvoredo, se chegou a ele, e travando-lhe de um braço (porque o triste pastor quasi sem sentido estava) o chamou por seu nome algũas vezes. Alimpou Leurino as lágrimas que a vista dos olhos lhe ocupavam e, pondo-os na pastora, conheceu claramente ser Belsinda, o que tanto inquietou seu atribulado coração, vendo presente a causa de seus males, que, privado do sentido, caíra aos pés da pastora, se ela com os braços o não sustentara, e com as palavras o animara, reprimindo aquela grande força do cuidado.

— De que te admiras, Leurino? —lhe dizia a pastora com muito sentimento— É milagre que vejas a cabo de tão largos anos a quem nunca um momento deles deixou de ver-te n'alma e na memória? Esta é Belsinda; e se o muito que te ama não disculpa contigo ser amor a causa de seus erros, fala-me, admite-me com alegria, ou ao menos sem augmentos de tristeza, que eu em satisfação te darei novas certas donde acharás Napécia.

O tom desta última palavra tocou às portas d'alma adonde tinha o nome amado, e, tornando em si, lhe disse:

— Bem te conheço, Belsinda; prouvera a Deus que não fora,
168v porque se é verdade que me amas, sendo pastora de tanto preço,

sabe por cousa mui certa que desgraças que sucedem de causas, que poderam sê-lo de contentamentos, são as que mais se sentem, e os remédios têm quasi impossíveis. Eu amo a quem naci para amar; vivi sempre e sou vivo para este amor donde morro; tudo o que foi impedir-me o fim das esperanças a que aspirava, guiado da razão de meus intentos, foi prevenir-me a morte ou (para mor tormento) a causa de desejá-la. Mas é certo que sabes tu de Napécia? Não me tenhas suspenso; considera que se nisto duvido dar-te crédito, que menos to darei para entender que posso chegar a vê-la.

— Ah, Leurino, Leurino —lhe disse a pastora— desvariados são os sucessos do amor, como ordenados de um cego que não sabe discernir o modo deles; tu te entristeces de ver-me, passando eu por te achar muitos perigos (e pelo estremo de me oferecer a eles), sendo a pastora que tu bem conheces; tu andas após quem segue outro pastor que a adora, e que o Céu que ta esconde lhe reservou para esposo; minha vista renova em ti saudades de quem amas; a tua satisfaz meus desejos; tu derramas lágrimas por ver-me; eu colho, vendo-te, doce fructo das que em tua ausência derramei; eu acho em ti o fim de todos meus cuidados e espe-
169 ranças; tu me perguntas por Napécia, mitigas o descontentatamento que de ver-me te resulta por que te dê novas dela, e eu por te ver contente quero dar-tas, e tão boas, que te certefico que ouviu também como eu o que cantaste.

— Tu, Belsinda, estás zombado —disse Leurino—, pois não endoudeço; e se falas verdade por não gozar tanto bem não acerto a dar-te crédito: fermosa pastora, não mo dilates mais, que um bem mui largo tempo desejado ofende mais na última tardança o sufrimento.

— Leurino —disse a pastora— ela te escuta, e já poderá premiar com sua vista esse afecto, ao menos por piedade e cortesia, pois o amor que nela tem tanta parte é o dispenseiro delas.

No fim destas palavras saiu da mesma parte donde Belsinda saíra a gentil pastora Napécia, derramando por seus fermosos olhos tantas lágrimas, que não se enxergava neles o alvoroço à vista de Leurino; ele a foi abraçar, convertendo em espanto a alegria; ela se esteve queda, não deixando de chorar, o que, visto por ele, se apartou algum tanto e lhe disse:

— Que é isto, Napécia? Que demonstrações são estas de alegria? Não sabes que se está minha vida nos teus olhos, está tam-

bém a morte nestas lágrimas? Não consintas que a alma que vai buscando esse faro de minha esperança pereça à vista dele no mar de tuas tristezas.

169v A estas e outras tais palavras, só com chorar satisfazia Napécia; o que, visto pelo pastor, admirado e confuso, lhe tornou a dizer:

— Que novidades são estas, querida irmã Napécia? Tu chorosa, tendo presente Leurino? Tu muda a minhas palavras? Triste no instante de toda minha alegria? Ai fortuna mudável, amor tirano e cruel! Em tantas mudanças, em tantas sem-razões, eu só para meu mal firme e seguro?

— Mudável, não, Leurino —disse então Napécia— nem tem poder o tempo e a fortuna para que meu amor tenha mudança, se bem o tiveram para me fazer tão desditosa, que num certo modo (e assi to confesso) me aborreço a mi com mor estremo do que te amo, não tendo nunca outro amor.

— Muito encareceste o mal que te queres, aventajando-o ao muito amor que me deves, mas mais limitaste o mesmo amor, fazendo-o inferior ao ódio que te tens em razão do que não sei eu quem assi o tenha; a verdade deve ser que, como ausência e ocupação sejam remédios de amor, que a em que vives de mi há tanto tempo, e por ventura entreteres-te na conversação do traidor que te roubou a meu próprio coração, te tem esquecida de mi, e de ti mesma. Este perverso pastor, com mais atrevimento que afeição, ousou contra teu gosto levar-te enganada da presença de teu pai, se do agravo que lhe fez e da maldade que con-
170 tra ti cometeu do escândalo das circunstantes aldeas, e do mau exemplo com que envergonhou a singeleza e modéstia com que vivem os moradores dos campos, lhe resultou o bem de possuir-te; não me será a sorte tão contrária que não lhe tire a vida, vingando a aleivosia e traição que nisto fez.

Suspensa estava Napécia e magoada da dor com que Leurino se queixava dos casos em que ela culpa não tinha, quando Alsindo saiu de donde estava, e com sembrante sossegado disse contra Leurino:

— Honrado pastor, bem vejo que a mágoa de perderes a Napécia te cega o entendimento para ver a razão com que o crime de minha ousadia se defende, e a pouca que tens em me culpar com palavras tão indignas de ti mesmo. Bem sabes que Napécia era minha esposa, com gosto e satisfação de seu pai, e que tu

contra sua vontade procuraste contaminar a desta pastora, e casar-te com ela contra a lei divina e a humana, pois era tua prima, e que ele te criou em sua casa como a próprio filho e que a suas obras não respondias bem com ser ingrato; julga agora a diferença do erro que intentavas e o que cometi roubando minha esposa, de tua contradição necessitado.

— Ó falso e desleal pastor — disse então Leurino—, tu só és dessas culpas agressor, violando traidoramente as aras da ver-
170v dadeira fé que a Aurélio devias; mas não são estas as cousas que, estando em tal estado, se hão-de averiguar com palavras.

Dizendo estas, ardendo em ira, traçou um dardo mui agudo que trazia, e fez tiro com ele a Alsindo, o qual, dando um ligeiro salto a ũa parte, se livrou do riguroso efeito, mais por mercê do Céu que destreza sua, e o dardo parou no tronco de ũa azinheira, pelo qual se meteu a maior parte do ferro e a hástea ficou brandindo um largo espaço. Alsindo (inda que bem fora de brigas com Leurino, porque sobretudo o da vida desejava sua amizade e parentesco), vendo o modo com que dele era tratado, esquecido de tudo, e por estremo indignado, se veio a ele com um pesado bastão com ânimo de lhe fazer todo o dano que podesse, e lhe fizera muito, se Leurino, que o seu procurava, vendo a desigualdade com que era cometido, tendo já o dardo perdido, com notável ligeireza não investira com ele, de maneira que por pouco não deu com ele no chão. Alsindo, largando o bastão, o apertou entre os braços com muita força, e com a que cada um alcançava procuravam derribar-se; e não podera escusar-se algum mau sucesso, se Marfido e Daristo não se vieram a eles, e, usando de alguns rogos, e as duas pastoras
171 de lágrimas e sospiros (armas de quem pouco pode, mas à vezes mais que outras poderosas), os não fizeram apartar. Mas quando Leurino conheceu a Marfido, convertendo parte da cólera em que estava convertido em mágoa e pena, lhe disse:

— Ah pastor Marfido, agora acabo de conhecer que sou único exemplo de desgraças, pois tu que és ũa das cousas que estimo e amo na vida, vieste a impedir o bem que alcançara com perdê-la, ou o gosto que grangeara se a tirara entre os braços a este meu enemigo.

Marfido, vendo-o tão entregue a sua mortal paixão, disse a Daristo se ficasse com Alsindo, e, tomando por ũa mão a Leu-

rino, se apartou com ele donde podiam falar sem ser ouvidos, e disse-lhe:

— Caro amigo, satisfeito estou que terás entendido o muito que teus sucessos estima meu sentimento, e assi não trato do que tenho pelo que agora passaste, porque a tudo estive presente, e como eu discurso em tuas cousas com o cuidado que podera ter das minhas (se destas o não tivera perdido, tenho alcançado, se o poderas acabar com teu desejo) que cumprias com tua honra e com a de Napécia, em casares com Belsinda, consentindo que ela o mesmo faça com Alsindo; não te digo isto porque não me pareça o feito de Alsindo digno de teu desgosto, inda que amor, triunfando da vontade, leva trás si razão e entendimento; mas
171v que podes fazer, mísero amante, nisto em que a dor de tua honra te é contrária? A teu juízo o deixo; Leurino, a mi me parece que acreditas a boa opinião que de ti se tem, em procurar que Napécia de Alsindo seja esposa, e em premiar a firmeza de Belsinda. É certo que esta entendo eu ser a vontade do Céu, pois nos trouxe a este lugar a tempo que estorvássemos a morte de um de vós, ou por ventura a de ambos.

Leurino, atento às palavras de Marfido, parecia contá-las com sospiros, e no fim delas lhe disse:

— Nobre pastor, meu verdadeiro amigo, rogo-te me tragas aqui Napécia.

Marfido foi donde os pastores estavam e disse a Napécia que Leurino lhe queria falar, e que a Alsindo estava bem consenti-lo. Napécia lhe respondeu que a Alsindo estaria sempre tão mal impedir-lhe que falasse a seu primo, quanto a ela o não fazê-lo, e com isto se foi com Marfido donde o triste pastor estava, o qual, tendo já n'alma represadas as lágrimas dos olhos, com sembrante severo lhe falou desta maneira:

— Napécia, inda que o amor com que naci amando-te tenha as raízes tão verdes em meu coração como no tempo em que mais as esperanças floreciam, e só em possuir-te consista o não se perder a vida, quero também que entendas que, se à custa de teu gosto ou de teu crédito, se houver de grangear qualquer bem meu,
172 que antes quero perdê-lo e perder-me a mi mesmo que possuí-lo, porque amando-te eu como te amo, meu pensamento está em ti; em ti imagina, e de mi se esquece, e assi a alma afeiçoada não obra em si, pois a principal operação sua é o pensamento, donde se segue que quem não obra em si não está em si, porque não

há ser sem que haja operação, nem obrar donde não há ser, pelo que se a alma de quem não está em si, pois obra na cousa amada, e não estando em si tão pouco não vive em si, segue-se que quem ama vive em outrem, e morre em si, donde venho a averiguar que não posso ter alegria de cousa que a não tenhas, e que mais facilmente te verei gozada de outrem por teu gosto que possuída de mi contra ele. E assi te rogo, pelo muito a que nosso parentesco e criação te obrigam, que me declares o que tens passado com Alsindo, segura de que não quero nem posso ir contra tua vontade.

Bem conheceu Napécia nas palavras de Leurino que, se propunha como afeiçoado, como honrado estava resoluto, e assi seguindo a mesma opinião lhe respondeu desta maneira:

— Não satisfaço ao que disseste dos efeitos do amor, pois que tão visto estás neles, mas digo que nunca no que te tive houve
172v mudança; ao mais respondo que, em todo o tempo que deixei de ver-te, me não apartei de Alsindo, o qual me tratou com tanta honestidade e cortesia, que tanto parece meu irmão como de Belsinda; mas não te posso negar que quando considero o que o mundo dirá desta tão larga e particular conversação que me entristeço de modo que fora melhor morrer, inda que sei de mi que, sendo-me possível apartar-me dele, o não fiz, por não buscar outra testemunha de minha honestidade para contigo, e com ele; certo desta verdade, dispõe de mi o que quiseres, que para ser tua esposa tenho o amor que sempre tive e para sê-lo de Alsindo, a honra por quem tudo perderei, e assi para ũa ou outra cousa estou disposta.

Admirados ficaram os pastores da honrada e discreta determinação de Napécia; e Marfido, estimando-a muito, e considerando os merecimentos de Alsindo e sua irmã, louvou muito a Leurino e a Napécia o que disseram, animando-os com muitas razões que não desistissem de seu honrado propósito. Em fim estava o ser assi ordenado do Céu; vieram-se para donde estavam assás suspensos os dous irmãos com Daristo, os quais, sabendo a primorosa resolução de Leurino, não cessavam de celebrar a mercê que lhe fazia: o pastor com palavras e Belsinda com lágrimas nos olhos.

Neste tempo já o sol coroava de luz os montes, e pelas fal-
173 das deles se ouviam os saudosos balidos das ovelhas e as vozes dos pastores, com que também se conformavam ao som dos rús-

ticos instrumentos. Pelo que se foram todos juntos aos currais, para que fora deles gozasse o gado das ervas aljofaradas da fresca madrugada. E vindo-o repastando viram de longe sentado sobre um penedo um pastor que, com clara e doce voz, cantava em tono tão levantado, como se só ao Céu dirivara seus queixumes; e tão elevado estava, que não viu que era ouvido dos pastores que, ao passo das ovelhas, que deixavam a erva por ouvi-lo, o escutavam. O que ele cantava era este soneto:

Adonde o rosto docemente esquivo
Está que o coração trás si levava?
Donde as estrelas de que amor tirava
Lume a meus olhos, porque em noite vivo?

Donde o sembrante grave, honesto, altivo
E a fala que as memórias elevava?
Donde as graças que o Céu depositava,
De meus sentidos único motivo?

Donde a sombra gentil da vista bela,
Repouso d'alma, em tudo o mais cansada?
Donde a cifra de raros atributos?

Donde as virtudes recolhidas nela?
Ai terra, quanta glória te é roubada,
E a meus olhos jamais de pranto enxutos!

173v Suspensos estavam os pastores na suavidade com que o estrangeiro cantava, e não menos em sua gentileza. O descontente mancebo, a quem a fortuna roubado tinha todo o cuidado de si, feito imagem de seu sentimento, ainda os não tinha visto. Mas Marfido, que conheceu ser aquele Florismonte, que ele amava com verdadeira afeição, se chegou a ele, e, fazendo-o tornar em seu acordo, lhe disse:

— É possível, senhor Florismonte, que, despois de buscar-vos com a diligência a que me obriga vosso merecimento, desesperado deste procurado bem, venho a achar-os donde menos o esperava?

Dizendo estas palavras a que Florismonte satisfez com outras semelhantes, se abraçaram, o que estavam olhando espantados

e alegres os pastores, que, sabendo ser amigo de Marfido, e manifestando-se em sua grave presença sua nobreza, lhe fizeram muitos oferecimentos. A este tempo chegou a seus ouvidos a delicada voz de Cilícia, que a Daristo encheu de sobresalto e de cuidados, e aos mais alegrou, porque cantava com graça natural, e o que dizia era o seguinte:

174 Leve pensamento
Que altivo voais,
Donde me levais,
Se vos leva o vento?

Olhai que me importa
Não serdes andejo,
Porque entra o desejo
Donde abris a porta.

Partis-vos de mi,
Eu vou-vos buscando,
E acho-me chorando
Donde vos perdi.

Sendo tão ligeiro,
Em fim vos alcanço,
Mas perco o descanso
E o gosto primeiro.

Quando em vós havia
De mi algum cuidado,
Por ser descuidado,
Não vos conhecia.

Não vos ocupava
Em matéria minha;
Os gostos que tinha
Sem vós os buscava.

A seguridade
Morava comigo;
Agora o perigo
Anda na vontade

E se fugir quero
De vossa porfia,
Gasto a noite e dia
No que considero.

Quereis ir voando,
E eu que nada digam
Para que vos siga
Alma sospirando.

Mas pois ma levais
A quem vive nela,
Sem vós e sem ela
Donde me deixais?

Minha confiança
Não me trata bem,
Porque quem a tem
Sei que pouco alcança.

A vã presumpção
De todo me esquece,
Porque a aborrece
O meu coração.

Quem sabe querer 1
Não é presumido,
Que anda amor despido
Por humilde ser.

Por tanto podeis
Convosco levar-me;
Não queirais deixar-me,
Que vos perdereis

Serdes avisado
Não importa; sois mudo,
E só quem diz tudo
Hoje é respeitado.

Mais cantara Cilícia vendo ser escutada de Daristo, se a este tempo ũa manada de ovelhas desmandadas não se foram ao trigo. Deixou a zagala o doce canto, e foi correndo a elas convertendo-o em brados dissonantes. E Daristo, a quem até aquela hora não concedera o recato da pastora ocasião de comodamente declarar-lhe seu cuidado, desejoso de alcançar aquela, foi correndo às ovelhas, e, apartando-as do trigo, as reduziu ao rebanho, e todas juntas as foi pastoreando para que a fazer dano não tornassem. Cilícia, com palavras cheas de honestidade e cortesia, lhe agradeceu a que com ela usara. E Daristo disse:

— Fermosa pastora, não me tens obrigação pelo fraco serviço que te fiz, que em caso semelhante está em custume que os pastores vos sirvamos; em outra estás mui grande (se algũa podes ter-me) a meus desejos, e é que, sendo infinitos, se reduzem ao que deles dispor queiras, e estimo tanto amar-te, que não pre-
175 tendo outra glória nem espero outro galardão, senão que queiras ser de mi amada.

Cilícia lhe respondeu:

— Contentas-te com tão pouco, que entendo que te procede de ser menos o que perdes, pois tão facilmente te apartas do amor antíguo que tinhas, e te esquece o que perdeste.

— Enganas-te, Cilícia, que aquela desleal pastora, fundando sua mudança em ũa fácil sospeita, pagou meus honestos intentos como sabes, e a dor desta sem-razão me chegou a estado de perder a vida desesperado, mas agora me alegro, e vejo claramente que nas cousas passadas se ensaiava amor na fé e honestidade que agora no teatro desta alma representa.

— Bem o praticas, mas temo que estás tão ensaiado na matéria, que a darei que ao diante representes tragédias minhas. E como as cousas de amor inda me não passaram pelo pensamento, pesar-me-á dar com mestre de que não aprendesse a constância e primor delas, porque, se chegar a amar, certefico-te que há-de ser um só sujeito.

— Fermosíssima pastora, não permita teu bom entendimento e cortesia que a afeição que tive a quem no melhor dela fez dono de si, a quem por ventura deve ter mui pouca, seja parte para que desprezes a que agora te tenho, que em meus serviços lerás a própria firmeza, e, se fores constante, nunca em mi verás mudança, como também a não viras se aquela pastora o fora.

175v Dizia o pastor estas palavras com tanta eficácia, que a pastora contente, inda que dissimulada, se mostrou agradecida; e no fim de outras que entre eles passaram, se deram a fé de se amar eternamente, com o que satisfeito cada um de sua sorte, deixou Daristo a pastora que no coração levava, por acudir a suas obrigações, porque viu Marfido todo ocupado na conversação de Florismonte. Os quais, apartados dos antigos e novos amantes Leurino e Napécia, que em outra mui doce estavam suspendidos com os ditosos irmãos, todos dando-se conta do que lhe havia sucedido no discurso de suas peregrinações, redundando a memória do passado trabalho em maior contentamento, no fim do qual determinaram partir ao outro dia às ribeiras do Xarrama, considerando a grande alegria que teriam com sua vista os pais da fermosa Napécia, despois de haver chorado tão largo tempo sua ausência. Marfido e Florismonte se assentaram ao pé de um fresco freixo, e despois de se darem conta de algũas cousas que haviam passado quando se perderam aquela tarde nas montanhas donde Florismonte habitava, como fica contado, Marfido, que por estremo desejava saber o que ficava por contar de sua doce história, lhe pediu com corteses palavras lhe fizesse mercê de não lhe ser molesto. O que Florismonte fez por agradá-lo. E prosseguiu desta sorte:

— Com a pena que sentindo-a não sei imaginar, despois que
176 fiz saber minha partida ao conde Arismaldo e a meu pai Arcélio, como no fim do discurso desta história de meus males te contei, caminhei muitos dias sem saber nova algũa do que procurava. Atravessei as terras de Alentejo; não deixei em seus campos montanhas e espessuras que não penetrasse; de ali passei ao reino dos Algarves, e todo meu trabalho foi em vão, que os gostos desta vida procuram-se facilmente, mas com dificuldade e poucas vezes se alcançam. Pois assi quasi desesperado, cheguei à cidade de Lagos, a tempo que um navio estava de partida para a famosa Lisboa; embarquei-me nele, por ver se naquela cidade, que é um mundo abreviado, conseguia meu intento. Com vento próspero, caminhámos aquele primeiro dia, mas, vindo a noite, nos sobreveio um temporal que a fez tão escura e temerosa, que o piloto, receando o perigo que em tanta escuridade descubria, mandou com muita pressa amainar a verga maior, mas o esperado vento chegou tão furioso e de improviso, que, quebradas as troças, deu com ela no meio do navio tão desvariado golpe,

que logo esteve a pique de perder-se. Acudiram ao remédio os marinheiros com grande brevidade, não escusando o trabalho todos os que nele vínhamos, que não há quem deixe os remédios da vida por dificultosos nem por impossíveis; mas nossa diligên-
176v cia e contínuo trabalho não foi parte para que, a pesar de todos, não se deixasse a derrota que levávamos, e só com o traquete nos entregámos à fúria do vento embravecido, que, pelejando com o mar, esparcia sobre ele outro mar de água com força tão estranha, que convertê-la em setas parecia. Assi caminhámos toda aquela noite sem saber a que parte éramos levados do enemigo vento, porque não víamos senão o que a luz amortiguada dos relâmpados nos mostrava entre a altura das ondas, e o profundo do mar que a cada um parecia a sepultura. Assi passámos com o trabalho e temor que só quem nele se viu saberá considerar, té que amanheceu, e a vinda do sol, que belo se assomou das janelas do Oriente, e a Aurora que em meio das estrelas lhe ia desaparecendo, alegrando todo o mundo, também aniquilou nosso perigo, infundindo nos navegantes novo ânimo e brio. Após isto, foi-se aplacando o vento e sossegando o mar, e cessou a tormenta à vista de ũa terra mui fértil e fermosa, que o piloto conheceu ser Andaluzia. Chegou o navio ao porto tão nomeado de San Lucar, e logo quis voltar para Lisboa, pelo que roguei a dous criados que me acompanhavam se tornassem, porque eu só, de todo desconhecido, queria andar por aquela província, donde esperava em Deus que havia de ter algum vestígio
177 do que buscava. Dificultoso foi isto de acabar com eles, mas em resolução eles se ficaram, e eu, deixando-lhe bem pago o frete do navio, tirando dele só o dinheiro que trazia, desembarquei na vila, de donde saí o próprio dia, levando o caminho de Sevilha, com intento de estar nela alguns dias. Caminhava devagar, e a pé, porque determinei não deixar povoação donde não me informasse de Lucélia: e deste modo, a cabo de três dias, cheguei a um vale que estava antes de chegar a Sevilha, meia légoa, tão fértil de arvoredo e de verdura, que ilustrava a Primavera e honrava a natureza. A solidão deste sítio com quem minhas memórias conversavam, despois de um largo discurso vencida a fraqueza humana do trabalho, me obrigou ao repouso, convidando-me com a margem de ũa fonte, que rompendo ũa pedra por entre erva cidreira, mentrastos e violetas, fazia seu curso mansa e sossegada. Mas, porque para melhor declarar o

que resta de minha história, é necessário dizer-te o que em tanto tinha sucedido a meu irmão Laurismeno, está-me atento, não perdendo da memória o lugar em que agora ficamos. Laurismeno (como já me ouviste), não achando indício algum de Lucélia, se deliberou a não tornar sem saber dela; e, acompanhado de alguns criados, atravessou todo Alentejo, e passando à província
177v da Beira, esteve em todas as cidades e nobres povoações dela; de ali, descontente, entrou pelo reino de Galiza, e estando na cidade de Compostela, chegou a ela o conde de Altamira a visitar o corpo de Santiago, com a condessa sua molher, Selardo seu filho, e duas filhas donzelas, o qual com toda a sua casa caminhava a Sevilha donde el-Rei o mandava por assistente. Chamam-se estas damas Lisdora e Angeliza. Viu-as Laurismeno e tão preso ficou da graça e gentileza de Angeliza, que a mais moça era, que, esquecido de tudo e de Lucélia, entendeu que não lhe convinha tratar de mais que servi-la. Sucessos fundados sobre nossa natureza, que quando mais engolfados imos em nossos desejos, qualquer ocasião presente os faz ter de outra cousa. E como ao que há-de ser fortuna prevenha as ocasiões e os caminhos desocupe o tempo, sucedeu que, estando Laurismeno ũa noite ocupado em seu novo cuidado, ouviu na rua donde pousava grande ruído de espadas e de golpes, e chegando à janela viu seis homens brigando contra dous, os quais se defendiam com muito esforço, retirando-se e amparando-se o melhor que podiam, mas sem dúvida eles perderam as vidas se mais tempo se dilatara o socorro; a este tempo recebeu um deles um golpe tão cruel pela cabeça
178 em descuberta da rodela que trazia, que lhe foi forçado, por não cair, fincar a espada no chão, e o companheiro com a dor de o ver tão mal tratado, disse em alta voz:

— Ah traidores, que matais o filho do conde de Altamira.

Mas os contrários, que só a fazê-lo vinham, temendo-se que as vozes deste declarassem seu delito, o carregaram de tantos golpes, que, cheio de feridas, lhe caiu aos pés, e apertando de novo com Selardo (que sem dúvida o era), o mataram se de Laurismeno não fora socorrido. O qual, como já seu generoso coração o estimulasse a socorrer aqueles dous homens que tão desigualmente pereciam, sabendo ser aquele Selardo irmão da cousa que ele mais amava, tomou com increível presteza a sua espada, e um broquel que encuberto custumava trazer, e porque a porta da pousada estava cerrada, e a janela do seu aposento não era

mui alta, saltou por ela na rua, e investiu aos seis com tanto furor e forças, que dos primeiros golpes derribou dous em terra feridos mortalmente, e como na verdade ele é um dos mais destros homens destes tempos, se defendeu dos quatro ofendendo-os de maneira que com pouco dano seu os tinha a todos feridos. Selardo, que apenas respirava, despois de tão grão perigo, vendo em tal ocasião tão bom socorro, com ânimo de ajudar a quem a vida devia, e de vingar-se dos que queriam tirar-lha, co-
178v meteu com forças renovadas seus contrários. Mas Laurismeno os tratava de modo que já lhe iam deixando o campo, mas um deles, a quem aquele caso mais tocava, se abalançou a ele, dizendo:

— Ah tiranos de minha honra! — e deu-lhe ũa estocada nos peitos com tanta força, que, não podendo a espada penetrar as miúdas malhas do seguro jáquo que sobre um colete trazia, deu com ele em terra. Laurismeno, de todo embravecido, julgando-o por morto, deu ao outro a resposta de maneira que, já desamparado dos companheiros inútis para defendê-lo, tendo-o em terra, o matara de todo, se Selardo, levantando-se, lho não estorvara, dizendo:

— Deixemos, valeroso amigo, este fidaldo a quem em pago de me procurar a morte quero agora dar a vida.

E o outro lhe respondeu:

— Agora vos mostrais mais enemigo, que a quem tem perdida a honra a vida é a pior cousa que possue.

— Quem agora vos deu ũa é para a seu tempo vos restituir a outra — lhe replicou Selardo.

E, com isto, rogando a Laurismeno ajudasse a levantar seu companheiro, que de muito mal ferido o não podia fazer, todos três se foram às casas donde o conde pousava. Selardo não queria que Laurismeno se fosse, mas ele lhe disse que era necessário fazê-lo, por não ser achado menos, e prometendo-lhe de o tornar a ver sendo de dia, se foi em companhia de alguns criados
179 por quem Selardo mandou buscar quem o curasse, e, passando pela rua donde a briga sucedeu, donde já os contrários não estavam, Laurismeno, firmando-se em ũa alabarda das que os criados do conde traziam, saltou com facilidade na janela do seu aposento, donde se recolheu sem ser sentido, e amanhecendo, se levantou e, acompanhado dos que trazia consigo, foi visitar a Selardo que na cama achou de duas feridas, inda que piquenas. Mostrou-se Selardo mui obrigado ao benefício que dele recebeu;

perguntou-lhe quem era e adonde caminhava. Laurismeno respondeu a seus comprimentos com a cortesia devida, e ao mais que saiu de Lisboa, donde era natural, a visitar o corpo de Santiago pelo prometer em um grão perigo em que se vira, com tenção de ver (despois de cumprir seu voto) as cidades principais d'Espanha. Louvou Selardo seu intento, rogando-lhe muito que fosse com ele até Sevilha para donde seu pai estava a caminho, e que poderia ser que de ali o acompanhasse té donde fosse seu gosto. Laurismeno, que aquilo pretendia, lhe disse que estimava aquela ocasião de o servir, e acompanhar ao conde. Deste modo ficaram grandes amigos; e o conde e a condessa, sabedores do caso, se lhe ofereceram muito; Lisdora e Angeliza lhe falaram; e em fim ele ficou acreditado e querido de todos os de aquela
179v casa. Lucélia, fugindo das vodas de Laurismeno (como tens entendido do que já te hei contado), veio ter a Galiza, e parecendo-lhe que ali podia estar segura de ser conhecida, cansada e temerosa de andar tantas terras estranhas e apartadas da em que foi criada com tanta magnificência, se resolveu em servir a este mesmo conde de Altamira; o qual a estimava muito por sua extraordinária gentileza. Pois vendo Lucélia a Laurismeno em aquela casa, ficou mui temerosa de ser dele conhecida, entendendo que só a buscá-la vinha. Mas o seu pensamento estava tão ocupado em contemplar Angeliza, que tudo o mais lhe esquecia, e era de maneira que a própria Lucélia (que Célio se nomeava) era a terceira de seus amores. Neste tempo já Selardo estava bem disposto, e o criado que com ele se achou em a passada pendência em disposição de caminhar. Pelo que o conde partiu de Compostela para Sevilha, e caminhando com muito gosto chegou à nomeada vila de San Lucar, donde foi recebido de Rosarte, filho mais velho do conde de Niebla, com muito aparato e festas, porque para este efeito o mandou seu pai, que também era senhor de aquela vila. Viu Rosarte a Lisdora, e tão prendado ficou de sua fermosura, que se resolveu em mostrar em seus serviços o grande amor que lhe tinha, e despois pedi-la por esposa
180 ao conde seu pai. Dous dias despois do em que o conde chegou a San Lucar era dia da Cruz, e como os amantes têm a tardança por contrária de seus intentos, quis Rosarte naquele santo dia manter ũa sortilha, por mostrar a Lisdora a grandeza de seu estado e sua gentileza que era muita, assinando por prémio do vencedor um colar de muito preço. E para que a festa fosse como

pretendia, falou aos fidalgos da vila, e mandou recado a outros que perto dela moravam. Chegou a hora; saiu Rosarte à praça com grande acompanhamento de pages e lacaios, e seis poderosos cavalos, com paramentos de ouro e pedraria; andou tão galhardo e venturoso, que excedeu a todos os ventureiros, que foram muitos, um dos quais foi Selardo, que o sentiu muito, porque se tinha por grande homem de cavalo, mas Rosarte de poucos recebia comparação. Laurismeno, que por não ter os concertos necessários, não pretendeu entrar na conta dos ventureiros, vendo o grande desgosto de seu amigo Selardo, e a glória de Rosarte, desejando aliviá-lo e juntamente mostrar suas boas partes a Angeliza, baixou de ũa janela donde com o conde estava, cavalgou sobre um dos cavalos de Selardo e saiu à praça tão gentil-homem, e bem posto na sela, que deu muito contentamento a todos os que o viram, e alentou a afeição que em Angeliza inda apenas
180v conhecia, e com razão, porque Laurismeno pode ser contado entre os destros cavaleiros destes tempos. E assi conhecidamente aventajou a Rosarte, correndo duas carreiras como estava ordenado e pelos juizes lhe foi dado o prémio que era de muito valor. E ele, ufano de seu bom sucesso, por ser em presença de Angeliza, se foi a cavalo ao pé da janela donde estava com Lisdora, e com a devida cortesia lho ofereceu, e ela, vergonhosa, mas contente, o recebeu, não sem mágoa e enveja de Lisdora, que bem tinha alcançado os intentos de Rosarte, inda que só consigo os declarava. O dia seguinte partiu o conde de San Lucar, sendo acompanhado de Rosarte e muitos cavaleiros té ũa légoa da vila. Chegou a Sevilha e começou a administrar seu cargo com muita satisfação dos moradores dela. Rosarte, que em San Lucar ficou sem o coração que Lisdora nos sossegados olhos lhe levara, não podendo sem ele resistir os golpes de sua ausência, alcançando licença de seu pai, se partiu para Sevilha, donde de ordinário visitava o conde de Altamira, e tinha com Selardo particular amizade. E à condessa e suas filhas fazia muitos serviços, de maneira que bem entendiam eles que o amor de Lisdora causava aqueles estremos, e os estimavam, porque Rosarte era herdeiro de ũa das maiores casas d'Espanha. Algũas vezes saía a
181 condessa fora da cidade a ũa fermosa estância que distava dela pouco mais de meia légoa, donde havia ũas sumptuosas casas, e tudo o que natureza e arte podiam fabricar para a recreação humana. E estas casas estavam muito perto do sítio deleitoso e

fonte pura, donde eu repousando estava, como atrás te dizia, e donde aconteceu o que é necessário dizer-te, pelo que tornarei agora de aquele lugar a prosseguir meus sucessos, a que fiz pausa, por te declarar os de Laurismeno.

Marfido lhe disse que mui bem lembrado estava, e Florismonte foi dizendo o que se segue:

— Sucedeu pois que, estando rendido ao sono ao longo de aquela fonte, chegaram por recrear-se nela a condessa e suas filhas, acompanhadas de algũas donas e donzelas. Eu, quando ao ruído da alegre conversação, que ũas com outras traziam, despertei, espantado do que via, tornei a cerrar os olhos, parecendo-me que não havia acordado, e que de novo sonhava. Elas chegaram à fonte, e juntamente Selardo e Rosarte, com alguns criados, mas Laurismeno não vinha com eles, porque ficou na cidade mal disposto, como despois soube. Elas se sentaram junto de donde eu estava, e eles da outra parte, ficando a fonte em meio; olhavam-me todos, e como vinham a alegrar-se zombavam de meu profundo dormir, espantando-se de não haver acordado
181v a tantas vozes; mas a fermosa Lisdora, contra quem estava o amor conjurado por ser esquiva, e em certo modo ingrata ao muito que Rosarte lhe queria, ordenou que de mi se namorasse com tanto estremo, que deu causa a muitos males, e fim a todo meu bem. E disse a Angeliza: — Se tão galhardo Adónis do trabalho da caça repousava, não se deve culpar a deusa Vénus que o objecto fermoso é causa eficiente dos amorosos efeitos.

— Por certo, senhora —lhe respondeu Angeliza—, que isso mesmo considero, e me parece que qualquer encarecimento não pode chegar donde a natureza ali chegou.

Ũa das suas donzelas lhe disse a este tempo:

— Despertêmo-lo, senhoras, para ver se no aviso e graça corresponde com a gentileza que nos admira, que já pode ser como instrumento que, curiosamente obrado, tem mais vozes.

— Raras vezes —lhe disse Lisdora— acontece isto, Siléria, que os exteriores do homem manifestam os interiores sentidos.

— Assi é —disse Angeliza— e mais que um homem dormido, apenas é retrato de si próprio.

Brialda, outra de suas donzelas, disse então:

— Eu (deixando esses argumentos) segura nũa cousa profiara, e é estarem vossas senhorias tão afeiçoadas ao estrangeiro mancebo, que é tanto quanto galhardo venturoso.

Estas palavras se celebraram com riso. Mas em tanto conheci
182 eu no que ouvia a Selardo, Rosarte e seus criados que tratavam de acordar-me, deitando-me na fonte, ou ao menos deitando suas águas sobre mi. E querendo levantar-me por evitar essa afronta, sucedeu que os homens d'esporas de aqueles senhores, juntando-se com outros do campo, apartaram das vacas que perto andavam do sítio um bravíssimo touro, o qual, vendo-se deles perseguido, e provocado a furor, se embraveceu de maneira que, maltratando alguns, os demais não sabiam donde estivessem seguros. E com a ligeireza que o temor acrecentava se meteram entre o arvoredo, uns amparando-se com os troncos e outros subindo aos mais altos ramos. Mas um deles (a quem o bravo animal, não fazendo caso da vozearia dos outros, foi seguindo de modo que não lhe deu lugar de ter remédio) veio correndo até a fonte donde aquelas senhoras estavam na conversação que te dizia, e o touro após ele, dizendo todos os mais: —guarda o touro!— com grandes vozes. E causou este caso não esperado tanta turbação e espanto em todos, que as molheres não tiveram ânimo nem acordo para se moverem dos lugares em que estavam e, abraçadas ũas com outras, esperavam que a morte as apartasse. Rosarte e Selardo, levantando-se em pé, entre seu risco e o perigo das molheres estavam indeterminados. Os pages e escudeiros, que ali tinham, sem
182v reparar em nada, se acomodaram no arvoredo. Neste tempo eu também ao grande ruído estava em pé e o touro, tomando o mísero mancebo que seguia com um dos agudos cornos, o levantou mais de quatro braças, e caiu em terra, mostrando por ũa das ilhargas as palpitantes entranhas, adonde em pouco espaço ficou morto. E porque Selardo estava naquele mesmo lugar, arremeteu a ele com tanta ferocidade que, sem nenhum impedimento, o levou, mas venturosamente que, ficando-lhe entre os cornos, lhe deu com a cabeça de modo que, inda que o derribou, não lhe fez dano. Mas, sem dúvida o matara, se eu, vendo-o que passava, dando um ligeiro salto, não me chegara ao touro e travando-lhe dos cornos, e firmando-me com o corpo sobre o seu pescoço, o não detivera e oprimira. E como o animal tinha a força que sabes concedeu a natureza aos desta espécie, começou a bramar, procurando desasir de minhas mãos os penetrantes cornos, por se vingar com eles de quem aquela força lhe fazia. Mas eu (que não era aquela a vez primeira que em semelhante luta me havia visto), despois de andar um pouco forcejando com

ele por aquele prado, pondo toda minha força, ajudada com jeito
e com destreza, lhe dei ũa volta à cabeça, e, firmando os pés
no chão e o corpo ao touro, dei com ele de costas, e, afastando-
-me um pouco, arranquei da espada (que com ela na cinta havia
183 dormido) e quando ele já de todo embravecido amedrentando
o circunstante vale com bramidos se levantava, lhe dei tão ven-
turosa cutilada pelo jugo, que a cabeça a ũa parte e o corpo a
outra divididos a um tempo caíram em terra, cubrindo-a de um
mar de sangue. Isto feito, Rosarte e Selardo se acabaram de ad-
mirar de meu raro sucesso; Lisdora, Angeliza e suas donzelas res-
piraram, e sobre todos Lucélia, que chamando-se Célio servia em
casa do conde (como já te disse), tendo-me visto, e assegurados
seus receos com a verdade que os olhos lhe mostravam, passado
aquele perigo (que eu por tal nunca tive) reviveu. Selardo e Ro-
sarte, querendo cada qual ser o primeiro, me abraçaram juntos,
fazendo-me mil honras e carícias. Selardo confessava dever-me
a vida; Rosarte celebrava o que havia feito com excessivos lou-
vores, e a obrigação que se me tinha por haver livrado aquelas
senhoras de tão grão perigo. E era isto de maneira que eu dei
só por resposta as mostras de envergonhar-me. Passados estes
comprimentos, mandaram levar o corpo do infelice mancebo e
foi enterrado em ũa ermida que ali perto estava. E porque aquela
estância ficava mal assombrada à vista do que havia sucedido,
se foram a outra não menos fresca e digna de gozar-se. E, sen-
tados, gastaram em doce conversação as horas que restavam, té
a de sua partida. Estava com eles um músico famoso, e que fa-
183v voreciam para ocasiões semelhantes, o qual a seu rogo, ao som
de ũa viola, cantou mui suavemente. E porque te darei gosto,
inda que não faça ao caso do que vou contando, já que o tenho
na memória, te direi o que então se cantou, naquele lugar ameno.
O músico cantou este soneto:

Mão fermosa que os Céus e natureza
Poseram seu poder em fabricar-te,
E tens de neve em tão piquena parte
Um coração de fogo por impresa;

Dedos de doce e rara gentileza,
Por cujo meio amor laços reparte,
E com nunca aprendida e subtil arte
Medis às vidas glórias e tristeza;

Possue vossa suave honestidade
O tesouro da oculta fermosura
Por quem ao pensamento amor faz guerra;

Usai comigo liberalidade,
Despenseira de amor e da ventura,
Que vosso espaço minha vida encerra.

Despois que Sileo cantou, que assi se chamava o músico, Rosarte, a quem o muito que amava e o pouco que possuía não
184 permitiam perder ocasião em que podesse declarar algũa cousa de seus pensamentos, tendo-os em Lisdora cuja gravidade entre ũa flor de esperança produzia mil receos, ao som da mesma viola assi cantou:

Tirano amor, ordenas, conjurado
Com a fortuna cega, que em tormento
Vivam os que mais amam, pensamento
Bem de amor em ser mal considerado.

O prazer docemente encaminhado
D'alma ao mais delicado sentimento
Na pura vista mudas num momento,
E um mudar de olhos é teu firme estado.

Celestiais faiscas centilantes,
Luzes de minha vida onde se acende
O cuidado imortal que me consume,

Vós vidas, morte, amor dais por instantes
A quem ser vosso e seu ama e pretende:
Vós acaso, mas ele por custume.

Selardo, que não tinha naquela terra cousa que desunisse seu cuidado das memórias de aquela dama de Galiza, porque tão perto esteve de perder a vida, lembrando-se de um soneto que fizera, porque, vindo da corte, lhe era forçado tornar-se a au-

sentar a Sevilha, donde então residia, o disse em tono grave e sentido:

184v Ai terríbel ausência, ó feo e triste
Rosto de mágoa e dor acompanhado
Donde receo ver depositado
O mal que pouco há nesta alma viste,

Aparta destes olhos donde assiste
A pura luz do raro e estremado
Objeto belo, de mi sempre amado,
Em cuja vista só meu bem consiste.

Se tão pesada és que o movimento
Veloz do tempo enfreas e suspendes,
Como excedes a mesma ligeireza?

Esperada e possuída, és meu tormento,
Com infinitos a memória ofendes,
E pões-me a vida em feminil firmeza.

Em quanto isto durou, não apartava Lisdora os belos olhos de mi, nem eu de Lucélia, que, como representasse moço de pouca idade, e fosse em todo estremo discreto, era o que mais de ordinário servia à condessa e suas filhas. Ela me olhava a mi com um descuido tão dissimulado, que não me espantei nunca do que por mi passou, inda que causa foi de tantos males; e assi não me detive aquela hora em vê-la nem o mais
185 tempo que ali estive me foi alívio praticar com ela por me parecer que era Lucélia, que sempre o tive por impossível, senão pelo muito que lhe parecia. Rosarte que, pelo que me vira fazer, me cobrou ũa virtuosa afeição, me rogou que cantasse algũa cousa, porque aquelas senhoras vinham a recrear-se e a tomar prazer naquele sítio, e tudo o que fosse dar-lho era cousa acertada e conveniente. Eu, que bem via que, em tal lugar e ocasião, seria impertinência esperar rogos, tomei o instrumento, não podendo apartar os olhos de aquele retrato de Lucélia, e

o pensamento dela, ao som dele disse este soneto, encaminhado ao que então sentia:

Imagem feito de meu pensamento,
Perdido em mi por solitária via,
Fujo qualquer humana companhia,
Cansado de fingir contentamento.

Nisto donde mais peno me sustento,
E triste gasto em lágrimas o dia,
Que é a quem não a sente ũa alegria
Estímulo de dor, pena e tormento.

Meus males digo à hórrida espessura,
Ao vale escuro, e sublimado monte,
E julgo que Eco muda me responda.

Mas achar nunca sei áspera e dura
Região e incógnito horizonte,
Que de ti, cruel amor, cego, me esconda.

185v Despois disto estiveram em discreta e alegre conversação, inda que no secreto de cada um passavam vários efeitos. Rosarte sentia em Lisdora ũa notável mudança, porque, inda que nunca visse nela o amor que nele ardia, também entendia que não era desamado, ou ao menos que não era por outro aborrecido, e agora, como não apartava os olhos donde estava seu cuidado, e visse que os de Lisdora em mi suas luzes ardentes suspendiam, recebia muita pena. Angeliza naqueles passatempos se afligia com a falta de Laurismeno, e com o cuidado de como estaria Lisdora de novo tributária do amor, só a mi olhava, em mi tinha o pensamento, de tudo o que ali passava estava alhea. Eu, tendo os olhos em Célio, tinha a alma nas memórias de Lucélia; a qual, contentíssima com minha vista, não sabia resolver-se no que havia de fazer, porque o gosto de ver-me, e os ciúmes de Lisdora, que com ela se havia declarado, não deixavam julgar o que melhor lhe estaria, mas passando estas cousas em nossos corações, passou também o que do dia ficava, té que assomando-se a noite dos profundos vales, a ver se era já o sol de todo despedido, aquelas senhoras e suas criadas se meteram em um fermoso

coche de quatro cavalos, e eles cavalgaram sobre os seus, mandando-me Rosarte dar um em que fosse, porque, pela afei-
186 ção que me tinha, me obrigou a que fosse seu hóspede todo o tempo que em Sevilha estivesse. Deste modo chegámos à cidade, e despois de acompanhar aquelas senhoras nos viemos à pousada de Rosarte, e passada a cea tornámos a casa do conde, donde havia serão, e naquele honesto entretenimento se acabou de declarar comigo a fermosa Lisdora, dando-me tantas mostras de amar-me, que Rosarte as conheceu claramente, ao que eu satisfazia com palavras de comprimento, atribuindo as mercês que me fazia ao serviço que de mi tinham recebido. Resta agora dizer-te que Lucélia, querendo experimentar minha fé, tinha dito a Lisdora que me conhecia, e que era um fidalgo português mui principal, e outras cousas encaminhadas a meu louvor e sua tenção, com as quais Lisdora, de todo rendida, lhe disse que me amava e lhe rogou me declarasse seu amor, e que o modo deixava a sua discrição. Lucélia se ofereceu a fazê-lo ao outro dia. Rosarte, desesperado, e eu confuso, nos recolhemos a sua pousada, donde ele com mostras de muita dor me declarou que amava a Lisdora, e que não achando nunca nela a correspondência e satisfação que a seu desejo se devia agora conhecia claramente que em mi depositava as premícias de sua liberdade; que lhe dissesse eu se a amava, porque, se assi era, se ausentaria de
186v Sevilha por não impedir o gosto de Lisdora. Eu lhe disse então, lastimado do estremo a que o cruel amor e os desdéns de Lisdora o obrigavam, que do amor de Lisdora sabia ainda menos do que ele tinha entendido, mas que lhe certeficava que estava prendado em outro lugar com laço tão estreito que começou com minha própria vida, e que as contradições que tive da ventura me traziam desterrado, buscando um bem cujas memórias tinham em mi tanta força, que não era capaz de ver nem desejar outra cousa. Estando nós nesta prática, chegou Célio, e como eu não possuisse então algũa cousa de gosto mais que o que tinha de o ver pelo que me representava, comecei a falar com ele andando-se Rosarte passeando; e Célio, que queria provar o que em mi tinha, me deu um largo e amoroso recado de Lisdora, acrecentando que me amava com todo estremo, e o muito que alcançava em ser querido de ũa senhora tão principal. Eu despois de estar entregue a meu cuidado longo espaço lhe disse:

— Agora vejo, Célio, no que te tenho ouvido o pouco caso que se deve fazer nas cousas da fortuna, pois são despenseiros

delas o engano e a mudança, porque as que com muito desejo procuramos, possuídas atormentam com temores o pouco tempo que duram, e pretendidas primeiro se envelhece a esperança e se renova o cuidado que se alcancem. E se nos oferece outras em
187 que nunca imaginamos, são enganosas e como um entremês da tragédia que sentimos, e foram impossíveis quando nos fora possível procurá-las. Digo isto porque favores tão sublimados oferece a fortuna a um homem que não é capaz de desejar nenhum, porque com um bem que perdi, no qual todos meus bens consistiam, perdi juntamente todo o gosto, a vontade, o alvedrio, o entendimento, e vivendo em mi a lembrança do passado, eu vivo só para chorar o presente.

Outras palavras tivemos a este propósito, que Célio, inda que folgava ouvi-las, atalhou pelo que receava ser de mi conhecido. E eu que sentia muito a pena de Rosarte pela mudança de Lisdora, tratei com Célio procurasse, pois tanto valia com ela, que favorecesse a Rosarte, pois era cousa tão justa ser querida de tal pessoa. Célio me disse que lhe parecia impossível reduzir-se o pensamento de Lisdora a nenhũa que fosse contrária de seu desejo, porque a molher que a ele se sujeita para tudo o mais perde a consideração. Mas que ele tinha advertido um modo de remédio que o podia ser das tristezas de Rosarte, e que se ele quisesse passar por ele, ela o poria em efeito por amor de mi. Disse-lhe eu que me daria muito gosto e que não duvidasse em aceitá-lo Rosarte, porque quem ama se desvela sempre nos meios do que procura. O ingenho das molheres é excelente nas cousas da in-
187v dústria, e não repara em dificuldades, de donde nace que consideradas pareceram impossíveis, e assi Lucélia, desprezando inconvenientes, disse que estava determinada dar a entender a Lisdora que era de mi mui amada, e acabar com ela que me falasse ũa noite, cuja escuridade a enganaria de modo que Rosarte em meu nome gozasse aquela ocasião, e que disto resultaria, tendo Rosarte por medianeira a conversação amorosa, desenganar-se Lisdora em tempo que achando-se enganada estimasse ser querida. Abracei eu então a disfarçada Lucélia, e, chamando a Rosarte, lhe dei conta de tudo; ele, inda que descontente de sua ventura, satisfeito de minha amizade, e cubiçoso do que não possuía, se dispôs àquele furto amoroso. Célio se houve com Lisdora de maneira que alcançou o que queria, concertando que a seguinte noite me falaria de ũa janela que caía sobre um jardim, e ficava

arrimada a ũa das paredes que o cercavam, na qual, subindo Rosarte, podia mui bem falar-lhe. Sabido este concerto por ele, ficou mui alegre, e parecendo-lhe o dia um século, o passou midindo mil vezes os espaços das horas, e as da esperada noite, com sospiros e desejos, e em quanto se avizinhava a que seus pensamentos dilatavam. Ao som de ũa harpa esteve cantando can-
188 ções acomodadas ao que sentia, entre as quais disse esta que encomendei à memória:

Fria noite serena e sossegada,
Espia muda de secretos vários,
De ousados guia, e do temor consorte,
Guarda de intentos vis e extraordinários,
Agora que do engano acompanhada,
Do temor, da vingança, e dura sorte
Vens retratando a morte,
Da profunda caverna donde habitas
Saindo co silêncio o medo triste
Soltando as pontas de teu negro manto
Com que encobres a luz e a mal incitas,
Roubas a fermosura donde assiste,
Formando duro encanto
Com que a pura vergonha
Resoluta e risonha fez espanto.

Aqui donde te espero há tantos anos
(Que tais as horas são que o bem dilatam)
Teu vulto adoro, porque do desejo
Os fins suaves, teu silêncio tratam,
E se do sono amiga nos humanos
Repouso infundes em qualquer ensejo
188v Se do bem que em ti vejo
Tem desatado e livre o pensamento
Eu por ti qual a ninfa namorada
Do sol, te sigo, té que a luz do dia
Forma de ver-te n'alma novo intento,
Que esperando ũa glória imaginada
Mortal é a vã porfia
Do desejo amoroso
Quem semelhante gozo alcançaria?

Chegaste, noite amada, a meu desejo,
Que inda que a fortuna seja avara
A vezes mostra o bem que se procura;
Ó doce sombra, a meus intentos cara,
Se em tua escuridade meu sol vejo,
Se para ver, a vida é certo dura,
Aquela fermosura
Em cuja ausência se me consumia
Amor propício, e a meu mal piedosa;
Ó noite minha, dura eternamente,
Que a quem a dor da glória que perdia
Tornava os dias noite tenebrosa
É justo se contente
De que em ti sempre viva
Que é noite mais esquiva estar ausente.

189 Alegrem-se os Céus de estar-te vendo
Com claros olhos puros e infinitos
Cuja luz à do dia causa enveja,
À Osa o belo Arcturo ponha editos
Que em torno do Exe o carro ande movendo,
Maia no amor do Deus que ver deseja
Inflamada te veja
Às Plíadas calor e lustre dando,
Aparte-se das Híadas Saturno
Que entre outras rutilantes queiram ver-te,
E em Júpiter e Vénus moderando
Ele, e Marte seu intento ímpio e nocturno
Façam resplandecer-te
E as mais luzes serenas
Do sol, que possa a penas exceder-te.

Não rompam teu silêncio adversos ventos,
Nem tocando-se as nuvens corrompidas
Causem trovões, que os animais espantem.
Cristalinas estêm de luz feridas,
E formando no ar vários assentos,
Velando as aves docemente cantem,
As feras se levantem,

Gostem a erva tenra da humidade
Em teu respouso alegres e seguras,
A água cristalina, sossegada
189v Co as pedras de ti trate à puridade
Espelho sendo de tuas luzes puras,
E na voz namorada
Mande o amante ditoso
O desejo amoroso à dama amada.

Cubra teu velo espesso o bem que espero
(Que dura mais se é menos entendido)
O curso de teu negro coche para,
Dilate-se algum bem sendo possuído;
E se temes que o sol que considero
Para ausentar-te, o dia já prepara;
Detém-te, amiga cara,
Que a luz de aqueles olhos soberana
Sol quer ser só do rosto almo e divino,
Nem se hão-de escurecer quando apareça
Vénus, Júpiter, Mars, Saturno e Diana,
Que quer de seus efeitos o destino
Que alma só lhe obedeça,
Dura pois, noite fria
Até que noite o dia me pareça.

Canção nocturna à noite oferecida,
Se do vento levada que respira
Chegas donde Lisdora nos espera
De teus conceptos faro, asilo e vida,
190 Té que chegue a entretê-la humilde aspira;
Mais pedir-te quisera,
Mas se ali também chego
Que mais felice emprego ter podera?

Chegando pois a hora desejada, indo conosco Célio com espada e broquel, tão animoso que causava em Marte gosto e em Belona enveja, chegámos àquela parte donde aprazado estava o amoroso conflicto. Subiu-se Rosarte na parede, ajudado de mi, e falou a Lisdora com tanto sobresalto de ver presente aquele impossível de sua imaginação, que o não foi a ela conhecê-lo;

e inda que pelo que despois fez o devia sentir em todo estremo com a cautela e dissimulação, tão natural nas molheres, o encubriu, não pervertendo o amoroso modo de falar-lhe té que a manhã desejada dela, e de Rosarte aborrecida, começou a mostrar-se. E dizendo que com Célio o avisaria quando houvesse lugar de lhe tornar a falar, se despediram. E como as molheres na vingança de seus agravos não podem comportar a dilação, logo aquele dia falou com Selardo, seu irmão, e lhe disse que Angeliza, sua irmã, me falava de noite, enganada, e persuadida de Célio, que lhe tinha dito ser pessoa de grande estado, e que por servi-la viera desconhecido a Sevilha, e outras
190v mentiras encaminhadas a confirmar seu desenho. Selardo recebeu a paixão que podes imaginar e desejando a hora de ver aquele caso, e de me tirar a vida, se claramente não conhecesse ser digno de casar com sua irmã. Lisdora, que procurava ver-me sem ela, como molher que o que muito amara aborrecia, tendo lugar de ali a poucas noites mandou a Célio me avisasse, e despois a Selardo, as horas e o lugar a que havia de acudir. Esse que, como já te disse, era mui afeiçoado a meu irmão, e sabia tanto de seu esforço que fiara dele cousas mui dificultosas, porque ele, já livre de um acidente que tivera, estava em suas forças, lhe deu conta do negócio, acrecentando que convinha a sua honra tomar vingança de aquela injúria. Laurismeno, para quem não houvera cousa de mor pena, admirado, porém não dando crédito que em Angeliza houvesse tão súbita mudança, porque, guardando o devido respeito a sua pessoa, o favorecia e mostrava estimar-se dele amada, desejoso de ver a verdade, se ofereceu a o acompanhar, e estando avisados de Lisdora, se poseram debaixo de uns portais que estavam de fronte do lugar que já te disse. Rosarte e eu, com o gentil Célio, viemos bem descuidados de tanto dano, e não seria passada meia hora quando Selardo, acompanhado de Laurismeno, se descubriu tão apressado, que não teve lugar Rosarte de se juntar comigo, e por não ser visto e conhecido dele se foi com
191 muita pressa ao longo das paredes do jardim. Selardo, em tanto, e Laurismeno me acometeram com tanta fúria e a Célio que comigo estava, que me vi mui a risco de perder a vida, porque não havia razão para eu desamar a Selardo, mas ele, que só a meu dano e ao de Célio vinha, aos primeiros golpes lhe deu ũa ponta tão rigurosa pelos peitos que, entendendo ser morto

pela dor desusada que sentiu, deu um lastimoso grito após ele, dizendo:

— Ai querido Florismonte!

Eu, que envolto andava com Laurismeno nũa travada contenda, e já o sangue de ambos descubria o perigo a que o engano nos tinha oferecidos, ouvi a lastimosa voz e o nome que encubrir procurava, que meu irmão não entendeu quiçá; ocupado da cólera em que ardia, pareceu-me aquele triste acento o que n'alma estava impresso, mas a novidade do caso e a dura ocasião em que me achava não permitia discursos à memória, e assi só com ânimo de valer a aquele [que] por companheiro tinha, dei um golpe a Selardo na cabeça tão poderoso, que, defendendo-a de ser aberta um fino casco que trazia, lhe saltou o sangue pelos narizes e boca, caindo em terra tão desacordado, que Célio teve lugar de lhe dar ũa estocada por ũa perna. Mas Laurismeno, que em tais tempos não perdia o tempo como um dos mais
191v destros homens de seu tempo, rebatendo-me um golpe, deu outro a Célio na cabeça tal que, não o matando, porque a espada se lhe revolveu na mão, caiu em terra como se verdadeiramente fora morto, o que visto por mi, não sei dizer-te a cólera e furor que me abrasava, e o que procurei a morte de meu irmão, mas ele se defendia respondendo a meus golpes com outros semelhantes; e assi andamos ferindo-nos mortalmente, de maneira que nenhum presumia (segundo eu entendo) tirar a vida ao outro, sem muito dano da sua, inda que a rodela de Laurismeno era de todo desfeita, mas sem ela se defendia, também ajudado de sua destreza, que pouco se conhecia nele aquela falta. O estrondo de nossa contenda era tal, que atroava grande parte da cidade, o que causou ser ouvido do Alguazil maior, que com outros dous e mais de vinte homens andava rondando, e chegou a tempo que Selardo e Célio se levantavam, um com ânimo de matar-me, e outro de defender-me. Mas a fraqueza de Célio era tanta, que não pôde dar um passo. Selardo, conhecendo o Alguazil maior, lhe bradou me prendesse e que não lhe obedecendo me tirasse a vida; a cujas palavras moveram todos contra mi, com grande estrondo de vozes e de armas. Mas eu, que no estremo do furor estava, os recebi de modo que alguns o sentiram à custa das vidas, e do sangue. Laurismeno, vendo-me cercado de tantos, se
192 apartou, sentindo muito o termo que comigo se usava, e se não temera ir contra o gosto de Angeliza, me ajudara com todas suas

forças. Ao ruído da briga acudia muita gente, e como os ministros da justiça apelidassem el-Rei, todos eram contra mi, e sendo tantos me oprimiram de modo que teve lugar um dos alguazis de prender Célio, o que visto por mi, como já o tivesse conhecido por quem era, desprezando a própria morte que presente tinha nas armas de tantos contrários, me meti por entre eles tão furioso, que, a pesar de todos e de meu próprio corpo que, nesta ocasião, foi sinalado em muitas partes, o tirei das mãos dos que o tinham asido. Mas como Selardo estava magoado e ofendido, dando-se a conhecer com todos, os provocava a que me matassem, pois não queria obedecer à justiça; e sendo o dianteiro me acometeram de novo com tanto ímpeto, que sem dúvida me acabaram se não chegara Rosarte disposto a me livrar, inda que perdesse a vida; e por mais dissimular ser ele o que falava com Lisdora, foi primeiro a sua casa que da do conde distava poucos passos, e trazendo consigo seus criados, rompeu por meio de todos, e sendo conhecido se lhe teve respeito, e os que me perseguiam se apartaram. Selardo se veio a ele e lhe disse que não intentasse amparar-me porque demais do dano que ali tinha feito,
192v a origem de aquele desconcerto era digna de grandíssimo castigo. Rosarte e Laurismeno procuraram aplacá-lo e juntamente a mi para que me rendesse à justiça, certeficando-me Rosarte que debaixo de sua palavra me podia entregar, que ele tomava à sua conta meu negócio e o de Célio, e que, ainda que lhe custasse a perda de seu estado ou a da vida, não consentiria que recebêssemos dano. A todas estas cousas estava eu indeterminado, porque não sabia entender o que havia de ser de Célio, o qual, vendo minha paixão e meu perigo, se chegou a mi, e formando do alento que apenas despidia por milagre de amor a fraca voz, me disse:

— Obedecei, senhor, à dura sorte; dilatai em quanto pode ser a cara vida, que ainda que o caso é tal, que tudo dele pode recear-se, o conde, meu senhor, há-de sabê-lo, e não será impossível remediá-lo; olhai quem vô-lo pede, e que se algũa cousa vos merece, só com fazerdes isso podeis esperar que viva.

Aqui de todo conheci Lucélia e meu descuido quando o castigo dele padecia; tão entregue à dor fiquei, que, procurando falar-lhe, o não pude fazer, mas fiz o que mandou. Dei a espada a Rosarte, o qual me acompanhou até cadea, e não se apartou de mi té não ser curado por mestres que ele mandou buscar,

e a mesma diligência teve com a cura e bom tratamento de Lu-
193 célia, que estava em outro aposento donde eu não sabia dela mais que o que o carcereiro me dizia. Selardo e Laurismeno se recolheram mui mal-feridos, e não me espanto que Laurismeno não me conhecesse, porque a escuridade da noite era grande e não havia então cousa mais apartada de seu pensamento que poder ser eu Florismonte. Assi passámos todos alguns dias, nos quais eu mais sentia a ausência de Lucélia, e as más novas que a cada passo de sua saúde me davam, que tudo o mais a que oferecido estava. Mandava-me ela visitar muitas vezes por um moço de bom parecer, que servia o çurigião que a todos nos curava, que era o melhor da cidade. E por ele me mandou ũa carta que o próprio moço lhe escreveu, firmada por ela, porque estava em estado que com trabalho a firmou, e nela me dava conta do que me tens ouvido de Laurismeno, o que eu mal podera imaginar, mas o que mais de ordinário nos sucede é o menos que receamos. Mas, inda que senti muito estar meu irmão maltratado e ferido de minha espada, me pareceu acertado não lhe descubrir quem era pelo que importava ao crédito de Lucélia, pois era força ser conhecida em tal trage. E, estando as cousas neste estado, e o negócio para com a justiça vagaroso, porque Rosarte com dávidas tinha aplacado as partes, e Selardo, persuadido dele, se
193v contentava de que me ausentasse para sempre de Sevilha. Estando eu já levantado, e fora de perigo, o çurgião que me curava me disse a morte de Lucélia, e com algũas lágrimas mo disse também Pausilo, seu criado, cujo sentimento (se ela não fora mal de menor dor) também ma dera. Passo pelo que disse, e os desconcertos a que então me obrigou minha tristeza; só te certefico que acabara brevemente naquela prisão, porque as penas de meu triste coração não podia a alma sofrê-las, e me parece que se aborrecia de mi mesmo. Mas, estando eu ũa noite no escuro aposento adonde encerrado estava, enchendo-o de lágrimas, tratando com o silêncio dela minhas desventuras, chegou o carcereiro e abrindo a porta entrou, e chegando-se a mi me disse com baixa voz:

— Levanta-te, venturoso Português; estima a liberdade, pois, para sê-lo tanto, achaste o mais nobre príncipe d'Espanha e o homem mais infelice dela que sós ta poderam dar. Toma esta espada que Rosarte me deu para que ta oferecesse, obrigando-me a que te tirasse deste lugar, donde a morte o houvera de

fazer, e mui em breve ele te manda dizer que, por não ser entendido de Selardo (pelo que sabes lhe importa sua amizade), não
194 vem a acompanhar-te e porque também fia de teu esforço e bom entendimento, que não te há-de ser necessário, que o avises de teus sucessos, e o tenhas por grande amigo.

Suspenso fiquei vendo a novidade do caso, e me deu pena, porque já dissimulava com a importunação da triste vida, porque cada dia esperava me mandassem justiçar, e porque havia de perdê-la, a conservava como a hóspede que se sofre esperando-lhe a partida, e vendo que era forçado sofrê-la com as lembranças da morte de Lucélia, o ânimo me faltava e a paciência, o que, visto pelo carcereiro, com algũa aspereza me disse:

— Que é o em que duvidas, se em sair deste lugar cobras a vida e a liberdade, não duvidando eu dar-tas, arriscando-me a perdê-las por servir a Rosarte, e desterrando-me logo de Sevilha?

A estas palavras tornei em mi, e agradeci ao carcereiro o que fazia por Rosarte, mandando-lhe por ele muitos agradecimentos de aquela mercê, e lhe fiz alguns oferecimentos se a Portugal quisesse passar, que, inda que por certo tivesse não viver tanto, nem que em tanto mal podesse a outro ser bom, o benefício é justo que de algũa maneira se agradeça. Assi me despedi dele, e de aquela cidade donde o corpo desta alma me ficou. E escondendo-me de dia nos mais remotos lugares que o solitário campo
194v me oferecia, cheguei a este reino; e considerando que pois era possível sustentar-se esta vida sem Lucélia, sendo sua, era cousa justa tê-la em parte que o modo de sua morte mais claramente soubesse, e assi fiz minha habitação o lugar donde me achaste, pela pouca distância que há dela a Montragil, adonde meu pai reside, e donde me seria mais fácil saber este sucesso, e, despois de morto, fazer também notória a causa de minha morte. Quando de mi te perdeste aquela tarde que fomos esperar o veado, determinei buscar-te, porque fiquei com desejo de te conhecer, e assi por encomendar-te o segredo do que te tinha contado.

No fim destas palavras derramou tantas lágrimas Florismonte, que com muito sentimento de suas desgraças lhe teve o pastor Marfido companhia. E passando ambos nisto um largo espaço, assi lhe disse o pastor:

— Senhor Florismonte, tendes tanta experiência da fortuna, que ainda que a ordinária desordem de seu curso sirva de alívio

em todos os casos dela, que, como cousa que conosco nace, nos consola com o dano que nos faz, não quero, trazendo-vos exemplos de sua instabilidade, que a tantos de humanas esperanças apartou, reprovar vosso sentimento, pois tão justa causa tendes. Mas confesso-vos que, considerando o milagroso modo de vosso
195 nacimento, e que, sendo tanto tempo oculto quem éreis, se manisfestou na ocasião em que Lucélia podera ser esposa de Laurismeno, não pode meu entendimento acomodar-se a que ũa cousa fabricada do Céu para exemplo de suas providências, e para que os afligidos não desesperem nos desatinados casos da fortuna, tivesse um remate tão lastimoso. Ao menos eu não me quietara sem falar com Laurismeno e saber dele a verdade. Eu sou um pastor mais rico de pensamentos que de possessões, e mais pobre de ventura que de merecimentos; por seguir a vontade de ũa pastora, que é senhora da minha, deixei o lugar donde naci com tanta de contentá-la, que só apartar-me de povoado era meu intento, e assi cheguei ao lugar donde habitáveis. E pois sendo eu este me fizestes capaz de secretos de vossa alma, peço-vos vos detenhais nestes campos té a festa dos pastores, que se celebra o primeiro de Maio, porque se ajuntam aquele dia em o sagrado templo muitos pastores de regiões apartadas, e pode ser que eu, sem que vós sejais visto, saiba algũa cousa de importância para o que deveis fazer.

Florismonte, agradecido ao que o pastor lhe disse, se resolveu a ficar com ele alguns dias. E porque era já tempo de recolher o gado, e viram vir a Daristo, que em quanto eles falavam
195v teve amorosa conversação com Cilícia, e, alcançando ser amado dela, vinha mui contente de sua boa sorte. Mas o que em tanto passou entre Leurino e Belsinda, Alsindo e Napécia deixo à consideração, que custuma suplir a falta das palavras em tais casos. E ali determinaram partir-se ao outro dia para o Xarrama, o que poseram por obra, despedindo-se de Marfido e dos mais pastores, com muitas saudades de Leurino. E em poucos dias chegaram à sua aldea, e foram recebidos com suma alegria dos pais de Napécia e de todos geralmente. E casando Alsindo com Napécia, e Leurino com Belsinda, gozaram o prémio de sua

constância e castos desejos,
que para aquele tempo
reservaram.

# LIBRO QUINTO

196 Despedindo-se Marfido de Leurino e sua companhia, despois de o acompanhar até a estrada que haviam de seguir, vindo-se recolhendo para donde sabia que Florismonte e Daristo o esperavam, passou à vista das casas e fresco sítio de Filauro, pai da fermosa Ismena, e tão perto dos seus apriscos, que saudou a dous pastores seus que então começavam a ordenhar as ovelhas; e no mesmo tempo vinha Soliza a buscar o leite para fazer os queijos
196v da manhã, e como dela fosse visto, não pôde o pastor deixar de a esperar pela obrigação em que estava à cortesia que com ele usara. Soliza, que procurava aquela ocasião, o saudou com muita alegria, dizendo:

— Pesa-me, pastor Marfido, enganar-me convosco, não pelo que me toca, que bem sei (e nisto não me engano) que outras pessoas de mais tomo que eu têm de vós a satisfação que já tive; mas pelo descontentamento que resulta de vosso esquecimento a quem não vos aparta da memória.

— Tenho-a eu tão perdida de mi mesmo — respondeu ele —, que não mereço a culpa que me pondes.

— Tanto cuidado tendes da guarda de vosso gado, que vos descuidais de vós? — disse Soliza.

E o pastor a ela:

— Que guarda dará pena a quem não teve mor glória que perder-se?

— Pois — tornou a dizer Soliza — quem causa tantos estremos?

— Um de quem estou ausente donde vive o estremo por que morro.

— Logo estais desterrado nesta terra?

— Bem dizeis — disse Marfido —, que a quem não assiste no lugar adonde ama, todo o outro lhe é desterro.

Destas e de outras palavras que com Marfido teve veio a conhecer Soliza que amava noutro lugar, o que lhe deu muita mágoa, e a pôs em grande cuidado, porque, parecendo-lhe que remediava o atrevimento que teve em mostrar a Marfido o jardim de Ismena, lhe disse quem o pastor era e que, obrigada no muito
197 que lhe queria só pela fama de sua fermosura, se resolveu em mostra-lha, entendendo que quando ela disso levasse gosto, Filauro estimaria que fosse seu marido, e a este propósito tantas meiguices e razões imaginadas, que bastaram para que Ismena amasse a Marfido de mui verdadeiro amor. Mas como fosse molher de claro entendimento, e as tais muitas vezes o ocupam em subtilezas e enganos, logo ali se dispôs ao que havia de fazer. Para o que, mudando o propósito, lhe veio a dizer que tinha um sobrinho que era zagal de seu amo Filauro e que andava perdido pelos amores de Altea, pastora muito avisada e tão presumida que não fazia caso dos serviços do pobre pastor, tendo-o por pouco discreto, e rogou a Marfido que em seu nome escrevesse ũa carta para ser dada a Altea, que poderia ser que, vendo os conceitos dela, o tivesse em outra conta, e lhe desse algum favor. Marfido mui facilmente lhe prometeu que a faria, assentando que aquela tarde se vissem em um ribeiro que a pouca distância de aquele lugar ia regando um fresco vale, sinalando ũa parte que encuberta ficava das casas de Filauro, e assi se despidiram. Os pastores bradaram a Soliza que fosse a buscar o leite, e as ovelhas saudosas dos filhos, levantando as cabeças a cada passo, esquecidas da erva,
197v davam balidos magoados. Marfido se foi a buscar as suas, e achou que Daristo as trazia repastando, cantando ao som da sanfonina, como aquele que andava favorecido de quem muito amava, e que Florismonte o escutava suspendido em seu cuidado. O que considerando se deteve, e Daristo cantou o que se segue:

Novo cuidado que amor
Em meu peito fabricou
Donde desfez e acabou
Lembranças de pena e dor;
Bem sei que tendes primor
Porque em fim sois namorado;
Por tanto sede confiado,
Concedei-me esta esperança,
Que não sofrerá mudança;
Sujeito tão delicado.

E a quem o Céu concedeu
O estremo da perfeição,
E no trato e condição
O estilo *humano* excedeu,
Também viu e conheceu
Com seguro entendimento
Que a lei do agradecimento,
Só de nobres conhecida,
198 Deve encaminhar a vida
E deter o pensamento.

Levai-me adonde viveis,
Que despois que me deixastes,
A mi próprio me roubastes,
E convosco me perdeis.
Se meu mal não pretendeis,
Cuidado, a quem só bem quero,
Esperai, que desespero
Quando sem vós me deixais;
Porque alma me levais
Trás o bem que considero.

Ou façamos um partido
Nesta amorosa contenda,
E seja que ou vos entenda
Ou que me vejais perdido.
Porque se sois recebido
Como merece a vontade
Que em vós pôs a liberdade,
Não tenho mais que entender,
Nem vós menos que perder
Por tão ditosa piedade.

E vós, luz da natureza,
Fermosíssima pastora,
198v De mil cuidados senhora,
Das almas única impresa,
Usai de vossa grandeza
Com o mais humilde pastor;
Viva em mi vosso favor,
Antes que chegue a morrer
Por pouco vos merecer,
E por vos ter muito amor.

Bem mostrou Daristo em seu namorado canto ter o coração tão afeito à desesperação em que Alcida o posera, que não acabava de dar crédito ao singelo amor que Cilícia lhe mostrava. Florismonte com algũas lágrimas que suas memórias arrancavam d'alma o estava escutando. Marfido chegou a eles e todos por divertir-se de seus cuidados olhavam os saltos e brincos dos borregos já fartos da erva que o prado liberal lhe oferecia. Assi andaram com elas té as deixar no rodeo, e recolhidos à sombra de um arvoredo, Marfido tirou do surrão tinteiro e papel e escreveu a carta que Soliza lhe rogou. E, chegando a hora concertada, se viu com ela no lugar que atrás se disse, e leu-lhe a carta por que visse se estava como convinha, a qual assi dizia:

199 Pastora em cuja beleza
(Se do Céu teve o modelo)
Formando corpo tão belo
Se excedeu a natureza,
Se co as armas da crueza
Impenetrante e segura
Possuís tanta fermosura
Livre, porém enganada,
Se presumis que confiada
Atropelais a ventura;

E se eu que chegando a ver,
A preço da liberdade,
O que em vossa honestidade
Não se pode compreender,
Vivendo em vosso querer,
E morrendo em meu desejo,
Quando só ser vosso elejo,
Ingrata a meu pensamento,
Quereis que sejam tormento
As perfeições que em vós vejo.

Se sois cruel e fermosa,
Se amo e sou desamado,
Livrai-vos de meu cuidado
Sendo em matar-me piedosa.
199v Porque se a lei generosa

Fugis de amar quem vos ama,
Também buscareis a fama
De ser feroz e homicida,
Já que matais sendo vida
De quem vosso amor inflama.

Mas se o que tendes de humana
(Inda que o *sê-lo excedeis*)
De que nunca ser podeis
Divina vos desengana,
Atropelando a profana
Presumpção dessa beleza,
Vereis lei da natureza
Condenar tudo a mudança,
Té que custa ũa lembrança
Muitas de mágoa e tristeza.

Agora que docemente
As flores da mocidade
Lisonja da honestidade
São, que ver-vos não consente,
Tendo o futuro presente,
O fim do humano cuidado,
Gozai, quando é procurado;
Não desprezeis meu desejo,
200 Cifra de quanto em vós vejo,
E mais que o sol dilatado.

E se para merecer-vos
Me falta *merecimento*,
Excede meu pensamento
Impossíveis de querer-vos.
A suma glória de ver-vos
Não foi acaso, já estava
Do Céu, e ali me esperava
Amor, feito honestidade,
Que, lince em minha vontade,
Com virtudes namorava.

Vi-vos para não ver mais,
Amei para sempre amar-vos,
Efeitos de contemplar-vos,
E da vida que me dais.
Sabei (se considerais
Serdes em tudo estremada)
Que é justo serdes amada,
E de mi querê-lo ser,
Que vivo de vos querer,
E quero esperando nada.

200v Soliza a gabou muito, e o obrigou com rogos que pela manhã se tornassem a ver naquele lugar, para lhe mostrar o que Altea responderia. O intento de Soliza era dar a Marfido veneno do amor de Ismena (inocente deste engano), escondido no que fingia de seu sobrinho e Altea. Deu a carta a Ismena, acreditando com ela a afeição de Marfido, e fez com ela (não obstantes os receos que as molheres nestes passos representam) lhe respondesse com a carta que se segue:

Quando esta chego a escrever,
Pastor, quisera mostrar
Que me obriga um puro amar
Mais que deixar de querer.

Porque se da honestidade
Se há-de quebrantar a lei,
Disculpada ficarei
Se não tenho liberdade.

Desde o instante de ver-te,
Sonho, sombra ou ilusão,
Me dispensa o coração
A vida, só por querer-te.

É ipitima do desejo
Não ver mais que estar-te vendo,
201 E morre alma imortal sendo
Os dias que não te vejo.

Mas se a razão não fizera
Fé do intento que asseguras,
Morrera em tais desventuras
Antes que amar-te dissera.

Que se os poderes de amor
Se apuram na resistência,
Também lhe prestam paciência
Honestidade e primor.

E assi se mais te quisera
Do que amor pode obrigar,
Podera dissimular,
Se por falso te tivera.

Mas porque se compreende
Pela própria outra afeição,
Me está mostrando a razão
Que isto das nossas se entende.

Amor, estado e ventura
Estímulos são de amar,
Mas só me pode obrigar
Tua fé honesta e pura.

E fiar de meu pensamento
Que chegando a procurá-lo
201v Não poderas obrigá-lo
Senão com teu casto intento.

Por tanto se é deste modo
O amor que em ti considero,
Que hás-de querer o que eu quero
A entender bem me acomodo.

Procura só quem bem ama
Da cousa amada o proveito
E isto o tem mais satisfeito
Que o que outrem ventura chama.

A doce satisfação
Tens (se amas) de ser amado
Em mi, se de teu cuidado
Ordena amor e razão.

De sorte que esse amor puro
Que em mi dizes te transforma,
Assi em teu querer me forma
Que só que me ames procuro.

Se pretendes (como entendo)
O que de quem sou se espera
Tudo fácil considera
Que eu sei que em nada me ofendo.

Mas se outra cousa fulminas,
Como devo imaginar,
202 Podes tão pouco alcançar,
Que só a teu dano te inclinas.

Porque amo te desengano
Do pouco que assi se alcança,
E que foi sempre a confiança
Perigo certo no engano.

A qual deu a Marfido, que louvou muito o entendimento e honestidade da pastora que a escrevera. Soliza, vendo isto e que não se cansava de a ler, animou seu intento, e lhe descubriu o que passava, dando-lhe mil razões para disculpar o engano que a ambos tinha feito, certeficando que procedera tudo de ela se enganar primeiro, tendo por certo que um pastor de suas partes soubesse conhecer e estimar o muito que se ganhava em ser amado de Ismena. Marfido, admirado do enredo de Soliza, lhe disse:

— A obrigação em que vos estou não poderei pagar de nenhum modo, pois me fizestes capaz em vosso entendimento do que excede qualquer merecer humano; e confesso que, sendo o mal que me resulta do amor em que me criei tão estimado de mi, que o não trocara pelos mores bens da terra, agora folgara ver-me livre para gozar a glória que considero no amor de tão galharda pastora; o privar-me dela vos peço que me disculpe, e que vos obrigue a mágoa, e não a aborrecimento.

202v Muitas palavras passaram que poderam vencer Marfido, que a verdade delas conhecia, se aquele pensamento tão antíguo em sua alma o permitira. No fim delas desenganada Soliza, e des-

contente, se apartou dele, mas não desesperada, porque é difícil cousa desconfiar de algũa em quanto se deseja. Marfido se tornou donde o esperavam Florismonte e Daristo, e chegou a eles a tempo que ũa pastora, acompanhada de outras e de alguns pastores, vindo para donde estavam, cantava desta maneira:

Lembranças, que me quereis,
Se de mi vos apartais?
Ou porque vida me dais,
Se ausentes de mi viveis?

Cesse já vossa porfia,
Pois só lastimar intenta;
No bem males representa,
E ũa passada alegria
Mil tristezas acrecenta.

Se me vindes consolar,
O impossível pretendeis;
Nem me haveis d'enganar,
Que é consumir e acabar
O ofício de que viveis.

203 Quando tinha liberdade
Qualquer desgosto passava;
Nenhum dano me lembrava,
Que possuindo a vontade
Em mi alegre ou triste estava.

Agora que n'alma sinto
Quanto com amor podeis,
Nela vossas mágoas pinto
E em minha morte consinto
Porque sei que assi viveis.

Já a pastora por sua voz era de Daristo e Marfido conhecida por Floridora, que com os mais (que todos eram parentes) vinha à festa do deus Pan. Abraçaram-se todos com muito contentamento, mas não sem lágrimas de Marfido e Floridora, que em sua vista representava a memória a mágoa de seus sucessos. E todos juntos se foram a ũa fresca sombra, donde acharam pas-

tores e pastoras, e Cilícia, que, agradecida aos bons pensamentos de Daristo, procurava que a visse. Ali em alegre conversação passaram a sesta, cantando e bailando à vezes ao som dos pastoris instrumentos. Mas Florismonte e Floridora, que fora de todo prazer estavam, se entretinham contando-se alguns dos sucessos que na caça já tiveram, e assentaram ocupar-se nela
203v os dias que ali estivessem. O que visto por Marfido e Daristo, ordenaram passar as sestas em um lugar que a natureza fabricou na entrada de ũa espessura donde andava muita caça, acomodado para descansar do gostoso trabalho de aquele exercício. Estava um frondoso freixo em meio de dous azambujeiros de robustos troncos e longos ramos, sempre cubertos de miúdas e verdes folhas, acompanhados de algũas parreiras por estremo abandantes de entricados ramos, que entre si desordenados formavam um tapis sobre os referidos árvores tão tecido e variado de madressilva, legação e outras matas silvestres semelhantes, que seguros do sol podiam dez ou doze companheiros recrear-se, não envejando as curiosas câmaras dos ricos. E quando já a esposa de Titão, levantando as cortinas de seu dourado leito, mostrava ao ar o claro rosto entre os dourados cabelos, em que ele esparcia pérolas, sairam Florismonte e Floridora das cabanas do maioral Silvano, levando a pastora em sua companhia um zagal, irmão de Daristo, que ũas redes e outros adereços da caça lhe trazia. E dizendo a Marfido e Darito que na mata sombria os esperassem, como deixassem o gado no rodeo, se partiram. Os pastores tiraram dos currais as ovelhas e
204 borregos do alfeiro, ficando a outros pastores as que se ordenhavam encomendadas. E indo elas a seu alvedrio pacendo a fresca erva, era cousa saudosa e em que o pensamento se detinha ouvir a variedade da dissonante harmonia dos balidos com que parece saudavam o dia, que o desejado pasto lhe mostrava. E como os dous companheiros, inda que mui conformes na amizade, o não eram nos cuidados, porque Daristo gozava a vista da pastora que adorava e Marfido chorava a ausência de Gelinda, assi aquela alegre vista causava neles efeitos diferentes, porque de ordinário os tristes o são mais nas alegrias, e os contentes pelo contrário. E despois que um largo espaço cevaram o pensamento nas memórias, Daristo, que sentia a pena que em Marfido causavam, pelo divertir e dizer aos animais e plantas (que amor

lhe revelava o escutavam) sua pagada afeição, tocou a sanfonina e ao som dela disse cantando a Marfido:

DARISTO

Considera, Marfido, o manso gado
Que, passado o rigor da noite fria,
Se descuida da erva deste prado
Saudando alegre o desejado dia;
O ar da madrugada delicado,
E das pintadas aves a harmonia;
204v Não fujas da razão para a tristeza,
Porque quem desespera é de fraqueza.

MARFIDO

Daristo, em meu cuidado convertido,
Feito imagem de dor e de saudade,
Vejo estéril o prado mais florido,
No gosto, e passatempos a crueldade,
Ausente de mi próprio meu sentido,
Sou mentira a mi mesmo da verdade,
Que a morte tem metida em quanto vejo
O fero basilisco do desejo.

DARISTO

Anda meu pensamento retratando
N'alma o divino rosto da pastora
Por quem alegre vivo sospirando,
Mas esta obra excelente não melhora,
Porque, inda que o amor lhe vai mostrando
A fermosura de que se namora,
Não pode compreendê-la e se podera
Sempre por impossível o tivera.

MARFIDO

205 O sujeito mais alto e peregrino
Que ocupou nunca humano pensamento
Foi (quando o permitia meu destino)
Doce causa de meu contentamento.
Agora suas partes imagino
N'alma escritas da dor de meu tormento,
E sendo esta a razão de entristecer-me,
Em memórias quisera resolver-me.

DARISTO

Cilícia minha, cuja honestidade
De graças e beleza enriquecida
O desejo suspende, a liberdade
Acredita, e contenta em ser vencida,
Usai comigo liberalidade,
Divina causa por quem tenho vida;
Amai, que só de amor tão bem fundado
Procede o bem de amar e ser amado.

MARFIDO

Gelinda em cuja graça e fermosura
Tudo o que deve amar-se resplandece,
205v Que não tem mais que dar-vos a ventura,
Nem menos que esperar quem vos conhece,
Não sois culpada em ser ingrata e dura,
Nem amando convosco se merece;
E para não haver-vos conhecido
É glória ser de vós aborrecido.

DARISTO

Se penteando-se está quando amanhece
Cilícia, envergonhada foge Aurora,
E distribuindo luzes aparece
O sol, que de tal vista se namora.
Nos céus, no campo e rio se conhece
Que a natureza toda se melhora;
Eu que alegres seus olhos ver mereço
Em ter siso por doudo me conheço.

MARFIDO

Estava-se Gelinda penteando,
De ser vista inocente, e descuidada,
Laços de ouro subtis amor formando,
E fogo a mão de neve não tocada,
Ia as luzes divinas imitando
Do raro objecto a roxa madrugada,
206 Eu tinha (oculto em tal acontecimento)
Nos olhos transformado o pensamento.

DARISTO

Já a nosso Zénit o sol subindo
Aquenta a terra que ama e favorece.

MARFIDO

Vai-se o manso rebanho dividindo,
Mas inda Florismonte não parece;

DARISTO

Vai-te, Marfido, à mata ora subindo
Que fresca sombra já nos oferece
Em quanto o manso gado ajuntar quero.

MARFIDO

Seja como quiseres: lá te espero.

Desta maneira se entretinham os dous pastores, um cantando o princípio de suas esperanças, o outro lamentando o mísero fim das suas. E porque a calma fazia intratável a fermosura do campo, Daristo começou a recolher o gado, com pensamento de
206v ver de ũa assomada se Florismonte e Floridora apareciam, para passarem todos juntos a sesta como concertados tinham. Marfido em tanto teve um sucesso em que claro se verá que aquelas cousas em que consiste o estado de nossa vida sucedem de ordinário desviadas de nosso pensamento, e foi desta maneira. Pouco antes que Marfido e Daristo chegassem ao lugar de donde se apartaram, chegou a fermosa Ismena com Soliza à mata sombria, lu-

gar donde algũas vezes quando vinha da caça soía passar a calma, por ser mui apartado do trato dos pastores; e porque vinha cansada, encostou-se na verde e crecida erva que a frescura do lugar favorecia em tal tempo. E tendo-se por segura em companhia de Soliza que a guardava, permitiu que o sono suspendesse seu cuidado. Mas Soliza, ouvindo as vozes dos dous cantantes amigos, e vendo de donde sentada estava, não sendo vista deles, que Marfido (indo Daristo às ovelhas) se recolhia à mata donde Ismena dormia, se resolveu, com a brevidade que as molheres custumam fazê-lo em grandes cousas, em que pois suas palavras e indústria não podiam acabar que Marfido amasse aquela pastora, sujeito a outra afeição mais antígua, sua gentileza em tal ocasião para tudo poderosa o sujeitase. E para isto ter melhor efeito, saiu-se fora da mata pela parte contrária, sem ser vista
207 de Marfido, e de ali escondida esteve atenta ao que sucederia. Ismena estava recostada sobre o braço direito, e a branca mão sostinha o cândido rosto, que o trabalho do caminho, despertando a natureza, tinha ilustrado d'esmaltes tão puros, que da mão, do braço e da garganta resultavam reflexos de tanta fermosura, que não houvera coração tão livre ou a outro cuidado entregue, que em tal lugar deixara de render-se a vista tão soberana, e não dera aos olhos, pelo que lhe mostravam, o alvedrio e liberdade. Marfido que (fora de imaginar em tal sucesso) vinha a gozar a sombra do arvoredo, quando de improviso viu Ismena, deteve-se espantado e suspendido, mas, vendo que dormia, esteve considerando um grande espaço aquela peregrina fermosura. E inda que em seu pensamento vivesse quem ausente amava, com tudo não podia a firmeza impedir ao desejo a porta da ocasião por que se entrava, e, indeterminado nesta contradição em que se achava, pareceu-lhe bom meio (pois o tornar atrás não era nele) acordar a pastora, sabendo que sua honestidade resolveria as dúvidas de seus sentidos. Neste tempo sonhava Ismena que, estando no campo com o rebanho de suas ovelhas, vinha um lobo, o qual, querendo levar na boca um cordeiro, ela, disto magoada, punha diante para defendê-lo o seu cajado, e que
207v o lobo entre os agudos dentes lhe tomava a branca mão, e como neste instante Marfido lhe travasse dela, dizendo: — Ah pastora! — , ela se levantou toda sobressaltada, e, posta em pé, ouviu o mais que ele dizia, atalhado do receo, que foi: — em tal lugar entregais ao sono tanta fermosura?

Ismena, inda que amava a Marfido, obrigada dos meios que Soliza tinha usado, sentiu muito vê-lo em tal lugar, porque a respeito de seu crédito desestimava todos os bens da vida. E assi a primeira cousa que fez foi chamar por Soliza, a qual, inda que bem a ouviu, não lhe quis responder, o que visto por ela, sossegando-se, respondeu ao pastor que, divertida com o gosto da caça, a tomara a calma mui apartada da casa de seu pai, o que a obrigou a passar a força dela naquele lugar, donde, estando em companhia de Soliza, se adormecera, e que não sabia a causa que tivera para deixá-la só, pelo que lhe rogava que a buscasse. Marfido, dizendo que nisto e em tudo o mais que lhe mandasse a serviria, se saiu da mata a tempo que Daristo chegava com Florismonte, Floridora e Cilícia, que por agradar e favorecer a Daristo trouxe suas ovelhas a ter o rodeo naquela estância e, inda que Soliza sentiu muito chegarem em tal ocasião, não lhe foi possível remediá-lo; e Ismena que, por se sair da mata, rogou a Marfido que lhe chamasse Soliza, em ele saindo não se
208 deteve, e saiu fora a tempo que Florismonte e os de sua companhia chegavam tão perto que os viram, e se espantaram, e pelo menos, vendo a fermosura de Ismena, e o desgosto de ser vista, que não lhe foi possível encubri-lo, entenderam que eram amantes; e os que sabiam o recolhimento e pontualidade de Ismena se admiraram da ventura de Marfido. Mas como ele estivesse apartado de aquele pensamento, e ela no estremo enfadada de sua desgraça, procuraram no discurso da prática que os circunstantes entendessem ser acaso aquele sucesso. Mas, inda que assi foi, e a opinião e crédito de Ismena em maiores perigos a salvaram, não pôde ela encubrir e remediar a pena que disto teve, assi que, tendo ali a causa eficaz de seu contentamento, a accidental tristeza a escureceu de maneira que só ela se enxergava em seu estremado rosto donde a beleza humana residia. Mas, sentados todos no antro da fresca mata, praticaram em cousas de prazer, cantando canções cujo sentido declarava a tenção de quem as dizia, que sempre em partes semelhantes foi o canto intérprete do amor. Daristo foi o primeiro, porque não fazia cousa com mais gosto que celebrar o estado em que vivia, e disse ao som da sanfonina o que se segue:

208v De ver-vos, pastora, é tanta
A glória, que meu desejo
Não quer mais, se menos vejo.

GLOSSA

Pôs em vossa gentileza
O Céu doce gravidade,
Assi que exalta a beleza,
E fez vossa honestidade
Norte de amar com pureza.
Nesta vista ũa excelente
Glória os sentidos encanta;
Qual será a que alma sente,
Se a que os olhos tem presente
De ver-vos, pastora, é tanta?

O que pode compreender-se
De vosso merecimento
Excede o espanto de ver-se
Nem alcança o pensamento
A perfeição de querer-se.
De mi próprio me acho indigno
No suavíssimo ensejo,
Que em vós, pastora, imagino,
E é maior — caso divino! —
A glória que meu desejo.

209 Se (que é sempre) considero
Vossas perfeições, pastora,
Desta glória o bem que espero
É (felice se assi fora)
Que vejais quanto vos quero.
Contempla, em fim, cego amor
Em vós, eu ver-vos elejo;
Voe, e leve-me onde for,
Que de vosso alto primor
Não quer mais, se menos vejo.

— Por certo, amigo Daristo — disse Florismonte —, bem haveis mostrado as condições e efeitos de um verdadeiro e desinteressado amor, que em pago das obras prodigiosas com que custuma mostrar-se não sabe querer mor satisfação que gozar da

vista que ama; e sou eu tão boa testemunha desta verdade que, sendo-me impossível ver nesta vida quem amo, pois goza já da eterna e verdadeira, estimo mais ver o seu divino retrato, que amor n'alma me depositou, que possuir todos os bens e ver a mor beleza do mundo.

— Folgo de ver tão bem apoiado meu pensamento que se confirme com vossa opinião — disse Daristo —, ao menos para que tenha crédito com a causa de suas maravilhas que para mi eu
209v me satisfaço com a glória que dele me resulta. Mas cante agora Marfido, que, pois quisestes que eu fosse o primeiro, será bem que vamos procedendo no modo em que sentados estamos.

Marfido então, conformando o seu rabel com a sanfonina de Daristo, assi cantou:

Se espero, sei que me engano,
Mas não sei desesperar.

GLOSSA

Aquele contentamento
Que tão pouco me durou
É meu profundo tormento,
Que se o tempo mo roubou
Não mudou meu pensamento.
Nem posso nesta mudança
Desenganar-me no dano
Deste bem que não se alcança,
Mas em tão doce esperança
Se espero, sei que me engano.

Assim dispôs a ventura
As cousas de meu desejo
Donde minha fé se apura,
Que só mil mágoas lhe vejo
210 Por ver tanta fermosura.
E já do muito que quero
Sei que não soube gozar;
Já (se tudo considero)
Sei de mi que nada espero,
Mas não sei desesperar.

— Folgo, amigo Marfido — disse Florismonte —, que em teus males não tenhas de todo a esperança perdida, porque não se pode ter por perdido o bem donde ela dura.

— Difícil cousa é — respondeu o pastor — desesperar do que se ama, mas na verdade não é o amor tão cego, que não veja as contradições do que pretende; e procurar o impossível (que muitas cousas o são que se desejam) é desatino, ou desventura, ou ũa e outra cousa; e retirar-se do intento durando a afeição, como a mi me acontece, é cousa tão miserável, que tenho por melhor desesperar de tudo que esperar desenganado, que as esperanças humanas em quanto enganam dão vida, e matam desenganando. Mas deixando estas cousas ao que cada um sente delas, cantai algũa cousa ao som dos nossos instrumentos, que estas pastoras desejam ouvir-vos.

Florismonte, sem replicar, cantou desta maneira:

210v Tenho a minha alma no Céu,
O belo corpo na terra,
Mas ambos me fazem guerra.

GLOSSA

Em mi próprio acho e conheço
Que se vivo em tanta pena
É porque a vida aborreço,
E que isto ventura ordena,
Porque morrer não mereço.
Mas este cuidado interno
Rompe da lembrança o veo,
E lastimado discerno
Que, sendo-me o corpo inferno,
Tenho a minha alma no Céu.

É um teatro a memória
Adonde amor representa
Qualquer infelice história,
E donde mais descontenta
O que se teve por glória.
Aqui vejo e considero
(Na corte estando, ou na serra)
O bem de que desespero:
N'alma o bem que estimo e quero,
O belo corpo na terra.

211 A morte que deixa em calma
O mais sublimado bem,
E as esperanças dess'alma,
No Céu e na terra tem
De Lucélia o corpo e alma.
A mi amor na prisão dura
Da memória alma me encerra;
Busco no Céu a alma pura,
E na terra a sepultura,
Mas ambos me fazem guerra.

— Por certo —disse Marfido contra Florismonte— que, considerada a certeza da morte e a fragilidade da vida, nos podemos envergonhar de a estranharmos, porque cada hora em todo tempo e lugar e sem haver diferença nas idades vemos inumeráveis exemplos; e não podemos imaginar cousa mais chegada à vida que a morte; e o mundo não tem lugar donde a morte não sígua e acompanhe a vida, nem ela tem cousa mais incerta que seu fim.

— Essa é ũa verdade —disse Florismonte— tão bem sabida quanto mal lembrada, e os livres e desatados dos enganos da vida amam a morte, como fim e paradeiro dos males a que é sujeita.

— São eles tantos —disse Daristo— e por tantos modos
211v combatem a fraca vida, que não faltou quem afirmasse que nenhũa cousa deu a natureza ao homem melhor que a brevidade da vida.

— Ũa cousa me espanta —disse Floridora— e é que, dando crédito a cousas mui apartadas do entendimento humano e crendo a ressurreição dos mortos, porque sabemos ressuscitarem alguns, não nos lembra que havemos de morrer, vendo cada dia e hora tantas e tão várias mortes, e sentimos e abominamos a morte, sendo irremediável e tão certa.

— Esquecermo-nos dela —disse Florismonte— e prometer-nos a nós mesmos larga vida é erro, engano e fraqueza e aos tais será espantosa a morte, pois, tendo-a por enemiga, os tomará descuidados; mas magoar-nos e entristecer-nos a de quem amamos, e mais se for violenta, é cousa natural e que devemos fazer.

— Assi é —disse Marfido—, mas não se há-de exceder no sentimento os limites da razão, tendo-se respeito ao que já dissemos da brevidade da vida e da certeza da morte. Mas agora cantem estas pastoras e gozemos de um dos bens da vida, que é o honesto passatempo.

Cilícia então começou desta maneira:

Amo satisfeita
De meu pensamento,
Mas que me aproveita
Que a confiança é vento?

212 Amar e querer
A satisfação
É para temer
Qualquer coração;
Porque a conclusão
Do mais firme intento
É ser tudo vento.

Fora glória amar
Só por natureza,
Temer e esperar
Argue fraqueza,
Difícil impresa
É fiar do vento
O contentamento.

— Com razão —disse Floridora—, Cilícia minha, tendes por áspera a pensão a que amor obriga seus sequazes, que é o temor que incessavelmente assalta seus desejos e esperanças; e é tão áspero este jugo, que em ser sufrido se pode deixar de ver a força de amor; e porque as molheres de ordinário têm mais que temer que os homens, tenho por certo que amam com mais eficácia que eles.

— Ao menos —disse Cilícia— temem mais as molheres porque aventuram e têm mais que perder que os homens.

— Não é essa a causa, fermosa pastora —disse Daristo—, senão que nas molheres a desconfiança é natural e o amor por accidente, e daqui nace que nunca amam tanto, que não desconfiem mais. Mas eu digo isto falando no geral porque, fazendo execução [*sic*], bem sei que amo ũa pastora tão digna de ser amada, que sendo-o com todo estremo, não é possível igualar ao que merece, e assi a não culparei se desconfia de si, e de mi teme.

212v — Discreto pastor —disse Florismonte— nesta contenda devemos desconfiar e temer, pois é tão certo ser vencidos de quem

em tudo nos vence! Pelo que cantem estas pastoras, e deixemos indicisa esta contenda.

Disseram todos que assi se fizesse e Floridora deu princípio a esta cantiga.

Amo agora aborrecida
Quem desprezei sendo amada;
Choro ausente, não lembrada,
E morrendo tenho vida.

VOLTA.

Não me queixo do castigo,
Pois é justo me aborreça
Quem não quis e agora sigo,
E experimentando o castigo
Passados erros conheça.

Mas endoudeço afligida,
E de mi mesma ofendida,
Que me sustente o amor,
Viva só para ter dor,
E morta para ter vida.

— Por certo — fermosa Floridora — disse Soliza — que amar
213 ũa pastora a quem desprezou, e ser aborrecida de quem foi amada, deve causar tanta dor, que se não se tomar por alívio a consideração de ver que é pena que ajusta e corresponde com a culpa, como vós discretamente fazeis, não fora possível conservar-se o juízo com nossa natureza, que tão mal sofre agravos semelhantes.

— Pois maior mal há ainda no negócio — disse Marfido —, e é que a um estremo custuma succeder outro maior, e assi a pastora ama mais do que aborreceu, e é mais aborrecida do que foi amada, mas com tudo não deve comparar-se este tormento ao que sentirá quem amando com toda a pureza humana, despois do gosto de ũa breve respondência, se vê desterrado e perseguido.

— Cada um sente o que padece — disse Daristo. Agora ouçamos a fermosa Ismena.

Ela, vendo que não podia escusar-se, inda que estava desgostosa pelo que se podia presumir de Marfido e ela saírem sós de aquele lugar cerrado, e não menos de o ver tão apartado de amá-la quanto entregue a outro cuidado, cantou com a graça em que a todos excedia deste modo:

Grande erro é ser presumpçosa,
E fiar da fermosura,
Porque se não há ventura,
Há ser pouco venturosa.

213v Diferem tanto os successos
De nossa imaginação,
Que é mui certa conclusão
Resolverem-se os excessos
Em pena da presumpção.

E assi ninguém se aventure
Em pretensão duvidosa,
Nem por fácil a procure,
Que não há razão que assegure
O ser pouco venturosa.

— Nunca da presunção virtuosa pode vir dano à molher —disse Marfido—; antes me parece que a de fácis pensamentos traz consigo a ocasião de perder-se.

— Essa presumpção —disse Florismonte— há-de ser poderosa a persuadir qualquer honesta pastora que é digna de grandes cousas, e para a retirar das que tais não forem, mas não para que confiada se prometa tudo, e atrevida o procure, porque na opinião dos homens se alcança merecendo, e se desmerece pretendendo. A pastora que chegar a amar convém-lhe ser digna de ser amada por seus merecimentos, e não pelos favores que fizer, porque o mais mísero homem possuindo-os se estima digno deles, e daqui vem muitas vezes a desestimá-los.

— O seguro é —disse Floridora— viver no estado em que eu
214 já algũa hora me vi e, se isto não é possível, porque amor é força que triunfe da vontade, seja-o ao menos proceder devidamente, porque é justo que amor triunfe dele. E assi nem ele nem a fortuna serão poderosos para trastornar o crédito, inda que se acabe o gosto.

Nestas práticas e outras tais passaram té que os rebanhos de seu manso gado se começaram a estender pelo campo; o que visto por eles se levantaram do sombroso lugar e o foram pastoreando. Ismena, que em todo o discurso de aquela conversação falou mui poucas palavras, se apartou deles com receo de ser vista de algum dos pastores de seu pai, com tanta pena do que lhe havia succedido, que não bastou sua discrição para encubri-la. E com Soliza teve algũas palavras, queixando-se do mau termo que tivera em tratar ũa cousa averiguada só com seu pensamento, que aos primeiros lances tinha arruinada sua boa reputação.

— Eu, Soliza —dizia ela—, tenho visto, estando tu presente, o contrário de teus encarecimentos; tu me pintavas com eficazes palavras aquele pastor perdido por meu amor, trazendo-me cartas suas, que eu creio serem fingidas; certeficaste-me que só casar comigo desejava, e deste causa, deixando-me dormida em lugar tão apartado, a que ele entrasse e fosse visto de pastores e
214v pastoras que farão patente a todos este caso, em que cada um poderá afirmar o que quiser, e foste poderosa para inclinar meu cuidado a teus intentos, e agora conheci claramente estar este pastor não só livre de amar-me, mas namorado em outro lugar. Que te moveu, Soliza, a empreender tal cousa? Assi cumpres com a obrigação que tens a meu serviço? Assi pagas os benefícios que de meu pai tens recebido? A afeição que me deves? Mas, em fim, nas lágrimas e sospiros que me tornas por resposta, entendo que isto foi castigo de minha presumpção, e não culpa tua; assi me convém imaginá-lo e tomar em mi mesma vingança de teus descuidos e minha vã confiança.

A todas estas palavras que Ismena dizia (bordando o divino rosto de aljófar que pelos olhos distilava o coração) não respondia Soliza mais que com lágrimas, mostrando a culpa de seu engano. Mas em Ismena passou esta dor tanto adiante, que veio a adoecer de maneira que, não bastando muitos remédios e as consolações e visitas das pastoras, teve quasi presente o fim da vida. Todos estes estremos vieram a notícia de Marfido, porque Soliza, ainda não de todo desesperada, lhos dizia, e sentiu sumamente ser causa de que por sua culpa estivesse em tal perigo. Mas o antíguo amor de Gelinda lhe tirava a liberdade de fazer
215 o que devia. Assi passaram alguns dias, té que o esperado da festa chegou, amanhecendo tão luzido e fermoso, que o Céu, os campos, o claro rio e cristalinas fontes, as aves e animais mos-

travam a quem o considerava que também celebravam este desejado dia. Todos os moradores das aldeas e casais dos fértis campos do Tejo, e outros que dos comarcãos lugares custumam achar-se naquelas festas, amanheceram ocupando os caminhos e veredas que ao templo se estendiam. Florismonte (inda que com receo de ser conhecido) se quis achar presente a elas, e com o maioral Silvano, Marfido, Daristo e outros pastores foi ao templo, indo também em sua companhia Floridora, Cilícia e a zagala Ulina, irmã da fermosa Ismena, com Soliza. E indo já perto do templo, o namorado Daristo, que não perdia ocasião em que agradar podesse à pastora que adorava, tocando o seu instrumento, suspendendo com ele e com a voz a multidão dos que ao templo chegavam, assi cantou:

Da dourada janela
A Aurora do Oriente
A negra e muda noite afugentava;
De sua grenha bela
O tesouro excelente
O Céu do fresco campo namorava,
215v Os ares apurava
Seu alento doce e brando
E as contentes aves
Com cantigas suaves
Foram sua vida às selvas anunciando,
As águas cristalinas
Do cristal murmuraram das boninas.

De mil cores vestido,
Tão vivas que as estrelas,
Envergonhada a luz, se lhe escondiam
Ao sol já despedido,
No mar das ninfas belas
O crepúsculo espera; já se viam
As flores que podiam
Mostrar em Clície amante
Que o bem de amar ũa alma
Leva da morte a palma;
Mude-se o corpo, a vida se quebrante,
Pérolas lhe oferecia,
Lágrimas seu rigor as convertia.

A triforme Diana,
Porque o sol não soubesse
De seu amor o excesso, se escondia,
Cuja luz soberana
216 Fez que resplandecesse
O ar, que seus amores encubria;
As ninfas descubria,
Que por deixar tocar-se
De seus raios divinos
Os corpos cristalinos
Na água lisos e belos vêm banhar-se,
E gabaram-se os montes
De antes aparecer que os horizontes.

Em manhã tão fermosa
A sábia natureza
Curiosa quis mostrar que te imitava,
Ó Cilícia graciosa,
Donde a humana beleza
Melhor que na arte sua se mostrava;
Várias luzes formava,
Mas tudo o que tem feito
Nos Céus e terra agora
Ante ti bem parece contrafeito,
Mas teu retrato seja
Donde quem não te vê tuas graças veja.

Os arminhos dourados
Que Aurora dos seus forma
Teus cabelos imitam mais fermosos;
216v Nos olhos sossegados
Donde amor se reforma,
Cego acertando tiros perigosos,
Os raios luminosos
Das estrelas mais puras
Mostram sua luz divina,
Servem à peregrina
Boca, as cores mais vivas e purpuras,
Em ti se vêem, pastora,
Sol, crepúsculo, terra, céus, e Aurora.

Não mais, rude canção,
Que o em que custa ficas:
As almas o dirão
Que só sabem sentir o que publicas.

No fim da canção de Daristo, chegaram ao templo, e vendo as histórias que continham alguns panéis que ornavam as paredes do templo, dibuxadas com artefício famoso, estiveram algum espaço, e despois se apartaram a ter a festa em várias partes do templo, e da sombria floresta de que rodeado estava. Florismonte e os que com ele vieram, com outros pastores e pastoras, seus amigos, ocuparam ũa parte do templo, donde alguns ramos de
217 verde hera, que, prantada da banda de fora, por ũa fresta se entravam e abraçando aquela parte do edifício, faziam o lugar mais aprazível. O rumor disconforme das vozes, instrumentos e bailes da alegre companhia deleitava, dilatando-se com aprazível ruído pelo alto e antíguo templo. Mas nesta confusão, Dorante, músico celebrado entre os pastores do Tejo, rogou a Leardo que tocasse o seu psalteiro e ele, acompanhando-o com o seu rabel, fizeram tão suave consonância, que os circunstantes cessaram de sua festa. E Dorante, que diante dos olhos a causa tinha de seus pensamentos, que era Listea, zagala honesta e fermosa, tendo na memória o que pôde ver um dia (caso certo digno dela) que, andando recolhendo o fructo das oliveiras, voava ũa borboleta junto de seu rosto belo, que movida de algum secreto oculto tocou na linda boca da pastora, ficando no instante morta, cantou este soneto:

Baixou os claros olhos centilando
Ardia o belo rosto em luz divina,
Do alento entre os corais da peregrina
Boca raios amor está formando.

De pura luz reflexos aspirando
Vinham do branco velo, e da petrina,
Qual do sol entre nuve cristalina
217v O negro fructo as brancas mãos tocando;

Quando na boca ignífera enganada,
Que a própria luz aos olhos resurtia,
Avezinha ditosa, te abrasaste.

Viva ũa flor colheste não tocada,
E morta vivirás de quem te via
Na eterna envejado que ali gozaste.

O soneto agradou, e admirou a causa aos circunstantes, entre os quais houve muitos que, imitando a Dorante, cantaram suavemente. Mas os que com Florismonte estavam trataram das histórias que pintadas nas paredes do templo o ilustravam. A este tempo o sol, passando o nosso zénit, caminhava ao Oceano, em cujas águas seus ardentes cavalos se recream, e ferindo nas últimas partes do templo deixava as portas dele cubertas de sombra agradável pela fermosa vista que a variedade dos campos representava aos olhos. Pelo que todos os pastores se acomodaram no fermoso terreiro que ali se fazia, ocupando-se, à vista das pastoras, em campesinos jogos e robustos exercícios: cantando, bailando, tirando a barra, correndo e lutando, havendo para os ven-
218 cedores prémios declarados, que ao vencedor davam mor glória, oferecidos à pastora que servia, que alcançados à custa do trabalho e destreza. Entre os que a lutar se inclinaram estava o pastor Arlete, mancebo forte, desenvolto e mui prático naquele exercício, o qual tinha derribado a mais de dez dos naturais e estrangeiros, todos por grandes lutadores conhecidos, e não havia já quem quisesse aventurar-se donde tão certo estava o ser vencido. Só Antino, guardador de vacas, e que nas forças e fama o excedia por ser seu parente e amigo, não se provava com ele. Neste tempo chegou àquele lugar um gentil e bem formado pastor, quanto à proporção do corpo, porque o rosto trazia cuberto com um cendal de tafetá verde. Vinha em sua companhia ũa galharda pastora com um chapéu na cabeça, do qual pendia um rebuço de tafetá negro, com que também encubria o rosto que a natureza fez digno de ser visto. Mui olhados foram de todos pelo modo com que vinham, mas eles, fazendo sua cortesia, entraram no templo, e despois de se oferecerem saíram fora, e caminhando para onde Marfido estava, lhe disse o desconhecido pastor:

— Marfido, rogo-vos peçais à fermosa Floridora agazalhe esta pastora em quanto eu em seu nome vou provar minha ventura, não porque espero tê-la em cousa algũa, mas porque desejo servi-la em todas.

218v Marfido, que já na disposição e acções do corpo e no que do rosto descubria a furto do cendal estava com algũa sospeita de quem era, ouvindo-o falar e vendo-o de mais perto, conheceu que era Liriando, e assi, alegre de o ver naquela parte, não ignorando ser a causa Floridora, lhe respondeu:

— Eu farei o que me mandais, como tenho obrigação; vós segui a de vossos pensamentos confiado que na justa e honesta pretensão sempre excede o successo as esperanças.

Com isto entregou a pastora encuberta a Floridora, dizendo-lhe ser Liriandro quem a acompanhava. Recebeu-a ela com agradável sembrante, sentando-a a par de si, entre as pastoras que ali estavam, tão salteada da novidade do caso, que inda que até aquele instante não houve algum em seu pensamento para ocupar-se em Liriandro, agora, vendo-o acompanhado de aquela pastora, e julgando que o sentido das palavras que a Marfido dissera era ir à luta por ela, ficou descontente e de si mesma ofendida, logo magoada e successivamente tão ciosa, que não se pôde abster de lhe descubrir o rosto, e vendo nele tanta graça e beleza, que a seu parecer bastava a arruinar e vencer qualquer firmeza, confirmou sua opinião e augmentou sua pena. E despois de algũas palavras de comprimento que entre ambas passa-
219 ram, lhe perguntou se era casada com aquele pastor, e a causa por que em tal dia só com ele, assi desconhecidos, viera àquele lugar. Ao que a pastora satisfez dizendo que não era com ele casada, antes o não conhecia, mas que lhe estava em muita obrigação pela livrar de um perigo donde sem dúvida perecera, e que aquele era o terceiro dia que se haviam visto; e que ele lhe dissera que nele havia de ver ũa pastora que amada dele sobre tudo o da vida era causa de que nenhũa cousa lhe fosse mais enfadosa que a triste que possuía, e que a prática em que ambos despenderam as horas foram contínuas lágrimas e sospiros, oferecidos de cada ũm à causa deles, e que lhe parecia que de aquele modo se agradavam, porque cada qual se alegra com aquilo de que vive. Tais palavras disse a encuberta pastora a Floridora com que ela reviveu, e, livre de aquele cuidado, pôde ver o que em tanto passava entre Liriandro e o famoso lutador Arlete. Liriandro, tirando dos ombros o surrão, e despojando-se do capotilho e roupeta, se foi para Arlete, que com a confiança devida a tantas victórias, sem nenhum receo de sua disposição o esperava, e, procurando cada qual melhorar-se na primeira instância, se asi-

ram com muita força, e sendo a de cada um conhecida de ambos, procuraram aproveitar-se de sua destreza, e assi andaram
219v intentando várias tretas tão largo espaço, que os circunstantes se admiravam de seu estremado alento. Mas como na verdade Liriandro excedesse a seu contrário e estivesse folgado, e desejoso de mostrar seu esforço em presença de Floridora, e Arlete algum tanto quebrantado das passadas lutas, foi forçado achar-se no chão, não lhe sendo possível contrastar mais tempo as forças e destreza de Liriandro, o que todos com ũa alegre grita celebraram. Marfido se alegrou por estremo da victória de seu amigo, mas a tudo excedia o contentamento de Floridora, que já o amor, vingado dela e de Liriandro, queria satisfazer seus cuidados. O vaqueiro Antino, magoado do vencimento de seu parente Arlete, e envejoso dos louvores que a Liriandro se davam, chegando a ele, lhe disse:

— Não se vos podem negar, desconhecido pastor, que sois digno de fama, pois lutando com Arlete ficastes victorioso, mas porque eu sei que isto não procedeu de vossas forças, mas de o tomardes cansado de vencer todo o dia pastores, de quem por ventura vós o podéreis ser mais facilmente que ele o foi de vós, me ofereço a fazer-vos conhecer esta verdade na primeira luta. E porque eu não procuro nesta contenda a glória de vencer-vos, há-de ser com condição que havemos de apostar algũa cousa.

Liriandro, inda que apaixonado da soberba de Antino, lhe respondeu com sossego:

220 — Bem sei, pastor, que o esforço de Arlete é tanto, que foi ventura minha achá-lo cansado, e que mais fácil me será vencer-te a ti, inda que estês descansado, porque na demasia das palavras se mostra a falta das obras; com tudo, me pesa que assi me desafies, porque vejo que o fazes mais movido de paixão que por celebrar a festa deste dia. Mas porque tua presumpção e os que te conhecem por tão valente como teus membros me mostram não julguem em mi covardia, digo que aceito a luta com todos os partidos que quiseres.

— Pois assi é —disse Antino— eu te ofereço por prémio de meu vencimento ũa gargantilha de madrepérola, rematadas as pontas com ricos fusis de ouro, e pendentes delas grãos de aljófar de tão lindo feito que não têm preço e eu a ganhei em prémio e sinal de ser o mor lutador que se achou nos jogos que se fizeram o ano passado da banda de além. E porque té'gora,

livre de amor, não tenho pastora a quem pretenda agradar, a hei guardado, estimando-a pela fama que, ganhando-a, alcancei.

Dizendo assi, tirou a gargantilha do surrão e disse para os circunstantes:

— A gargantilha é esta. Vejamos agora o que este pastor me oferece por prémio, se de mi for vencido.

Liriandro então se foi aonde tinha o surrão e tirando dele dous ramais de corais lisos e puros, disse a Antino:

220v — Estes (a partido dos quais dei ũa novilha mui fermosa, quando amor me concedia ũa falsa esperança de os oferecer a quem amava) te concedo, se me venceres, porque, quando assi succeda, farei conta que se a não servi com eles os perdi em seu serviço, pois por servi-la me dispus a esta impresa.

A estas palavras estavam mui atentos todos, e desejavam ver o fim de aquele successo, porque Antino era conhecido pelo maior lutador de aquelas partes, e Liriandro já com o que em sua presença tinha feito estava acreditado. Mas Floridora, que entendeu a tenção das palavras de Liriandro, não lhe cabia no peito o coração, de temores e receos salteado. Depositaram-se os prémios em mão do maioral Fineo, e ele e outros maiorais de autoridade fizeram lugar aos contendores, porque era tal o desejo que em todos havia de ver o fim do successo, que não havia ordem nem concerto e cada um queria ter o melhor lugar para ver o que passava. Mas, todos sossegados, Liriandro e Antino, que apercebidos estavam, se investiram com tanta fúria e vontade de se derribarem, que por largo espaço, fiado cada um nas forças que possuía, e cubiçoso de a mostrar ao outro, andaram pelo terreiro às voltas, ganhando às vezes e perdendo terra.

221 Mas, passado este ímpetu, espantados de sua força, pretenderam valer-se da destreza e indústria em que eram únicos, e fingindo descuidos, inovando cautelas e renovando forças, se passou mais de ũa hora em que (com grande admiração dos presentes), sem poder-se derribar, foi forçado apartarem-se por cobrar alento. Havia-se caído a Liriandro com a pressa da travada luta o cendal que o rosto lhe cubria, e deitou o de ver quando, olhando Floridora, viu que era olhado dela, suspendida no cuidado que então a sujeitava; e sentindo em seu coração que antes passara pela morte que ser ali aventajado de Antino, e o grande gosto que teria de vencê-lo, creceu-lhe tanto ânimo, que com renovadas forças se foi chegando com alegre sembrante a seu competi-

dor, e ele o recebeu com igual desejo da victória, e travando-se fortemente, andaram quasi outra hora sem haver mostra de que algum podesse ser vencedor. Passava-se o dia; os circunstantes se cansavam de olhá-los, espantados de sua fortaleza e sufrimento, quando Antino, vendo que eram escusadas as cautelas, entregue ao furor que tanta resistência lhe causava, pondo o interior de suas forças, apertou a Liriandro entre os robustos braços de maneira que, quasi privado do alento, o levantou de terra e procurou derribá-lo, mas Liriandro, tocando com os pés nela, ficou
221v tão firme como um antíguo carvalho. Antino tornou a querer levantá-lo com a esperança de assi o sujeitar. Liriandro, com astúcia, consentiu que o fizesse aquela e outras duas vezes, com o que Antino ficou no estremo cansado, e os braços enfraquecidos, e com tudo enganado, parecendo-lhe que aquilo procedia de Liriandro já não poder resistir-lhe, tornou com muito trabalho outra vez a levantá-lo, e quando quis derribá-lo, Liriandro, que aquela ocasião esperava, tirando as forças e presteza donde sua indústria as havia conservado, o apertou com tanta fúria e bom tento, atravessando ũa perna entre as suas, que, achando-o descuidado de seu pensamento, não lhe foi possível deixar de vir a terra, levando aferrado consigo a Liriandro, mas com a grande queda e passado trabalho, ficou tal, que, alargando os braços, deu lugar a que o victorioso pastor se levantasse tão contente, que nunca teve cousa de que mais o fosse. Marfido se veio a ele, e ambos se abraçaram com muito amor; o mesmo fez Daristo, dando-se a conhecer com ele por primo de Floridora; também Florismonte lhe deu os parabéns de seu successo. Antino, levantando-se inda mais desgostoso que moído, se partiu acompanhado de todos seus amigos, que, por ser já tarde e por seu respeito, não quiseram acreditar com sua presença os louvores
222 que todos os mais davam a Liriandro, o qual, tomando a gargantilha e corais, e um lindo pelico agironado de grã com pespontos amarelos, que os maiorais da festa sinalaram por prémio ao melhor lutador, pedindo licença a Daristo que graciosamente lha concedeu, se foi donde as pastoras estavam, e, inclinado ante Floridora, lhos ofereceu, dizendo:

— Fermosa e discreta pastora, rogo-te aceites estes dões que a ventura me concedeu, como em satisfação do que me nega, e não repares que sou eu quem te faz este serviço, mas considera que tu só deves ser de mi servida.

Floridora, cuberto o belo rosto da vergonha que sua honestidade ministrava, lhe disse:

— Nobre pastor, não valem tão pouco comigo as lembranças de nossa criação que para aceitar de vós qualquer serviço haja mister de ceremónias, porque bem sei que todos eles nacem de intentos virtuosos.

Com isto tomou os prémios com tanta glória do pastor, que não pôde responder-lhe.

Neste tempo caíram dos altos montes as sombras sobre os vales porque o dourado sol de luzes coroava suas alturas. E, começando todos a caminhar a suas aldeas e casais, saíram da floresta algũas zagalas de pouca idade, que a mor parte do dia se haviam ocupado em fazer ramilhetes e capelas das boninas do prado. Mas, entre elas, havia três cuja fermosura com tanta
222v facilidade como admiração se conhecia, particularmente Ulina, irmã da fermosa Ismena. O que, sendo celebrado dos pastores, deu causa que Aliso e Dorante, um cabreiro e outro guardador de ovelhas, quisessem glossar e cantar um mote em louvor de Ulina, e não querendo mais prémio que o gosto de agradarem suas glossas, tocando os instrumentos, e sendo de todos escutados com atenção e alegria, Aliso começou desta maneira:

Minina que nas mininas
Destes meus olhos andais,
Dizei por que me matais?

GLOSSA

Ornavam de várias flores
As armas que amor trazia
Duas mininas e de cores
Outra zombando de amores
Ũa capela tecia.
Ele co a flecha dourada
Pagar-lhe quis as boninas.
— Dá antes essa flechada
— Disse eu — na desamorada
Minina que nas mininas.

223 Amor os olhos virando,
Vendo-a nos meus dibuxada,
Disse-me: — Tu estás zombando;
Duas são. E assi tirando,
A frecha em mi foi cravada;
Ferido, disse: — Ditosa
Morte, minina, me dais,
Que alma vossos olhos goza;
Vós por minina fermosa
Destes meus olhos andais.

Fermosíssima minina,
Da fermosura retrato,
Rara estampa peregrina,
Encantadora divina
De beleza, luz e ornato;
Porque esse sol escondeis
Trás de quem alma levais?
Porque arriscar-vos quereis?
Se vós dentro em mi viveis,
Dizei por que me matais?

Logo Dorante, ao mesmo tono, soltou a voz, dizendo desta sorte:

Vendo amor que o Céu fizesse
Minina tão desdenhosa,
223v Que suas leis não temesse,
Quis que, vendo-a tão fermosa,
Nas dos olhos a tivesse.
Mas se amor, minina, dera
(Como as dos olhos fez dignas)
Que em parte outra vos tivera,
Antes nos braços quisera,
Minina, que nas mininas.

Chegamos a tal estado,
Vós de cruel, eu sem ventura,
Que sendo só meu cuidado
Dessa vossa fermosura,
Nem meu nem vosso é lembrado.

Alma, esses olhos buscando
Dou, e os que pouco estimais,
Vos que segue procurando,
E não viva, alma estilando
Destes meus olhos andais.

Tendes em tão tenra idade
Todo estremo de beleza
De descuido e liberdade,
Não tendo da natureza
Anexa a ela a piedade.
Mas se meu mal vos contenta,
224 Porque de minina usais
No modo que me atormenta?
Se co a vida se acrecenta,
Dizei por que me matais?

Todos celebraram com muito aplauso as glossas dos pastores, e não quiseram tratar do juízo delas, por não arriscar o gosto de algum deles, antes disseram às zagalas, que pois deram causa àqueles versos, deviam premiá-los. Ulina, que naturalmente era desdenhosa, se meteu entre as pastoras mostrando não entender o que diziam, mas Listea e Galiarda (que assi as outras se chamavam) deram a Aliso e Dorante duas capelas de flores que nas cabeças traziam, com que eles ficaram mais contentes do que o foram de ser laureados. Soliza, em tanto, procurou falar dissimuladamente com Marfido, o que pôde fazer porque iam todos envoltos em festa e regozijo. E disse-lhe que Ismena, por estar mui doente, deixara de vir às festas.

— Pesa-me —disse Marfido— que seja essa a causa, que eu, sentindo a falta que sua fermosura e voz divina fez hoje neste lugar, me pareceu que seu encerramento fosse ocasião.

— Em tal dia dispensava com ela Filauro —disse Soliza—, mas o que ela com seu cuidadoso pai tinha já facilitado lhe veio a impedir vosso descuido, e sua pouca ventura.

224v — Por certo, Soliza —disse Marfido—, que sinto n'alma o tom dessas palavras, e a serem verdadeiras poderão privar-me dela. Declarai-me vosso intento, porque eu sei que não tenho ofendido essa pastora.

Soliza, com algũa aspereza, lhe respondeu:

— Por certo, Marfido, que perdeis de vosso bom crédito comigo, querendo dissimular o que entendeis; não vos tenho eu declarado, e vós mui bem conhecido, que Ismena vos ama? E vós não haveis manifestado terdes em outro lugar vosso cuidado? Pois que mor causa de aborrecer a vida pode ter ũa pastora de tanto merecimento que ver-se aborrecida de quem ama? Mas isto, sendo tanto, fora nada, que sua honestidade, e altivos pensamentos souberam rebater maiores mágoas, mas vir à notícia dos pastores e pastoras de nosso distrito que na mata sombria fostes achado com ela, trazer-se isto em prática com sentidos diferentes, e nenhum em seu favor, a tem entregue a um tão profundo sentimento, que entendemos que os dias de sua vida serão poucos.

Ficou triste Marfido, vendo ser ele a causa (inda que livre da culpa) desse murmurar da honra de tal pastora; e aquele sentimento se convertera em amor, a não ser o de Gelinda tão antíguo. Soliza, que nele conheceu aqueles efeitos, lhe disse tantas cousas, que o obrigou a prometer-lhe que o seguinte dia iria ver
225 a Ismena no pomar donde já a vira. Em quanto isto passou entre Marfido e Soliza, Leardo e Coribeo se ofereceram a glossar um mote que Liriano, rico maioral, a seu intento fizera, prometendo a quem melhor o glossasse duas cordeiras escolhidas em todo seu rebanho. O mote era este, e a glossa de Leardo a que se segue:

Pastora, sei que porquê
Vos quero não me quereis:
Molher no pior pareceis.

GLOSSA DE LEARDO

Sempre de vosso rigor
Entendi que a causa era
Falta de humano valor
A quem o amor nunca dera
Vosso um só fácil favor.
Outro porque não alcancei
De não crerdes minha fé,
Mas já me desenganei
Já (o que nunca imaginei),
Pastora, sei que porquê.

Sinais em outrem conheço
Da em vós não vista brandura,
Com quem do que vos mereço
Trocara só a ventura.
225 Porque em vós a desconheço
Um bem que tenho de meu
Amo em vós, e aborreceis
Por ter quem o não tem de seu,
A mesma causa por que eu
Vos quero não me quereis.

Mas se os dões da natureza
Cubiçosa desprezais
(Única dela riqueza)
E mais que humana lhe dais
Que imitar nessa beleza;
Se todo o poder humano
Quasi divina excedeis,
Porque (ai duro desengano!)
Formando afeição do engano
Molher no pior pareceis?

Como Leardo acabou, disse Coribeo desta sorte:

O uso singelo antíguo
Desterrou dentre os pastores
A malícia; não há amigo,
Dá o campo abrolhos por flores,
E joio em lugar de trigo.
Porquês quebrantam a fé,
226 Respeitos, e um não sei quê;
Vê-se isto em qualquer estado,
E que empregou seu cuidado
Pastora, sei que porquê.

Qué de a jurada firmeza?
Ai que foi falsa aparência
Que essa de alinde meigueza
Formava à vista e ausência
Declarou ser natureza.

Por mostrar o que podeis
Co amor e que outra excedeis
Tendo-o a outrem mo mostrais
Se estou, e ausente que mais
Vos quero, não me quereis.

Assi que esta vã tenção
De exceder outra fermosa
Vos transforma a condição.
Pois a idade rigurosa
Desengana essa opinião.
Que disto glória tereis
Não nego, mas mais perdeis;
Tendo a que daqui se alcança,
Que mostrando em vós mudança
Molher no pior pareceis.

226v Tinha-se já dividido a alegre companhia tomando o caminho de suas aldeas; Cilícia levou consigo Floridora, sendo acompanhadas de aqueles pastores e de Florismonte, e despedidos delas, chegaram ao casal de Silvano, donde perguntando a Liriandro quem era a pastora que o seguia (a qual também ficou com Cilícia), disse:

— O desordenado atrevimento de ũa molher que ama e não pode alcançar o que deseja se pode ver claramente no feito que emprendeu essa pastora. Mas é história que há mister a maior parte da noite, e a nós, quanto agora, é-nos mais necessário repousar.

Florismonte lhe rogou que em quanto o sono o consentisse fosse dizendo algũa cousa, porque todas as novas deleitavam os sentidos.

Liriandro disse:

— Pois esse é vosso gosto, estai-vos atentos. Pouco mais de ũa jornada deste lugar, me tomou a noite tão ocupado em meus pensamentos, que a não conheci, senão quando sua escuridade me fez perder o caminho, e, tropeçando na maleza em que me tinha metido, vi os descuidos de meu cuidado. Sentei-me ao pé de ũa árvore, donde, sendo passada a maior parte da noite, ouvi uns gemidos, ao parecer de molher, que, envoltos em queixas mui

sentidas, me lastimaram sumamente. Resolvi-me em saber o que era. Levantei-me, e, apercebendo o bastão, cheguei donde vi atada
227 a ũa azinheira a pastora por quem me perguntais. Desatei-a; procurei com palavras amorosas e oferecimentos verdadeiros deter a corrente cupiosa que sua tristeza pelos olhos despedia. E porque inda de todo não havia amanhecido, sentando-nos, lhe roguei mui encarecidamente me dissesse quem tal crueldade com ela usara. Ela me respondeu:

— Inda, nobre pastor, que em fazer o que me rogais descubra fraquezas, enganos, atrevimentos, que a vós serão causa de admiração e a mi de vergonha e tormento, já que de outra maneira vos não posso pagar a obrigação que vos tenho, quero declarar-vos tudo, confiada que o amor (cuja força é universalmente conhecida) me disculpará convosco. Haveis de saber que a mi me chamam Laurena. Naci nos campos que o rio Caia rega; criei-me com ũa prima minha, chamada Doricea.

Florismonte, que na memória tinha o que sabia da história destas pastoras e a Marfido e Daristo já contara, disse a Liriandro que, por não gastar o tempo no que eles já sabiam, prosseguisse a história té o ponto que esta pastora Laurena se ausentou de casa de seu pai, com Arindélio, porque do que atrás ficava tinham bastante notícia. Liriandro prosseguiu dizendo:

— Já que sabeis tudo o que Doricea podia contar de si té Laurena se partir com Arindélio disfarçada, ou transformada pelo
227v poder de amor, e da feminina astúcia nela mesma, haveis de saber que Arindélio, com temor de ser achado, caminhou com muita pressa, não seguindo algum caminho, mas com tudo, com a proa em Castela, donde pretendia gozar a sua Doricea, e segurar-se dos delictos que deixava cometidos. E estando, a seu parecer, tão apartado da aldea de Laurena, que não temia ser achado, despidiu-se de seu amigo Aronte, que o deixou, e se tornou à aldea por dissimular sua culpa. Arindélio, que nas ancas de ũa boa égua levava a fingida Doricea, chegou, já sendo manhã, ao rio Caia. Tendo-se ali por seguro, e parecendo-lhe que a pastora viria maltratada da pressa com que havia caminhado, apeou-se e, tomando-a nos braços, a pôs em terra. Tirou o freio à égoa para que pacesse, e logo veo-se a Laurena que sentada estava ao pé de ũa árvore. Ela tinha com o antifaz do chapéu cuberto o rosto, e, tímida e vergonhosa, pelo que havia feito, não ousava descubri-lo, o que, visto pelo pastor, que ardia no

desejo de ver o belo rosto de Doricea, chegando-se a ela, lhe disse:

— Doricea, minha doce causa, por quem meus disconcertos me acreditam, já não tendes que temer; em parte segura estamos; tirai o antifaz que, qual escura nuve, se opõe ao céu desse rosto; alegrai e enriquecei de glória ũa alma que em vossa ausência há sido um mar de lágrimas.

228 Laurena, a quem estas palavras augmentavam confusão, lhe respondeu:

— Arindélio, em vossa companhia, só de mi mesma me temo, porque ordenou minha sorte que do estremo de amar-vos nacesse o de ofender-vos, inda que, se ela totalmente não está conjurada contra mi, espero que vosso bom entendimento conheça e estime o bem que vos resulta deste engano, porque se a troca que presente tendes não for qual vosso desejo, será ao menos qual convém a vosso crédito, perdendo quem já tínheis perdida, e entregue estava a outro pastor, e cobrando quem por ganhar-vos a vós se contentou de perder pai, parentes, fazenda e reputação. Mas se nisto me engana o pensamento, peço-vos me deis a morte, porque conheço em meus erros que maior é a de viver, perdida a honra.

Arindélio, confuso e parecendo-lhe sonhar o que a Laurena ouvia, por se tirar da dúvidda em que estava, tirou a Laurena o chapéu da cabeça e, conhecendo-a, de novo, começou a admirar-se e a perder o sentido e a paciência, mas, reprimindo a fúria a que aquela paixão o provocava, soube dela o que passava, sentindo-o de maneira que mil vezes esteve por matar a inconsiderada e mísera pastora. Ela, vendo tão ofendido de si quem tanto amava, o desejava e com lágrimas lhe pedia que lhe tirasse
228v a vida, que usaria com ela de piedade se perdoando-a ficasse alegre e vingado. Arindélio lhe respondeu:

— Para eu cumprir com minha paixão, cruelíssima pastora, esse era o meio mais seguro, mas para tua culpa é justo que vivas, porque a desordem de tua inclinação te chegará, vivendo, a tal estado, que, vindo a grangear o prémio merecido, sejas ao mundo exemplar escarmento de molheres.

E com tais palavras, pôs o freo à égoa, pretendendo apartar-se dela. Mas Laurena o foi seguindo derramando lágrimas, espalhando sospiros, que, não lhe sendo possível, com eles procurava deter o pastor, que por não vê-la e ouvi-los lhe fugia. Mas

perto deste lugar estava um lavrador com alguns criados seus em
ũa eira de cevada começando a debulhar, e vendo-o vir com tanta
pressa e ouvindo as queixas de Laurena que o seguia, chegaram
a ele e o detiveram, inda que contra seu gosto, té que Laurena
chegou. A qual, sendo perguntada a causa que tinha para assi
se queixar de aquele pastor, ela lhe respondeu que, por alcançá-
-lo por esposo, não estimou perder seus próprios pais e os bens
que deles esperava, do que ele fazia tão pouco caso como viam.
Palavras lastimosas misturadas com lágrimas num objecto fer-
moso vencem e persuadem os humanos corações, e assi não foi
muito que os lavradores, obrigados das de Laurena, fizessem
229 apear Arindélio, tão enfadado do successo, que se seu bom
entendimento o não armara de paciência desesperado os inves-
tira, inda que perdera a vida. Mas, encubrindo este desejo e mos-
trando o ânimo de quem sem falta deve ser dotado, abrandou
a pastora e disculpou-se com os lavradores, os quais, contentes
e enganados, os convidaram com o seu almoço, o que ambos acei-
taram, porque a necessidade aviva o apetite, apesar do desgosto.
E, passando eles algũas palavras de comprimento, se despediu
de todos, certificando partir mui obrigado de sua cortesia, e ca-
valgando na égoa (que em tanto teve a seu alvedrio a eira da
cevada), com Laurena nas ancas, passou o rio Caia da banda
de Portugal e caminhou todo aquele dia, por caminhos aparta-
dos da real estrada, e boa parte da noite, té que, pondo-se a lua,
a escuridade e a fraqueza da égoa o obrigaram a reparar no lu-
gar em que se achava, que foi um arvoredo mui basto e solitá-
rio. Ali se apeou e a triste pastora fez o mesmo, tendo passado
o dia, ela em lágrimas e ele em tristes cuidados, sem se falarem
palavra: a Laurena a impidia amor, e a Arindélio aborrecimento,
paixões tiranas do coração humano; e quando ele está oprimido
do que sente não tem poder a língua de formá-las. Naquele lu-
gar (parecendo a Arindélio acomodado para o que determinado
229v trazia) deixou pacer a égoa, e ele se recostou ao pé de ũa de
aquelas árvores, não para tomar descanso, que a dor não lho con-
sentia, mas por não falar a Laurena, que com tristes gemidos
parece o incitava a ter repouso. Mas como o intento do lasti-
mado pastor era diferente, sendo passada a maior parte da noite,
se levantou e, levando o cabrestilho da égoa em ũa mão, se che-
gou a Laurena, e com a outra, travando-lhe de um braço, a fez
levantar; e, chegando-a à primeira azinheira que o bosque, feito

delas, lhe ofereceu, lhe tomou as mãos com violência e força; e, deixando entre os braços e o corpo o duro tronco, lhas atou com a áspera corda (injusta troca, rigor extraordinário de que amor e a natureza se admiravam). E dizendo: —já que não me deixais, cruel pastora, despois de me deixar sem o bem que procurava, arrojado em um mar de dificuldades e impossíveis, ficai agora atada a este tronco, té que alguém vos desate; e não permita o Céu dar-vos tanto poder que, se o tivestes de me apartar de quem adoro, o tenhais também para me ver morrer, pois com tanta razão vos aborreço—; dizendo assi, enfreou a égoa e com muita pressa, por não ouvir as mágoas que dizia, se partiu, não podendo escusar de lhe ouvir estas: — Ó cruel Arindélio, que novo modo intentas de vingar teus agravos? A morte não é o
230 remate de todos os castigos? Pois executa-a em mi; ficarás livre de quem só por seguir-te quer ter vida; e se me deixas com ela, porque me seria suave perdê-la a tuas mãos, desata-me, que com as minhas te vingarei de meus erros, e a mi mesma de meu engano e mentirosa esperança, paixões donde se enreda a feminil presunção e o crédito perece. — Mas o pastor, que a seu parecer não igualavam rogos, lágrimas e queixas à justa ocasião de seus agravos, picou a égoa de modo que em breve espaço não ouviu os gritos espantosos em que a triste Laurena ficava, desfazendo à alma que o seguia. E foram eles de modo que os ouvi eu, que repousava bem desviado de aquele lugar, e acudindo ao estrondo deles, a achei do modo que vos dixe em tal estado, que já òs olhos faltavam as lágrimas, porque, ofendidos e inchados, não podiam vertê-las. Desatei-a, procurei consolá-la e obriguei-a a que me contasse o que me tendes ouvido. Disse-lhe adonde vinha; aconselhei-a que viesse comigo, que poderia ser que nestes campos e ajuntamento das festas saberia algũa cousa de Arindélio. Ela o fez assi, e por não sermos conhecidos, senão quando nos parecesse conveniente (porque eu também lastimado das crueldades de Floridora vinha com muito receio de que lhe desse pena minha vista), chegámos ao templo da maneira que vistes.

Aqui fez pausa Liriandro em seu razoamento, de que Florismonte e os pastores ficaram admirados. E Florismonte, que por
230v saber o verdadeiro amor com que Arindélio era amado de Doricea estava mais magoado que todos, lhe disse:

— Por certo, pastores, que não há estado na vida que não estê sujeito às mudanças e misérias que são colheita e infelice

fruto dela, as quais, consideradas, acharemos que o bem da mesma vida é o ser breve e que só no fim dela consiste a felicidade que se deve desejar. E de nós não trazermos na memória a lembrança deste fim, a perdemos de nós mesmos e de nossa fraqueza, e assi procuramos com grande afeito d'alma o que, alcançado, pouco nos satisfaz e menos dura, e fugimos do que, se nos alcança, nunca pode obrigar-nos a mor pena que a da morte, que nos é natural e inescusável. Pareceu-lhe a Laurena que no engano que urdiu consistia seu descanso, e que em ter a Arindélio por esposo estava o remédio de sua vida. O mesmo entendeu ele, e não estimou privar dela a Lisbeo para o ser de Doricea; cifraram o bem de sua vida em seu desejo, pararam no presente, elevados nas flores da esperança; não repararam em que as resolve o tempo antes que chegue o fructo; não tocou seu pensamento os limites do fim, e assi o tiveram desastrado seus desenhos, e praza a Deus que, como acontece a outros, o não tenham eles mesmos.

— Caso é este —disse Daristo— de que temos cotidiana experiência, mas tão amarrados nos tem o apetite a nossas próprias paixões, que o que estranhamos em outrem em nós nos parece honesto.

231 — Isso procede —disse Marfido— de que nossas inclinações nos dão e nos tiram olhos, porque os temos de lince para ver faltas alheas, e somos cegos para ver as nossas.

— E que me dizeis ao atrevimento e crueldade de ũa molher —disse Liriandro— e a segazidade com que sabe fingir e chegar a efeito o que procura?

— Isso é cousa tão ordinária —disse Daristo— que não há que tratar dela. O que a mi me admira é que, tropeçando a cada passo em semelhantes exemplos, não somente não sabemos aproveitar-nos deles, mas ainda os que em nós vemos servem mais de castigo que de remédio a nossos desconcertos.

Em semelhantes práticas passaram a maior parte da noite, e despois se recolheram às pobres estâncias donde repousaram o que dela ficava. E quando o sol se mostrava sobre seu dourado carro sairam das cabanas ao ordinário exercício. E, chegando a hora em que Marfido prometeu a Soliza que havia de ir ver a Ismena, se apartou de Florismonte e dos mais companheiros e chegou ao belo casal de Filauro. Soliza, que esperando-o estava, o levou pelo fresco jardim, té chegarem a um sombrio lugar, cer-

cado de arvoredo, e, deixando-o ali, não tardou muito que tornou com a fermosa Ismena. Marfido se levantou e a recebeu com a cortesia que a sua honestidade se devia. Soliza se apartou al-
231v gum tanto, por vigiar se alguém vinha, e em tanto passaram entre eles algũas palavras de comprimento, querendo o pastor celebrar a mercê que recebia. Ao que ela respondeu com tão rara modéstia e discrição, que a admiração afeiçoava a Marfido, e de maneira que, descuidado de si, dava lugar a que amor assaltasse seu cuidado. Mas a este tempo, sintindo Soliza rumor de pessoas que, a seu ver, vinham andando para aquela parte, sobressaltada e temerosa de que fosse Filauro, se foi para donde estavam com a pressa que o temor custumava acrecentar. Ismena, que tão sem tento de se desordenar por entre os ramos a viu correr, parecendo-lhe ter presente seu pai, se levantou donde estava, pedindo ao pastor que a seguisse. E, rompendo por ũa mata densíssima de parras e de era, que por entre espessos loureiros se estendiam, deram em ũa grande cova, que ao pé de um piqueno monte se escondia. Não a tinha a pastora de antes visto, nem Filauro a sabia, porque era aquele sítio tão cheio de espessura e a terra tão coroada de pedras, e indigna do benefício da arte e da própria natureza, que não era espanto se ignorasse. Mas apenas Marfido naquela escuridade começava a notar as puras luzes que o rosto donde naturais eram descubria, quando, sem saber determinar o modo, se achou com Ismena em ũa sala mui grande
232 e de tão maravilhosa compostura e riqueza, que não há língua humana que o possa declarar. Suas paredes eram de transparente cristal, as quais não impediam que os olhos gozassem da vista de um divino jardim que fora estava tão abundante de fructos e fermosura, que excedia a natureza. Havia nesta admirável sala muitas janelas de curioso feitio, pelas quais entrava de contino o delicado ar envolto na fragância das flores do jardim, e as aves com elas nos bíquos soltando-as ao som de suas vozes várias e de concertado acento. O tecto era todo de ouro fino esmaltado de infinitas pedras de valor inestimável, que eram guarnição de pinturas maravilhosas, que parecia darem vida às histórias que retratavam. Sentados nesta sala em cadeiras de prata e ouro, estavam de ũa parte homens de todos estados e da outra molheres, todos vestidos ricamente, ocupados em doce conversação: e sobre um trono de ouro, em lugar que de todos os que

na sala estavam era visto, estava o deus do Amor, dando aos circunstantes com sua vista a alegria que ele de vê-los recebia. Marfido e Ismena, que, admirados do que viam, não tinham dado passo, foram levados: o pastor por um mancebo e Ismena por ũa fermosa dama, donde entre eles se sentaram. E no mesmo instante saiu à sala a Fama como os antíguos a pintavam, tocando ũa trombeta, e, cessando seu estrondo, estando todos atentos, disse com clara voz desta sorte:

232v Quer-se Amor justificar
Com os que presentes estais
No que aqui se há-de mostrar,
Que a razão de casos tais
Sente só quem sabe amar.
Aos que não sabem de Amor
O poder maravilhoso
E o julgam por fabuloso
Esconder-lhe é grão primor
Todo o successo amoroso.

O pastor que agora entrou
Nesta excelente morada
A outra pastora amou,
Que altiva, determinada,
E ingrata o desterrou.
E posto em ausência dura
Donde bens passados chora,
Amado desta pastora
Ama a ausente fermosura,
E o que lhe deve ignora.

Ela que creu ser amada,
De ũa molher persuadida,
E se deu por obrigada,
Quer já que a perda da vida
233 Disculpa o ser enganada.
Mas amor que tudo vence
Nesta amorosa contenda
Quer que a razão se defenda,
E que novo amor dispense
Por que seu poder se entenda.

Recolheu-se esta figura, e saiu a Vontade e disse desta sorte:

Que não posso livre ser
(Sendo a mesma liberdade)
De ousada me reprender
A razão, temeridade
Que ela só pode emprender.
Não basta que tantas vezes,
Reparando meus reveses,
Se apartou de mi vencida,
Quer mostrar-me inda atrevida
Os seus rendidos paveses?

Mas não a quero esperar
Porque é tormento insufrível
A hipócritas escutar,
E com quem por invencível
Me tem só quero falar.
Na primeira conjunção
233v Que o mundo teve ocasião
De prodigiosos efeitos,
Nos inda inocentes peitos,
Venceu meu gosto a razão.

E tem cada um dos anos
Que despois disto passaram
Mais que dias desenganos
Nos successos que declaram
Minha força e seus enganos.
Por tanto desfila agora
Do caso desta pastora
A razão e veja amor
Que a lei de ser vencedor
Em sem-razões se melhora.

Ditas estas palavras, se recolheu esta figura, fazendo ao Amor a devida cortesia, e entrou na sala a Razão, a qual, ouvida de todos, disse assi:

É custume da Vontade
Fugir de me responder
Por não me ouvir a verdade,
Que é desamor o querer
Que não quer pontualidade;

É tão perdida esta cega,
234 Que as leis que professo nega;
Que em qualquer caso amoroso
Ama o mais dificultoso
E a quem lhe foge se entrega.

Esta primeiro adulando
D'alma o livre senhorio
Vai seu poder dilatando,
Até ter por honra e brio
Qualquer intento nefando.
E se a multidão dos danos
Do mundo por seus enganos
Poderam ser conhecidos,
Acharens muitos perdidos
Cada instante de seus anos.

Marfido foi sempre amado
Da linda pastora Ismena;
Por amor está obrigado,
E a vontade quer e ordena
Que ame donde é desamado.
Eu isto defendo e nego,
E a quem o busca o entrego;
A Vontade não se atreva,
Porque quando ela vos leva,
Amor, dizem que sois cego.

234v Recolheu-se a Razão, e entrou logo na sala a Opinião, com sembrante grave e iroso, e disse o que se segue:

A Razão sempre obrigada
De meus altos pensamentos,
Com meus primores se enfada,
E repugna meus intentos,
Envejosa e lastimada.
É seu custume e ofício
Fazer presumpção e vício
Meu primor e bizarria,
E chama nécia ousadia
Ao que é de valor indício.

Minha constância ofende
Porque diz que é de prudentes
Desistir do que se entende
Ũa vez, sendo accidentes
De quem seu gosto pretende.
Tem postos nũa balança
O successo e esperança;
Pretende aquilo que espera,
Aborrece e vitupera
Minha estimada confiança.

Minha determinação
235 Com seus preceitos suspende,
Mas em qualquer ocasião
Se humilda sujeita e rende,
Se me governa à feição.
Assi que não tem partido
A Razão contra Marfido,
Ao qual é mais importante
Prezar-se de ser amante
Que ser da Razão vencido.

Com tais palavras, deixou a Opinião a sala, e entrou nela a Honra e disse:

Esta, minha irmã e amiga,
A publica a presumpção
Sendo só minha enemiga,
Pois tem da cega ambição
Muitos quilates de liga.
Transforma-se em meus intentos,
Mas com falsos fundamentos,
Minhas leis justas inova,
E assi se estima e aprova
De humanos entendimentos.

Procura, segue e defende,
Da soberba acompanhada,
O contrário do que entende,
E de si desenganada
235v Se engana no que pretende.

É aquele Orila fingido
Que cortado e dividido
Se tornava a defender,
Tendo todo seu poder
De um fácil cabelo asido.

Aparta-se da verdade
Porque seus erros apura,
Não compadece igualdade;
Soberba envejosa e dura,
Emprende qualquer maldade.
Por tanto nesta ocasião
Siga amor, honra e razão,
Que o fazem doce e perfeito,
E cego, feo, imperfeito
Apetite e presumpção.

Recolheu-se a figura da Honra e no mesmo instante chamaram a Marfido e Ismena da parte do Amor o Pensamento, um mancebo mui aposto com asas nos pés e ombros, e a Afeição, donzela mui aprazível e fermosa, e em meio deles subiram ao áureo trono donde o Amor estava, e ante ele se poseram de geolhos. O Amor lhe tomou as mãos direitas e com suave modo lhas juntou dizendo:

236 — Gozai-vos alegres anos em doce companhia e conformes vontades, e seja sempre em vós minha assistência inestimável prémio de vossas obrigações.

Sentiu neste acto a alma do pastor tão poderosos afeitos de honra, de razão e amor, que desde aquela hora lho teve em quanto possuiu vida. Após isto soou na sala ũa harmonia nunca imaginada de vozes concertadas com músicos instrumentos, com tão extraordinária suavidade, que os pastores, elevados os sentidos, e sem saber o modo, se acharam na estância do jardim de Filauro, donde antes estiveram. E a prudente Armia, mãe de Ismena, acompanhada de algũas pastoras no Tejo respeitadas, a qual, sabendo já o successo de Soliza, que encubri-lo não pôde, inda que pelo modo dele magoada com a honrada presença de Marfido, a que bem conhecia, se quietou (se há molher que em caso semelhante não se alegre). Não fez Marfido ali muita diferença, pelo receio que todos tinham de Filauro. E assentando que

se lhe desse conta por pessoas de cuja autoridade a admitisse, se partiu deixando o coração nos olhos de quem sem ele deixava. E tratou com Ismena que, em quanto o efeito de seu casamento se facilitava com Filauro, lhe desse licença para passar às ribeiras do Tera, para tornar mui cedo com o que para tal acto lhe
236v convinha. E chegando ao casal de Silvano, donde Florismonte e Daristo o esperavam, lhe deu parte do que com Armia deixava concertado, de que muito se alegraram Florismonte pelo bem que desejava a Marfido e Daristo pelo de Ismena. E porque neste tempo a constância de Liriandro e os ciúmes de Floridora a tinham persuadido que a seu casto amor correspondesse, Marfido lhe declarou o que passado tinha com Ismena, e sua partida para o Tera, o que alegrou sumamente a Liriandro, que esperava ocasião para pedir a Floridora se tornasse à aldea donde naceram, e teve aquela por boa e assi, procurando-o por meio de Daristo, Floridora se resolveu e elegeu por dono de sua vontade quem tanto aborrecera, que, como ela é variável de ordinário, a perseverância a obriga e sujeita. Assi que juntos, Florismonte e Marfido, Liriandro e Floridora, e Laurena, que em sua companhia quis prosseguir o fim de seus intentos, ũa tarde, despedidos de seus amigos, passaram o celebrado rio da outra banda, e ao longo dele acharam algũas choças de pescadores donde lhe pareceu passar a noite. Caminhando para elas, ouviram a voz de um mancebo pescador, que, posto em ũa pedra que sobre o rio pendia, cujas águas estavam tão sossegadas que o silêncio da noite parece as convidava a que ouvissem suas queixas amorosas, que sua-
237 vemente se dilatavam pelas circunstantes praias. Florismonte e os pastores se pararam a ouvi-lo. E o pescador, ao som de ũa viola (mais acomodada à sua voz que suave e bem encordoada), dizia desta maneira:

Soltava a noite escura
De seu lôbrego manto
As pontas e suas asas escondia
Com hórrida figura
O medo vil, e em tanto
Pela praia o silêncio se estendia;
Mas Leandro que ardia

Em desejo amoroso,
Vendo a luz que esperava
Nas águas se arrojava
(Ai mal afortunado e animoso!):
A Sesto o encaminha
O sol que n'alma tinha.

Do raro atrevimento
Enfadado Neptuno
Co grão tridente o crespo mar ferindo,
Bramando num momento
A si próprio importuno
Se está inchando num ponto e dividindo;
O moço reprimindo
237v Tanto furor apenas
Do que perde impaciente,
De perder-se contente
(Tais cousas como, cego amor, ordenas?)
Se queixa lastimado,
Só da noite escutado:

— Ó divina deidade,
Ó deusa da beleza,
Filha do mar, de amor madre querida,
Serena com piedade
A desigual crueza
Das águas, que não é bem que ũa alma unida,
E ao ardor reduzida
De amor, pereça nelas;
Ó vento iníquo e duro,
Enfrea: irei seguro
De teu rosto mostrando as luzes belas,
Mas se Hero o doce porto
For, chegue vivo, ou morto.

E se está decretada
No excelso trono etéreo
Meu mal, adonde todo o bem buscava,
Morra o corpo pesado,
E o pensamento aéreo
238 Viva adonde sem ele descansava.
Desejo me levava

Causado em teus efeitos;
Ai, veja-me entre os braços
De Hero, e em pedaços
Sejam meus membros à tornada feitos,
Que em vão se lamentara
Quem deles se apartara!

Qualquer mônstruo marinho
E o rochedo eminente
Sentiu a voz que ouvira o firmamento;
Mas rompeste o caminho,
Tu, Bóreas inclemente,
Convertendo em ti próprio o brando acento;
Reduziram-se em vento
As queixas lastimosas
Que Hero sofre ofendida,
E delas extinguida
A luz, foram fantasmas espantosas,
Com que o moço atrevido
Ficou cego e vencido.

O alento lhe faltava,
As forças consumidas,
E no desejo inútil a esperança,
238v Defunta, em vão chorava
(Ai lágrimas perdidas
Dar água ao mar, e amor tal fructo alcança!);
À que em sua lembrança
Foi sempre caro porto:
— Praia, —disse— já chego
E ser grão bem não nego,
Que pois não posso vivo seja morto:
Doce é meu fado esquivo,
Pois morro adonde vivo.

Mais lástimas dissera
Se o surdo e indignado
Mar, palavras e corpo supultado
A voz não detivera;
Em tanto o sol dourado
(De luz aquele Istmo matizando)
Permitiu que chegando

A cuidadosa Hero
Visse o seu suave fogo
Das águas triste jogo,
E dizendo (se o disse): já não quero
Viver, pelo ar caminha
Donde seu centro tinha.

Viu o corpo defunto
239 Que animava vivendo
(Se é alma de quem ama a cousa amada);
Ocupou todo junto
Deste caso estupendo
O espanto, alma da dama delicada;
Da alta torre arrojada,
Unir estes estremos
Quis, mas não se consente.
Em fim morreu contente.
Assi Lico cantava ao som dos remos,
E as Ninfas que escutavam
De mágoa e dor choravam.

Florismonte e seus companheiros saudaram a Morgante (que assi se chamava o pescador), o qual os recebeu com alegria, convidando-os com a pobre estância de sua choça, obrigando-os que nela quisessem passar a noite. E ferindo fogo com o fusil e pedreneira de que provido estava, acendeu despois o que foi bastante para cozer alguns peixes, com que os agasalhou alegremente. E, acabada a cea, lhe disse:

— Pastores, eu estimara fazer-vos regalos, se desta pobreza minha não ficastes satisfeitos, que quanto a mi eu vivo tão contente com ela, que não apeteço nem procuro mor bem que conservá-la. Ajuntem os ricos, consortes da avareza, grandes te-
239v souros, que lhe hão-de custar viver em contínua sospeita e medo de os perder e grave pena, e dor de os deixar neste mundo; eu neste estado de pobreza me contento com o meu barco frágil, e nele pescando ao longo destas ribeiras, seguro dos furiosos ventos, grangeo o que me basta para sustentar a vida, mais seguro que os que em naus poderosas se entregam ao profundo mar, buscando as riquezas que, podendo tudo, não podem satisfazer o apetite de si mesmas.

Fez pausa Morgante no que começado havia, e Marfido prosseguiu:

— Com razão vives, irmão Morgante, contente de teu estado pobre, isento dos disconcertos do mundo e mudanças da fortuna, que é tão poderosa nelas, que ele só é o mais felice da humana vida, como já se viu no exemplo de Aglao, que por passar a sua alegremente com o que grangeava em um piqueno campo donde continuamente residia, foi anteposto ao riquíssimo e poderoso rei Giges. Este modo de viver retirado do tráfego mundano foi aprovado de muitos varões, e não só de aqueles que por sempre amarem a pobreza se podera arguir que o faziam forçados de sua miséria: mas muitos príncipes e varões ilustríssimos no mundo se abraçaram com ela, e em seu respouso se ampararam do perigo e moléstias, de que a riqueza e honras andam rodeadas. Assi
240 o fez o Emperador dos Romanos Diocleciano, Átalo, rei de Ásia, o qual com Arquelau, Xenofonte, Mago, e Marco Canto deixaram livros escriptos deste felice viver.

Aqui acudiu Liriandro:

— É isso tanto assi, que os antíguos romanos eram tirados do arado para os consulados, dictaduras e outras dignidades da República; e chegou a tanto a estimação do que tratamos entre a nobreza Romana, que as famílias mais excelentes dela tomaram nome dos ligumes que samearam: como foram os Fábios, Léntulos e Cicerões; outros dos gados que apacentaram, como os Júnios, Bubulços, Scatílios, Tauros, Pompónios, Vítulos, Pórcios, Catões, Ânios e Capras.

— Ah Morgante e pastores meus companheiros e amigos — disse então Florismonte — que verdade tão certa e tão conhecida, que dom tão santo e pouco agradecido é a pobreza e por esta razão que causa é juntamente tão eficaz de traições, de infâmias, e de successos nunca imaginados, os quais deixo a vossa consideração, por não ofender com os males da pobreza dos cubiçosos, os bens nunca bem explicados da pobreza voluntária que aborrecem, porto seguro dos perigos e danos das riquezas! E por-
240v que já haveis apontado algũas excelências e virtudes da pobreza, quero eu para mor louvor seu declarar os males da riqueza. E digo que os que as têm não têm por tê-las mais alegria que os que carecem delas, e não há nenhum que não confesse ser melhor e mais segura ũa honesta passada, porque não há dúvida que com a riqueza se estraga e diminue a consciência, o repouso

e tranquilidade do espírito; demais disto as riquezas são difícis de ganhar, congoxosas de guardar, tristes e lastimosas de deixar, porque não há rico, por mais que o seja, que não conte num dia o dinheiro que possue, e apenas lhe basta a vida para se queixar dos trabalhos com que o adquiriu. Considerai um rico, rodeado de feitores, carregado de escrituras, contas e papéis, citado para demandas de outros ricos, molestado de pobres, e de uns e outros envejado e perseguido. As quebras de seus tratos, os furtos de seus criados, a despesa de sua casa, o custo de seu acompanhamento, a frequentação dos hóspedes, a multidão dos negócios, e que tudo isto (inda que a pesar seu) o há-de sustentar, porque aquele estado a que a opinião do mundo os tem chegado, os constrange a cumprir com ela, e apartar-se da razão, e achareis que não há sorte tão mísera que iguale à de um homem que se ocupa no augmento das riquezas. Têm outro dano
241 as riquezas, que a quem as gasta se acabam, e não são de quem as guarda, que o tal é mais possuído delas, que elas dele. E tal é a cubiça e fraqueza destes homens, que de senhores se fazem escravos, e são sujeitos ao mesmo que possuem. Todos os sábios condenam o amor desordenado das riquezas, mas o favor do vulgo é de mais efeito nos corações humanos, assi que sendo cousa manifesta que o dinheiro e riquezas hão constituído no mundo custumes nefandos, corrompendo os tempos antes puros e inteiros com avareza, soberba, gula e luxúria, são mui poucos os que deixam de amá-las e adquiri-las. Ũa cousa graciosa acontece aos ricos e que num certo modo é castigo de sua escaceza e desventura que pela medida que augmentam o tesouro na arca crece em seu coração a cubiça, o cuidado, o interesse, e quanto mais alcançam, de mais têm necessidade para satisfazer sua ambição, como aconteceria a quem, padecendo sede, estivesse bebendo a mesma sede. São pungentes espinhos as riquezas, pois é certo que se alcançam com trabalho intolerável e, alcançadas, não se deixam gozar, possuídas causam soberba, cubiça em grangeá-las; carregam os corpos de vícios, os corações de cuidados, as almas de pecados, e com tudo as estimam os homens sobre tudo, por elas correm a terra, atravessam os mares, despre-
241v zam o Céu e não temem o inferno.

Em quanto os companheiros se ocupavam nesta conversação, guisou Morgante os peixes que pescara e, com eles, e com o mais que para seu sustento em sua pobre choça conservava, cearam

todos alegremente, e despois, deixando as pastoras nela, eles de fora recostados sobre a erva passaram o que da noite ficava. E estando os mais sossegados, inda que mais entregues a seu cuidado que ao repouso, Florismonte, a quem as mudanças de sua fortuna e a firmeza do mísero estado em que se achava consentia menos descanso, considerando a tranquilidade de ũa alma desatada das humanas pretensões, donde a perda do tempo, o engano das esperanças, a impossibilidade dos desejos, a tardança das promessas, e o infelice fim das confianças são imortais verdugos do coração mais livre e generoso, e como muitos varões excelentes tomaram porto na quietação da vida retirada, assegurando-se nela das inquietações da humana pompa, passou um largo espaço confirmando em seu pensamento que se a sua Lucélia (como ele imaginava) era morta, que havia de acabar a vida naquele lugar donde a passava com tanta quietação, quando Marfido o obrigou a deixá-lo. Em fim, desfazendo-se aquelas nu-
242 ves da memória em tristes lágrimas, soltou a doce voz, que foi de mais efeito para adormecer os circunstantes que o desvelo da já quasi passada noite, dizendo este soneto:

Objeto donde mais bela a beleza
Se vê, estampada n'alma generosa,
Luz da avareza vil e tenebrosa,
Voluntária e magnânima probreza;

Teatro raro sois, donde a grandeza
Humana de si mesma está queixosa,
Que quando é mais invicta e poderosa
A atropelais armada de fraqueza;

Despreza-vos o vulgo vão e errado,
Que acumular riquezas tem por glória,
E por honra os excessos da vaidade.

Mas, ó mil vezes bem-aventurado
Quem convosco, do mais livre a memória,
Vê que tudo é mentira, esta a verdade!

E vindo a manhã acompanhada da não aprendida música dos pássaros, alegre salva e lustre de sua luz desejada, levantaram-se os companheiros e, despedidos de Morgante, com amoroso agra-

decimento, prosseguiram seu caminho. E sendo já passada a
242v maior parte de aquele dia, caminhando por entre um arvoredo de donde à vezes se divisavam e reconheciam as montanhas do fragoso Montragil, pátria e herança de Florismonte, de cuja vista ele muita pena recebia, chegando a ũa assomada de donde se descubria um campo raso e menos ocupado da silvestre espessura, viram ũa fermosa pastora que, sem alento, e quasi desmaiada, a acabava de subir; a qual, vendo-os, ainda que o cansácio lhe impedia as palavras, a necessidade, mais que tudo poderosa, lhe fez que estas pronunciasse:

— Acudi, nobres pastores; evitareis a mor desventura que pode succeder a ũa molher costumada a sofrê-las e senti-las.

Dizendo estas palavras, desceu pela ladeira que acabava de subir, e com ela os pastores, que num instante a deixaram atrás, vendo dous pastores que, soltando as fundas com que té aquele espaço procuraram ofender-se, se vinham ajuntar com seus cutelos nas mãos e os gabões embraçados, com tanta ira que sem dúvida se chegaram ao fim, se Florismonte e seus companheiros não chegaram naquela ocasião. Os dous contrários, vendo ser impossível levar seus intentos ao cabo, se apartaram com muita mágoa do successo, porque cada um deles não estimava a vida a troco de matar seu enemigo. Mas Florismonte, que conheceu ser
243 Doricea a pastora que os obrigou a vir com tanta pressa, entendendo quem seriam os pastores que a morte se procuravam, meteu-se em meio deles, persuadindo-os que suspendessem sua cólera, e que por usarem da cortesia que a si mesmos deviam, e aos pastores e pastoras que o mesmo lhe pediam, lhe dissessem a causa de sua enemizade. A este tempo já as pastoras haviam chegado, e a vista de Laurena suspendeu aos contrários de maneira que, despois de a verem, se olhavam parecendo a cada qual que o outro a não tinha conhecido, e ela, que em Doricea não tinha reparado, conhecendo-os a todos, quis compungida da vergonha apartar-se de aquele lugar, e se possível lhe fora de sua própria memória, porque na confusão em que se achava mais que tudo a si mesma aborrecia. Mas um dos pastores, alegrando-se de vê-la, porque com ela entendeu teriam termo as enemizades dele e seu contrário, respondeu a Florismonte:

— Gentil pastor, por vós e por tão bela companhia deixara eu qualquer cousa que fora mui de meu gosto, quanto mais esta em que tanto contra ele estava posto; e porque com a presença

desta pastora que convosco vem (sinalando Laurena) espero que a fortuna ponha termo em perseguir-nos, vos peço obrigueis a este pastor, meu contrário, que com todos se sente neste prado, para que ante vós seja patente a causa que temos de nos procurar
243v a morte, e deixemos a vosso juízo o recurso que nisto pode haver, porque as causas estão presentes, que são Laurena e Doricea.

Florismonte (que então se confirmou no pensamento em que estava), travando da mão ao outro pastor, o fez sentar e sentando-se os mais, lhe disse estas palavras:

— A mi me parece, Arindélio, que podeis escusar neste lugar dizer a variedade com que a fortuna tem procedido em vossas cousas, porque todos os que presentes estamos o estamos também no discurso delas. A mi Doricea, e Laurena a Liriandro, recontaram tudo o que tem succedido na história de vossos amores, donde a determinação ou fraqueza feminil e a constância vossa tem procedido de modo que eu fio da prudência de Lisbeo que, informado do caso, vos disculpe, e não queira privar-vos de Doricea, para quem o Céu mostra ter-vos reservado.

Após estas palavras (sentados todos no florido campo), disse Florismonte a Lisbeo o que Laurena ordenara, oprimida do amor que tinha a Arindélio, e o modo em que ele a deixou quando Liriandro a livrou do perigo em que estava. Ficou Lisbeo admirado da impreza de Laurena, e magoado no estremo de ver que pastora a quem ele amou e com quem quis casar o desprezasse, fazendo tanto por Arindélio que adorava a Doricea, sua prima. Julgou o feito de Arindélio por digno de disculpa, parecendo-
244 -lhe que mais fizera ele pela pastora de quem fora amado. E vendo a Laurena que de pura vergonha não levantava os olhos, e que a seu pesar algũas lágrimas se dirivavam pelo fermoso rosto, teve grande dor dela e esta mágoa foi o amor em amor convertendo pouco e pouco; e em fim, despois de muitas palavras que ali passaram, e com que todos os presentes procuraram a concórdia de aqueles dous pastores, e o descanso de Laurena e de Doricea, Lisbeo se contentou de ser esposo de Laurena, tendo por milagre que molher que tanto fizera por outro se contentasse de amar quem de antes aborrecera. E assi conformes e do passado arrependidos, se abraçaram com sumo gosto de todos e juntos prosseguiram seu caminho com algũa pressa, porque Marfido queria que fossem repousar aquela noite nas cabanas dos seus

pastores, que pouco apartadas estavam do lugar donde nacera, e quando o sol do nosso hemisfério se escondia chegaram a um alto de donde os olhos sem contradição algũa podiam estender-se por um campo, a espaços povoado de arvoredos e casais que, alegrando o ânimo, mostravam ũa grande fertilidade.

— Neste lugar —disse Marfido a seus companheiros—, aqui é o princípio das heranças que tenho neste destrito; em sua be-
244v leza e saudável sítio julgai se com razão me lastimavam no Tejo suas lembranças.

E caminhando assi, uns com os outros em boa conversação, com grande contentamento de Liriandro e Floridora (que em fim de tantos trabalhos se viam alegres na desejada pátria que tristíssimos deixaram), entraram por um olival de fermosas oliveiras, e antes de sair dele deram sobre um pomar de diverso arvoredo; da outra parte dele estavam alguns cerrados também fructíferos, e que à vezes de pasto e sementeira davam doce proveito aos lavradores. Os velados do pomar e cerrados eram fabricados de loureiros e freixos tão densamente misturados entre si, que apenas davam lugar a que entre seus troncos e ramos e os de algũas ameixeiras se enlaçasse a frágil madressilva e a parreira, amiga de encostar-se, que alegravam com brancas flores e com verdura e fructo a quem por ali passava. A silva (em qualquer parte enojosa) se enlaçava também por entre a vária espessura, ufana com o fructo que parece furtou às amoreiras. Mas o com que a natureza perfeiçoava esta obra era com o cheiro suave das violetas, erva cidreira, e mentrastos, que a terra donde tanta espessura procedia bordavam de fragância e de beleza. O doce canto que neste aprazível lugar faziam as aves nele mais que em qualquer outra parte namoradas, a propriedade das mél-
245 roas, ruissinóis, e passarinhos faziam crer a quem consideradamente os escutava que o Céu divinamente os ensinava. Assi o julgava o valeroso Florismonte, tendo por cousa sobrenatural o que naquela parte não estimava quem ordinariamente o possuía. Elevados nestas cousas, passaram a saudosa azinhaga, dando de improviso em um terreiro cercado de casas campesinas, e dele se descubriam outros frescos pomares, que por detrás das casas cubriam de fructífero arvoredo algũa parte dos campos que de ali se viam. Estavam ali sentados neste tempo os pastores e fermosas zagalas de aquele destrito, e entre eles o velho Francilo com a sua viola, fazendo alegres sões aos que dançavam. E quando

conheceram o seu maioral e desejado Marfido, todos se levantaram com muita alegria, e não cessando a festa, o tomaram em meio, levando-o por outra azinhaga piquena em comparação da que já tinham passado, té chegarem a ũa fonte pura donde algũas nogueiras, romeiras e cereijeiras faziam fresca sombra ao sítio vestido de erva verde, guarnecido de flores que alegravam e suspendiam os olhos e sentidos. Ali se sentaram ao longo das águas que imortalmente bordam de cristal a fértil terra, e despois que a vinda de Marfido festejaram bailando, as pastoras Andria e Armia, ajudadas de Francilo, ao som da sua viola, cantaram o que se segue:

245v Pastor descconfiado
Da própria esperança,
Tudo está mudado
Com vossa mudança.

Não vos espanteis
Se aldea passais
De que não lembrais,
Pois vos esqueceis.

E se a lastimar-vos
Vier a lembrança,
Dizei-lhe: isso apar-vos
Que eu sei ter mudança.

Não forens, pastor
De todo avisado,
Se num só cuidado
Cifrarens amor.

E se foge um bem
Donde outro se alcança,
A muitos convém
Amar com mudança

Fora sem razão
Não Tornar ao Tera
Se amor concedera
Siso e afeição

Mas para esperar
Desejo a tardança
Melhor foi buscar
Remédio em mudança

Descontente ficou Marfido da cantiga que cantaram os pastores da sua aldea, e magoado de que caso em que ele tinha tanta disculpa se medisse pelos pareceres dos moradores do Tera; mas porque o melhor modo de disculpar cousas semelhantes é não responder a elas, não se deu por entendido. A esta hora já a me-
246 drosa noite (sentindo a ausência do sol, seu enemigo) se animava a sair dos abismos de sua triste morada, pelo que deixaram o prado da sempre graciosa e pura fonte e entraram nas casas de

Marfido, que Francilo já tinha preparadas, como convinha, para o bom hospedage de tão honrados pastores. Marfido, que com estremo desejava ver o fim dos successos de Florismonte, não quis dar lugar a que sua vinda se soubesse, pelo que, antes que o sol matizasse os cumes dos outeiros, despidido de Francilo, e dos mais companheiros a quem encomendou a boa guarda do seu gado, e deixando atrás aquela odorífera azinhaga, o pomar e olivais, saíram a um gracioso campo sameado de boninas, de macela e malmequeres, que campeavam alegremente aos olhos entre ouregãos e poejos, por donde davam as matas de aroeira e azambujos de que estava povoado. E andando por um caminho que entre aquela espessura graciosa se mostrava e chegando adonde estavam três ou quatro altíssimos pinheiros, deram de improviso com os olhos em ũa grandiosa povoação coroada de torres, entre as quais ũa altíssima com proporção curiosa se mostrava, tão adornada de janelas e portais de brancas pedras, que, ferindo o sol nelas, pareciam de cristal. Florismonte se deteve, satisfeito da nobilíssima vila, e Marfido de sua suspensão tirando saudades e lembranças, tocando o seu rabel, assi cantando lhe disse:

246v Aquele torreado monte
Adonde a vista se alegra,
Cujo nome conhecido
Em seus estremos começa,

Pátria minha é, Florismonte,
De quem contando excelências
Primeiro se admira o mundo
Que haja modo de dizê-las.

Procede de duas fontes
Ũa líquida ribeira,
Que adornando seus limites
Faz contínua primavera.

Porque nas fermosas plantas,
Nas flores e frescas ervas
Do sítio a arte ajudada
Contende co a natureza.

Ali a música das aves
Trás si o pensamento leva,
Que imitam como a porfia
Os instrumentos da aldea.

Não têm conto seus pomares
De fructa suave e bela,
Que em lugares apartados
Se procura e se deseja.

247 Pode-se considerar
Ũa notável grandeza,
Que seu saudável destrito
Tem fontes mais de trecentas.

Todas líquidas e frias
E a agradecida terra
Dá matéria para vasos
De quem só são dignas elas.

Estes toda Espanha estima,
Roma os conhece e os preza,
E às apartadas Índias
Interesse humano os leva.

Mas excede a tudo isto
Que desta rara matéria
Tragam colares as damas
Que enveja a própria avareza.

O ouro mais se enriquece
Quando nas lindas orelhas
Lhe põem brinquinhos de barro
Desestimando-se perlas.

Quem faz grandes edifícios
Manda buscar brancas pedras,
Que achando-se aqui melhores
Paro as suas não celebra.

247v A vista dos belos campos
Suspende a frescura amena,
Donde a caça e pescaria
Uns obriga, outros deleita.

Liberais os Céus influem
Em esta ditosa terra
Águas, ares, mantimentos,
Vozes, ingenhos, beleza.

Mas como a maldade humana
Cubra os dões da natureza
Aqui também, Florismonte,
Reinam mentira e enveja.

Alegremente ouviu Florismonte e os mais companheiros o breve itenerário em que cifrou Marfido as grandezas de sua pátria, e porque então não havia de entrar nela por seguir a Florismonte, ali se despidiu de Liriandro e Floridora, que despois com sua vista e conformidade e com o que disseram de Marfido alegraram os moradores do Tera. Marfido e Florismonte e os mais deixando atrás a rica Elvas, chegaram ao Caiola, rio fresco e aprazível. E porque ali se apartava o caminho que Florismonte e Marfido haviam de seguir para Castela, de outro que Arindélio e Lisbeo tinham para sua pátria, se despidiram uns de outros
248 com muitas saudades e oferecimentos verdadeiros. Os namorados pastores chegaram à aldea do pai de Laurena, donde Lisbeo celebrou com ela suas vodas, e Arindélio com sua amada e constante Doricea, com o que os pastores do Caia se mostraram mui alegres, fazendo muitas festas e jogos de alegria. Florismonte caminhava com Marfido ao longo do Caiola, que seu curso cristalino bordava de pomares, que em fructa e fermosura mostravam o poder da natureza, té que chegaram donde um espesso arvoredo de vimes, freixos e álamos, e, mais apartados da água, oliveiras, marmeleiros e figueiras faziam um bosque tão cerrado, que com dificuldade se chegava ao claro rio. E nos vizinhos moradores era de mui atrás introduzido, ser estância das Ninfas do Caiola, e a nenhum era lícito entrar nele. Aqui eram já os pomares acabados e o sol não permitia que da vista dos campos se gozasse; pelo que entrando por aquela espessura foram salteados do brando acento de ũas vozes feminis, e assi chegaram àquela parte com passos vagarosos, e estando encubertos entre ũas matas de murta, viram o que nunca ver imaginaram. Eram três Ninfas nuas sentadas sobre a area prateada, cubertas

dos áureos cabelos por entre os quais enlaçando-se o vento se descubria à vezes o cândido cristal da carne pura, como em dou-
248v rado vidro branca neve. Lavrando estavam todas histórias na-moradas. Lauricea, ũa delas, da infeliz Filomena a história suavemente lamentada dibuxava com tanto artefício que o vivo successo parecia. Calidea retratava com lavores subtis a transformação de Acteon por seu malditoso. Mas Ericinea pintava no branco velo a figura de ũa pastora que ali mal retratada excedia qualquer humano artefício: estava sobre um estrado de várias flores morta no parecer que era divino; sentavam-se em roda muitas Ninfas, todas culpando a rigorosa sorte, com tristes rostos e chorosos olhos. E o velho Caiola tão magoado, que para o triste choro não tinha bastantes águas. Estavam aos pés da morta ũas letras que diziam: NATONIA. E abaixo estes versos:

Aqui a morte que sempre desengana
Mostra a miséria de ũa glória humana.

Rematava a história lastimosa com delicados lavores, em que também queria igualar a beleza do mais. Lauricea e Calidea, de seu lavor esquecidas, olhavam magoadas da morta Ninfa a mal lograda beleza, o que vendo Ericinea, assi chorando lhe disse:

— Se souberens, queridas irmãs minhas, de Natónia a gentileza e brandura que não digo eu retratar, mas apenas o entendi-
249 mento compreendia, não duvido que de seu duro caso o sentimento vos durasse eternamente. Amou esta pastora muito mais do que devera, que, sendo em tudo estremada, no amor não pôde deixar de sê-lo; foi mufina na eleição, que sempre a ventura desampara merecimento. A ausência de um pastor, a quem (se os deuses o permitem) deve inda amar, a chegou à dura morte, que os homens donde são mais lembrados se descuidam. Quando este pastor se ausentou destas ribeiras, despidiu-se de Natónia, deixando-a sobre as promessas da tornada, fluctuando um mar de lágrimas, mas, despois, esquecido o sufrimento, piloto na tormenta de saudades, rotas as fracas velas da esperança, com o furioso vento dos sospiros, deu o navio d'alma à costa do desengano entre os rochedos da desconfiança; o que foi causa de sua morte e da tristeza contínua destes campos. Poucos dias haverá que a fermosa Febea, Ninfa do rio Caia, me mandou es-

crita em versos a triste despidida destes dons amantes, que ela, magoada do successo, para lembrança dele compôs. Se a quereis ouvir, tocai os instrumentos que, em quanto a calma dura, teremos esta doce ocupação.

Responderam elas que em nenhũa outra cousa podera mais agradá-las, e logo Lauricea, em ũa cítara, e Calidea em ũa frauta, concertaram ũa música mais que humana, e Ericinea, ao compasso dela soltando a voz divina, assi cantou:

Despidida de Marfido e Natonia

249v Nos campos que o deleitoso
Caiola cerca de cristal,
Marfido, um pastor ditoso,
(Se o não foi por seu mal,
Uso do tempo envejoso)

Estimado e conhecido,
Apacentava seu gado,
E no querer um cuidado,
Entre os pastores perdido,
Mas nele menos ganhado.

Natónia, da fermosura
Raro estremo e luz, de sorte
Que não teve ali ventura
Lugar nem co a dura morte,
Apenas a desventura,

Foi o sujeito que disse,
E de quem sê-lo podera,
Se tal bem não excedera
A estimação e se visse
Qual sol imenso na esfera.

Mas que isto se conhecesse
De alguns efeitos de ausência
250 Não é justo se entendesse
Que de amor ũa aparência
Dous anos durar podesse.

Estes amou com firmeza:
A justa causa o mostrava,
Que para o bem que gozava
Valor não tinha e riqueza
Com amor puro obrigava.

E se para ser amante
Seja força o ser querido,
Nem há peito de diamante
Ao doce ser constrangido
De amor que não se quebrante.

Sendo de Natónia amado,
Ũa pastora divína
Que fez prisão peregrina
Amor, do livre cuidado
Seria de amar-se indigna?

Na doce glória de amar-se,
Dias e noites passavam,
Longos para procurar-se
Pelo bem que dilatavam,
Breves para imaginar-se.

Cada qual na doce vista
250v Do outro a vida melhorava;
O desejo se gozava,
E na amorosa conquista
De si vencido ficava.

Assi nas almas amor
Dos amantes residia,
Ou na alegria ou na dor,
Que nelas se convertia
Por ser o efeito maior.

Ele era de seus sentidos
Infalível regimento,
Formando neles intento
Que o serem por si perdidos
Só fosse contentamento.

Nunca vendo-se sentiram
Do mal passado lembrança,
E a hora que não se viram
Viveu neles a esperança,
Porque mortos se partiram.

Comum lhe era ũa vontade,
Um só gosto os entretinha,
Que no de um ao outro vinha
Tendo amor a liberdade
Ũa cousa a dous convinha.

251 Assi o desejo crecendo
Chegou donde não passando
Fica à sorte obedecendo,
Que em tudo se vai mudando,
Ou antes de ser ou sendo.

Foi-lhe forçado ao pastor
De tanto bem ser ausente,
De seu mal causa eficiente,
Que neles não coube dor
Tendo-se cada um presente.

Quando a fermosa pastora
Do infeliz successo soube
Que a priva do bem que adora,
Da tristeza que lhe coube
Viu a vida no humor que chora.

Para a triste despidida
Os amantes se buscavam,
Donde o ver-se receavam,
Porque estava na partida
Partir do bem que esperavam.

Junto de ũa fonte clara
Que o sol entre freixos via
Antes a mil gostos cara,
E que já lhe parecia
251v Que a mudança murmurara,

Em vendo-se não se viram,
Porque antes de se não ver
Quisera cada um morrer,
Os olhos de água cubriram
Por nela as almas verter.

Mas como estas por mostrar
Que ausência as não dividia,
Se quisessem contemplar,
Donde o corpo se partia
Amor as pode ajuntar.

E certas de que entender-se
Ausência não contrastava
Cada ũa aos olhos negava
O humor e poderam ver-se
Quando a morte lhos cerrava.

Do interior a tristeza
Nos rostos se retratou,
E de Natónia a beleza
Qual flor cortada ficou
Que as cores perde e viveza.

Já o sufrimento previnha
(A pesar da dor imensa)
Quem as palavras dispensa
252 Vento, aves e ágoa detinha,
(Não há cousa que não vença).

— É certo — disse o pastor —
Que do Caiola me ausento,
Que incerta é a glória de amor,
E de nosso apartamento,
Vida minha própria dor.

Neste caso quis fortuna,
Por encubrir o ofender-te,
Traçar o não poder ver-te,
Que só a si fora importuna
A glória alta de querer-te.

Mas já que de seu rigor
Não me pode libertar
Minha fé, nem teu valor,
Nunca poderá mudar,
Ausente, meu firme amor.

E primeiro estes outeiros
Ao vale a altura darão,
As aves não voarão,
E os lobos entre os cordeiros
Amorosos se verão,

Que meus tristes olhos vejam
Cousa que alegres os faça,
252v Porque ainda que sejam
Do entendimento vidraça,
Só o que ele estima desejam.

E se pode acontecer
Que trás desta desventura
Lhe agrade outra fermosura,
Primeiro não possam ver,
Ou mos cerre a morte dura.

— Ai, Marfido, — ela dizia,
Vertendo os olhos divinos
Perlas, que amor recolhia
Com conceptos peregrinos
Nos nacares que rompia —,

Nesta forçosa partida
Culpo minha infeliz sorte,
Pelo que sentes mais forte,
Que em te apartar desta vida
Me satisfaz com a morte.

Mas se nesse sentimento
(Pelo uso de obrigar-me)
Enganas meu pensamento,
E nas mãos deste deixar-me
Deixas o agradecimento,

Mísera eu tanto não viva,
253 Que teu erro em mi se veja;
Eu deles exemplo seja,
Antes desta alma me priva
Que do bem que te deseja.

Quando a terra se humedece
Co as águas que em si recolhe,
E o sol apenas parece
Se cultiva, e em si colhe
O que em dobro nos ofrece.

Com a água se ferteliza;
E a regalada planta,
Que assi vive e se levanta,
Em seu fructo soleniza
Do agradecer a lei sancta.

Pois tu, cara planta minha,
Na verde terra plantada
Por donde o engano caminha,
E ali vista e animada
De mi que outro bem não tinha,

Negarás o efeito a água
Dos olhos (meus, pois são tristes)
Amor esta alma onde assistes,
Farás meu desejo mágoa
Quando o teu sem mi conquistes?

253v Não consente o que te quero
Que tal possa imaginar;
Da ventura tudo espero,
Que porque em tudo a quis dar
Já de tê-la desespero.

Em lágrimas, dor e pena
A Ninfa se transformava,
E o pastor que nela estava
Nestas convertido ordena
Mostrar que não se apartava.

— Enxuga —então lhe dizia—,
Natónia, os olhos fermosos,
Da água, que em tudo excedia
A que no Céu de nublosos
Vapores o sol faria.

Vê que como a fonte clara
(Veneno do verde prado)
No inverno, co sol dourado
Rindo aljófar, lhe declara
Que é mor o gosto variado.

Essas que de perlas fazem
No rigor desta partida
Glórias quasi mortas trazem,
Mas se hão-de ter nova vida
254 Para mor bem se desfazem.

A avezinha considera
Que em quanto ao ninho se aplica
Só com queixas comunica,
Té que a consorte que espera
O gosto lhe multiplica.

Esta temporã mudança
De passadas alegrias,
Não sintas, que a tudo alcança,
E dura sempre mais dias
O mal que a tida bonança.

Que para tão breves horas
Como o tempo despendeu
No bem que nos concedeu,
Já demasiado choras,
Já mor mal se recebeu,

Espera, doce querida,
Que tão cedo hei-de tornar,
Que possa durar a vida
Para ausente desejar,
Para a mágoa da partida.

Deixo alma nesses olhos;
Tudo o mais para ela é dor;
Os meus não têm bem maior,
254v Nem terá ausência antolhos
Que não escureça amor.

Então lhe disse a pastora,
Vendo que o amoroso afeito
Já nas lágrimas que chora
Lh'está mostrando o conceito
Que dizer difícil fora:

— Não chores, Marfido meu,
Meu, porque é certo perder-te,
Que tanto em magoado ver-te
Sentimento amor me deu,
Como estremo no querer-te.

Como a dor que mais se sente
Faz que outras menos se estimem,
As que tens neste accidente
Tanto n'alma se me imprimem
Que alegre antes vive ausente.

Da pele de ũa cordeira
Bela, e de mi regalada,
E como tal não gozada,
Que a do arminho faz grosseira,
Fina, velosa, e nevada,

Fiz este surrão polido,
Cândido entre brancos velos,
257 E apretado e dividido
Com trenças dos meus cabelos
A esses ombros dirigido.

Este leva e considera,
Que em mais fácil sujeição
Poseste meu coração,
E que ausente desespera
Quem espera com razão.

Não pode ser esquecida
Qualquer cousa desejada,
E a lembrança n'alma unida
Ali pode estar fundada,
Inda que se acabe a vida.

Mas se não tendo ventura
Naci, não hei-de temer?
Que firmeza pode haver,
Que cousa o tempo assegura
Que não possa resolver?

Pois quando sem ti estarei
Querendo só no cuidado
A vista, que esperarei,
Como virá o esperado?
Ou quando não quererei?

Ai de mi, ai duro amar,
257v De quem de amor se fiou,
Donde tanto aventurou,
Que não deixou que esperar,
E assi amor aniquilou.

Vai-te, meu pastor querido,
Sigue o caminho confiado,
Que nem da volta esquecido
Serás mais importunado,
Nem menos obedecido.

Pode em lugar do desejo,
Se tal tua fé permitir,
A minha a morte possuir
E alma (onde sempre te vejo)
Deste corpo dividir.

Pode fazer a ventura
(Como já pode apartar-te)
Em ti mais que a razão pura;
Pode sem ela agradar-te
Ausente outra fermosura.

Mas não há na vida bastante
Causa de gosto ou pesar
Que me chegue a não te amar;
Vendo-te não há bem distante,
E ausente tudo é penar.

256 Aqui o surrão lhe deitou
Nos ombros, e ali detidos
Os braços, se traspassou,
Quais ramos da hera oprimidos
Que para inútis amou.

Ali as almas se juntaram,
Os corpos se dividiram,
Donde a pena que sentiram
para morrer reservaram,
Se é que vivos se partiram.

De Natónia se apartou
Marfido, e o duro amor
Na morte se transformou,
Que ou de enganada ou de dor
Mortos os considerou.

Mudou-se ausente, e a vida
De Natónia se perdeu,
Todos tal erro excedeu;
Cego amor não tem medida,
Se por ti se cometeu.

Aqui chegava a Ninfa com a lastimosa cantiga, cujos acentos as outras com gemidos imitavam, e Florismonte com lágrimas ouvia, mas o pastor Marfido, que do por ele passado via tão vivo
256v retrato, entendendo das últimas palavras a morte de Natónia, não tendo ânimo para contrastar mais tempo o impetuoso curso de seu choro, saiu, imitando o ruído que a água, oprimida da natureza ou da arte, desempidida faz por algũa descida pedregosa. Tais foram [os] saluços e os ardentes sospiros após quem alma queria despidir-se, que as Ninfas, temerosas que fosse a amorosa, porém monstruosa, turba dos sátiros que aborreciam, com a possível presteza se arremessaram no pego, e num instante

deixaram só no movimento das águas (que banhar pretendiam aquele lugar do prado em que estiveram) a memória de sua vista. E Florismonte, que tudo tivera por cousa sonhada, se não vira os excessos de dor que o pastor lastimado lhe mostrava, procurou consolá-lo, e perguntou-lhe se era verdadeira aquela história que ele por tal tinha por ser triste. O pastor magoado (que acontece aos tais da dor forçados mostrar a secreta ferida) lhe contou a maior parte de sua vida, indo já apartados do Caiola, seguindo seu caminho, que havendo de contar tantas tristezas tempo muito comprido lhe convinha. Nesta prática elevados (que a tristeza é harmonia entre os que a possuem), chegaram ao Caia donde ũa larga ponte facilita a passage aos belicosos reinos que separa. E porque já fazia grande calma, desceram ao primeiro
259 arco da bem lavrada ponte, porque ali não chegava a água do rio, e em seu côncavo gozando fresca sombra repousaram, inda que pouco, que semelhantes tempos busca amor para engolfar os corações num mar de imaginações. Marfido considerou o caso de Natónia, os amores de Gelinda, e como (em fim de tanta variedade de successos) estava desposado com Ismena, a cuja honestidade e puro amor se devia ũa vontade constante, com ela propôs em seu coração servi-la em quanto durasse a vida. E, levantando a cabeça do gabão onde a tinha reclinada, por ver se Florismonte, com o desejo que tinha do caminho que levavam, queria já caminhar, vendo-o inda deitado, tirou o seu rabel, e tocando-o soava suavemente ao tom do manso ruído que as águas causavam banhando os arcos da ponte, e despois que esta consideração se resolveu em puras saudades, cantou este soneto:

Causará o claro sol a noite escura,
Terá a terra dos Céus o movimento,
As estrelas do octavo firmamento,
E ele seu peso, feras e verdura.

Será do tempo a lei firme e segura,
Terá repouso o mar e corpo o vento,
Por-se-á freo ao ligeiro pensamento,
E não haverá mudança na ventura.

259v Mas não terá esta vida um breve instante
Que de amar-vos não seja e que a lembrança
N'alma passados bens não represente.

Se não me tendes por tão firme amante
(Que dos ausentes foge a confiança),
Crede que me heis-de ter cedo presente.

Não dormia Florismonte, que nas lembranças de Lucélia (sendo todo seu tormento) descansava; folgou de ouvir seu companheiro Marfido, e assi lho manifestou; e porque a calma era passada tornaram a seu caminho. Passaram Badajós e chegaram a Albufeira inda de dia. E indo pelo lugar viram à porta de ũa casa de pousadas dous coches e ũas andas, e muita bulha de gente da terra que concurria a ver a ilustre companhia que com aquele aparato caminhava. Do mesmo estavam curiosos Florismonte e Marfido, e assi se detiveram à porta da pousada, vendo os lustrosos criados que ali havia. Desejava Florismonte saber quem eram os senhores, mas não se deteve nisto muito quando viu e conheceu alguns criados de seu pai e do conde de Arismaldo. O que visto por ele, levando o pastor se foi com ele apartando e ao passar por baixo das janelas, levantando os olhos, viu a ũa a Angeliza sentada com outra dama de não menos fermosura que
260 não conheceu. Isto o pôs em tanta confusão, que lhe foi necessário valer-se de todo seu esforço para acabar de passar aquela rua, e outras até sair do lugar, donde, recolhendo-se debaixo de ũas oliveiras que estavam apartadas do caminho, disse a Marfido o que vira, e que sem dúvida ali estava seu irmão Laurismeno com a fermosa Angeliza. Pelo que lhe rogava fosse à pousada onde estavam, e se informasse de tudo com a prudência necessária. Marfido se despidiu dele alegremente, rogando-lhe que se não enfadasse de esperá-lo, que não havia de ocupar-se mais que em seu serviço, e que se animasse, que, havendo tanta alegria em quem o amava, não podia faltar para ele algũa. Florismonte a isto respondeu com sospiros e o pastor entrou em Albufeira e chegou à pousada quando aqueles senhores se sentavam a cear. Estava arrimado à porta Frisalte, mancebo com quem Florismonte se criara, e que sempre o serviu, e vendo a Marfido naquele seu trage pastoril, lhe perguntou quem buscava, e se era de aquela terra. Marfido lhe respondeu que era um pastor Português e que ainda havia de passar adiante a certo negócio de seu amo. Frisalte, vendo que era Português, travou prática com ele, como se toda a vida o conhecera, cousa ordinária nos de

ũa nação, se se acham em terra estranha. Marfido soube como os senhores eram Laurismeno e Selardo, filho do Conde de
260v Altamira, que com suas esposas caminhavam a Mora, donde o conde Arismaldo residia, ao qual levavam a fermosa Lucélia, sua filha, que acharam em Sevilha em outro trage do seu mui diferente.

— É possível —disse Marfido— que Lucélia é viva e está com esses senhores?

— A verdade relato —disse Frisalte— e a mesma Lucélia (se algũa hora a vistes) vos tirará desta dúvida, mas vós, pastor, porque mostrais tão novo modo de alteração e alegria pelo que vos certefico?

— É com tanto fundamento —tornou ele— que não menos vos alegrareis de ouvir-me, mas há-de ser com um concerto, que me haveis de contar por extenso o como vive Lucélia, sendo assi que Florismonte (que o Céu guarda para seu esposo) a tem por morta.

Frisalte, abraçando o pastor estreitamente, lhe respondeu:

— Tudo quanto me mandardes farei; por tanto não dilateis, gentil pastor, dizer-me o que sabeis de meu senhor Florismonte.

Marfido em breves palavras lhe contou o como achou Florismonte desesperado, porque tinha por morta sua senhora Lucélia, e que persuadido dele se vinha enteirar do caso que àquela hora estava em parte donde o achariam com facilidade, mas que primeiro lhe cumprisse a palavra que lhe dera. Frisarte (inda que com o imaginado gosto não lhe cabia no peito o coração) quis contentar àquele pastor, que enviado do Céu lhe parecia. Para
261 o que, sentando-se à porta de ũa igreja que ali defronte estava, estando Marfido atento, Frisalte, algum tanto sossegado, disse desta maneira:

— Pois que tão visto estais na história de Florismonte, quero, discreto pastor, contar-vos o que despois de partido de Sevilha succedeu à valerosa Lucélia. Haveis de saber que o çurgião que a curava, vendo aquela parte dos peitos que era forçado ver para curar a ferida que nele tinha, conheceu claramente ser molher, e admirado tanto de sua fermosura como o inaudito caso a que a cega fortuna a sometera, disse um dia a Selardo (a quem também curava de ũa estocada que a mesma Lucélia pôde dar-lhe em ũa perna): — Se souberas, senhor, a mão que deste dano foi causa, não sei se mais o sentiras, ou se de grande alívio te ser-

vira. Selardo, desejoso de saber o secreto destas palavras, lhe rogou se declarasse, o que ele fez dizendo que o Célio de quem se servia e tinha por agressor do passado desconcerto era molher, e tão fermosa, que com ser vista podia causar mais penetrantes feridas. Selardo, curioso e admirado, propôs no tempo da cura ir desconhecido a vê-la, o que (sendo-lhe fácil) pôs por obra, e vendo-a, o amor que entre aquela neve se escondia se descubriu a tempo que dela procedido meteu por seus olhos um incêndio à alma de Selardo; e como o amor, para se descubrir,
261v qualquer espaço breve tem por largo, Selardo, que também como preso (sendo-o de outra prisão) vinha à cura de Lucélia, lhe declarou quem era, oferecendo-lhe tudo o que possuía, e mais a própria vida, por que lhe concedesse o que para que a sua só queria. Ela, despois que se desenganou que em vão seria tratar de encubrir o sexo anexo a tantas misérias, lhe disse:

— Valeroso senhor, se verdadeiras são tuas palavras, deves considerar que quem ama não pode dispor de si em caso algum. Eu amo a Florismonte; ele, pelas razões que não posso dizer-te, me foi fácil caminho do mísero estado em que me vês; não deixarei de amá-lo, inda que me deixe a própria vida, nem possível me fora, se quisera, que amor, como não deixa eleger-se, assi também não consente ser dividido da alma donde habita.

Ele lhe respondeu:

— Verdade é que o amor na firmeza se acredita, mas não deve perder o nome, quando a outro fora do primeiro corresponda, porque, sendo causa de a todos, fora deste aborrecer, melhor se chamara ódio comum que particular querer. De mais que já em Florismonte o amor é inútil, pois, tendo tão perto a morte, não pode ser senão mágoa.

Lucélia procurou com muitas lágrimas persuadi-lo que desse liberdade a Florismonte, e que nela se executasse o castigo de aqueles homecidos.

— Isso não —lhe disse ele—, que essa vida que adoro sustenta esta tristeza que aborreço. Mas se tu (com todos três pie-
262 dosa) queres dar-lhe remédio, só com querer que te ame, hás-de fazê-lo.

Ao que lhe respondeu que não se amava Florismonte para deixar de ser eternamente.

Assi se suspendeu alguns dias a execução de seus delictos, porque Selardo o fabricava para em tanto abrandar a casta dama.

Mas, vendo era impossível, ordenou que em Florismonte se executasse, porque —dizia ele— não seria possível que por amor de um morto deixasse ũa molher de amar a um vivo. Publicou-se na cidade; foi dada a Florismonte a triste nova; chegou a Lucélia também, que tratar quanto o sentiu não é possível. Mas antes que passe mais adiante hás-de saber (oh impossíveis de amor miraculosos!) que Policea, aquela ilustre dama que Selardo amou em Galiza, com quem estava desposado, sentindo sua ausência e mais o esquecimento de seu amor, pois nem com ũa carta mostrou mais lembrar-se dela, e juntamente o que seus irmãos lhe diziam de contino, esquecida de si mesma, e só lembrada dos agravos que em si considerava, vestida como page se veio a Sevilha, e succedeu que teve ocasião de servir o doctor Hermónio, que assi se chamava este çurgião, que era o mais respeitado da cidade. E como o amor, inda que cego, se o ciúme o desvenda, vê mais que um lince, veio em conhecimento do curioso amor de seu amante; sentiu disto muita pena, mas animou-se ao remé-
262v dio, vendo a rara virtude de Lucélia, e porque já por pages e estrangeiros se conheciam. Ũa manhã que Hermónio foi curar a triste dama, estava ela tão magoada considerando o breve espaço que Florismonte tinha de vida, que as lágrimas de seus olhos, inda que neles vive a alegria, poderam matar chorando. Hermónio procurou consolá-la, e o mesmo fez Pausilo (que se chamava assi no alheo hábito a dama Galiziana). Lucélia, por remate de infinitas traças, em que o atribulado pensamento fluctuava, rogou a Hermónio lhe deixasse Pausilo, que por ele lhe convinha mandar certo recado, com o qual (se tão grandes desgraças costumavam ter remédio) poderia ser que as suas o tivessem. Hermónio, que muito mais fizera por lhe ser de proveito em tanto aperto, mandou a Pausilo que a servisse em tudo com muita diligência, e foi-se a suas visitas. Lucélia disse a Pausilo que o que lhe queria era que com muita pressa lhe levasse um escrito a Laurismeno, e tratando de escrevê-lo, Pausilo, que ignorava as razões que entre eles havia, parecendo-lhe que só a efeito seria de lhe pedir seu favor, lhe disse:

— Fermosa senhora, em vossas desgraças semelhantes às minhas, considero que sois algũa molher mui principal, e como tal vos quero declarar minhas misérias; e se o Céu me é propício,
263 de vossa e minha desventura sairá o remédio de ambas.

Então lhe disse quem era, o princípio de seus amores e o estado em que a tinham, do qual certeficada Lucélia, a abraçou com muitas lágrimas, a que com as mesmas um largo espaço satisfez Policea. Mas, tendo limite este feminil custume, disse Policea:

— Lucélia minha, animai-vos; Selardo vos há-de visitar esta tarde; dai-lhe palavra de fazerdes o que vos mandar; livrai a Florismonte do perigo em que está e deixai o mais a mi.

Lucélia lhe disse que assi o havia de fazer, e que tivesse cuidado de vir a saber o que com ele passava. E despois que houve entre elas mil prevenções e traças do que haviam de fazer nos trances que se ofereciam, despidiu-se Policea, deixando animada e persuadida a temerosa Lucélia. Selardo veio aquela tarde a dar a última bateria à constância de Lucélia, arrojando a vida de Florismonte, que já condenado estava, ao fraco muro da feminil natureza, aportilhado da necessidade e piedade amorosa. E, respondendo às infinitas lágrimas com que mostrava a dor do estado de Florismonte, lhe disse desta maneira:

— Para que sentes tanto, ó piedosa fera (usando tal rigor com esses olhos), o que tão facilmente só com querê-lo tu, terá remédio? Mas já não culpo tanto teu furor como minha infelice e dura sorte, pois te obriga mais o aborrecer-me que o amor que tens
263v a Florismonte; mas para que me espanto, pois nisto se conhece que tão mudáveis sois no que quereis, que quasi não o sois no que odiais?

Lucélia, inda que dificilmente dispensando com sua vergonha, animosa no que a Florismonte convinha, lhe disse:

— Generoso Selardo, já vejo que é irreparável a força da desventura, quando permitindo-o o Céu no que fabricamos, fundados em nosso bem, achamos successos e ocasiões de nosso dano. Eu me someto a minha infelice sorte; viva Florismonte, e seja posto em sua liberdade, e em seguro lugar aquesta noite, e para o mais que pretendeis, Pausilo, que ante mi há sido ensaio de tuas importunações, chegará a efeito sua vontade e teus desejos.

Apartou-se com estas palavras o enganado Selardo, contentíssimo do estado de seus amores. E, achando a Pausilo falando com o carcereiro, o apartou a ũa parte, donde despois de lhe fazer muitas promessas, em satisfação do que acabou com Lucélia, dizendo-lhe que ela o remetia a ele, o animoso Pausilo colo-

cou seu engano na estimação de Selardo, encarecendo muito as
dificuldades que se venciam na grande honestidade de Lucélia,
mas que já, obrigada de seu amor, e da piedade de Florismonte,
queria fazer seu gosto, mas que lhe dissera que havia de ser com
dar primeiro sua palavra que a primeira noite não havia de ha-
264 ver luz no aposento donde com ela estivesse, porque não podia
acabar consigo ver-se gozada de outro homem no tempo que es-
perava ser entregue a seu esposo. Selardo o prometeu assi, di-
zendo que não podia deixar de estimar aquelas circunstâncias,
porque todas eram indício de sua lealdade e termo honrado.
Aquela noite pôs Selardo em efeito a liberdade de Florismonte,
ao qual disse Hermónio que era morta Lucélia, porque, tendo-a
por tal, não tornasse a Sevilha e fosse impedimento do amor que
pretendia perpetuar com dama a quem tanto amava. E como sem-
pre nele a mais certa esperança é tempo largo, e também porque
temeu que, faltando Florismonte, a guardassem a ela com cui-
dado, saiu pois da cadea com a molher do carcereiro (porque
ele também com Florismonte era acolhido) e com um irmão seu,
homem d'esporas do conde de Altamira. Pousava Laurismeno em
ũa rua por donde comodamente haviam de passar para sair da
cidade, e seguir caminho da casa de prazer donde o conde cos-
tumava sair algũas vezes. E o discreto Pausilo, que não se des-
cuidava em negócio adonde sua honra e vida consistia, entrou
em casa de Laurismeno, donde me achou a mi, e me disse que
como ele viesse a qualquer hora que fosse lhe desse aquele es-
264v crito, porque nele se continha o aviso de ũa cousa que não
tinha o mundo outra que a Laurismeno fosse de tanta importân-
cia. E tornando-se aos que na lógea o esperavam, com grande
pressa se partiram todos juntos. Eu, temendo que fosse aviso de
algum perigo que a meu senhor se ordenava, que a virtude é en-
vejada e perseguida, fui a casa do conde de Altamira donde Lau-
rismeno estava, e chegando-me a ele, lhe dei o escrito. Ele o leu
e continha estas palavras:

«Haveis de saber, senhor Laurismeno, que os homens que fo-
ram presos pela briga que tiveram convosco e com Selardo, são
Florismonte, vosso irmão, e Lucélia, filha do conde Arismaldo,
que por seu respeito em trage varonil servia ao conde de Alta-
mira. Selardo, namorado dela, por gozá-la, deu esta noite liber-
dade a Florismonte, e a ela levou à casa do campo de seu pai.

Acudi com brevidade, se quereis impedir o que pode resultar deste successo.»

Fez tanta alteração o sentido das letras em Laurismeno, que o conde o deitou de ver e mais quando lhe pidiu deixassem o jogo em que entretidos estavam, porque lhe importava acudir a certo negócio com muita brevidade. O conde lhe rogou lhe declarasse o que era, se não que em nenhũa maneira consentiria que dele se apartasse. Laurismeno que em tudo procurava servi-
265 -lo pelo amor que a Angeliza tinha, neste caso lhe pareceu obrigação fazê-lo, pelo que dele podia resultar; deu-lhe a ler o escrito, e com poucas razões lhe disse o que passava. O conde, admirado e por estremo pesaroso que a afeição de seu filho desse lugar a cousa de que tantos males podiam resultar, com muita pressa mandou celar cavalos, em que ele, Laurismeno e dous gentis-homens de sua casa chegaram à casa do campo em breve tempo. Em quanto isto passava, chegaram as duas damas com os que vos dixe àquele lugar deleitoso. Policea levava a chave do aposento de Selardo, que ele lhe dera; e deixando aos mais na sala o abriu, e entraram nele com ũa vela acesa que o caseiro da quinta lhe ascendeu, e fizeram a cama de Selardo em um catre que para aquele efeito ali estava. O namorado mancebo (a quem o amor fazia qualquer instante um tempo largo), apeando-se do cavalo em que correndo veio, entrou na sala, o que visto das prevenidas senhoras, dispostas para o engano que ordenavam, vendo entrar a Selardo, levantou-se Lucélia da cama sobre que sentada estava e apagou a vela. Policea ficou sentada no lugar donde ela se levantou, estando já às escuras o aposento. Lucélia, chegando a Selardo, lhe travou de um braço, e, com o ânimo possível, lhe disse com voz que apenas as palavras declarava por não ser conhecida:

265v — Gozai, venturoso senhor, do que já alcançastes, e só a vós se devia, e não acendais a luz: cumpri vossa palavra, que brevemente vos mostrará a manhã maior beleza do que imaginais.

Selardo disse que assi o faria, e que não duvidava não alcançar o pensamento o que viam os olhos em dama que tanto amava, e, fazendo-lhe muitas promessas, cuidando que falava com Pausilo, Lucélia o deixou, tão contente de se ver livre de aquele perigo, como o ele ficava em seu engano. Saiu-se das casas, não se tendo por segura adonde de Selardo fosse vista, que um amante

desprezado é o mor enemigo que soem ter as molheres. Pouco despois disto, chegou Laurismeno em companhia do conde; estava a porta aberta, que Lucélia a havia assi deixado. Subíram todos acima; chegaram ao aposento de Selardo que ele cerrado havia. E, batendo com grande estrondo e pressa, ele se levantou — já vês com que desgosto de haver impedimentos na glória possuída — e perguntando quem era, Laurismeno lhe disse:

— Abri, senhor Selardo, que vos venho avisar de ũa cousa importante a vossa vida.

Ele, conhecendo-o, respondeu que logo abria e, tomando ũa roupa de levantar, disse à dama que se escondesse entre a cama e o pavelhão, e, aberta a porta, vendo com tanta companhia a Laurismeno, ficou espantado e disse-lhe:

266 — Amigo, que cousa vos obriga a que a tal hora me busqueis nesta parte tão acompanhado? Quem são os que vêm convosco? Tirai-me desta dúvida.

Chegava então um dos criados do conde com ũa vela acesa e Laurismeno respondeu-lhe:

— O conde vosso pai vos tirará dessa dúvida, que eu estou em tantas engolfado, que não sei em que havemos de parar vós e eu com elas.

O conde e os mais entraram no aposento, indo-se com muita pressa para a cama, o que, visto por Selardo, posto de jeolhos ante o conde, lhe disse:

— Senhor, esta é ũa mocidade; peço-vos que não queirais ver mais, e o castigo dela dai-mo como fordes servido.

— Merecei-lo tão grande —disse o conde— que quero ver primeiro se há cousa que vos disculpe.

Policea, que prevenida estava para o successo do que ordenado tinha, cuberto todo o corpo com ũa roupa de Hermónio que debaixo da cama tinha posta, se mostrou ante todos, patente, e descuberto o belo rosto, cuja vista causou tanta admiração nos que ali estavam, que a deixo a que a considereis. O conde, Selardo e aqueles dous criados que vieram com ele a conheceram, que muitas vezes a viram em Galiza, mas era tão novo o caso, que, confuso o entendimento, não dava crédito aos olhos. Laurismeno reviveu, que, esperando ver Lucélia, já se tinha entregado à
266v mesma morte. Mas a dama, valerosa na confusão de todos, achou ânimo e valor para a satisfação de seus agravos e assi, vencida

a natural vergonha com que o nobre coração tinha emudecido a língoa, soltando pelos olhos algũas lágrimas (como músico experto que com o som do instrumento convida a desejar a doce voz), dispôs ela os presentes a lhe querer ouvir o que passava. E disse:

— Nobre conde de Altamira, esta é a desditosa Policea, filha de Polistor, que em quanto víveu foi vosso amigo e de aqui resultou passar o mais do tempo em vossa casa, criando-me nela em companhia de Lisdora e Angeliza. Selardo, figindo ter-me amor, me obrigou que lho tivesse; importunou-me; persuadiu-me, que a conversação familiar contamina qualquer resistência honrada; em fim, dando-me a fé de esposo em vossa própria casa, rendeu minha vontade, e pôs em efeito a sua. Nesta ocasião morreu meu pai, o que foi causa de me recolher com minha mãe, e não vir como soía a vossa casa, mas Selardo não deixava de solicitar os tempos de falar-me, o que entendeu meu irmão e ũa noite o acometeu, e passou o que sei vos é notório. Pouco despois vos partistes a Sevilha; fiquei eu ausente de Selardo, perseguida de meu irmão, repreendida de minha mãe, e não vista dos
267 parentes, o que (e o temor de que Selardo se casasse) me obrigou a que, mudado o trage, deixasse minha pátria; cheguei a Sevilha; servi a Hermónio, que tive a grão ventura pelo que continuava em vossa casa. E como não há cousa na vida a que outra semelhante não responda, Lucélia, filha do conde Arismaldo, buscando a Florismonte, irmão de Laurismeno, veio a vossa casa e vos serviu de page, chamando-se Célio, e ela e Florismonte são os que pela briga que com Selardo tiveram foram presos. Curava-os Hermónio de suas feridas; conheceu a Lucélia por molher; disse-o a Selardo; ele a viu e, dela namorado, lhe prometeu a liberdade de Florismonte, por que quisesse amá-lo. Não o consentia ela em caso algum, inda que a sua vida e a de Florismonte se perderam, mas eu, dando-me a conhecer com ela, lhe roguei desse lugar a este engano; fê-lo ela, obrigada de meus rogos e segura de sua honra; assi que Selardo pôs em liberdade a Florismonte e eu trouxe Lucélia a esta casa, como tínhamos tratado, e tive modo como, saindo-se Lucélia, fiquei eu em seu lugar. E porque quando Selardo conhecesse seu engano tivesse eu quem me amparasse, e porventura Lucélia, se o successo não respondesse a minha indústria, mandei um escrito a Laurismeno, o qual,

267v sem dúvida, entendo foi causa de agora estardes presentes. Se minha fraqueza, que há dado causa a tantos disconcertos, juntamente os não disculpa, estimarei me mandeis tirar a vida, por que com ela não ofenda vossas cousas, mas, se a piedade anda anexa ao valor e cortesia, lembrai-vos da amizade de meu pai; honrai o morto, mostrando seus efeitos em sua filha.

Admirados ficaram os circunstantes de conhecer e ouvir a Policea estas palavras; Selardo, arrependido do que com ela passara, e de algum breve tempo pôr em esquecimento amor tão raro. Mas o conde, tendo presente a nobreza de Polistor e a amizade que com ele tivera, magoado do mísero estado em que via aquela dama, e não menos obrigado do amor que a seu filho tinha, a consolou com amorosas palavras, dizendo que Selardo era seu marido e que sem dilação se celebrariam suas vodas, que ele ganhava muito em ter por esposa quem, sendo tão nobre, fazia por seu amor tantos estremos. Policea, posta em jeolhos, lhe quis beijar a mão, mas ele, abraçando-a, a levantou; e porque estava no trage que já disse, saiu-se o conde para fora com os mais, ficando ela só té que as molheres dos caseiros se vieram para ela, porque todos, tendo por novidade a vinda de seus senhores a tal hora, se haviam levantado. Passadas estas cousas, tardou pouco o dia, e Laurismeno, que a Lucélia tinha no cui-
268 dado, se dispôs a buscá-la. O conde disse que era justo que todos o acompanhassem; e assi postos a cavalo, e a mais gente a pé, divididos por aqueles campos antes que o sol de todo se mostrasse, a acharam, porque a afligida senhora, não acertando o caminho em quanto durava a noite, se pôs ao pé de ũa árvore té que a luz da manhã lhe descubriu os campos estendidos, e começando a andar por donde a ventura a levasse, foi achada dos que a buscavam. Não quero deter-me nas razões que houve entre todos, e, despois que se viram, entre Policea e Lucélia; o fim de tudo foi que o conde se partiu para a cidade, donde, passados poucos dias, casou seu filho Selardo com a venturosa Policea; Lisdora com Rosarte, herdeiro do estado de Niebla, e Angeliza com Laurismeno, meu senhor. E tendo termo as muitas festas que se fizeram nestes casamentos, avisou ao conde Arismaldo e a Arcélio, os quais, pelo desejo que tinham de ver Lucélia, lhe escreveram que logo se partissem, mandando o conde alguns criados de sua casa para acompanharem a Lucélia, e um grande presente para os condes e suas filhas. Laurismeno o não

quis dilatar, e Selardo, por dar gosto a Policea, e porque o conde queria que, em quanto estava em Sevilha, governasse seus estados, se partiu com eles, com intento de acompanhá-los té Évora,
268v donde Arismaldo e Arcélio os esperavam. Quatro dias há que partimos de Sevilha, e hoje chegámos a este lugar, mas certefico-te que não há neles perfeito contentamento, pela ausência de Florismonte. Se sabes adonde está, não dilates dizê-lo, porque as cousas que com dificuldade se concedem fatigam o desejo e agravam o entendimento.

Marfido lhe respondeu que o amor que tinha a Florismonte o obrigava a não haver cousa na vida mais de seu desejo que vê-lo com alegria; que fossem logo a buscá-lo. Mas, querendo assi fazê-lo, entrou pela porta da pousada ũa dança ao modo pastoril, que aquele dia regozijou a festa que fizeram os do lugar, e os dançantes vinham mostrar suas habilidades donde a seu parecer estava o ganho certo. Mas apenas cessou o estrondo do tamborim e castanhetas, quando Marfido, contentíssimo de ver a fermosura de Lucélia e que já as tristezas de seu querido amigo se acabavam, tocou o seu rabel *mui docemente* e, estando atentos todos, *cantou desta maneira:*

Cantando é bem que vos conte
De quem só porque entendeu
Que forens ser luz no céu
Quis ele ser flor do monte.

Estavens posta em prisão,
Ele preso e *mal ferido;*
269 Vós tinhẽis nele o sentido,
Ele em vós o coração.
Saistes desta prisão,
Que o Céu quer que se desconte
O mal, tendo o bem defronte;
Doce paz succede à guerra;
Se sois Lucélia da terra,
Nela tendes Florismonte.

A graça com que Marfido cantava obrigava a ser ouvido, mas aqueles senhores, vendo o sentido da letra, se alteraram, e em Lucélia foi de modo que não pôde o pastor ir por diante.

Levantaram-se; tomaram-no entre si; mas Frisalte, que às alvíssaras aspirava, disse a Lucélia que aquele pastor vinha em companhia de seu senhor Florismonte, e sabia adonde estava. Chamou-o ela, desinquieta, alegre e temerosa, e rogou-lhe com lágrimas que, se de Florismonte sabia algũa cousa, não dilatasse o dizê-lo. Todos o mesmo lhe pediam, e era de maneira o alvoroço, que Marfido não tinha lugar de responder-lhe. Mas, tendo isto algum termo, lhe disse o que sabia, e, contando o modo em que Florismonte passava a vida nas montanhas de Montragil, tendo por morta a Lucélia e que, persuadido dele, deixara aquele
269v lugar, e que vindo a Sevilha para se certeficar do que passava, conheceu alguns criados seus e que, não podendo seu robusto coração determinar-se a saber o certo de Lucélia, o mandou a ele para que se informasse da verdade e o estava esperando fora do lugar. Não há para contar a alegria que estes senhores tiveram ouvindo o que Marfido dizia; e o que Lucélia sentia. Logo Laurismeno e Selardo, levando-o consigo, foram por donde ele os guiava, até que fora do lugar acharam a Florismonte donde Marfido o deixara. O pastor, que diante de todos ia, chegou a ele, dizendo:

— Falai, senhor, mui alegre a Laurismeno e Selardo, porque já o Céu pôs termo a vossas tristezas, dando-lhe o remédio que tínheis por impossível.

Florismonte os abraçou, mas como não sabia nada, estava mudo e feito imagem do tormento em que vivia. Laurismeno, despois de alguns comprimentos que com Selardo teve Florismonte, e de ter termo o alvoroço dos criados que o seguiram, lhe disse:

— Amado irmão e senhor, pelo que soubemos deste pastor que vos acompanha, entendemos que a causa de vossa ausência e desesperado modo de viver procede de imaginardes que é morta a senhora Lucélia, e porque nós sabemos o contrário, e nos parece que vive, peço-vos que não vos seja molesto dizer o que dela sabeis.

Florismonte, não podendo deter alguns sospiros, e o curso das
270 lágrimas que pelo uso de tanto tempo sem sua licença se manifestavam quando a dor queria, lhe disse o que o carcereiro e Hermónio lhe disseram. Laurismeno tornou a dizer:

— Pois, senhor, não fora justo, sequer por piedade, que tão familiar é do amor, que procurarens saber o modo de sua morte,

e onde estava a sepultura de um corpo ornado de tantas perfeições do ânimo e da natureza? Mas isto não foi culpa vossa: foi disposição do Céu, para com as cousas passadas mostrar ao mundo, em Lucélia, um raro exemplo de virtude e de constância, e em vós outro de amor e sofrimento. Por tanto, agora esse vosso coração, que sempre desprezou grandes perigos e que a ele arrimado se sustentou vossa vida, tendo a Lucélia por morta, tenha nas alegrias a mesma força que teve nas tristezas. Lucélia vive, e o amor que vos deve vive nela, e tão grandes desejos de vos ver, que se de verdade a não quereis chorar por morta, deveis com brevidade ir vê-la viva.

A estas palavras de Laurismeno, estava Florismonte tão desacordado, que, por não cair em terra, se encostou à oliveira que mais junto dele estava. E confessou despois que o maior perigo em que se vira fora aquele. E não é de espantar, que é cousa *mui difícil passar de* ũa tristeza a ũa alegria. Mas, chegando adonde Lucélia, Policea e Angeliza os esperavam, foi tão realçado o contentamento de aquela vista, da enemiga fortuna dila-
270v tada, que é melhor não gastar palavras em explicá-lo, pois eles as não tiveram para querer mostrar o que sentiam. A maior parte da noite era passada quando aqueles senhores se recolheram, ficando Florismonte com Lucélia, acompanhados de algũas donas, contando-se os successos por que haviam passado, e se aquelas lembranças se vestiam de mágoa, era tal a alegria de se verem, que nela se convertiam: alívio grande para os que padecem algũa pena, que, quando chega a acabar-se, sempre é maior o bem que lhe succede. Aquela própria noite despidiram um homem pela posta ao conde Arismaldo e a Arcélio para que os avisasse da vinda de Florismonte. Eles chegaram à pátria de Marfido, de donde Florismonte *não lhe consentiu passar, porque* sabia que era de importância assistir nela. O pastor, inda que contra seu gosto, quis obedecê-lo, dando-lhe sua palavra de os ir ver como tivesse lugar. Florismonte e Lucélia lho agradeceram, rogando-lhe que assi o fizesse muito cedo. E, acompanhados té que passaram o Tera, se despidiu deles e de todos os mais com muitas saudades. Na mágoa delas ocupado o sentimento, chegou àquela parte donde, encerrado o Tera entre um rochedo de pedras arteficiosamente descompostas, pela inexcrutável natureza, julgará (quem mais o considerar) que a continuação e força de suas águas

romperam por entre elas o caminho ou que, persuadidas de suas
271 brandas queixas, se apartaram, porque, sendo a inumerável cópia delas tão desigual entre si, que muitas de grandeza inestimável descansam sobre outras mais piquenas, e desunidas, e informes são fábrica imortal deste altíssimo edifício, persuade o pensamento de quem vê de sua altura o sossego das águas que seu curso amoroso as sustenta no amor de conservar-se. Desocuparam as pedras desde o eminente cume té as cristalinas águas à terra alguns espaços para que respirasse, produzindo grande cópia de freixos, de salgueiros, de azambujeiros, madronheiros e piquenas azinheiras, enramando e sendo como pedestal de seus troncos muitas matas de murta, aroeiras e afectos, não faltando grande abundância de hera, perpétua consorte de aqueles edifícios penhascosos. Aqui têm seus ninhos bufos, cegonhas e outros semelhantes pássaros, cujas roucas e dissonantes vozes soam dilatando-se naquele estreito e estendido côncavo, tão triste e confusamente, que obrigam a medo e incitam à tristeza. Chegava aqui Marfido, quando a um mesmo tempo deteve seus passos, e despertou seu cuidado a sobrenatural harmonia de ũa voz regalada, que ao som de ũa frauta cantava tão suaves deixos, prolongando-se naquelas concavidades cavernosas, que excedia os
271v impossíveis do celebrado Orfeo, quando passou os lôbregos barrancos do escuro Averno, e os que a imaginação pode formar em caso semelhante. Pôs o pastor os olhos no lugar donde a voz tinha os sentidos, e viu um mancebo (em cujo rosto ainda a natureza não produzia o ouro com que sua cabeça coroava), sentado entre aqueles penedos, com os olhos no Tera cheios de água, que mais fácil com ela media aquela distância que com a vista. Parou-se o pastor por gozar da música suave que tudo suspendia, e ouviu que o que cantava era o seguinte:

Qual cisne quero agora lamentar-me
Cantando, pois acabo em meu tormento,
Se morrendo lhe é lícito matar-me
Sendo a causa imortal no sentimento.
Licença tenho para declarar-me
(Ao menos com meu pensamento)
Se é verdade que morro, mas duvido,
Que o caminho do mal é mui comprido.

Trata-me o mal que sinto de maneira
Que se vivo ou se morro em tantos danos
Não sei conhecer, inda que queira,
(Tais são de meu cuidado os desenganos);
Tenho, qual escuríssima vidreira,
Ante os olhos mil casos desumanos;
272 É tudo quanto quero e quanto vejo
Contrário da esperança e do desejo.

Assi que inda que sei que estou morrendo,
Temo me dará vida minha sorte,
Porque a quem vive sempre padecendo
Lhe tarda o fim da mais terríbel morte.
É breve e fraca a vida a quem vivendo
Lhe parece que a goza; larga, e forte
Para sentir, e fora conhecida
Melhor por larga morte que por vida.

Elevado estava o pastor Marfido na suavidade com que o mancebo, dele não conhecido, cantava estes versos. E com muito desejo de o conhecer (que sempre a novidade das cousas o acrecenta) foi rompendo a espessura para o lugar donde estava, mas ele, procurando ocultar o em que habitava, num instante lhe desapareceu, de maneira que, chegando o pastor à parte adonde o viu, e não o achando, ficou novamente admirado e afligido. E por ver se estava escondido entre as pedras e espessura, rodeou aquele destrito com particular cuidado, mas, vendo inútil sua diligência no que tanto desejava, se veio a persuadir que fora ilusão de seus cuidados. E com este desgosto e confusão, que-
272v rendo prosseguir o caminho da aldea, viu entre uns altos penedos ũa cova estreita e tão escura, que parecia o caminho do mais profundo da terra. Reparou nela Marfido, porque inda que muitas vezes andou por aquela parte, nunca tal havia visto, nem veio a sua notícia, e, detendo-se nisto algum espaço, olhando curiosamente a entrada, a viu seguida e as pedras que como de orla lhe serviam despojadas de musgo e ervas floridas, com que a terra guarnecia as mais de aquele brutesco. Pelo que lhe veio ao pensamento se aquele mancebo que cantava tão docemente descera, qual outro Orfeu, por aquele báratro ao abismo. E não se resol-

vendo no que faria, viu ũa luz de candea que no centro de aquela escuridade centilava. Admirado o pastor de tal successo, entendeu que o cantante mancebo habitava naquele edifício fabricado do feo e triste medo. Animado com este pensamento, e guiado do desejo, se meteu pela caverna, e sem muita dificuldade foi descendo té chegar ao fim. O habitador da tenebrosa espelunca, que advertido estava do rumor que o pastor fazia, tendo nas mãos um pesado bastão, lhe disse:

— Quem és tu, que impertinente e ousado segues quem se te esconde em tão profundo lugar?

Marfido, contente e de novo esforçado com o ver (porque de aquela impreza se havia mais de ũa vez arrependido), lhe disse:

273 — Protentoso mancebo, se a música que recrea os sentidos e anima os corações por si só leva trás de si as pedras insensíveis, que muito é que a suavidade da que ouvi, acompanhada do raro modo de achar-vos e perder-vos, me traga a vossa presença? Excedera qualquer pena a mágoa de não haver-vos conhecido, que maior é o erro que se comete em não empreender as cousas virtuosas que o perigo e trabalho de alcançá-las. Pelo que vos peço não tenhais por doudice em um pastor esta determinação que o divino Autor da natureza reparte a generosidade com os ânimos que é servido, e que gratifiqueis minha vontade com lhe ordenar o modo de servir-vos, ajudando-vos a remediar os males que a prisão tão estreita vos condenam, e a senti-los convosco em toda a parte.

Satisfeito o da cova das amorosas palavras do pastor, o fez sentar sobre um leito de ramas, cuberto com algũas peles de animais donde à vezes repousava, e despois de entre eles haver ũa larga prática, em que o estrangeiro soube de Marfido ser natural do Tera, e que dous anos esteve apartado de suas ribeiras pelo rigor de ũa pastora que inconsideramente profanou as leis de um antíguo amor, dando lugar a mudanças. Em fim, os tocados de ũa mesma paixão, e mais se é de amores, ajustam os sentimentos, conformam as vontades e declaram os successos. Assi que,

273v despois destas cousas, e de fazerem refeição com o que Marfido trazia no surrão, o galhardo mancebo lhe disse desta maneira:

— Não sinto modo de encarecer o que padeço mais eficaz e demonstrativo de minhas já herdadas desventuras, que declarar-te o como aqui resido. Hás-de saber que, chegando ũa tarde a este pego do Tera, vendo a fragosidade dos rochedos que, co-

meçando dele, se levantam sobre a altura da terra, olhando com infinitas pontas os montes circunvezinhos, pareceu-me o lugar escabroso morada e manida da tristeza e do silêncio; fui descendo por ũa estreita senda por ficar mais perto da água, sentei-me sobre ũa pedra que já quanto pendia sobre sua corrente vagarosa. As tristes vozes de alguns bufos e outros pássaros nocturnos (que como sabes aqui têm seu domicílio) me poseram na memória as penosas lembranças do processo de meus anos. E, parecendo-me o sítio por estremo solitário, e capaz de ocultar meus roucos ais e vozes lastimosas, dilatando-os entre si, e também cousa justa responder na mesma consonância aos funestos cantores que provocando-me estavam, tocando à vezes aquela frauta com que pouco há me viste, cantei estes versos:

Não canto por aliviar
Mal que remédio não tem;
Chamo a morte que não vem,
274 Cansada de me matar.
De meu contínuo pesar,
De meus males e lamento
Deve formar pensamento
Que em mi não tem que fazer,
Pois é contínuo morrer
Viver em tanto tormento.

Ou por dita considera
(Roubando já aquela vida)
Que melhor fora perdida
Vida que morrer espera.
Disto a dor me desespera
Que alma mísera padece
Que mais mais vivendo crece,
E sendo ela imortal
Pode ser tanto meu mal
Que morto vida me desse.

Pois se dúvida não tem
Que aos tristes não busca a morte,
Mal em dor tão justa e forte
A culparei se não vem.
Nunca tive de amor bem

(Inda que alguns alcançasse)
Que em mágoa não se tornasse,
274v Mas era tudo mudança;
Não há ter nisto esperança,
Quem contra a morte a buscasse?

Assi que porque não tenho
Vida, causa nem razão
Em tão cega confusão
Por outro estilo a prevenho.
Ao suave canto me ingenho,
Assi a morte há-de acudir,
Que se pode persuadir
Que quem viveu lamentando
Agora que está cantando
Quer a vida despidir.

Oh se assi como vivendo
Sempre meu mal procurei,
Agora cisne serei
Trás este canto morrendo!
Mas como se não suspendo
A dor de tal desventura?
Pois se tem poder ventura
Para dar-me ũa alegria,
Então mais triste seria,
E a morte menos segura.

275 Aqui chegava eu, quando a abundância das lágrimas me impediu a voz, e o sentimento d'alma me privou dos sentidos, de sorte que caí dentro do pego, e a cabo do espaço que não sei determinar, e sem saber o modo, me achei fora das águas entre esta tenebrosa escuridade. Respirei admirado do successo; tentava-me com as mãos, não podendo resolver-me em se era vivo ou se o afligido espíritu desatado do corpo tivesse este lugar por purgatório. Nesta confusão estive té que, lembrado do successo e das lembranças que foram causa dele, conheci que vivia, porque me pareceu que era já morto; e assi o digo agora, que só na triste vida que possuo consiste o mor tormento que pode afligir ũa alma. O que ficava do dia e toda aquela noite passei como po-

des imaginar, sem saber adonde estaua, nem o que de mi seria, té que o seguinte dia, chegando o sol àquele paralelo donde com raios perpendiculares pode ferir a caverna adonde estamos, vi um átomo e piquena aparência de sua claridade; ajudado dela reconheci a maior parte desta concavidade, e que ũa grande pedra feita assi da natureza ou por ventura socavada do antíguo, inda que brando movimento das águas, tinha dentro nelas ũa redonda abertura que a este antro responde, pela qual passei a este lugar, procurando naturalmente livrar-me da morte que dentro das águas
275v tinha. E passei aqui dous dias, de mi mais que de tudo aborrecido. Mas, obrigado do temor da condenação eterna, mais que da necessidade, à vezes de impossíveis inventora, guiado da luz do sol, que já te disse, fui subindo (apartando algũas pedras, que diante se opunham, com um cutelo) té que cheguei a ver o claro dia, e reconheci o lugar em que havia estado. Então, dando infinitas graças ao Sumo Movedor das causas todas, me contentei e o tive por mercê sua, de habitar na lógea deste rochedo, parecendo-me lugar mui acomodado para passar a vida sem ser de alguém conhecido, que isto é só o que procuro.

Fez pausa em suas palavras o mancebo, tendo espantado a Marfido o peregrino successo, com o qual deu crédito a outro semelhante que já ouvira contar entre os pastores do Tera, e assi lho disse a ele, despois do qual lhe tornou a pedir fosse servido dizer-lhe a ocasião que tinha de se desterrar té da própria luz do sol, que a todos favorecia e agradava, tendo por alívio dos males que sentia aquele intratável e hórrido aposento, assegurando-o com palavras eficaces que em seu coração tinha um vaso conveniente a seus secretos, e em sua amizade ũa fiel companheira de tristezas, oferecendo-se a que, em quanto ali estivesse, lhe tra-
276 ria o necessário a seu sustento, sem lhe ser necessário sair fora, e para tudo o mais em que servi-lo podesse. O generoso mancebo, inda contra seu gosto, por gratificar tão liberal oferta a quem nada lhe devia, lhe disse o que se segue:

— Em ũa cidade que dista do lugar adonde estamos sete légoas, favorecida do Céu com a fértil abundância de seus campos e generosidade de seus naturais, há duas gerações de nobreza e fidalguia, nas quais consiste o governo, a reputação e honra de todos seus moradores, porque, inda que há outras mais calificadas, estas, por sua antiguidade e magnífico augmento, permanecem e têm como aderentes de si mesmas todas as mais e

o restante do povo. E assi, havendo entre dous delas certa briga, veio a parar em mortes, ferimentos e universal escândalo de toda a cidade, e seus moradores divisos em dous bandos, de maneira que, como se houvessem renunciado seus próprios apelidos, se chamavam Auzedos ou Britanos, que estes são os nomes destas ilustres famílias. Entendido pois isto, hás-de saber que Diogénio, pessoa principal entre os Britanos, teve entre outros filhos ũa filha chamada Doristea, tão fermosa, que não havia dama na cidade de quem a fama não lhe rendesse a ventaje: da qual se namorou Claridardo, filho de Leôncio, o mais rico e amado dos Auzedos. E como a envelhecida enemizade das duas parcialidades privasse a Claridardo da esperança de seu casto intento, não
276v sendo impedimento, antes estímulo do amor em que se abrasava, caiu em tanta tristeza, que todos lha conheciam. Tinha ele ũa tia, irmã de seu pai Leôncio, que em outra cidade foi casada com um irmão da mãe de Doristea, e por esta razão de parentesco eram particulares amigas. A esta (que Rosaura se chamava) visitava Claridardo e ela o amava como filho, porque não tinha nenhum. E assi lastimada de sua contínua e desusada tristeza, lhe perguntava a causa muitas vezes. E ele, pelo muito respeito que lhe tinha, não ousava declarar-lha. Nesta ocasião se celebrou ũa festa na qual todos os anos se inventavam novos modos de prazer e regozijos. Aquele ano foi Diogénio autor dela, e foi famosa em todas estas partes. A noite de aquele dia desejado quis ele, por dar gosto a Doristea, que os momos, danças e entremeses viessem a sua casa, e como sua mãe tinha com Rosaura a amizade e parentesco que me ouviste, mandou-lhe rogar que viesse gozar de aquele entretenimento, pois de dia, por sua viuvez, o não fazia. Achou-se ali Claridardo e facilitou à escrupulosa tia as dúvidas em que a pôs o recado da cunhada. Respondeu que, por não sair de seu gosto, a serviria no que lhe mandava. Claridardo, que de todo o remédio vivia desesperado, se animou ao bem que aquela ocasião lhe oferecia. Tinha passado o dia em
277 casa de Rosaura sem ver aquelas festas, porque seu cuidado o fazia enemigo de alegrias, pelo que Rosaura lhe disse que estimara ser possível levá-lo consigo. Ele, a quem o cego amor já tinha mostrado o modo, lhe respondeu:

— Senhora, tenho sumo desejo de me achar no sarau para que sois convidada; deve ser pelo que sempre tive de servir-vos. Se isto vos agrada, acompanhar-vos-ei sem ser de alguém conhecido.

Rosaura lhe rogou se declarasse, o que ele fez, dizendo que em trage de donzela e fingindo ela ser algũa das de seu serviço, era fácil ir com ela. Contentou-se Rosaura da invenção, e mais de ver alegre a seu sobrinho, e assi sendo, chegada a hora conveniente, saiu de sua casa acompanhada, como a seu estado convinha, levando a Claridardo como tinham ordenado, e ũa dona honrada de quem este segredo se fiou. Foi Rosaura recebida dos pais de Doristea com muito amor e cortesia. E da porta de ũa câmara que junto à sala estava viam tudo o que nela se fazia. A fermosura de Claridardo (no hábito em que estava) era sobrenatural, e Doristea tinha por impossível se depositasse em pessoa que servia, e como donzela de amorosa condição, só em falar com ele se ocupava, perguntando-lhe quem era; ele, a quem seus passados sentimentos advertiam, que se aquela ocasião se lhe passava perdia juntamente a própria vida, lhe disse que não
277v era criada de Rosaura, senão sua sobrinha Alcinea (que assi se chama ũa irmã de Claridardo), e que por evitar o desgosto de seu pai, se aquela ida soubesse, pediu a Rosaura que como criada a levasse consigo, porque desejava conhecê-la pela fama de sua fermosura. A isto satisfez Doristea com os agradecimentos da mercê que lhe fazia, e passado algum espaço com ânimo de a honrar, estando os mais ocupados em ver o que na sala passava, a levou a seu aposento, donde lhe ofereceu todas as jóias que tinha. Claridardo, animoso com a ajuda que a comodidade do tempo lhe oferecia, tendo-lhe entre as suas as cristalinas mãos, lhe declarou quem era e o amor verdadeiro que lhe tinha. O qual, inda que minino, lhe ensinara aquele modo de vê-la, pedindo-lhe com muitas lágrimas o aceitasse por esposo, trazendo-lhe à memória o antíguo ódio de seus parentes e que, sendo ela causa de por aquela via se acabar, a chamariam todos paz e honra de sua pátria. Ele se houve de modo com indeterminada, mas persuadida senhora, que se veio a contentar (despois do que ali passaram) de a jurar por esposa, e mostrou-lhe ũa janela do aposento que caía sobre um laranjal que nas casas havia, dando-lhe licença que por ali viesse a falar-lhe com o recato que convinha. O que passado, se tornaram adonde os mais estavam, que, com
278 o gosto de ver o que na sala se fazia, não estranharam sua tardança, inda que Rosaura estava com muito cuidado dela. Tiveram limite as festas; tornou-se Claridardo com Rosaura, tão alegre quanto viera triste e temeroso. E, usando da licença que

sua esposa lhe dera, gozou também de sua fermosura muitos dias. Té que um aziago (e que antes de eu nacer deu princípio a minhas desventuras) houve ũa pendência entre certos criados de dous fidalgos, um Auzedo e outro Britano, a qual se augmentou de modo que esteve a cidade a risco de perder-se, se o bispo e alguns anciãos dela e todos os da justiça o não remediaram, mas não foi a tempo que se escusassem algũas mortes e muitos ferimentos, particularmente a morte de Aridano, irmão de Doristea; o qual, favorecendo os seus com muito ânimo, viu que Claridardo se estremava de maneira que por ele os da parte contrária prevaleciam em dano dos da sua. Pelo que, embravecido contra ele, o acometeu com tanto ódio, que por mais que o namorado mancebo procurou com palavras corteses abrandá-lo, só amparar-se de seus golpes procurando, foi de nenhum efeito, antes, soberbo e colérico, o apertou tanto que não pôde Claridardo escusar duas feridas, nem escusara a morte, porque Aridano era mui destro e animoso, e a matá-lo disposto, o que tudo pode oprimir o entendimento de Claridardo, de modo que, esquecido de
278v Doristea, lhe tirou ũa ponta tão acelerada que, metendo-lhe pelos peitos um terço da penetrante espada, saiu após ela a alma do mal logrado Aridano. Agora considera qual seria o furor de seu pai, parentes e aliados. Em fim, ausentou-se Claridardo e em seu seguimento se dividiu a turba lastimada. Deixemos o que deste successo sentiria Doristea, vendo seu querido irmão morto a mãos de quem sobre tudo amava, a ele ausente, e as cousas em estado que lhe convinha passar antes por mil mortes, que pelo pensamento vê-lo mais. Sentia juntamente ver-se prenhe, o risco de sua fama, o crédito da casa de seu pai, a honra sua, e de todos seus parentes, o que tudo de modo combatia seu fraco coração que cada hora se convertia em lágrimas, pedindo a Deus o remédio. Em fim, por ele encaminhada, alcançou de seu pai a meter-se em um mosteiro donde estavam algũas parentas suas e Lisbea, irmã de Rosaura, à qual descubriu o estado em que estava e o secreto de seus amores com seu sobrinho Claridardo, de quem já neste tempo se sabia ser partido para a Índia. Lisbea (inda que temerosa), lastimada da mísera Doristea, a confortou com muitas palavras e exemplos ao propósito, e como prudente e virtuosa se dispôs a evitar a desonra de aquela infelice dama.
279 Para o que, ajudando-se de Rosaura, a quem deu parte do caso, preveniram ũa dona que a criatura criasse. E, tendo por cousa

certa que o parto de Doristea não podia dilatar-se muitos dias, Rosaura se foi estar no mosteiro, como algũas vezes costumava. Chegou a hora do parto a Doristea, e pariu o infortunado Lisandro, de cuja boca ouves tantos successos lastimosos. Este foi meu nacimento, despois do qual viveu a infelice mãe minha pouco tempo, porque a contínua mágoa em que vivia de não esperar em tempo algum ver Claridardo a privou dela. O mesmo dia em que eu deixei as entranhas da mal lograda Doristea, sendo noite, se foi Rosaura a sua casa levando-me escondido debaixo de suas viudais toucas, e ali me entregou com muito resguardo a ũa dona a cujo cargo estava minha criação, a qual me deu leite dous anos, fazendo entender a todos ser seu filho. No fim deles adoeceu Rosaura de ũa incurável doença, e, vendo-se chegada ao fim da vida, tratou, por meio de minha ama, com sua irmã Lisbea, o modo que teriam de criar-me té ter idade de me mandarem à Índia donde meu pai estava, honrado e rico. E assentaram que, se ela morresse, Lisbea me tivesse no mosteiro em hábitos de minina, por não ser conhecido das freiras, o que assi se cumpriu, cumprindo-se também os anos de Rosaura. Neste tempo casou Diogénio, meu avô, ũa filha que tinha, que por morte de Ari-
279v dano e Doristea, minha mãe, ficou por herdeira de toda sua casa, cujo nome é Arimanta, com Rodiário, senhor de muitos vassalos, o qual, sendo capitão de um dos lugares de África, morreu das feridas que os mouros lhe deram em ũa escaramuça que com eles teve, donde fez tantas proezas que impossível será não teres notícia delas. Quando el-rei o mandou a este cargo, tinha ele já ũa filha, a qual, inda que seja ũa das mais ricas senhoras deste reino, é com muito maior estremo discreta, fermosa e de admiráveis virtudes adornada. Passados alguns anos despois da morte de Rodiário, morreu Diogénio e sua antígua esposa, pais de Arimanta. Pelo que ela, retirada no íntimo de sua casa, tratava da criação de Claridea, sua filha, deixando o governo de seu estado e copiosa fazenda a Aridante, menor irmão do valeroso Rodiário. Estão as casas de Arimanta mui perto do mosteiro donde Lisbea, minha senhora, me criava, fingindo ser minina, com muito mimo e regalos, e Arimanta não tinha outro alívio nem outra cousa em que ocupar o tempo senão a conversação virtuosa e agradável de aquelas religiosas. E pelas razões que já te disse, e pela autoridade de Lisbea, que então era abadessa, tinha com ela particular amizade, e a mi particular afeição, porque naquele

trage e idade tinha toda a beleza, que podia desejar-se, augmen-
280 tada de ũa graça juvenil, com que a natureza realçava o disfarce
que a indústria tinha feito. Trazia sempre Arimanta a Claridea
consigo, que comigo (brincando entre ambos o amor) o tinha tão
estremado, que nunca se apartou de mi sem muitas lágrimas,
causa para que mais de ordinário fosse Arimanta ao mosteiro,
e mandasse Claridea a entreter-se comigo, vencida de seus ro-
gos. E considerando Arimanta que, crecendo Claridea, não era
decente a seu estado sair de sua companhia, rogou muito a Lis-
bea (a quem já tinha ouvido ser eu ũa minina órfã, a quem ali
criava por amor de Deus) lhe fizesse mercê dar-me a Claridea,
que ela tomava a seu cargo meu remédio. Lisbea, que já fazia
escrúpulo de criar-me naquele lugar, lhe respondeu que com muito
gosto a serviria pelo dar a Claridea, inda que o deter-me con-
sigo era mui grande para ela. Assi deixei o convento com muitas
saudades de Lisbea, e de todas as mais que muito me queriam,
mas sem nenhũa minha, que o amor que com a idade em mi cre-
cia só na vista de Claridea depositava todo meu descanso. Mas
antes de sair de aquele recolhimento, minha tia Lisbea, tendo-
-me na sua cela, me disse estas palavras;

— Querido filho meu, eu vos aparto de mi para não vos ter
mais em minha companhia, porque já vossa idade o não con-
sente, e porque nesta mudança (que não posso escusar, inda que
280v os inconvenientes considero) vos entrego nas mãos de ũa paixão
que predomina sobre a liberdade, e porque juntamente sinto em
mi as forças corporais já consumidas pelos trabalhos da religião,
e pela longa idade, e já naturalmente sou chegada ao fim do breve
curso da vida, vos quero declarar um grão segredo.

E prosseguiu dizendo-me que era filho de Claridardo e de Do-
ristea, e tudo o mais que tenho recontado, advertindo-me que
a successão das casas de Diogénio e Leôncio, meus avós, a mi
tocava, e que a mi próprio me tinha escondido este secreto o amor
de meus nobres pais. Também me doctrinou, mostrando-me
quanto me convinha a dissimulação do sexo que encubria, e que,
se fosse conhecido por quem era na casa de Arimanta, donde
tanto me queriam, corria grão perigo minha vida. Pouca idade
era a que eu então tinha, mas com tudo a eficácia das palavras
de Lisbea me deram ânimo e ministraram prudência em negócio
tão árduo, e o amor de Claridea me facilitou tudo, porque já
então obrava em mi impossíveis, e o era só para mi viver sem

ela. Criei-me com Claridea cinco anos, nos quais crecendo em cada instante deles o amor que me abrasava, tendo cumprido quatorze, chegou a grau imenso. Não me detenho nos mimos e favores que dela de ordinário recebia, e a particularidade e amo-
281 rosos estremos de nossa honestíssima amizade, que no mísero estado em que agora me vejo, não há cousa mais penosa para mi que estas memórias, mas eles foram fundamento e princípio de meus males. Porque Hermódia, colaça de Claridea, ũa de suas donzelas, vendo o amor com que ela me tratava, foi ferida das setas da enveja de si mesma aborrecida, de modo que deu em desamar-me e perseguir-me em tudo o que se oferecia. Já te disse que Aridante, irmão do pai de Claridea, governava como natural senhor aquela casa, e Arimanta lhe tinha tanto respeito por irmão do morto esposo, que inda em sua alma vivia, que só na criação de Claridea se ocupava. Ele pois considerando as muitas riquezas que possuía, e a rara fermosura de Claridea, cubiçoso e afeiçoado (efeitos poderosos nos humanos corações) se resolveu em casar-se com ela, e assi o declarou a Arimanta por termos também ordenados da indústria em que é estremado, que não soube negar-lhe o que pretendia, e veio a contentar-se do que menos imaginava. Quando isto veio a notícia de Claridea, estava eu em sua companhia, porque nela consistia o gosto de ambos. Disse-lho Hermódia, imaginando que nesta nova trazia um grande gosto a Claridea, porque não sei eu de que o tenha mais qualquer molher. Mas ela, despois que algum espaço esteve
281v suspensa, lhe disse (tendo seu divino rosto matizado de tristeza e os claros olhos de lágrimas):

— Não dou crédito, Hermódia, ao que dizes, porque a prudência e virtude de minha senhora não dará lugar a que tenha efeito quando meu tio Aridante não considerar que não convém a sua reputação, mas quando tudo me falte me consolo, que, com faltar-me a vida, me livrarei de cousa tão contrária de meu gosto. E tu, Hermódia, que em lugar de procurar meu descanso, te antecipaste em declarar-me cousa tão contrária dele, vai-te de minha presença, e sem minha licença não pareças ante mi.

Sentiu Hermódia estas palavras e a paixão de Claridea com tanto estremo, que podera causar lástima em seu nobre coração se cubertos de lágrimas os olhos podera ver as suas. Em fim ela se foi confirmando em sua pena o desamor que me tinha. Mas que te direi de meu sentimento neste passo? Foi tal que, faltando-

-me o sentido, fiquei em estado que Claridea me julgou por morto, e temerosa chamou a Hermódia, mas, vendo que não lhe respondia, animada do muito que me queria, se chegou a mi e conheceu que era accidente; tomou água de um vidro em sua boca, esparciu-a em meu rosto, tornou-me a meu sentido, deixando-me sem ele achar-me em seu regaço reclinado, adonde, lastimada e piedosa, me disse estas palavras:

282 — Ai, Leoniza minha, é possível que gozo já de ver-te livre de tanto perigo! Grandes desgostos devem de ser os da vida, pois no instante que me afligia o maior que podera imaginar o tive tão grande de ver-te em tal estado, que me tirou o primeiro da memória, e agora me dá alívio o ver-te com vida.

Regava-lhe eu tanto as cristalinas mãos, que nas mãos tinha, com meus olhos, não tendo em tanta pena algum lugar as palavras, mas em algũas que mal formadas lhe disse conheceu Claridea que os estremos de meu sentimento procediam do que ouvira a Hermódia, e me disse regalando-se as palavras por entre um riso mais amoroso que alegre:

— Não sintas tanto, Leoniza (que este era o nome que naquele estado tive), que me casem, porque te certefico que nosso amor e amizade não há mudança algũa que os ofenda; antes só tua companhia poderá ser alívio de meus males.

— Nem esse me concedeu minha sorte — lhe respondi —, e assi quando outrem vos possuir, hei-de perder-vos de todo. O secreto disto a mi só convém; permita o Céu que mui cedo me livre a morte de tão duro desengano, mas peço-vos, senhora (pois é força que vosso tio vos goze), que seja por vosso gosto, e que não vos dê pena que eu não viva, pois sendo vós casada é impossível.

— Essas lisonjas entre duas molheres são, Leoniza, escusadas; busca outra invenção de divertir-me; não derrames tantas lágrimas,
282v que te juro que me dão mor tormento que as que meus olhos destilam; não sei que amor é este que te tenho, que qualquer acção sua tem particular consonância com os afectos da minha alma, o que não é no de minha senhora, nem de outras pessoas que bem quero, pelo que considero que se possível fora amar, como te amo, a quem comigo casara, que vivera descansada.

Eu que advertido andava de que o tempo se declarava por contrário de nossa conversação, animando-me estas palavras, lhe disse:

— Fermosíssima senhora, e se eu fora homem nacido nesta humildade, parece-vos que me amarens?

— Já conheço, Leoniza, que estás zombando de mi, quando eu padeço tanto.

— Não faço tal, senhora —lhe tornei a dizer—, a alma que sabe amar-vos é a que sente só vossas tristezas, o amor que te tenho não poderá mudar-se por nenhũa mudança que em ti vira.

Então lhe tomei as mãos e beijando-lhas muitas vezes, lhe dizia:

— Olhai, senhora Claridea, o que dizeis, que, sem se obrar milagre, pode isso acontecer, como já se tem visto algũas vezes, e nos ensina a fábula de Cenis, que convertida em homem se chamou Ceneo.

Não tive aquela vez lugar de me declarar mais, que com o alvoroço que na casa havia, vieram algũas donas e donzelas dizer a Claridea o que imaginavam dar-lhe gosto. Mas ela tinha
283 tão pouco que, inda que se animava por amor de sua mãe, todas de seu desgosto murmuravam. Eu a deixei com elas, e recolhida [*sic*] no meu aposento derramei tantas lágrimas, que impossível fora não perecer entre elas, se o Céu não me guardara para sofrer maiores desventuras. Mas tendo isto algum termo, em tantos impossíveis me animou o perigo em que me achava, que a natureza do nobre coração é nos maiores perigos ser constante, e suspender grandes adversidades com a indústria, em quanto as forças não podem. Pelo que me dispus a declarar-me com Claridea e, por modificar a alteração que em seu casto pensamento poderia fazer o desengano de ũa cousa de que sua inocência estava tão apartada, escrevi um soneto, e deixei-o na caxa dos toucados, de modo que, quando ao outro dia quis toucar-se, deu com ele e, não sabendo o que era, porque eu disfarcei a letra bastantemente, o leu e dizia assi:

Amor, meu coração que em fogo ardendo
Tem, reprime de medo congelado,
Suspende-se a esperança no cuidado,
Na ocasião o desejo está tremendo.

Estou-me para ser visto escondendo
(Vivo em alheo corpo transformado);
283v E da fortuna cega condenado,
Na causa por quem vivo estou morrendo.

Em tanta confusão na luz serena
Desses divinos olhos me conheço,
Quando a vossas palavras ressuscito.

Já conhecer poderens minha pena,
Que amor (se à vista deles emudeço)
Nos meus o coração vos mostra escrito.

Muita alteração causou este soneto em Claridea, e mais o ver-me a mi tão demudado, que minha suspensão lhe oferecia um grão tropel de sospeitas. Mandou-me com muita instância lhe dissesse de quem era aquele papel, e para que efeito o pus entre os seus toucados, pois a outra pessoa não era possível.

— Senhora —lhe disse eu—, sabereis que um mancebo o escreveu a quem a natureza fez tão parecido comigo, que pelo que vos ouvi tive ânimo de vos dar estes sinais do pensamento por quem sei que vive desde que chegou a ver-vos; seu parecer, suas graças e entendimento são os que vedes em mi, porque em tudo nos fez o Céu semelhantes; de sua nobreza vos asseguro ser tão qualificada, que não há quem mais a tenha, além de outros respeitos que agora vos não declaro, pelos quais a ele só se deve
284 ser digno de merecer-vos. Ama-vos com o mesmo estremo com que de mi sois amada, mas também nos parecemos na ventura, e assi temo o successo de suas esperanças.

O sossego com que ela me escutava me ajudava a que fosse arrancando de minha confusão estas palavras e a prosseguir, dizendo:

— Se vós, minha senhora, não recebeis disso pena, eu o posso aqui trazer sem que outra pessoa o veja, à hora que vós quiserdes.

— Ouvindo-te estou, Leoniza —disse ela—, sofrendo pelo muito que te estimo teus embustes, que, a não serem de cousas impossíveis, entendera que por divertires o tormento em que vivo os intentavas, mas quando tais os considero, sabe que me entristece muito ver que também tu, com quem podera aliviar-me, me dás pena. Não vês que é contra toda razão persuadir-me eu aos impossíveis que me representas, e que quando o fizera, pelo crédito que dou a tuas cousas, despois conhecendo teu engano me agravara de ti com justa causa?

— Se vós me perdoarens com a facilidade com que vos eu mostrarei o que digo, já vos tirara de dúvidas.

— Certifico-te, Leoniza, que me tens tão confusa e tão segura no muito que me queres, que não sei responder-te; considera outra vez o que tratamos, e declara-te mais quando tivermos lugar, que minha senhora estará já no oratório esperando por mi para ouvir missa.

284v Com isto nos saímos para fora; e, depois de ouvir missa, a deixei com as mais, e, animado com a licença que me deu, meti-me em meu aposento, e de ũa roupa de setim branco, golpeada sobre amarelo, que Lisbea me mandou o dia de antes, fiz uns calções e roupeta, e como os cortei na tenda do amor, que, sendo cego, todas as dificuldades encaminha, e é raro inventor de traças, ficou o vestido mui bem feito. Tinha eu então mais lugar de estar com minha senhora, porque Hermódia, desfavorecida dela, não ousava entrar donde sós estávamos, e esta mágoa, augmentando a enveja que de mi tinha, a obrigava a que sempre nos estivesse espreitando, e succedeu (que sendo para meu dano não se podia escusar) que, por um resquício quasi indivisível que nas portas do aposento de Claridea se fazia, viu o secreto que amor apenas a nós próprios declarava. E foi que, tendo eu debaixo dos hábitos feminis vestido o que te disse que fizera, estando com Claridea, quando se levantava, com o aposento cerrado (sabe Deus com quanta fraqueza de ânimo, sendo o maior que nunca tive) lhe disse:

— Senhora, quereis ver o mancebo que vos disse tão parecido comigo?

— Ai Leoniza — disse ela, sorrindo com graça mais que humana —, ainda isto te lembra?

Eu repliquei:

— Vossas cousas dão vida a meu pensamento; elas são minha memória, que do mais nunca a tive.

285 — Aventuro tanto — tornou ela a dizer — no desengano desta quimera que tenho por zombaria, que te confesso que me tens desinquieta, que um coração sincero qualquer novidade o alvoroça; acaba já: tira-me do labirinto de tuas palavras, que me dás muita pena.

Eu, então, sem nada lhe responder, me apartei detrás do pavelhão da sua cama, e brevemente me despojei das alheas vestiduras, ficando com os calções e roupeta que te disse, que de-

baixo vesti para este efeito, com meias e sapatos brancos. E como este fosse o meu trage natural, ainda que nunca usado, sem dúvida que com ele fiquei mais para ser visto. Quando Claridea me viu, ficou tão espantada, e quasi fora de si e imóbil no lugar adonde estava, que mo deu para que, chegando a ela, lhe travasse de suas brancas mãos, beijando-lhas mil vezes, e posto de jeolhos lhe dissesse:

— Este, senhora, é o mancebo que vos retratava tão parecido a mi mesmo. Agora vos declaro que nunca fui Leoniza, mas que neste fingido nome disfarçava (pelo muito que vos quero) o de Lisandro, que é o próprio que tenho.

Não saberei declarar-te o espanto de Claridea, e a vergonha que de finos rubis esmaltou seu rosto. Retirou as mãos; apartou-se já quanto, e cubertos os olhos com as pestanas me disse algũas
285v palavras tão cheias de honestidade, e juntamente significativas do que me queria, que me obrigou a que lhe declarasse quem era, com a particularidade que me tens ouvido, porque o amor aborrece cautelas. Ficou ela de ouvir-me tão confusa e desmaiada, que me foi necessário (inda que cheio de temor) tornar-lhe a apretar as mãos, dizendo:

— A inocência com que entrei neste engano com que agora vos ofendo me disculpa, e vossa fermosura e excelentes virtudes acreditam o presente atrevimento; mas se esta verdade e a obrigação em que me estais pela honestidade com que sempre vos tratei, o saberdes quem sou, e verdes claramente que com particular providência me guardou o Céu como a verdadeiro successor de Diogénio, vosso e meu avô, cujos bens quer usurpar Aridante, e o amor verdadeiro com que de mi sois amada, não vos obrigam a amar-me, peço-vos, senhora minha, mo digais, que, contente de dar-vos gosto, me apartarei desta casa e da vida, que só em ver-vos consiste.

Claridea, movida das lágrimas com que estas palavras lhe dizia, me respondeu:

— Leoniza (que teres outro nome não é justo me passe por pensamento), por ora não te ausentes, com tanto que procedas com o recato que até aqui fizeste, e a resposta do que tenho ouvido reservo para despois de ver-me com Lisbea.

286 Tudo o que me tens ouvido viu Hermódia pela estreitíssima fenda que entre as portas se fazia, que é cousa mui difícil que encubra algum seus gostos e ventura aos olhos de quem o en-

veja. E inda que não ouviu tudo o que entre nós passou, bem conheceu que era homem, e que pelo amor que tinha a Claridea mudara o trage e o nome e o que menos soube da verdade lhe representou a sospeita e o ódio que me tinha, de maneira que teve por cousa mui certa que gozava de Claridea, e que esta era a causa de ser tão amado dela; e logo se determinou a dar parte de tudo a Aridante. Ela, em cujo ânimo casto não habitava repouso, sabendo que a Leoniza, a quem de si tanta parte havia dado, era Lisandro, saiu do aposento, veio adonde estavam as mais donas e donzelas. E despois deste poucos dias, Arimanta, levando consigo a Claridea, duas donas e a mi, foi visitar a Lisbea, e como ela temia o que de meu disfarce poderia resultar, não sossegando seu coração com escrúpulos e considerações, nacidos de sua virtude, deixando a Arimanta em ũa das grades ocupada na conversação de algũas freiras suas parentas, me mandou lhe falasse em outra que na mesma casa estava, o que visto por minha senhora, cubiçosa da ocasião que ali a trazia, foi comigo; e não esperando que algum tempo se perdesse, disse a Lisbea estas palavras:

286v — Não me dera lugar a que algũa palavra vos dissesse a confusão em que me acho, se vós própria não forens a causa dela. Leoniza, que por donzela de meu serviço me destes, me disse que era Lisandro, filho de Claridardo e Doristea, e me obrigou a que antes passarei pela morte que ser esposa de outro homem humano; sede servida resolverdes as dúvidas de meu fraco pensamento, declarando-me a verdade e o que devo fazer.

Lisbea lhe disse brevemente o que sabia de meu nacimento e amores de meus pais, certeficando-lhe que a mi se devia a successão de Diogénio, porque eles foram secretamente casados. E que ela tinha escrito a Claridardo o estado em que eu estava. E que ele lhe respondeu que o seguinte ano se havia de embarcar para este reino com licença del-Rei, para tratar da composição das desventuras passadas, e que então se daria remédio a estas cousas. E por acreditar o que dizia e satisfazer a atenta dama, lhe mostrou aquela carta. Disse-lhe mais que lhe parecia importante a sua honra e estado não ter outro marido senão a mi. Claridea respondeu que ela estava bem nas razões do que dizia, e, que quando não fosse minha esposa, seria sua companheira naquela santa casa. Muitas palavras pasaram entre nós, e as que
287 eu disse, saindo-me da alma donde Claridea estava, a certeficaram

da pureza com que a tratava, e as de Lisbea a persuadiram que ali sobre ũas horas que ela da manga tirou nos jurássemos por esposos, o que todos solenizámos com lágrimas e amorosos sentimentos, e Lisbea me disse:

— Lisandro, filho regalado e mimoso de meu cuidado, peço-vos considereis as adversidades e prodigiosos successos de que o amor desordenado há sido causa, de que eu agora não trato pela brevidade do tempo, e porque são eles tantos e tão ordinários, que não há a quem notórios não sejam. Mas só quero trazer-vos à memória os de vossos pais, e entendei que a perseverância de seus ilícitos amores, inda que fundados na honestidade de seus intentos, foi causa do miserável fim que tiveram, pelo que a ambos vos peço e amoesto, com o zelo devido às obrigações que vos tenho, que não ofendais a Deus no que Ele ordenou para o servirdes.

Despois deste felice dia, passei alguns tão breves como o são as alegrias humanas, gozando da amorosa conversação de minha senhora, enriquecido de tantos favores, que não sei como deles te mostre algũa parte, senão com pedir-te me imagines agora o mais mísero e triste dos nacidos. Mas, não saindo dos limites da honestidade, porque era tanta a de Claridea, e tão puro o meu amor, que tratei mais de seu bem que de meu gosto. Mas Her-
287v módia, que o contrário entendia de ver o muito tempo que encerrados estávamos, achando-o ũa vez acomodado ao que trazia no cuidado, disse a Aridante o que sabia, certeficando-lhe que gozava de Claridea, e que esta era a causa do desgosto que mostrava de poder casar com ele. Aridante, impaciente com o que Hermódia lhe dizia, fez notáveis estremos, como despois soube de minha esposa, ameaçando a Hermódia com a morte se não lhe mostrava o que dizia. Ela lhe assegurou fazê-lo brevemente, dizendo que viesse pela manhã quando Arimanta estava no oratório, porque então me encerrava no aposento de Claridea, entendendo todos que não me ocupava mais que em a vestir. Assi o fez ele, e, encaminhado da cruel donzela, me viu em trage de varão posto em jeolhos diante de minha esposa, penteando-lhe os cabelos, em cujo tesouro depositava a alma seus desejos, e se apacentava suspendida nas amorosas razões que ali passavam. Foi tal a impaciência do ofendido Aridante, que, ajuntando a suas forças o estremo de seu furor, deu com as portas em terra, e entrando com a espada arrancada me tirou ũa esto-

cada, de que eu me livrei dando um ligeiro salto, e vendo meu
288 perigo e o de Claridea, que desmaiada estava, tirei com suma presteza um dos paus do leito, e com ele rebati os golpes com que o colérico Aridante procurava minha morte; e buscando caminho de ofendê-lo, quis sua desgraça que lhe alcancei um tal golpe na cabeça, que mal ferido e privado dos sentidos caiu em terra. Hermódia, em quanto isto durou, enchendo a casa de gritos, trouxe todos os dela àquela parte, e como todos reconheciam a Aridante por senhor, os que tinham espadas com elas e os outros com o que primeiro se lhe oferecia me apertaram de modo que foi necessário com a espada de Aridante (que da mão, desacordado do golpe, lhe caiu) ofender alguns, de maneira que os outros me deram lugar a que me saísse do aposento, porque Claridea, em lágrimas desfeita, vendo vir sua mãe, me mandou me ausentasse, pois já me era impossível estar mais naquela casa. Assi o fiz, com tanta dor de ver as lágrimas de Claridea, e a mudança que o triste caso fizera na roxa cor de seu rosto, que não tornei em mi senão quando me achei junto com as paredes de um jardim que nas casas havia, despois de o ter rodeado. De ali reparei no estrondo que arrasá-las parecia, pelo que, saltando a parede, me saí ao campo, e entre olivais e vinhas escondido,
288v me estive todo o dia, chorando minha grande desventura. Mas, vindo a noite, secretária de cuidadosos e abrigo de perseguidos, tornei a entrar na cidade, e com o recato possível, estive em casa da ama que me deu leite, de modo que sem ser visto de pessoa algũa passei em ela alguns dias, nos quais Aridante foi são da ferida que lhe dei. E como ele vivia por estremo desgostoso pelo passado successo, e porque Claridea se tinha declarado com sua mãe, dizendo que antes passaria pela morte que casar-se com ele, e sobre tudo pela incerteza que se podia ter da honra de ũa tal donzela, que desprezando-o a ele se declarava em favor de outro homem tão desigual, que não era conhecido, havendo tido com ele tão larga e ocasionada companhia, e porque juntamente o amor com tantas dificuldades augmentava os desejos ao passo que abatia as esperanças, foi-se da cidade a ũa grande defesa de Arimanta, levando a ela e a Claridea, o que, sabido por mi, alegre da constância de minha esposa, e temeroso da importunação e rigor de Aridante, atribulado em meio destes dous estremos, cuberto de um rústico vestido, falei com Lisbea que, derramando muitas lágrimas, me animou, persuadindo-me me ausentasse té

a vinda de meu pai Claridardo, que seria aquele ano, porque Cla-
289 ridea a avisara que Aridante fazia infinitas diligências por saber de mi e prometia a seus criados e a outros homens grandes dádivas se me tirassem a vida. Eu, pelo consolar, lhe dei palavra de fazê-lo assim, e dando-me algum dinheiro, encaminhado só de meu desejo, cheguei aos confins da defesa de Aridante. E com ânimo oferecido a passar pela morte, ou de ver a Claridea, servi a um lavrador que nela apacentava seus gados, e guardando em companhia de outro um grande fato de cabras, andei alguns dias sem ter notícia de cousa que me alegrasse. Antes se dizia entre os pastores que Claridea estava encerrada em ũa torre que engrandece e faz mui conhecidas as casas de Arimanta; e que por ordem de Aridante não consentia que fosse vista de pessoa algũa. Isto me causou tanta tristeza, que só em lágrimas e sospiros me ocupava, declarando assi àqueles campos as penosas saudades a que minhas memórias me entregavam. Não tive mais notícia destas cousas, porque mui raramente vinham os da casa de Arimanta donde eu residia; e a causa era porque no meio da defesa entre ũa espessura de infructíferos carvalhos e espinhosos carapetos se fazia um rochedo de diversos penedos, em cujas concavidades tinha sua habitação ũa cobra de admirável grandeza,
289v a qual, saindo a cevar-se no manso gado, foi vista de alguns pastores, que referindo aos mais sua ferozidade, causou tanto espanto e temor aos moradores de aquele destrito, que não havia quem tivesse ânimo de se chegar àquela parte, o que, sabido de Aridante, a foi buscar acompanhado de muitos, mas, chegando a vê-la, ficaram tão temerosos, que ela teve lugar de se recolher entre o fragoso sítio de sua morada. E despois disto ficou tão acreditada a monstruosidade da serpente, que se afirmavam cousas impossíveis, e não havia quem dela se tivesse por seguro. Pelo que eu, que não possuía cousa de mi menos estimada que a vida, me determinei de a troco dela livrar aqueles campos da opressão que padeciam. E, consultando comigo o modo que para o fazer teria, busquei um pesado bastão de azambujeiro e no estremo mais grosso lhe fiz lançar ũa ponta de azerado ferro; e sem comunicar com algum de meus companheiros meu intento, ũa madrugada saí da minha cabana, e cheguei à referida maleza adonde a serpente habitava, a tempo que o sol coroava com os primeiros raios aquele sítio eminente. Estava ele (como já te disse) rodeado de intratável espessura, o que foi causa de que, procurando

achar algũa senda, por donde podesse descubrir aquelas concavidades, sem ser sentido do mônstruo, achei o caminho que ele
290 seguia tão desocupado e apto para se passar por ele, que, seguindo-o, cheguei ao centro de aquela penedia, e vi num piqueno prado, que as pedras desocuparam para que a terra se esmaltasse de flores diferentes, a celebrada cobra enroscada em si mesma, tão grossa e de desusada grandeza, que ocupava a maior parte dela. Eu fiquei admirado e juntamente temeroso, parecendo-me impossível prevalecer contra aquele animal que a natureza armou de tanta ferozidade. Com tudo, vendo que não fazia demonstração de me sentir, porque com a frialdade da manhã, que era em fim de Setembro, e com as primeiras luzes do desejado sol que já tocavam as pontas dos penedos de aquele seu aposento, estava tão pesada e adormecida, que não se alvorotou com minha vinda. E também me favoreceu o Céu, em que tinha os olhos para a parte contrária, de modo que, alentado o desejo que ali me trouxe, com a boa ocasião que o tempo me oferecia, encomendando-me a Deus, firmando os pés em terra, levantei com as mãos ambas o pesado bastão, e com o mor estremo de minhas forças lhe dei um mortal golpe, porque, estando a serpe enroscada, lhe maltratei o corpo em muitas partes, e antes que tivesse lugar de ofender-me lhe dei outra pancada tão venturosa, que nos mesmos lugares a afendi, augmentando seu dano e sua
290v braveza, que foi tão extraordinária, que cheio de temor quis apartar-me, mas ela me asiu com aquela parte do rabo que livre lhe ficara de meus golpes, com tão desusada força, que, ainda que não chegava a dar ũa só volta ao corpo, me privava do alento, e me tirara a vida se grande espaço durara. Os silvos que dava, abrindo a disforme boca e vibrando a língua inumeráveis vezes, era cousa que inda agora me causa admiração; pretendia levantar o maltratado corpo, mas não podia menear aquelas partes em que estava magoado; com tudo procurava (apretando-me com o rabo) chegar-me à colmilhuda boca, que para mi estendia quanto lhe dava lugar o golpe que tinha pouco abaixo da cabeça. Eu me afirmava com os pés, tirando forças e ânimo do horrendo perigo em que me achava, e assi, terçando o bastão, lho meti pela boca, que ela abriu com excesso, parecendo-lhe que a mi me metia nela, de sorte que sem resistência, antes favorecido de sua bruta braveza, lhe entrou o ferro até as agalhas, deixando-a ferida mortalmente. A serpe, desatinada com a mor-

tífera dor, apretou entre os dentes o bastão com tanta fúria, que
o desfez entre eles, ficando-lhe metido nas guelas o ferrado dele,
e a mi nas mãos o que restava, com o qual lhe dei muitos golpes
291 na cabeça, livre do estreito laço em que me tinha, porque a dor
da morte o desatou. E em quanto ela ofendia a terra e as vizi-
nhas pedras, dando teríbeis golpes com o rabo, e estando eu posto
sobre elas, levantei ũa de grande peso e deixei-lha cair sobre a
cabeça tão acertadamente que descubrindo os meolos acabou de
todo a vida. Dei muitas graças a Deus, que de tão grão perigo
me livrara. E, guiado do ruído que causava ũa pouca de água
que quebrando-se por entre aquelas pedras se convertia em pe-
daços de cristal, cheguei (cortando alguns ramos de matas infruc-
tíferas que o caminho ocupavam) adonde a água se despenhava,
caindo em um piqueno centro, adonde repousando penetrava
aquela maleza, té chegar ao campo descuberto. Ali sentado lavei
as mãos e o rosto, respirando do perigoso trance em que me vira.
Estando assi, vi em ũa parte desocupada das penhas ũa escura
cova e, parecendo-me seria morada da morta serpe, levantei-me
por vê-la, e entrando alguns passos, vi que não excedendo a al-
tura de um homem parecia ser caminho fabricado para algum
efeito de importância. Aqui me veio à memória o que muitas ve-
zes ouvi aos moradores de aqueles campos, que diziam que a co-
bra era encantada e guarda de um precioso tesouro que ali es-
tava, e outras cousas semelhantes, dignas de riso, e só de
291v entendimentos limitados; mas eu em cuja idade e ousadia se
aloxava a curiosidade de saber secretos, vendo que já tinha aca-
bado o que podera temer-se, me dispus a entrar pela cova com
sossegado coração, porque te certefico que ele me revelou o que
despois vi com os olhos, mas, antes que o fizesse, descansei um
grande espaço e comi do que trazia no surrão; e sendo passada
a maior parte do dia, encomendando-me a Deus, fazendo o si-
nal da cruz, entrei pela cova, e, sem achar cousa que me impe-
disse o caminho (inda que a escuridade me obrigava a caminhar
com demasiado vagar), cheguei ao fim dela, tocando com o bas-
tão que diante levava em ũa forte parede; e andando ao longo
dela tentando o que seria, dei com as mãos em ũa escada.
E animando-me sobrenaturalmente o desejo que tinha de chegar
ao fim de aquela impresa, subi por ela mais de sessenta degraus,
mas a escuridade do lugar caliginoso e a apertura dele (que o
era tanto que com ũa mesma mão tocava as duas paredes a que

os degraus estreitos se arrimavam) me afligia de modo que te confesso, amigo pastor, me faltava o alento. Assi estive sentado ũa hora larga, e, palpando muitas vezes aquelas paredes, conheci que em ũa delas estava ũa porta de ferro, mas com tanto estremo apretada, que por mais que algũas vezes usei de minhas forças
292 não pude causar-lhe algum movimento. E estando para tornar-me desesperado e mui triste, vi ũa luz por um estreito resquício desta porta, mas não pude divisar mais outra cousa. Alentou isto de novo meu desejo; tirei o cutelo da cinta, e metendo a ponta fiz força para cima, e como este era um encaxo movediço, que devia ser feito para dar algum ar àquelas escuridades, foi subindo de modo que deixou descuberto um espaço quadrado de duas mãos de largura; então, levando os olhos por donde os encaminhava a luz que dentro estava, vi minha senhora Claridea sentada em ũa cadeira com o braço arrimado em um bufete, e sobre a nevada mão reclinado o seu angélico rosto. Estava no mesmo bufete um castiçal de prata com ũa branca bugia a cuja luz saíam tantas de aquela fermosura, que o mais subtil pensamento ficava muito atrás de sentir o que a vista alcançava. Nem eu jamais de algũa glória da vida me lembrara, se no penoso lugar que te hei contado possuira aquela da vista de minha esposa. Passado algum tempo que não sei determinar (porque todo o que ali gastei me pareceu um instante), chegou Hermódia com ũa harpa nas mãos, e dando-a a Claridea, lhe disse:

— Minha senhora, diverti um pouco as mágoas que a memó-
292v ria representa, que os contrastes da fortuna são vencidos da constância do ânimo que sabe conhecê-los; cantai agora um pouco; aliviai vossos males, que é mui certa a esperança na fé com que padeceis, e no sujeito que amais.

— Ai, Hermódia —lhe disse Claridea—, tão convertida estou nas mágoas de meu cuidado, que não há esperança nem desejo de bem que me entretenha; o gosto de padecer por Lisandro me dá vida; porque é sua, a estimo, se bem consiste nela meu tormento. E, tocando a harpa com a perfeição de todas suas cousas, após um sospiro soltou a voz, dizendo desta sorte:

Todas as vezes que canto
Por aliviar minha pena,
Sigue o pensamento a voz
Té chegar à causa dela.

Ali entre mil alegrias
Que a memória representa,
Tão triste me considero
Que me converto em tristeza.

Ser alívio de um mal grande
Qualquer gosto ninguém crea
Que augmenta ao contrário as forças
Ũa débil resistência.

293 Rouba tempo ao mesmo tempo
A música, o ânimo alegra,
E é tão querida do amor
Que amando o mais rudo adestra.

Temos de seu doce efeito
Prodigiosas experiências
Nas aves de que é seguida,
Nos animais que deleita.

Eu só me aflijo cantando,
E todo o bem me atormenta,
Que perder vida e memória
São os remédios de ausência.

Tem por mor mal o da morte
Nossa frágil natureza,
Mas maior mal há na vida,
Se há memórias e sofrê-la.

Aqui só nesta prisão,
E em meu cuidado mais presa,
Estou tão longe de mi,
Que nada sei de mi mesma.

Lágrimas me têm consigo
Quando o sospirar me leva;
De quem fui tenho saudade,
E de ser quem sou me pesa.

293v Viver co a dor que padeço
Deve ser virtude alhea,
Inda que dão desventuras
Forças a nossa fraqueza.

Mas quem desespera ausente
Do bem que amando deseja
Já não tem dor que sentir,
E embalde outra morte espera.

Acompanhava Claridea a suavidade de sua voz com tantas lágrimas e sospiros, que em qualquer livre coração causara muita tristeza; mas o que eu então senti foi de maneira que só a quem me vira o coração em parte se declarara. Deu a harpa a Hermódia, e tirando ũas contas do pescoço com elas em as mãos se pôs a passear, chegando à vezes tão perto do lugar donde eu estava, que, sem receio de ser de outrem ouvido, lhe disse:

— Senhora Claridea, ouvi agora as tristes queixas de quem teve ventura de ouvir as de vosso doce canto.

Não disse mais porque ela mui sobressaltada se apartou, chamando Hermódia, a qual também, não livre de temor, se chegou a ela. Eu, vendo que Claridea se confiava dela e lhe dizia que ouvira falar, e não sabia o que era, confiado que sós estavam, levantei mais a voz e disse:

294 — Hermódia, dizei a minha senhora que conheça a Lisandro, se não quer que quem viveu ausente, entre mil impossíveis do cuidado gozando agora de vê-la, morra a mãos de seu descuido. Dizei-lhe que sou Lisandro e que o amor que lhe tenho me traz em suas asas passeando sobre as dificuldades da ventura.

Conheceu Claridea minha voz e, assi animada, chegou, pegada de Hermódia, adonde estava. Eu lhe tornei a dizer:

— Senhora, não duvideis, que não há cousa na vida, fora de perdê-la, que aparte a Lisandro de vos ver e procurar servir-vos.

Ela me disse:

— Sem falta, essa é a voz de meu esposo, mas se o perdi quando com tanta paz gozava de sua vista, como crerei que o vejo quando dele me aparta o mor rigor de quem me tem sujeita, e que as pedras e a terra, abrindo-se, e apartadas ofereceram caminho que o desejo e o pensamento não sabem empreender nem penetrar?

— Senhora, nenhũa cousa carece de remédio, e a maior desventura o tem à vezes quando não se lhe procura. O ânimo constante e generoso é dom sobrenatural e a jóia mais preciosa que o coração humano aloxar pode; e assi quem próvido e animoso espera alcança quasi sempre o que procura.

— Senhor, já vos conheço —me respondeu— e não me culpeis por duvidar que há tanto bem para olhos tão feitos a chorar vossas saudades.

Então a deixou Hermódia e veio com a vela, a cuja luz me
294v viram e conheceram. Contei-lhe o modo de minha vinda, que tiveram por milagroso, e quando disse o que passei com a cobra esteve Claridea desmaiada; e, chorando muitas lágrimas, me encheu delas ũa mão que entre as suas tinha. Considera, pastor, o que ali se diria, e o que sentiríamos, tendo cada um presente quem tanto amava, em tal tempo e por meio tão fora de imaginar-se! Toda a noite passámos sem dormir, e pareceu-nos mais breve que se dormidos passara; e assi passou a maior parte do dia, donde soube o que já me ouviste de Hermódia, quando, envejosa do amor que Claridea me tinha, tendo-me por donzela, nos espreitou e descubriu o secreto de nossos amores a Aridante. E que despois encerrando-a naquela torre com Hermódia, em quem pelo passado tinha muita confiança, lastimada das contínuas lágrimas da perseguida senhora, sabendo que eu era, converteu o ódio que me tinha em verdadeiro amor e desejo de nosso descanso; de maneira que não tinha Claridea outro bem senão as amorosas palavras com que Hermódia a consolava. Também soube que o piqueno postigo por donde nos falávamos era de ũa porta de ferro, que com forte fechadura se cerrava. E roguei a Claridea que imprimisse em ũa pouca de cera a distância e in-
295 venção do lugar por donde se abria, para por aquele sinal mandar fazer ũa chave com que abríssemos a porta e frustássemos a má tenção de Aridante e a rigurosa teima de Amaranta. E porque aquela estreiteza era insofrível, Claridea me mandou que me partisse e, dando-me a cera, me rogou que mui breve tornasse; prometi-lho assi e despedi-me dela e de Hermódia com muito contentamento pela presteza de nos tornarmos a ver com mais comodidade, levando ũa vela acesa. E com ela desci as escadas facilmente, e vi no fim delas ũa fermosa casa, que era o centro da torre em que minha senhora estava presa. Entrei na cova pela qual caminhei, té sair ao lugar que já te referi adonde a serpente morta estava, e porque era inescusável que muitos a vissem, ficando notório aquele sítio de todos tão temido, procurei esconder a entrada da cova, deitando sobre ela e sobre alguns árvores que de fora estavam muita parte das silvas que sobre as vizinhas pedras se enlaçavam. Deixo de te dizer por extenso as alegrias

que os lavradores fizeram pela morte da serpe, e com quantos louvores celebraram minhas forças e ousadia, trazendo-a à aldea, donde, tirando-lhe a pele, a encheram de palha, e a puseram por memória no mais público lugar.

Eram já passadas as duas partes da noite, pelo que Lisan-
295v dro, mais por usar de cortesia com Marfido que por escusar-se do trabalho, lhe disse que repousasse o que ficava da noite, que tempo haveria largo de lhe contar o que ficava da história de suas desventuras, porque eram tais que o haviam mister para explicar-se. Marfido, que suspendido estava em seus successos, e não menos satisfeito da doce história que deles fabricara, lhe disse que em tudo desejava servi-lo. E assi, recostados no áspero leito do desesperado Lisandro, passaram té ser de dia. E o pastor, considerando que aquela estância carecia totalmente do necessário para conservar a vida, lhe pediu licença, com muita cortesia, para lho ir a buscar, o que ele consentiu, vendo o amor e vontade do pastor. Saíram juntos da gruta adonde, despedidos, Marfido tomou o caminho de suas cabanas; e pondo os olhos naqueles campos donde passado haviam cousas tão dignas de viverem n'alma, de lágrimas o rosto lhe cubriram, e transportado na mágoa deste cuidado a mor parte do dia, tendo o gosto perdido, o andou naquela parte onde nacera. Então, despertando ao estrondo dos sospiros, que o coração para cobrar espíritos despedia, se achou junto da fresca Fonte dos Infelices Amantes, donde Gelinda o achou dormindo, como fica contado
296 no primeiro libro. Ali se renovaram seus cuidados, e a memória do passado tornava a diverti-lo, quando um grande ruído o fez parar. E logo disposto a qualquer perigo, foi andando para a fonte e viu um porco montês feroz e corpulento que, cortando com os agudos colmilhos as floridas estebas e piornos, mostrava até com eles a braveza, o qual vendo ao pastor se arremessou a ele. Marfido, com o temor da morte, aprendendo destreza e ousadia, levantou um pesado bastão e, apartando-se a um lado, pôde livrar-se do fero encontro, e deixando cair o bastão tão venturosamente lhe acertou na cabeça que lha fez pôr em terra atordoado, e dando-lhe outros golpes o acabou de estirar. Então, levando do cutelo que na cinta trazia, lhe apartou dos ombros a colmilhuda cabeça, ficando (já livre do perigo) alegre do successo. E despois de o estar olhando, admirado de sua ferozidade, se foi à fonte, lugar para ele de cousas peregrinas. Mas não se eleva

tanto o rústico que cavando descubriu algum tesouro, que com sua ordinária miséria lhe parece impossível o que vê, como o pastor Marfido vendo na linfa da fonte a fermosa Gelinda retratada. Olhou se se escondia entre as árvores que a cercavam, mas vendo que era engano, enganado de todo, começou a adorar a imagem bela. E vendo que algũa vez se movia, e com piedoso (porém magoado gesto) estava olhando, começou a chorar, e a despedir sospiros que a memória d'alma lhe arrancava, e despois
296v disto disse:

— É sonho o que vejo ou por ventura meu choro junto na parte de seu curso causa produziu esta fonte donde o cuidado, Gelinda ingrata, teu retrato forma? Ou é que o amor que conhece o rigor com que me tratas, já que não posso ver-te, por cumprir o édito que tão injustamente me poseste, quis que sobrenaturalmente aqui te achasse, porque sem te ofender, de tuas sem-razões ouças queixar-me? Por quê, querida fera, de tua doce vista me apartaste, se era impossível não ter alma nela? Que erro podia cometer-se contra tua fermosura que merecesse o castigo de tua condição? Ela só te ofendeu, que castigar sem culpa ofende a lei natural. Mas —ai!— deste erro teu, desta ingratidão tua, eu tive a pena que já não tem remédio nem o espero. Criei-me desde meu nacimento o amor, criando que te tenho n'alma, que, sendo imortal, pode fazê-lo igual a essa beleza, e como o tal estremo não chegasse a ventura, no instante de perdê-la me ficou em seu lugar o mal que tenho, que acabará com a vida, como succede a mal de bem tão grande. Ó inumana divina, ó fera mais que humana, que, para não morrer, vives em mi, e para me matar de ti me privas. Responde-me, cruel; abrande essa água aquesse peito duro, que pois assiste nela há-de ser fria; inflame-o a que derramo, que, saindo do meu, é vivo fogo.

297 Aqui chegava o triste pastor com suas queixas, quando Gelinda, que, com o temor do porco a que Marfido deu morte, se subiu no ulmeiro que dava sombra àquele sítio, obrigada das lembranças (que em suas mágoas o pastor expunha) começou a verter por seus olhos tantas lágrimas, que descendo por entre as densas folhas caíram na água da fonte, e com tal movimento alterando-se o líquido repouso, as ondas procedendo ũas trás outras, escureceu-se o cristalino velo, e não se viu a imagem de Gelinda, de que o pastor, não menos lastimado que impaciente, querendo queixar-se ao Céu da privação de aquela inútil glória,

levantando os olhos, viu a pastora Gelinda sentada entre os ramos, que tendo nele os seus triste chorava. Aqui a alegria e o temor suspenderam Marfido de maneira que por mui largo espaço nem para se mover tivera forças, se não vira que Gelinda da árvore se descia, e porque já no tronco não tendo donde os pés firmasse, pendendo-lhe das mãos o lindo corpo, duvidando do salto se detinha, pondo ele em alguns a ligeireza, chegou (oh caso raro, ventura de infelices, que quando há-de ser mágoa se oferece!) e tomando-a entre os braços, na terra mais ditosa a largou deles. Quando estes dous amantes no fim de ausência em
297v que tantas mudanças succederam, tão impensadamente se viram em tal lugar, por largo espaço de si mesmos não apartaram os olhos, porque as almas neles se falavam. Mas como aquela vista a memória de agravos renovasse, trazendo juntamente a mágoa deles, algum tanto Gelinda se apartou. Mas a afeição que em sujeito tão nobre é de mais dura pôde obrigá-la a que com mostras dela lhe dissesse:

— Folgo, Marfido, de ver-te nesta terra, que desde a hora que de teu bom emprego soube o desejei, porque com o novo pensamento era tão certo que te visse alegre.

— Se de minha alegria —respondeu o pastor— que pôs o amor nessa vista, sem me avisar da causa por não te convencer com a disculpa me apartaste, como dizes quiseste ver-me alegre? Ah, ingrata, como é certo que só porque te veja sem a esperança devida a meu amor, folgas de ver-me! Desterraste-me conjurada com minha desventura; apartei-me de ti; levei comigo a memória do passado, a dor de ũa mudança sem ter causa, e este mísero corpo, de quem deixando alma donde a tens, se hei-de disculpar erros, assás piqueno era o cometido, se o castigo se podera acabar durando a vida. Ai pastora Gelinda, quem nunca possuíra a glória de ser teu, porque sendo tão alta, no instante de perdê-la todas as mais da vida me dão pena! Goza, gentil pastora, essa beleza; satisfação seja de teu pensamento, que pois aquele que
298 como espelho claro a retratava outra pode formar, é cousa justa que se veja na dor de haver-te errado.

Com tanto sentimento Marfido nestas queixas procedia, que não pôde Gelinda reter as lágrimas, que a lástima de ouvi-lo do coração aos olhos lhe trazia. E porque a dor com palavras não mostrasse mais do amor que sua gravidade oculto teve, do que os olhos descubriram, chorando agora, e outro tempo alegres,

se apartou do pastor, dando um sentido sospiro, deixando-o em tal estado, que até que já quasi da vista se perdia, não achou menos alma que consigo lhe levava. Então a foi seguindo pouco e pouco, como que consentia que com sua presença se ofendesse. Seus roucos sospiros, chegando a ela, poderam lastimada i-la detendo, e por responder de algum modo a tantas queixas, e mostrar que as sentia, foi cantando estas endechas:

Amante em presença,
Ausente querido,
Firme nas mudanças,
Para falso amigo.

Fácil impossível,
De amor peregrino,
Inútil achado,
Na sazão perdido.

Que vens lamentando
Meus passos seguindo,
298v Ausente me erraste,
Chora só contigo.

Ao mal que fizeste,
Sem ser induzido,
As próprias disculpas
Servem de castigo.

Que se amor disseres
Triunfa do alvedrio,
Em tal inconstância
Ficas convencido.

Se ele te obrigava,
Já tu foste digno
Que te amasse tanto
Que agora to digo.

Esse obedecer-me
(De teu mal princípio)
Mais foi que lei minha
Força do destino.

Se de mi te ausento
Pelo que imagino,
Nisto que é não ver-te
De mi só me privo.

Pelo fim das cousas
Se vem ao princípio;
299 Sentir que te amassem
De amar-te era indício.

Se não disculpar-te
Foi guardar meu edito;
Que intentas agora,
Tendo reincidido?

De amor não cuidou
Meu primor altivo,
Chegando-me a tê-lo
O houvesse fingido.

Mas no desengano
Grão dita consigo,
Que antes de cair
É útil o aviso.

Para mais não amar
Que te amei colijo,
Em bora vá erro
Que tal bem me há sido.

Todos meus secretos
No último publico,
Que inda que não morro
Para ti não vivo.

Goza teu cuidado,
Amado enemigo,
299v Que porque foi meu,
Que o gozes estimo.

Não passes avante,
Torna a teu caminho;
Seguir o que perdes
Será desvario.

Com os últimos versos chegou Gelinda àquele tezo alegre que o Tera e casarias de seu irmão Lusindo descubria, e ali, voltando para o pastor, levando-lhe alma nos olhos, donde também o levava, o foi descendo vagarosamente. Marfido, chegando àquele lugar, vendo seu pátrio rio, e os ditosos sítios em que seu fado lhe estava recitando a dor e mágoa e vendo se apartava aquela pastora que só para perdê-la pôde amar, à qual em outro tempo ao som de seu rabel mil louvores cantou a ela devidos, formando de sospiros ũa voz espantosa afugentou as aves. E com as amargosas de seus olhos augmentando do rio as doces águas, fugindo foram, donde piedosas antes se detinham, em quanto ele estes versos pronunciava:

300 Que chorosa harmonia,
Que concepto tão triste
Em ramos, água e vento agora assiste?
Que importuna porfia
De vozes e sospiros Eco envia?
E em tudo o que verdeja
Porque tão triste cor amor deseja?

Que lastimado canto,
E que lágrimas eram
As que em perlas o prado converteram?
Por quem de negro manto
Se veste o Céu, durando o sol em tanto?
É essa fermosura
Triste qual maltratada rosa pura.

Vás-te, Ninfa divina,
Não por te dar tormento
O aceso fogo de meu pensamento,
Que és fonte cristalina
Em pedra, em monte neve, no ar pruina,
Mais que Dafne ligeira
Que esta voz não te alcança derradeira.

De mi esquiva te apartas
Porque esse belo ausente
Não verá cousa o sol que me contente;
300v Só de meu dano tratas,
Na triste vida com viver me matas,
Que ante tua luz a pena
Foge qual sombra da do sol serena.

Nunca assi tão fermoso
Se viu monte esmaltado
Em lago cristalino e sossegado,
Nem puro e gracioso
Mostrou cândida fonte o centro ervoso,
Como em teus olhos via
(Vendo-me) amor, beleza e cortesia.

Quasi do Polo estrela,
Foste a minha esperança,
Entre temores faro e segurança;
Se faltando-me aquela
Nos olhos e nesta alma luz mais bela
Te ofendi, à paga venho
Alma chorando cego que não tenho.

Deixei toda a lembrança
De mi próprio contigo
(Por quem só grato pude ser comigo);
Já não pode esperança
Formar em cousa humana outra bonança,
E já chorando espero
301 Que iguale a pena ao bem que considero.

Verá-se o fogo ardente
Primeiro em neve fria,
No reino escuro a luz do claro dia,
Que se veja contente
Quem sendo amado pode ter-se ausente,
Porque cousa tão rara
Em mi, só a si mesma se compara.

Tinha-se escondido o claro sol debaixo do horizonte, e de vários arrebóis coroado aparecia o vespertino crepúsculo, a clara estrela de Vénus (crónica aparecendo) com puras luzes dilatava o dia, e a contraposta noite saindo de sua gruta começava a mostrar-se aos fundos vales, quando o pastor Marfido, vendo que Gelinda de todo se apartava, converteu em sospiros a voz, cujo acento lastimoso, a ela chegando, lhe fez virar o rosto àquela parte; mas de

todo escondida deixou o seu pastor em noite escura. Aqui também suspenda seu rústico acento a frauta minha, té que com novo alento prossiga seus successos, dando fim aos de Lisandro e Claridea.

LAUS DEO

# ÍNDICE GERAL

I. NOTA PRELIMINAR ..... 9
II. INTRODUÇÃO ..... 13

1. Nota Biobibliográfica ..... 15
2. Do Título ..... 24
3. O Cenário ..... 30
4. Ficção e Realidade ..... 36
5. *Os Nomes das Personagens* ..... 41
6. O Narrador ..... 46
7. Natureza das Personagens ..... 51
8. A Mulher ..... 54
9. Debates Filosóficos, Éticos e Ascéticos ..... 62
10. Justiça Poética ..... 70
11. Prosa e Poesia ..... 77

A — *Prosa e Poesia* ..... 77
B — *Poesias Dispostas pela Ordem em que Aparecem na Novela* 81
C — *Classificação dos Poemas* ..... 85
D — *Esquemas Métricos dos Sonetos, Canções Petrarquistas, Odes e Liras* ..... 87
E — *A Poesia e a Música* ..... 90

*APÊNDICE*

F — *Primeiros Versos Dispostos por Ordem Alfabética* ..... 97

12. Nomes das Personagens de *A Paciência Constante*, Apresentados por Ordem Alfabética ..... 101
13. Da Ortografia ..... 103

A — *Da Ortografia da Segunda Edição* ..... 103
B — *O Problema das Variantes* ..... 105
C — *O Problema das Letras Maiúsculas* ..... 105

*A PACIÊNCIA CONSTANTE* ..... 107

A DOM LOPO DE AZEVEDO ..... 117
AO LECTOR ..... 119
LIBRO PRIMEIRO ..... 121
LIBRO SEGUNDO ..... 175
LIBRO TERCEIRO ..... 235
LIBRO QUARTO ..... 281
LIBRO QUINTO ..... 347

Esta edição de
*A Paciência Constante,*
foi composta e impressa
para Imprensa Nacional-Casa da Moeda
nas suas Oficinas Gráficas, em Lisboa
com uma tiragem de oitocentos exemplares.
Capa de Armando Alves.
Acabou de imprimir-se
em Maio de mil novecentos e noventa e quatro.

ED. 25 200 742
CÓD. 205 129 000
*ISBN-972-27-0562-8*
DEP. LEGAL N.º 75 044/94

UNIVERSIDADE DA CORUÑA
Servicio de Bibliotecas
1700394037
1002051290002